

Crônicas de

Atlântida

o tabuleiro dos deuses



Antonio Luiz M. C. Costa





Crônicas de Atlântida

O tabuleiro dos deuses

Antonio Luiz M. C. Costa

1ª edição

Editora Draeo

São Paulo
2012

Antonio Luiz M. C. Costa

sempre gostou de literatura em geral e de fantasia e ficção científica em especial, mas formou-se em engenharia de produção e filosofia, fez pós-graduação em economia e trabalhou como analista de investimentos e assessor econômico-financeiro antes de reencontrar sua vocação na escrita, no jornalismo e na ficção. Hoje escreve sobre a realidade na revista *CartaCapital* e sobre a imaginação em outras partes, publicou a primeira antologia *Eclipse ao pôr do sol e outros contos fantásticos* (2010), além de colaborar com os meios a seu alcance para o desenvolvimento da ficção especulativa no Brasil.

Conheça mais sobre o mundo de Kishar em www.cronicasdeatlantida.com/enciclopedia

© 2012 by Antonio Luiz M. C. da Costa

Publisher: Erick Santos Cardoso

Revisão: Mayara S. Francisco

Ilustração de capa: Ericksama

Todos os direitos reservados à Editora Draco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ana Lúcia Merege 4667/CRB7

C 837

ePUB/3154 kb

Costa, Antonio Luiz M. C. da

Crônicas da Atlântida : o tabuleiro dos deuses / Antonio Luiz M. C. – São Paulo : Draco, 2011.

ISBN 978-85-62942-29-7

1. Ficção brasileira I. Título.

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

1ª edição, 2012

Editora Draco

R. José Cerqueira Bastos, 298

Jd. Esther Yolanda – São Paulo – SP

CEP 05373-090

editoradraco@gmail.com

www.editoradraco.com

www.facebook.com/editoradraco

twitter: @editoradraco

Índice

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Índice](#)

[Agradecimentos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafes](#)

[Mapa](#)

[Capítulo 1 – Um dia de trabalho duro](#)

[Capítulo 2 – A Taverna das Enguias](#)

[Capítulo 3 – Um amigo decide partir](#)

[Capítulo 4 – Os conselhos de Kopinani](#)

[Capítulo 5 – A artista do prazer](#)

[Capítulo 6– A lei do sangue](#)

[Capítulo 7– As espadas do tio Moam](#)

[Capítulo 8 – O sonho de oricalco](#)

[Capítulo 9 – O pomo de ouro](#)

[Capítulo 10 – Jogo de encaixe](#)

[Capítulo 11 – O bibliotecário de Rasab](#)

[Capítulo 12 – Roubados!](#)

[Capítulo 13 – Justiça à maneira senzar](#)

[Capítulo 14 – Um sonho](#)

[Capítulo 15 – O veredicto](#)

[Capítulo 16 – A irmã dos escravos](#)

[Capítulo 17 – Versões da história](#)

[Capítulo 18 – O valor das aparências](#)

[Capítulo 19 – Chantagem!](#)

[Capítulo 20 – A capital do Império](#)

[Capítulo 21 – O mercado de escravos](#)

[Capítulo 22 – O Instituto Imperial](#)

[Capítulo 23 – As espadas de oricalco](#)

[Capítulo 24 – Os deuses de Atlântis](#)

[Capítulo 25 – Na Cidade Proibida](#)

[Capítulo 26 – Uma entrevista](#)

[Capítulo 27 – Como criar laços](#)

[Capítulo 28 – A barda de rosto de pérola](#)

[Capítulo 29 – A casa mugal](#)
[Capítulo 30 – Outros laços](#)
[Capítulo 31 – A estudante gulosa](#)
[Capítulo 32 – No limbo](#)
[Capítulo 33 – As penas brancas](#)
[Capítulo 34 – Perdidas no Tártaro](#)
[Capítulo 35 – O segredo de Awesa](#)
[Capítulo 36 – Uma infância difícil](#)
[Capítulo 37 – Uma proposta irrecusável](#)
[Capítulo 38 – A gratidão de Tjurmyen](#)
[Capítulo 39 – As sereias](#)
[Capítulo 40 – Portas fechadas, portas abertas](#)
[Capítulo 41 – Uma nova paixão](#)
[Capítulo 42 – O escolhido, ou a escolhida?](#)
[Capítulo 43 – A barda na pele de Sistu](#)
[Capítulo 44 – Triângulo escaleno](#)
[Capítulo 45 – Jogos divinos](#)
[Capítulo 46 – Um contratempo](#)
[Capítulo 47 – As sombras do Hades](#)
[Capítulo 48 – O duelo](#)
[Capítulo 49 – O atentado](#)
[Capítulo 50 – Um segredo de família](#)
[Capítulo 51 – Oferenda a Chiuknawat](#)
[Capítulo 52 – Predadores](#)
[Capítulo 53 – As inseparáveis](#)
[Capítulo 54 – Uma ajuda inesperada](#)
[Capítulo 55 – A Guilda dos Faroleiros](#)
[Capítulo 56 – Golpe de Estado](#)
[Capítulo 57 – O Sol da Meia-Noite](#)
[Capítulo 58 – Confronto com Pasguá](#)
[Capítulo 59 – Batismo de fogo](#)
[Capítulo 60 – Algo de novo no front](#)
[Capítulo 61 – Uma nova aliada](#)
[Capítulo 62 – O desertor](#)
[Capítulo 63 – Terror no Bairro da Sarna](#)
[Capítulo 64 – A queda da fortaleza](#)
[Capítulo 65 – O atentado](#)
[Capítulo 66 – O tabuleiro dos deuses](#)
[Capítulo 67 – A noite do jaguar](#)

[Capítulo 68 – A rebelião dos cadetes](#)

[Capítulo 69 – Missão de reconhecimento](#)

[Capítulo 70 – O Sol sombrio](#)

[Capítulo 71 – Infiltrados](#)

[Capítulo 72 – O homem-draco](#)

[Capítulo 73 – Uma batalha no ar](#)

[Capítulo 74 – Receita para um vira-peles](#)

[Capítulo 75 – Um pontapé no tabuleiro](#)

[Capítulo 76 – O sacrifício](#)

[Capítulo 77 – Um novo poder se levanta](#)

[Capítulo 78 – A vocação de Artás](#)

[Capítulo 79 – A nova era](#)

[Capítulo 80 – Epílogo](#)

Agradecimentos, em especial

a todos os colegas escritores que leram os esboços, incentivaram o autor, ajudaram-no a corrigir seus erros e sugeriram maneiras de melhorar a narrativa e o enredo, fazendo desta obra um exemplo de trabalho solidário e coletivo. Pela ordem aproximada de leitura:

Roberto Causo
Gérson Lódi-Ribeiro
Madza Ednir Nogueira
Ana Cristina Rodrigues
Adriana Rodrigues
Marcelo Rodrigo
Eric Novello
Lucas Rocha
Diogo de Souza
Daniel Folador
Octavio Aragão
Cristina Lasaitis
Rafael Monteiro
Raimunda Isabel Teixeira

para Berenice

A objeção, o desvio, a desconfiança alegre, a vontade de trocar são sinais de saúde: tudo o que é absoluto pertence à patologia.

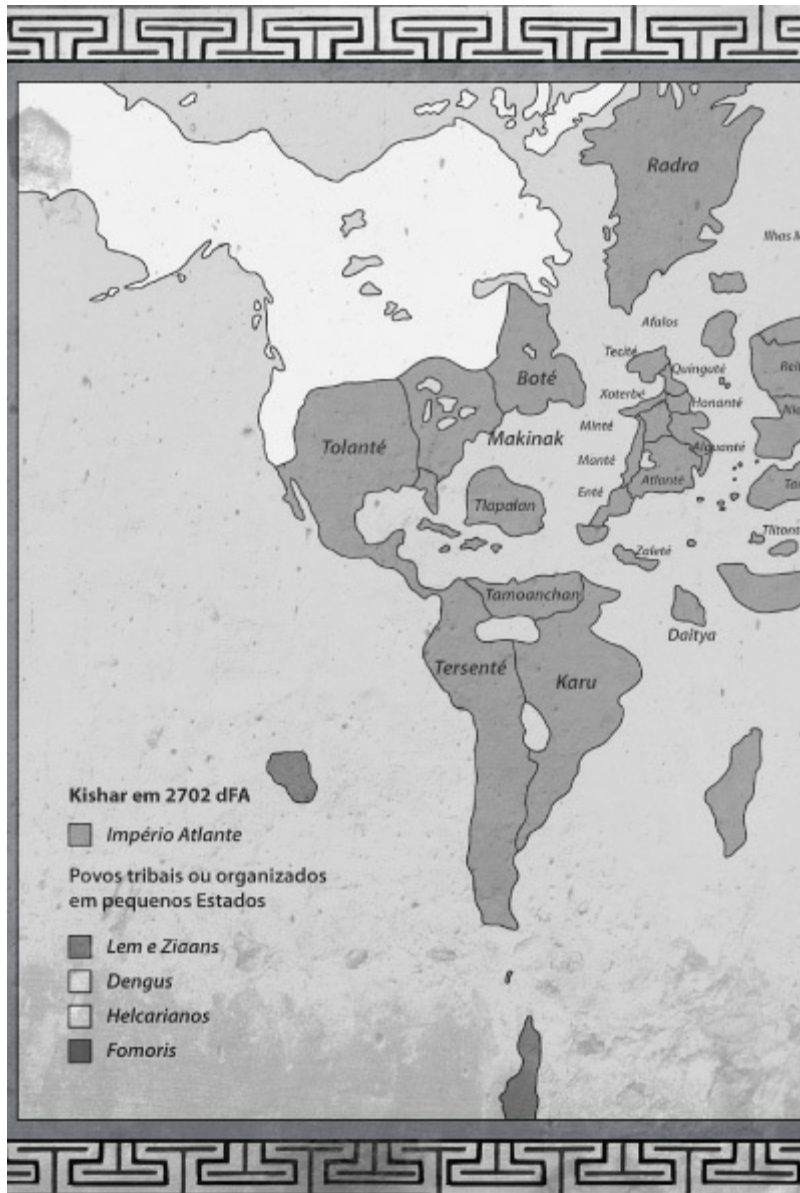
Friedrich Nietzsche

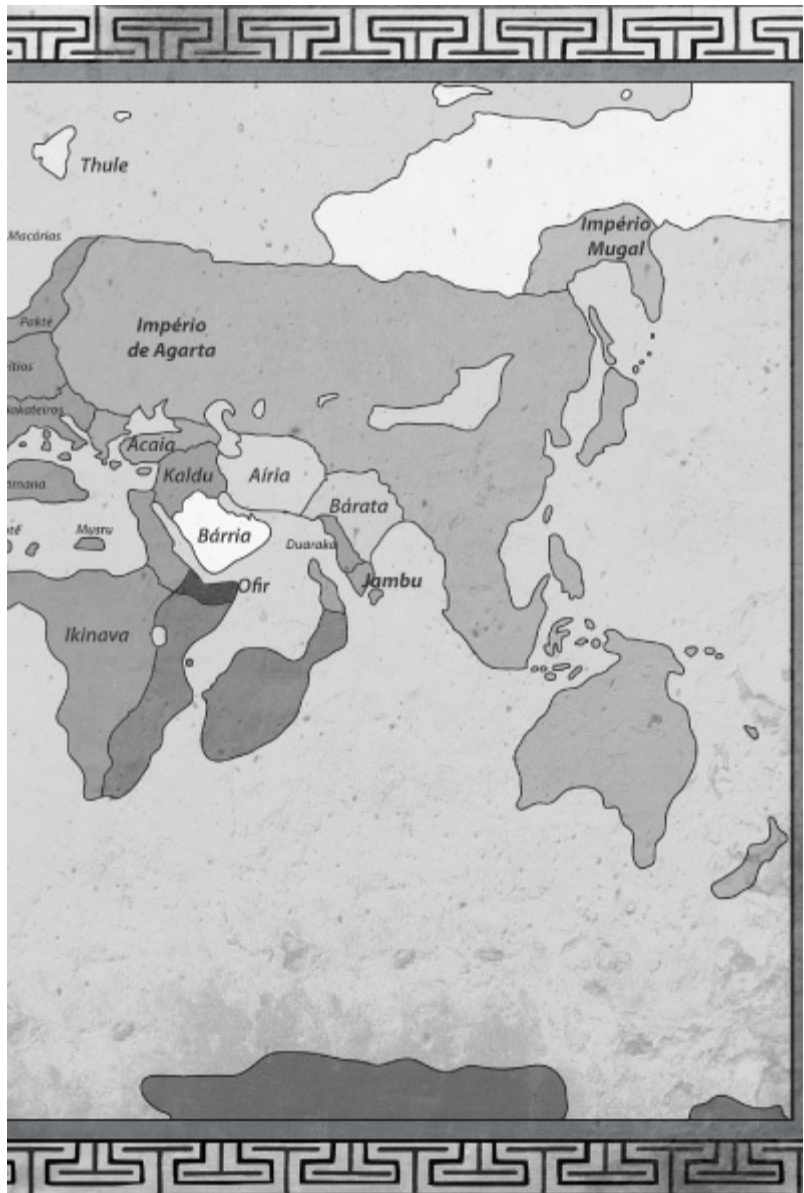
Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos.

Karl Marx

Mais de três quartos da nossa vida real compõem-se de imaginação e ficção. Raros são os verdadeiros contatos com o bem e o mal.

Simone Weil







Capítulo 1 – Um dia de trabalho duro

Ralfu Vayó Palmi jazia nua e inconsciente sobre a maca empapada de sangue. Pouco a pouco, a hemorragia reduzira sua saudável cor de bronze a um amarelo sujo. O irmão e o marido fincavam pé em acompanhá-la até o fim. Os outros parentes haviam sido delicadamente postos para fora do quarto. Aguardavam o desfecho, angustiados, em outra parte da espaçosa Casa Vayó.

Kopinani, a idosa xamã tlavatli de Raltlor, não perdia uma paciente há muitos anos, mas já não esperava ver a jovem senzar sobreviver ao primeiro parto.

Esgotados todos os recursos, criava coragem para dar a notícia aos parentes, mas Tiakat, a aprendiz, continuava a tentar conter a hemorragia à força de passes e cânticos. Gotas de suor brilhando por todo o corpo atestavam o esforço; o cabelo amarfanhado, a duração da longa batalha.

A velha parteira orgulhava-se da discípula e a amava mais que às cinco filhas que tivera, para não falar de netas, bisnetas, trinetas, tataranetas e demais descendentes que chegara a conhecer. A firmeza e a dedicação da moça a comoveram. Mais de uma vez, a exaustão obrigara a mestra a deitar-se para uma sesta, enquanto a aprendiz se recusava a afastar-se da paciente por um momento sequer.

Durante a manhã, um sismo sacudira a casa e fizera alguns parentes gritarem e correrem à rua, mas Tiakat nem piscou. Se a paciente não podia sair, ela ficaria ao seu lado. Não cedia ao cansaço, ao menos a olhos leigos. Olheiras, se as tinha, mal seriam visíveis naquele retinto rosto tlavatli. O corpo delgado e flexível aparentava a energia agitada de sempre, em contraste com a mestra de gestos lentos, peitos caídos e pele enrugada.

A uma percepção mágica, porém, sua aura incomum mostrava-se cada vez mais perturbada. O furacão de fogo invisível relampejava e bruxuleava de maneira estranha. A mestra sondou-lhe a mente e a encontrou perigosamente tensa, à beira de um colapso.

Infelizmente, chegara a hora de um basta.

Kopinani a chamou por telepatia: <Tiakat-ar, querida! Não adianta, só vai prolongar a agonia. É o momento de pararmos e lhes dizer a verdade.> <De jeito nenhum, titia! Me deixe tentar aquela ideia que te contei...> <Não, meu amor. É perigoso> <Mas se não tentarmos, é morte certa, a aura dela está sumindo! Palmi é minha amiga e a vida da criança também conta!> <Não falo do perigo para a moça, mas do perigo para ti, para nós. Nunca se viu alguém fazer isso. Se não der certo, dirão que nós a matamos>.

Cansada, Tiakat perdeu a paciência. <Tá, Kopinani-ar. A responsabilidade vai ser

toda minha. Saia e me deixe tentar, por favor> <Não, não posso permitir> <Ah, não?>.

Com uma inesperada rapidez, a aprendiz agarrou a mestra franzina, suspendeu-a no ar, abriu a porta com um pontapé e num piscar de olhos a pôs para fora do quarto ante os acompanhantes aflitos e estupefatos.

– Saíam vocês também! O que tenho de fazer não é para ser visto por mais ninguém!

O marido quis protestar.

– Mas...

– Não tem mas, nem meio mas. Se quiser voltar a ver tua Palmi-xin e a criança vivas, saia já! Já! Já! Não há tempo a perder!

Assustado, ele puxou o cunhado pela mão e saiu. Kopinani aproveitou a deixa para tentar meter o pé na porta. Tiakat lhe desceu o calcanhar no pé descalço, bateu-lhe a porta na cara e passou a tranca.

Sua obstinação por salvar a paciente não era só profissional, gostava muito da moça. A maioria dos senzares de Raltlor, a vila no alto do morro, tinha em baixa conta os tlavatlis de Tochiwayo, a aldeia de baixo, mas Palmi se dava bem com Tiakat e seu povo desde as noites de luar junto ao lago, quando Tiakat brincava de pular carniça e agarrar o par com seu bando de amiguinhos da mesma idade na aldeia. Os únicos senzares no grupo eram Palmi e seu amigo Sistu. Ah, e Artás, mas ela só descia por causa de Sistu. Ahatsunu e Beletsunu também desciam da vila, mas elas também eram diferentes, eram caris. Como era gostoso, aquele tempo!

Palmi quis casar-se com Nopaltin, mas cedeu ao clã, horrorizado ante a perspectiva de acolher um tlavatlí em suas casas e ver um mestiço usar o nome Ralfu. Tornou-se esposa de Zindé, um senzar bronco e pouco atraente, mas que a adorava e era bondoso e compreensivo. Ela ainda amava o primo de Tiakat e o encontrava com frequência. Teria sido melhor para Palmi se o filho fosse de Nopaltin, pensou Tiakat. Ela era pequena e delicada para uma senzar, mas Zindé era quase tão grande e robusto quanto Sistu, apesar de nada ter de sua agilidade e inteligência.

Ela suspirou e respirou fundo. Reuniu mais axé ao encantamento para conter hemorragias e a concentrou nas mãos, que brilharam suavemente na penumbra. Decidida, tomou uma faca afiada e abriu a barriga da moça, logo acima do púbis. Nunca fizera ou vira alguém fazer coisa assim. Apostava em uma teoria sobre a qual havia lido há tempos.

A pelve era estreita e a bebê, além de ser grande, se enrolara no próprio cordão umbilical e estava em uma posição atravessada. Mas estava bem viva, apesar de um tanto surrada. Tiakat aplicou-lhe respiração boca a boca e ela chorou com vontade.

A parteira sentiu o alívio das mentes aglomeradas do outro lado da porta, mas

faltava o mais complicado. O útero estava lacerado, uma artéria rompida. Os encantamentos ensinados por Kopinani haviam retardado a hemorragia sem curar os ferimentos. Mas agora Tiakat podia ver e tocar os órgãos feridos e a magia podia ser mais eficaz.

Podia sentir suas forças serem drenadas pelo esforço, mas também o resultado positivo. Foi até o fim e usou as últimas reservas para fechar o corte, que sumiu sem deixar marcas. Percebeu a aura, o pulso e a respiração da moça começarem a se normalizar e deixou-se cair sentada no chão, exausta. Alguém batia desesperado à porta, mas Tiakat, atordoada, custou para levantar-se e abri-la. As paredes giravam à sua volta, demorou a encontrar a tranca.

– Calma. Palmi-bã e a bebê estão bem.

Revirou os olhos e o corpo esbelto se derreteu nos braços da mestra perplexa. O tio da moça ajudou a ampará-la e deitá-la na esteira, enquanto o pai corria para ver a esposa e a filha recém-nascida. Kopinani ajudou-o a banhar a bebê e despertar a mãe. Explicou-lhes como seria o perfil astral daquela criança nascida no dia nove de Sementes, ano do cão, dia de tartaruga. Depois foi ver Tiakat, já sentada e massageando a cabeça dolorida.

– Que louca me saíste! Isso não se faz! Não sei se te mato, te expulso ou te beijo!

– Ela está bem, não está?

– Melhor do que nós! Já está dando de mamar! Mas tua carreira podia ter terminado aqui!

– Se não pudesse salvar minha amiga, para que serviria essa tal de carreira?

Antes que Kopinani conseguisse pensar em uma resposta, o pai da criança se aproximou.

– Tiakat-ké, preciso me desculpar. Por um momento, pensei que você tinha ficado maluca. Não sei como conseguiu, nem como agradecer, mas muito obrigado.

– Não se preocupe, Zindé-bin, só fiz o meu trabalho. Vocês já escolheram o nome?

– Sim, vai se chamar Riama.

– Bonito, gostei. Zindé-bin, por favor, me dê licença. Estou exausta e preciso de ar fresco.

– Claro, Tiakat-ké. Mas deixe-nos pagá-la. Eis aqui um ás meu e um de meu cunhado, conforme o costume.

– Obrigada.

Tiakat guardou as duas moedas na bolsa e dela tirou sete ticais para pagar o terço devido a Kopinani pela supervisão, que os aceitou, calada e pensativa. A moça então amarrou a bolsa no cordão da cintura e pisou, cansada, mas orgulhosa, o calçamento de pedras irregulares das ruas de Raltlor. O sol já ia baixo no horizonte. Passara mais de uma noite e um dia numa luta de vida ou morte. Não era à toa que se sentia tão cansada.

Capítulo 2 – A Taverna das Enguias

Tiakat buscou a ladeira que descia para Tochiwayo, a aldeia tlavatli. Começava ao lado das arcadas de pedra branca da Taverna das Enguias, a mais simpática da vila. Em breve, muitos dos trabalhadores mais prósperos convergiriam dos campos para aquela varanda ampla e arejada, calçada com azulejos multicoloridos e com uma belíssima vista para o pôr do sol, que toda tarde tingia de dourado suas brancas arcadas. Naquele momento ainda devia estar vazia. Mas não estava. Seus namorados estavam lá, enchendo a cara. Os dois, Olin e Witolin.

Alguns meses antes, ela teria achado graça e se juntado à farra para comemorar o triunfo. Mas, ultimamente, tudo que aqueles dois faziam a irritava. Quanto mais amadurecia, mais frustrada e insatisfeita eles a deixavam. Cansara-se de ser babá de marmanjos. A vida era curta demais para isso. Tinha sonhos a perseguir.

– Folgados duma figa! Passei a noite e o dia todo a me descabelar pelo parto da Palmi e é assim que vocês agradecem? Há quanto tempo estão bebendo?

– Calma, Tiakat-xin! A pescaria da manhã foi tão boa que nem precisamos voltar... – engrolou Olin, o mais alto deles, balançando sobre o banco. De corpo negríssimo e magro como o dela, coberto apenas por uma faixa amarela de tecido grosso enrolado na cintura e púbis, tinha um rosto bonito, lábios largos e sensuais cujo sorriso, em outros tempos, ela achara irresistível. Outros tempos. Nestes, sentia até vergonha de ouvi-lo chamá-la com o sufixo senzar de intimidade amorosa.

– Tiakat-xin, uma ova! Quanto da pescaria vocês já beberam?

O outro – igualmente escuro, pouco menos alto, pano vermelho à cintura, músculos potentes que ela gostava de apalpar, linhas enganosamente enérgicas, másculas e orgulhosas – tentou acalmá-la, com uma voz meio pastosa.

– Não se preocupe, amor, você sabe que só tomamos bebida barata...

Ahatsunu, a taverneira, chegou para recolher o jarro vazio. Tinha pele clara e cabelos negros e ondulados, como a maioria das mulheres do povo cari, e usava uma túnica longa, listrada e translúcida, que revelava sua atraente silhueta contra a luz do pôr do sol. Uma das muitas atrações da taverna. Tiakat, tão sensível à beleza feminina quanto seus companheiros, quase sorriu.

– Witolin diz a verdade – confirmou Ahatsunu. – Mesmo assim, foram, para ser exata, dois ticaís e seis xams até agora.

Sem a menor noção do perigo, Olin estufou o peito.

– Viu? Nem a metade do que eu e Witolin-xin ganhamos! – Vangloriou-se, piscando o olho para o comborço e companheiro.

Para sorte dele, uma voz conhecida e amigável os interrompeu.

– Oi, Tiakat-bã, como foi o parto da Palmi?

Apesar de cansada e zangada, Tiakat dessa vez não conteve o sorriso. O leão e sua leoa. O casal maravilha de Raltlor. Duas estátuas de bronze vivo. Zi Temtés Sistu, o maior atleta da região e o solteiro mais cobiçado do distrito, de mãos dadas com Zi Akós Artás, a mais bela e distinta das noivas casadouras da vila senzar. Vestiam as calças vermelhas e douradas do clã Zi, sandálias, braceletes, o colar de prata de *quanciós* e nada mais. Deviam ter acabado de subir, depois de ajudar na semeadura de algodão nas terras do clã.

– Ah, Sistu-bã – respondeu com o mesmo o sufixo, reservado aos melhores amigos –, nem me fale! Kopinani começou por dizer que eu precisava aprender a fazer isso sozinha e só ia observar. Depois, viu que a coisa estava mesmo complicada e tentou ajudar, mas não deu certo.

Por um momento, Artás esqueceu a altivez para mostrar-se tão curiosa quanto qualquer mortal. Nem por isso deixou de tratar Tiakat de maneira formal, pelo sufixo de estatuto.

– E aí, Tiakat-ké?

Tiakat descreveu o drama na casa dos Ralfu Vayó, sem explicar os detalhes de como salvara Palmi. Confiava muito em Sistu, mas pouco na descrição de seus dois cabeças-de-vento e menos em Artás. Mesmo assim, o amigo se entusiasmou.

– Caramba, você virou uma xamã e tanto, Tiakat! Melhor que a Kopinani!

Flutuando em álcool, Olin julgou ver uma oportunidade de fazer as pazes e ainda beber mais um pouco.

– Viu? Não precisa se preocupar, amor. Você já garantiu o sustento de todos nós por meia quatorzena! Vamos pedir mais uma para comemorar!

– Já chega, vamos embora! Vocês já beberam demais!

Para a felicidade e gratidão de Olin, Sistu sentou-se à mesa.

– Quero pedir uma jarra, Artás-xin, estou morto de sede – disse ele.

Artás franziu a testa e fez um muxoxo. O clima não lhe parecia muito digno. Chegou ao pé do ouvido do noivo e sussurrou.

– Sistu-xin, acho que a gente não devia...

Subitamente, Tiakat deu-se conta de que também estava com muita sede.

– Tá bom, Olin-xin, mais uma rodada. Mas só para acompanhar Sistu-bã.

Witilin só entendeu que ia beber mais um copo graças a Sistu.

– Grande Sistu-bã!

– Ahatsunu-bã, por favor, traga mais um jarro de martsó! – pediu Sistu.

A moça trouxe mais uma moringa da bebida esbranquiçada e refrescante, fermentada a partir de cereais e uma cuia grande de pipoca cheirosa para a mesa dos cinco. Sistu comentou:

– Daqui a uns dias vêm os recrutadores...

Tiakat sentiu-lhe a preocupação. Sistu, geralmente reservado e seguro, queria pôr algo para fora e desejava ajuda para convencer Artás de alguma coisa.

– Você quer ir? – perguntou Tiakat.

– O tio Jariô e minha mãe não querem me dar outra escolha...

Artás não gostou do rumo da conversa.

– Que outra escolha? Passar a vida cuidando de mastôs e pisando esterco?

– Muito pior é cortar cabeças e pisar cadáveres. Antes ser um diplomata e trabalhar pela paz. Mas meu sonho é ser um explorador, um naturalista, um historiador...

– Sem essa, Sistu-xin. Você vai ser um grande guerreiro, um mentô, vai comandar uma legião. Não faço por menos.

Não estava brincando, dava para perceber. Mesmo assim, Tiakat espicou-a. Com tato, sem desrespeitar o pedestal no qual a moça gostava de se colocar.

– Artás-quan, você acha mesmo que seria tão bom ser a mulher de um mentô?

– E você não? Estou louca para largar a roça e sair deste fim de mundo! Mas o importante é que isso vai ser bom para o Sistu. Ele vai subir muito, com certeza!

– Não sei se eu subiria tanto assim – duvidou ele, parecendo mais aborrecido que envaidecido pela confiança da noiva. – E se eu for, não vamos poder ficar juntos tão cedo...

– Não se preocupe, vou te esperar. Depois de cinco anos, um oficial pode se casar e levar a esposa para onde for. E você vai me visitar enquanto isso, não vai?

– Se puder...

Nervoso, Sistu coçou a barba curta, característica dos homens do seu clã. Tiakat sabia que Sistu buscava uma maneira de dizer o que realmente pensava. Procurou ajudá-lo.

– Sistu, por que sua família faz tanta questão disso? – Era uma pergunta que não se fazia, como indagar por que alguém deveria querer subir de estatuto. Mas era nesse não-dito que estava o nó, como Tiakat percebia.

– Pela honra e tradição do clã. Sou o único Zi com idade e qualificações para a escola de oficiais e meu desempenho na escola, na esgrima e no atletismo me dá a preferência. Se eu não quiser, um Ralfu, o Benó Tanis, está ansioso pelo lugar.

– Senzares são tão complicados – comentou Tiakat, apoiando o rosto nas mãos, cotovelo no canto da mesa. – E daí? Se ele gosta mais da ideia que você, tanto melhor!

Era o tipo de comentário que só uma criança, por ingenuidade, ou Tiakat, por desfaçatez, ousaria fazer. Para Artás, era demais. Irritada, deixou a compostura de lado a ponto de gritar.

– Nem pense nisso!

– Artás-xin, para ser sincero, neste caso dou razão a Tiakat – discordou Sistu. –

Nossa gente é tão orgulhosa... Bem fazem os tlavatlis em não ligar tanto para a opinião dos outros.

– Molengas, é o que são!

Desta feita, foi Tiakat quem não gostou.

– Ei, um momento...

Até o pachorrento do Olin se ofendeu.

– Artás-pu, você está pegando pesado!

A companheira de Sistu trincou os dentes e cerrou os punhos, vermelha de raiva. Tiakat percebeu que Olin, sem querer, lhe dera um golpe de mestre. Para a ambiciosa Artás, ser tratada por um pescador bêbado com um sufixo que denotava igualdade e companheirismo era um terrível golpe no orgulho. Derrubava-a das fantasias com recepções no Palácio Imperial para a realidade de moça do campo que brincara na lama com crianças humildes. Tinha classe o suficiente para não lhe dar um sopapo na frente de Sistu, mas se continha a custo.

– Artás-xin, vamos e venhamos – tentou pacificar o senzar –, os tlavatlis também podem ser corajosos e trabalhadores...

– Quando não se chamam Olin ou Witolin! – completou Tiakat com um tom brincalhão, já quase perdoando seus dois imprestáveis.

Witolin tentou afagá-la.

– Tiakat-xin, meu amor, não seja tão dura! A gente te ama!

Um pouco menos bêbado que o companheiro, Olin ainda conseguiu articular um pensamento mais complexo.

– Vamos, Tiakat-xin, você é que cobra demais, até de si mesma! A vida foi feita para ser gozada, tanto esforço não vale a pena.

– De jeito nenhum. Se não me tivesse esforçado hoje, Palmi-bã estaria morta. Se não tivesse me cobrado desde os tempos da escola, não seria *keciós*...

Para o nascimento humilde de Tiakat não fora pouca coisa alcançá-lo tão jovem, embora não fosse um estatuto muito elevado. Mas o rapaz, despeitado, arriscou a pele mais uma vez.

– Grande bosta...

– Talvez o título em si não seja grande coisa, Olin-bu. – Acentuou, maldosa, o sufixo que denotava o estatuto inferior de *buciós*. – Mas me abriu o caminho para estudar com a Kopinani e aprender coisas das quais posso me orgulhar. Se tivesse ficado na moleza, esta não seria Tiakat, mas uma bobona qualquer.

Artás, que recuperara o controle dos nervos, achou a ansiada oportunidade para sair dali. Passou a mão pelos cabelos longos do noivo. Recobrou o olhar doce e a voz suave.

– Sistu-xin, a jarra já acabou e a gente precisa ir... Nós combinamos jantar com meus pais.

– Tá bem. Vamos lá!

Olin não perdeu as esperanças.

– Ué, vamos beber só mais um pouco, Sistu-bã!

– Não, para mim já chega. Ahatsunu-bã, pegue aqui!

Ágil, a moça agarrou no ar a moeda de meio tical.

– Pra gente também chega, seus beberrões. Paguem o resto e vamos pra casa!

Tiakat puxou os dois pelas orelhas e os tirou dali na marra.

Capítulo 3 – Um amigo decide partir

Trocando pernas e resmungando, lá foram os dois rapazes descer o morro com Tiakat rumo à aldeia de Tochiwayo e à *Pilpokali*, a Casa dos Jovens, na qual a maioria dos tlavatlis morava em comunidade do início da adolescência até o casamento, que em regra não era cogitado antes que o primeiro filho estivesse a caminho.

As casas da aldeia tlavatli eram construídas em madeira sobre palafitas e pintadas com padrões geométricos de cores vibrantes, ligando-se umas às outras por calçadas de tábuas. Eram menos imponentes que as casas de pedra e tijolo de Raltlor, porém mais alegres e aconchegantes, na opinião de seus moradores. A maior delas era a Pilpokali, uma única grande construção, sem paredes internas, que os moradores dividiam com esteiras coloridas em quartos, salões e outros cômodos, segundo convinha no momento a seus moradores. Era uma arquitetura tão flexível e mutável quanto se esperava que fossem os relacionamentos nessa etapa da vida. Um lugar do qual a maioria dos tlavatlis adultos se lembrava com carinho, saudosos de seu tempo de poucas obrigações e muita liberdade – ou de irresponsabilidade e promiscuidade, segundo os senzares mais tradicionalistas

Os dois bêbados jogaram-se na rede para dormir. Tiakat foi à cozinha. Não era sua vez de cozinhar, mas a maioria dos jovens da Casa ainda não pensava em jantar e ela estava faminta. O parto complicado a fizera perder três refeições. Fritou um pedaço de peixe, esquentou um pouco de arroz que – coisa rara – sobrara do almoço e comeu sozinha, no canto da grande mesa comunitária.

Exausta, deitou-se ao lado de Olin e Witolin. Cochilou um pouco, mas logo acordou com a agitação da turma após a janta. A pesca fora excepcional para todos que nela trabalhavam, a maioria da vila e da Pilpokali. Ainda mais para os que haviam continuado o trabalho durante a tarde. Era digno de comemoração: puseram-se a tocar música e a dançar.

Olin e Witolin, alheios, roncavam alto. Tiakat, sem conseguir dormir, mas zangada demais para entrar na festa, resolveu vestir um poncho e caminhar na noite fresca.

Estava escuro. Ved, a lua prateada, não estava à vista. O quarto minguante de Suquá, a segunda lua pequena e avermelhada, dava à noite apenas um suave toque rosado, sem ofuscar as estrelas. Vaga-lumes piscavam entre os arbustos. Orientando-se mais pela memória e intuição do que pela vista, Tiakat seguiu a trilha que subia a colina até a pirâmide velha, afastando-se do barulho da Casa.

“Que tal dormir sob as estrelas? Não, não com esse vento, o tempo pode virar. Mas tem aquele nicho...”

A pirâmide velha era uma ruína multimilenar, um rústico cone de pedra coberto de terra e trepadeiras. À meia altura, era circundada por vinte e quatro nichos profundos, que algum dia talvez tivessem abrigado estátuas ou altares. Muitos deles haviam desmoronado e a maioria dos restantes estava cheia de terra, mato e bichos. Quase ninguém chegava perto o suficiente para perceber, no lado da pirâmide voltado para o lago, um nicho ainda quase intacto, mas escondido há muito sob uma cortina de folhas. Poucos subiam os degraus erodidos: a pirâmide velha tinha fama de azarenta e mal-assombrada. As crianças eram proibidas até de chegar perto: os grandes diziam que havia fantasmas de gigantes, loucos para devorar quem se aproximasse.

Mas Tiakat jamais tivera medo de fantasmas. Mesmo quando pequena, dava-se muito bem com eles. Ainda menina, explorou toda a pirâmide sem ninguém saber e descobriu o nicho ainda inteiro. Convidara seus companheirinhos a subir lá com ela, mas todos tiveram medo. Exceto um, que desde então se tornou seu melhor amigo. Os dois fizeram daquele nicho seu cantinho favorito e seu esconderijo, até ficarem grandes demais para acharem graça na brincadeira.

A moça voltara umas três vezes, talvez. Tanto quanto soube, ninguém mais descobrira o lugar, que sempre parecia intocado. Como agora. A vegetação da entrada estava um pouco mais densa e o lugar era menor do que ela se lembrava quando menina, mas de resto nada havia mudado. Abriu uma brecha entre as trepadeiras, afastou-as para os lados, se acorou sobre as folhas secas que forravam o chão e olhou para fora.

Sob a luz da estrela polar, circundada pela constelação que o povo de Tiakat chamava de Cabeça de Elefante, viam-se as luzes das casas de Teptor, a vila vizinha, sobre uma colina um pouco menor e mais arredondada do que aquela na qual se erguiam a pirâmide velha e a vila de Raltlor. Para além, a planície estendia-se a perder de vista. Largos canais a cortavam, mas era difícil enxergá-los à noite. O que bem se via era o reflexo de Suquá no lago abaixo. Os senzares o chamavam de Teptor – “Lago da Borboleta” – por seu formato característico. Os tlavatlis o chamavam de Tochiwayo, nome cujo significado original fora esquecido. Em tom de piada, alguns o interpretavam como “umidade da vulva”, mas talvez tivessem razão.

A jovem foi até o fundo do nicho e recostou-se numa rocha cúbica que poderia ter sido um pedestal ou uma espécie de altar. Podia tatear com os dedos as antigas inscrições que a marcavam no alto, mesmo sem vê-las. Havia letras como aquelas, mas muito mais apagadas, em algumas rochas das colinas. Ninguém em Raltlor ou Teptor sabia o que significavam ou em que língua foram escritas, nem se importava. Tiakat tentara descobrir algo em suas caminhadas a Tosá – a sede do município, a uns quarenta estádios¹ de Raltlor –, para ler os livros da pequena biblioteca e falar com os professores mais instruídos da cidade, mas fora em vão.

Aconchegada pelo poncho e pelas folhas caídas, Tiakat apreciou a solidão, o cricri dos grilos e o pio desolado de uma distante ave noturna. Pensou na infância, na vida de aprendiz de xamã e nos seus vagos projetos para o futuro. Quem poderia ensiná-la a ir além de Kopinani? Ainda queria casar-se com Olin e Wítilin? Ou já tardava o belo pé na bunda que tanto faziam por merecer?

Sobressaltou-se com um ruído de folhas pisadas. Algo ou alguém lá fora! Quem poderia ter tido a ideia de subir ali? De repente, o desconhecido abriu a cortina de folhas. Tiakat, já de pé, notou a estatura e os ombros largos do intruso, o jeito familiar de andar e a sutil aura dourada. Claro, era o garoto com o qual ela dividira o segredo do nicho – agora tão crescido que quase batia a cabeça no teto.

– Mistonti-bã, você aqui?

Mistonti, “filhote de leão” em tlavatli. Sistu há muito era um leão crescido e ela não usava esse quase secreto apelido de infância há anos, desde... Bem, desde que ele noivara com Artás, pelo menos. Ele respondeu com o apelido que dava a ela na mesma época.

– Lelon-bã, é você? Onde está?

– Aqui no fundo, chegue mais!

Sistu aproximou-se a passos largos, descobriu-a agachada, embrulhada no poncho e pôs-se também de cócoras, a seu lado. Continuava de peito nu, mas não parecia sentir frio.

– Oi, Lelon! – saudou ele. – O que te deu a ideia de vir para cá? – Estava contente em encontrá-la, mas se percebia tristeza na voz e na aura. Brincou, distraidamente, com um galho jogado no chão.

– Perguntei primeiro! Bom, eu estava aborrecida... Aborrecida, não! Furiosa que nem cascavel pisada com aqueles meus dois panacas! Depois, tinha muito barulho na casa e fiquei com saudade deste meu, não, *nosso* cantinho. E você?

– Xi, somos dois. Soltei os cachorros para cima de Artás, minha mãe, minha irmã, meu tio-avô e toda a família. – O tom não era de arrependimento, mas de decepção. Tiakat surpreendeu-se. Sistu era bem ponderado, não perdia as estribeiras por pouca coisa.

– Que houve?

– Eu disse que resolvi não me alistar. Que em vez disso, vou à capital, procurar um lugar em alguma expedição de exploração das colônias ou de terras desconhecidas. Sempre sonhei participar de algo assim, mesmo que fosse só para carregar as bagagens.

Desde criança, sua curiosidade por kisharografia e história era bem conhecida de Tiakat e só fizera aumentar nos últimos anos, a ponto de contagiá-la.

– E aí?

– Aí a casa caiu. Meu tio-avô e minha mãe disseram que, se eu fizesse isso, me

expulsariam da família. Minha irmã os apoiou. E Artás disse que não ia se casar com um covarde. – Ele apertou o galho torto até parti-lo com a mão.

– A Artás? Que absurdo! – Ou nem tanto, pensou. O amor de Artás era sincero, mas não era mais forte que sua ambição.

– Eu disse a ela que não precisava de uma companheira para ficar contra mim e ela bateu a porta e saiu xingando. Aí eu também saí para esfriar a cabeça e pensar.

– Ninguém te deu apoio?

– Bem, meu pai não entrou no coro, mas também não se atreveu a enfrentá-lo. Ficou em cima do muro, acho.

– Puxa, que merda. O que você vai fazer, agora?

– Como eu disse, vou pegar minhas coisas e ir-me embora para Atlântis. Já sou adulto e um *quanciós*, ninguém tem o direito de me impedir.

Tiakat fechou os olhos e suspirou. Tentou imaginar outra solução, mas não lhe ocorreu nada que servisse à felicidade do amigo. Custou a dizer o que achava necessário.

– Mistonti-bã – disse com a voz um pouco embargada, tocando-lhe de leve o queixo – Raltlor vai ficar bem mais chata se você for embora. Mas eu quero o melhor para você. Se houver qualquer coisa em que possa ajudá-lo, pode contar comigo.

– Obrigado, Lelon-bã!

Ela sentiu o beijo de Sistu no rosto e um nó na garganta.

1 Um estádio atlante equivale a pouco mais de duzentos metros.

Capítulo 4 – Os conselhos de Kopinani

Depois de arrumar um canto na Casa dos Jovens para Sistu dormir, Tiakat, já sem sono, foi ver se Kopinani, por quem tinha um sincero respeito, teria algo a dizer sobre os problemas do amigo e dela própria. A madrugada já avançava, mas Tiakat sabia que a velha dormia pouco e a pressentia desperta. A impressão foi confirmada pela luz na janela da casinha bem cuidada, metida na beira do *Sissã Lam*, o Bosque dos Cervos.

Metade da casa se assentava sobre palafitas e a outra metade sobre o teso do bosque, um terreno ondulado e um pouco pedregoso cujas bordas se elevavam duas ou três braças acima das terras cultivadas a seu redor. Cobria uns trinta estádios quadrados em torno do cruzamento de dois canais de irrigação. Refúgio de mosquitos, os elementais da vegetação, o bosque era também uma reserva de plantas medicinais e rituais, importante para a segurança e prosperidade da região. Kopinani recebia um estipêndio simbólico do distrito de Raltlor para cuidar que a paz e integridade do setor do bosque que pertencia ao distrito não fossem perturbadas sem necessidade.

Apesar de pequeno, tinha uma notável variedade de árvores, algumas nativas, outras especialmente plantadas para abastecer as boticas dos curandeiros, xamãs e feiticeiros ou abrigar elementais. Incluía angicos, carvalhos, faias, castanheiras, loureiros, ipês, samambaias, aroeiras, cerejeiras, bétulas, cedros, palmeiras, sobreiros e salgueiros. Sobre as árvores, cresciam bromélias e orquídeas e viviam pássaros, saguis e serelepes. Quatis, iraras, cachorros-do-mato, rãs, répteis e roedores se escondiam entre as ervas, cogumelos e samambaias do solo, como também os *sissãs*, os cervos pequeninos e ariscos que davam o nome ao bosque.

Tiakat subiu a escadinha e bateu à porta, destrancada como de costume.

– Entra, Tiakat-ar – Kopinani não era parente de sangue, mas a adotara como sobrinha e usava com ela o sufixo para parentes queridos. – Já te esperava e preciso muito falar contigo.

A velha estava sentada na esteira, enfiando contas para fazer um amuleto, mas o deixou de lado para conversar. Tiakat acocorou-se a seu lado. Sentia-se mais à vontade assim.

– Sabe o que aconteceu, titia? – Perguntou Tiakat, olhando-a com amor, o queixo apoiado nas duas mãos. Gostava mais dela que da própria mãe.

A velha coçou a carapinha, branca como giz.

– Mais ou menos. Mas antes de cuidarmos do assunto que te trouxe, há outra coisa que preciso te dizer. Por favor, aceita de volta estes sete ticais. – Alcançou a

bolsa pendurada em um gancho preso às tábuas da parede e separou as moedas.

– O dinheiro da supervisão? Mas essa é a regra... – Tiakat franziu o cenho, sem entender.

– A aprendiz paga à mestra pela orientação, essa é a lei. Mas hoje tu foste a mestra e eu a aprendiz. – Kopinani esticou-se e meteu as moedas na capanga que Tiakat levava a tiracolo. – Aquilo que fizestes, eu jamais conseguiria fazer. Naquele momento, fiquei tão perplexa que não soube o que dizer. Agora, já decidi que não posso aceitar este pagamento de ti. Nem qualquer outro. Tu já sabes bem mais do que eu sobre nossa arte. Assim que o Sol raiar, vou à vila, presto juramento e declaro à juíza: Tiakat já não é mais aprendiz e sim xamã plena. Nunca pus muita fé na sabedoria dos livros, mas não sou tão orgulhosa que não possa reconhecer quando estou errada: graças a eles, tu me alcançaste e superaste.

– Puxa, Kopinani-ar...– Ela sentiu o rosto em brasa – não sei o que dizer. Eu acho que ainda preciso de você...

– Como mestra xamã, de jeito nenhum. Mas como mulher experiente, pode ser. Sou quase quatrocentos anos mais vivida que tu. Deita a cabeça no meu regaço, relaxa e conta-me tudo que te aflige.

Tiakat relaxou e desabafou de atropelo tudo que a preocupava naquele momento. Falou da relação com Olin e Witolin, da irritação com o conformismo e acomodação da maioria dos amigos, do problema de Sistu, da vontade de ajudá-lo e também de seu desejo de aprender mais e descobrir coisas novas... Nesse ponto, Kopinani a interrompeu:

– Vamos por partes, como faz o açougueiro. Olin e Witolin, primeiro. Tu te lembras de quando começaste a gostar deles? – Kopinani fez-lhe um cafuné e ela fechou os olhos, recordando.

– Eu era criança. Eles eram divertidos, eram bons de transa, bissexuais como eu e fiquei envaidecida de ser tão desejada por dois rapazes bonitos ao mesmo tempo.

– Só isso? Acho que tem mais alguma coisa.

– Bom, é meio bobo... mas eu queria ser uma xamã e me parecia apropriado que uma xamã tivesse dois maridos...

– Sim, é comum. Somos poderosas e desejadas. Também fui muito atraente, acredita? Tive meus dois homens. Mais, até, mas oficialmente dois... – Kopinani distraiu-se, saudosa de outros tempos e fez um breve silêncio, antes de retomar o fio do pensamento, em tom sério. – Mas isso não é obrigatório, muito menos uma condição. Tu já és xamã e ninguém jamais poderá tomar isso de ti, quer tenhas dez homens, um ou nenhum. Não precisas imitar a mim ou a quem quer que seja. O que importa é o que tu és, não com quem te pareces... Bom, minto, às vezes as aparências importam, até para nós. Mas quando elas estorvam mais do que ajudam, é o momento de nos livrarmos delas.

– É o momento de me livrar de Olin e Witolin? – Abriu os olhos com uma expressão de contentamento que fez Kopinani sorrir.

– Consulta teu coração. Não me disseste que eles já não te divertem tanto, nem te sentes feliz com eles? Agradece-lhes os bons momentos e toma teu caminho. Não precisas ter pressa: se quiseses homens, eles com certeza não te faltarão. Muito melhores, para se deitar ou para o resto, que os dois moleques.

– É bom ouvir isso...

– Melhor ainda será fazer, podes crer. Outra questão. Tu te queixas do povo da vila, em geral. É por Sistu, ou isso te incomoda pessoalmente? – Kopinani estudava-lhe a expressão e a aura com atenção.

– Ah, as duas coisas. O problema dele é o mais urgente, mas eu também me sinto irritada com a maneira como as pessoas me olham, como se eu fosse uma aberração, sempre que discordo de alguma coisa que elas pensam ou fazem.

– Pensas que em outra parte seria diferente?

– Não sei. O que é que você acha?

– Que sim e que não. Em todos os lugares que conheci, as pessoas, na maioria, são tolas e submissas. Mas há exceções e pode ser mais fácil encontrá-las se não ficarmos presas a um só lugar, principalmente um tão pequeno quanto este. Como no provérbio tlavatli, *taltikpak tokichtin tiets*, “a terra será como as pessoas forem”.

– E porque você, que morou tantos anos na capital, resolveu ficar aqui?

– Ah, passei por uma decepção muito grande, perdi tudo que tinha e já estava velha e sem coragem de recomeçar – Tiakat sabia que ela não gostava de falar disso. – Só queria um lugar bonito e tranquilo para acabar meus dias. Então, quando já não esperava mais nada da vida, encontrei aqui uma discípula à qual valia a pena me dedicar...

– Eu? – Tiakat apontou para si mesma, fazendo voz de criança.

– Quem mais? Mas deixa de te preocupares com minha vida. É Sistu quem mais te preocupa agora. Tu gostas muito dele, não é?

– Você sabe como somos amigos desde pequenos...

– Não gostarias de que fossem algo mais, além de amigos?

– Não, não penso nisso. – Tiakat ergueu a cabeça, muito séria.

– Tens certeza? – Duvidou Kopinani.

– Eu o acho lindo de arrepiar, como todas. Mas não o quero como amante ou marido, se é isso que você quer dizer. – Falava com franqueza. Não entendia o ceticismo da mestra.

– Por que não?

– Ué, porque... Porque, para começar, ele é de outro povo, tem outras crenças, outros costumes... – Não conseguiu encontrar nenhuma razão mais forte.

– Aos quais nem tu, nem ele dão tanta importância assim. E nem mesmo nesta

vilinha tão provinciana isso seria tão inédito. – Kopinani voltou a caprichar no cafuné.

– Por favor, titia, não me complique mais a cabeça, que já está em parafuso. Nem eu, nem Sistu estamos pensando nisso. Acho até que se tentar algo do tipo, acabaria estragando nossa amizade. – Fechou os olhos de novo e suspirou.

– Às vezes acontece, mas pode ser que não. E pode ser que sejam felizes juntos. – Kopinani não desistia de provocá-la.

– Sempre pensei nele quase como um irmão... – Encarou a mestra.

A velha olhou, irônica, para o teto, encheu as bochechas e bufou. Custou-lhe segurar o riso.

– Fala sério! Queres enganar a quem? Se não te recordas, posso te lembrar uma ou duas histórias...

– Não teve muito mais do que uma ou duas e isso já faz muito tempo. Coisas da adolescência, quase infância. – Protestou. E havia realmente esquecido, como se nunca houvesse acontecido. Mas tinha de admitir, fora importante naquele momento...

– Meu amor, se não queres, não insisto... Como dizem os senzares, *lelon van, nenzi tlos*, “a unicórnica só é agarrada pelo leão se ela quiser”.

– Mas isso não quer dizer que eu não queira o bem dele. Como posso ajudá-lo?

– Ah, de muitas maneiras. Se ele quer ir a Atlântis, vai precisar de orientação... Se possível, de uma companhia. Já faz tempo, mas fiz um contato que ainda posso te indicar...

– Peraí! De uma companhia? Você quer dizer, eu ir com ele? – Tiakat pulou do regaço de Kopinani e sentou-se, olhando-a com cara de quem duvida dos próprios ouvidos.

– Não pensaste nisso? Os presságios são muito bons!

– Presságios? Que presságios?

– Ora, ora, minha xamãzinha, não decepções tua velha mestra. Bem, sempre é mais difícil interpretar os presságios quando se referem a nós. Mas as estrelas falam de ti.

– Arali na minha casa da Fortuna, Muati no Caminho e coisa e tal? – A configuração sugeria uma viagem de grandes realizações capaz de incitar um Imperador a lançar-se em uma guerra ou um mercador a mares desconhecidos. – Mas o Céu não é assim tão específico. Deve haver outros com um mapa astral parecido.

– O Céu falou para toda a Terra. Mas a Terra falou para Raltlor, onde ninguém mais nasceu sob os mesmos astros. Não reparaste nos peixes do lago, como pareciam pedir para serem pescados? Na agitação das aves? Nos tremores da Terra, no princípio da noite? Soma céu e terra: a resposta é Tiakat.

– Titia! Não sou assim tão importante!

– Podes ainda não ser, mas algo de grande hás de aprontar. O caso do Sistu até deve ter algo a ver com isso, mas o que farás a respeito é o que mais importa. Nossos deuses sugerem, mas não obrigam...

Elas discutiram os acontecimentos e conversaram sobre Atlântis, capital de Atlântida e de um império que se estendia por quase a metade de Kishar, o seu mundo, até se darem conta de que já era dia e o sol já ia alto no céu. Dia dez, um dia de javali. Kopinani foi à vila cumprir a promessa de emancipar a ex-aprendiz e Tiakat voltou à Casa dos Jovens. Sistu saíra e o bafafá estava armado. Na aldeia dos pescadores e na vila da colina, não se falava de outra coisa que não a crise na casa dos Zi. O distrito não ouvia fuxicos tão animados desde o suicídio da velha matriarca dos Ralfu, há mais de dez anos.

Capítulo 5 – A artista do prazer

Sistu acordou, abriu os olhos, viu-se na Casa dos Jovens de Tochiwayo e se convenceu de que aquilo não havia sido um pesadelo. Suspirou fundo, pôs as calças e foi à cozinha. A maioria dos moradores já saíra e os poucos que restavam o olhavam como a uma bomba prestes a explodir. Não ousavam nem dar bom-dia.

O jovem sentou-se e se serviu de pão, manteiga e suco enquanto começava a pensar numa saída da enrascada. Nisso, entrou Ahatsunu, sua amiga e dona da Taverna das Enguias, que a ele se dirigiu.

– Oi, Sistu-quan, bom dia! Como você está?

– Oi... Ahatsunu-bin! Bom dia. Não estou muito bem, não sei se você sabe o que aconteceu...

– Sei, sim. Acho que todo mundo já sabe. Você resolveu mesmo ir embora?

– Se não tiver outro jeito... O que decidi foi não me alistar.

– Bom, quero dizer que minha irmã e eu achamos que você não é um covarde e está em seu direito. Se pudermos fazer algo para reconciliá-lo com o velho Jariô, estamos à disposição.

– Puxa, muito obrigado, mas acho que não há nada que possam fazer. Você sabe como ele não se dá bem com sua família.

– Também trago um convite da Beletsunu, para ir à casa dela.

– Tua irmã? Mas agora não é o momento para isso e eu não quero...

Ahatsunu sorriu e apertou-lhe a bochecha.

– Não, Sistu-pu, não é nada disso. Não vim vender o serviço dela. Beletsunu não quer te ver como profissional, mas como amiga.

Junto à entrada de Raltlor para quem vinha do leste, a casa de Beletsunu bintu Ubar era uma das mais visitadas da vila. Antes que Sistu chegasse a bater à porta, a dona a abriu. Como de costume, levava perfume e maquiagens suaves, cobria-se com joias e uma delicada corrente de ouro e vestia-se com mantos leves e vaporosos. Eram quase transparentes e, ainda assim, menos reveladores do que as roupas usadas pela maioria das mulheres de Raltlor. Quando usavam roupas.

Tiakat, por exemplo, só vestia alguma coisa quando fazia frio. Na maior parte do ano, além da pintura no corpo, só usava pulseiras e braceletes, o triplo colar de bronze de keciós e a capanga de ervas e feitiços a tiracolo. E é claro, o pekenan na cintura. O cordão era feito com fibras da peantás, planta anticoncepcional similar à babosa, no qual eram penduradas presas de quifur fêmea, grande felina negra famosa pela ferocidade com que repelia cortejadores indesejados. Além de evitar a gravidez, a pekenan dentada podia fulminar um homem que o tocasse contra a

vontade da dona, mesmo por trás de roupas. Como arma, era temível: bastaria à mulher açoitá-lo um possível estuprador com a pekenan e seu destino estaria selado.

Quase todas as meninas o punham à cintura logo depois de sua primeira menstruação, para só tirá-lo quando queriam conceber ou quando chegavam à menopausa. Exceto concubinas e profissionais do sexo em serviço, que usavam a versão desdentada para não intimidar amos e clientes. Como Beletsunu.

Havia outras hetairas jovens e bonitas, sem falar das muitas prostitutas comuns, mas era seu corpo, perícia e criatividade que eram celebrados em prosa e verso por toda a província. Muitos tinham de viajar até três dias para conhecê-la, esperar outros tantos por uma vaga na agenda e ainda pagar o triplo do que pagariam às mais cobiçadas de sua cidade, mas jamais se soubera de homem ou mulher que houvesse se arrependido. Ou que, sendo abastado o suficiente para visitá-la muitas vezes, acabasse por se enfastiar.

Suas curvas voluptuosas, tetas generosas e pele clara, características das jovens caris, eram exóticos para uma província acostumada com o bronze atlético das senzares e o ébano enxuto das tlavatlis. Mas, se fosse só isso, seus clientes logo teriam se acostumado com a novidade. A irmã mais nova, a taverneira, tinha um rosto tão bonito quanto o dela e muitos admiradores, mas nunca causara semelhante furor.

O segredo era o jeito de esbanjar sensualidade em cada frase, cada gesto e cada olhar sem parecer vulgar – somado, claro, à habilidade em superar, nas artes do sexo, as expectativas criadas por sua atitude nos excitados clientes. Como aprendera a arte, era um mistério. Como a maioria dos jovens de Raltlor não engajados no Exército ou na Marinha, nunca viajara para mais longe que Rasab, a capital da província, a uns trezentos e cinquenta estádios.

Não era raro encontrar, na varanda daquela casa pequena, mas requintada, alguém a esperar, impaciente, pela sessão marcada. Quando Beletsunu estava disponível, a bandeirinha era vermelha, mas era mais comum ver a bandeirinha branca, sinal de que já havia um cliente lá dentro. Não naquele dia: uma bandeirinha preta junto à porta indicava que a dona descansava e não atenderia. Mas recebeu-o com um sorriso largo.

– Sistu-bã, que bom que você veio! Por favor, acomode-se nas almofadas e aceite um copo de vinho. Faz tempo que a gente não conversa.

– Oi, Beletsunu-bã. É verdade, mas a culpa não é só minha. Desde que você ficou famosa, não tem tido muito tempo para os amigos, não é?

– Nem tanto, Sistu. Acho que são mais vocês que, de repente, ficaram tímidos comigo. Não deviam. Para os amigos de verdade, sempre serei a mesma de sempre. Claro, quando quiserem me ter de outra maneira, também fico feliz e lhes faço um bom desconto. Mas, de uma forma ou de outra, podiam aparecer mais.

– Acho que não vou voltar a aparecer tão cedo. Resolvi ir embora.

A hetaira deu-lhe um olhar sério e cúmplice, enquanto se aconchegava a seu lado, trazendo as taças de vinho. Inclinou-se, como se fosse contar um segredo.

– A Ahatsunu me contou. Os Ralfu vararam a noite a discutir o assunto na taverna dela e os Zi fizeram o mesmo na casa Temtés. Segundo os Ralfu, toda a política da vila foi abalada e todas as previsões têm que ser refeitas, tudo pode acontecer. Disseram que era como se uma peça de zenjogue criasse vida própria e se recusasse a continuar o jogo.

– E aqui estou, prestes a pular fora do tabuleiro.

– Ah, Sistu, estou vendo essa vila por um lado ao qual nunca tinha dado muita atenção e não gosto do que vejo. Não estou ainda tão decidida, mas comecei a pensar em cair fora, também.

– Isso sim, ia abalar a vila. No mínimo, acabaria com boa parte do turismo.

– Teu tio-avô não se incomodaria. O Jariô se queixa de que antes Raltlor era conhecida pela riqueza da agricultura e da pesca, pela beleza da arquitetura e da paisagem, pela qualidade do vinho – e agora é só “a vila onde mora a Beletsunu”.

– É, já o ouvi dizer coisas assim.

– Você quer ir para a capital?

– Acho que só lá vou encontrar o que procuro.

– Gostaria de conhecê-la, mas não de morar lá. Aqui sou especial, mas acho que lá eu seria apenas mais uma.

– Ué, Beletsunu, você não seria mais uma em lugar nenhum!

– Obrigada, mas não sei se é verdade. O que cheguei a pensar é em ir para Rasab. É uma cidade grande e bonita sem ser grande demais e, segundo me disseram, meu nome é conhecido por lá. Ou para Tosá, que é pequena, mas tão civilizada e simpática! Mas não vou sem convencer minha irmã a ir também. Não quero ficar sozinha.

– Sozinha? Você?

– Soa engraçado, não é? Mas é verdade. Fora ela, você e mais uma ou duas amigas, quase ninguém me vê mais como gente. Virei uma espécie de monstro sagrado.

Beletsunu olhou para baixo e deixou sumir seu sorriso quase permanente. Levantou os olhos devagar e encarou o amigo com uma expressão decidida.

– Sistu... Sistu, vou parecer uma menina boba, mas preciso te perguntar uma coisa.

– O quê?

– Você me aceitaria como sua companheira?

O queixo de Sistu caiu. Quando se recobrou da surpresa, disse:

– Beletsunu... você está me gozando, não está?

– De jeito nenhum, Sistu-xin. Estou abrindo meu coração. Você é o único homem a quem eu perguntaria isso, porque é o único com quem já me senti uma mulher completa, não só como artista do prazer. Eu te quero muito e se puder contar com sua companhia, aceitaria ir para Atlântis, ou para onde você quiser ir. Posso ganhar a vida de muitas maneiras. Sou boa cantora e dançarina, sei compor, tocar um alaúde, contar histórias...

– Beletsunu-bã, não sei bem o que dizer... Eu me sinto mais lisonjeado do que mereço, mas não é o meu desejo. E já faz tanto tempo que ficamos juntos...

– Sim, faz tempo. Quase que aprendemos juntos a fazer amor, não é verdade? Aí, li sobre as vidas de Glukera, Uhulah e Korin, eu me apaixonei pela ideia de ser uma hetaira e comecei a te dar menos atenção. Você começou a gostar da Artás e cada um seguiu seu caminho. No começo, não me arrependi, mas agora sinto um vazio... Gostaria de poder voltar atrás e começar de novo.

– Ah, Beletsunu...

– Artás talvez possa ser uma boa esposa para um mentô, até para um rei. Mas, modéstia à parte, eu ... eu sou a melhor companheira que se pode desejar para um homem de verdade!

– Beletsunu-bã, não duvido...

Sistu hesitou e gaguejou ao tentar continuar.

– Mas... mas, sinto muito, mas não. Não quero realmente ninguém, neste momento. Quero tentar seguir meu caminho e decidir quem realmente sou antes de dividir minha vida com mais alguém. Mas tenho certeza de que você pode encontrar quem...

De olhos molhados, Beletsunu virou a cara por um momento. Depois, conseguiu encará-lo, com a maquiagem já um pouco borrada.

– Ah, Sistu-xin, está bem, pode parar. Eu sabia que ia passar por boba, mas não me perdoaria nunca mais se te deixasse ir embora sem pôr isso para fora, sem, ao menos, tentar. Mas podemos continuar amigos, não podemos?

– Claro que sim!

– Então, como amiga, me deixe cuidar de você, que está precisando. Está tenso como corda de alaúde. Vou te fazer uma massagem daquelas, vamos fazer um amor bem gostoso e você vai relaxar e se sentir muito melhor, com a mente mais clara. Vamos? Por favor?

– Beletsunu!

– Pelo amor de Belit, aceite! – Implorou ela.

Embora não levasse muito a sério os deuses de seu próprio povo e, muito menos os dos caris, aquilo comoveu Sistu. Beletsunu não invocava sua protetora à toa. Percebendo a hesitação, ela continuou.

– Não é uma proposta de uma hetaira, mas um conselho de uma amiga que quer o

melhor para você! Claro que não vou cobrar nada, só peço uma coisa em troca!

– O quê?

– Que, só desta vez, você me chame de Siassiá-xin, como antigamente. Pode ser? Será que mereço pelo menos esse presente de despedida?

Sistu rendeu-se, enternecido.

– Bom... está bem, Siassiá-xin, está bem. Vem cá.

Tomou a hetaira nos braços e lhe deu um beijo longo e profundo.

Capítulo 6– A lei do sangue

Tiakat subiu o morro para descobrir como andavam as coisas. Ao passar pela alcaidia, na Praça Redonda, foi conferir as proclamas ali penduradas. Havia dois anúncios de casamentos próximos, um do nascimento da bebê Riama e dois avisos da graduação de aprendizes. Um deles era o de sua qualificação como xamã plena: Kopinani cumprira a promessa. Podia agora passar o bracelete de serpente do braço esquerdo para o direito.

Tiakat entrou para pedir sua cópia em pergaminho. Enquanto esperava o escriba terminar o serviço, ouviu-o comentar com a juíza, cujas calças amarelas com detalhes negros sinalizavam Ralfu, o clã do tigre.

– O *zeciós* Jariô estava mesmo alterado, não é? Queria, por força, uma ordem de prisão para o *quanciós* Sistu.

– Pois é, rapaz. Não houve jeito de acalmá-lo. Eu lhe expliquei que, se o rapaz o tivesse agredido ou coisa assim, eu o atenderia prontamente – embora ache melhor lavar a roupa suja em casa, é o que sempre digo. Mas não se pode obrigar alguém a se alistar em tempo de paz e hoje não estamos em guerra, graças ao Casal Imperial. Também não há lei nesta terra que proíba um homem livre e maior de idade de dizer não a um tio-avô, mesmo que este faça parte do conselho do distrito, tenha comandado uma *jin*, ou seja, tenha sido um jintô. Este é um país civilizado. Nem o alcaide, nem o sumo-sacerdote poderiam obrigá-lo a fazer o que não quer. O *zeciós* não me ouvia: queria que eu tomasse o caso como se o jovem tivesse se alistado e desertado. Quando me recusei, ele disse que eu estava conspirando contra os Zi por ser uma Ralfu. Aí perdi a paciência e mandei o saptô lhe mostrar a saída. Com educação, é claro.

– E agora, como vai ser?

– Bom, amanhã à noite devem chegar os recrutadores. Se o rapaz não mudar de ideia, a vaga de oficial fica para o *quanciós* Benó Tanis que, você sabe, é meu sobrinho em segundo grau e sempre sonhou com a carreira militar. É isso que deixa o velho Jariô fora de si. Ele acha que os nossos vão tomar conta de Raltlor.

– E não vão?

– Sei lá, talvez. Na geração passada, os Zi ganharam mais terras, a maioria do conselho e a alcaidia. Que tem de mais se, na próxima, recuperarmos o terreno perdido? Essa disputa tem durado gerações. Às vezes eles levam a melhor, às vezes nós.

O escriba deu de ombros. Como indicavam as calças brancas e douradas, era um senzar do clã Bau, secundário em Raltlor. Apesar de lhe aticar a curiosidade, a briga

não lhe dizia respeito. Aplicou o selo imperial na cera quente, esperou um momento e entregou o pergaminho a Tiakat, que o conferiu, agradeceu ao escriba e o deixou corado de tanto lhe elogiar a caligrafia.

Tiakat sentiu um arrepio. Agora, era mesmo uma xamã. Não haveria volta atrás.

Passou, ligeira, pelas tavernas mais conhecidas, pelo templo de Minzin e Gutis, pela praça do mercado e pelo estádio para ver se ouvia mais alguma coisa importante ou encontrava Sistu. Não teve sucesso. Decidiu descer à Casa dos Jovens, que o estômago já roncava.

Era o tempo de almoçar. Animados, os companheiros da casa discutiam os acontecimentos. Já havia uma bolsa de apostas sobre se Sistu se alistaria ou não. Olin e Witolin tinham palpites opostos e pediram a opinião de Tiakat.

Ela respondeu, fria, que não jogava com a vida dos amigos. E tomou sua decisão.

A maioria já terminara o almoço e saíra quando surgiu um homem alto de aparência agradável, um tanto acanhado. Era Zi Akós Gensam, tio de Artás e pai de Sistu.

– Boa tarde, Tiakat-ké. Como vão você e Kopinani-zor?

– Boa tarde, Gensam-ké. Kopinani-ar e eu estamos bem, obrigada por perguntar.

– Desculpe a intromissão, mas tem notícias de Sistu-ar?

Tiakat sentiu-lhe a inquietação por trás da expressão contida, mas não tentou ler seus pensamentos desordenados.

– Não é incômodo nenhum. Também estou preocupada. Falei com ele ontem à noite, convidei-o a passar a noite aqui, mas saiu e não sei aonde foi. Não o encontrei na vila e achei melhor esperar aqui, para ver se ele volta.

– Ah, Tiakat-ké! Eu me sinto muito confuso. Por um lado, gosto muito do meu filho e acho que, como pai, tenho a obrigação de tentar fazer mais por ele. Por outro, me sinto obrigado a respeitar a autoridade do tio materno e do clã Temtés.

– Eu sei. O senhor é muito respeitoso, não é mesmo?

Ao perceber o que dissera, Tiakat quase mordeu a língua. Torceu para que a ironia não fosse percebida. Não foi.

– Sou, pois é. Minha esposa, também. Não sei a quem Sistu saiu. Ele é mais forte e inteligente do que qualquer de nós, mas também mais rebelde...

– Concordo de coração, cabeça e fígado...

Continuavam a falar de Sistu quando ele apareceu, sacudido e sorridente.

– Oi, Lelon-bã. Boa tarde, pai. Como estão as coisas?

Gensam ergueu os braços e exclamou:

– Mistonti-bã! Estava morrendo de preocupação! Onde você estava?

– Ah, assim que acordei, a Ahatsunu me trouxe um convite da Beletsunu para ir visitá-la. Conversamos, ela me deu o maior apoio e acabei almoçando lá.

Aliviada, Tiakat riu com muito gosto e deixou a verve correr solta.

– Hum! Pelo que vejo, você realmente comeu muito bem e ela te deu muito mais do que um ombro amigo. Mas, se ela conseguiu te deixar animado, ótimo. Essa magia, eu não saberia fazer melhor...

– Sistu-ar, filho, desculpe interromper, mas tenho uma coisa muito séria e urgente para contar – sussurrou Gensam.

– Fale, pai.

Gensam hesitou um momento antes de continuar, com uma voz aflita.

– Teu tio-avô, Jariô-zê, prepara-se para te desafiar para um duelo até a morte, amanhã ao alvorecer, no estádio, pela honra dos Zi Temtés. A menos que peças perdão e te alistes.

Os jovens gritaram ao mesmo tempo.

– O quê? Como assim?

– Ele resolveu de repente, durante o almoço. “Se a lei dos juízes não me dá apoio”, disse, “sempre há a antiga lei do sangue”. Foi oferecer um sacrifício a Karmó e cumprir o ritual de praxe no templo e logo deve descer, com testemunhas. Talvez já esteja a caminho.

Sistu franziu o cenho, carrancudo.

– Que faço, Lelon-bã? Não vou me dobrar, mas não posso matar o meu tio!

O rosto de Tiakat iluminou-se e suas mãos pousaram nos braços musculosos de Sistu.

– Calma, já sei! O desafio só vale se feito pessoalmente. Vamos te esconder até a noite. Depois, vamos dar um jeito nisso, ou não me chamo mais Lelon... Digo, Tiakat. Vamos, Sistu! Sei de um bom lugar.

– Pai, obrigado!

– De nada, filho. É o mínimo que eu poderia fazer, o mínimo mesmo. Boa sorte e tente manter contato, se resolver mesmo ir.

– Já resolvi, pai. Espero ter uma oportunidade de me despedir melhor, mas por enquanto, até mais ver!

Tiakat tomou Sistu pela mão e correu para dentro do bosque, até uma gruta oculta debaixo de uma enorme castanheira. Só ela e Kopinani sabiam da fumaça, usada nos ritos de invocação de mosquitos. Deixou-o ali e disse-lhe para esperar até a noite, enquanto ela fazia preparativos para que ele pudesse sair da vila em segurança.

À noitinha, ela passou pela Pilpokali e perguntou se Jariô havia passado por ali.

– E como! – Respondeu Wítilin. Começou a descrever a cena e outros passaram a acrescentar detalhes e imitar as expressões e o modo de andar e falar dos visitantes. Divertiram-se por um bom quarto de século com o teatro improvisado, rindo a não mais poder.

Jariô marchou com a comitiva pela Casa dos Jovens adentro, com a capa e as insígnias de jinto reservadas às ocasiões solenes, como quem ocupa uma base

rendida. Levava muito a sério o posto de oficial da reserva, mantinha-se em forma com rigor e cobrava a mesma dedicação dos outros reservistas da vila. Apesar de ter deixado as fileiras quando Sistu ainda era criança e estar bem grisalho, conservava o porte militar e quase não engordara,. As rugas lhe sublinhavam a expressão severa numa carranca permanente, desta feita enfarruscada com especial capricho, que Olin e os outros se esforçavam por imitar, mas confessavam não chegar aos pés do original.

Oito antigos subordinados acompanhavam Jariô, formados como uma zessab, uma esquadra regulamentar. Alguns admiravam sinceramente o ex-comandante e procuravam imitar-lhe a catadura para melhor cumprir seu papel. Mas dois ou três disfarçaram mal o constrangimento e olharam para os jovens com uma cara de “por favor, conttenham o riso”. Um dos ex-guerreiros, pai de Witolin, lhe deu uma discreta piscada de olho.

“Onde está Sistu-quan, por Karmó?” Não sabemos, esteve aqui, mas já se foi. “E Tiakat-ké?” Também não está. “Esperarei.” Ali se plantou até o sol se pôr. Por julgar inadequado à sua dignidade aguardar mais tempo, decidiu voltar para casa. “Se virdes Sistu-quan, o avisem: se não vier falar comigo esta noite, nós o deserdaremos e sua covardia fará rir toda a província.”

Capítulo 7— As espadas do tio Moam

Ao saber dos últimos desdobramentos, Sistu acompanhou Tiakat à casa da Kopinani. Improvisou-se o conselho de guerra e a velha xamã lhe perguntou:

- Que pensas de ser deserdado, Sistu-bã? Isso é um golpe muito duro para ti?
- Para dizer a verdade, não. Não me importam as terras da família. Só quero aquilo que me pertence e está lá em casa.
- E isso é tão importante, meu filho?
- Sim, é. Minhas outras coisas eu posso deixar para trás. Não as espadas do tio Moam.

– Era o verdadeiro tio materno do Mistonti, titia, do qual ele gostava muito – explicou Tiakat. – Morreu em Duaraka quando Mistonti ainda era criança e Jariô herdou a autoridade sobre ele, como prevê a lei...

- Sei, sei, eu já morava aqui quando isso aconteceu. Mas o que quero saber do Sistu é por que as espadas são tão importantes para ele. São valiosas?

– Talvez valha uns cem ases, Kopinani-bã. Mas não é que queira vendê-las. Meu tio foi um *senzé xibastô*, um tenente de guerreiros de armadura de oricalco, em Duaraka. Durante uma estúpida escaramuça de fronteira, ele fez prodígios para salvar os homens da sua *zebás*, companhia, encurralada por inimigos, mas foi ferido

de morte. No hospital de campanha, enquanto agonizava, ditou uma carta para mim, dizendo que eu era seu sobrinho favorito e queria que eu ficasse com o que tinha de mais valor, essas espadas, que me entregaram quando eu ainda era um garoto.

– E foi com a morte do teu tio que os Zi Temtés ganharam a gleba do alto, não foi, meu filho?

– Sim. As terras de Raltlor foram redistribuídas para que Moam-ar recebesse um prêmio póstumo por seu heroísmo e a vinha foi incorporada às posses da família.

– Seria uma partilha justa. Teu tio-avô fica com a terra e tu com a espada.

– Não, não acho que seria. Ele não fez nada por merecer qualquer das duas, a não ser forçá-lo a se alistar como oficial. Como eu, ele não queria ir, mas acabou por ceder. Mas se nada posso fazer em relação à terra, a espada é diferente.

– Ah, agora sim, entendi.

Kopinani refletiu por alguns instantes.

– Sim, tu mereces ficar com a espada. Vamos ver...

Tiakat interrompeu:

– Posso fazer isso, titia!

Sistu cortou a sugestão com um gesto decidido.

– Nem pensar, Lelon! Se ele souber, vai te acusar de roubo e, se te pegar, te mata no ato!

– Calma, Mistonti! Está falando com uma xamã plena. Mas, se preferir, você mesmo pode fazer isso.

– Como? Com certeza, tem alguém de sentinela para o caso de eu aparecer!

– Mistonti-bã, nunca ouviu falar do ritual da invisibilidade?

Sistu fez uma cara incrédula.

– Heim? Pensei que isso fosse um segredo de Estado, conhecido só de grandes feiticeiros...

Kopinani piscou para Tiakat e sorriu.

– E quem te disse, meu filho, que não somos grandes feiticeiras?

Sistu não era um completo analfabeto nas coisas da magia, mas nunca tinha visto ou ouvido falar do ritual que se seguiu. As duas lhe tiraram a roupa e esfregaram todo o seu corpo com um óleo ainda quente, preparado no momento com azeite de oliva comum, mais algumas folhas, pós e poções que Kopinani tirou da arca. Aí começaram a dançar em torno dele, Kopinani batendo um tambor e Tiakat agitando uma maracá, cada vez mais frenéticas, a cantar uma litania em tlavatli arcaico, da qual ele só compreendia umas poucas palavras. A loucura continuou num crescendo por um ag³, até as duas começarem a urrar como se estivessem agonizando ou em pleno orgasmo. Sistu sentiu um súbito formigamento na pele. Tiakat e Kopinani pararam, ofegantes.

Assim que recuperou o fôlego, Tiakat falou:

– Mistonti-bã, está me ouvindo? Nós já não podemos te ver, ouvir ou cheirar. Você está invisível e o mesmo acontecerá como tudo o que puder carregar com você, inclusive fontes de luz. Ouça bem, este encanto dura um sê se nós não o interrompermos antes. É poderoso, mas tem suas limitações. Enquanto estiver invisível, não mexa em nada que esteja nas mãos de uma pessoa, ou sob vigilância atenta. Sobretudo, não ataque ou agarre ninguém. O efeito é mental, não corpóreo: se você fizer algo muito chocante, que as pessoas não consigam ignorar, o encanto pode ser quebrado. Vamos te esperar com a porta aberta. Se chegar antes de um sê, puxe esta corda e toque a sineta: assim, vamos saber que você está aqui e desfazer o encanto.

Sistu conhecia Tiakat o suficiente para saber que ela não brincaria com coisa tão séria, mas ainda assim estava um pouco cético. Enquanto subia a colina sob total escuridão – também Suquá entrara na fase nova – viu um velho pescador descendo com cuidado, também de lampião em punho. Sistu, bem mais alto, colocou-se de propósito à frente. O velho não tomou conhecimento. Só não trombou em Sistu porque este pulou de banda no último momento. Gritou com o velho, que seguiu seu caminho como se nada percebesse.

Encorajado, Sistu prosseguiu até o casarão dos Temtés. A porta estava fechada e Sistu não sabia o que aconteceria se tentasse abri-la. Podiam estar vigiando. Decidiu deixar o lampião em um canto seguro da varanda e entrar pela janela, que ainda estava aberta. Deu certo. O tio Jariô e Artás, sentados na sala, de frente para a porta, não o viram, nem o ouviram.

– Eu perdoaria tudo que ele quisesse me fazer, menos fugir e ir-se embora com meus sonhos... – disse Artás, entre chorosa e raivosa.

– Não te preocupes, minha querida, ele há de voltar ainda esta noite, com o rabo entre as pernas...

Bem que Sistu gostaria de ouvir mais, mas não tinha tempo a perder. Passou cauteloso por eles, com a desagradável sensação de ser um ladrão na própria casa. Mas ouvir a conversa lhe reforçou a sensação de não ter alternativa.

Takó, o cão de guarda da casa Temtés, deitava-se ao pé da escada, bem acordado. Costumava saudar a chegada de Sistu, correndo à porta da casa antes mesmo dela ser aberta, mas desta vez não o percebeu. O rapaz passou por cima dele com um passo largo e subiu, devagar, a velha escada de madeira. A seus ouvidos, ela rangia bastante e até o pulsar de seu coração fazia um escândalo, mas Jariô e Artás continuavam a conversa sem perceber nada. Sistu tinha a sensação de estar sonhando. Viu a mãe aproximar-se pelo corredor e grudou-se à parede. Ela esbarrou nele, mas não deu por isso e desceu a escada.

O quarto estava trancado. Coçou a cabeça. Derrubar a porta seria abusar do encantamento? Provavelmente. Não podia correr o risco. Desceu de novo, já

sentindo o suor escorrer pelo corpo, para buscar o molho de chaves, que costumava ficar pendurado na cozinha, do outro lado do pátio. Teve que passar de novo entre Artás e Jariô, agora acompanhados do tio de seu pai e de sua mãe, Zi Temtés Sannó, que permanecia tensa e calada. A atitude dela é a que mais o confundia. Mesmo entre os senzares, mães eram apegadas aos filhos. Conformavam-se quando os deveres para com o Casal Imperial ou o clã os levavam para longe, mas com relutância. A sua, porém, sempre fora distante e, nos últimos anos, mostrava-se ansiosa por vê-lo partir o mais cedo possível. O físico, a generosidade e as habilidades atléticas e intelectuais o haviam feito um ídolo de sua geração, mas tinha a impressão de que jamais conseguira ou conseguiria agradar a mãe. Por quê? Não sabia. Talvez fosse a mais forte das razões pelas quais cada vez mais sentia menos pela família e mais pelos amigos que tinha como verdadeiros.

– ... devíamos ter sido mais severos desde o começo, é de pequeno que se torce o pepino...

Ignorou a bem conhecida conversa do tio-avô e atravessou o pátio. Sua irmã e uma outra prima estavam lavando a louça do jantar e a argola com as chaves pendurada sobre as panelas. Pegou-o e voltou pelo mesmo inevitável caminho.

– ... Artás tem razão, é a má influência dos tlavatlis, não devíamos ter permitido que passasse tanto tempo com eles, digo-vos! – Jariô se exaltava.

– Que tlavatlis! – Atalhou o tio-avô paterno. – Foram aqueles teus amigos de Rasab, os Hihn! Foi deles que ele pegou essa maricagem com livros e velharias. E tudo por causa de tua tola questiúncula com o velho Jukad-zê!

Sistu ficou surpreso. Sabia das opiniões do velho Akós, mas nunca o vira enfrentar Jariô daquela maneira. Se não estivesse com pressa, gostaria de ouvir mais. Subiu, entrou, pegou de imediato o espadão do tio Moam e o cinturão e espada menor que a acompanhavam. Colocou-os. Improvisou uma trouxa com um lençol e reuniu tudo que podia levar – algumas roupas, o dinheiro que tinha na arca, documentos, os livros e cadernos mais importantes e quase nada mais. Hesitou em relação à velha *soqual*, a espada de madeira para esgrima esportiva, antes de enfiá-la no cinturão. Com um suspiro, deixou para trás os troféus conquistados nos jogos de Rasab. Tinham valor sentimental e material, mas eram volumosos demais. Fechou a porta, deixando ali as chaves.

A escada rangeu ainda mais na descida, mas ninguém notou. Sistu teve de passar com a trouxa entre a mãe e Artás, as espadas balançando do cinto. As duas mulheres piscaram, esfregaram os olhos e continuaram sua conversa, enquanto Jariô olhava, impaciente, para a porta, ignorando os resmungos do outro tio-avô. Sistu jogou a trouxa pela janela. Um gato foi apanhado de surpresa e berrou alto.

– Que foi isso? – gritou Artás.

Jariô correu para a porta, pensando que Sistu estava chegando. Antes que ele a

destrancasse, Sistu pulou a janela e carregou a trouxa em desabalada corrida pela rua, deixando para trás o lampião. Ouviu os chamados, berros e pragas do tio sumirem na distância enquanto descia cuidadosamente o escuro caminho para Tochiwayo. Por fim, chegou à casinha na beira do bosque. Enquanto Kopinani cochilava, Tiakat, de cócoras, fitava a sineta com atenção. Sistu, fascinado, acariciou-lhe de leve o rosto e ela continuou na mesma atitude. Tapou-lhe os olhos sem chegar a tocá-la e ela passou a mão pelo rosto, como se algo lhe perturbasse a visão. Então, cansou-se da brincadeira e tocou a sineta.

– Titia, acorde! Sistu chegou!

Kopinani bocejou. Tiakat pulou da rede e pegou um frasco com o óleo que tinha sobrado. Entoou um verso em tlavatli e jogou o óleo no fogo aceso do forno. Sistu sentiu a pele formigar. O encanto terminara.

– Oi, Mistonti, como foi? – ofereceu-lhe um trapo velho para que se limpasse do unguento.

– Eu me senti como minhoca em galinheiro, mas deu tudo certo – respondeu, enquanto se limpava.

– Agora, a gente precisa ir embora. Vamos embora. Titia, vamos manter contato, não é?

– Claro, minha querida. É só chamar que te ouvirei.

– *A gente* vai embora? Você vai junto? – surpreendeu-se Sistu.

– Foi sugestão da titia, mas gostei da ideia. Ela me indicou algumas pessoas a quem te apresentar, que podem te ajudar a conseguir o que quer. E também para mim, agora, é importante ir para a capital: a titia diz que já me ensinou tudo o que podia e que só lá vou poder aprender mais. Não quer que eu vá com você, Mistonti-bã? Se não, é só dizer...

– Ora, quero sim, isso é fantástico! Só fiquei surpreso.

– Bom, já estou pronta. Minhas coisas já estão no barco.

– Que barco?

– A canoa de Olin e Witolin. Deixei uma carta de despedida para eles, junto com quatro ases para comprarem outra. Também já avisei a mãe que vou ficar uns tempos fora para estudar em Atlântis. Vam'bora!

Os dois deram um forte abraço em Kopinani, os três lacrimejando juntos. A velha xamã os beijou. Despediram-se em silêncio.

A caminho do cais dos pescadores, Sistu e Tiakat viram, de repente, alguém descer às pressas da vila, com outro lampião. Sistu, tenso, pôs a mão no punho da espada. Quando a luz chegou mais perto, relaxou e suspirou. Era sua amiga taverneira, Ahatsunu bintu Ubar.

– Sistu-bã! Que bom que consegui encontrá-lo!

– O que foi?

– Nada de mais. Só quero te dar adeus e te desejar boa sorte, em meu nome e da Beletsunu.

Abraçou-o, beijando-o no rosto e lhe entregou um pacote. Não era muito grande e não fazia barulho, mas era bem pesado.

– Isto é um presente de despedida da minha irmã. Ela disse para só abrir quando já estiverem longe daqui. E esta cesta é o meu. Pode abrir quando quiser: tem um queijo, um presunto de mastô, um pão e uma ânfora do teu vinho favorito, para a viagem.

– Muito obrigado, Ahatsunu-bã! Não sei como agradecer!

– Basta ser feliz! Torceremos por você! Boa viagem!

– Deixe eu me despedir também, Ahatsunu. Eu vou com Miz... com Sistu!

– Tiakat-bã? Puxa, não sabia que vocês estavam juntos! Parabéns e boa sorte! – Chegou-se a Tiakat e também a abraçou com afeto.

– Bem, não exatamente juntos... – Começou Tiakat. – Mas depois escrevo para explicar. Muita sorte para vocês, também.

Desamarraram o barco, acomodaram a trouxa e a cesta e puseram-se a remar. Ahatsunu acenou uma última vez e voltou para a vila.

– Que Chiuknawat nos ajude – murmurou Tiakat.

[2](#) Um sê equivale a aproximadamente duas horas.

[3](#) Cerca de quinze minutos.

Capítulo 8 – O sonho de oricalco

Em um ag, alcançaram o outro extremo do lago, encontraram o estreito fosso que seguia rumo ao leste e chegaram a um canal muito maior, que fluía no sentido norte-sul. Sistu sentiu uma ponta de receio. Poucos ousavam viajar à noite pelos canais principais em um barco tão pequeno. Não era a estação de migração dos dragões, mas nunca se sabia quando um crocodilo gigante ou outro bicho perigoso podia aparecer. Era preciso confiar na clarividência de Tiakat para se correr o risco. Ao entrarem na boca do canal, pararam um pouco o barco. Ela fechou os olhos, respirou fundo, concentrou-se. Um momento depois, disse não ter sentido nada ameaçador sob a água, num raio de cem estádios: só elementais, botos de água doce, serpentes aquáticas, jacarés e os segans, animais aquáticos grandes e pescoçudos, mas quase inofensivos.

Em pouco mais de meio sê, passaram por Tosá. Ainda se via muito movimento na praça do mercado, que à noite servia de ponto de encontro de amigos e namorados. Suquá dava um suave tom rosado à pequena pirâmide branca de Sozin e Kukiô e às fachadas das tavernas e galerias comerciais. Sistu perguntou a Tiakat se ela gostaria de procurar uma pousada e descansar, mas ela achou melhor prosseguir. Era perto demais de Raltlor. Alguém poderia reconhecê-los e, sabe-se lá, avisar Jariô.

No meio da madrugada, cruzaram outro grande canal. Seguiram mais algum tempo e depois, cansados, fizeram uma breve parada para lanchar um pouco das saborosas provisões da Ahatsunu.

Tiakat esticou-se na grama. Sistu fez o mesmo, para lhe fazer companhia e saborear o canto dos pássaros alvoroçados pelo iminente nascer do Sol. Ao relaxar, teve a perturbadora impressão de já ter vivido aquilo. Cerrou os olhos, correu atrás da sensação fugidia e deu com um sonho recorrente, do qual raramente se lembrava quando desperto.

Era um escravo, numa fuga desesperada por montanhas cobertas de florestas densas e barrancos pedregosos, paisagem bem diferente dos morrinhos e várzeas densamente cultivadas nas quais Sistu crescera. Era noite escura e mal se divisava uma fímbria de Ved entre as árvores, mas por alguma razão via bem o caminho. Sua esperança era usar essa vantagem para deixar para trás os soldados e seus sabujos, cujos latidos podia ouvir. Saltava com precisão e agilidade sobre obstáculos que provavelmente os atrasariam e, talvez, também confundissem olfatos caninos.

Depois de uma eternidade angustiada os latidos ficaram cada vez mais longe, mas continuou a correr mesmo depois de deixar de ouvi-los. Se fosse apanhado, o

tratariam pior que a um animal. Quando as pernas já quase não obedeciam, chegou ao sopé da serra, à várzea coberta de mato e a um rio largo. Se o atravessasse, os cães perderiam a pista.

O pulmão lhe ardia, as pernas bambeavam, receava afogar-se. Mas seria uma morte piedosa, comparada com aquela à sua espera. Será que o amo o valorizaria o suficiente para perdoá-lo?

Xingou-se intimamente de frouxo e jogou-se n'água. A meio caminho, sentiu perder fôlego e deixou-se boiar de costas, suavemente impelido pela corrente. Em algum momento, perdeu a consciência, para recuperá-la encalhado entre aguapés. Com um último esforço, agarrou-se neles e se arrastou até a outra margem. Deitou-se, exausto, a ouvir os pássaros alvoroçados pelas primeiras luzes da madrugada. Por enquanto, sentia-se seguro. Mas só e sem ter para onde ir.

O fugitivo fechou os olhos. Sonhou ser um draco que sobrevoava uma vasta planície ao lado da amada companheira, em busca de caça. Duas criaturas enormes e fantasmagóricas então apareceram do nada e os cercaram em pleno céu. Ignoraram suas tentativas desesperadas de se comunicar e os detiveram com um poder irresistível. Então, os dois gigantes deram-lhes a escolher entre a morte imediata e um voto de eterna obediência a eles e a quem delegassem seu poder, pela qual viveriam eternamente. Ele e a amada entreolharam-se. Se pudessem estar juntos, prefeririam viver, mesmo como escravos. Viu-se aprisionado em um cristal dourado e translúcido, sem poder se mexer, mas com alguma percepção do exterior. Consolou-se ao sentir sua amada por perto.

Sistu teve então a consciência de que estava sonhando. De olhos fechados, sem saber bem o porquê, lembrou-se de uma acalorada discussão de taverna na qual os escravos vieram à baila. Continuou a pensar naquilo, entre dormindo e acordado. Ninguém em Raltlor os possuía. A pena de escravização, apesar de usada para ameaçar jovens turbulentos, não era aplicada desde que se tinha por gente. Para se ver um escravo de verdade, era preciso ir a Tosá ou esperar pela rara passagem do séquito de algum poderoso pela vila. Mesmo assim, a questão dividia opiniões e arrebatava ânimos.

O próprio Sistu, tão equânime ou mesmo indiferente em relação à maioria dos desacordos locais, tomava partido e se exaltava. Contra a escravidão e a maior parte da família e da vila, mas com apoio, de silencioso a entusiástico, dos melhores amigos. A própria Artás, tão conformista em tantas coisas, o aprovava na intimidade, apesar de lhe pedir discrição ante os mais velhos. Beletsunu era mais vocal e ele teve a satisfação de vê-la proclamar a recusa a possuir escravos mesmo depois de atingir um estatuto no qual isso era praxe. De Tiakat, nem se fale. Com um atrevimento tolerado só em loucos e xamãs, saracoteava onde Sistu hesitava em pisar. “Quero ver quando um estrangeiro escravizar um sobrinho do Imperador, se

essa merda continua”. Anos depois, a frase ainda o arrepiava.

Todos sabiam que Beletsunu era filha de uma escrava alforriada. De Tiakat, dizia-se, à boca pequena, que o pai fora um escravo de passagem pela vila. Mas ela mesma confiara a Sistu que não sabia. A mãe não gostava de homens, mas queria uma criança. Decidiu emprenhar de um estranho. No dia da visita do governador, tirou o pekenan e foi à taverna confraternizar com guardas, lacaios e escravos. Teve de ficar tão bêbada para fazer aquilo que, no dia seguinte, acordou no mato sem a menor ideia de com quem – ou com quantos – se deitara.

Mas e para ele, porque aquilo era tão importante? Os amigos só se manifestaram a sério depois que ele tomou a iniciativa. O tio Moam fora abolicionista, mas bem moderado. Foi um pouco para provocar o tio Jariô, talvez, mas o principal vinha de dentro. Antes ou depois de começar a ter esse sonho? Não lembrava.

Sentiu uma mão suave interromper-lhe a divagação com um afago no cabelo.

– Fez boa viagem, Mistonti-bã? – perguntou Tiakat.

– Hã? Já é dia? Acho que cochilei e sonhei.

– Mais que isso, pela vibração da sua aura. Nós, xamãs, chamamos isso de “pequena viagem”, uma versão muito atenuada de uma viagem astral. Acontece, às vezes, com pessoas comuns em momentos críticos da vida. É importante esperar e acordar a pessoa na hora certa para que ela se lembre e possa aprender algo com elas. E então, você se lembra?

Sistu resumiu aquilo de que conseguiu se lembrar. Ela achou curioso aquilo lhe vir naquele momento. Não tinha certeza da interpretação, mas reassegurou que não era um mau presságio.

Tiakat fez outro exercício de clarividência, sem encontrar mais ameaças. Continuaram a remar lentamente para o sul, a favor da corrente, por mais alguns estádios. Já era o dia onze, dia do lobo.

Estimaram ter feito cento e cinquenta estádios desde Raltlor. Exaustos, só procuravam onde descansar. Estavam já bem além dos limites do município de Tosá e não conheciam o lugar, mas às margens dos canais principais sempre se encontrava, de tantos em tantos estádios, pequenos embarcadouros cercados de casas de barqueiros e pescadores que costumavam ter quartos de aluguel para viajantes.

No primeiro cais que avistaram, amarraram a canoa e Tiakat foi perguntar por um quarto. Um pescador lhe ofereceu um anexo perto da própria casinha. Tiakat pagou, adiantado, o meio tical pedido pelo quarto. Explicou depois a Sistu: havia sondado de leve a mente do homem, era honesto e amigável. Sistu trouxe as coisas, fecharam a porta, jogaram-se nas redes, velhas mas confortáveis, e caíram em um sono profundo.

Capítulo 9 – O pomo de ouro

Já passava bastante do meio-dia quando Tiakat foi acordada por Sistu. Tomaram um banho rápido numa pequena queda d'água que uma das esposas do pescador lhes indicou, puseram-se de cócoras em uma clareira e atacaram de novo a cesta da Ahatsunu. Aí, Tiakat se lembrou do outro presente.

– Mistonti-bã, já estamos bem longe de Raltlor. Não quer abrir o presente da Beletsunu?

– Claro, eu até havia esquecido. Passe para cá.

Abriu o envoltório de seda decorada com arabescos e encontrou uma caixa de madeira vermelha e perfumada, com alça, fechadura e detalhes de oricalco e uma tampa em forma de pirâmide. Usou a chave. Arregalou os olhos.

Pegou o conteúdo e mostrou-o. Era como um *senquá*, um raro pomo dourado, doce, delicioso e sumarento, mais ou menos do tamanho de um punho de mulher, famoso por ter poderosos efeitos afrodisíacos sobre ambos os sexos. Essa fruta era rara e cara, pois as árvores, protegidas por colmeias de abelhas gigantes, cresciam apenas no âmago das florestas menos devassadas daquela terra e só frutificavam no final do inverno. Mas aquele pomo devia ser ainda mais valioso, pois era moldado em ouro. Parecia levemente mordido do lado e incrustado nesse ponto com minúsculos diamantes, que davam a impressão de saliva ou de umidade. Também havia um bilhete, que leu com atenção.

– Tá bom, Mistonti, você vai me matar de curiosidade ou vai me contar o que está escrito?

– Hã...

Embaraçado, Sistu leu.

“Sistu-xin, você me deu o melhor presente de despedida que alguém poderia desejar. Gostaria de retribuir com algo do mesmo valor, mas isso está além das minhas possibilidades. Aceite, pelo amor de Belit, esta pobre lembrancinha em nome de nossa velha amizade. Sempre sua, Siassiá-xin.”

– Siassiá-xin, é? “Linda-linda”. Gostei. – Tiakat fez um olhar maroto – Vou ficar imaginando como foi esse teu adeus.

– Será ouro maciço?

Tiakat pegou o pomo e o sopesou.

– Pelo peso, sem dúvida. Pela cor, é ouro de lei, do tipo usado em moedas. Só o metal deve valer mais de duzentos ases, sem contar as pedras e o trabalho do joalheiro.

– Lelon-bã, não posso ficar com isso! Tenho de devolver!

– Como? Não podemos voltar agora, nem enviá-lo por um mensageiro. A quem confiaríamos uma coisa dessas? Fique com o pomo, Mistonti, pode bem te tirar de algum apuro financeiro no futuro. Garanto que, para a Beletsunu, não vai fazer falta. A casa dela está cheia de coisas assim, que ela ganha dos clientes mais entusiasmados. E, mesmo sem contar os presentes, ela ganha bem mais de duzentos ases por mês...

– Já viu a sala da Beletsunu?

– Claro. Como amiga, várias vezes. Como cliente, uma vez.

– ???

– Não faça essa cara, Mistonti. Pode fechar o bocão. Você sabe que eu jogo nos dois times.

– Você nunca me contou que gosta de hetairas!

– Não é costume meu fazer isso. Foi só uma vez. Falavam tanto da Beletsunu que cismeiei de ir ver se ela era mesmo tudo o que diziam. Peguei minha poupancinha e fui. Foi na cheia do ano passado, quando você foi competir nos jogos de Rasab. Meia Raltlor foi lá assistir, Olin e Wítilin também. Mas eu tinha uma paciente em estado delicado e a ponto de parir e a Kopinani achava melhor eu ficar junto dela até o fim. Lembra?

– Lembro. E como foi?

– Ah, fantástico. Já ouviu alguém sair da casa dela e dizer que ficou decepcionado? Eu também não. E o engraçado é que ela, de coração, não tem nada de lésbica. Diz para quem quiser ouvir que gosta mesmo é de homens, e bem grandes. Trata homens e mulheres igualmente bem, mas só por profissionalismo.

– Ela te cobrou?

– Um precinho simbólico, de grande amiga para a melhor amiga. Só um ás. E passei a noite toda...

Pensativo, Sistu olhou o pomo de ouro.

– Por que nunca me contou?

– Ah, aconteceu um monte de coisas depois. Quando você voltou, eu já tinha esquecido.

– Nós nos conhecemos há tanto tempo e você ainda me surpreende...

– Você é tão fácil de surpreender, Mistonti... Precisa aprender a sacar mais as pessoas, ou não vai viver muito. Se não, precisa encontrar alguém que tome conta de ti.

– Pois é, e pensei que tinha encontrado...

– A Artás? Aquela cuidaria de você, mas assim como alguém cuida do cavalo com o qual poderá ganhar o primeiro prêmio no Hipódromo Imperial. Como você pôde? Se eu fosse você, nunca teria trocado a Siassiá-xin pela Artás...

– Não troquei. Foi a Beletsunu quem se afastou... e isso depois de eu ter brigado

tantas vezes com minha família para me deixar namorá-la.

– A propósito, por que você nunca deu um apelido para a Artás?

– Tentei dar... Como era mesmo? Ah, sim, Xison-xin.

– “Joia preciosa”. Que meigo!

– Mas ela não gostou. Disse que o nome dela era Artás e não queria mudar.

– Isso é bem a cara dela. Sabe, Mistonti-bã, acho que o que aconteceu vai acabar sendo muito bom para você. Artás nunca te deixou ser você mesmo. E o Jariô muito menos, é claro. Mistonti, me deixa satisfazer outra curiosidade?

– Qual?

– Me mostre essa tua famosa espada, que até hoje não tive ocasião de ver.

– Ah, claro.

Puxou-a da bainha. Era enorme e toda dourada, inclusive a lâmina.

– Que linda! Eu não sabia que era de oricalco. Por que nunca a usou?

– É muito perigosa. Qualquer engano pode matar ou aleijar alguém. Foi feita para cortar um guerreiro ao meio, com armadura de placas e tudo. Pode-se cortar lenha com ela, que nem perde o fio.

– Posso segurar?

– Pegue, mas com cuidado;

– Como é pesada! Você consegue manejá-la bem?

– Consigo usar com uma mão só, mas a maioria dos guerreiros precisa das duas. É por isso que o punho é assim tão longo.

– Agora entendo por que você disse que tinha medo de matar o Jariô...

– Gostaria de tentar manejá-la? Acho que, com as duas mãos, você consegue.

– Bom, deixe-me ver. É assim?

– Tente assim, com as mãos bem afastadas uma da outra – disse Sistu, passando para trás dela e ajudando-a a segurar a espada da maneira mais adequada – Faça uma finta para cá e agora dê um golpe lateral, assim, vê? Se fosse um inimigo, já teria cortado ao meio a espada dele. Ou o braço.

– Afe! É pesada, difícil de manejar com o pulso! Olha, se tiver de lutar a sério com alguém, prefiro meu varapau.

– Uma espada destas cortaria teu varapau como um barbante podre.

– Não o meu. Você precisa ver os encantamentos que pus nele.

– Agora, avance, dê o passo mais longo e mais rápido que puder e estique os braços assim, vê? – E a espada entrou fundo no tronco de árvore que fazia o papel de “inimigo”, como faca em manteiga quente.

– Muito bem, Lelon-bã. Sabe, esse golpe mortal é um velho segredo do clã Zi, a ser usado em último caso. Se possível, sem testemunhas. Talvez você seja a primeira pessoa fora do clã a aprender como se faz.

– Então estamos quites, pois já te ensinei coisas que um xamã só pode mencionar

a outro xamã...

Tiakat calou-se de repente e olhou com atenção para a lâmina dourada.

– Sistu, teu tio Moam chegou a te contar como conseguiu essa espada?

– Não. Imagino que tenha comprado com o soldo, em Duaraka ou perto de lá. Não é uma espada regulamentar do Exército, parece réplica de uma espada antiga. Por quê?

– Estou sentindo uma vibração estranha dentro dela. Tem uma magia poderosa.

– Sério? Que tipo de magia?

– Não sei, nunca senti um axé igual. Mas não entendo muito desse assunto. Teríamos de procurar um especialista em encantamento de armas. Só sei dizer que é um encantamento poderoso e permanente. Deve ter alguma senha para ativá-lo, talvez algo a ver com o draco moldado no punho. Mas é arriscado tentar descobri-la antes de saber com o que estamos lidando. Essa espada já é bem perigosa sem encantamento nenhum.

– Puxa, é bom saber. Agora, vamos continuar nosso caminho?

– Mistonti! Me sinto cansada e com os braços doendo, de tanto remar. Não precisamos mais ter tanta pressa.

– Acho que ainda dá para fazer quase cem estádios até o pôr do sol...

– Só se você conseguir remar sozinho...

– Tudo bem. Eu topo.

Poucos estádios adiante, encontraram outro grande cruzamento. Desta vez viraram a oeste. Um sê depois, o sol já os encarava desde a linha do horizonte. Encontraram outro porto de pescadores e Tiakat alugou outra cabana para os dois, no qual acabaram com a cesta da Ahatsunu. Por fim, uma noite bem dormida.

Capítulo 10 – Jogo de encaixe

Remavam calmos, a observar ora os saltos dos botos, ora os *segans* que, volta e meia, esticavam os pescoços compridos para fora d'água e os encaravam, curiosos. Um deles, ao tentar meter a cabeça no barco, levou uma remada de Sistu e mergulhou, assustado.

Já passava bastante do meio-dia quando Tiakat fechou os olhos e entrou em transe. Sistu esperou, atento. Pouco depois, Tiakat despertou, com os olhos arregalados.

– Mistonti-bã, acabo de falar com a Kopinani e ela me deu notícias de Raltlor. Segura bem teu queixo, Se não, se eu bem te conheço, você vai deixá-lo cair no fundo do canal. Desta vez, até eu fiquei surpresa.

– O que foi?

– Sabe dos recrutadores?

– É verdade, eles iam chegar ontem. Que aconteceu?

– Bom, hoje de manhã eles fizeram a lista dos voluntários e chegaram à questão do oficial.

– O Tanis se apresentou.

– Peraí, você não me obedeceu, deixa eu te segurar o queixo. Pronto. Claro, ele se apresentou, mas sabe quem mais?

– Quem mais?

Com o queixo preso, a voz de Sistu saía abafada.

– Como assim?

– Havia mais uma pessoa que preenchia os requisitos, da qual havíamos esquecido.

– Quem? Não consigo me lembrar de ninguém!

– Artás! Não disse que teu queixo ia cair? Bom, curta teu momento de estupefação... Já posso continuar? Bom, aí ela se apresentou, exigiu a vaga em nome da honra dos Zi e os recrutadores foram conferir os dados. De fato, ela teve o melhor desempenho escolar da geração em Raltlor. Também foi uma das melhores atletas, ganhou todos os jogos femininos.

Tiakat lembrou-se de algo, sorriu e ergueu a mão, contente, a tilintar as pulseiras:

– Exceto, claro, o salto e a corrida de um estádio, especialidades da Lelonzinha aqui presente.

Continuou.

– Superava o Tanis por uns poucos pontos. Tanis esperneou, alegou que ela só o superava nos pontos porque era mulher e não tinha de concorrer com um Sistu. Os

juízes resolveram lhe dar uma chance e propuseram um duelo de esgrima entre ele e a Artás. A Artás lhe arrancou a espada em três tempos...

Sistu riu e assentiu com a cabeça.

– Fui eu quem a ensinou a fazer isso...

– Agora, ela vai para a Academia das Amazonas e Tanis está inconsolável. A família receia que ele se mate e consultou a Kopinani.

– E Jariô, que achou disso?

– Acho que, se ele soubesse o que Artás pretendia, a teria impedido. Mas de tão abismado, ficou sem ação. Agora está dizendo para todos que se orgulha dela, que seu homem virou uma menina, mas sua menina virou um homem...

– Panaca.

– Concordo de coração, cabeça e fígado e o que mais houver para concordar.

– E de resto? Mais nenhuma novidade?

Tiakat riu.

– O resto é o previsível. Por exemplo, Olin e Witolin estão chorando as pitangas. Bem feito. Que aprendam a se virar sozinhos, antes que seja tarde. Bom, na cama eles sempre souberam fazer isso...

– Que companheiros você arranjou, hem, Lelon? E você é quem entende das pessoas...

– Pois é. *Xahrció ló, lotin ró*, “casa de carpinteiros, telhado com goteiras”, como vocês dizem. Mas tuas mulheres também foram de lascar, Mistonti. Todas elas...

– Não se esqueça que, de certo modo, você foi uma delas...

– Beeem de certo modo. Mas não estou me excluindo. Também não sou flor que se cheire...

Ele fez um ar sonhador.

– Você foi até a primeira...

– Mais que a primeira. Fui a número zero.

– Nós ainda éramos pequenos para isso, mas queríamos aprender a transar...

– Mas eu tinha vergonha até de pensar em fazer isso com outra pessoa. Só teria coragem se fosse com o melhor amigo.

– E eu também. E com isso acabamos transando de verdade antes dos outros da nossa idade.

– Mas durou pouco. E que sem-vergonhas acabamos nos tornando, heim? Bem, falo por mim.

– Teve também aquela vez na Casa dos Jovens...

– Essa não conta, pois o jogo do caco foi puro acaso. Mas gostei, mesmo se era outra a pessoa que eu queria naquela ocasião.

O caco é um jogo erótico da Casa dos Jovens, uma tradição do primeiro dia do Festival das Sementes, início da primavera. Primeiro se prepara um punhado de

discos de barro, em seguida cortados ao meio com linhas sinuosas ou em ziguezague, diferentes de disco para disco. Os pedaços são cozidos no forno e depois separados. As metades “masculinas” vão para uma cesta, as “femininas” para outra. Os rapazes que querem participar pegam pedaços da cesta masculina, as moças, da feminina. Depois descobrem qual pedaço se encaixa no outro – e vão passar a noite e transar com o portador da outra metade, seja quem for. O jogo era tlavatli, mas os jovens caris e senzares mais ousados também participavam, vez por outra. Sistu era um deles, Ahatsunu e Beletsunu, também.

Depois de um silêncio prolongado, Sistu voltou a falar.

– Da primeira vez que joguei isso, eu tinha tirado a Beletsunu...

– Nossa Siassiá-xin. Foi mesmo a primeira vez com ela?

– Foi. Aí ficamos quase três anos juntos. Quando tirei você, já tinha terminado com ela, mas ainda não estava com Artás... Não regularmente, quero dizer.

– Eram bons tempos...

– E não continuam a ser?

– Até há três dias, não eram tanto. Agora e daqui para a frente, já não sei. Espero que sejam.

– Lelon, posso te contar um segredo?

Ela riu.

– Segredo, Mistonti? Para mim, você não tem segredos. É transparente como água da fonte.

– Vamos ver. Olhe o que tenho aqui.

Mexeu na trouxa, tirou dois cacos de barro e os uniu. O encaixe era perfeito.

– Reconhece?

– Não me diga que... Você guardou todos?

– Não, só *este*. É o seu.

– Jura!

Tiakat olhou no fundo dos olhos dele, com todo o poder de sua clarividência. Sistu dizia a verdade. Ficou ainda mais assombrada ao perceber o quanto os sentimentos dele mexiam com os dela.

– Mistonti, Mistonti... Por quê?

– Ah, é difícil explicar. Sabe, houve ocasiões nas quais me senti mais apaixonado ou tive mais prazer. Com a Beletsunu, por exemplo. Também teve aquelas nas quais pensei ter encontrado a mulher certa para mim, como nas primeiras vezes com Artás. Mas dessa vez, a última em que transei com você, era uma espécie de felicidade diferente de tudo isso e que nunca mais encontrei. Era como ter encontrado meu lugar no Universo, alguém para quem eu seria a pessoa certa, a quem gostaria de dar a minha vida, fosse para gozar, fosse para sofrer. Ao mesmo tempo, fiquei com medo. Com medo de repetir a experiência e não sentir nada disso, descobrir que

havia sido só uma ilusão passageira. Com medo, também, de descobrir que não era ilusão e me jogar em um abismo sem volta.

Foi a vez de Tiakat ficar de boca aberta, estupefata. Algum canto da mente sabia disso há muito tempo, mas o resto se recusara a aceitar e ainda se recusava. Passada a paralisia, disparou a chorar convulsivamente.

– Mistonti, Mistonti-bã, Mistonti-xin... Me abrace, por favor! Estou com medo!

Sistu a abraçou apertado. Ficaram assim um tempo infinito, enquanto o canal arrastava a canoa para o poente. Tremiam como se houvessem sobrevivido a um terremoto.

Por fim, se deram conta de que já era quase noite. Já se via bem os chifres de Ved crescente: já era a noite do dia doze, um dia de touro. Viraram a canoa para o primeiro porto e, de novo, pediram alojamento. Desta vez, também uma refeição, pois a cesta da Ahatsunu já se fora. A dona da casa lhes serviu uma enguia cozida de sabor adocicado e arroz coberto com vécio, o tradicional molho de peixe fermentado da terra. Pagaram um tical pela refeição, mais meio pelo alojamento e foram à casinha de hóspedes.

Tiakat sentiu as mãos trêmulas ao ajeitar a vela na mesinha. No tempo do jogo do caco, lembrava, ele ainda não tinha barba, era menos alto que ela, mais bonito do que musculoso, não tão grande e forte. Mas isso era o de menos. Já fizera tantas vezes, de tantos jeitos, com tantos e tantas, inclusive ele, mas o que ia acontecer agora era especial.

Sentiu um leve toque nos ombros e ficou toda arrepiada. Virou-se, viu olhos negros como poços sem fundo. Braços meigos e poderosos a envolveram. Ele era agora bem mais alto, ela pôs-se na ponta dos pés para se entregar um beijo profundo e agitado. Nó na garganta, coração disparado, encostou o rosto no peito largo para ouvir o dele também bater forte. Qualquer mulher faria isso, mas ela via mais do que se passava ali dentro.

Nem sempre era bom ver o coração de pretendentes. Tiakat detestava, em especial, aqueles e aquelas cujo motivo principal era poder dizer “já comi”, transar pelo prazer da conquista ou para ganhar uma aposta. Um tesão sincero, mesmo passageiro, tinha muito mais chances de ganhá-la. Melhor se acompanhado de sentimentos de companheirismo e admiração, mesmo em criações como Olin e Witolin. Em Sistu havia muito mais, sonhos na qual ela tinha um lugar central, ideais e força de vontade para realizá-los. Tiakat quis ardentemente ser o lar dos seus desejos.

Mãos grandes e calosas as dele, mas ágeis e carinhosas. Mãos de xamã e parteira as dela, pequenas, leves e macias como poucas naquela terra de mulheres trabalhadeiras e retribuíram com prazer e habilidade. Sentiu como a ereção também crescera desde os velhos tempos. Seu vigor era uma lenda a arrepiar as garotas de

Raltlor.

Sistu ia deitá-la na rede, mas ela viu uma esteira enrolada a um canto e soltou-se para estendê-la no chão, como fizera há tantos anos. Era mais apropriado. Deitou-se, derretida e ansiosa para acolhê-lo, mas ele não teve pressa. Tocou-a e beijou-a com calma, onde mais a excitava, com uma habilidade também cantada em verso e prosa pela juventude feminina da vila. Sistu, por fim, aceitou o desesperado convite para entrar, feito com as mesmas palavras da primeira vez, lembrou-se ele.

Tiakat perdeu o norte e o sul, num espetáculo selvagem e igualmente lendário nas duas metades da comunidade. Um gozo de acordar e assustar a vizinhança. Foi só o começo. Várias vezes pararam e recomeçaram. Tiakat experimentou várias maneiras de lhe dar prazer. Já era quase dia quando cansados, precisaram dormir. Já a meio sonhar, Sistu falou:

– Lelon-xin, não era a ilusão. É mesmo um abismo.

– Estou nesse abismo com você, Mistonti-xin. Até o fim. Para o que der e vier. Mistonti-xin, a Siassiá-xin tinha razão – sussurrou Tiakat, já quase dormindo – Teu presente é muito mais precioso do que o dela. Sem comparação.

– Você se enganou, Lelon-xin – respondeu Sistu ao pé do ouvido – Sabe fazer também essa magia muito melhor do que ela.

Capítulo 11 – O bibliotecário de Rasab

Outro contato de Kopinani acordou Tiakat, já perto do meio-dia. Antes da mestra começar a esboçar a mensagem, a moça se apressou a contar as novidades da véspera. Não sabia ser possível a resposta que recebeu: uma gargalhada telepática. “Ah, minha menina teimosa, eu sabia. Demorou mais do que eu esperava, mas antes tarde do que nunca. Diga a teu Mistonti-xin que eu não só espero, como tenho certeza de que ele e tu sereis muito felizes juntos”. Prosseguiu até pôr Tiakat a par dos acontecimentos de Raltor.

Tiakat passou o seguinte meio sê refletindo. Sempre se orgulhara de poder ser a mais generosa e devotada das amantes, mas agora se dava conta de quanto era importante para ela ser a mais forte em uma relação. Dera-se a Olin e Witolin porque eles eram frágeis, não ameaçavam sua liderança. Fugira de Sistu, embora o desejasse, porque ele lhe parecia perfeito demais, capaz de dominá-la. Precisou descobrir que ele, embora belo, forte e inteligente, tinha fraquezas e precisava de sua ajuda e apoio, para que ela se sentisse à altura do homem que mais queria. Mas e se ele crescesse ainda mais no futuro, como seria estar no papel de a mais frágil do casal? Saberria mesmo amar nessa posição? Preferia não ter de descobrir a resposta. Faria tudo para pôr-se à altura do novo desafio, crescer ainda mais. Quanto mais?

Nesse ponto, Sistu despertou. Tiakat transmitiu-lhe os parabéns de Kopinani.

– Da próxima vez – disse ele –, pergunte-lhe como poderei agradecer tudo que ela fez por mim. Mas... Lelon-xin, como está Tanis-quan? Depois do que você me contou, fiquei preocupado com ele.

– Ah, não precisa mais se preocupar. Por enquanto, a titia lhe receitou uma boa dose de Beletsunu, o que lhe devolveu rapidinho a vontade de viver.

– Enquanto o dinheiro durar...

– Mas a Kopinani já tem a solução definitiva para ele. Depois de amanhã, os recrutadores vão passar em Teptor e ela soube que lá não há candidato qualificado para ser oficial. Ela está mexendo os pauzinhos com uns conhecidos no Exército para que alistem o Tanis como se fosse de lá e deixem para “corrigir” o engano quando ele já estiver na Academia. Não é a primeira vez que ela faz coisas assim.

– Tomara que dê certo. Tanis-quan sempre foi leal comigo, apesar de todas essas rusgas de clãs.

Tomaram um banho no canal, fizeram um almoço leve e puseram-se a remar. Passaram por mais um cruzamento de grandes canais e desta vez dobraram à esquerda, no sentido do sul. Rasab já estava perto e o intenso trânsito de barcos e navios já exigia atenção. Agora, não havia risco de topar com algum animal aquático

perigoso, mas sim de se chocar com embarcações maiores, algumas delas a rebocar pesadas toras de madeira.

Ela e Sistu reconsideraram a ideia de deixar o bote em Rasab e tomar um barco de linha para a capital imperial. Depois das descobertas da véspera, passou pela cabeça de ambos remar até o fim e fazer do percurso de dois mil e quinhentos estádios – algo como vinte dias de viagem, ao ritmo relaxado que agora seguiam – uma espécie de lua-de-mel. Mas resolveram prosseguir com o plano original. Seria uma viagem não só muito mais rápida, como mais segura e, no fim das contas, mais econômica. Teriam a lua-de-mel na metrópole.

Ainda bem antes do pôr do sol, chegaram ao porto de Rasab e atracaram junto a um comerciante de barcos. Depois de muito pechinchar, conseguiram vender a canoa de Olin por dois ases e meio. Pegaram as trouxas e pediram informações sobre os barcos de linha para a capital. A viagem levava três dias. Quatro embarcações partiam na manhã seguinte, mas só um deles ainda tinha camarote para dois, de segunda classe, ao preço de dois ases, refeições incluídas. Os outros, só redes, a meio ás cada uma. Ficaram com o camarote.

Sistu levou Tiakat a uma hospedaria de boa reputação, *Concha de Jade*, e adiantou meio ás à recepcionista, uma moça com bombachas verdes dos Sã, o clã da Corça, para passarem a noite. Ao sair, viu Tiakat esfregar umas folhas na porta do quarto e na janela, murmurando um feitiço protetor em tlavatli, como já a vira fazer em outras ocasiões. Adiantou-se para espreguiçar-se ao ar livre. Quando Tiakat saiu, deu-lhe a mão e a levou para apreciar a vista do alto da pirâmide de Sanin e Kaltlam, que dominava a praça principal.

As avenidas principais, pavimentadas com cubos de granito, se estendiam dez estádios na direção de cada ponto cardeal, da praça da pirâmide aos muros exteriores da capital provincial, estendida sobre a planície como um enorme tabuleiro. As imprecações dos impacientes condutores de carruagens, termás e elefantes que levavam suas cargas entre passantes apressados se sobrepunham aos ruídos da cidade, ainda mais que os relinchos, roncos e bramidos dos animais.

– Como essa cidade é grande, não, Mistonti-xin? – Tiakat exclamou.

– São setenta e cinco mil habitantes, dizem. Cinquenta vezes mais que Raltlor e Tochiwayo juntas.

– E sabe o quê? A Kopinani me disse que Atlântis é quase cem vezes maior que Rasab.

– Já li sobre isso. Seis milhões de pessoas! Não consigo nem imaginar uma cidade desse tamanho. Só vendo.

– Vamos ter de tomar cuidado para não nos perdermos um do outro, Mistonti-xin...

– Não se depender de mim, Lelon-xin!

Acocorados sobre os degraus, trocaram um beijo longo e molhado.

Sistu voltou a admirar a cidade, que lhe trazia muitas recordações agradáveis. No ginásio recebera ovações de torcedores entusiasmados, nas tavernas e hospedarias conquistara amantes de ocasião, lera coisas fascinantes...

– Topa passar pela biblioteca, Lelon-xin?

– Vai ter outras, muito maiores, lá aonde vamos.

– Não é pelos livros. Eu gostaria de cumprimentar Dermó, um grande amigo que trabalha lá – apontou para o canto noroeste da cidade.

– Você me falou dele, mais de uma vez. Vamos sim, quero conhecê-lo.

Seguiram a avenida para o norte. Canteiros de mangueiras e caramboleiras carregadas ajudavam a proteger do tráfego os pedestres que caminhavam pelas calçadas laterais de mosaico, mas ao fim de um dia quente já não bastavam para disfarçar o fedor dos montes de esterco. Ainda que de corte mais variado e elegante, as roupas dos senzares eram basicamente semelhantes às usadas na vila – um par de calças coloridas, sandálias e joias sobre os braços e peitos nus, exceto pelos mais friorentos, que se protegiam da brisa do fim de tarde com uma túnica. Os tlavatlis usavam tangas de cores vivas, coisa que costumavam dispensar nas aldeias.

Quase no fim, tomaram uma rua secundária à esquerda, ladeada por marcenarias e tinturarias em plena atividade. No final, havia um prédio branco, mais alto e imponente que os vizinhos. Antes de entrar, tiveram de se deter e reverenciar o privilégio de um portador de corrente de ouro que saía com um cortejo de servidores.

A entrada dava para um salão amplo, com muitas mesas longas e estreitas, cercado por colunas e uma sacada superior, acima da qual abriam-se grandes janelas. Somadas à claraboia do teto, proporcionavam uma boa iluminação, mesmo num fim de tarde. Ao fundo, uma estátua de mármore de Voris, deusa da sabedoria, abria um rolo de papiro. O ar cheirava a poeira, papel e suor.

Ao chegar, Sistu ouviu o primeiro gongo anunciar a aproximação da hora de fechar, seguido por suspiros dos leitores firmemente agarrados às leituras, cópias e anotações, pelo som abafado de livros sendo fechados ou apressadamente folheados e o guinchar de cadeiras arrastadas no chão de pedra lisa.

Apertou o passo na direção de um senzar de meia-idade que acabava de tocar o gongo, com o cabelo coroadado de penas e as calças azuis do clã da Águia. O homem apertou os olhos, sorriu para Sistu e avançou para o abraço.

– Sistu-bã, há quanto tempo! – disse o homem, – O que o trouxe a Rasab? Alguma competição?

– Não, Dermó-bã, estou só de passagem. Por fim, me decidi a conhecer a capital e tentar estudar lá.

– Conseguiu convencer a família? – admirou-se o bibliotecário – Pelo que você me contava, pensei que nunca lhe dariam permissão!

– Na verdade, não deram... – suspirou Sistu – Mas resolvi ir assim mesmo.

– Nesse caso, não sei se é uma boa ideia. Se eu fosse você... – começou Dermó, assumindo um ar mais severo.

– Deixe-me apresentar minha namorada, Tiakat-ké – interrompeu Sistu. Dirigindo-se a ela, continuou: – Lelon-xin, este é Hihn Zodô Dermó, zorciós, bibliotecário-chefe de Rasab, editor e livreiro.

Dermó apertou os olhos como para examiná-la. Conhecera Artás e, a julgar pela expressão, não aprovava a troca.

– Na verdade, o chefe é meu tio – explicou Dermó a Tiakat, com um tom formal –, mas cuido do dia-a-dia. Tiakat-ké, se você é companheira de Sistu-bã, pode se considerar minha amiga. Pode me chamar de Dermó-bã.

– Obrigada, Dermó-bã...

– Por favor – interrompeu Dermó –, deem-me licença para soar o gongo mais duas vezes e fechar. Depois, nos deem o prazer de jantar conosco, sim?

Sistu e Tiakat aceitaram o convite, esperaram Dermó e os auxiliares acabarem de recolher os livros dos usuários mais teimosos e o acompanharam à residência Zodô, na mesma rua. Uma quadra familiar urbana de média categoria: em torno de um pátio central, no qual havia uma fonte, dispunham-se quatro blocos de três pisos nos quais Dermó morava com irmãos, cunhados, pais, tios, filhos e sobrinhos, mais de vinte pessoas. Um dos blocos tinha um mirante mais alto, rematado por um pequeno domo.

Outros membros da família Temtés, agricultores ricos beirando a pequena nobreza, teriam torcido o nariz ante os cômodos relativamente acanhados e o costume artesão de morar nos dois pisos superiores para destinar a maior parte do térreo a lojas e oficinas, em vez de salões e cozinhas. Mas tinha em abundância algo a que Sistu dava muito valor: livros. Os Zodô eram copistas, encadernadores, editores e livreiros que vendiam seu produto por toda a província e além.

Dermó adorava mostrar a livraria e as oficinas a pessoas que apreciavam seu trabalho. Enquanto esperavam o jantar, passaram pelo menos um sê mostrando as ferramentas de encadernação, as prensas e as obras, algumas relativamente acessíveis e populares, impressas com blocos de madeira em papel barato, outras mais caras e cuidadas, resultado da aplicação cuidadosa de folhas de metal buriladas com texto e gravuras sobre papel resistente, sedoso e brilhante. As bancadas cheiravam a tinta, álcool, cera, ácidos e outras substâncias usadas no processo de gravação.

Sistu folheou com prazer várias obras que ainda não conhecia, até ouvir uma interjeição indignada de Tiakat, que examinava um grande volume calcografado. Naqueles caracteres estranhos, reconheceu a complexa escrita mugal. Não a entendia, mas era óbvio que a indignação da companheira era por causa da gravura,

na qual um menininha era violada por guerreiros altos e loiros. Ela folheou rapidamente o livro e deu com cenas de violência e tortura ainda mais cruéis, corpos esquartejados e canibalismo.

– Que livro horrível! – exclamou Tiakat – Quem pode querer ler uma coisa dessas?

– É uma obra séria e valiosa – respondeu Dermó, um pouco aborrecido. – Uma história real, mesmo que algumas gravuras talvez sejam um pouco... hum... sensacionalistas. A tradução senzar é bem vendida há muitos anos e hoje eruditos e escolas de línguas orientais pedem também o original mugal. Produzimos e distribuimos cópias para todo o interior. É um dos melhores produtos do nosso catálogo – disse, com orgulho.

– Vocês mesmos fizeram as gravuras? – perguntou Sistu, conciliador.

– Não, compramos as chapas de um gravador mugal da capital. Não saberíamos copiar essas letras estrangeiras sem errar. Mas a qualidade da impressão é Zodô e posso garantir que é melhor que a deles. A capa é toda nossa!

Mostrou a gravação em ouro do título: mais caracteres incompreensíveis, estes seguidos abaixo da tradução em senzar: *Arrozais da Morte*, por Maav Bayguar. O florido trabalho em couro era realmente bonito, mesmo se não tinha muito a ver com o conteúdo. Sistu elogiou a encadernação e Tiakat pediu desculpas por ter-se precipitado.

O jantar no salão dos Zodô foi farto, incluindo carne de mastô com cogumelos, arroz, camarões, vegetais empanados, purê de inhame, frutas e marçó à vontade. Dermó começou por dar conselhos paternais sobre reconciliação e a importância da família, mas à medida que emborcava a bebida, voltava a ser o amigo compreensivo e cúmplice que Sistu conhecia. No final, gargalhava a bandeiras despregadas com os pormenores da aventura e abraçava Tiakat, deixando-a admirada com a transformação. Não teve como duvidar da sinceridade dos votos de boa sorte e felicidade que deu aos dois, junto com dois livros de seu estoque. Para Sistu, ofereceu a última edição da mais antiga obra escrita em senzar, o *Épico de Guar Otis Quargad*, com o texto arcaico original, interpretação e comentários. Para Tiakat, a *Feitura do Corpo Humano em Quatorze Livros* de Sã Vesen Ander, uma obra enorme, muito reputada e cara – três ases e meio – pela qual a xamã se entusiasmara. Ela tentou recusar polidamente o presente desproporcional, mas tanto Dermó insistiu que acabou por aceitá-lo.

Capítulo 12 – Roubados!

Os dois voltaram pelo mesmo caminho, agora tranquilo, salvo pela atividade dos varredores e lixeiros e pelo burburinho dos teatros, tavernas e bordéis.

– Quer que eu carregue um pouco esse trambolho? – perguntou Tiakat.

– Não, deixe comigo – respondeu Sistu. O livrão era um incômodo, mas seus músculos dariam conta do serviço melhor que os braços finos e as mãos macias de Tiakat.

– Esse Dermó é engraçado. Primeiro, imaginei que ele ia me enxotar, depois que ia me dar uma cantada na frente de você e da mulher dele.

– Se ele bebesse um pouco mais, não duvido. É um dos caras mais sérios que conheço quando sóbrio e um dos mais doidos quando enche a cara. Mas eu lhe devo muito. Sempre que eu vim a Rasab, desde a primeira vez que participei dos jogos juvenis, ele me hospedou, me deu livros, me fez descobrir os mundos de conhecimento que existem além do que a escola de Raltlor podia ensinar.

– Por que era ele quem te hospedava e não alguém do teu clã?

– O tio Jariô tinha uma rixa com o líder do clã Zi em Rasab, acho que ainda tem... Algo a ver com disputa de lugares de honra num desfile militar. Os nossos costumavam pedir hospitalidade ao clã Hihn, pois Jariô conhecera Hihn-zê no Exército e esse clã, dizia Jariô, “é o segundo em valor”. O sobrinho do velho, Dermó, foi encarregado de me cuidar e gostou de mim. Depois me disse que eu lhe lembrava o filho que morreu pequeno de *passod*, a doença das marcas brancas, e era estudioso e inteligente. Meio que me adotou. Foi com ele que aprendi a gostar de livros sobre outras terras e outros tempos...

Ao chegarem à *Concha de Jade*, Sistu apoiou o livrão sobre um banco da varanda e flexionou o braço ligeiramente entorpecido pelo peso, enquanto a companheira entrava.

Um grito. De Tiakat. Sistu correu e quase trombou com ela ao chegar ao alto da escada. Ela o abraçou e gritou aflita:

– Mistonti-xin, fomos roubados!

O baú, aberto. As espadas do tio Moam, sumidas. O pomo de Beletsunu, também. Sistu respirou fundo, para espantar a raiva e clarear a cabeça. Felizmente, ele e Tiakat haviam levado o dinheiro nas capangas. O resto encontrou num instante, espalhado por ali, inclusive os preciosos cacos e a soqual de estimação. A janela estava travada por dentro, como a deixara.

Tiakat não perdera nada, mas estava ainda mais aflita.

– Não entendo, Mistonti-xin! – disse ela, chocada – Fiz um feitiço do círculo

protetor, e ainda está ativo, tenho certeza!

– Como funciona essa magia? – perguntou Sistu, pensativo.

– É difícil explicar a quem não é xamã... Mas primeiro, se concentra a vibração *fordiá*, como se diz em senzar, passando uma pedrinha de hematita sobre folhas de taquara...

– Não, não como se faz. Qual, exatamente, o efeito. O que acontece com quem tenta entrar?

– É como bater numa parede invisível. Durante doze sês, ninguém deveria passar além de nós, a menos que fosse convidado! Ou que fosse um mago capaz de entender e desfazer o feitiço, mas não foi, posso sentir isso!

– Hum... – disse Sistu, coçando a barba – O que você fez com a chave?

– Deixei com o porteiro...

– Lelon-xin, deixar a chave na portaria é permitir a entrada aos funcionários da hospedaria. Quando as pessoas querem que o quarto seja arrumado, por exemplo, entregam a chave. Não é comum que se aproveitem disso para roubar, mas...

– Crocodilos me mordam! – disse ela, batendo na testa – Que besteira a minha... Me perdoe, Mistonti, sou bicho do mato, não conheço a cidade. Nunca estive numa hospedaria antes – disse, quase às lágrimas.

Nisso, apareceu a idosa gerente, alertada pelo alvoroço. Ao ver a cena, não precisou fazer muitas perguntas para entender o que se passara.

– Poderoso Varjá! Outra... – interrompeu-se de repente, como se percebesse o perigo para a reputação do negócio. – Por favor, estamos dispostos a indenizar-te, basta nos dar o nome de quem possa atestar o valor dos objetos perdidos... Mas pelo amor de Muxan, resolvamos o assunto entre nós, sem escândalo e sem chamar a guarda! Se puder ajudar de qualquer outra forma, jovem Zi-quan... Sumiu algo de muito valor?

Ela parecia sincera, pensou Sistu, mas Tiakat saberia melhor. Olhou significativamente para a companheira, que assentiu levemente com a cabeça, para sinalizar que entendera o que ele queria.

– Perdemos duas espadas de oricalco e uma grande joia, um valor de mais de trezentos ases, creio. – respondeu Sistu à gerente. – Minha companheira tinha deixado a chave na portaria. Estimada Sã-zê, nos permitiria fazer já algumas perguntas ao porteiro?

Muito nervoso, o guardião disse que se lembrava das espadas, haviam lhe chamado a atenção quando Sistu chegara, e garantiu que a chave não saíra da portaria. Várias pessoas o viram ali, ficara quase o tempo todo. Ausentara-se dois ags, talvez, para jantar, a cozinheira podia confirmar, mas a própria neta mais velha da gerente cuidara da portaria nesse ínterim, como fazia muitas vezes, depois saíra e ainda não voltara. Não, claro que a herdeira da matriarca não faria isso. De qualquer

maneira, ela não passaria pela portaria com espadas grandes como aquelas sem ser notada. Talvez algum hóspede usasse gazuá, ou magia, nunca se sabe...

Sã-zê voltou a garantir que as perdas seriam indenizadas e pediu licença para sair e tratar do assunto com seus sócios e parentes, Tiakat segredou a Sistu:

– Os dois falam a verdade, Mistonti, tanto quanto sabem. Estão muito preocupados porque não é a primeira vez, tiveram muito trabalho para abafar o primeiro furto e receiam pelo futuro da hospedaria. Pensam que talvez possa ser mesmo a neta, mas não sabem.

– Lelon-xin, será que sua clarividência pode ajudar a encontrar as coisas?

– O pomo de ouro é só um pedaço de metal em uma cidade grande e a moça, uma entre milhares. Mas as espadas, se não estiverem longe, talvez... – disse, esperançosa – As auras delas são especiais, diferentes de tudo que eu já senti, fazem pensar em algum animal estranho. Mas preciso de calma e silêncio, deixe-me tentar lá fora!

No meio da rua silenciosa, Tiakat fechou os olhos, respirou fundo a brisa fresca da madrugada e esticou os braços e pernas por alguns momentos. Então voltou-se, entusiasmada:

– Mistonti, estou sentindo! Só alguns quarteirões, à frente e à direita!

Ia sair correndo, mas Sistu a segurou pela mão:

– Um momentinho, vou pegar nossas armas. Não sei se a moça ou quem estiver com ela sabe usar uma espada...

– Rápido, senão posso perder o rastro!

Capítulo 13 – Justiça à maneira senzar

Sistu foi num pé, voltou no outro e a seguiu, varapau na mão e soqual à cinta, feito caçador atrás do perdigueiro. Não fazia ideia do que teria levado a moça da *Concha* a roubar, mas tinha certeza do que se passara. Sua lógica, combinada à magia de Tiakat, não deixava outra alternativa. Via tão claro quanto se ele mesmo fosse clarividente: a moça de bombachas verdes e seios pontudos entrara no quarto, pegara as espadas que cobiçava, revirara às pressas o baú atrás do que mais pudesse ter de valor, jogara as coisas para um cúmplice debaixo da janela e voltara a fechá-la antes de retornar à portaria.

Por outro lado, imaginara que a correria teria fim ante alguma baiuca de má fama, mas agora se via em uma rua de canteiros de flores e mosaicos coloridos, a mais elegante de Rasab. E o que tinha à frente era uma joalheria imponente, às escuras, salvo uma janela iluminada em um balcão do pátio interno, entrevisto da grade do portão. Tiakat adormeceu o cão de guarda deitado no caminho soprando na sua direção uma folha tirada da capanga. Tregar a grade não foi problema.

Tinha de pôr-se no estado de espírito de tranquila integração com o ambiente, recomendado pelos mestres para um momento como aquele. Seria o primeiro combate sério da sua vida. Sistu espantou a raiva com um pensamento irônico: roubar de volta suas próprias coisas já estava virando um hábito.

Tiakat já ia tregar na figueira grande que crescia ao pé do balcão, mas Sistu lhe fez sinal para deixá-lo ir à frente. Deu-lhe o varapau e subiu com cuidado pelo galho, do tamanho certo para sustentar seu peso sem quebrar, até a altura adequada para ouvir o que se passava. Não ouvia voz de mulher, mas pelo menos três homens discutiam do outro lado da porta do balcão, uma veneziana de correr não muito sólida.

– Quinze pelas espadas, cinquenta pelo pomo – resmungou uma voz rouca. – Última oferta. É pegar ou largar.

– Absurdo! – respondeu uma voz mais clara. – O espadão, sozinho, vale mais!

– Essa lojinha nunca teve coisa igual – interveio uma terceira voz.

– Respeite-me, moleque! – respondeu a primeira voz. – Temos coisas melhores. Mas essas peças, mesmo sem ser tão valiosas, são incomuns. Não podemos exibí-las aqui, vão chamar a atenção. Teremos de desmanchá-las ou vendê-las longe. Não há como pagar mais. Sessenta e seis, para pôr um fim nisto!

“Pelo menos dois homens com espadas de oricalco nas mãos”, pensou Sistu, “e deve estar a moça. Se o comprador os desafia, deve ter força comparável do seu lado. Digamos, seis ou mais pessoas, na maioria armadas, ainda que provavelmente

não sejam campeões de esgrima. É, acho melhor pedir ajuda a Tiakat. Por via das dúvidas”.

Fez sinal à xamã, que esperava ao pé da árvore, saltou para o balcão e jogou seu peso sobre a veneziana, que desmoronou com um estrondo dentro de uma sala iluminada por um só lampião, decorada com antiguidades, porta fechada. Enquanto as pessoas que discutiam se viravam para ver, Sistu saltava para cima da mesa de madeira escura, soqual na mão. Cada um dos dois homens de pé atrás do velho sentado à cabeceira puxou uma quantal de tamanho e formato similar à sua soqual, mas com afiado gume de aço. Sistu partiu o braço de um e o pulso de outro com dois golpes secos e rápidos.

Sistu pressentiu alguém a jogar-lhe uma adaga nas costas e desviou-se a tempo. Truque de magia marcial. Mas o salto o fez escorregar na mesa engordurada e cair de lado. A mesa desabou sobre um lado e ele rolou sobre um homem e uma moça atordoados.

Ouviu Tiakat pular para dentro e o velho gritar por socorro. Um homem vestido à maneira do clã do Cão abaixou-se para pegar a menor das espadas de oricalco caídas no chão, mas levou uma bordoadada de varapau na cabeça e caiu desacordado, enquanto a espada deslizava pelo chão.

Sistu rolou enquanto seus dois primeiros oponentes, os quantais trocados de mão, tentavam acertá-lo, ajudados por um terceiro que havia estado sentado. Mas o varapau de Tiakat, que se esticava e curvava feito chicote, os pegou. Golpeou quantais e corpos, arrancou berros e gemidos e derrubou vidros, cerâmicas e bibelôs.

Sistu pôs-se de pé e alcançou com a esquerda a espada menor. Um grandalhão, brandiu desesperadamente a espada maior com as duas mãos, como para cortá-lo ao meio, mas de maneira a denunciar a própria falta de prática. Sistu decidiu que não precisava cortá-lo: deixou-se cair de costas e golpeou-lhe o pulso com a soqual que segurava na destra. Mais um grito e um antebraço quebrado. O espadão largado voou na direção da porta justo quando alguém a abria, atravessando-lhe o ombro direito como se fosse manteiga. O homem caiu, largou a arma e fez tropeçar o sujeito que tentava fugir com o pomo de ouro. Antes que recuperasse o equilíbrio, o varapau o derrubou de vez.

O pomo rolou na direção de Tiakat, que o apanhou e o meteu na capanga, esticada com o peso. Sistu pulou sobre o homem caído na porta, que gritava por socorro. O velho, encolhido num canto, era o único adversário ainda de pé na sala, mas outros vinham pelo corredor. Tendo uma espada em cada mão, não foi difícil a Sistu afastá-los enquanto Tiakat se aproximava, virava o homem caído à porta e removia com cuidado o espadão, sem esquecer um rápido feitiço para deter a hemorragia e adormecê-lo. Terminada a operação, Sistu fechou a porta e a barricou com a estante.

Mas o pandemônio já tinha eco do lado de fora. Ouvia-se brados de guardas a exigir que os deixassem entrar. Alguém foi tentar dissuadi-los, mas o líder mandou derrubar o portão. Cinco ou seis guardas, espadas desembainhadas, chegaram ao pátio quando Sistu e Tiakat desciam da figueira com os tesouros recuperados.

– Rendam-se, é a lei! – bradou o guarda com uniforme de *saptô*.

– Não somos ladrões, viemos recuperar o que nos foi roubado e ia ser vendido aqui – gritou Sistu, erguendo os braços.

– A senhora da *Concha de Jade* pode confirmar! – acrescentou Tiakat.

– Não interessa, – disse o *saptô* – entreguem as armas e para a detenção! Explicações são para o vidente e a juíza! Homens, entrem e façam descer todos nesse bloco! Todos são suspeitos!

Passaram o resto da madrugada nas celas do quartel da guarda, junto à praça da pirâmide, os dois mais a neta da gerente da *Concha*, um dos seus amigos e os adultos ilesos da família Ôh Sonpal – conhecidos joalheiros da Rua Galá – com exceção do mestre Ôh-hin, cujo estatuto lhe dava o privilégio de aguardar em liberdade. Os outros foram recolhidos à enfermaria.

Ainda de manhã, chamaram os detidos para interrogatório. Sistu foi um dos primeiros. A experiência foi menos desagradável do que receava. Os guardas o fizeram sentar-se e lhe prenderam os braços em uma cadeira. Um velho de manto branco, que lhe segurou as mãos e olhou o fundo dos olhos enquanto fazia perguntas, algumas banais ou irrelevantes, outras diretas, sem ordem aparente. Sistu, intrigado, respondeu tão honestamente quanto pôde. O velho mantinha-se neutro e imperturbável, sem dar sinais do que pensava das respostas.

– Por favor, responde rápido, tenho muitos a interrogar. Como te chamas?

– Zi Temtés Sistu, Quanciós.

– Que pensas do teu pai?

– Hum... É um homem amoroso e trabalhador, sério, honrado...

– Por que invadiste a casa Sonpal?

– Fui roubado. Minha companheira, que é xamã, sentiu que minhas espadas e meu pomo de ouro haviam acabado de ser levadas para lá.

– Quando chegastes a Rasab?

– Ontem à tarde, no quinto sê.

– Que tal te pareceu a pirâmide?

– Bom, é uma bela obra escalonada, tida como uma das mais bem preservadas no estilo *kallohn* do primeiro *sahr*⁴ da era imperial, com uma vista maravilhosa do alto...

– Como conseguiste o pomo de ouro?

– Foi presente de uma antiga namorada.

– Como te sentistes ao vencer o campeonato de esgrima do ano passado?

– Ah, foi muito bom. Me senti recompensado, vi os amigos aplaudirem...
– E ao derrubar vários homens, ontem à noite?
– Estava zangado, mas tentei manter a cabeça fria, quis recuperar minhas posses sem mais violência que a necessária.
– Quando conhecestes tua companheira?
– Somos amigos desde a infância...
– Um sobrinho de Ôh-hin foi ferido no ombro por um espadão. Tu fizeste isso?
– Não. Golpeei a mão do Gon-bin que me atacava com a lukem, ela voou da sua mão e atingiu o rapaz. Tiakat o tratou.

E assim continuou, uma pergunta seguindo rapidamente a outra, sem tempo para pensar. De repente, o velho deu por terminado o interrogatório. Disse aos guardas para levá-lo de volta e trazer outro.

Tiakat foi chamada pouco depois. Voltou dois ags depois, sorridente:

– Fique tranquilo, Mistonti-xin. O vidente é honesto e competente. Ponto para nós. No final da tarde, o carcereiro veio libertá-los e lhes devolveu as espadas e o pomo de ouro, com a intimação de permanecer para o julgamento. Estavam livres da suspeita de roubo, mas pendia a de lesão corporal em excesso de legítima defesa.

Dermó veio buscá-los e os convidou a dormir com sua família. Sistu e Tiakat, exaustos, aceitaram. Fora dia de serpente, a noite seria de duplo luar e muito romance para os jovens daquela terra, mas os dois já não tinham forças nem desejo de aproveitá-lo.

[4](#) O sahr é um período de 154 anos.

Capítulo 14 – Um sonho

“Brilham ao Sol armaduras de oricalco, douradas chamas da justiça”, cantava a velha marcha militar. “Ardem ao Sol as torturas de oricalco, tachos de cozer carniça”, haviam parodiado entre dentes os senzés obrigados a sair do conforto de Duaraka para atravessar o deserto, escaldante até no inverno. Mas não era hora de amaldiçoar o clima, muito menos as armaduras, pensou o xibastô. Graças à desastrada tática do comandante-em-chefe, o ximentô Ralfu-pás, sua zebás, sua companhia, fora encurralada contra um despenhadeiro impossível de escalar. Bem ou mal, entre seus guerreiros e a morte encarnada nos ferozes nômades baratis, inesperadamente numerosos, aquelas armaduras eram as barreiras finais.

Finais, mas não impermeáveis. De maneira suspeitíssima, os supostos bandoleiros em lombo de camelo estavam mais bem armados que o exército regular barati que seus homens haviam sido preparados para enfrentar. Cada um levava consigo duas ou três dorjes, aquelas armas mágicas cujos raios atravessavam as armaduras, ora deixando-os temporariamente paralisados ou entorpecidos, ora derrubando-os de vez. Muitos tinham espadas de oricalco, certamente tomadas dos nossos caídos, deduziu o xibastô.

“Ao menos, minhas espadas novas são muito melhores do que eu esperava, graças a Varjá”. Sabia que ia morrer, mas fazia questão de cair lutando. Já perdera a conta dos bandidos que abatera, mas estava cercado por cada vez mais deles e menos dos seus. O terbastô, seu superior imediato, já tombara.

Explosões. Não muito longe. Não são disparos de dorje, mas as nossas granadas. Um cameleiro rolou aos seus pés antes de alcançá-lo: ferido por flecha nossa! Apesar de tudo, o resto da tropa se aproximara e tentava alcançá-los. Uma súbita esperança o reanimou.

Gritou uma ordem e seus senzés que ainda estavam de pé se desdobraram por obedecê-lo, trocando a linha defensiva por uma cunha ofensiva, em uma tentativa tudo-ou-nada de atravessar o rio de nômades e abrir caminho até os camaradas do outro lado. Ele próprio assumiu a ponta da cunha e apostou a vida no espetacular par de espadas.

Avançou braças e braças, derrubando camelos e nômades como se fossem bonecos de palha, lutando como um demônio. Já ouvia gritos em sua própria língua do outro lado, só mais um pouco. Então, um tiro de dorje o atingiu. Berrou, convulsionado pelo choque brutal. Um nômade aproveitou para golpeá-lo de jeito com um espadão, abrindo a armadura no ombro e derrubando-o de costas no chão. Outro imediatamente abriu-lhe o ventre com uma espada de oricalco. Aterrado e

atordoado pela dor atroz, o xibastô viu as tripas lhe saltarem da barriga e soube que era o fim.

As flâmulas imperiais, as trombetas da nossa vanguarda. Nossos camaradas, finalmente chegavam. “Tarde demais para mim, mas cumpri o dever; alguns dos meus homens se salvarão”, consolou-se, quase alheio à confusão dos nômades que tropeçavam no seu corpo e despedaçavam seus intestinos espalhados, enquanto tudo se apagava.

Recobrou urrando a consciência da agonia. Uma escura tenda de campanha, luz de velas, choros e gemidos. Um enfermeiro bradou: “o xibastô acordou!” A feiticeira do batalhão atendeu. “Moam-pu, me entendes?” Assentiu, dentes cerrados, lágrimas escorrendo. “Sinto muito, receio não poder salvar-te. Vou acalmar a dor, é o que está a meu alcance” – disse, fazendo um passe sobre o ventre destroçado. Um pouco aliviado, Moam gemeu: “testamento”. A feiticeira o ouviu e mandou chamar um escriba, rápido.

Com a mente ligeiramente mais clara, o moribundo pensou no que ditaria. Veio-lhe uma visão do rosto da amada a beijá-lo na última noite em Raltlor; era preciso se despedir: “Ziriá-xin, deixo de lado meus lamentos para dedicar meus últimos momentos a amar-te...”. Voltou-se para encarar o escriba, notou suas espadas, embainhadas e encostadas contra a parede a seu lado. Uma lembrança para deixar a um menino muito querido. Veio-lhe o rosto quase púbere do sobrinho que tanto o admirava, Sistu...

Com um grito incontido, acordou sobressaltado, suado, arfante, o coração aos pulos. Viu as espadas encostadas contra a parede e por um momento se perguntou quem era e onde estava. Até ouvir o sussurro assustado:

– Que foi, amor?

Aliviado, Sistu reconheceu a silhueta de Tiakat contra a luz filtrada pela veneziana.

– Pesadelo. Acho – disse ele, ofegando –, nunca tive um assim!

Ela ajeitou-se na rede e pôs-lhe na testa a mão fresca e macia.

– Puxa, você está com febre alta! Sente alguma coisa?

– Não, já não...

– Você lembra o que viu?

– Eu era o tio Moam, fui ferido e estava morrendo... Me lembro perfeitamente. Tudo muito nítido, muito forte, era muita dor!

– Hum... Foi outra “pequena viagem”, não tão pequena desta vez. Foi quase um transe clarividente. Assusta gente não treinada em magia, mas não é perigoso, não se preocupe. É que tem essas espadas e passamos muita aflição e cansaço...

– Que têm as espadas?

– São um vínculo forte entre seu tio e você. A aura delas é potente e deve ter

absorvido um pouco das emoções do seu tio, que deve ter-se apegado muito a elas em seus últimos momentos – e mudou para um tom sensual – Agora deixe isso, não se preocupe, tudo vai dar certo, relaxe...

Sistu sentiu Tiakat beijar-lhe, carinhosa, os mamilos e depois lambe-lhe e morder-lhe a barriga, descendo bem devagar os lábios grossos e generosos. Convulsões bem-vindas lhe agitaram os músculos até não mais poder. Puxou-a para cima, retribuiu tão bem quanto sabia enquanto lhe acariciava os pequenos seios de grandes mamilos. Provou o gozo sem freios de Tiakat e a quis inteira. Ela deixou-se alegremente virar, Sistu agarrou-lhe os seios e penetrou-a com entusiasmo. Foram juntos ao além e voltaram, várias vezes.

Os corpos entrelaçados se acalmaram e ela adormeceu. Sistu cheirou-lhe o cangote familiar, com uma ternura mais profunda do que jamais imaginara possível. Sentia-se tão à vontade que ficou surpreso ao lembrar a si mesmo que era apenas a segunda vez que transavam como adultos.

Pensou no que já sentira por outras, mas só duas dignas de lembrança.

Beletsunu, Siassiá-xin, de um povo recém-chegado à vila, de reputação duvidosa, fora uma paixão intensa e quase proibida, defendida com ardor contra tudo e todos. O desejo que por ela tivera e o deleite que ela lhe proporcionara haviam lhe parecido os mais imensos que alguém já sentira. Se comiam e bebiam todos os dias, até a exaustão. É, na festa dos corpos ela ainda não tivera igual, talvez jamais tivesse.

Tiakat era instintiva e espontânea demais para ser tão lírica e refinada. Se não era tão perfeita na arte, que importava? Por isso mesmo, era a melhor amante. Dava-se a ele, Mistonti-xin, não a um ideal de virtuosismo erótico. Dava-se toda, sem condições, cúmplice de todas as suas imperfeições.

Artás, Xison-xin, o compromisso sério e aplaudido pela família, fora sua tentativa sincera de ser feliz sem deixar de respeitar os valores e tradições de um grande clã. Bela, corajosa, inteligente e dedicada ao ideal senzar da companheira perfeita: *lequah tahçar*, *lenuh loçar*, *lekeh feçar* – princesa na rua, camponesa em casa, prostituta no quarto. Insuperável no primeiro papel. No mínimo satisfatória, nos outros dois.

Mas quantas vezes a mulher se mostrava por trás da atriz? Só quando ele a contrariava, pensou. E, para azar do Tanis, mais ainda depois que a deixara. Não, estava sendo injusto. Bem que a tivera em alguns momentos de abandono. Mas ficaram cada vez mais raros quanto mais progredia o namoro e o noivado.

Recordou os últimos momentos felizes com Artás. A tarde de trabalho no plantio do algodão dos Akós, a ducha fresca no final, debaixo da qual admirava o corpo de pantera a se espreguiçar com aparente espontaneidade, mas escolhendo a posição exata para ressaltar, aos olhos dele, as curvas perfeitas e pele de bronze profundo

contra o sol poente. Depois, o caminho para a vila de mãos dadas, pela ladeira, pelo invejado vinhedo dos Temtés. Ela se aconchegou, lembrou-se de como o namoro começara num dia de serpente, depois de pisarem uvas juntos. Aí, o bate-boca na Taverna das Enguias o distraiu...

“Engraçado”, pensou, “a zanga de Tiakat me desviou a atenção do dengo de Artás”. Não, ainda não tinha consciência de que a queria tanto. Mas depois pôs na mesa aquela questão na qual, sabia bem, Tiakat o apoiaria contra Artás. Claro, aquilo estava entalado na garganta, mas como pudera escolher aquele lugar e momento? Depois, uma vaga saudade o espicacara a subir à pirâmide velha, sem saber se Tiakat estava lá. A surpresa de saber que ela ia acompanhá-lo. A decisão consciente de levar a sério a lembrança da comunhão quase mística de há tantos anos e se arriscar com ela.

Como se algo dentro dele fizesse mais questão de realizar seus próprios desejos que ele mesmo. Mas por que no último momento possível e não há anos, quanto teria sido menos penoso? Ah, questão difícil demais para a madrugada de um dia complicado. Mais valia descansar o quanto pudesse. Antes de se deixar levar pelo sono, felicitou-se pela escolha, ainda que tardia. Que tudo o mais desse errado, mas Tiakat continuasse com ele.

Capítulo 15 – O veredicto

Na manhã seguinte, Sistu e Tiakat foram julgados, ante uma audiência numerosa que se esforçaram por ignorar. A juíza, coberta com o manto de algodão não tingido que representava neutralidade em relação aos clãs senzares, os ouviu e depois ao testemunho do vidente, do saptô e dos feridos. Retirou-se por um sê para meditar e voltou para ditar a decisão. Haviam cometido uma imprudência perigosa, mas considerados o valor sentimental dos objetos roubados, os bons antecedentes, o socorro à vítima, a juventude dos réus, e a sua cooperação com a justiça, decidira-se por uma advertência formal e uma multa leve – três ases para cada um. Reteve-os, além disso, para depor no julgamento dos demais acusados.

Foi desagradável. Na maioria, os Sonpal mal tinham noção do que acontecera e foram absolvidos, mas o velho Ôh-hin e os três parentes que lhe serviam de guarda-costas foram acusados por receptação.

Como portador de três correntes de prata, Ôh-hin teve os privilégios de ser representado por um advogado e julgado por outra juíza, de corrente de ouro. Depois de dois dias de debates, a juíza decidiu que o joalheiro não tinha certeza da origem criminosa dos bens que tentara comprar, uma atenuante. Por outro lado, veio à luz que não fora a primeira vez, uma agravante. No fim das contas, Ôh-hin foi rebaixado a Ôh-zê, condenado a uma multa de quinhentos ases e declarado inapto para dirigir a casa Sonpal, responsabilidade transferida ao mais próximo herdeiro não implicado. Os três parentes presentes à negociação de bens furtados foram excluídos da linha sucessória e condenados a prestar serviços à municipalidade por dois anos. Sistu teve pena do velho, que gemeu quando lhe trocaram uma corrente de prata por outra de bronze como se lhe amputassem um braço. Parecia alquebrado. Mas Tiakat segredou ao ouvido do companheiro:

– É uma encenação, um acordo de camaradas. Quinhentos ases são pouco para ele, e o velho vai dirigir a família, usando o sobrinho como testa-de-ferro. O rebaixamento é a única punição real, mas um grau é o mínimo que a juíza podia lhe tirar sem dar na vista.

Seguiu-se o julgamento da jovem Sã Okpar Riofá, keciós, e dois cúmplices, um namorado e um amigo do clã Gon, do cão. A investigação do vidente trouxera à luz, além daquele furto, outros crimes dos quais os três participaram – na verdade, boa parte dos furtos, vandalismos e agressões não esclarecidas em Rasab nos últimos dois anos, conforme depôs o comandante da guarda. Alguns desses casos envolviam ainda outros jovens de famílias respeitadas. Um escândalo como não se ouvia lá há anos.

Sistu ruborizou-se, ao saber de mais pormenores e ouvir os acusados. De diferentes maneiras, também eram jovens aprisionados pelas expectativas do clã ou da família, frustrados nos sonhos e ignorados na individualidade. Aqueles impulsos lhe eram familiares, embora lidasse com eles com mais inteligência.

Nenhum dos delitos, por si só, justificaria uma pena tão drástica, mas a lista impressionou a juíza. Conforme a sentença, tratava-se de uma punição exemplar, uma advertência à juventude de Rasab. Os três foram condenados à escravidão. Seriam vendidos em hasta pública e a receita revertida aos cofres do município.

Os compradores não poderiam alforriá-los antes de passados onze anos da sentença. Tratava-se de evitar o arremate por algum amigo ou parente disposto a libertá-los em seguida. Assim, a condenação tornava-se quase vitalícia, pois poucos amos dispunham-se a abrir mão de escravos enquanto não se tornassem inválidos.

Terem sido condenados como ladrões não os desvalorizava. Outros escravos haviam cometido crimes mais graves – ou, pior, eram presas de guerra, com motivos para odiar todo o povo do qual era cativo. Mesmo os nascidos na escravidão não eram confiáveis, sempre se sentiam no direito de aproveitar-se dos descuidos do amo quando pudessem – e a mercadoria mais valiosa que lhe poderiam roubar era justamente a que mais tinham à mão, eles mesmos. O preço da escravidão é a eterna vigilância.

Seguiu-se a execução. Os rapazes e a moça choraram como crianças enquanto os guardas os despiam das insígnias de clã e das correntes de estatuto e lhes colocavam a coleira de cobre dos escravos, antes de levá-los à cela na qual aguardariam o leilão.

A cena deixou um nó na garganta de Sistu. Dessa vez, Tiakat, que não se impressionara com a condenação do velho joalheiro, foi abalada. Lágrimas lhe escorreram pelo rosto. Em calorosos debates de mesa de taverna com os amigos, ambos já haviam defendido juntos, muitas vezes, opiniões fortes contra a escravidão, mas em Raltlor não viviam escravos desde que se tinham por gente. Confrontavam a instituição na vida real pela primeira vez – e justamente numa situação que os fazia se sentirem algozes.

Liberado pelo tribunal, Sistu correu atrás da avó da moça condenada, que saíra amparada por duas parentas mais jovens, as três com mantos azuis-escuros do luto sobre suas roupas normais. Parecia ter envelhecido décadas. Tiakat o acompanhou, sem saber o que ele pretendia.

– Venerável Sã-zê, ouça-me, por favor! – gritou Sistu.

– Jovem Zi-quan, queríamos mesmo falar contigo – respondeu a senhora. – Precisamos te pedir perdão pela minha neta.

– Sou eu quem pede perdão – respondeu ele. – Eu não queria essa desgraça. Quis recuperar coisas cujo valor, para mim, não podia ser compensado em dinheiro, mas

agora penso que agi mal. Elas significam muito para mim, mas não mais do que a liberdade da neta significa para vocês.

A velha suspirou. As duas mulheres que a acompanhavam cerravam as bocas, tensas. Tiakat lacrimejava em silêncio. Transeuntes pararam para escutar.

– Eu te perdoaria, Zi-quan, se houvesse o que perdoar. – engrolou, por fim, a senhora. – A culpa foi nossa, por tentar varrer a sujeira para baixo do tapete e não querer ver o que se passava debaixo dos nossos narizes. Nossa dor é uma punição merecida...

– Sã-zê, eu gostaria de amenizar essa dor – disse Sistu. – Quero lhe oferecer o pomo de ouro. Sua venda renderá o suficiente para pagar a alguém da sua confiança para arrematar sua neta e mantê-la em condições decentes, à sua vista, até que possa ser alforriada.

Uma das mulheres – seria a mãe da moça? – olhou timidamente para a senhora como a implorar que aceitasse, mas a matriarca virou o rosto para o outro lado.

– Não, Zi-quan, definitivamente não – respondeu Sã-zê com mais firmeza, mas dirigindo-se mais aos passantes que a Sistu. – Tu não compreendes. Minha neta Riofá lançou sobre nós uma mancha dura de limpar. Proteger quem roubou nossos clientes e causou tamanho escândalo seria o fim de nossa hospedaria. Não podemos sacrificar o futuro de uma família decente ao desvario de uma louca. Muito menos com o dinheiro de um cliente.

– O joalheiro Ôh-hin, digo, Ôh-zê, não parece ter tantos escrúpulos em relação ao que aconteceu – argumentou Sistu.

– Nós somos diferentes – retrucou Sã-zê, orgulhosa – e a desonra da família Sonpal é menor. Os clientes deles não têm de que se queixar, foram terceiros, desconhecidos, os lesados. Por favor, se queres amenizar a dor desta velha, peço que aceite nosso pedido de perdão e estas moedas – com um gesto dramático, tirou da capanga uma mão cheia de ouro e o meteu na mão Sistu. – Eis dois ases pela passagem de barco que perdeste, meio ás da diária, mais seis pelas multas que tu e Tiakat-ké tiveram de pagar. A família Okpar te implora que aceites, para que possa voltar a trabalhar de cabeça erguida – completou, no tom de quem não admite um “não” como resposta.

Perplexo, Sistu ia fazer uma objeção, mas a senhora virou as costas e se afastou a passos duros e rápidos, arrastando consigo as acompanhantes.

Capítulo 16 – A irmã dos escravos

O grupo de curiosos dispersou-se, salvo uma figura curiosa. A mulher, que estivera na audiência do tribunal, parecia senzar, mas se vestia com uma pekenan e uma gasta tanga colorida, como as tlavatlis da cidade; o cabelo curto e arrepiado não correspondia às tradições de nenhum clã do qual Sistu tivesse ouvido falar. Não usava corrente de estatuto. Só uma louca ou um buciós muito relapso se permitiria tal descuido, mas o olhar firme e inteligente não dava espaço para nenhuma das suposições.

– Sistu e Tiakat – disse a desconhecida, com uma confiança que teria irritado a maioria dos senzares –, acompanhei o caso e fiquei muito tocada. Querem conversar sobre tudo isso?

Normalmente, para tentar pôr em ordem pensamentos e sentimentos tão confusos quanto os inspirados pelo momento, ele teria preferido refletir a sós ou com Tiakat. Mas aquela mulher excêntrica o intrigava. Olhou a companheira, que ergueu os ombros, como a dizer “por que não?”

– Você me desculpe – disse Sistu, desconcertado com a falta de posição social aparente da estranha –, mas como devo chamá-la?

A desconhecida sorriu, satisfeita.

– Meu nome é Rarihn.

“Irmã de escravo? Estranho nome”, pensou Sistu.

– Rarihn, posso perguntar por que o interesse?

– Podemos ter algo importante em comum. – disse ela com um sorriso cúmplice e olhando também para Tiakat. – Como o desconforto em relação à escravidão e talvez outras coisas mais.

Mexia em um ponto sensível. Sistu quis saber o que ela tinha a dizer. Mas não na praça do foro, com todo o movimento de fim de tarde.

– Vamos a algum lugar mais tranquilo?

– O parque, ali atrás – indicou com o polegar –. Vocês me acompanham?

Era um quadrado de mais de um estádio de lado, atravessado por alamedas escuras e tortuosas entre árvores antigas. Já escurecera e as últimas crianças o deixavam quando ali chegaram. Com a noite mais avançada, era um lugar convidativo para namoros ousados, recordou Sistu com um sorriso, mas naquele momento estava vazio.

– Vamos nos sentar por aqui? – perguntou Rarihn.

A mulher sentou-se sobre uma raiz grossa. De pronto, Tiakat acocorou-se à sua frente. Sistu ia acomodar-se quando pressentiu uma aproximação sorrateira. Nenhum

som, mas o treinamento em magia marcial não lhe permitia ignorar a sensação na nuca, e ele estava desarmado. Sem pensar, pulou para trás, agarrou com força o corpo adivinhado, arremessou-o sobre a grama de barriga para o chão, aplicou uma imobilização fulminante. Procurou o ponto certo para golpear o adversário e deixá-lo desacordado, se reagisse. Então percebeu, surpreso, que não era humano. Parecia um grande felino.

Tiakat abafou uma exclamação.

– *Apetá!* – ouviu Sistu. “Eu me rendo”, como diria um esportista. Uma voz que soava como um rugido, embora fosse claramente articulada.

Rarihn riu.

– Pobre Kuntal, se lascou! Sistu, por favor, solte-o, esse soan é meu amigo. Ele não devia ter-se aproximado desse jeito, mas é meio desconfiado com desconhecidos. Bem feito, já é mais que tempo de aprender a ter modos!

Ainda em dúvida, Sistu afrouxou a chave e pôs-se de pé. O ser ergueu-se e voltou-se devagar, erguendo as mãos para pedir paz. Era tão alto quanto Sistu e usava apenas um colete curto e apertado. Os olhos brilhavam como faróis no rosto de jaguar, marcado por uma funda cicatriz do lado direito, sobre a qual o pelo não crescia.

– Você é bom nisso – disse Kuntal –, parabéns! Nunca fui derrubado com tanta rapidez.

– Um soan! – exclamou Tiakat – Kuntal, me deixa tocar você?

– À vontade – ronronou o homem-jaguar, divertido – mas sem mais golpes, tá?

A curiosidade era natural. Não havia soans em Raltlor, de nenhuma espécie. Mesmo Sistu, que estivera muitas vezes em Rasab, apenas vira homens-animais e mulheres-animais à distância. Mas todos eram guardas ou servidores de luxo de algum corrente-de-ouro, enquanto este não usava coleira servil.

A xamã não se satisfazia com o que os olhos viam. Apalpou os braços, peito e cabeça e depois cheirou a própria mão.

– A aura, os ossos e músculos são uma mistura – concluiu Tiakat –, que tem mais de gente que de bicho. Mas os olhos e cheiro são de onça! Igual à do circo...

– Uma mistura bonita, ao menos para o meu gosto – comentou Rarihn. – Mas eu tinha outra coisa a lhes dizer. Eu sou sacerdotisa de Xeló – disse ela, voltando a se sentar. Sistu e Tiakat voltaram a se acomodar. Kuntal esticou-se de bruços, ouvindo.

– Xeló? Quer dizer, Chiuknawat? – perguntou Tiakat.

– Esse – respondeu Rarihn, satisfeita –, é o antigo nome tlavatli de Xeló, a sem-teto. Você com certeza a conhece – fez um gesto, esticando o polegar e o mindinho: *chiuk* e *naw*, em tlavatli. Representavam cinco e quatro no sistema de numeração desse povo, somando nove, pois o nome original da deusa significava “nove águas”.

– O que faz aqui? – perguntou Sistu. – Não há templo de Xeló em Rasab.

– Não há em lugar algum, mas há em toda parte – respondeu ela. – O templo de Xeló Chiuknawat é o espaço aberto. Os sacrifícios que a ela mais aprecia são os de grilhões e correntes e nós viajamos em busca de uma oportunidade de oferecê-los... Será que você me entende?

– Ou seja, vocês ajudam escravos a fugir. – Concluiu Sistu.

– Ah – suspirou Rarihn –, mas isso seria um sacrifício ilegal e perigoso. Pode custar nossa própria liberdade, e não agrada à Deusa soltar um escravo para prender outro. Não, nós mostramos a senhores de servos e escravos as vantagens de cultuar Xeló e lhe oferecer a alforria de alguns de seus escravos. E também interessa à Deusa o sacrifício de outras correntes. Coisas que prendem de outras maneiras.

– Como as tradições do clã e as expectativas dos outros? – perguntou Sistu.

Estava escuro demais para poder afirmar, mas lhe pareceu que os olhos de Rarihn brilharam.

– Sim! – respondeu ela. – Mas as pessoas também se acorrentam a coisas e posições que desejam ou têm medo de perder. Por meio de correntes como essas que vocês usam. – apontou para a corrente de prata de Sistu e as de bronze de Tiakat.

– Como assim? – contestou Tiakat – Elas não me prendem a nada. Só mostram quem eu sou.

– Não mostram quem você é, mas quais direitos e privilégios você tem – disse Rarihn – e impõem limites. Afastar-se de pessoas cuja corrente não é de metal bom o bastante. Deixar de fazer coisas impróprias a seu estatuto. Abrir mão do certo e do justo, por medo de perder a corrente que tem ou a oportunidade de ganhar uma melhor...

Fez um intervalo, à espera da objeção que não houve. Tiakat fechou os olhos, como se estivesse muito concentrada. A sacerdotisa dirigiu-se a Sistu:

– Como aquela estalajadeira, Sã-zê. Você lhe propôs uma maneira razoável e legal de amenizar o destino da neta e ela recusou...

– Entendi que a preocupação dela era a família – interrompeu Sistu.

– Não, Sistu – retorquiu Rarihn, balançando a cabeça – ela não foi sincera. Rasab não é tão intolerante. A questão é que Sã-zê tem ambição, mas poucas qualidades além da reputação de baluarte moral. Sonha liderar a guilda e abrir caminho para entrar no Conselho da Província e usar a corrente de ouro antes de morrer. Estava para subir um grau e morre de medo de perdê-lo se não se mostrar mais dura que a lei.

Sistu pensou um momento. Talvez ela tivesse razão. Mas...

– Não acho que seja o meu caso, Rarihn. – argumentou ele. – Já me aconteceu de abrir mão de subir um grau por preferir outro caminho.

– Se é assim, ótimo – disse Rarihn, – Saiba ou não, você é sacerdote de Xeló e já

lhe ofereceu sacrifício, veja só. E isso que usa não é uma corrente de estatuto, é um adorno sem importância. Será mesmo? – Virou-se para a xamã. – E você, Tiakat, o que me diz?

– Sou uma mulher que chegou a keciós dedicando-se muito àquilo de que gosta e é bom, que é salvar e melhorar vidas. Me orgulho de como ganhei isto – disse, tirando a corrente e girando-a no dedo – mas não me prende. – Jogou-a para o ar e apanhou-a de novo, com um gesto ágil. – Sou quem sou e faço o certo, com estatuto ou sem.

A sacerdotisa ficou sem resposta. Kuntal riu e quebrou o silêncio:

– Vai, Rarihn, sua vez de dizer *apetá*.

– Hum... – a mulher dirigiu-se a Tiakat –, vocês são incomuns. Mas se nossas opiniões já são semelhantes, é mais uma razão para que nos conheçamos melhor. Todos precisamos de aliados. Vão para Atlântis, não é? Temos amigos lá que podem ajudá-los...

– Um momento! – Tiakat ergueu a mão – Se nos quer como amigos, comece por dizer a verdade sobre o que fez e o que pretende da gente. Sistu e eu temos o direito de saber antes de decidirmos se queremos correr esse risco.

Kuntal gemeu. Sistu olhou para Tiakat com cara de interrogação. Rarihn balbuciou, desconcertada:

– A verdade... mas que verdade...?

Tiakat voltou-se para Sistu.

– Mistonti, ela mentiu sobre uma coisa importante.

– Qual?

– Eles ajudam escravos a fugir, sim. Kuntal é um deles.

O soan levantou-se, sobressaltado, mas Tiakat o segurou pelo braço.

– Calma, Kuntal. Nós não dissemos se recusamos. E mesmo que recusemos, não vamos contar isso a ninguém, eu prometo.

– Como soube? – rosnou o jaguar – ela disse que ninguém lhe poderia ler a mente.

– O Véu de Chiuknawat – explicou Tiakat – é um dom sacerdotal que em geral funciona melhor do que *voziohu* ou qualquer outro amuleto contra sondagem de mentes. Mas não contra quem está do lado de dentro do mesmo véu!

– Você é iniciada? – perguntou Rarihn, surpresa.

– Não, não sou sacerdotisa. Mas sou uma grande amiga de Chiuknawat – disse Tiakat, como se falasse de Kopinani. – Eu a conheci no além e ela me escolheu para baixar e dançar com o povo de Tochiwayo. Sei bem como ela pensa e sente e tenho o maior prazer em agradá-la, mas sabendo o que faço. Agora, nos conte essa história direito!

Sistu já vira a cerimônia. Ao som de tambores, os tlavatlis dançavam em torno de um mastro de madeira erguido num descampado. Alguns deles entravam em transe e

assumiam os gestos e passos característicos de suas divindades padroeiras. Eram então saudados e abraçados como se fossem os próprios deuses e lhe ofereciam comida e bebida. Dançavam algum tempo com o povo antes de se despedir e ir embora, quando então os dançarinos retomavam suas personalidades normais.

Vinham regularmente a amigável Yolilitse, o sábio Wapawak, a misteriosa Teoat, o alegre Chikokkan, a sensual Tonalmit, o casmurro Istakiwit, a atrevida Kokotse e mesmo o trapaceiro Mokekeloa. Quando menina, Tiakat pensava que se alguma divindade um dia a chamasse para dançar, haveria de ser Yolilitse, protetora das mães e das parteiras. Mas na primeira festa dos deuses da qual ela participou, logo após entrar na puberdade, foi a imprevisível Chiuknawat que a escolheu. Embora querida e respeitada, essa deusa não dava as caras em Tochiwayo desde antes da chegada de Kopinani.

Sistu, que ela convidara e assistia pela primeira vez ao ritual, levou um susto, mas o povo tlavatli ficou muito feliz com a volta de Chiuknawat, que aumentou bastante o prestígio da xamã. Depois disso, a deusa voltara outras vezes, sempre no corpo de Tiakat e esta, ao voltar de suas viagens astrais a outros mundos, por vezes dizia ter trocado ideias com ela. Era incomum, mesmo para xamãs, alegar tais encontros e havia quem duvidasse de sua palavra. Não Sistu, que sempre acreditara mais na sinceridade da amiga que nos próprios deuses.

A sacerdotisa, depois de um longo silêncio embaraçado, começou a contar outra história. Kuntal nascera escravo no plantel de um kunció, governador de uma província das montanhas. Fora destinado a servir na guarda pessoal quando atingisse a idade apropriada, mas era mais rebelde do que se esperava da sua condição. Foi judicialmente açoitado duas vezes por desacatar o treinador. A juíza, sobrinha do governador, o advertiu formalmente de que a próxima insubmissão o rebaixaria a varciós. Seria declarado civilmente morto e reduzido a mero gado, privado de qualquer direito ou proteção legal, podendo ser açoitado, torturado, lançado à arena ou morto quando seu dono bem entendesse.

Kuntal sentiu-se perdido: sabia que não conseguiria controlar seu temperamento. Dias depois, na primeira hora de folga que lhe foi concedida, na taverna que os escravos soans eram autorizados a frequentar, desesperou-se, cabeça entre as garras, estava para explodir, pensava em se matar. Então, ouviu dentro da cabeça uma voz de humana pedindo para falar com ele lá fora. Era uma sacerdotisa de Xeló e lhe propôs uma fuga. Kuntal decidiu que não tinha nada a perder e aceitou.

Na noite combinada, ao nascer de Suquá, Kuntal abandonou a guarita da sentinela, pulou o muro e a encontrou no lugar combinado. Ela o vendeu e o encaminhou a uma passagem secreta sob a muralha da cidade. Lá fora, o apresentou a um devoto de Xeló que o conduziu por dois dias de montanhas e florestas a um isolado arraial de soans forros, onde o livraram da coleira de cobre.

Foi iniciado no culto e ali deu graças a Xeló e seus seguidores todos os dias. Um ano e meio depois, teve a oportunidade de cumprimentar um ex-camarada da guarda, um homem-lobo recém-foragido, por motivo semelhante. Dias depois, porém, disseram que teriam de ir embora. Haviam sido avisados de que o governador organizava uma busca minuciosa dos onze escravos fugitivos registrados nos últimos dois anos, inclusive os dois soans. Para um corrente-de-bronze, como eram quase todos ali, a pena por ajudar um escravo fugido era a escravidão. Mesmo com o Véu, não podiam arriscar.

Mas não os abandonariam. O menos perigoso para os dois, lhes disseram, seria a capital, onde viviam muitos soans forros com os quais poderiam se misturar sem chamar a atenção. Ele e o ex-camarada despediram-se para serem conduzidos por diferentes caminhos, depois de jurar que se matariam antes de revelar os segredos do culto. Depois de ser conduzido por diferentes homens e mulheres por várias noites de caminhada, chegou a um porto do Grande Canal, onde um mestre-barqueiro iniciado o escondeu em um cargueiro para Rasab. Ali, Rarihn o recolhera, durante a noite.

O problema era o último passo da jornada. Pretendiam repetir o mesmo jogo com outro barco de carga que seguiria para Atlântis com outro mestre-barqueiro ligado à seita, mas descobriram que este não viria. Um incêndio danificara seu barco na capital. Levaria meses para retomar o serviço. Mas para Kuntal era perigoso permanecer tanto tempo naquela cidade, onde um soan livre acabaria por chamar a atenção das autoridades.

Como não havia outro mestre-barqueiro de confiança de Xeló nessa rota, Rarihn pensou na solução mais direta: os barcos regulares de passageiros. Àquela distância da terra natal de Kuntal, não estariam procurando um soan fugido.

O problema era que as normas da navegação nos canais exigiam que um passageiro soan, mesmo forro, fosse acompanhado por um humano que por ele se responsabilizasse. Como uma sacerdotisa conhecida, Rarihn receava assumir esse papel: se algo desse errado, o culto inteiro estaria em perigo.

Rarihn não dispunha de ninguém confiável em Rasab e receava chamar um estranho de outra cidade. Pensara então em recorrer a alguém de boa vontade que estivesse de saída – julgando sinceramente que, quanto menos soubesse, menos riscos correria.

No novo relato, cuja veracidade foi atestada por Tiakat, Sistu reconheceu, surpreso, parte do sonho que tivera ao fugir de Raltor. Quis ajudar o soan tanto para livrar-se da sensação de cumplicidade com a injustiça do malfadado julgamento quanto por ter sentido a aflição de sua fuga. Como um corrente de prata, não corria o risco de ser escravizado por essa transgressão. Se desse errado da pior maneira, seria apenas rebaixado para o bronze. Convenceu-se de ser mesmo a pessoa mais

adequada para ajudar o soan. Compraram-lhe a passagem para o mesmo barco, que partiria na manhã seguinte.

Capítulo 17 – Versões da história

Dermó os acordou no último sê antes do sol nascer, como haviam pedido. Bateu à porta e os chamou para tomar suco e comer pão com queijo antes de tomar o barco.

Enquanto Sistu acabava de conferir a trouxa, Tiakat reparou no espelho da sala, no qual se via de corpo inteiro. Em Raltlor, só no quarto da Beletsunu vira outros tão grandes. Olhou-se e, pela primeira vez na vida, sentiu-se insatisfeita com o próprio corpo, alto e magro, pobre de curvas como as que ela mesma gostava de apreciar em outras mulheres. Idem com o rosto, simpático e amigável, até doce –, de modo nenhum feio, mas não exatamente fascinante.

“Mistonti-xin é o homem mais bonito de Raltlor, se não de toda esta terra. Todas as outras mulheres dele foram bonitas... Siassiá-xin e Artás, estonteantes. E eu? Posso sentir a força da amizade e do amor dele hoje, mas será que não vai se cansar do meu corpo, do meu rosto?”

Tiakat conhecia encantamentos de beleza sem número, mas jamais os havia aplicado em si mesma. Nem sequer para apagar suas muitas cicatrizes, conquistadas ao custo de muitos anos de traquinagens. Gostava de pensar nelas como parte de sua história. No íntimo, zombava das clientes que imploravam magias para aumentar ou diminuir os seios ou a bunda; para ganhar ou perder peso.

“E se aumentasse meus seios? Não! Que besteira! Pendurar tetas grandes, como as da Siassiá-xin, num corpinho de varapau destes? Ia ficar ridículo! Meu cabelo é uma massa informe. Pelo menos minha bunda é bonitinha...”

Examinou-se bem, decidiu que valia a pena tirar pelo menos aquela cicatriz feia no canto da testa, lembrança de uma queda, numa destrambelhada correria morro abaixo, que por pouco não lhe espatifou o crânio. E também arrumar melhor o cabelo. Mas não agora...

Pegaram as trouxas, incluindo as posses de Sistu devolvidas pelo tribunal e encontraram Kuntal pouco antes de chegar ao porto. Para lhe dar uma aparência mais condizente com um soan livre, Sistu tivera a ideia de lhe dar uma corrente de bronze comprada na rua e um velho par de calças que tinha de reserva. Serviram-lhe melhor que o colete de couro que não podia deixar de usar, pois – como deduzira o senzar – escondia muitas cicatrizes de açoite e a marca do dono, uma cabeça de unicórnio gravada a fogo no ombro. No embarcadouro, Sistu selou o termo de responsabilidade pelo comportamento de Kuntal, a ser arquivado na burocracia da companhia. Foi amigavelmente tratado pelo funcionário, que não fez perguntas.

O *Palácio das Águas*, de partida para a capital, apesar do nome pomposo, era

velho e de aparência simples. Tinha pouco mais de quinze braças de comprimento. Além de um convés descoberto no alto, tinha outros dois cobertos nos quais cinquenta passageiros podiam se acomodar, por assim dizer. Kuntal, assim como a maioria dos passageiros, dispunha apenas de uma rede, pequena para seu tamanho. Para proteger suas posses, Sistu e Tiakat pagaram um camarote que, embora limpo, era abafado e de comprimento insuficiente para o senzar esticar o corpanzil.

Mesmo assim, a velha gaiola impressionou Tiakat. Os remeiros a desatracaram e a manobraram até a entrada do canal. Então, recolheram os remos e o barco começou a navegar para o sul, sem depender de velas ou máquinas. A água do canal entrava, obediente, por um buraco na proa, saía por outro na popa e impulsionava a embarcação de mais de cinquenta *dons*⁵ a uma velocidade comparável à de um boto.

Sempre curiosa sobre coisas de magia, Tiakat fez mil perguntas. O mestre, um tlavatli de meia-idade inteligente e simpático, gostou dela e a deixou descer à Casa das Máquinas. Via-se um grande tubo, por onde corria a água, ligado por engrenagens douradas a uma pesada roda volante que girava em silêncio e a um grande cristal que brilhava com luz rosada.

Sobre magia de cristais, Tiakat conhecia apenas coisas básicas, ligadas a técnicas de cura e outras magias caseiras. E o mestre tinha apenas uma ideia muito vaga sobre como o feitiço funcionava. Os detalhes eram segredos mais bem guardados do que os do ritual da invisibilidade. Era graças ao sigilo de encantamentos como aquele que seu país, a Atlântida, havia se tornado uma grande potência.

Depois do almoço, Sistu fez uma sesta e Tiakat saiu para esticar as pernas e ver pessoas. Ouviu uma conversa sobre tinturas e penteados. Perguntou à moça, chamada Chitali – uma tlavatli das montanhas, a julgar pelo sotaque –, se era cabeleireira. “Sou sim, meu amor, está interessada? Teu cabelo bem que merece um trato...” “Quanto custa para... ?” “Dois ticaís.” Aceitou o preço e deixou a tlavatli fazer seu trabalho.

“Bom”, Tiakat pensou em seguida, “a cicatriz é comigo mesma. O problema é só encontrar um cantinho sossegado”

A proa estava vazia. O timoneiro talvez pudesse vê-la do alto, mas não perceberia o que ela ia fazer.

Agachou-se e esfregou a cicatriz com uma mistura de ervas, óleo e sais. Pegou da bolsa uma pequena faca de prata e marfim. Não tinha corte: servia só para catalisar o axé. Respirou fundo, entoou um canto monótono por um ag e sentiu que já acumulara o suficiente. Agora, a parte difícil. Encostou a lâmina na cicatriz.

Tiakat sempre prevenia os clientes: “Tirar uma cicatriz sempre dói exatamente tanto quanto doeu fazê-la. Não adianta anestesiá-la: a dor faz parte da magia.” Rilhou os dentes, reprimiu a custo o impulso de berrar e chorar como uma garotinha. Reviveu, à força, o dia em que a carregaram para casa, toda ensanguentada e de

como a mãe ficou zangada e apavorada ao mesmo tempo. Jamais esqueceria.

Ainda estava com muita dor de cabeça e meio zonza quando conseguiu se levantar e enxugar as lágrimas. Mas havia conseguido.

Sistu havia se levantado e a procurava. Quando a viu, ficou embasbacado.

– Lelon-xin, é você mesma?

– Claro que sou, Mistonti!

– Que fez? Como está diferente!

Acariciou Tiakat onde ela tivera um grande queloide. Havia sumido, substituído por pele macia. O cabelo estava penteado e arrumado em mil trancinhas.

– Mas você gostou?

– Gostei... – Admitiu – Mas não mude demais, por favor. Adoro teu jeito assim como ele é.

– Eu só queria ficar mais bonita para você...

– E ficou, gostei. Só não quero que exagere. Pelo amor de todos os deuses e deusas, seja sempre a Lelon-xin que eu sempre conheci!

Ela riu.

– Na aparência ou na safadeza?

– Bom, a aparência é o que menos importa...

– Então, pode ficar tranquilo. Na aparência, pode até ser que eu mude mais uma coisinha ou outra. Na safadeza, não tem como.

De volta do camarote, Tiakat e seu companheiro sentaram-se em uma rede próxima àquela na qual Kuntal cochilava. Sistu pegou um dos cadernos que trouxera consigo e começou a folheá-lo.

Ela olhou, curiosa, os desenhos e anotações nas folhas de papel grosso e amarelado. Na página aberta à esquerda, via-se um esboço a lápis da pirâmide cônica que ela bem conhecia, com três nichos assinalados com círculos, inclusive seu favorito. Traços retos a lápis os uniam a esboços de pedras com inscrições na página da esquerda, com anotações em letra pequena ao lado. Não se lembrava delas com precisão, mas era claro que eram as que se encontravam no fundo de cada nicho.

– Mistonti-xin, que é isso?

– É um estudo que fiz da pirâmide velha e das inscrições nas pedras de Raltlor e vizinhanças. Comparei com outras construções e inscrições descritas em livros da biblioteca de Rasab, quando passei lá da última vez... Quero dizer, da penúltima.

– Encontrou algo sobre inscrições como essas?

– Sim, mas todas nas montanhas. Que eu saiba, Raltlor é um caso único na planície.

– Você descobriu algo sobre o que significam?

– Não, essa escrita nunca foi decifrada. Mas não há dúvida de que é a mesma.

Vê? – folheou o caderno e mostrou outra página, na qual se comparavam colunas de signos semelhantes, ainda que com alguma variação estilística. – Para quase todos os caracteres de Raltlor, encontrei um parecido em outro lugar.

– Quem terá feito isso?

– Vocês, eu acho.

– Hã? Como assim? *Nós*, quem?

– Vocês, tlavatlis.

– E como é que eu não sei disso?

– Não é o que nos ensinaram na escola – Sistu explicou –, mas já tenho quase certeza de que é verdade. Os tlavatlis foram os donos deste país e os fundadores da capital bem antes da história de Varjá e Quaxar, que é pura ficção. Os ancestrais de Beletsunu-bã e Ahatsunu-bã, os caris, os conquistaram e escravizaram há quase três mil anos. A escrita tlavatli foi proibida, livros e registros destruídos, ou levados para a terra dos caris, do outro lado do mar do leste. Sobreviveu apenas uma cultura tlavatli popular, folclórica e rural.

Kuntal acordara e escutava a conversa, atento e calado. Tiakat abanou a cabeça. Não dava para acreditar.

– Você diz que Varjá e Quaxar são só fantasia? Não, de jeito nenhum!

– Bem, podem existir no mundo dos deuses. Disso, você entende muito mais do que eu. Mas não foi assim na história dos seres humanos. Pode ser que Varjá tenha tomado, na lenda, o lugar do antigo Imperador cari, na época o mais poderoso do mundo. A lenda do amor de Varjá por Quaxar talvez seja, na verdade, um véu para encobrir a violação das tlavatlis nativas pelos caris. Pelo menos, é o que penso.

Foi a vez de Tiakat ficar estupefata.

– Mistonti, e vocês, os senzares? Sempre entendi que vocês viviam aqui desde o início dos tempos e nós e os outros povos tivéssemos chegado depois, de outras terras!

Era evidente o contentamento de Sistu com a oportunidade de mostrar seus conhecimentos e ensinar-lhe algo que ela não sabia. Tiakat estava mesmo interessada, mas mesmo que não estivesse, não ia lhe negar esse prazer. Sorridente, ele ajeitou-se melhor na rede e improvisou um resumo meio professoral.

– Tenho ainda menos dúvidas sobre isso. A terra de origem dos senzares é a região da cidade de Tolan em Muté, além do mar do oeste. Há quase mil e duzentos anos, uma grande guerra civil deixou o Império Cari muito enfraquecido e os senzares se aliaram aos tlavatlis de Tlapalan para tomar esta e outras terras do império decadente. Como parceiros mais fortes, ficaram com a parte do leão – a rica ilha de Rutá. De acordo com os termos da aliança, todos os tlavatlis que viviam neste país foram alforriados, mas ficaram sob o governo de senzares. A maior parte da elite cari desta terra caiu no campo de batalha, foi trucidada por tlavatlis

revoltados, ou fugiu para o que restava do império.

– Como é possível que isso tenha sido esquecido e redescoberto só agora?

– Foi esquecida por nós, mas não pelos caris em sua terra de origem. Os registros deles, nas cidades mais antigas do oriente, contam essa história em detalhes. Em Tolan, também há provas disso. É que a guerra exauriu os impérios combatentes, desorganizou as redes de comércio e destruiu centros de cultura. Pouco depois, os impérios senzar, tlavatli, cari e agarti mergulharam em novas guerras civis e muitos conhecimentos se perderam. Houve uma regressão cultural, uma idade das trevas. Nobres locais, mentôs e aventureiros se proclamaram reis e tomaram conta da maior parte dos antigos impérios.

– Tá bom, meu mundo caiu e vou ter de aprender tudo de novo. Mas tem como a gente ver esses tais registros?

– Isso é uma das coisas que pretendo conseguir na capital.

[5](#) Don é uma unidade de massa equivalente a 1.814 quilos.

Capítulo 18 – O valor das aparências

De manhã, o *Palácio* parou, por dois ags, em outra capital de província. Alguns passageiros desceram, outros subiram. Sistu, Tiakat e muitos outros aproveitaram a parada para um rápido mergulho no canal.

Pela maneira como os remeiros manejaram o barco dentro do porto, Tiakat concluiu que o feitiço que impelia o barco devia ser difícil de regular e direcionar, mas não chegou a concluir nada sobre como funcionava. O fio do pensamento lhe foi cortado de repente.

Kuntal quase a jogou ao convés ao passar por ela como um raio. Saltou para dentro da Casa das Máquinas e fechou a porta, destrancada por distração do responsável. Sons de tumulto vinham da ala dos passageiros.

– Pega, fujão! Esse soan tem dono! – gritava um tlabastô recém-embarcado, que usava o negro e cinzento do clã Pau.

– Calma, Pau-zor – dizia Sistu, para acalmá-lo –, deve ser um engano. Conheci Razzan-bu em Rasab, ele é um soan livre de Atlântis...

– Razzan-bu porra nenhuma! É Kuntal-rar, da província de Rossehn, eu o conheço! Estou entregando às guardas das cidades deste canal os anúncios de fugitivos procurados, um deles é ele mesmo!

– Como pode ter tanta certeza? – Perguntou o mestre do barco, convocado a arbitrar a disputa. – Para mim, soans da mesma raça são todos iguais!

– Não para mim! – Retrucou o militar. – Sou tlabastô da guarda do governador, de onde veio esse fujão, eu o reconheço de longe. Deixem-me prendê-lo e lhe mostrarei. Aqui, olhe. A lista dos fujões. Kuntal, homem-jaguar, pelo laranja e negro, uma braça e um quinto de altura, corte na orelha direita, cicatriz do olho à boca no lado esquerdo do rosto, marca do Bau-kunn no ombro direito, cicatrizes de açoite nas costas...

“O exercício de ontem veio a calhar”, pensou Tiakat.

– Eu também conheço Razzan-bu! – Interrompeu Tiakat. – A altura e a cor são essas mesmas, mas não tem nenhuma dessas marcas!

Sistu virou-se para ela, mas entendeu a tempo de transformar a cara de surpreso num sorriso. Ela fez um discreto sinal com dedos das duas mãos, no código de sinais da Casa dos Jovens de Raltlor. Uma estilização do logograma para “ag”. Ela precisava de um ag.

– É claro! – Disse Sistu. – Ele não tem cicatriz nenhuma. Você se enganou. Mesmo entre humanos, às vezes, aparecem sócias. Uma vez, lá na minha terra...

– Chega dessa babaquice, porra! – Protestou o tlabastô. – Quem não deve, não

teme! Por que ele fugiu, caralho?

– Eu também me assustaria se alguém me gritasse “fujão” e brandisse uma quantal. – disse Sistu. Mas, como eu ia dizendo...

Tiakat lançou um leve encanto calmante sobre o tlabastô e saiu de fininho. Tomara que bastasse para que Sistu conseguisse enrolá-lo por tempo suficiente.

Correu para a Casa das Máquinas. Encontrou-a presa e não precisou de clarividência para adivinhar que Kuntal a segurava do outro lado.

– Kuntal-bã – sussurrou ela –, sou eu, Tiakat. Deixe-me entrar, rápido.

Abriu-se uma brecha e ela pulou para dentro. O soan estava apavorado.

– Não tem ninguém aí fora? Confira, por favor. Se a barra estiver limpa, vou pular no canal e nadar até a margem!

– Não seja louco, Kuntal... ou melhor, Razzan-bu. Agora, você se chama Razzan-bu, entendeu bem?

– Hã?

– Razzan-bu! Cala a boca e preste atenção, não temos tempo! – ordenou, ríspida. – Você não vai nadar coisíssima nenhuma, aqui não é floresta. Nesses arrozais, não há como um homem-jaguar se esconder e não tem quem te ajude. Confie em mim, vem cá e senta de costas para a porta que eu vou dar um jeito em você. Mas segura o tranco, vai doer um bocadinho.

Tirou a faca da bolsa. O enorme homem-jaguar olhou, assustado, enquanto ela começava o ritual.

Aguentou bem a primeira. Na segunda, estremeceu. Na terceira, gemeu baixo. Na quarta, não conseguiu conter o urro e desmaiou. Tiakat fez o soan atordado se erguer, o chacoalhou e repetiu no ouvido:

– Veste esse troço, anda! E Razzan-bu, entendeu? Você se chama Razzan-bu e sempre viveu na capital! Veio a Rasab entregar uma encomenda e já estava de volta! Nunca viu esse milico mais gordo!

Um momento depois, o tlabastô irrompia na Casa das Máquinas, junto com Sistu e o mestre-barqueiro.

– Kuntal-rar! Mãos na nuca, porra, está preso, em nome do Casal Imperial, caralho! – bradou o tlabastô.

– Kuntal? – Perguntou o soan, esforçando-se por disfarçar a voz, mas sem precisar se fingir mais perplexo do que estava. – Quem é Kuntal?

O tlabastô começou a puxar a espada, mas Sistu lhe tocou o ombro

– Espere, Pau-zor! – disse Sistu. – Veja, ele não tem a tal cicatriz da qual falou! Eu disse, é meu conhecido não é o soan que você procura. – E voltou-se para o homem-jaguar: – Razzan-bu, faça como ele disse, venha para a luz e mostre.

O soan obedeceu.

– Tem razão – confirmou o barqueiro, divertido com a confusão. – E as orelhas

estão inteiras, as duas.

– Não é possível! Tire já a porra desse colete, eu mesmo te marquei, animal!

Kuntal tirou o colete com algum esforço e mostrou que não tinha marca alguma. O militar, irritado, esfregou o pelo e sentiu apenas que ele estava um pouco engordurado. Nenhum sinal de que o couro fora alguma vez marcado a fogo, nem por açoite.

– Porra! – Imprecou ele, pela enésima vez.

– É como eu lhe disse. – Arriscou Sistu, no seu tom de voz mais conciliador. – Até os mais sagazes podem se enganar... Como com aqueles dois mastôs, um do rebanho do meu tio, outro do meu avô. Nem eram da mesma ninhada, mas mexiam a tromba do mesmo jeito, tinham a mesma marca branca no lombo e o vizinho insistia que...

O militar não suportaria ouvir outra história como aquela. Marchou para longe, carrancudo, sem dizer mais nada. O mestre-barqueiro foi cuidar de suas ocupações. Quando os viu a uma distância segura, Sistu desabafou:

– Ufa, que desespero! Não aguentava mais inventar conversa fiada. É mais fácil segurar um bando de malucos com uma espada, como no outro dia! Fiquei inventando histórias sobre primos parecidos, cavalos parecidos, gatos parecidos, galinhas parecidas... Eu já estava esgotando meu repertório de bichos rurais e me sentindo o idiota da aldeia!

Tiakat se dobrou de tanto rir. Quando conseguiu parar, o agarrou e beijou na boca.

– Você é o gênio da aldeia, Mistonti!

O homem-jaguar perguntou, ainda confuso:

– Como você fez isso? Minhas marcas se foram mesmo, ou é ilusão?

– Não sei fazer magia de enganação – sorriu ela, pulando nos braços do soan –, só pra valer.

– É verdade! – Interveio Sistu, divertido –, você tem no colo a melhor xamã da província, se não do Império.

– Minha dívida para com vocês será eterna... – o soan soava embaraçado.

– Nada disso – Sistu abraçou-os juntos – que isto seja o selo de uma amizade, não de uma dívida.

De manhã, a paisagem havia mudado. À direita, via-se a planície familiar. À esquerda, a paisagem era mais acidentada e selvagem. Erguiam-se colinas cobertas de mata espessa, com poucas construções visíveis. Viam-se navios maiores, inclusive zemtias da Marinha Imperial, mas não canoas. Ali, encontros perigosos não seriam riscos, mas certezas. Sistu viu um crocodilo com mais de metade do comprimento do *Palácio das Águas*, cuja bocarra teria partido ao meio, sem esforço, a canoa na qual chegaram a Rasab.

Durante a noite, o barco saíra do canal de Rasab e entrara no Grande Canal, que

conduzia direto e reto à grande metrópole, agora a oeste. Tinha um estádio de largura e circundava a planície, numa extensão de dez mil estádios. A profundidade era de quinze braças, disseram os remeiros. A margem estava a uma boa distância.

Mesmo para Sistu, cético em relação às lendas, custava esforço pensar que esse canal devia ter sido construído, há muitos séculos, pela magia e pelas mãos de seres humanos. Era bem mais fácil acreditar que o poderoso Varjá, em pessoa, o abrisse.

O barco fez uma parada no porto bem abrigado de uma cidade à margem do canal. Sistu relaxou com um mergulho e Tiakat avisou:

– Vou dar um pulo no mercado e comprar algo pra comer pra você e seu afilhado!

– Afilhado?

– O Razzan. Ele dediciu adotar o nome que você lhe deu, “Feliz Novidade”. Gosta mais que Kuntal, “Espada do Kunció” e quer esquecer esse nome de escravo. Disse que você é bom para inventar nomes e claro que a Lelon aqui concorda!

Tiakat pagou dois xams por um cacho de bananas e três xams por um *kahn* ⁶ de carne fresca de mastô embrulhada em folha de bananeira. Da mais barata, do tipo usado para alimentar mascotes e fazer a sopa dos pobres. Razzan não era exigente, mas as parcas refeições do barco o deixavam, como a Sistu, com muita fome.

Fizeram o jejum reforçado e se acomodaram. Ela não resistiu a fazer um carinho na barriga de Razzan, que se espreguiçava como um enorme gato. Lembrou-se da conversa da véspera e lembrou-se de retomá-la.

– Sistu, e depois que os caris foram derrotados, como continua a história?

– Os senzares, por meio de uma série de pequenas guerras e acordos com chefes nativos – tlavatlis, fomoris e dengus – acabaram por tomar conta de toda Rutá. Criaram dez reinos, que formaram uma aliança e se proclamaram independentes dos impérios do continente, sob a liderança do nosso Casal Imperial. Daí em diante, a história real já não é tão diferente da lenda. Há quase seiscentos anos, a aliança começou a conquistar as ilhas vizinhas e, nas gerações seguintes, os continentes. Há cerca de duzentos e cinquenta anos, o Império chegou, mais ou menos, às suas fronteiras atuais, exercendo a hegemonia sobre metade do mundo. Começou uma era de relativa paz e construções grandiosas.

A expressão de Tiakat continuava incrédula.

– Por que nos teriam escondido isso e ensinado uma coisa completamente diferente?

– Na época da aliança dos dez reis, era muito forte o desejo de apagar o passado, unir a ilha numa só civilização, fazer as pazes com os caris e começar um mundo novo. Tínhamos uma história real violenta, que havia manchado de sangue as mãos de todos os povos e clãs. No lugar dela, os sábios nos deram o mito de Varjá e Quaxar, uma história imaginária que começava com um ato de amor. Consideravam-

na mais apropriada às novas gerações. Até há uns trinta anos, era proibido duvidar do mito em público. Só se podia falar disso impunemente muito longe de Rutá, ou entre os poderosos da Cidade Proibida. Foi só a partir da coroação do atual Casal Imperial que se permitiu a acadêmicos e eruditos debater o passado, mas a discussão não chegou ao povo.

– Estou abismada. Ninguém jamais me disse algo assim, nem mesmo Kopinani.

– Talvez ninguém em Raltlor tenha ouvido falar. Bom, imagino que alguns dos professores devem ter ouvido boatos, mas preferiram não acreditar. Você sabe como eles são conservadores, lá na nossa vila. Como a minha tia Ziriá. Ou tiveram medo de enfurecer os membros do conselho, atizar um povo contra outro, sei lá.

– Pode ser que tivessem razão, mesmo que tudo isso seja verdade. Eu me sinto como se um balde de água gelada tivesse me acordado de um sonho gostoso.

– Será que não somos crescidos e educados o suficiente para saber a verdade?

– Não sei. Você e eu, acho que somos. Certamente, não vou me zangar com a Siassiá-xin por alguma coisa que o tatanãoseiquantosvô dela fez à minha tatanãoseiquantasvó, muito menos vou brigar com Mistonti-xin porque seus tatanãoseiquantostios acabaram por ficar com uma terra que já foi das minhas tatanãoseiquantastias. Mas, os outros...

Sistu a interrompeu.

– Os outros não são tão diferentes da gente, pelo menos não os de nossa idade. Mais cedo ou mais tarde, muitos vão descobrir. Já há muitos livros sobre isso, acessíveis a qualquer um que seja curioso o suficiente. Também há pistas a serem seguidas por pessoas inteligentes. Você nunca se perguntou por que razão o nome de nossa terra e de nossa capital é de origem tlavatli?

– Bom, aprendi que o nome do país vem da família imperial, que por sua vez recebeu o nome do primeiro filho de Quaxar e coisa e tal...

– Pois acho que é o contrário. O lendário primeiro filho de Quaxar é a personificação da família imperial e por isso tem o nome da dinastia que nos governa, a Atlás. E este nome é apenas uma contração, uma corruptela senzar do nome da capital. Você sabe que o nome “Atlântis” não significa nada que faça sentido em senzar, mas em tlavatli antigo, pode ser entendido como “fortaleza das águas”. Não deve ser coincidência: aposto que tua gente a fundou.

Cada vez mais atento à conversa, Razzan interveio:

– Sistu-bã, e nós, os soans? Qual foi o nosso papel nessa história? Sempre nos disseram que somos descendentes de criminosos castigados com a transformação em meio-animais, mas alguns de nós sempre duvidamos disso. Você sabe alguma coisa?

Embaraçado, Sistu admitiu que sabia muito pouco. Nunca pesquisara a fundo.

– Razzan-bã – respondeu Sistu –, não sei dizer com certeza. Essa forma de punição existe para crimes como perjúrio, você sabe, mas também se manda

transformar estupradores em mulheres e agressores violentos em pigmeus e isso não quer dizer que as mulheres e pigmeus tenham se originado de criminosos. Há contos sobre antigos caris que transformavam seus escravos em soans por capricho, ou para transformar um servidor banal em algo de aparência mais exótica e valorizada. Mas também há lendas senzares muito antigas sobre magos soans, capazes de se transformar à vontade em humano, animal ou soan. Segundo uma lenda do meu clã, os Zi foram liderados, há muito tempo, por uma dinastia de heroicos homens-leões e mulheres-leoas. Alguns outros dos clãs mais antigos têm histórias como essa. Não sei se há alguma verdade por trás disso ou não.

A possibilidade de que seus ancestrais fossem heróis satisfez Razzan, mas Sistu prometeu-lhe investigar o assunto e ter algo mais a responder na próxima oportunidade.

[6](#) Equivalente a a 1,8 quilo.

Capítulo 19 – Chantagem!

Depois de largar o caderno e terminar a refeição Sistu subiu com Tiakat ao convés mais alto, que estava vazio, para melhor admirar as matas à beira do canal. Depois de um breve momento de tranquilidade, uma mulher tlavatli cheia de amuletos chegou-se a eles.

– Bom dia, Chitali – disse Tiakat, reconhecendo a cabeleireira.

– Bom dia. Zi-quan?

– Sim?

– Ouça-me com atenção. Sou Chitali-bin, de Rossehn. Eu sei o que Tiakat-ké fez com Kuntal, o escravo fugido. Meu dever seria avisar o tlabastô, e vocês devem imaginar quantos problemas isso pode causar. Mas acho que vocês são simpáticos, devem ter suas razões e quero lhes dar uma chance de fazer um acordo.

Sistu respirou fundo e fez um esforço para afastar da mente a raiva e a ansiedade. Precisava pensar com clareza.

– Que tipo de acordo? – perguntou.

– Se vocês cobrirem o valor da recompensa oferecida pelo governador Bau-kun, trinta ases, eu prometo não contar nada a ninguém...

Ele olhou para Tiakat, que franzia o cenho e estreitava os olhos, expressão pouco comum nela – e que, em Raltlor geralmente provocava um sorriso amarelo e um pedido de desculpas de quem a tivesse provocado. A moça confiava nos amuletos mais do que lhe convinha.

– Uma promessa não basta – disse Tiakat, entre dentes – você precisa jurar por Gutis. Como vamos confiar em quem vende sua palavra?

– Ah, não! – Respondeu a moça. – Vocês vão ter de acreditar ou se explicarem ao tlabastô. Não estão em posição de fazer exigências, nem em me fazer de boba, que eu estou bem protegida de feitiços de xamã.

– Estou vendo. – Disse Tiakat. – Então espere aqui, prometo que vou trazer o dinheiro que pediu. Posso pegar da sua parte, Mistonti?

O senzar a viu fazer dois gestos que significavam “ideia”, “espere”, assentiu com a cabeça e recostou-se na amurada, à espera. A moça cruzou os braços a seu lado, impaciente.

A xamã voltou com uma bolsa na mão e Chitali estendeu a mão para recebê-lo, com um sorriso vitorioso. Mas, em vez de entregá-lo, Tiakat jogou-o de longe para que a mulher o apanhasse, “Pegue!”. A cabeleireira pulou para agarrar a bolsa no ar, mas perdeu o equilíbrio e caiu pela amurada. Ele podia jurar que a alça da bolsa se enroscara nos braços dela como uma coisa viva e a arrastara para o canal.

O grito e o tchibum chamaram a atenção para a mulher que se agitava desesperada, enquanto o barco se afastava. Um remeiro com presença de espírito gritou “passageiro n’água” e jogou um bloco de cortiça na direção dela, que caiu fora do alcance.

Sistu, perplexo, olhou Tiakat, que disse:

– Você consegue alcançá-la, né?

– Sim, mas...

– Então vamos lá perguntar se ela aceita rever suas condições.

Ato contínuo, a xamã deu um belo mergulho no canal. Num gesto rápido, Sistu tirou as calças e a seguiu. Ambos alcançaram Chitali juntos, bem a tempo de impedir que ela se afogasse. Sistu a agarrou por debaixo dos braços, segurando-a pelo peito com a cabeça fora d’água e notou a bolsa, pesada, presa no braço dela como uma serpente a sufocar a presa.

– Socorro! Não sei nadar!

– Calma, tiramos você daqui – disse Tiakat –, é só jurar por Gutis que não vai contar nada a ninguém sobre Kuntal, nem sobre o que aconteceu aqui, e vai devolver nosso dinheiro. Se não, vamos te largar e dizer que não conseguimos te salvar. Você vai pro fundo com o teu ouro. Entendeu?

– Socorro! São loucos! Querem me matar!

– Poupe fôlego, Chitali – respondeu a xamã, dura – ninguém lá te ouve, muito menos vai ser doido de vir te salvar a nado...

Sistu ficou quieto, tinha de fazer muita força e precisava do fôlego. Mal se ouviam os gritos da tripulação. O barco já se afastava dezenas de braças. Apesar dos esforços dos remeiros, aquelas gaiolas eram difíceis de manobrar. Chitali se deu por vencida.

– ‘Tá, eu juro!

– Repita rápido! – ordenou Tiakat, – “Juro por Gutis que não falarei a ninguém sobre Kuntal ou sobre este juramento e devolverei o dinheiro da bolsa a Tiakat”.

Enquanto Sistu a sustentava, a moça balbuciou como pôde as palavras recitadas por Tiakat e então nadaram na direção da gaiola, que os esperava a mais de cem braças.

Sistu estava já perto quando ouviu gritarem “crocodilo!”. Nem olhou para trás: apenas concentrou-se em uma magia marcial capaz de proporcionar vigor extra em um momento de extrema necessidade e esperou que Tiakat soubesse fazer algo equivalente. Sabia: embora já bem cansados, nadaram com o dobro da velocidade, sem deixar de arrastar Chitali. Cordas lhes foram jogadas. Enquanto Tiakat chegava à amurada por uma delas, Sistu subitamente sentiu as novas forças se esgotarem, atrapalhou-se com Chitali que escorregava do seu pescoço e quase voltou a cair n’água, mas um corpo de jaguar se debruçou sobre a amurada até quase cair e

puxou-os com músculos poderosos.

Bem a tempo: o réptil emergiu, com a bocarra pronta, no exato momento em que os puxavam pela amurada e jogou-se contra o costado, fazendo estalar a madeira e balançar toda a gaiola, antes de voltar a cair n'água com um estrondo. Sistu, ouvindo uma salva de palmas, recostou-se numa rede, à espera de que o mundo parasse de girar. Chitali havia desmaiado. Tiakat ajoelhou-se e fez passes para reanimá-la. Depois, sussurrou-lhe algo. A cabeleireira assentiu, devolveu-lhe a bolsa e sumiu sem dizer mais nada.

– Obrigado, mesmo! – disse Sistu ao soan. – Se não fosse você, eu seria comida de crocodilo!

– Somos amigos, lembra-se? – abraçou-o o homem-jaguar – Nem precisa agradecer.

Assim que se pilhou a sós com Tiakat no camarote, Sistu pediu explicações, tão zangado quanto conseguia ficar com ela:

– Lelon, que ideia foi essa? Valia a pena nos matar por trinta ases?

– Não eram os trinta ases, Mistonti-xin – respondeu ela, abraçando os joelhos – não sou tão doida assim. É que ela planejava pegar nosso dinheiro e nos denunciar assim mesmo. O voziohu dela era de terceira, eu senti o que ela pensava. Aí senti o ambiente e o crocodilo mais próximo estava a quase dez estádios. O problema é que esses bichos nadam mais rápido do que eu imaginava... – e fez cara de cachorrinho que quebrou o pote.

– Da próxima vez, que tal me deixar pensar num plano melhor? Garanto que, se você me contasse isso e me desse um ag, eu acharia algo menos perigoso.

– Não sei, sempre sigo minha intuição e dá certo...

– Mas agora somos um casal. Você devia me deixar pensar e avaliar, agora são duas vidas e um amor em jogo! Sem falar que eu aprendi alguma coisa de tática e estratégia e você não...

– Nem sempre dá tempo, Mistonti-xin! – Interrompeu ela, com ar magoado. – Lá em Rasab, quando você resolveu invadir a casa Sonpal, eu te segui sem discutir, não é? Talvez, se eu tivesse tempo, conseguisse bolar uma ideia menos perigosa e que desse uma boa lição àqueles babaquaras sem lhes custar tão caro, mas às vezes a gente não sabe se vai ter tempo e precisa dar um pulo no escuro.

Sistu se calou. A canhestra aventura ainda lhe doía. Não dava toda a razão a Tiakat, mas não tinha uma resposta tão boa quanto achava que precisava. Limitou-se a suspirar.

– Você só quer ouvir um pedido de desculpas, né? – Perguntou ela, com exagerada humildade. – ‘Tá bom, você está certo, eu peço desculpas, confiei demais no meu fígado e quase nos demos mal. Prometo, da próxima vez te consulto... ah, se não for impossível. Sabe como é, sou cuidadosa com minhas promessas. – Deu o

sorriso mais maroto do seu vasto repertório.

Ele teve de rir.

– Está desculpada, é claro. Agora, vem cá.

À noite, antes de pegar no sono, Tiakat comunicou-se com Kopinani e pôde contar a Sistu que tudo dera certo com o Tanis. Os ânimos em Raltlor já se acalmavam e as pessoas já conseguiam encontrar outros assuntos para fuxicar. Sistu comentou:

– Que bom, Lelon-xin, agora o Tanis-quan vai seguir a carreira que tanto sonhava...

– Tanis-zor, Mistonti-xin – ela o corrigiu. Quando o encontrar, ou à Artás-zor, eles já serão cadetes e terão um estatuto mais alto que o teu, levando, no mínimo, uma corrente de bronze a mais. Isso não te incomoda, não é?

– De jeito nenhum. Que façam bom proveito. Meu prêmio foi muito melhor.

– Que doce – E deu-lhe um caprichado beijo de boa-noite.

– Lelon-xin, eu estava pensando... – disse Sistu. – Será que eu não poderia aprender a me comunicar com você como você faz com a Kopinani? Ajudaria muito em casos como os de hoje.

– Hum... Impossível não é, mas não é nada fácil para quem não nasceu com o dom. É como ensinar um surdo a falar. Dá para tentar, se você tiver paciência. Podemos levar anos para conseguirmos trocar ideias claras, se chegarmos lá.

– Teremos tempo. Você não vai sumir, vai?

– Claro que não. Mas não é tão prático quanto parece, vou avisando. Iniciar o contato exige relaxamento e transe, não dá pra fazer no meio de um aperto. E mantê-lo, mesmo com prática, precisa de alguma atenção. É muito fácil perder o contato por distração, ou por ter de se concentrar em outra coisa.

– Mesmo assim, acho que vale a pena.

– Veja bem, Mistonti-xin. Para criar um laço telepático entre nós dois, vou ter de entrar em você e você vai ter que se abrir todinho pra mim. Isso se chama descerrar o canal. É como deflorar a mente... Pode demorar, custar muitas tentativas e ser um tanto doído...

Sistu tentou imaginar como seria. Não conseguiu, mas se ela já fizera...

– Como você me disse certa vez há muitos anos e repetiu faz pouco tempo, estou pronto pra te receber. Vem com amor, mas vem fundo. E vice-versa.

Tiakat riu.

– ‘Tá bom, mas não já. Precisamos descansar, tanto pra uma coisa quanto pra outra.

Capítulo 20 – A capital do Império

Na manhã seguinte, dia de macaco, 21 de sementes, Sistu, Tiakat e Razzan acordaram cedo com a excitação dos passageiros ante a aproximação da capital. À esquerda, no lugar da paisagem de matas e colinas, erguia-se uma altíssima muralha sem princípio nem fim, sobre a qual soldados e elefantes caminhavam como formigas e besouros sobre um muro de quintal. Dois ags depois, viram o imenso Portão Dourado, uma abertura trapezoidal na muralha com mais de cinquenta braças de largura na base, outro tanto de altura, quarenta ou pouco mais no topo, forrada de placas de oricalco por cima e pelos lados e ladeada por dois faróis ainda mais altos. O *Palácio das Águas* dobrou à esquerda para atravessá-lo e entrar no Canal Principal

Como muitos passageiros que chegavam pela primeira vez do interior, Sistu e Tiakat deixaram-se maravilhar pela grandiosidade da metrópole. Já Razzan pareceu intimidado, como quem percebe que ser livre ia ser mais difícil do que pensava.

O canal principal era o tronco a partir de onde se ramificava uma densa rede de canais secundários e terciários pelos quais trafegavam pequenas embarcações de carga e passageiros, dividindo a cidade em milhares de ilhas densamente habitadas e ligadas por pontes. Os canais maiores eram margeados por avenidas largas, pelas quais elefantes, carroções e carruagens podiam transitar e exércitos poderiam desfilar. Fora dessas grandes avenidas, a cidade tornava-se um labirinto de pequenas ruas, pontes e canais, onde só era possível deslocar-se a pé, em liteiras ou em gôndolas. As ruas eram limpas e, por surpreendente que pudesse parecer, os canais também. Podia-se ver gordas carpas nadando por eles, tentando escapar de um dragonete que as perseguia.

Residências, mercados, teatros e galerias de lojas tinham aspecto sólido, mas alegre, com fachadas decoradas pela combinação de pedras negras, vermelhas e brancas nos muros e paredes, ou então por azulejos coloridos. A maioria das construções incluía torres estreitas rematadas por domos pontudos. Templos de todos os tamanhos e formatos também marcavam a silhueta da cidade. Ao longe, a oeste, viam-se as três montanhas, bem além das muralhas, cujo perfil ornamentava o verso de todas as moedas do Império.

Atrás, ainda se podia ver o limite representado pela grande muralha, mas à frente a cidade se estendia para além do horizonte como se fosse infinita, uma cidade-mundo. Acima, grandes barcos voadores sobrevoavam as ruas e canais em círculos lentos, acompanhados de longe por dracos brancos: era a famosa polícia aérea da capital.

Bem adiante, a quase cinquenta estádios do portal, erguia-se a Cidade Proibida, o complexo palaciano protegido dos olhos profanos por um largo fosso e uma muralha revestida de cobre polido. Por trás do brilho alaranjado, via-se uma elevação: era a ilhota, dentro de um lago no centro exato da cidade e do Império, na qual se erguiam o Palácio Imperial e o grande templo de Varjá e Quaxar.

Segundo a lenda, Varjá, o poderoso deus do mar, dos vulcões, do movimento e do crescimento, havia tomado a aparência de um mendigo disforme, como às vezes faz para testar a hospitalidade e a generosidade dos humanos. Ao passar por aquela ilhota, perdida no meio de um pântano imenso, sinistro e malcheiroso, apaixonou-se por uma jovem pastora mortal, uma órfã sábia e bondosa chamada Quaxar, que correspondeu a seu amor.

Por muitos anos, moraram juntos na gruta de Quaxar, ainda visível nos fundos do grande templo, onde ela pariu o primeiro Atlás e seu irmão gêmeo, Kateiros. Nos anos seguintes, os dois tiveram outros quatro pares de gêmeos, que se tornaram os ancestrais das casas reais dos dez reinos de Rutá, a ilha de Varjá. Um dia, Varjá revelou então sua verdadeira natureza e, por amor a Quaxar e aos filhos, remodelou e embelezou aquela terra e fez dela a mais maravilhosa que o mundo jamais vira.

Quando Quaxar envelheceu e morreu, Varjá recolheu-lhe o espírito e levou-o ao mundo dos deuses, onde procurou a primeira esposa. Muxan, deusa da bondade, do amor, da compreensão e da compaixão, morria de saudades do marido, que não via há mais de trezentos anos. Varjá, muito triste, contou-lhe a história e pediu-lhe ajuda para fazer do espírito de Quaxar uma deusa. Muxan queria muito a felicidade do amado e lhe atendeu o pedido. O espírito da pastora foi transformado na deusa da sabedoria e da justiça humanas. Muxan, Varjá e Quaxar viveriam um feliz casamento a três para o resto da eternidade. Quando também morreu Atlás, o filho favorito de Varjá, seu espírito também foi acolhido e adotado por Muxan e transformado no deus da astúcia política e da razão de Estado.

Segundo o mito, o espírito de Atlás aconselhava todos os Imperadores de Atlântida e, nos momentos decisivos, neles se encarnava. O espírito de Quaxar fazia o mesmo em suas irmãs mais velhas. Por isso, quem detinha o título de Imperatriz não era uma das esposas do Imperador, mas a irmã mais velha. Ela não tinha participação direta no governo, mas era muito respeitada por presidir a Corte Suprema de Atlântida. Em caso de empate entre os doze juízes e juízas, cabia à Imperatriz a decisão.

Todos, no Império de Atlântida, aprendiam a história de Varjá e Quaxar como fundamento do Estado e como inspiração de poemas, dramas e obras de arte sem conta. Embora os tlavatlis tivessem seus próprios deuses e estes lhes fossem mais caros e mais importantes para suas próprias crenças e costumes, respeitavam os

deuses senzares e não duvidavam de sua existência e poder.

Ver a Cidade Proibida e lembrar-se do mito despertava em Tiakat sentimentos ambivalentes. Por um lado, sentia-se melancólica. Apertava-lhe o coração não poder mais acreditar totalmente em um mito do qual tanto gostava desde menina. Por outro, a ideia de que todo aquele esplendor não era obra de Varjá, mas de seres humanos semelhantes a ela, inspirava-lhe um novo senso de orgulho – e também de responsabilidade, pois se pessoas como ela podiam construir, também poderiam ter o poder de destruir tudo aquilo. Além do mais, julgava ela, mesmo se o mito for historicamente falso, tinha de ser verdadeiro em algum sentido sobrenatural. Os deuses existiam. Ela já falara com eles.

Sistu via as coisas de maneira um tanto diferente. Para ele, questionar os mitos, tradições e preconceitos e tentar descobrir a realidade por trás deles havia se tornado um prazer em si mesmo. Feia ou bonita, queria a verdade. Não seria digno de um adulto civilizado contentar-se com menos.

A uns doze estádios do limite da Cidade Proibida, o *Palácio das Águas* dobrou à direita, para entrar no porto reservado aos barcos de passageiros vindos do interior. Quatro colossos saudavam os viajantes: as enormes estátuas de Varjá, Atlás, Muxan e Quaxar, cada uma com cinquenta braças de altura. Os barqueiros voltaram a tirar os remos quando a embarcação passou entre as imensas pernas de Varjá. Pouco depois, atracou bem perto do tornozelo de Quaxar.

Para alívio de Sistu, o tlabastô de Rossehn foi um dos primeiros a desembarcar e foi-se com seus avisos de escravos fugidos, sem se desculpar ou mencionar o incidente. Chitali, aterrorizada, também se foi com pressa e sumiu de vista antes que pusessem os pés em terra. Tiakat não teve dúvidas de que ela não ousaria quebrar o juramento.

Assim que desembarcaram, um tlavatli maduro, com uma corrente de prata, se aproximou e perguntou ao soan:

– As montanhas estão em paz? – Cumprimentou-o com o polegar e o mínimo estendidos.

– Xeló está contente com todos nós – respondeu o homem-jaguar, fazendo o mesmo gesto.

– Tu és Kuntal, suponho?

– Não mais – respondeu – agora me chamo Razzan.

– Muito bem, Razzan, então – disse o estranho. – Bem-vindo a Atlântis. Vim receber-te e levar-te a um lugar seguro.

– Obrigado. Deixe-me apresentar meus amigos, Sistu e Tiakat. Eles nem me conheciam, mas correram grandes riscos para salvar minha pele.

– Agradeço muito em nome de Xeló – disse-lhes o homem, cumprimentando-os com uma leve reverência.

– Nada a agradecer – respondeu Sistu –, até porque ele já fez o mesmo por mim.
– Além disso, – acrescentou Tiakat – foi um prazer passar a perna naquele guardinha malcriado. Mas qual é o seu nome?

– Não posso dizer – respondeu o tlavatli –, mas um dia nossa organização saberá retribuir o favor. Mais cedo ou mais tarde, tereis notícias nossas.

Razzan despediu-se de Sistu e Tiakat com abraços apertados. O tlavatli deu-lhes apenas um tapinha nos ombros e afastou-se com o homem-jaguar na direção dos armazéns do porto. Sistu os viu encontrarem um terceiro personagem, um homem-touro que os esperava na saída do porto e irem embora.

– Lelon-xin – perguntou Sistu –, você sentiu alguma coisa nele além do que disse?

– Nada de mais. Um pouco nervoso, mas sincero. Quando falou em organização, tive uma vaga imagem de uma rede de pessoas de todos os tipos, mas nenhum nome, nenhum lugar claro.

Ainda bem que Tiakat estava ali, pensou Sistu. Sem ela, estaria se sentindo mais perdido que minhoca em formigueiro. Suspirou.

– Bom, cá estamos, Lelon-xin. Vamos procurar uma hospedaria, para começar?

– Hum... Quanto dinheiro você tem, Mistonti-xin?

– Doze ases e uns quebrados. – desculpou-se – Era o que havia no meu quarto. Eu não tinha como retirar minha parte do tesouro da família.

– Eu tenho vinte e três ases e pouco. Não dá para economizar muito quando se tem de sustentar dois irresponsáveis. Kopinani-ar me contou que as hospedarias, aqui, custam o dobro. O que temos não vai durar nada, a menos que você queira vender o presente da Siassiá-xin.

– Não, enquanto puder evitar. Alguma sugestão?

– Bom, você sabe que existem albergues do Estado que acolhem viajantes pobres de graça, só que ficam superlotados, não têm privacidade nenhuma e a comida é muito ruim...

– Não, Lelon-xin. Quero um lugar onde possa ficar a sós com você, com alguma tranquilidade.

Tiakat se abraçou a ele.

– Ela me disse que há também um meio-termo: muitos templos da capital hospedam viajantes bem mais barato que as hospedarias comerciais – disse ela. Acomodam principalmente peregrinos, mas costuma haver lugares disponíveis para qualquer pessoa respeitosa e amigável. Os quartos são despojados, mas limpinhos. A comida é simples, mas não são avarentos com ela. Só que pedem aos hóspedes para ajudar um pouco nas tarefas da cozinha, da limpeza ou do culto.

– Parece uma ideia mais atraente. Quanto será que cobram?

– A diária é menos de meio ás, me disse a titia. Nessa base, posso pagar nossa hospedagem com um servicinho aqui ou ali, enquanto procuramos alguma expedição

da qual possamos participar. Posso fabricar pekenans, dar consultas ou coisa assim.

– E você? – ele quis saber – Não vinha aqui para estudar magia?

– Pensei que vinha, no início, mas não tenho tanta pressa. Neste momento, sinceramente, estar com você é mais importante. Quando voltarmos da sua expedição, vamos dar um tempo em Atlântis para eu estudar, antes de partirmos para outra, topa?

– Claro que sim. Você sabe de algum desses templos?

– Quase todos os templos importantes prestam esse serviço, mas ela me recomendou em particular o Grande Templo de Muxan, lá do outro lado da Cidade Proibida e o Templo Tricolor, mais perto daqui.

– Vamos tentar esse Tricolor? Se for um lugar agradável, já ficamos lá.

Capítulo 21 – O mercado de escravos

O Templo Tricolor ficava a dois ags de caminhada, no centro de um grande jardim. Como quase todos os templos atlantes, erguia-se sobre uma plataforma elevada em relação ao terreno. Esta era cercada por uma muralha formada por um jogo decorativo de blocos vermelhos, brancos e negros, que ocultava a área do templo propriamente dito. Subindo-se a escadaria, passava-se por um portal na muralha para chegar aos recintos internos.

Os alojamentos dos acólitos e peregrinos ficavam em uma das pontas do jardim. Sistu perguntou sobre a hospedagem à acólita que cuidava da casa e levou um susto:

– São duzentos por dia por pessoa, com três refeições...

A moça viu as caras de espanto, entendeu e emendou:

– Ah, desculpai-me, é que aqui na capital calculamos todos os preços em mans, pois circulam muitas moedas estrangeiras, de muitos países diferentes. Sois do interior, percebo pelo sotaque e lá não se usa assim, não é? São duzentos mans, quer dizer, dois ticais.

Aliviados, foram olhar o quarto, gostaram e decidiram ficar. Sistu e Tiakat deixaram suas coisas para dar uma volta pelo bairro, a começar pelo templo.

Colunas de granito vermelho-sangue e paredes brancas sustentavam uma entablatura de mármore branco e marfim, com frisos em altos-relevos coloridos. O interior da nave principal, pavimentado com mármore negro, também tinha paredes e teto branco e colunas vermelhas. Uma plataforma atrás do altar principal abrigava três grandes estátuas, cada uma das quais tinha, sentada no trono, seis braços de altura. A da deusa Kiném era de liga negra de ouro, prata e ferro, a do deus Tliká de liga vermelha de ouro e cobre e a da deusa Karmó, de liga branca de ouro e paládio. As três estátuas usavam as típicas calças e sandálias senzares, com cores trocadas: Karmó usava puro negro, Tliká branco e Kiném, vermelho. Uma ave pousara no ombro de Karmó, um gato se acomodava nos joelhos de Tliká e uma serpente envolvia os seios de Kiném.

Aos pés do trio, duas estátuas menores, nuas, davam-se as mãos, aninhadas junto aos deuses como crianças pequenas aos pés dos pais: uma mulher de liga verde de ouro e prata e um homem de liga dourada de ouro, prata e cobre, ambos de traços senzares. A mulher era Nová, divinizada, após a morte, como deusa da coleta de vegetais silvestres e o marido Fogui, transformado em deus da caça e da pesca. A primeira mulher e o primeiro homem, de acordo com o mito senzar.

A nave principal era rodeada por nichos nos quais fiéis abastados, em troca de uma generosa doação ao templo, colocavam suas próprias imagens – em madeira,

pedra, oricalco, prata ou ouro, conforme as posses – em atitude de perpétua adoração aos cinco deuses. A doação garantia que, mesmo após a morte dos doadores, essas estátuas, conservadas e protegidas por sacerdotes dedicados, continuariam a homenagear os deuses.

Também havia imensas filas de prateleiras, nas quais os devotos deixavam suas oferendas, em geral trabalhos artesanais e artísticos feitos pelas próprias mãos, pois os Três Irmãos eram padroeiros – entre muitas outras coisas –, das artes e ofícios. Os sacerdotes os deixavam em exibição por uma quatorzena, junto ao nome do ofertante, e depois os vendiam em prol da manutenção do templo.

– É lindo, Mistonti!

– Sim, e também tem muita história. Esse deve ser um dos templos mais antigos da cidade. Deve ter mais de mil anos e as estátuas principais, pelo menos seiscentos. As estatuetas são de muitas épocas diferentes – Ele apontou – veja a variedade de estilos.

– Teu povo é muito devoto, não? Tantas estatuetas, tantas oferendas...

– Bom, sem querer ser cínico, acho que não tanto. Primeiro, a cidade é enorme. Depois, as oferendas não são assim tão gratuitas.

– Como assim?

– Também expressam vaidade e interesse. O ofertante recebe homenagens dos admiradores e adutores em vida e, se conseguir ser lembrado após a morte, também dos descendentes e discípulos. Conferem uma espécie de imortalidade. Já as oferendas de obras servem para artesãos e artistas exibirem sua habilidade e atrair clientes.

– Entendo... Nós, em vez de fazermos estátuas ou oferendas duráveis, cozinhamos para os deuses, dançamos e cantamos com eles, e tudo isso serve, ao mesmo tempo, como maneira de impressionar e seduzir os vizinhos.

Tiakat sorriu e emendou:

– Mas tenho certeza de que os deuses não se incomodam. Os nossos, pelo menos, se divertem com isso, enquanto tiverem a sua parte.

Do templo, desceram à cidade e deram por acaso com o mercado central de servos e escravos. Coleiras de metal – de ferro, cobre, prata ou ouro, conforme a categoria – os identificavam. Na maioria humanos, machos e fêmeas de todas as cores e idades, mas também soans, silvanos, subterrâneos, pigmeus e até gigantescos lemurianos, mais altos sentados que o avantajado Sistu de pé. Os escravos e as não-pessoas eram expostos nus à curiosidade dos possíveis compradores. Os servos eram tratados com mais dignidade e muitas vezes transacionados junto com esposo ou filhos pequenos dos quais era proibido separá-los. Havia quem se oferecesse como servo, sob tais ou quais condições: tal homem, segundo o anúncio, queria um ano de liberdade para gastar o dinheiro antes de iniciar a servidão. Uma mulher

especificava que seus filhos nasceriam livres.

O mesmo espaço era destinado à venda de animais domésticos. Havia felinos de vários tamanhos, de gatinhos até santares enormes, passando por quifures e guepardos. E também cães, raposões, serpentes, jabutis, macacos, ursos anões, preguiças, pandas e elefantes pigmeus. Maior ainda era a variedade de aves, que os atlantes apreciavam colecionar: passarinhos de gaiola e também papagaios, araras, aves-do-paráíso, faisões, groues, garças, falcões, águias e os raros e dispendiosos *funs*, símbolo de prestígio na aristocracia atlante. Com corpo de águia, bela plumagem vermelha, crista imponente e patas de cegonha, são altos como um homem, bons vigias e caçadores e ainda capazes de falar palavras e frases.

Para Sistu, o espetáculo era tão constrangedor quanto interessante. Tiakat sentia-se ainda mais dividida entre o fascínio e o horror. Não havia nada assim em Raltlor, nem sequer em Rasab, onde tais negócios não chegavam a justificar uma feira especial e permanente.

A curiosidade os levou pelo labirinto até uma baía na qual um cliente simulava desdém e desinteresse ao examinar e apalpar o corpo de uma bela senzar. Embora o cartaz pendurado ao pescoço a anunciasse como “Xizzin de Rasab, escrava nova, 900 ases”, Sistu reconheceu Riofá, a neta da estalajadeira intransigente, que também pareceu reconhecê-los. Constrangida, virou o rosto e levou um tabefe do vendedor, talvez por ele pensar que ela recusava mostrar os dentes ao freguês.

Ainda mais envergonhados que ela, Sistu e Tiakat chispam-se dali e foram tomar ar na beira do canal, sem ânimo de dizer nada. Antes de voltar, Tiakat deixou Sistu presenteá-la com uma tanga de estilo semelhante ao das que viram moças tlavatlis usar na capital. Haviam se cansado dos atlantes a fitá-la como se fosse bicho, ou pior, escrava.

Capítulo 22 – O Instituto Imperial

Enquanto tomavam o desjejum, uma sacerdotisa pediu a colaboração dos hóspedes para trazer peixes e carnes frescas para a cozinha. Havia um grande mercado de pescados não muito longe do templo, mas os sacerdotes queriam peixe de mar, vendido por atacado só do outro lado da cidade. Sistu e Tiakat ajudaram a remar duas grandes gôndolas de carga, conduzidas por acólitos que conheciam bem o caminho.

Ao passar pelo grande fosso que rodeava o muro exterior da Cidade Proibida, Tiakat ficou arrepiada com a intensidade da aura daquele lugar. Sistu não notou: era menos sensível e seu interesse estava concentrado nos navios mercantes fundeados ao redor e na sede do Instituto Imperial de Kisharografia e História, um vistoso prédio de mármore e oricalco junto a uma das grandes pontes que uniam a Cidade Proibida aos bairros profanos. Eram as duas alternativas para seu destino, imaginava.

Chegando ao mercado, ajudaram a escolher e embarcar as cestas de pescado, que os acólitos pagaram. Em seguida, passaram pelo vizinho mercado de carnes, no qual se abasteceram de tripas, miudos e morcelas – mais valorizados pelo povo da capital que a carne fresca – e lutaram para entender o confuso sistema monetário. Além de moedas atlantes, circulavam o uqiga de Kaldu, equivalente a 200 mans; o shekel de Ofir, 60 mans; o qedet de Musru, 50 mans; o gin de Lemté, de 80 mans e o dragma de Acaia, de 24 mans. E os mans propriamente ditos, fichas e papéis de muitos formatos e materiais, às vezes sem valor, pois a casa que os emitira fora à bancarrota. Falsificar moeda metálica era um crime grave, mas tentar passar adiante mans falidos ou falsificados era mera fraude comercial e havia quem corresse o risco. Tiakat precisava de clarividência tanto para não ser enganada quanto para compensar a falta de jeito com a aritmética.

No dia seguinte, foram à sede do Instituto Imperial. De um lado do pórtico, um potente Atlás sustentava o globo de Kishar, do outro, uma carinhosa Voris embalava o rolo fechado no qual se escondiam os segredos da História. Era o sonho de Sistu: um centro de estudos sobre todos os aspectos da humanidade e da natureza, pelo qual passavam todas as expedições de pesquisa e desbravamento patrocinadas pelo Casal Imperial e onde todos os aspirantes ao serviço diplomático deveriam estudar e estagiar antes de serem encarregados de alguma missão. A probabilidade de ser aceito era baixa, mas não perderia nada por tentar. Tiakat o encorajava: Kopinani trabalhara com eles e conhecera nomes que poderiam ajudar. Se dissessem “não”, sempre poderia tentar um serviço junto a grandes mercadores e suas companhias de

navegação.

Sistu foi encaminhado a um velho senzar que se identificou como um dos secretários do conselho diretor. Apresentou a Tiakat e a si mesmo como estudantes destacados de seu distrito, com habilidades incomuns e interesse em explorações geográficas e históricas. Falou da disposição de ambos para trabalhar para o Instituto, se o pudessem fazer juntos. O senzar respondeu, cauteloso:

– Sem duvidar de vossa competência e dedicação, não sei se haverá possibilidade. Não influo nessas decisões e há outros interessados, alguns deles ligados aos conselheiros por anos de estudo, amizade e parentesco. Posso apenas marcar-vos uma audiência com os organizadores da próxima empreitada.

– Podeis nos dizer algo sobre essa expedição, meu senhor? – Sistu pediu.

– Trata-se de investigar o curso de um rio nascido das selvas virgens de Nemté, a natureza e os selvagens da região e boatos sobre ruínas próximas da nascente. Não sei se partirá dentro de alguns meses ou de mais de um ano. Faz menos de duas quatorzenas que saiu a mais recente, destinada a Lemté. As anteriores ainda não voltaram e o Instituto não tem recursos para sustentar um número ilimitado de missões simultâneas.

Sistu voltou-se para a companheira.

– Para mim está bem. Concordas, Tiakat-ké?

– Se te agrada, também serve para mim, Sistu-quan.

Virou-se outra vez para o secretário.

– Então, se podeis nos conseguir uma audiência, nós muito vos agradeceremos.

– Será, pois, em treze dias – informou o ancião –, no dia do macaco da próxima quatorzena.

– Peço licença para perguntar algo mais – disse Tiakat –. Conheces Quin Tixó Kasmin, um mestre que há tempos participou de expedições ao Oriente?

– Claro que sim! Professor Quin-ci, diretor de pesquisa do Instituto. Ele é o responsável direto por essa expedição, entre outras coisas.

Ao sair, Tiakat comentou:

– Não falava senzar clássico desde a escola...

– Acho que você se saiu bem. Como foi?

– Ah, fiz de conta que era a Kopinani e falei do jeito dela.

– Faça assim também na audiência. Com esses funcionários e acadêmicos, acho que contribui muito a fazer boa impressão.

– Sabe, Kopinani me falou muito bem desse Quin-ci, de quem foi amiga e ajudante. Se ele se lembrar dela, é ponto para nós.

– Tomara! Mas deve ter sido há muito tempo... E ciciós é um estatuto bem alto. Espero que não seja desses que despreza os de baixo.

– Se fosse, Kopinani nunca teria sido amiga dele.

Capítulo 23 – As espadas de oricalco

Nos dias seguintes, os dois participaram de boa vontade dos preparativos para o Festival das Três Cores, que começaria no próximo dia de leão, primeiro do mês de Flores.

Nas horas vagas, Tiakat, a pedido de Sistu, procurou uma avaliação honesta do pomo de ouro, pensando na possibilidade de virem a precisar de dinheiro. Também buscou por alguém que pudesse dizer algo sobre o estranho encanto das espadas de oricalco.

Mesmo para uma xamã, não era trivial. Joalheiros e comerciantes de armas de Atlântis estavam acostumados a clarividentes e se protegiam com amuletos e outras técnicas. Mas Tiakat era mais poderosa que a média dos videntes, conseguia driblar muitos de seus recursos e acabou por encontrar profissionais confiáveis.

O pomo foi o menos difícil. Em Atlântis, os ofirianos eram tidos como avarentos, calculistas e insensíveis, mas Tiakat encontrou o joalheiro mais digno de confiança nesse povo. Poderia lhes oferecer setecentos e vinte ases, disse, se acaso quisessem desfazer-se da peça. Decerto, isso ainda lhe daria uma boa margem de lucro na revenda.

Com espadas, era mais complicado. Havia muitos armeiros e comerciantes especializados, mas a maioria lidava com peças comuns e Tiakat pressentia algo muito diferente nas armas de Sistu. Por fim, ao atravessar uma pequena ponte sobre um canal não muito longe do Templo Tricolor, deu com um pequeno museu particular de armas antigas. Falou com o velho senzar, terbastô reformado, que esperava por visitantes junto à entrada. Morava no piso superior, onde mantinha uma biblioteca e, de vez em quando, negociava com colecionadores. Disse ser perito em armas encantadas e Tiakat pôde perceber nele alguma sensibilidade e treinamento em magia. Se fizessem uma visita ao museu, teria todo o prazer em fazer uma avaliação sem custo nem compromisso. Sugeriu que chegassem nas primeiras horas do dia, quanto apareciam poucos visitantes e poderia lhes dar mais atenção.

No dia seguinte, voltou com Sistu e juntaram-se a mais meia dúzia de visitantes, aos quais o terbastô mostrou as várias salas da coleção por módicos vinte mans. A primeira exibia escudos e armaduras, incluindo dez das famosas armaduras atlantes de oricalco, de diferentes épocas e mais de vinte armaduras de aço e diferentes tipos de proteção de couro e malha. A segunda, vários tipos de armas contundentes, de clavas primitivas a martelos de guerra ricamente decorados, junto a machados e machadinhas. Outra era especializada em facas, adagas, punhais e estiletos, que enchiam paredes e vitrines. Depois, as lanças e armas de haste. Uma sala de arcos,

bestas, flechas e virotes de diferentes tamanhos e formatos. Outra de mosquetes e arcabuzes, dorjes, duas pequenas bombardas e vários tipos de granadas.

Para Tiakat, o ambiente sombrio, as maciças paredes de blocos de pedra e os armários envidraçados de madeira escura eram pouco atraentes. O tema não lhe era atraente. Tantos milhares de objetos a demonstrar a criatividade dos humanos para matar seus semelhantes lhe davam arrepios. Limitava-se a dar uma atenção polida às minuciosas explicações, enquanto a curiosidade de Sistu era genuína. O velho respondia com prazer e segurança às suas perguntas, de caráter tanto histórico quanto tático.

Os outros indagavam menos. Dois deles, de estatuto elevado, se apresentavam como colecionadores e pareciam querer mostrar que já sabiam tudo. Os demais eram simples curiosos e suas dúvidas soavam triviais até para ela.

A maioria das armas estavam cuidadosamente ordenadas e etiquetadas nas paredes, prateleiras e vitrines por idade e procedência, mas em tão grande quantidade que sua acumulação a deixava mais perdida que informada. O que Tiakat achou mais curioso é que as peças exibidas com mais destaque e sobre as quais o especialista mais se estendia não eram, em geral, as mais bonitas. No mais das vezes, eram armas bem danificadas, deformadas, enferrujadas, às vezes pouco mais que fragmentos conservados como relíquias. Mas haviam sido usadas em batalhas famosas ou eram muito antigas. Algumas delas tinham quase dois mil anos, disse o terbastô. Aos colecionadores, que gostavam de perguntar sobre valores, relacionou cifras de muitos mil ases a algumas delas.

O guia deixara claro aos visitantes que não deviam tocar nas armas, mas demonstrava algumas delas no pátio central para o qual davam quase todas as salas. Manobrou uma alabarda, arremessou uma adaga, flechou um alvo pendurado na parede oposta. Na seção de armas de fogo, demonstrou um dorje, que disparou um relâmpago contra um poste de bronze e deixou um cheiro de tempestade, logo abafado pelo cheiro de pólvora de uma detonação de arcabuz.

A sala maior era dedicada às espadas, pelas quais o colecionador mostrou um entusiasmo especial: “a espada é a expressão mais pura do guerreiro”, disse. Mais tipos que Tiakat pudesse imaginar. Diferentes modelos de lukem, lital e quantal, de bronze, aço ou oricalco, classificadas segundo modelos de lâmina e empunhadura que ela mal conseguia distinguir, mas eram características de diferentes épocas e regiões. Espadas de culturas exóticas: pesados alfanjes cerimoniais dos antigos caris, as leves e afiadíssimas espadas usadas no desaparecido império mugal e estranhas espadas de lâmina sinuosa ou de muitas pontas, oriundas de terras distantes. Dos agartis, além de gládios e espadas longas mais ou menos convencionais, Pau-hin demonstrou uma espada flexível como chicote e afiada como navalha, talhando a fundo um manequim empalhado.

Para o final, reservou duas das espadas mágicas mais valiosas de sua coleção. A primeira era uma estranha espada com uma lâmina pontuda cruzada por uma seção curva em ziguezague, com outras pontas. O velho pediu que se afastassem e arremessou-a, lâminas girando, para o centro do pátio. A espada aparou folhas de um arbusto e voltou, ameaçadora, contra Pau-hin e os visitantes às suas costas, um dos quais não conseguiu conter um grito. Mas o velho a agarrou pelo cabo, com precisão.

O grupo, aliviado, aplaudiu. Mas o especialista disse:

– Receio ter de confessar que não sou assim tão hábil. Os aplausos são devidos à habilidade do mago lemuriano que criou esta arma há mais de trezentos anos...

Para mostrar o que queria dizer, jogou-a displicentemente a pouca distância, mas ela não chegou a tocar o chão. Fez uma curva e devolveu, cortês, o cabo à mão do mestre.

Pôs então na bainha à cintura a segunda arma, uma espada curta de lâmina sinuosa, com uma empunhadura ricamente trabalhada. Pau-hin ofereceu uma falsa espada de bambu a um dos colecionadores, pediu que ele fingisse um ataque sorrateiro, afastou-se para o outro lado, deu-lhe as costas, cruzou os braços e começou examinar detalhadamente as frestas da parede. O homem de corrente de ouro aproximou-se, pé ante pé, mas antes que tivesse o velho a seu alcance, a espada chocalhou desesperada na bainha, para adverti-lo. Ele virou-se num átimo, de espada na mão, gesto teatral que lhe rendeu novos aplausos.

Por fim, Pau-hin agradeceu a visita, despediu os demais visitantes e conduziu Tiakat e Sistu escada acima à biblioteca. Ouviu a história da desventura do tio Moam com sincero interesse, antes de pedir para ver o espadão e o gládio.

Por longos momentos, o velho os examinou com cuidado, à luz da janela. Procurou então um livro volumoso, soprou a poeira, abriu-o e folheou-o até encontrar o que queria. Voltou-se então para Sistu:

– Zi-quan, não sabes mesmo onde e como teu tio conseguiu essa espada?

– Não, mas suponho que a comprou em Duaraka, de algum espadeiro local.

– Dificilmente.

O perito fechou o volume e mirou Sistu nos olhos.

– Trata-se de um autêntico par de *lukem* e *lutal* da mais remota era pré-imperial, forjadas por um mesmo mestre. Estimo que tenham cerca de dois mil e seiscentos anos.

– Mais de dois mil anos! – Sistu exclamou – Não é possível! Parecem novas, devem ser réplicas!

O velho olhou feio para Sistu.

– Meu caro jovem, estudo espadas há quase duzentos anos, não faço gracejos com este assunto e posso garantir que ainda não comecei a caducar.

Voltou a passar os dedos, com cuidado, pela lâmina.

– Mas compreendo as razões de tua surpresa, Zi-quan. Apesar da idade, não mostram sinais de pátina ou de desgaste. Seria uma indicação segura de que portam um encantamento raro e poderoso, mesmo que eu não pudesse senti-lo.

– Perdoe-me, venerável Pau-hin. Mas de onde vem tua certeza?

– Vê a lâmina sob o sol. Notas o leve adamascado do oricalco?

– Sim...

– É uma característica vista apenas em armas forjadas há mais de mil e cem anos, resultado da técnica então usada para forjar o metal. No início da era imperial, passou-se a usar um método mais rápido e barato, que dá um brilho mais uniforme. As técnicas antigas, transmitidas oralmente de mestre a aprendiz, foram esquecidas. Nos últimos séculos, vários artesãos tentaram recriá-las para fazer réplicas mais perfeitas de armas antigas, mas todos fracassaram. Há muitas outras minúcias que poucos armeiros modernos imitariam com tanta perfeição. Mesmo que não fossem adamascadas e fossem réplicas modernas, seriam obras de arte excepcionais.

– Pode dizer onde foram feitas?

– O feitio é típico da Tolan de há dois mil e seiscentos anos, apesar de serem conhecidas apenas quatro espadas desse estilo, todas elas bastante danificadas. Nenhuma delas, infelizmente, está na minha coleção – suspirou – a mais acessível está no museu do Instituto... Teoricamente, poderiam ter sido feitas na Atlântida pré-imperial, imitando um modelo estrangeiro ainda mais antigo, mas estou certo de que não.

– Se um dia eu precisasse vendê-las, quanto valeriam? – Sistu perguntou.

O velho deu uma gostosa gargalhada.

– Ah, meu rapaz, se não fossem encantadas, a *lukem* poderia valer pelo menos dez mil ases e a *lutal*, talvez a metade. É só encontrar um nobre poderoso à procura de um presente capaz de impressionar o Imperador... Não, esquece, estou a divagar. Essa magia é inestimável. Se quiseses oferecê-las ao Casal Imperial, Suas Majestades de bom grado te recompensarão com um posto na aristocracia, um milhão de ases, ou ambas as coisas.

Sistu caiu em silêncio. Abraçou os ombros como se estivesse com frio e sacudiu a cabeça, a tentar pôr as ideias em ordem. Tiakat afagou-lhe os músculos tensos e aproveitou para levantar a questão que mais lhe interessava.

– Mas qual é a magia, Pau-hin? Sinto algo muito diferente, como se fosse a aura de um ser vivo e não de um simples objeto encantado, mas não consigo ir além disso... Há como identificá-la?

– De certo modo. Estudei magia guerreira nas escolas Shapash e Erakal e pesquisei muito por conta própria, mas também jamais vi coisa igual. Sei, porém, de uma antiga lenda sobre um par de espadas usadas por um grande herói de Tolan cuja

descrição se encaixa muito bem...

– Qual lenda? – ela insistiu.

– Podes lê-la em qualquer boa biblioteca: O *Épico de Guar Otis Quargad*, o legendário fundador do clã Guar.

Sistu, surpreso, saiu do ensimesmamento.

– Aquele que...?

– Enfrentou e derrotou o paladino de Raan, casou-se com a filha da rainha, herdou o trono e fundou a segunda dinastia de Tolan, que levou esse império ao auge do esplendor. As espadas se transformavam em dois dracos dourados que obedeciam todas as suas ordens. Haviam sido aprisionados a um juramento, graças a um ardil...

Os olhos de Tiakat brilhavam. Fascinada, não conteve a tentação de interromper.

– Como elas se transformavam?

– Segundo o *Épico*, Guar-tar só revelou o segredo ao sucessor, quando este chegou à maioridade. Assim fizeram seus descendentes até a Idade das Trevas, quando o Generalíssimo assassinou o jovem Imperador para tomar o trono. Seu sobrinho e herdeiro, ainda criança, fugiu com os pais, mas o navio foi abordado pelos usurpadores. O menino jogou-se ao mar com as espadas, das quais não mais se ouviu falar até há cerca de mil e cem anos, quando uma emissária de Varjá surgiu para emprestá-las ao legítimo herdeiro de Atlântis, em luta contra uma dinastia de usurpadores, com a condição de devolvê-las quando completasse a missão de unificar o Império. Mal foram usadas, porque o rival se rendeu ao ver os dracos divinos obedecerem ao descendente de Atlás e os demais reis da ilha aceitaram sua liderança pacificamente. Conforme jurara, o primeiro Imperador atirou pessoalmente as espadas ao mar antes de morrer e jamais revelou seu segredo. Se alguém puder descobrir a senha, há de ser um necromante capaz de persuadir o fantasma de Guar-tar ou de um de seus herdeiros. Ou, talvez, um clarividente muito hábil e poderoso... Mas acautela-te: muitos sábios matariam a mãe sem pestanejar para se apoderar deste segredo.

– O senhor o guardará? – Sistu perguntou, desconfiado.

– Ah, Zi-quan, é grande a tentação de revelá-lo. Essa pode ser a maior descoberta da história da armaria em eras. Mas, antes de ser um colecionador, sou um velho crente. Se essas armas ressurgem agora, não é por um acaso. Algo muito sério há de acontecer e não sou homem de me intrometer nos desígnios dos deuses...

Ergueu-se e olhou pela janela, olhos perdidos no céu, como se esperasse orientação do alto. Por fim, suspirou e voltou-se para Sistu, segurando-o afetuosamente pelos ombros.

– Boa sorte, meu filho. Tem cuidado e procura ser digno delas.

Os jovens agradeceram, despediram-se e saíram em silêncio. No caminho de volta, Sistu perguntou:

– Lelon-xin, tem certeza de que ele não estava nos gozando? Não será algum truque?

– Não, Mistonti, eu pude passar pelo voziohu de Pau-hin. Não é dos melhores e não tem recursos para transmitir falsas impressões. Pude sentir as emoções dele e eram sinceras.

– Mas ele poderia estar errado?

– Quanto a serem as espadas de Quargad? Aí já não sei, mas ele acredita nisso. E você? Suas leituras não podem esclarecer alguma coisa?

– Sempre pensei nas espadas-dracos como adornos heroicos de algum feito guerreiro mais convencional, ou mesmo como uma completa invenção. É uma vergonha, mas nunca li o épico no original, só resumos e citações... É longo e escrito em senzar arcaico, mas agora vou ter de enfrentá-lo.

Capítulo 24 – Os deuses de Atlântis

No dia seguinte iniciava-se o Festival das Três Cores. Por três dias, todos no Templo estariam ocupados. Eram dias de procissões, oferendas, récitas, danças, canções e representações teatrais alusivas ao templo, aos três deuses e às narrativas de seus milagres.

No primeiro dia, Tiakat e Sistu acompanharam o festivo cerimonial do Templo. No segundo, Tiakat quis ir a uma celebração tlavatli dos mesmos dias – com outros deuses, outros mitos e outros rituais.

Para os tlavatlis, o Festival não se referia aos três deuses do templo senzar. Era o momento de todos os seus deuses descerem à Terra, comerem e dançarem com os fiéis e renovarem laços de amizade, respeito e proteção. Enquanto no interior, as cerimônias eram feitas num descampado, em Atlântis reservava-se um grande pátio, cercado de altares.

Tiakat não planejava tomar parte ativa na cerimônia, mas ao chegar a vez de Chiuknawat ser convidada a participar, a Indomável desceu sobre a xamã, como costumava fazer em Tochiwayo, arrebatou a soqual simbólica da perplexa sacerdotisa e apoderou-se de uma mão-cheia da oferenda de bolinhos, devorando-os com avidez. Não só Sistu, como todos ficaram surpresos – e também impressionados, pois a deusa dançou com um entusiasmo nunca visto e ofuscou o resto da cerimônia. No final, um pequeno tornado se formou em torno da deusa encarnada e a ergueu no ar, enquanto relâmpagos de luz brilhante lhe faiscavam pelo corpo e pela soqual, fazendo-a parecer muito maior do que era. Em seguida, a ventania amainou e suavemente depositou no chão a atordoada Tiakat, que se agachou enquanto a mente se desanuviava. Fez-se um profundo e reverente silêncio enquanto ela se erguia e voltava para o lado de Sistu. Só então os sacerdotes deram a ordem de atacar os tambores e retomar o ritual.

– O que você sentiu, exatamente? – perguntou Sistu, enquanto voltavam.

– É como sonhar que sou a deusa. Já me aconteceu outras vezes, mas desta vez foi muito mais forte. Os ventos me obedeciam e eu sentia como se pudesse sacudir o mundo.

– Será a forma de Xeló agradecer a ajuda?

– Não sei. Não consigo me lembrar de todos os detalhes. Eu estava muito contente. Não me lembro se era por isso...

No terceiro dia, Sistu e Tiakat voltaram ao templo senzar, a tempo de acompanhar o ponto culminante do festival: um auto que representava o mito senzar da criação da humanidade em um grande anfiteatro construído do lado do jardim oposto ao

alojamento dos peregrinos. O Templo formava o fundo do cenário e os deuses eram representados por grandes bonecos. Artistas os pilotavam e, por meio de complicados mecanismos internos, transmitiam-lhes gestos e expressões e os faziam cantar e dançar, enquanto músicos acompanhavam as ações com o som de flautas senzares, cítaras e instrumentos de percussão e um coro comentava as ações.

Karmó, a sempre criativa, chama o irmão Tliká e a irmã Kiném. Teve uma ideia para um ser vivo diferente de todos os outros. Quer a ajuda deles e lhes explica o que fazer.

Karmó derrama lágrimas, cospe saliva, e massageia o peito para extrair leite: dessas matérias-primas faz a cabeça e a mente. Tliká faz um leve corte na mão para extrair sangue, masturba-se para derramar sua semente e ajuda a irmã a fazer o peito, os braços, as pernas, o pênis e a vontade. Kiném colhe seu sangue menstrual, suas secreções vaginais e de suas fezes e urina e ajuda a fazer a barriga, a vulva e o desejo.

O resultado é uma estranha criatura chamada Kadmon, representada no bailado por um rapaz e uma moça unidos costas com costas e envolvidos por um véu esvoaçante. A dança do casal de acrobatas-bailarinos, ágil e harmoniosa, consegue tornar verossímil a ideia de que os seres humanos foram feitos para ser hermafroditas e ter quatro pernas, quatro braços e dois rostos, um voltado para frente, outro para trás.

Muxan e Varjá, avós dos três irmãos, divertidos e encantados com a criatura dos netos, decidem aperfeiçoá-la ainda mais. Muxan dá-lhe alma e compaixão e Varjá, ânimo e coragem. Elevam Kadmon à plenitude do ser e da consciência, quase à divindade.

Das brumas emerge Raan, irmão de Muxan e Varjá, deus dos vagalhões, dos furacões, do caos, da violência e da destruição. Despeitado com a habilidade de Karmó e seus irmãos e receoso de que a criatura se torne uma poderosa inimiga, aproveita-se da ausência dos irmãos para matar Kadmon de um só golpe. Corta-lhe o corpo ao meio.

Ao voltar e descobrir o que se passara, Karmó, indignada, pede ajuda à mãe Tloí, mensageira responsável por ouvir todas as preces e encaminhar as mais dignas de atenção. Tloí leva a súplica à mãe Muxan, à tia Fontis, deusa da fertilidade, das montanhas e das florestas e ao tio Kedlon, deus da virilidade e dos animais.

A lei dos deuses, recordada por Tliné, proíbe a Muxan desfazer o irrevogável ato de Raan, mas não a impede de dar nova vida às duas metades como seres separados. Fontis concede a fecundidade à metade feminina, à qual chama Nová, e lhe ensina a coleta de vegetais silvestres. Kedlon dá masculinidade à outra metade, à qual chama Fogui e ensina a caça e a pesca.

Dotados de outro tipo de imortalidade e desses novos poderes, as novas criaturas são solenemente abençoadas. A maioria dos deuses, a começar pelos três irmãos, jura jamais deixá-los sós e protegê-los das futuras investidas de Raan.

Faddá, primeira filha do casal, inventa a medicina e ajuda a mãe a parir e criar os irmãos. Nasce depois o menino Sannu, heroico criador da agricultura, do pastoreio e do fogo. Uluci, o primeiro neto, é o primeiro a escrever, calcular e filosofar.

Nová e Fogui, divinizados ao morrer por Muxan, veem o mundo inteiro ser ocupado e civilizado por sua descendência que, aos olhos do inconformado deus do caos, torna-se um insulto muito maior do que Kadmon teria sido.

Mas Raan – recorda o coro final enquanto o sol se põe no horizonte – não se conformou com a derrota: por três vezes, já enviou seus representantes para tentar corromper ou destruir a humanidade. Três vezes foi enganado ou derrotado, mas continuará firme em seu propósito até o final dos tempos, ou até os deuses ou os homens encontrarem uma maneira de aprisioná-lo, com seus acólitos, em seu mundo infernal.

Em seguida espocaram os fogos, enchendo de luzes o céu de Atlântis. Iluminada pelas duas luas e por milhares de lanternas multicoloridas, a festa recomeçou para só terminar ao nascer do sol do dia seguinte.

Embalados pela alegria da multidão, Sistu e Tiakat esqueceram as preocupações e passaram a noite a dançar, comer e beber entre milhares de foliões, muitos deles fantasiados como personagens mitológicos. Como a maioria deles, acordaram à tarde e passaram o que restava do dia fazendo amor. Começar a recolher a bagunça deixada no jardim do templo ficaria para o dia seguinte, mas os dois jovens se desculparam. O compromisso com o Instituto Imperial de Kisharografia e História era inadiável.

Capítulo 25 – Na Cidade Proibida

No quarto de hóspedes de um dos mais ricos palacetes do Anel Interior da Cidade Proibida, Quar Odu Arpá, o mais jovem mentô do Exército Imperial, ergueu-se, nu exceto pelos antebraços de oricalco. Pôs os pés para fora do enorme leito, grande como uma tenda de campanha, mas proporcional ao vasto aposento. O quarto de hóspedes de sua anfitriã, Quar Vazós Zissar, a Vazós-hó, era amplo e desimpedido na maior parte, embora também contivesse um trono, mesas, vários divãs, arcas, armários e almofadões. Tapetes de peles de diferentes animais exóticos espalhavam-se sobre o chão de mosaico. As paredes e o teto estavam cobertos por ricos afrescos e espelhos; portas e janelas tinham esquadrias e caixilhos de oricalco.

Duas de suas belas escravas senzares acompanharam-no do leito à terma privativa ao lado. Com ele desceram os três degraus de mármore negro, mergulharam na água tépida e perfumada da grande banheira circular e o banharam, massagearam, pentearam e perfumaram, entre risos e carícias provocantes. Como a todas as suas escravas-concubinas, ele lhes dera nomes de pedras preciosas e cada uma usava sobre o púbis a gema homônima. Uma era Rospal, “esmeralda”, a outra Xipal, “ametista”.

Ao lavar e massagear seus braços, elas cuidaram de não tirar um antebraçal antes de pôr o outro, pois o amo jamais se separava completamente da armadura. Trouxeram-lhe e puseram-lhe o bracelete de ouro de alto oficial, as calças vermelho-escuras típicas do clã Quar e os coturnos.

Segundo os usos, devia colocar no braço três argolas de ouro e vestir capa vermelha, como cabia a um mentô e pôr a tiracolo uma corrente de ouro e duas de prata, conforme seu estatuto. Mas naquela noite ele não seria apenas o brilhante mentô Quar-pás. Era o momento de ser revelado como o Sol da Meia-Noite, o Salvador. Saboreou a sensação de usar a tríplice corrente de ouro de vaciós e as cinco argolas e a capa branca de supremo comandante militar. Era uma ousadia passível de punição severa, mas um poder superior ao Casal Imperial o autorizara: Rudlá, o emissário de Raan, que o acompanhava há anos.

Conhecera-o na mesma noite em que ganhou os braceletes de prata de cadete. Aprendeu então sobre os imensos poderes da armadura de oricalco que herdara do tio, afogado em um combate fluvial em Nemté quando Arpá ainda era criança e soube que os Antigos Deuses contavam com ele, Odu Arpá, para restaurar-lhes a glória.

Para subir o mais rápido possível na hierarquia militar, voluntariou-se para servir na província de Vetsen, onde se concentravam as mais ricas minas de ouro e prata do

Ocidente. Seus montanheses, revoltados contra o serviço obrigatório nas minas, haviam deflagrado uma revolta e dominado serras e desfiladeiros. As minas, privadas de mão-de-obra e de rotas seguras para enviar a produção diminuída, estavam paralisadas há três anos. Era imperioso restaurar a ordem, mas os insurgentes mostravam coragem e organização surpreendentes e se encastelavam em alturas quase inacessíveis, de onde lhes era fácil defender-se das tropas imperiais que ousavam se aproximar. Uma guerra difícil e perigosa.

Chamou a atenção dos superiores ao liderar os primeiros ataques bem-sucedidos a alguns bem defendidos redutos rebeldes. Ganhou a confiança do inseguro mentô da legião e foi promovido a jintô, tlamentô e ximentô em tempo recorde, graças a uma combinação muito bem dosada de competência, coragem e adulação. O mentô depositou uma confiança cega em seus conselhos, até morrer ao executar um estratagema ousado demais. Isso deu a Arpá a oportunidade de assumir o comando interino da legião e colher os louros da vitória, tão importante e inesperada que o alto comando do continente de Nempté o confirmou no posto, apesar da pouca idade. Não se arrependeu: em semanas, o mentô Arpá esmagou a rebelião, pacificou sua província e fez mais de cem mil prisioneiros, vendidos como escravos para engordar o Tesouro Imperial. Mas aquele momento de glória não fora nada, comparado ao futuro que o esperava.

As escravas, de cabeça baixa, lhe abriram a porta e Arpá acenou com a cabeça aos guarda-costas à sua espera, dois homens-lobo de pelo negro, Aslá e Pastal – escravos, também, mas o saudaram de cabeça erguida, como soldados. O mestre jamais confundiria seus nomes, focinhos e cicatrizes. Respeitava-os como poucos humanos o fariam, pois apreciava guerreiros disciplinados, fosse qual fosse sua aparência. Seus soans, por sua vez, o recompensavam com absoluta devoção. Se Arpá ordenasse, eles se jogariam em uma fogueira sem pestanejar. A condição de escravos lhes era indiferente: a liberdade nada lhes acrescentaria.

Ao sair ao pátio superior, admirou a vista para o majestoso Paço Imperial que estendia sobre a Ilha Sagrada, na outra margem do canal circular de um estádio de largura. Já estava quase a seus pés. Arpá devaneou por um breve momento sobre sua ascensão meteórica para a soleira do mais alto poder sobre a Terra. Pensou em Cinsor, a obscura vila senzar onde nascera, no oeste da Grande Planície.

Sua superioridade evidente logo se impusera. Ao chegar à puberdade, tinha a aldeia a seus pés. Os mais velhos de seu clã o admiravam, os clãs rivais o temiam. Rapazes e garotas lhe pulavam no colo e se ofereciam para servi-lo como bem entendesse. Ao brincar de usá-los como harém, servidores ou guardas, surpreendeu-se com a facilidade com que os manipulava e percebeu que seu destino ia muito além de reinar sobre uma aldeia.

Mais cenas do passado lhes vieram à lembrança, mas com um piscar de olhos as

afastou da mente. Não tinha mais tempo para reminiscências.

Virou-se, desceu as escadarias e seus guardas-lobos o acompanharam até a porta do templo particular do palacete, uma cúpula vermelha no centro do jardim central. Mandou-os deixarem-no a sós e guardarem a entrada até que os chamasse, entrou e fechou a porta por dentro.

Desceu outro lance de escadas para uma sala subterrânea, banhada em uma suave luz avermelhada por cristais fosforescentes cravados no teto. Cheirava como um açougue. No centro, erguia-se um altar de pedra escurecida pelo sangue de muitos sacrifícios, um deles recente. Ao nascer do dia, ele mesmo abrira o peito de Cinpal e bebera seu sangue com suas acólitas Vazós-hó e Riopal-rar, depois de oferecer o coração a Raan. O deus apreciara o sacrifício propiciatório de uma das servidas mais antigas, valiosas e devotadas de Arpá. A jovem fora sua amante desde Cinsor, onde havia sido quanciós. Quando vieram para Atlântis e ele assim o quis, doou-lhe legalmente sua liberdade, fazendo-se rarciós. Naquela madrugada, entregara-se sem hesitar quando o amo lhe pediu, além da liberdade, a vida.

Arpá dobrou um joelho frente ao altar, gesto de saudação a um oficial superior, não de humilde submissão. Não se tratava de um devoto qualquer. Surgiu então sobre o altar um poderoso corpo masculino, de cabelo e barba revoltos e cor de fogo.

– Saudações, Quar Odu Arpá – disse a entidade –, tua cortesia é apreciada, mas fica à vontade.

– Saudações, nobre Rudlá – respondeu o guerreiro, erguendo-se. – Estou pronto a ouvir e cumprir a vontade de Raan.

– Temos instruções a transmitir. Tu deves estar atento a três mentôs e um subministro em especial. Fale-lhes com franqueza e avalie-os. Posso ver dúvidas em seus corações, mas cabe a ti decidir.

– Creio que sei quem são – Arpá mal os conhecia, mas era astuto e atento às informações que obtinha por meio de seus magos e informantes.

– Sim, tens razão – retrucou Rudlá, ao ler-lhe os pensamentos. – São esses que tens em mente. Eles detêm posições importantes e tudo será mais rápido se pudermos aproveitá-los, mas se não os julgar confiáveis, elimine-os antes do amanhecer.

– Assim será. Alguma outra recomendação?

– Talvez precisemos nos apressar. O inimigo fez um movimento, estejamos atentos. Depois de anos sem sair de sua província natal, a peça-chave do jogo dos Usurpadores repentinamente deslocou-se para Atlântis e os acontecimentos podem tomar algum rumo inesperado.

– Faça o que fizer, levará anos para chegar aonde cheguei. – zombou Arpá, sorridente. Começara muito cedo. Com a cumplicidade do patriarca do clã Quar, que

o adorava, persuadira a juíza de sua aldeia, do mesmo clã, a falsificar o registro de nascimento e permitir-lhe tirar proveito do físico avantajado para entrar na academia militar antes do tempo. Ele mesmo visitou os que poderiam prejudicá-lo e advertiu-os, espada à cinta, de que o enfrentariam em duelo caso denunciassem a fraude. Todos se calaram.

– Não subestimes os Usurpadores – respondeu Rudlá, com semblante sério. – Varjá e Karmó compensam com astúcia o que lhes falta em sinceridade. Assim como tu, o agente deles é um guerreiro dotado por seus deuses de corpo e mente tão perfeitos quanto possível para um mortal. As restrições antinaturais da moral a que seus deuses o submetem decerto o enfraquecem, mas também o capacitam a melhor iludir o rebanho e captar sua simpatia.

– Nós venceremos – frisou o guerreiro com convicção.

– Sem dúvida. Basta não nos deixarmos surpreender como nas duas últimas rodadas do Grande Jogo. Por fim, estamos em condições de compreender e desmontar esse mundo complicado, tortuoso e hipócrita que eles criaram e produzimos um paladino capaz de superá-los – sorriu. – Por hoje, concentra-te em avaliar teus futuros servidores e convencê-los da inevitabilidade da vitória. Para que a vontade superior reine sem limites sobre aqueles que foram feitos para servir e toda a beleza e ferocidade da vida volte a ser celebrada!

– Assim seja!

Rudlá desapareceu e Odu Arpá voltou à companhia de seus guardas, que o escoltaram até o salão principal. Sua anfitriã, Quar Vazós Zissar, o esperava à porta. Ao vê-lo, prostrou-se e beijou-lhe os coturnos.

– Levante-se, Vazós-hó! Todos vieram?

– Sim, meu senhor – ela sorria. Arpá sabia que ela havia trabalhado dias e noites a fio, para tornar esse momento possível. No momento propício, a recompensaria.

– Nenhum imprevisto?

– Nada com que meu senhor precise se ocupar.

Foi à tribuna. Dezenas de altos funcionários civis e militares do governo imperial prostraram-se ao vê-lo chegar. Entre eles os comandantes das principais guarnições militares da capital, decisivos para seu projeto. Arpá ordenou a todos que se erguessem e fascinou a audiência sem precisar da arte mágica dos bardos, recorrendo apenas a seu carisma espontâneo.

Aclamado aos brados, sentou-se no trono preparado por Zissar e recebeu o juramento de lealdade de cada integrante da seleta plateia. Não lhes pediu jurar por Gutis, pois o ingrato Deus dos Juramentos se aliara a Varjá, mas exigiu o compromisso em nome de Raan. Se vencessem o Grande Jogo, o deus saberia vingar-se dos traidores de maneira ainda mais assustadora.

Odu Arpá deu-se ao trabalho de falar pessoalmente com cada um dos conjurados,

dando especial atenção aos quatro seguidores duvidosos. Intuiu que podia se arriscar com o superintendente e um dos mentôs, mas dois outros, embora inclinados a seu favor, tinham instintos fracos, incapazes de subjugar com segurança a má consciência formada por uma vida de submissão à moral de rebanho de seus deuses e imperadores. Não tinha certeza de que não o denunciariam antes que sua vitória fosse irreversível.

Estavam no comando de duas legiões vitais para o controle da Grande Planície. Sem o apoio dessas legiões, suas forças na capital corriam o risco de ficarem isoladas por algum tempo do interior, quando iniciasse a revolução. Com um dar de ombros, Odu Arpá aceitou o risco, não tão sério em sua avaliação. Talvez até houvesse tempo de recrutar seus substitutos.

Só havia uma maneira segura de eliminar dois mentôs na mesma madrugada sem levantar suspeitas. Reteve os dois, enquanto seus pares saíam, com o pretexto de discutir planos para a movimentação das tropas. Quando os dois já mal continham os bocejos, Arpá propôs sua aeronave pessoal, presente de Zissar, para conduzi-los à fortaleza onde estavam hospedados, devido ao adiantado da noite. Eles nem pensaram em recusar.

Arpá chamou Kuhlá, uma de suas mulheres-lobos, adestrada em pilotar aeronaves e lhe disse para levar os dois mentôs à Fortaleza da Quarta Legião, perto da muralha, “o mais rápido possível”. “Ouvi-lo é obedecê-lo até o fim, meu senhor”. Senha e contra-senha: ele lhe deu uma ordem em código para jogar o veículo contra a muralha à velocidade máxima, matando a si mesma e aos passageiros e ela respondeu com a frase combinada para mostrar que entendera. Odu Arpá acariciou-lhe o queixo para mostrar gratidão pelo sacrifício. Ela ficou com os olhos úmidos de emoção.

Acompanhou-os até o veículo, estacionado em um pátio traseiro. Era um pequeno e elegante iate coberto, feito de tábuas de madeira ultraleve e tratada com alquimia para maior resistência. Erguia-se, a cada lado, uma asa, dobrada como um leque fechado. Despediu-se dos dois mentôs e observou a nave erguer-se no ar, abrir graciosamente as asas translúcidas e partir na direção das luzes do nascente. Voltou para dentro, onde Zissar o aguardava.

– Infelizmente, precisarei de uma nova aeronave – disse-lhe.

– Será providenciado amanhã mesmo, já reservara trinta mil ases para essa contingência. Posso servir meu senhor em mais alguma coisa? – Ela sorriu, esperançosa.

– Sim – retribuiu o sorriso –, venha a meu quarto.

Capítulo 26 – Uma entrevista

Tiakat aproximou-se com Sistu dos quatro conselheiros sentados à banca: um fomori muito magro e branco, uma dama senzar e dois cavalheiros do mesmo povo, todos grisalhos e vestidos com capas formais. Ao recebê-los, um destes últimos lhes disse:

– Estes são Tsalto-hin, Ka-nem e Rió-ci. Meu nome é Quin-ci e respondemos pela organização do projeto Ximalpan. Por obséquio, falai-nos de vós.

A xamã ouviu Sistu, que apesar do calor vestia a capa protocolar vermelha do clã Zi, apresentar-se com uma linguagem protocolar:

– Meu nome é Zi Temtés Sistu, quanciós, nascido no distrito de Raltlor, município de Tosá, província de Rasab. Minha mãe é Zi Temtés Sannó, keciós, irmã do falecido Zi Temtés Moam, hinciós, por sua vez sobrinho de Zi Temtés Jariô, zeciós. Meu pai é Zi Akós Gensam, kéciós.

Ela procurou seguir o exemplo:

– Sou Nenet Tonalnan Tiakat, keciós, do mesmo distrito. Minha mãe é Nenet Tepin, binciós, meu tio é Nenet Tsolin, binciós. Não conheço meu pai. Sou xamã, discípula e sobrinha adotiva de Tonalnan Kopinani, zorciós.

A senhora sorriu.

– Minhas crianças, não precisais ser formais. Somos pessoas práticas e hoje necessitamos saber de vossa capacidade e determinação, não de vosso domínio do protocolo. Por favor, usai a língua de teu povoado natal, se isso vos deixar mais à vontade para falar de coração. Nós, acadêmicos, estamos mais a gosto com o senzar clássico, mas sabemos conversar com interioranos que preferem se exprimir à maneira vulgar...

O diretor ficou impaciente com a colega empolada, mais interessada em exhibir sua retórica do que em ouvir os candidatos. Foi quase rude ao interrompê-la.

– Minha cara Ka-nem, tens toda a razão. Perdoe-me cortar-te a palavra, mas ouvi algo importante. Minha jovem, ouvi-te mencionar Tonalnan-zor. Será a mesma Tonalnan Kopinani que colaborou conosco há setenta anos?

– Sim, Quin-ci. Kopinani me contou ter servido a empreendimentos deste Instituto e tenho comigo a carta de recomendação, endereçada aos respeitados conselheiros.

– Dê-ma, por favor.

Tiakat tirou da mochila um pergaminho, atado com um laço fechado por um selo. Quin-ci rompeu a cera e leu com atenção. Disse então, aos colegas:

– Caros Ka-pu e Rió-pu, não conhecestes a xamã Tonalnan-zor, não é de vosso tempo – voltou-se para o outro lado e continuou. – Tsalto-pu, pode ser que te

lembranças. Ela salvou as vidas de vários confrades, inclusive a minha, em uma acidentada expedição a Lemté. Nesta carta, nos diz ser Nenet-ké a melhor discípula que já teve. Apesar da pouca idade, já a supera como clarividente, feiticeira e curandeira. Também tece elogios à coragem, lealdade e inteligência da moça e deste rapaz. Um dado importante a considerar, na minha opinião. Meus filhos, tendes convosco outros documentos de importância?

Não fosse a pele de Tiakat tão negra, o rubor seria visível. Mas reagiu com o desembaraço habitual. Procurou mais dois pergaminhos. Sistu buscou os seus e um dos cadernos que trouxera de Raltlor.

Os pergaminhos passaram de mão em mão. Eram históricos escolares, os diplomas que certificavam Tiakat como xamã e Sistu como mestre de esgrima e ainda certificados de participação de Sistu em conferências sobre paleografia, história e arquitetura. Mas o caderno despertou mais atenção. O diretor tomou a iniciativa e lhe perguntou:

– Jovem Zi-quan, é teu este caderno? Conte-nos como o escreveste.

Sistu descreveu-lhes a pirâmide velha de Raltlor, as inscrições ali encontradas e a pesquisa comparativa com outros antigos vestígios, encontrados nas montanhas e no litoral. Explicou-lhes suas razões para pensar que se tratavam de restos de uma civilização tlavatli anterior à história conhecida dos senzares. Foi ouvido com curiosidade, apesar de alguns de suas ponderações serem recebidos com sorrisos condescendentes.

– Confrade Quin-pô, non sei se concortas, mas para om trapalho de leigo, me parece pem-feito e orixinal – comentou Tsaltho, o velho fomori, com um pesado sotaque de Kateiros.

– Nada mau, de fato. Muitos de nossos estudantes não teriam feito melhor. Há problemas de terminologia, faltam alguns cuidados de método e vejo alguns equívocos, mas é um trabalho aproveitável sobre um sítio arqueológico do qual quase nada sabia, embora relacionado ao meu campo.

A entrevista continuou por mais dois ags antes de Quin dá-la por encerrada.

– Creio ser suficiente. Zi-quan e Nenet-ké, por favor, deem-nos licença para deliberar em particular.

Dos quatro, Rió foi o único a resistir à proposta de Quin-ci:

– Para quê precisamos de uma xamã do interior? Aqui em Atlântis temos os melhores magos do mundo! Não dá para jogar uma pedra pela janela sem acertar um ou dois! E esse rapaz? Temos tantos discípulos capacitados neste instituto!

O diretor fez um gesto para pedir a palavra.

– Acalma-te, Rió-pu. Não me leve a mal. Respeito tua erudição e dedicação a nossos estudantes, mas hás de concordar que és inexperiente em empreitadas como esta. Jamais puseste os pés nas terras do Ocidente, nem estiveste em lugar tão

selvagem quanto o vale do Ximalpan. Não desconsidere a experiência de quem passou por apuros em terras estranhas, pois tua vida também estará em jogo.

– Desculpa-me, Quin-pu, mas não compreendo. Que experiências tiveste com estes desconhecidos?

– Não se trata disso. Imagina-te na selva, a muitos dias da civilização e picado por uma serpente desconhecida e mortal, como se deu comigo. De que te adiantará ter contigo um mestre ilusionista? Um taumaturgo capaz de levitar um elefante? Um alquimista que necessita de quatorzenas nos alambiques para destilar um antídoto eficaz? Nenhum deles poderá te livrar da morte.

– Um feiticeiro poderia... – Rió gaguejou.

– Pode ser, mas não aposte a vida nisso. Muitos feiticeiros são lentos em lidar com o inesperado e aprender a usar novos recursos. Além disso, poucos sabem lidar com outros tipos de emergências, como animais ferozes, assombrações, lobisomens, carroças atoladas e instrumentos perdidos no fundo do rio. Longe da cidade, a versatilidade de um bom xamã vale por três magos e essa moça foi recomendada pela melhor xamã que já conheci.

– E o rapaz? O que tem de tão especial? Nossos aprendizes já fizeram trabalhos muito melhores!

– Viste as qualificações em atletismo, artes marciais e esgrima? – perguntou Quin. Viste os músculos? Quantos dos nossos têm essa capacitação? Fosse um ignorante incapaz de compreender o nosso trabalho, ainda seria ótimo negócio tê-lo como guarda-costas pelo triplo do preço que nos custaria como estudante! – concluiu, vitorioso.

Só muito mais tarde Tiakat soube do teor da discussão, mas a conclusão lhes foi comunicada de imediato. Sistu começaria como discípulo especial, com direito a residência, alimentação e cursos para aprofundar seus conhecimentos durante o ano que faltava para a partida da expedição. Ela seria treinada como auxiliar de pesquisa, com uma modesta bolsa para estudar qualquer modalidade de magia útil para as necessidades da expedição, por conta dos convênios do Instituto com as guildas de magia da capital.

Ela não esperava tanto. Precisaria escolher o que queria estudar. Havia em Atlântis uma guilda e escola de xamãs conhecida como Tsirban – um nome cari, mesmo se essa cultura nada tinha a ver com xamanismo, pois essa era a língua oficial da magia e da ciência. Mas Tiakat tinha a aprender daquela tradição. Dos outros estilos, ainda sabia bem pouco. Assim que chegou ao quarto e pôde relaxar, pediu conselho a Kopinani.

Ao fazer contato, sentiu algo desagradável. <Titia, você está bem?> <Acordei um pouco indisposta, minha querida, mas pode continuar. É sempre um prazer saber de ti.>

Tiakat agradeceu a ajuda, explicou a oportunidade e a dúvida. <Que me aconselha, titia? Só a necromancia não interessa, para mim é escravidão de espíritos.> <Uma escolha difícil, minha querida. Nunca estudei a fundo outros estilos de magia, conheço-os por alto.> <Pensei em aprender algo sobre alquimia ou tecnomagia, parecem tão úteis.> <Não creio que te sirva, Tiakat-ar. Exige muita frieza e paciência, além de serem artes muito vigiadas. Desenvolvê-las de maneira criativa é praticamente impossível sem o patrocínio do Casal Imperial ou de outro poderoso que ponha equipamentos e matérias-primas caras à disposição. A maioria dos alquimistas limita-se a aprender uns poucos processos e passam a vida fabricando oricalco ou tinturas coloridas para tecidos.>

<E as artes dos bardos e ilusionistas, tia?> <Nunca me atraíram, sabem-me a futilidade e fingimento. Prefiro coisas verdadeiras.> <A taumaturgia me fascina.> <A mim também, mas os taumaturgos que conheci me garantiram serem precisos onze anos de dedicação antes de se conseguir mais do que pequenos truques de palco> <Que acha de magia marcial, tia?> <Muito útil para quem se mete em aventuras e o progresso inicial pode ser bem rápido. Pergunta a Sistu, que a conhece bem melhor que eu.> <Vou lhe perguntar e pensar, titia.> <Considera tudo e tem cuidado. Mas agora deixa-me repousar, sinto-me fatigada.>

Ela falou de sua comunicação a Sistu, que lhe explicou algo de magia marcial: como anular o medo, a dor e o choque, aumentar a própria força e velocidade em emergências, paralisar o inimigo por um instante com um brado ou leves golpes em pontos críticos do corpo. Ele atingira o terceiro grau, o mínimo para um instrutor, mas grandes mestres chegavam ao décimo. Claro que ensinaria com prazer o que sabia. Só que o estilo dele era bom para guerreiros de grande potencial físico e talento mágico mediano, enquanto outros se ajustariam melhor a quem, como ela, tinha o perfil oposto...

Então ele a lembrou da promessa de criar um laço telepático entre eles. Que tal tentar de novo? Das outras vezes, só haviam conseguido enxaquecas. Mas agora haviam superado as tensões dos dias anteriores, estavam de ótimo humor e ela acabara de se aquecer contatando a Kopinani. Era um bom momento para tentar.

Capítulo 27 – Como criar laços

Sistu deitou-se nu na rede, fechou os olhos e tentou relaxar, de acordo com as instruções de Tiakat, deitada na esteira bem abaixo dele. Recordou o que ela lhe dissera antes da primeira tentativa, dias atrás.

– As pessoas costumam superestimar a leitura de mentes. Na verdade, mesmo uma clarividente das boas, como esta xamã aqui, só pega a superfície. Sentimentos, palavras e imagens totalmente conscientes. Dá pra saber se alguém mente ou não, mas o que não estiver sendo pensado no ato, não dá pra pegar. O alcance é curto e é difícil encontrar a mente de alguém misturado à multidão. Magos experientes e bons amuletos também podem dificultar as coisas um bocado. Com um laço, é outra coisa. Dá para fazer contato a qualquer distância, em qualquer condição e para ir tão fundo no inconsciente quanto se queira. Saber tudo. É irreversível, não pode ser desfeito: vou poder te encontrar sempre que quiser. A telepata mais forte, no caso, eu, pode bloquear o acesso do outro se quiser, mas não o contrário. Você quer mesmo?

Queria. Confiava em Tiakat e não concebia mudar de ideia. Mais que isso, ansiava por aprofundar esse vínculo e torná-lo tão permanente quanto possível. Após a ruptura ou afastamento de suas demais relações, essa, que sempre fora importante, tornara-se infinitamente preciosa. Tinha um vago receio de vê-la escorregar de seus braços e sumir sem explicações, deixando-o sozinho na multidão, como no sonho desagradável três ou quatro vezes repetido desde a chegada em Atlântis.

Sentiu algo convidá-lo a se entregar. Tentava ceder, mas o instinto recuava ante o chamado que parecia vir da Morte. Sistu sabia domar instintos e reflexos, mas lhe custava desistir da própria vontade com a qual conseguia isso. Devia abrir mão da própria identidade, deixar seus desejos saírem, se desmancharem no nada, abrirem espaço à vontade dela. Depois, seria quase todo devolvido a si mesmo, mas ela ficaria com um pedacinho para si, trocado por algo dela própria.

Como deixar ela lhe cortar a cabeça fora, esperando que ela soubesse reimplantá-la, pensou. De pronto, a metáfora tornou-se vivência alucinada: estava de pé, ante um cepo de açougueiro, Tiakat à espera. Entregou-lhe, peça por peça, tudo que tinha: a bolsa a tiracolo, as sandálias, o anel de selar documentos, a corrente de prata, as calças, por fim o cinturão com as espadas. Ouviu a suave fricção do oricalco com a bainha quando ela sacou a *lutal* e lhe pediu, sorridente, não para se ajoelhar, mas para se sentar no cepo.

O sorriso, o mesmo de quando ela se dera pela primeira vez, lhe deu confiança. Sentou-se ereto, deixou os ombros caírem e ofereceu o pescoço. Tiakat o beijou nos

lábios, pôs-se ao lado, agarrou-lhe os cabelos com a esquerda e aproximou-lhe a espada do pescoço com a direita. Então afastou a lâmina para vibrar o golpe fulminante.

Sistu sentiu algo ceder, a cabeça se elevar livre no ar e então deixou de ser.

Era Tiakat, deitada na rede, a saborear a sensação inédita de ver o mundo do ponto de vista de um forte corpo masculino. Sentou-se, apalpou os músculos rijos dos braços e do peito, passou a mão pela barba e pelo cabelo liso e grosso. Tocou o falo excitado e experimentou prazer e potência. Ah, como é fácil para os homens se imaginarem donos do mundo... Arriscou uma olhada para o corpo de mulher, deitado bem abaixo, em transe profundo. Parecia bem mais atraente do que quando se via no espelho, que bom!

Bem. A experiência era engraçada e instrutiva, mas não estava ali para isso. Deitou-se, fechou os olhos e passeou pelas lembranças de Sistu. Viu-se no colo de uma mamãe jovem, de seios cor de bronze, que lhe dava na boca um mingau doce de arroz e leite, que cheirava a canela e lhe escorria pelo queixo. Um passeio de barco com o tio Moam, no lago Tochiwayo, quando um segan põe a cabeça para fora, lhe dá um baita susto e o faz chorar, mesmo depois de repellido por uma remada no focinho. Depois, uma cena vergonhosa, de birra por causa de uma espada de brinquedo quebrada. Noutra, se misturam embaraço e orgulho: um garoto maior, tenta abusar dele e é mandado para casa com um incisivo a menos, entre lágrimas, galos e hematomas.

Viu-se apressado, carregando nas costas uma menina ferida e inconsciente, cujo sangue lhe escorria pelo cabelo e nuca... ela mesma? Sim! Caíra ao correr ladeira abaixo, no pega-pega com Sistu! Ninguém lhe contara como fora levada à casa da mãe, nem ele!

Procurou por lembranças adultas e felizes, livres de ansiedade. No estádio de Rasab, vitorioso, debaixo de uma chuva de ovações e pétalas de flores – uma cena que Tiakat sentira muito não ter visto com os próprios olhos. A comemoração à noite e um grande final de pé em um quarto da casa Zodô, segurando as coxas de uma Artás apaixonada, a abraçar-lhe o pescoço e estremecer de gozo com ele. Hum, divertido, mas não gostaria de ter de mentalizar isso sempre que quisesse chamá-lo telepaticamente.

Beletsunu lhe era mais simpática. Buscou e encontrou lembranças ainda mais intensas, mas se surpreendeu ao perceber o quanto estavam tingidas de desapontamento. Sistu ainda não conseguia se lembrar dela sem sentir melancolia. Melhor não.

Teve algum receio de sondar as emoções de Sistu a respeito dela mesma, mas cedeu à tentação. Buscou a lembrança recente da noite com chifres de touro, na cabana à margem do canal e a encontrou, viva e vibrante. Ajeita as trouxas em um

canto, volta-se e enche-se de ternura ao ver a adorada companheira tremer enquanto pousa a vela. Toca-lhe o ombro com carinho, ela se vira e lhe dá um olhar profundo e...

Um par de olhos se afogou no outro, dois pares de braços se entrelaçaram e comoções poderosas e somadas foram tragadas e multiplicadas ao infinito pela vertigem de um abissal labirinto de espelhos. Sua emoção realimentou a dele e vice-versa, um círculo vicioso e virtuoso. Dois corações explodiriam juntos se algum compassivo deus do caos não viesse cortar ao meio o Kadmon que revivera para desfrutar de um fim glorioso.

De repente, o espaço se rasgou e mãos gigantescas a seguraram com cuidado e firmeza, como uma parteira puxa um bebê de um parto difícil. Sentiu-se grata, sem saber a quem, enquanto o pulso voltava ao normal. Pensou em desistir, mas sentiu que o vínculo não se rompera e decidiu tentar mais uma vez, para não desapontar Sistu. Buscou com mais cautela e deu com a lembrança do jogo do caco. Tinha sua metade na mão, tentando encaixá-la na de alguma garota. Beletsunu que não encaixava. Tentou Ahatsunu. Que pena, também não. Ambos fizeram um muxoxo de desapontamento. Chitalmina ofereceu o seu, mas não. Aí viu Tiakat e viva! Para sua satisfação, ela ficara contente. A paixão entrara em recesso, mas a amizade continuava calorosa e Sistu, cada vez mais atraente. O xodó dela naquela época era um rapaz chamado Totot, mas podia ficar para outro dia.

Um bom momento, alegre para os dois sem ser intenso demais, ideal como senha para contato. Concentrou-se nele e armou o laço por meio do qual se encontrariam quando quisessem.

Bastava reativar a mente de Sistu e a missão estaria cumprida. Mas achou justo dar-lhe agora a oportunidade de se apossar de sua mente. Mentalizou-se a recolocar a cabeça de Sistu no lugar e oferecer-lhe a espada e o pescoço.

Sistu receou não saber fazer direito, muito menos recolocá-la no lugar, mas Tiakat o tranquilizou.

– Preparei tudo, não receie. Só evite encontros intensos entre nós, é perigoso.

Sistu obedeceu e mergulhou nas lembranças de Tiakat. Viu-se mamando nos peitos magros e negros da mamãe. É ensinada, com muita relutância, a ajudar a mãe a lavar roupa, quando está louca para sair e brincar. Mas gosta de acompanhá-la a levar a roupa pronta para a vila de cima, porque lhe deixam brincar com as crianças de lá, que são diferentes.

Pergunta para a mãe por que outras pessoas têm brilhos de tantas cores e tamanhos diferentes e ela não. Perplexa, a mamãe a leva a um sacerdote. Da explicação complicada, só entende que ela pode ver algo que existe, mas a maioria não, e que a aura dela é muito brilhante e bonita, apesar de ela mesma não a ver. Ficou satisfeita.

Primeiro dia na escola, ela muito feliz. É muito melhor que lavar roupa e todas as crianças se juntam ali. Só não gosta de ser proibida de falar sua língua quando está lá. Em protesto, inventa uma escolinha de tlavatli na sombra da figueira grande. Os adultos apenas riem, alguns meninos e meninas aparecem, mas quase todos se cansam da brincadeira no segundo dia. Palmi fica por uma quatorzena, mas desiste, diz que não tem jeito para línguas. Só um continua por meses, até satisfazê-la com sua pronúncia. Como título de formatura, lhe dá cerimoniosamente o nome de Mistonti e ele retribui com o nome senzar de Lelon.

Na rua, ganha de Artás na peteca. Brava, a menina diz que a mãe dela é uma baranga pobre e suja que nenhum homem quer e que ela vai ser igual. Furiosa, atraca-se com a senzarzinha numa briga de unhadas e puxões de cabelos, até serem apartadas por Ziriá, tia de Artás, que as faz pedirem desculpas uma à outra e prometerem ser amigas.

Uma senhora muito idosa e simpática, recém-chegada à vila, com uma bonita aura cor-de-laranja, a chama, põe no colo, lhe faz perguntas com um sotaque muito engraçado, conta histórias incríveis, a fascina, diz se chamar Kopinani. Ela visita a mamãe e lhe propõe tomá-la como aprendiz de xamã, ocupação bem mais prestigiosa que a de lavadeira e costureira.

– Infelizmente não posso pagar, – lamenta mamãe.

– Não, não vou te cobrar nada, Tepin-bin, – garante Kopinani, – pois não admito o desperdício de tamanho talento, mas, por favor, dispensa Tiakat das tarefas domésticas para termos mais tempo juntas.

A menina sente-se nas nuvens.

Curioso, busca as primeiras lembranças do aprendizado. Kopinani ensina-a a concentrar-se, fazer sua aura brilhar no escuro, atrair passarinhos e insetos – e espanta-se com a facilidade e rapidez com que ela aprende.

Invoca mosqueros e sorqueros, elementais da água e da vegetação, pede-lhes explicações sobre o clima, a safra, a fauna. Em viagem astral ao cinzento mundo dos mortos, fala com fantasmas.

Pasmo, vê a si mesmo como Tiakat em luta mortal contra um pavoroso demônio parasita que se agarrava a Tsivatan, a doceira, para provocar-lhe pesadelos e sugar-lhe o medo até enlouquecer a vizinha impressionável. Se não fosse expulso, acabaria por matá-la, possuir-lhe o cadáver e transformá-la em um simá, um sugador de sangue. Golpeia-o repetidamente com o varapau mágico, com uma velocidade cegante.

Impressionado, recua com redobrada admiração pela companheira e procura lembranças mais amenas. Procura a noite da esteira, pressente a voragem perigosa, lembra-se da recomendação e desiste, com muita pena. Passa adiante e aprende nos braços doces de Zikichiuki, a oleira, como as garotas se amam. Depois, uma cena

muito doída de ruptura, que o ciume intolerável da amante tornara inevitável.

Lembrou-se então de um momento recente que o intrigava: a noite no terreiro tlavatli, no Festival. Viu-se de mãos dadas com ele mesmo, e de repente tomada por uma força familiar, mas medonha. Não é mais Sistu nem Tiakat, mas uma tempestade viva, orgulhosa de seu poder sem freios.

A lembrança se apagou sem aviso. Sistu estava de novo deitado na rede, suado, enquanto Tiakat se levantava.

– Que houve? – Perguntou ele. – Você interrompeu o transe?

– Não fui eu. Pode ter sido a própria Chiuknawat, talvez ela queira guardar algum segredo. Ou visse nisso algum perigo para nós. A verdade é que não sei. Podemos tentar de novo, outro dia, mas não acho aconselhável contrariá-la. Pode ter sido ela quem também nos salvou de boa, há pouco.

– Mas o laço está feito?

– Está, com isso não se preocupe. Agora é praticar e desenvolver aos poucos. Mas outro dia, agora preciso descansar – e subiu à rede.

Capítulo 28 – A barda de rosto de pérola

Já no dia seguinte puderam se mudar para alojamentos estudantis do Instituto Imperial. Cada aluno tinha um quartinho, pequeno, mas individual. Juntaram-se a uma turma de uns quinze calouros para ouvir aulas, almoçaram no refeitório e conversaram com colegas. Na maioria eram atlantes metropolitanos de estatuto mais elevado. Alguns eram abertos e simpáticos, mas outros eram esnobes e deram a Tiakat uma impressão muito desagradável. Continham ostensivamente o riso a cada vez que os recém-chegados abriam a boca, como se o seu sotaque interiorano fosse a coisa mais inaudita e engraçada do mundo.

Os alunos voltaram para a aula da tarde nas esteiras de cadernos em punho e aguardaram o mestre. Tiakat ficou no fundo para não atrapalhá-los, pois ali era apenas ouvinte. Chegou uma menina nova, de aparência exótica. Usava três correntes de prata sobre uma bonita túnica curta de mangas longas e muito largas de seda roxa, decorada com padrões florais intrincados, sobre calças compridas, bufantes e pregadas de cor e estilo semelhante, presas por uma faixa dourada, à qual vinha atada uma bolsa retangular de lona colorida. Trazia uma espécie de alaúde, de cor e formato diferente dos que Tiakat já vira.

Menina? Não, não devia ser, tinha de ter pelo menos a mesma idade dos outros, mas parecia uma adolescente. Tinha olhos rasgados e cabelos lisos, longos e negros como uma senzar, mas era bem pequenina, de formas suaves e delicadas e pele muito clara, quase branca. Linda. De rosto e ainda mais de aura, semelhante a uma violeta de mil pétalas.

Para surpresa de Tiakat, a recém-chegada se sentou no lugar do mestre.

Começou por olhar para o chão, como se receasse encarar os alunos e lhe custasse criar coragem para abrir a boca. Mas quando ergueu o rosto e falou, a voz clara e agradável surpreendeu Tiakat. Nenhum passarinho conseguiria ser tão melodioso.

– O nome desta barda é Tjurmyen – disse a moça. – Significa “rosto de pérola”, na língua daqui. Ela nasceu do outro lado do mundo, da ilha de Zjoey, habitada pelo povo mugal e conquistada há mais de um ciclo pelo Império de Agarta. Seu povo mugal rebelou-se contra os senhores agartis e foi vencido. Seu avô conseguiu fugir do massacre e trazer a neta a Atlântis. Aqui ela estudou a magia dos bardos na escola Muati até tornar-se uma mestra da ilusão e da fantasia. Seu maior prazer é subir aos palcos e encantar plateias com as mais belas criações da imaginação. Mas neste Instituto, prevalece o dever para com a memória verdadeira do povo que lhe deu vida, seja maçante, seja odiosa. Ela pede desculpas para quando isso não

agradar, mas não os encantará para mostrar um belo conto e sim a dura realidade de uma era muito antiga...

Com um delicado dedilhar do instrumento, o discurso de Tjurmyen se fez canção. Antes que completasse o primeiro verso, Tiakat deixou de ouvir as palavras e sentiu-se transportada para outro tempo, outra terra, outro corpo.

Era uma camponesa mugal do clã Keong, “gengibre”, chamada Kaaumhi, “mimo delicado”. Ajudava vizinhos a recolher da lama centenas de cadáveres deixados por uma batalha entre os dois generais que disputavam a tutela do rei-menino. Um jovem soldado-camponês, ainda vivo, gemia com a perna estraçalhada por uma maça. O pai tomou seu facão para abreviar-lhe o sofrimento, mas ela caiu-lhe aos pés e implorou-lhe que o deixasse cuidar do rapaz, dizendo que tratar o desconhecido com humanidade poderia trazer sorte ao irmão, também convocado.

O moço, chamado Secpin, “caráter atencioso”, sobreviveu, recuperou-se pouco a pouco e passou a ajudar a família em pequenas tarefas caseiras. Um dia, Kaaumhi, tremendo de medo, deu-lhe a mão para irem, juntos, confessar aos pais que ela havia engravidado.

O pai, que planejava casá-la com um camponês ambicioso e trabalhador, ficou fora de si e tomou o facão para matá-los. O rapaz defendeu-a com a muleta, quebrou-lhe a arma e os dois se engalfinharam, enquanto a mãe berrava, desesperada. Atraídos pelos gritos, os vizinhos intervieram e os apartaram.

Com a aprovação do conselho da aldeia, Kaaumhi foi deserdada e expulsa do clã e da aldeia e degradada a pária, junto com Secpin. As condições físicas de ambos não eram propícias aos trabalhos penosos e imundos reservados à sua nova casta, mas a compaixão de camponeses e companheiros de infortúnio os manteve vivos até chegarem, meses depois, aos subúrbios da cidade de Baengaon, capital da ilha, onde um clã de comerciantes os aceitou para trabalhar de sol a sol em um curtume fedorento em troca de um teto e uma cumbuca de comida. Nas circunstâncias, nada melhor podiam esperar.

Ali nasceu o bebê. Os pais quiseram chamá-lo Dsengmao, “rico de amor”, mas os colegas do curtume o chamavam de Maav, “gato”, porque os vagidos fraquinhos lembravam miados. O apelido vingou, apesar dos pais. E a criancinha também, contra as expectativas do resto do barracão. Apesar da aparência frágil e mirrada, os primeiros passos e palavras vieram bem cedo.

Um dia, ela e uma companheira do curtume foram com Maav buscar gravetos para lenha à beira da estrada e foram atacadas por rapazes da cidade. Colegas mais experientes já as haviam prevenido de que as párias estavam sujeitas a essas coisas e era melhor ceder sem protestar, mas Kaaumhi não se conteve:

– Na frente do Maav, não! – e defendeu-se com uma joelhada.

Os cúmplices riram enquanto o pulha esperneava no chão. Kaaumhi pegou o filho e correu, mas a alcançaram em poucos passos, tiraram-lhe o garoto e prenderam-na pelos braços. Um deles deu-lhe um soco brutal no estômago, que lhe tirou o fôlego. Ouviu o filhinho gritar antes de levar um murro no olho. Viu um clarão e tudo se apagou.

Quando deu por si, estava no chão e a amiga a sacudia. Levantou-se, atordoadada. Seus algozes se debatiam na poeira do caminho e babavam, com as roupas urinadas. Maav, zangado, chutava aquele que a golpeará:

– Homem mau, feio, bobo!

Agarraram o pequeno e correram dali para a segurança.

À noite, Kaaumhi chorava de enjoo e dor de barriga, vomitava e não achava posição para dormir. O marido, aflito, mandou chamar a velha curandeira que atendia os serviçais do curtume. A velha lhe aplicou na barriga trapos molhados em uma infusão refrescante, recitou um encantamento e disse ao marido para orar a Koynim, o que ele fez, ajoelhado a seu lado, até o amanhecer.

Kaaumhi não melhorou, pensou que ia morrer e pediu para ver o filho, que a amiga levava para dormir noutro alojamento. Trouxeram-no às pressas e ela lutou contra a dor para se despedir:

– Querido, se a mamãe for embora, o filho vai ser bonzinho e obedecer o papai...

Angustiado, o menininho lutava para desvencilhar-se do abraço da amiga. De repente, a mulher gritou como se picada por uma cobra invisível. O menino foi ao chão, ergueu-se de um salto, pulou para cima do catre e tirou os panos de cima de sua barriga, o que a fez gritar. Então ele a beijou no umbigo e disse:

– Pronto, mamãe, já vai passar!

O marido puxou o garoto para longe e Kaaumhi, espantada, sentiu-se melhor. Moveu-se com cautela e conseguiu sentar-se, sem dar com a ânsia e a agonia que a torturavam. Sentia apenas o latejar do olho pisado, no qual antes nem reparava. No mesmo dia, ela voltou ao trabalho e ouviu comentários sobre seis rapazes encontrados na estrada, enfeitiçados e dementes. Carregados para suas casas, morreram todos à noite, sem recuperar a consciência.

Assustada, Kaaumhi procurou a curandeira, levou-lhe o garoto e contou-lhe a história. A velha ouviu de olhos arregalados:

– Tamanho poder nesse pingão de gente! Que Koynim proteja esta pobre velha!

O pequeno Maav a tranquilizou, abraçando-lhe as pernas magras:

– A pobre velha é boazinha, não fique com medo. O pingão só mata malvados.

A curandeira foi a um mago do palácio no qual confiava. Este, por sua vez, dirigiu-se com discrição ao regente que, envolvido em uma guerra difícil, estava em uma busca desesperada por talentos mágicos desse naipe. Revogou-se o

estigma sobre o menino e os pais, que passaram à proteção do palácio. Quando o garoto disse sentir falta da “tia”, também ela foi chamada. Crianças com tal poder eram difíceis de achar e mais difíceis ainda de manter de boa índole. Quanto mais adultos respeitados a cercassem, tanto melhor.

Foi em boa parte graças à colaboração de Maav que o Zjoey foi pacificado e os regentes e reis tiveram o cuidado de não se mostrarem ingratos com o poderoso Maav Dsengmao. Kaaumhi e o marido viveram para ver alguns dos tataranetos herdarem poderes similares aos do filho, apesar de menos espetaculares. Nascia o clã Maav, cuja influência sobre o reino duraria muitos ciclos.

Tiakat viu-se então de volta a seu corpo e à sala de aula, entre alunos que também voltavam a si e se levantavam, um pouco confusa por se ver em um corpo de tlavatli, depois de ter vivido tantos anos como uma mulher mugal. Sistu bateu palmas, ela e os outros o acompanharam. Tjurmyen, muito vermelha, fez uma gentil reverência.

A maioria dos alunos saiu em seguida, com pressa de ir ao rancho. Tiakat ouviu um colega comentar ao sair, com um riso um pouco forçado:

– Ha! Vocês acham que alguma coisa era verdade?

– Que importa? – Respondeu uma moça. – Verdadeira ou falsa, é besteira. Não sei para que nos fazem aprender a história de um país que nem existe mais.

– Claro que é falsa! – disse outra, com ares de conhecedora. – Tem toda a estrutura de um conto folclórico oriental, mas de muito mau gosto!

– Para que essa miséria, esse fedor e esse mal-estar anos a fio? – Devolveu a primeira moça. – Não valia a pena nem se o tal Secpin fosse um amante de primeira! E que gente primitiva, nem usam pekenan!

– Devíamos nos queixar ao Quin-ci! – retomou a conhecedora – Já vi espetáculos dela no Teatro Imperial e foram muito mais bonitos. Acaso ele não acha os futuros eruditos e diplomatas de Atlântida dignos de encantamentos decentes?

Sistu pedia esclarecimentos sobre o sistema de castas e uma loira fazia perguntas sobre nomes e datas. Tjurmyen estava feliz com o interesse, mas respondia com voz sumida. Algo em Sistu a desagradava, entendeu Tiakat.

Quando se aproximou, a barda perdeu o fio do que dizia e olhou-a, espantada. Tiakat imaginou que sua própria aura lhe chamava a atenção.

– Adorei sua história e ainda mais seu jeito de contá-la – disparou Tiakat.

– A xamã também faz parte da turma? – Perguntou Tjurmyen, corada.

– A verdade é que não – respondeu a tlavatli. – Vim aprender magia, preciso tomar uma decisão e estou com muitas dúvidas. Você teria tempo para me dar alguns conselhos?

Tjurmyen assentiu e pediu licença a Sistu e à outra moça, prometendo atendê-los na próxima oportunidade. Saiu ao pátio com Tiakat e conversaram por um ag ou

dois.

Depois, a xamã encontrou Sistu no refeitório e o acompanhou ao quarto.

– Como foi a conversa com a barda? – Quis saber ele.

– Muito interessante, Mistonti. Já decidi: é essa a magia que preciso aprender.

– Sério? Pensei que você não gostava de ilusões.

– Mudei de ideia. Vi que ser barda é muito mais do que isso. Inclui, por exemplo, técnicas poderosas de persuasão e a capacidade de dominar qualquer língua num piscar de olhos e fazer-se entender por qualquer estrangeiro. Veja se não é útil! E há muito mais...

– Vai procurar a escola Muati, então?

– Nem vai ser preciso. Tjurmyen vai ser minha mestra e eu vou ser a mestra dela...

– Como assim?

– Ela quer aprender técnicas xamânicas. Vamos trocar. Vai ficar em conta para o Instituto e vai ser bom para mim, porque a bolsa que eles ofereceram não pagaria uma barda com o prestígio dela. Sabe que ela é uma das artistas mais famosas da capital?

– Foi ela quem te contou?

– Imagine! Quando não está encantando, ela é tímida como uma corça. Soube da fama dela nas mentes dos seus colegas. Por falar nisso, que gente!

– Que têm eles? – perguntou ele, livrando-se das calças.

– A maioria daqueles que cheguei a sacar só pensa em cambalachos, mexericos, inveja, quizilas, rolos mil. Ah, e muita trepação. Não veem a hora de acabar as aulas e ir para a suruba. Perto disto, a nossa Casa dos Jovens é um mosteiro ralciano.

– Olha só quem fala... – disse Sistu, aconchegando-se a ela.

– É diferente, Mistonti-xin. Adoro transar, por amor, por amizade ou por tesão. Mas aqui isso é mais como competição. E alguns deles fazem isso de jeitos muito esquisitos. Com chicotes, porretes, correntes, um se faz de senhor, outro de escravo. Estou fora!

– Arre, eu também! Mas não se aproveita ninguém?

– Ah, sim, tem uns rapazes boas-praças. Mas as garotas da turma, Mistonti-xin, são um ninho de jararacas. Se quiser provar o tempero local, tome cuidado.

– O da minha terra é melhor... – disse ele, beijando-lhe o cangote.

– Com certeza, mas vou ficar longe a maior parte da quatorzena. Não precisa se fazer de monge na minha ausência. Nem eu nem você somos disso, já nos conhecemos o suficiente... Ai, que gostoso! Mas vai por mim. Nesta tarde, só senti coisas boas de duas moças. Uma, a loira branquelinha, a que ficou no final...

– Awesa?

– E a outra é a Tjurmyen. Mas nela, é melhor você nem pensar.

– Por quê? – O tom era aborrecido.

– Bem que você gostou da baixinha, né? Tem toda a razão, ela é uma graça. É que ela não gosta de homens. Sério!

Capítulo 29 – A casa mugal

No caminho para o encontro marcado com Tjurmyen, dia 22 de Flores, a gôndola que conduzia Tiakat parou por muito tempo na saída de um canal para aguardar a passagem de uma flotilha de dezenas de barcos a conduzir majestosamente algum grande aristocrata com sua comitiva.

Era um abuso. Em Raltlor, as prerrogativas estatutárias eram tolas, mas não incomodavam tanto assim. Era só uma questão de quem devia cumprimentar a quem primeiro e de onde cada um devia se sentar em uma ocasião formal. Mas em Atlântis, onde filas, lugares lotados e passagens congestionadas eram rotina, aquilo era infernal. O estatuto mais alto sempre tinha prioridade. Para alguns, importava menos ser atendido ou chegar a algum lugar do que mostrar que podia passar na frente dos outros.

Chegou atrasada ao Teatro Imperial, onde Tjurmyen fizera uma apresentação especial pelo aniversário da Imperatriz. A maior parte do público já se dispersara, mas a mugal esperava na escadaria. Vestia túnica roxa e calças largas de seda, como no outro dia, mas com desenhos diferentes. Tiakat receava encontrá-la zangada, mas a outra sorriu quando a viu. Começou por pedir desculpas, mas foi interrompida

– Não há nada a desculpar, Atlântis é assim mesmo. Mas é preciso uma gôndola para já, pois é tarde e a morada da barda ainda está longe.

Até Dzezyo, o bairro mugal, eram quase cem estádios de canais sob uma noite sem nenhuma das luas, iluminada quase que só pelos lampiões das gôndolas e pela luz dos dois imensos faróis da entrada do porto, bem visíveis em toda a metrópole. Tiveram muito tempo para conversar, mas limitaram-se ao superficial. Não queriam falar de magia na frente do gondoleiro e Tjurmyen pouco falava de si mesma.

Já avançada a madrugada, chegaram ao lugar indicado, cercado por um muro alto. O gondoleiro cobrou 900 mans, pagos por Tjurmyen, que em seguida destravou as portas corrediças da portaria com uma senha mágica. Deslizaram com um ritmo suave e preciso e voltaram a se fechar quando passaram.

A xamã seguiu Tjurmyen por uma calçada de pedras no meio de um jardim escuro e chegaram a uma casa baixa, cujas portas leves e também corrediças estavam destrancadas. A outra fez sinal para não fazer barulho e deixar as sandálias junto à entrada. O chão estava coberto de esteiras de palha prensada pelas quais caminharam até um cômodo forrado da mesma maneira, no qual a dona lhe estendeu um saco de dormir, pediu licença e saiu, ia dormir em outro quarto. Tiakat, com muito sono, dormiu com facilidade no saco aconchegante

Ao acordar, vestir a tanga e demais apetrechos e pôr os pés para fora do quarto,

deu na sala com uma senhora de meia-idade ajoelhada, a murmurar e fazer reverências ante um oratório cheio de plaquetas pintadas. Para não a atrapalhar, Tiakat agachou-se sobre a esteira, junto a uma mesinha e esperou. Pouco depois, a senhora se levantou, a viu, gritou e começou a deblaterar alto, em uma língua incompreensível.

Tiakat ergueu-se e tentou se apresentar, mas a senhora, zangada e assustada, não lhe dava atenção. A xamã já preparava um feitiço calmante quando uma estremunhada Tjurmyen surgiu no corredor, a bocejar e esfregar os olhos com as costas da mão. Trocara a roupa da noite por outra de algodão, mais simples e solta, da mesma cor. Ao se dar conta do que se passava, meteu-se à frente a passos rápidos, segurou pelos ombros a mulher assustada e lhe falou na mesma língua estranha.

A mulher, consternada, pediu desculpas, com um sotaque forte e estranho:

– Moça, perdoa... Esta velha tola não sabia!

– Querida madrinha, a honrada amiga é Tiakat-ké, a xamã com a qual a afilhada combinou estudar magia – Tjurmyen disse. – Tiakat-ké, esta é Tjaokun-ar, madrinha e mãe adotiva da barda dorminhoca, que devia ter acordado mais cedo e apresentado a convidada – e fez uma profunda reverência, que aparentemente valia por um pedido de desculpas.

– É uma honra conhecê-la, senhora – disse Tiakat, torcendo para que as palavras fossem adequadas e bem entendidas.

– Tiakat-ké, perdoa engano de Tjaokun-bin – foi a resposta, que a senhora acompanhou com profundas reverências que deixaram Tiakat embaraçada, sem saber como responder. Vestia-se com uma túnica de seda azul-escura muito longa, presa por uma faixa negra. Elegante, mas restringia os movimentos e forçá-la a andar a passinhos miudos.

– A madrinha de Tjurmyen-ar pode oferecer comida? – perguntou a senhora.

– Sim, obrigada – respondeu Tiakat.

A mulher foi à cozinha e voltou, pouco depois, com arroz, ovos cozidos e um caldo quente e cheiroso. Ajoelhou-se à sua frente, para acompanhá-la no desjejum, pois Tjurmyen saíra para se trocar.

– Perdoa esta tola. Tjurmyen-ar veio, trouxe amiga. A boba não conhecia.

– Não foi sua culpa – Tiakat asseverou. – Foi natural se assustar.

– Tem muito tempo Tjurmyen-ar não traz pessoa para casa.

– Ela é um pouco tímida, não é? Quero dizer, fechada, meio solitária?

– Tjurmyen-ar menina muito boa, muito amorosa. Fica mal da cabeça, um dia, outro dia. A criança sofreu muito, ainda com medo.

– Medo de quê?

– Medo de homem, de gente...

– Como assim, o que aconteceu com ela?

A senhora ficou embaraçada, sem saber responder. Aliviada ao ouvir os passos leves da afilhada que voltava, disse-lhe algo em sua língua, mas Tjurmyen a interrompeu:

– A madrinha deve tentar falar senzar, senão Tiakat-ké vai se aborrecer. A convidada da afilhada não entende mugal.

– Tiakat-ké perdoa mulher tola. Para Tjaokun-bin, senzar difícil. Moças conversam, velha cuida horta.

A madrinha saiu da sala, rumo à porta dos fundos, enquanto Tjurmyen atacava o desjejum. Tiakat lhe perguntou, intrigada:

– Vem cá, por que vocês falam de si mesmos como de outra pessoa?

– Como assim?

– “A madrinha” pra lá, “a barda” pra cá, “esta mulher”, “a criança...” Isso me confunde. Não soa mais fácil, mais pessoal, mais amistoso, dizer “eu”, “ela”, “você”?

– É hábito. Não existem palavras como essas em mugal. Usam-se nomes próprios, termos descritivos, ou termos de relação, desse jeito mesmo. A quem aprendeu a falar assim, a maneira senzar soa deselegante, quase grosseira, como apontar com o dedo. Dizer o próprio nome soa pretensioso. Mas se for para deixar a amiga mais confortável, a trovadora pode falar...

De súbito, Tjurmyen trocou seu estilo peculiar e a pronúncia da capital pelo sotaque regional de Tiakat, falando como se fosse uma nativa de Raltlor:

– Desculpe! Quero dizer, eu vou falar como você prefere.

– Obrigada, assim fica mais fácil te acompanhar o pensamento.

A xamã foi levada pela nova amiga à varanda. A casa, de madeira, era modesta para uma artista do estatuto daquela trovadora, mas o jardim era deslumbrante. Era um paraíso em miniatura, cercado por um muro alto e caiado, arranjado com pedras, árvores floridas e laguinhos. Pontezinhas cobriam um regato artificial povoado por carpas multicoloridas.

– Engraçado – disse Tiakat, ao ver peônias e crisântemos em plena floração – eu pensava que estas flores eram de outra estação.

– E são mesmo. Desabrocharam fora de época com uma canção inventada por mim. Quis deixar o jardim mais bonito para minha hóspede. – Disse, corando um pouquinho.

Com muita desenvoltura, Tiakat tomou um cacho de glicínias azuis e o arrumou no cabelo da bela mugal, que ficou ainda mais vermelha. A barda fez um gesto como para apanhar um crisântemo vermelho, mas mudou de ideia e escolheu uma peônia roxa para o cabelo de Tiakat, que a tomou como aceitação da amizade romântica que lhe oferecia. “Que bom começo”, pensou a xamã.

No canto oposto, erguia-se uma pequena torre – uma casa de hóspedes, que por muito tempo permanecera fechada, anexa a uma casinha de chá e a um mirante. Ali poderiam fazer estudos e experimentos mágicos sem incomodar ou assustar Tjaokun.

Subiram ao mirante para apreciar a paisagem. Nos fundos da casa, havia um pomarzinho, canteiros de flores e uma horta de ervas aromáticas, atrás do qual passava uma rua comercial. A disposição das ruas e canais era semelhante ao resto de Atlântis, mas a diferença de estilo das casas e pontes era marcante. Grande parte das construções era de madeira, coberta por telhados curvos e graciosos e decorada com bandeiras coloridas. O bairro era menos opulento e suntuoso que as áreas centrais da metrópole, mas não menos belo. No fundo se via, a poucos estádios, a enorme muralha da cidade. Do outro lado, disse Tjurmyen, havia uma praia, a menos de nove estádios.

Tiakat via na rua poucas mulheres vestidas como Tjurmyen. A maioria usava roupas de algodão, mais simples que as de Tjaokun, mas de aspecto semelhante. O vestuário da amiga era mais como o dos homens, apesar destes usarem cores mais sóbrias.

– O traje que a maioria das mulheres usa não é nada prático, Tiakat. Nesse ponto, apelo a meus privilégios de artista excêntrica. Só no palco, conforme o tema, uso o estilo clássico...

– Será que posso ver suas apresentações?

– Ah, não tenho mais nenhuma marcada para esta temporada. Mas claro que farei muitas especiais para você, aqui mesmo.

Tiakat aprendeu com Tjurmyen os primeiros rudimentos da arte dos bardos. Pouco foi o progresso visível nos primeiros dias, pois precisava absorver complicados conhecimentos teóricos de música, linguagem e teoria dos sons antes de tentar aplicá-los na prática mágica. Ela conhecia tlavatli, senzar e um pouco de cari e aprendera a cantar e tocar instrumentos de percussão, mas de maneira intuitiva. Tudo era novo e difícil e Tiakat deu-se conta do quanto era desafinada. Graças a Chiuknawat, a paciência de Tjurmyen não tinha limites e ninguém mais estava lá para ouvir.

Capítulo 30 – Outros laços

Depois de chamar Vazós-hó à sua presença, Quar Odu Arpá acomodou-se no trono no quarto de hóspedes da anfitriã. Lembrou-se de quando viera à capital, sete anos antes, apresentar seu relatório e receber as honras pelo triunfo sobre os rebeldes de Vetsen. Ao ouvir falar dele, a poderosa Quar Vazós Zissar, secretária do Ministro do Tesouro para as minas do Ocidente, quis conhecê-lo. Apresentou-se como a representante de seu clã na corte e convidou-o a estreitarem relações em particular. Esperava encantá-lo com suas artes mágicas e incorporá-lo ao séquito de amantes que a ajudavam a ampliar sua influência e desviar verbas para seus próprios fins.

Prevenido por Rudlá, Arpá apresentou-se com aqueles mesmos antebraçais. Não chamavam a atenção, pois os comandantes de hoplitas os usavam como insígnia. Mas a sua armadura não era como as outras: não só era absolutamente indestrutível, como qualquer parte dela o protegia de qualquer tipo de encantamento e bloqueava a leitura de mentes melhor que qualquer voziohu.

Repelido por uma proteção muito mais poderosa, o feitiço de sedução retornou sobre Vazós-hó. Ela rendeu-se ao prazer de se deixar dominar por um ser superior. Foi uma conquista oportuna: inteligente, carismática e inescrupulosa, era uma ótima intermediária junto à corte e à aristocracia e uma fonte inesgotável de recursos financeiros. Sob seu comando, convertera-se ao culto de Raan e o ajudara a criar uma rede de aliados, subornar as pessoas certas e preparar um comando paralelo de fanáticos.

A porta se abriu, interrompendo-lhe as recordações. Zissar, seguida por dois escravos, prostrou-se novamente aos seus pés. Arpá ordenou aos escravos que os deixassem a sós. Algum tempo depois de fechar-se a porta, ele a mandou erguer-se. Tirou-lhe o manto de seda, a dupla corrente de ouro de hociós e as joias que usava ao pescoço, arrancou-lhe e rasgou-lhe as calças de tecido delicado e translúcido, deixando-a completamente nua. Em seguida, tomou uma coleira de cobre e um cordão vermelho e os pôs em suas mãos.

– Que tua última ação como mulher livre seja doar-te a mim como minha escrava!
– disse ele.

Submissa, ela tirou o pekenan e jogou-o ao chão, trocando-o pelo cordão desdentado de concubina, útil apenas para impedi-la de engravidar contra a vontade do amo. Em seguida, tirou seus colares e pôs ao pescoço a coleira com o selo de Quar Odu Arpá, o Sol Negro.

– Amo, eis tua escrava desde sempre. Toma posse do que é teu.

Odu Arpá fechou o cadeado da coleira com a mesma chave que usava com todos os seus escravos. Declarou-lhe então, em tom solene:

– Não te chamarás mais Quar Vazós Zissar. De agora em diante serás Rutpal!

– Sim, amo.

– Quero punir-te pela negligência na seleção de servidores, que me obrigou a eliminar dois inúteis.

Aplicou-lhe uma forte bofetada em cada face.

– Prostra-te!

– Sim, amo – com a voz embargada de emoção, sentou-se sobre os calcanhares, curvou-se, atirou os cabelos à frente, esticou os braços e encostou a testa ao chão, oferecendo as nádegas e as costas ao castigo. Não precisava lhe ensinar os modos de falar e de se portar de uma escrava exemplar, pois ela bem os conhecia. Era a mais exigente das amas.

Arpá abriu um dos armários e escolheu um dos açoites destinados aos escravos dignos de serem punidos por suas próprias mãos. O mais leve, de flagelos de couro macio, pois não convinha danificar a útil e agradável beleza da serva. Açoitou-lhe o traseiro, as costas e as coxas, com método e vigor. Ela não ousou gemer ou gritar, mas a respiração traía-lhe a excitação.

O amo, pelo contrário, mantinha-se calmo e superior. Criava um vínculo adequado com a servidora. Nada de exaltação, apenas uma técnica de adestramento e dominação.

A mulher ali prostrada sentia um prazer sensual em infligir dor e humilhação e gastava milhares de ases por mês comprando não-pessoas para torturá-las até a morte de maneiras horripilantes. Não compartilhava essa fraqueza comum a muitos dos mais importantes de seus liderados, mas a compreendia como o resultado de obrigar lobos a viverem como cordeiros. Nesta etapa, devia tolerá-la, pois exprimir esse desejo imaturo os incentivava a romper com os valores obsoletos do rebanho, reforçar-lhes a cumplicidade e erguer-se acima dos inferiores. Em um dia não muito distante, seus instintos predatórios poderiam se expressar de maneira mais aberta e nobre, na guerra sem limites.

– Venha e beije meus pés. Agora, vire-se, estenda os braços e abra as pernas.

– Sim, amo – disse ela, obedecendo, arfando e tremendo.

Aplicou golpes sistemáticos e contidos na barriga, seios, púbis, braços e pernas. Ela agora debatia-se em convulsões de dor e prazer e sua excitação acabou por contagiá-lo. Mandou-a ajoelhar-se, baixou as calças, puxou-a pelos cabelos e ela o recebeu com entusiasmo enquanto não a mandou parar. Depois, a fez virar-se e pôr-se em diferentes posições enquanto deslizava sem esforço por um e outro orifício, sabendo o quanto ela ansiava por servi-lo de todas as maneiras. Dotado de resistência mais que humana, Arpá estendeu a sessão por mais de um sê e orgasmos

seguidos, até vê-la desfalecer de exaustão.

Estendeu-a sobre os mosaicos do chão, espreguiçou-se e sentou-se ao trono. Divertira-se muito na véspera, com a alegre e relaxante devassidão de Rospal e Xipal, mas dominar e satisfazer aquela mulher tinha um encanto especial. Adorava hierarquias e encontrava nelas o lugar certo para se inserir, gozando e cumprindo seu papel com brilho, tanto ao impor obediência aos inferiores quanto ao se submeter a um poder maior. Astuta e cheia de iniciativa, era a ajudante-de-ordens ideal.

Um gemido o alertou. Ela erguia-se sobre os cotovelos e ia levantar-se, então lembrou-se de quem era e onde estava. Sentou-se sobre os calcanhares, pôs as mãos para trás e baixou a cabeça, posição de escrava à espera de ordens. Ele esperou um pouco antes de falar:

– Rutpal, ergue-te e junta-te às minhas outras escravas. Substituirás a falecida Cinpal. Riopal, a primeira-escrava, te indicará onde dormir e tuas tarefas diárias.

Ela engoliu em seco. Lágrimas lhe escorreram pelo rosto.

– Sim, amo. Posso servi-lo em algo mais, amo?

– Não agora. O amo está satisfeito.

Ela ergueu-se e caminhou com suavidade, ereta e orgulhosa, para a porta a uns quinze passos. Quando ia abri-la, Odu Arpá a chamou.

– Para, Rutpal.

Ela deteve-se e voltou-se, de cabeça baixa, à espera.

– Suspendo minha ordem anterior. Agora que sei que temes a mim e não me negas o que quer que te ordene, hei de usar-te de modo a não desperdiçar teus talentos. Para o mundo, voltarás a ser Quar Vazós Zissar, a hociós, pois isto convém mais à tua missão e em público, chamarás a teu amo de Odu-pás, como antes. Até nova ordem, serás Rutpal-rar, apenas quando estivermos a sós ou apenas na presença de outras das minhas escravas-concubinas. Compreendes?

– Sim, amo – ela sorria.

– Aproxima-te!

Ela retornou com sensual elegância sobre seus passos e deteve-se à sua frente. Arpá abriu-lhe a coleira com a chave e a retirou.

– Como te chamas? – Insistiu.

– Rutpal, rarciós.

– Muito bem, Rutpal. Põe as correntes de hociós, o pekenan e demais atributos de tua qualidade no mundo. Retoma teus deveres como Vazós-hó, minha agente e imediata na capital.

– Sim, amo. Posso servir-te em algo mais?

– Sim. Usarás, mesmo em público, esta joia, para lembrar-te de quem realmente és.

Tirou de uma arca junto ao trono uma corrente de ouro idêntica à usada por suas

outras escravas, da qual pendia uma enorme sardônica, *Rutpal* em senzar. As escravas de Odu Arpá saberiam, ao vê-la, que se tornara uma delas, mas nada diriam sem ordem do amo. Para o resto do mundo, seria apenas uma joia incomum. Ela o pôs à cintura, com a gema pendendo sobre o púbis, com a mesma satisfação com que o amo colocava suas insígnias. Sempre soubera que o preço de ser a primeira entre os súditos do Sol da Meia-Noite seria a escravidão.

Capítulo 31 – A estudante gulosa

Caiu uma chuva forte ao anoitecer. Apanhado de surpresa ao sair da sede, Sistu correu pelo jardim do Instituto, mas chegou encharcado ao alojamento e deixou-se secar em uma espreguiçadeira de vime no saguão ainda morno do sol da tarde. Quase todos os colegas haviam saído para outra noite. Por falta de dinheiro, tanto quanto de hábito, Sistu não os acompanhara. Quando recebesse o primeiro pagamento, talvez os acompanhasse pelo menos uma vez, para ver como era...

Ficara só uma colega, que estudava um livro em cari antigo à luz do lampião. Awesa Ghelheikdhugther, garota roliça, de pele rosada, olhos azuis e cabelos de uma cor que lhe lembrava barba de milho. Vestia uma túnica longa, de mangas compridas. Durante o dia, usava também um manto longo, uma bandana colorida e um chapéu de abas largas. Ao ver dengus pela primeira vez, Sistu as imaginara muito pudicas, mas depois soube que apenas tinham uma pele delicada e vulnerável ao sol de Atlântis. Vinham de uma terra fria e brumosa do Norte, mas por dentro podiam ser tão quentes quanto uma senzar ou tlavatli.

– Olá, Sistu-pu, como vais? – ela o cumprimentou.

– Oi, Awesa-pu. Tudo bem

– Mesmo? Soube que o diretor mandou te chamar. Algum problema?

– Não. Era para fechar um acordo. Vou ser monitor de educação física e artes marciais no ginásio e ganhar uns trocados, além da bolsa.

– Ah, que bom... Não me interessa muito por essas coisas, mas que bom pra ti!

– Que tal foi a aula?

– Muito boa, muito interessante. Rió-ci falou sobre as origens do Império Cari. Se quiseres ler, anotei tudinho no caderno.

– Obrigado. Se puder me emprestar, vou querer, sim...

A garota o olhava com interesse. Não era das mais bonitas para seu gosto, mas era inteligente e simpática. Por que não? Tiakat praticamente a indicara como parceira interina. Ele continuou:

– ... mas também quero conhecer melhor a dona do caderno, que é muito mais interessante.

Ela fechou o livro, respirou fundo e falou, com um tom ansioso:

– Sistu, no meu quarto tenho geleia, biscoitos, queijo e outras coisas para compartilharmos. Não queres lanchar comigo?

– Não precisa se incomodar...

– Incômodo nenhum, Sistu. Se não tiveres outro compromisso, será um prazer ter tua companhia a noite toda...

Ele animou-se. O tesão e o carinho de uma garota sincera e atrevida não eram para se jogar fora. Levantou-se, olhou-a nos olhos e beijou-a na boca. Ela correspondeu.

– Vai ser bom, Awesa-bã.

Awesa abraçou-o e sorriu.

Horas depois, Sistu acordou e despediu-se de Awesa, queria banhar-se antes de ir ao refeitório. A caminho, matutava, intrigado. Quando ele lhe perguntou ao acordarem, ela negara, um tanto ansiosa demais. Fora algum gemido sem sentido, insistira ela. Mas ele tinha certeza de a ter ouvido chamá-lo, à beira do gozo, por outro nome.

Ele não se ofendera, embora nunca lhe tivesse acontecido isso. Se Awesa fantasiara estar com outra pessoa – coisa que ele mesmo já fizera, em outras ocasiões –, isso não o perturbava. Não esperava mais que compartilhar momentos de prazer e amizade. Mas o nome era muito incomum. Nunca o ouvira antes de ele mesmo o inventar. Razzan.

Capítulo 32 – No limbo

Era a vez de Tjurmyen aprender algo da arte de Tiakat. Decidiram deixar as artes da cura para depois. Começariam pela viagem astral xamânica. Era uma técnica na qual intuição e poder mágico eram mais importantes do que a teoria. O progresso foi rápido.

Depois de dois dias de preliminares, Tjurmyen flutuava sobre as docas de Atlântis, acima das enormes estátuas dos deuses senzares, acima das gaivotas, acima das nuvens ralas e da aeronave vigilante. Pela primeira vez, pôde ver por inteiro a enorme cidade na qual crescera. Mas a visão era estranha, as cores vivas demais, como se uma película translúcida tivesse sido arrancada da realidade. Não se viam sombras, nem reflexos. Era como estar dentro de um dos livros de gravuras coloridas pelos quais se apaixonava desde mocinha. Conseguira mesmo, ou sonhava? Beliscar-se não a fazia sentir nada. Mas estava totalmente lúcida, como nunca estivera em sonho ou delírio algum.

Viu a tlavatli a acenar e voar em sua direção. Ao acenar em resposta, deu-se conta, de repente, de estar tão nua quanto ela. Haviam sumido a túnica, as calças, a roupa de baixo e até o *pekenan*. Envergonhadíssima, ela cobriu os seios e o púbis com as mãos, mas por alguma razão não sentiu o rosto esquentar.

– Oi, Tjurmyen, que bom que você já conseguiu – ouviu. – Que houve? Está com frio?

– Tiakat! Por que esta aprendiz está assim, desnuda? – A surpresa a fizera voltar à sua gramática peculiar.

– Você esqueceu? A única coisa que projetamos no Limbo sem esforço consciente é o corpo. Podemos criar objetos de sonho, mas para isso é preciso pôr atenção.

Tjurmyen ouvira, mas não atinara que isso incluía as roupas. Imaginou-se vestida e, aliviada, viu seu corpo cobrir-se de tecidos fantasmáticos.

– Sabe, você não precisa realmente disso. Neste estado, não sentimos frio, nem calor. Nada corpóreo pode nos afetar.

– Eu não estou acostumada com essas coisas, Tiakat... – respondeu Tjurmyen, revertendo ao sotaque de Raltlor.

– Melhor se habituar, não vai conseguir segurar essas roupas o tempo todo. Relaxe e venha comigo, vou te mostrar os elementais...

Tiakat voou na direção do sol e a trovadora a seguiu, sem esforço. Apesar da velocidade, não sentia vento no rosto e suas roupas não esvoaçavam. “Que pena”, pensou.

Os morros a leste da capital eram cobertos de uma mata refrescante e

normalmente muito verde, mas que naquele mês se enchia de todas as cores, conhecida como Bosques dos Amores. O frescor, infelizmente, não se sentia, mas o perfume das flores, sim. Havia povoados e muitas casas de veraneio, pequenas e simples ou grandes e elegantes, na maioria ocupadas. Estavam na época na qual a maior parte dos atlantes gostaria de passar as férias, ou pelo menos a lua-de-mel. Mas Tiakat flutuou para onde não se percebia presença humana. Pousou à beira de um regato e chamou:

– Navatl!

A forma translúcida de uma mulher meio sereia, meio serpente, ergueu-se da água rasa e cristalina.

– Olá, Tiakat, quem é sua companheira?

– Esta é Tjurmyen, minha amiga. É a primeira viagem dela no limbo.

– Você é uma sorquor?

– Me chamam de loquor, Elemental do rio. Sim, um tipo de sorquor. Vivo do axé deste rio e de seus quatro afluentes.

Navatl estendeu-se preguiçosamente na clareira e a cumprimentou com uma carícia no rosto que lhe deu a sensação molhada e refrescante que a água comum agora negava. Outra presença se aproximou, cheirosa e florida, espinhuda e folhosa, dura e feminina.

– Tjurmyen, esta é Koaxok. É uma mosquor, uma elemental dos espinheiros-brancos.

Falaram do tempo, da beleza do mês das Flores, das novidades da mata e da cidade. Tjurmyen pensava saber muito sobre elementais e algumas vezes os entrevira ao passar por zonas rurais e selvagens, mas pensava neles como seres misteriosos e distantes, a serem tratados com cuidado e respeito. Agora, esquecida da timidez, deitava-se no mato, no meio dos insetos, sem desconforto nem coceira, jogava conversa fora com uma náíade e uma dríade como se fosse a coisa mais natural do mundo. Será que era?

De repente, sentiu um forte cheiro animal. Virou a cabeça e viu um enorme pênis a balançar, pendurado em uma figura peluda, chifruda, bípede e sorridente. Tjurmyen percebeu-se nua outra vez e deu um grito de pânico.

As três riram. Tiakat, percebendo o que se passava com a colega, a tranquilizou.

– Calma, Tjurmyen, Guemon é nosso amigo. Não vai fazer nada. A menos que você queira, é claro...

Deixou claro que não queria. Recriou as roupas, junto com uma adaga na mão. O sátiro, ofendido, resmungou algo sobre a humana maluca e meteu-se na mata.

As elementais, abraçadas, choravam de rir, a rolar no chão. Tiakat lhe sorriu, a dar de ombros. Olhou então para o sol, já passado do zênite.

– Tjurmyen, vamos voltar? Já é tempo.

À noite, Tjurmyen ia ao quarto dormir quando a xamã lhe perguntou:

– Tjurmyen, por que sentiu tanto medo?

– Desculpe-me, Tiakat, prefiro não falar disso.

– Você é muito bonita. Por que se esconde tanto?

Tjurmyen fez um silêncio prolongado. Sufocada por emoções insuportáveis, a grande barda mal conseguia abrir a boca para uma resposta trivial.

– Não estou acostumada a mostrar o corpo, Tiakat. Mas obrigada. – A voz saía estrangulada, dava para perceber.

– Pode confiar em mim, quero ser sua amiga.

Outro silêncio. Lutava para não dar uma resposta brusca à xamã. E também para não chorar.

– Esta barda também quer ser tua amiga. Desculpe-a, é o seu jeito.

Entrou no quarto sem olhar para trás, fechou a porta de correr e jogou-se no saco de dormir, desejando dormir e nunca mais acordar.

Capítulo 33 – As penas brancas

Sistu despediu-se de Awesa. Duas ou três vezes por quatorzena, ela saía para visitar a casa da família e passava a noite com os parentes, tradicionais comerciantes de especiarias. Ele jantou, leu um pouco sobre arte senzar arcaica e encontrou uma reprodução de cerâmicas em estilo Tolan arcaico que lhe chamou a atenção. Era um motivo decorativo vegetal, inspirado em folhas e flores exóticas. Segundo o texto, era baseado em plantas alucinógenas nativas de Muté, não encontradas na Atlântida. Mas ele se lembrava de ter visto algo assim. Onde? Na caixa de Beletsunu!

Tirou-a do esconderijo sob uma tábua do assoalho e examinou-a. Sim, pareciam as mesmas folhas e o mesmo estilo. Mas como? Espadas de um material durável como o oricalco sobreviverem dois mil e seiscentos anos em perfeito estado já era insólito. Uma peça de madeira, devia ser impossível. Uma imitação? Mas aquele motivo havia sido descoberto em uma escavação relativamente recente da equipe de Quin-ci, era ainda uma curiosidade arqueológica... Procurou por um selo do artesão, mas não o encontrou. Abriu a caixa e examinou-a por dentro. Encontrou o que podia ser uma discreta marca de clã, não datada. Não conseguiu reconhecê-la à luz do lampião. Intrigado, mas sonolento demais para continuar a investigar, pôs a caixa sobre uma prateleira e foi dormir.

De repente, viu ao lado da rede uma mulher estranha que enchia o quartinho de luz e se cercava de estrelas coloridas. Lembrava-lhe um pouco Artás, mas mais majestosa, apesar de menos alta. Era mais branca que Awesa, embora os traços fossem de uma senzar. Não tinha o aspecto indistinto e vaporoso que ele esperaria de um fantasma, mas seus cabelos eram de um branco brilhante, embora parecesse jovem. Usava as calças brancas do clã Pasá e a dupla corrente de ouro. Pasá-hó.

– Quem é você? – perguntou ele, sentindo-se num sonho.

– Chame-me de Pasguá.

Devia estar mesmo sonhando, pensou. Pasguá era o nome da espiã e mensageira de Karmó, que testara Quargad e lhe transmitira as palavras da deusa, lhe dera as espadas e o curara quando ferido. Ora tomava forma humana, ora a de alguma ave, como a gralha branca no ombro da estátua de Karmó no Templo Tricolor. Ele ficara impressionado ao ler o *Épico de Guar Otis Quargad* antes de deitar, só podia ser. Mas achou graça e ficou curioso por ver onde aquilo ia dar. Sentou-se na rede e dirigiu-se a ela, num tom brincalhão:

– Que faz você aqui?

– Tenho algo a confidenciar a ti e é meu dever fazê-lo a sós – respondeu ela, erguendo solenemente um dedo, como um orador num púlpito – Do que fizeres

depois de instruído depende o destino deste mundo.

– Só isso? Pensei que era coisa séria.

– Não brinques. Tua responsabilidade é imensa, assim como as graças recebidas por ti dos deuses. – Ela quis apontar o dedo para ele, mas a falta de espaço enfraqueceu a dramaticidade do gesto.

– Que graças?

– Uma virilidade sem par e uma saúde de ferro, presentes de Kiném. E um corpo belo, poderoso e audaz, presente de Tliká. E uma mente privilegiada, presente de Karmó, minha mestra. E os invencíveis dracos das espadas, presente de Varjá que te complementam com a única coisa que te falta, um vasto poder mágico!

Ela retirou as espadas da bainha, erguendo-as como para oferecê-las. Desconfiado, ele não as tocou.

– Os próprios Varjá e Dotlás aprisionaram os dracos nestas espadas e em trocas lhes deram a imortalidade! A própria Karmó me ordenou levá-las a Quargad, há dois mil, seiscentos e dezoito anos! – insistiu ela.

Sempre as espadas. Por que elas não podiam trazer-lhe sonhos mais agradáveis?

– Puxa, obrigado pela parte que me toca. Mas, que eu saiba, ganhei as espadas de meu tio e o resto de minha mãe e meu pai.

– Sabes bem que não te pareces com teu pai. Esta serva de Karmó fez a semente correta chegar à tua mãe, assim como fez as espadas chegarem a teu tio.

– Que fiz eu para merecer isso?

Pretendia ser irônico, mas ela fez como se não o entendesse. Ralhou com ele como um tio a passar um pito no sobrinho adolescente.

– Nada. Nada mesmo. Pelo contrário, foges a teus deveres como um egoísta irresponsável.

– Que deveres? Se eu os tenho para com você, não sei quais são.

– Não te faças de desentendido. Teu dever é liderar teu povo, conduzir de volta à grandeza esta nação acomodada e decadente. Ser o senhor dos exércitos de Atlântida, para o bem do povo senzar e a maior glória dos teus deuses.

– Hum... – refletiu, coçando a barba. – Sinceramente, a proposta deve ser atraente para muitos, mas não para mim. Além disso, já abri mão da carreira militar e, até onde sei, o cargo de Imperador não está vago.

– Cometeste um erro grave ao recusar a Academia Militar. Mas podes repará-lo, e encontrares teu destino, se fores diligente. A Academia Naval é igualmente boa para os nossos e os teus fins.

– Sinto-me muito bem onde estou. O Instituto é o caminho que sempre quis.

– Não! Tu não vencerás teu rival, nem conquistarás o trono com diplomacia, nem com manobras burocráticas, nem com livros eruditos. Precisas das espadas e dos exércitos dispostos a seguir quem as portar.

– Que rival? Refere-se ao Imperador? Mas isso é um absurdo!

– Não, nem o Imperador, nem nenhum de seus herdeiros. A dinastia imperial está com os dias contados, a disputa será entre o escolhido de Raan e do caos e tu, escolhido de Varjá e da ordem. O futuro depende de ti. Se venceres, serás o senhor de Atlântida. Se seguires o caminho de Varjá e dos antigos deuses do povo senzar. Completarás a tarefa iniciada por Quargad e, se nos seguires com devoção, virás a ser uma divindade menor, como o primeiro Imperador da linhagem de Atlás. Atlântida se tornará maior do que jamais foi, submeterá o que resta do mundo e um dia levaremos teus descendentes a conquistar os outros planetas deste Sol. Se fores derrotado, terás um fim atroz e o Senhor do Caos governará o mundo por toda uma era.

– E se eu não lutar?

– Então, estarás derrotado. Não há terceira alternativa.

– Por que eu deveria confiar em você? – Sistu empertigou-se e a enfrentou.

– Por que eu sou Pasguá! – Respondeu a aparição.

– Como posso saber que não é uma aparição, um truque de Raan ou coisa assim?

– Queres uma prova! – esbravejou ela, devolvendo as espadas ao gancho onde Sistu as pendurava – Pois vê isto!

Sistu viu uma luz ofuscante e ela transformou-se em um grande cisne branco, de asas abertas. Com um gesto rápido, agarrou-lhe a asa e arrancou-lhe duas penas. A ave grasnou, furiosa e, com outro clarão, retornou à forma de mulher,

– Homem de pouca fé! – Protestou ela. – Nem Quargad era tão desconfiado!

– Azar dele. – Replicou Sistu. – Talvez Quargad-tar não soubesse do que os ilusionistas são capazes, – Divertido, virou-se e pôs as penas dentro da caixa vermelha deixada na prateleira. Ouviu uma sufocada exclamação de surpresa. Voltou-se para encarar um rosto furioso.

– Basta de indignidades! – Protestou ela. – Lutarás por teus deuses, ou não?

– Ainda não decidi.

– Não tens muito tempo. Quatro meses no máximo, depois será tarde demais!

– Tomarei esse tempo. Vou pensar.

– Presta atenção, basta ativar as espadas e os deuses e os guerreiros te seguirão!

– Acho que preciso de uma senha, não?

– Não há senha. Bastam sangue e água. Uma vez realizado o ritual pela primeira vez, os dracos se tornam escravos do sangue que os despertou. Daí em diante, para invocá-los, basta molhar as espadas com uma gota desse sangue e qualquer água. O liame só se quebra se o dono do sangue morrer, pois as espadas são indestrutíveis. Farás isso?

– Já disse, vou pensar.

Outro clarão. Pasguá transformou-se em coruja branca, a janela se abriu e ela

voou para fora. A janela fechou-se quando ela saiu.

Sistu sentiu-se entorpecido, deitou-se na rede e dormiu.

De manhã, já ia abrir a porta rumo ao lavatório comunitário da casa dos estudantes, quando se lembrou de guardar a caixa vermelha no esconderijo. Antes, quis olhar o selo do artesão à luz do dia. Mal abriu, viu, além do pomo, duas grandes penas brancas e um chumacinho de penugem.

Lembrou-se do final do *Épico*.

Quargad unificou a maior parte de Muté, estendeu suas conquistas a Nemté, no sul, criando o primeiro grande império senzar, mas aos olhos da deusa não fora suficiente. Desobedeceu Karmó e Pasguá ao aceitar um polpudo tributo para fazer a paz com os tlavatlis, em vez de submetê-los a seu império. Até que Quargad, já maduro, adoeceu e começou a piorar a cada dia, sem que médicos, xamãs, alquimistas ou feiticeiros conseguissem curá-lo. Implorou então a Karmó que lhe enviasse Pasguá, que no passado já o curara de um envenenamento mortal, com um mero olhar.

Uma batuíra branca pousou na janela do quarto do Imperador e o coração de Quargad se encheu de esperança. Mas a batuíra recusou-se a olhá-lo nos olhos. Virou-lhe as costas, foi-se embora e Quargad morreu ao pôr do sol. Quando o corpo embalsamado recebia as homenagens da corte, um bando de corvos entrou pelas janelas e começou a despedaçá-lo. Os guardas os expulsaram com muita dificuldade e o cadáver, desfigurado, teve de ser lacrado no caixão para que os funerais pudessem ser levados a termo.

“E se Quargad tivesse lhe arrancado as penas?” Perguntou-se Sistu.

Capítulo 34 – Perdidas no Tártaro

Saíram da casa especializada em instrumentos musicais onde Tiakat foi ajudada por Tjurmyen a escolher um *tawit*, que lhe custou três ases. Esperava dar-se melhor com o tradicional instrumento *tlavatli*, uma espécie de harpa de 28 cordas a ressoar numa cabaça revestida de couro, do que com o alaúde mugal ou a cítara senzar.

Na volta, o gondoleiro encontrou o caminho sugerido por Tjurmyen fechado pela passagem de um longo cortejo de casamento e teve de tomar uma rota alternativa. De repente, Tiakat notou como a barda empalidecia e encolhia-se arrepiada, a trincar os dentes, como fizera ao ver o sátiro. Olhou em volta, desconcertada, a buscar a causa.

Acompanhou o olhar ansioso da mugal a um prédio de mármore branco coroado por um grande domo violeta, em forma de botão de lótus. As paredes eram cobertas de incrustações douradas e desenhos decorativos feitos com calcedônia branca, ônix negro, jade verde e pórfiro roxo. Ladeavam-no estreitos minaretes brancos. Uma arquitetura leve e graciosa, cheia de curvas, bem diferente do estilo sólido e retilíneo que predominava em Atlântis. Guerreiros loiros e impassíveis, quase tão altos quanto Sistu, guardavam a escadaria da entrada.

– O que foi, Tjurmyen?

– A embaixada de Agarta – a garota respondeu, num fio de voz.

Tiakat lembrou-se do que ela contara da infância e achou que a entendia, apesar de achar a reação exagerada. De quantas coisas aquela menina teria medo? Fez-lhe uma massagem suave nos ombros e a colega suspirou, mais relaxada.

À tarde, depois de praticar suas primeiras melodias no *tawit*, Tiakat tentou duas vezes entrar em contato com Kopinani, mas ela não atendeu. À noite, preocupada, entrou em transe e iniciou uma viagem astral pelo Limbo. Sentiu-se a flutuar sobre Atlântida e a chispar na direção de Raltlor.

Ao descer na velha cabana da mestra, Tiakat viu uma xamã que não conhecia, uma *tlavatli* de meia-idade, a preparar uma infusão no fogareiro. Kopinani, deitada na rede, estava abatida e parecia bem mais velha do que quando a deixara, mas percebeu a presença imaterial da discípula.

– Tiakat, és tu? – ela perguntou, com voz trêmula.

<Sim, titia, sou eu. O que houve? Não consegui te chamar!> Respondeu por telepatia.

– Ah, minha querida, desmaiei e estive fora de mim boa parte do dia. Tive uma pequena apoplexia, agora estou com dificuldade para ver.

<Titia! Vou voltar para cuidar de você!>

– Não, nem penses nisso! Segue com tua vida e teus estudos! Eu já previa isso e chamei Tseltin-ké. Tseltin-bã, olha! Consegues ver Tiakat? Eu a sinto ali!

Tseltin seguiu o dedo de Kopinani com o olhar.

– Agora que a apontaste, mais ou menos, Kopinani-bã – disse, um pouco insegura. Minha visão astral não é muito boa. Bem-vinda, Tiakat-pu! Kopinani-bã me falou muito bem de ti. Fica tranquila. Posso não ser uma xamã tão talentosa quanto tu, mas sei fazer bem o que pode ser feito.

– Ouve, Tiakat – disse a xamã alquebrada. – Tseltin foi, há tempos, uma boa discípula. Morava em uma vila muito a leste daqui, onde há outro xamã com o qual não se dá bem. Pedi-lhe para vir a Raltlor, ajudar-me a atravessar o melhor possível estes dias difíceis, herdar minha casa e ficar em meu lugar, quando me for. Ela aceitou.

<Titia, será que não posso te curar?>

Deitada na rede, Kopinani deu um suspiro e um pálido sorriso.

– Tiakat, meu amor... Tudo tem limite, até tua habilidade. Não sei se sou a mulher mais velha de toda a Atlântida, mas tenho quatrocentos e quarenta anos, se não erro nas contas. Até há pouco, era muito saudável para a idade, mas agora meus órgãos estão todos a falhar. É questão de semanas, de meses, quando muito. Prolongar um pouco mais os meus dias não vale o sacrifício de teus planos. Fica em paz, Raltlor e eu estaremos em boas mãos.

A jovem não tinha como chorar ou abraçar naquele estado, não tinha palavras e Kopinani não podia ver seus olhos. Só lhe restava uma tristeza enorme e muda e um vago sentimento de culpa. Teria sua saída de Raltlor algo a ver com isso?

A mestra sentiu sua emoção e compadeceu-se.

– Não fiques assim, Tiakat... Ouve, tive uma boa vida e meus últimos anos foram dos melhores, graças a ti. Destes a esta velha uma razão para viver, sem a qual estaria na cova há muitos anos. Agora, minha missão está cumprida, já és uma grande xamã e continuas a crescer. Nada apressaria mais a minha morte do que a culpa de te abater o ânimo ou te interromper o caminho. Entendes?

<Sim, titia...>

– Concentra-te no teu caminho. Não sei se voltarei a estar em condições de te contatar, mas certamente saberás quando me for. Meus últimos pensamentos certamente serão para ti. Vai-te tranquila, querida, agora preciso tomar a poção de Tseltin e dormir um pouco.

Tiakat despediu-se, de coração apertado. Passou o resto da tarde vagueando, melancólica, por lugares conhecidos de Raltlor. Ninguém mais a pôde ver, salvo uma dríade. Saudou-a, mas não estava com vontade de conversar. Viu a mãe a bordar calças para um menino Ralfu, viu Riama a mamar no peito da mãe, viu Beletsunu a dançar nua para um cliente extasiado, viu Ahatsunu correr para servir os camponeses

que chegavam do trabalho, viu a Casa dos Jovens, viu Olin e Witolin chegarem da pescaria e irem para a rede juntos. Tiakat, por fim, sorriu. Desejou-lhes boa sorte e voltou a Atlântis e a seu corpo.

– Você está bem, Tiakat? – perguntou Tjurmyen, na manhã seguinte – Está tão abatida...

– Soube de uma notícia ruim. Minha antiga mestra vai morrer.

Contou-lhe do estado de Kopinani e explicou como a mestra era importante para ela.

– Que pena, Tiakat... – Sussurrou Tjurmyen, muito comovida. – Talvez eu possa cantar algo para você se sentir melhor... – ela hesitou – ou, talvez, você prefira um abraço?

– Sim, me abrace, por favor!

Abraçaram-se por algum tempo, até Tiakat sentir-se aliviada o suficiente para continuar com seu plano para esse dia: outra viagem astral com Tjurmyen, desta vez com a intenção de alcançar o plano do Hades e encontrar as sombras dos mortos, parte essencial da jornada de uma xamã aprendiz. Mas algo deu errado.

Depois de chegar ao Limbo, Tiakat acompanhou a discípula a um estado de transe mais profundo, ajudando-a abrir o portal para outra realidade. Viu formar-se, em meio às cores brilhantes do Limbo, o redemoinho escuro no qual deveriam mergulhar.

De repente, uma aparição com a forma de uma enorme águia branca, fez um círculo sobre o redemoinho e o transformou em um enorme tornado flamejante. Tiakat percebeu o perigo e tentou puxar a barda para longe, mas a voragem era forte demais. Foram tragadas de forma tão violenta que não conseguiu segurar-lhe a mão.

A xamã não sabia quem fizera aquilo ou por qual razão, mas imaginava o que significava. A passagem para o Hades fora transformada em portal do Tártaro. Já estivera nesse estado de consciência com Kopinani e não tinha certeza se deveria mostrá-lo a Tjurmyen mesmo em uma etapa bem mais avançada do treinamento. Era um desafio dos mais terríveis e dera à pupila apenas uma explicação sumária de como lidar com esse universo e seus habitantes, no contexto de uma descrição geral das sete camadas da realidade. Algo assim:

“Só ou acompanhada, uma boa xamã não deve ter grande dificuldade em enfrentar a maioria dos demônios no Mundo ou no Limbo, quando eles tentam parasitar ou possuir pessoas frágeis, mas encontrá-los em seu próprio elemento, onde seu número parece infinito, é outra coisa. Sempre é preciso enfrentá-los com coragem e cabeça erguida, mesmo se forem numerosos demais para serem vencidos. O pior que pode acontecer é uma ‘morte’ dolorosa, mas rápida e imaginária. Nada irreparável: você acordaria no mundo corpóreo como de um pesadelo, ofegante e banhada em suor. Basta um descanso – três dias é o recomendável – e você estaria pronta para outra.

Mas se você se deixar amedrontar, estará perdida. Os demônios acorrerão aos montes para torturá-la com as coisas que mais a apavorarem. Não se cansarão enquanto não reduzirem seu espírito a farrapos e o deixarem fraco demais para lhes aplacar a sede de terror. Se chegar a retornar, será difícil, mesmo para uma xamã ou uma feiticeira experiente, devolver-lhe a sanidade.”

Ao contrário do que se passava no Limbo, ali não se vislumbrava um reflexo brilhante e colorido do mundo corpóreo. Em todas as direções, viam-se rochas negras como fuligem, entremeadas por correntes de lava e cobertas por um céu de fogo. Um fedor de ovo podre dominava o ambiente. Além dos demônios, só existiam ali seus infelizes brinquedos, os fantasmas dos que haviam quebrado um juramento em nome de Gutis.

Não sentia queimaduras, mas não havia como ignorar a sensação aflitiva de calor extremo, de ter sido jogada em um forno de fundição. Para piorar, ali não podia voar. Apesar de imaterial, sentia-se pesada, tanto quanto no mundo corpóreo. De vez em quando, algum ser saído de pesadelo – um homem-escorpião, um bípede com cara de morcego, uma serpente de doze cabeças – saltava à sua frente e tentava emboscá-la. Mas Tiakat, felizmente, tinha poucos temores irracionais que os demônios pudessem explorar e imediatamente recriou seu varapau mágico, defendendo-se com ele à maneira tradicional, como chicote ou dando-lhe ponta para usá-lo como lança.

Como qualquer outra realidade, o Tártaro era grande como o Mundo. Ao chegar, Tiakat não sabia quanto o tornado mágico poderia tê-la afastado de Tjurmyen. Os constantes ataques não lhe davam tempo de concentrar-se em sua clarividência, já pouco eficiente nessa realidade turbulenta, mas não ousava voltar sem a amiga. Três quartos de sê passaram sem sinal de alma humana, até ouvir uma algazarra. Com cuidado, olhou por trás de uma rocha e conteve um grito de horror. Um bando de demônios currava uma moça que só podia ser Tjurmyen.

Ela urrava, desesperada a cada vez que uma enorme minhoca viscosa, enrolada no pescoço, recuava ante suas mordidas depois de tentar entrar por sua boca. Quatro pequenas gárgulas lhe seguravam braços e pernas, forçando-a a ficar deitada e impedindo-a de se debater. Um monstro obeso e com cara de sapo, pele coberta de farpas e verrugas e asas de faisão, a cobria e penetrava pela frente. Um lagarto magro com cabeça de galo e membros finos como varetas a tomava por trás.

Tiakat lançou-se sobre os demônios feito furacão. O varapau, agora lança, atravessou a gárgula mais próxima. Ela fez uma adaga aparecer na outra mão e varou a cabeça do sapo. Criou outra para cortar a minhoca em duas metades a se debater no chão. Enquanto decapitava o lagarto, as gárgulas restantes tentaram mordê-la. Defendeu-se com outro punhal e o varapau, transformado em estaca pontuda. Enquanto furava uma gárgula com a estaca, outra cravou os dentes sobre seu braço direito. Um punhal lhe atravessou o omoplata e chegou ao que quer que

tivesse no lugar do coração. A última gárgula jogou-se sobre seu peito e cravou as garras, mas antes que conseguisse morder-lhe o pescoço, teve a garganta atravessada por outra adaga que lhe alcançou o cérebro – se é que isso existia ali.

Os demônios não podiam ser definitivamente mortos dessa maneira, mas demorariam algum tempo para se recuperar. Já os danos à mente de Tjurmyen poderiam durar muito mais, receava Tiakat.

A barda babava e estertorava, com os olhos esbugalhados, a tremer como passarinho em agonia e balbuciar palavras aparentemente sem nexos, em uma língua estranha. O tom era de ódio e a fúria não a deixara entregar-se totalmente ao pânico, avaliou Tiakat, mas a amiga não estava nada bem. A magia xamânica podia ter efeitos imprevistos nessa realidade, mas precisava tentar algo. Pressionou pontos do corpo de uma maneira que, ao menos no mundo corpóreo, tinha efeito tranquilizante. Funcionou: Tjurmyen parou de tremer e fixou os olhos nela.

– Tjurmyen-bã, sou eu, Tiakat! Me reconhece?

– Tiakat... Sim...

– Isto é um pesadelo. Você precisa acordar já! Pense no seu corpo, em Tjaokun, na sua casa, em Atlântis! Volte!

Tjurmyen se lembrou das instruções e evaporou-se de lá. Tiakat seguiu-a imediatamente e despertou para vê-la a chorar como criança. Depois de algum tempo, Tjurmyen aceitou um chá calmante e prostrou-se seu saco de dormir, a cantarolar baixinho algo que Tiakat reconheceu, surpresa, como uma canção folclórica tlavatli, *Itatol temikti*. Velou-a, muito preocupada. Sentia que a mente da amiga estivera por um fio. Deveria deixá-la continuar, se ela não conseguia controlar seus medos? Outras entidades se aproveitariam disso e receava o que poderia acontecer com Tjurmyen se ela voltasse a passar por algo parecido. Se voltasse a acontecer, não sabia se conseguiria curá-la.

Capítulo 35 – O segredo de Awesa

Desta vez, quando a janela se abriu para deixar entrar a coruja branca, Sistu estava desperto: não conseguira dormir. Sentou-se na rede e viu-a transformar-se de novo em uma mulher pálida, desta vez de expressão menos severa.

– Caro Sistu – começou ela –, creio não ter te abordado da melhor maneira na noite passada. Tu não és Quargad-tar, nem o primeiro Atlás-vatar, nem estes são aqueles tempos. Tu fostes concebido para superá-los como estrategista, estadista e governante, apesar de viveres em uma era mais complexa. É natural que sejas cético e tu estiveste exposto, desde a infância, à influência de culturas estranhas e inferiores, como é inevitável nestes tempos de decadência...

– Se te referes aos tlavatlis... – interrompeu Sistu em tom indignado, embora estivesse decidido a manter a cabeça fria.

– Sei que os respeita e até os ama. Ou pelo menos à xamã chamada Tiakat. Não é uma falta, esse povo ainda tem um papel nos planos dos deuses por alguns ciclos e um soberano deve amar a todos os súditos. O erro é não veres que tua prioridade deve ser o povo escolhido pelos deuses, o teu próprio povo. Tiakat é hábil e valorosa, é excepcional para uma tlavatli, mas mal estaria à altura de ser uma de tuas concubinas, se fosse realmente devotada a ti. Seria mais apropriado pensar nela como uma página instrutiva, mas que precisas virar.

Sistu refletiu um momento. Quanto sabia Pasguá sobre ele? Ela devia ler mentes tão bem quanto Tiakat, ou melhor ainda, mas se ela precisava testar tais abordagens tão diferentes sem convencê-lo, então ignorava coisas importantes. Não era onisciente.

– Não deves nos conhecer tão bem quanto dizes, se não vês o que Tiakat e eu somos um para o outro.

– Não te iludas, sei tudo o que necessito saber. Sobre a inconstante Tiakat, sei mais que tu e te digo que se não virares a página, ela a virará primeiro. Ela ama mais as mulheres que os homens e já encontrou outra paixão, do próprio sexo. Enquanto persistes no teu ardor juvenil, ela te vê como mero passatempo.

Soou perigosamente verossímil. Sistu acusou o golpe, apesar de procurar manter o equilíbrio de um artista marcial experiente. Pasguá, satisfeita, não perdeu tempo:

– Ainda pior escolha é Awesa, de raça inferior e anômala. O interesse dela por ti é ainda mais superficial. Essa dengu pervertida trai não só a ti, como à própria espécie humana. Enquanto finge devotar-se à família, dá-se o prazer de estar com soans e a eles se entregar por míseros trocados, nos mais imundos e decadentes desvãos desta cidade, numa taverna no qual nenhum outro humano ousaria pôr os pés!

Com esta ele ficou realmente perplexo. Por absurdo que aquilo soasse, explicaria um par de coisas. Se fosse verdade.

Pasguá arrematou com o que fez soar como argumento definitivo:

– Saiba que teu tempo tornou-se mais curto. Não posso ocultar do Inimigo minhas visitas ao mundo corpóreo, que bem sabe o que elas significam. Seus asseclas podem chegar a qualquer momento. Se vierem atacar-te, serás protegido, se vierem aprisioná-lo, serás libertado, mas apenas se me chamares por meu nome e me jurares cumprir teu dever para com teu destino!

Sem esperar resposta, transformou-se, com um clarão, em coruja branca e saiu triunfalmente pela janela que, obediente, abriu-se e fechou-se à sua passagem.

Sistu sentou-se confuso, mas ainda não vencido. Nem sequer totalmente convencido. Começou a imaginar uma maneira de tirar a história a limpo.

Era outra das tardes nas quais a amiga saía dizendo que ia ver a família. Felizmente, chovia forte, como Sistu desejava. Não queria se intrometer nos segredos de Awesa, mas precisava saber se Pasguá era confiável. Normalmente, seria difícil segui-la sem ser notado. Era alto demais para tentar se fundir à multidão. Não podia se esconder sob um capuz, pois a pele escura não lhe permitia passar por dengue e senzares não se vestiam assim. Mas a chuva lhe dava cobertura e um pretexto para usar a volumosa capa de palha, quase uma cabana ambulante, com a qual atlantes pobres se protegiam da chuva.

Não muito distante dali, havia um bairro de péssima fama, conhecido como Sarna. Foi para lá e não para o bairro do elegante comércio de especiarias que Awesa se dirigiu, com Sistu a segui-la à distância que julgava prudente. Passou por calçadas estreitas e acidentadas, espremidas entre construções decadentes e canais que mal davam espaço para uma gôndola passar por outra.

A chuva amainou para pouco mais que garoa, mas já escurecia. Prostitutas sonolentas e envelhecidas apareceram sob os alpendres, à entrada de tavernas e estalagens feias e escuras. Sistu viu dirigirem-se para lá plebeus de aparência iguamente arruinada, junto com escravos que ali dissipavam os trocados ganhos como gratificação e o dia ou noite de folga que a maioria dos amos lhes permitia a cada quatorzena, conforme os usos de Atlântis. Foi num desses lugares que ele viu entrar a mulher de manto, capuz e chapéu.

Na calçada do outro lado do canal, Sistu viu um soan de cabeça de chacal e coleira de escravo entrar pela mesma porta, pouco depois. Dobrou a capa, chegou-se a uma idosa vendedora ambulante de marçó e pediu uma cuia de cinco mans, que pagou com uma moedinha de meio xam. A bebida era áspera e fermentada demais para seu gosto, mas dava para engolir. O importante era o pretexto para puxar conversa.

– Você conhece esta parte da cidade, Gon-ké? – Perguntou Sistu à velha, cujo clã

e estatuto eram visíveis. – Sou do interior e é a primeira vez que passo por aqui...

A velha, com a esperança de vender mais, não se fez de rogada e começou a contar uma longa história. Fazia ponto ali há mais de vinte anos, desde que...

A Sistu custou algum tempo e mais cinco mans para desviar a conversa das invejosas e dos ingratos aos quais a pobre mulher atribuía sua triste situação e conduzi-la ao que lhe interessava.

– Mas e essa taverna ali do outro lado, sabe algo sobre ela?

– Ah, essa aí? Esqueça-a, Zi-quan. Por mais curto que o dinheiro esteja. Não é para gente, é para aberrações. Era para se chamar Toca da Onça, mas alguém roubou a tabuleta e virou Poleiro dos Urubus, porque de dia eles vêm procurar as sobras vomitadas na calçada. Alguns desses nojentos têm a mania de se encher de carne crua, peixe cru e bebida ruim e depois esvaziar o bucho porque precisam trabalhar e não podem se dar ao luxo de passar o dia digerindo...

– Quem é o mestre da taverna, Gon-pu sabe?

– Um soan livre. Hoje em dia tem dessas coisas, sabe, no meu tempo...

– Sabe o nome do mestre?

– Chama-se Zalfu-bin. Veja só, um cabeça-de-tigre binciós! Tem cabimento? É como eu dizia, no meu tempo...

– São só os soans, mesmo, que frequentam esse lugar?

– Quem mais poderia querer entrar?

– Acho que vi uma humana entrar lá...

– É verdade, também já notei. Vem pelo menos duas vezes por quatorzena. É uma branquela, mas mesmo assim é uma vergonha. Onde vamos parar, por Kiném! Fui prostituta quando jovem, mas decente. Passei muitas dificuldades, mas nunca teria me vendido para um soan, mas nem por cem ases! Nem por mil!

– Você acha que ela...

– Que mais poderia ser, num lugar como esse? Além de comida e bebida, esses soans só querem trepar. Dá para ouvir suas orgias a madrugada toda. Pois é, tempos depravados, estes. Com certeza, tu és do leste da planície, não é?

Sistu assentiu.

– Eu sabia, tenho um ótimo ouvido para sotaques. Então, como eu dizia, tu não deves ter ouvido falar disso, lá na roça os costumes são mais puros, mas aqui...

– E se eu quisesse entrar, para ver como é? Será que me deixariam?

– Bem... Não poderiam impedi-lo, não a um quanciós senzar, não caímos assim tão baixo. Mas não o receberiam bem, podes ter certeza.

– Bem, eu preciso ir. Obrigado pela companhia e boa sorte, Gon-pu.

Sistu atravessou a ponte e entrou, decidido. Uma escada descia para um salão muito escuro, mesmo para um lugar de má fama – claro, os soans precisavam de pouca luz, lembrou-se ele. O cheiro também era peculiar. Nas tavernas que

conhecia, predominava o cheiro de cozidos, assados e bebidas fermentadas. Esta cheirava, porém, como um mercado. Para ser exato, como um corredor entre a barraca de miudos e a de peixe no qual fregueses estivessem fumando ervas alucinógenas.

Assim que entrou, o ruído de conversa cessou de repente. Em meio a umas poucas velas, vários pares de olhos luminosos o encararam e depois se desviaram, em silêncio. Não viu sinal de Awesa, embora suas roupas brancas devessem ser bem visíveis, mesmo ali. Desceu a escada e um soan com uma cabeça de tigre e dupla corrente de bronze, o encarou no balcão. Era um pouco mais alto que Sistu.

– O que o quanciós deseja aqui? – Rugiu ele. – Talvez tenhas se enganado de lugar, não costumamos ter clientes humanos.

– Desculpe-me a intromissão, procuro um amigo, um soan chamado Razzan-bu.

O taverneiro – Zalfu, provavelmente – piscou, interessado.

– Amigo teu? De onde?

– Eu o conheci em Rasab e viemos juntos para Atlântis, há poucos meses. Meu nome é Sistu, talvez ele o tenha mencionado...

– Não sei de nenhum Razzan – interrompeu o cabeça-de-tigre –, mas se é só isso que queres, posso me informar. Volta amanhã ou depois e eu te direi, se descobrir.

– Está bem, não o incomodarei mais.

Sistu voltou-se para sair, em meio ao silêncio hostil. Então, entreouviu, de algum lugar atrás do balcão, uma voz muito abafada. Não distinguia as palavras, mas a voz era feminina, com uma paciente e pausada entonação de professora.

– Existe alguma escola por aqui? – Perguntou ao cabeça-de-tigre.

– Aqui? Só se for escola de sacanagem! – Rosnou ele. – Ei, Asmé-xin, canta alguma coisa, já é hora de animar esta joça!

Uma mulher-tigre começou a cantar, com voz potente, enquanto uma mulher-suçuarana e um homem-porco a acompanhavam com maracá e tambor:

Mas habitava o soan nesse jardim,

Ai, que Xeló pra lá o tinha levado.

Ai, mas um dia se viu triste e isolado.

Foi se queixar a Xeló dizendo assim:

A beleza que mostraste para mim,

Ai, não me dá prazer nem alegria.

Mãe Xeló lhe perguntou o que queria.

Ele disse: deusa, meu desejo,

Ah, é ver outro igual a mim porque não vejo

Um outro ser que me faça companhia.

Ah, é ver outro igual a mim porque não vejo

Um outro ser que me faça companhia...

Sistu subiu a escada. Mais acostumado à escuridão, deu pela falta do cabeça-de-chacal. Com certeza, havia menos fregueses sentados do que vira entrar enquanto conversava com a vendedora de marçó.

Ao sair, decidiu rodear a quadra. Os fundos dos prédios davam diretamente para outro canal estreito, sem calçada. As paredes davam diretamente para a água.

Escondeu suas coisas atrás de um monte de lixo e entrou no canal sem fazer barulho. Pisou no fundo lamacento. A água, rasa, mal lhe chegava à cintura. Estava escuro e silencioso, salvo pelos guinchos dos morcegos e a água que gotejava das calhas, mas ao avançar cerca de vinte braças, viu reflexos de luz na água e ouviu vozes.

Ao se aproximar, viu venezianas fechadas cujas frestas deixavam perceber um interior bem iluminado. Bem debaixo delas, reconheceu claramente a voz de Awesa, seguida por respostas em tons mais roucos e cavernosos.

– *A próxima palavra é rarrazé, “escravo guarda-costas”. Sabem quem são eles?*

– *Sou eu! Eu!* – responderam três ou quatro vozes.

– *O que fazem vocês?*

– *São babás de grã-finos!* – disse outra voz, fazendo uns rirem, outros rosnarem.

– *Por que há rarrazés aprendendo a ler depois de crescidos?*

– *Por que meu amo não quis que eu soubesse ler!* – respondeu uma voz grossa, acompanhada por muitos murmúrios.

– *Por que vós achais que o amo de Zondiá não quis que ele soubesse ler?*

Iniciou-se uma discussão que Sistu não conseguiu acompanhar em detalhes. Que os amos receavam que os escravos lessem suas mensagens, se comunicassem em segredo, aprendessem mais sobre o mundo...

Em certo momento, Awesa retomou a palavra:

– *São três caracteres. Este é “Rar”, escravo; vós já conheceis...* –

– *Até demais!* – disse uma voz vagamente familiar, e outros riram.

– *Este outro, “Ra”, nu, deve ser novo para alguns de vós...*

– *Por que nu? Os rarrazés nem sempre andam nus!*

– *Explico já. O terceiro caráter é “Zé”, guerreiro ou soldado, se escreve assim. Juntando “Ra” e “Zé” dá razé, “infantaria ligeira”. Por quê? Porque esses soldados não usam as armaduras da infantaria pesada, os dedzé, “soldados de aço”, e senzé, “soldados de oricalco”. Os razés são “nus” em comparação a eles, nus de metal, embora usem roupas e armaduras de couro. O significado de uma palavra pode variar, dependendo da situação e das outras palavras que a acompanham. Então rarrazé é um soldado sem armadura que também é um escravo. Agora, combinando “Ra” com...*

A aula prosseguiu por mais de dois sês. Sistu ouviu até o fim. Quando percebeu que terminara, nadou rapidamente até o lugar onde entrara no canal, pegou suas

coisas e correu até a esquina, para observar a saída enquanto calçava as sandálias, na sombra do prédio. Pouco depois, viu Awesa sair da taverna, de braço dado a um soan de porte familiar, que usava um par de calças velhas, também suas conhecidas.

Passaram por Sistu sem notá-lo, conversando em voz baixa, mas audível.

– Sempre limpo minha toca e tento fazê-la mais confortável, você sabe, mas... – Era Razzan, sem dúvida.

– Deixa disso, Razzan-bã. – Interrompeu ela. – Basta um canto quieto onde me esticar um pouco antes de voltar pro Instituto. Vou cair dura e dormir feito uma pedra, nem que seja sobre uma cama de pregos. Por favor, se eu não acordar sozinha, chama-me à primeira luz da madrugada.

Sistu hesitou por um momento, saiu da sombra e chamou:

– Razzan! Awesa!

A estudante estacou, congelada. Razzan soltou o braço, puxou uma adaga e voltou-se de um salto, com os pelos arrepiados e as presas arreganhadas. Sistu sorriu e fez o gesto característico de Chiuknawat. O homem-jaguar o reconheceu e arregalou os olhos, que o reflexo de Ved transformou em um par de faróis:

– Sistu? Você, aqui?

– Vem cá, e me dê um abraço! Há quanto tempo!

Adiantou-se e se cumprimentaram. A moça, branca como giz, levou mais alguns momentos para entender o que se passava.

– Vós vos conheceis? – Perguntou ela, espantada.

– Sistu e a companheira dele me salvaram a pele, quando eu fugia para Atlântis – admitiu Razzan.

– Não me contaste essa história direito! – Protestou ela.

– Desculpe, – disse o soan –, são coisas que se cala tanto quanto possível. Inclusive para a segurança de quem ajudou e de quem possa ouvir. Mas, Sistu, que faz você aqui?

– Bom, vou ter de confessar uma coisa muito feia – reconheceu ele, contrito. – Vim espionar Awesa. Ouvi coisas sobre ela que me deixaram preocupado e quis ver com meus próprios olhos o que se passava.

– Ah, então vocês também se conhecem? – Perguntou Razzan a Awesa.

– Ele é meu amigo do Instituto... eu ia contar qualquer dia desses. Mas que história é essa, Sistu? Quem disse o quê, exatamente? É importante que eu saiba! – Estava mais assustada do que indignada.

– Desculpe, Awesa-bã, por enquanto não posso dizer de quem ouvi isso – sorriu amarelo. Mas um passarinho me contou, muito sério e convicto, que você se prostituía numa taverna de soans. Fiz questão de tirar a limpo que tipo de mal-entendido poderia ter dado origem a essa história. Consegui escutar sua aula de senzar e sociedade e quero lhe dar meus parabéns. Você é uma ótima professora!

– Entendo... Eu acho – hesitou Awesa. – Mas Sistu, eu imploro como amiga, bico calado! Se alguém quiser pensar que eu sou uma *kehmleké*, uma prostituta de ocasião, que seja. Não é contra a lei e ninguém tem nada com isso. Mas se souberem que dou aulas a escravos sem permissão, meus alunos e eu estamos perdidos! Pelo amor de Leudha! – Afligiuse-se.

– Leudha? – Estranhou Sistu.

– A mesma que vocês chamam de Xeló – fez o gesto com polegar e mindinho.

– Ah! – Então Chiuknawat também estava naquilo, pensou Sistu. – Fique tranquila, não falarei a ninguém que não esteja sob o Véu de Chiuknawat. – Ia jurar por Gutis apenas para deixá-la tranquila, mas depois pensou melhor. Os deuses eram mais complicados do que imaginara. Precisaria conversar com Tiakat sobre tudo aquilo na primeira oportunidade.

Aquilo deixou Awesa e Razzan aliviados e foi como velhos amigos que chegaram ao lugar onde ela pretendia descansar: um depósito abandonado, invadido e improvisado em albergue por um punhado de soans livres. Alguns montes de palha serviam de colchões. Vasos de argila atendiam outras necessidades e provavelmente eram esvaziados no canal quando ninguém estava olhando. Um homem-puma e sua companheira dormiam no canto oposto. Razzan cobriu um monte de palha com um lençol mais ou menos limpo, golpeou uma pederneira contra uma pirita para acender uma vela e comentou, em voz baixa:

– Pulgas à parte, não é tão ruim. Ratos e baratas não duram, aqui...

– Moram muitos, aqui? – Perguntou Sistu.

– Um casal, três ou quatro filhotes sem pais e seis solteiros, contando comigo, que se alternam noite e dia. Não confio em todos e prefiro proteger Awesa até o sol nascer.

– Ele receia por mim, por que o pekenan não tem efeito em soans – explicou Awesa – não que eu tenha medo deles.

– Alguns de nós ficam meio loucos – argumentou Razzan –, fumam nêveda, bebem álcool e já não distinguem amigos de inimigos, nem humanas de soans. E isso é muito perigoso. Os pênis farpados dos soans felinos podem destroçar uma humana por dentro.

Awesa afagou Razzan com um olhar triste e amoroso antes de se deitar. Era o que faltava a Sistu para entender o que se passava com ela. Um mero pormenor no cantinho de um quebra-cabeças enorme, mas o confortava ao mostrar que alguns seres humanos – e meio humanos – sabiam de algumas coisas que alguns deuses ignoravam.

Que mais haveria sob o tal Véu de Chiuknawat? Awesa, excitada demais para dormir, continuou a conversar em voz baixa com ele e Razzan, mas as perguntas de Sistu foram gentilmente contornadas. Assim como ele contornou as tentativas deles

de esclarecer de quem viera o boato sobre Awesa.

Ao voltar para o Instituto com ela, Sistu deteve-se no quarto para tentar fazer contato telepático com Tiakat. Mas era a primeira vez que tentava isso para mais do que uma saudação e não conseguiu lhe transmitir o que precisava. Era como tentar contar uma história complicada a alguém do outro lado de um canal largo, debaixo de chuva.

Mas sua ansiedade fora entendida. Recebeu a ideia de que a amiga barda não estava bem, que Tiakat receava afastar-se dela e pedia que ele fosse vê-la para conversar. Viu a imagem da casa onde estava e sua localização em uma imagem do sul de Atlântis vista de muito alto, uma visão de voo de pássaro ou do espírito de uma xamã.

Decidiu ir, mas no dia seguinte. O dia que começava seria o primeiro de Sistu como monitor de artes marciais. Não podia faltar. Mas seria à tarde e não lhe causaria grande dano matar a aula da manhã. Resolveu ler um pouco, um capítulo ou dois, para distrair-se de suas preocupações e conseguir dormir até o almoço.

Tinha muitas leituras obrigatórias a enfrentar para equiparar-se aos colegas mais escolarizados, mas na biblioteca topara, por acaso, com *Os Arrozais da Morte* e resolvera passá-lo à frente da lista. Tjurmyen lhe chamara a atenção desde a primeira vez que a vira e a evidente atração entre ela e Tiakat a tornava ainda mais interessante. Pegou-o.

Abriu o livro, leu a primeira página e não pôde largá-lo até chegar à última. Esqueceu-se do sono. Horrorizado e fascinado, comoveu-se até as lágrimas. Nunca mais seria o mesmo. A mugal, Tiakat, ele mesmo e o mundo eram agora outra coisa.

Com um sobressalto, se deu conta de que não tinha mais tempo para almoçar.

Capítulo 36 – Uma infância difícil

– Uma vez, sua madrinha contou que você sofreu muito quando era criança. Você pode me explicar o que ela quis dizer? – Custara algum tempo, mas por fim Tiakat decidira se atrever a perguntar.

A moça suspirou fundo e fez um longo silêncio. Tiakat insistiu.

– Tjurmyen-bã, sinto que isso é importante e que tem a ver com sua aflição de ontem. Não quer tentar falar? Talvez seja bom para você.

Depois de mais um pouco, Tjurmyen respondeu, com um fio de voz.

– Nunca falei disso com ninguém de Atlântis...

– No Instituto, você nos contou que nasceu em Zjoey, que houve uma rebelião e depois veio para cá. Não quer me contar mais um pouco? Sou sua amiga, já disse, pode confiar em mim!

À custa de muitos silêncios, tropeços e hesitações, Tjurmyen começou. Tiakat notou como, ao tentar pôr os sentimentos em palavras, ela ficava menos aterrada e sufocada, como se afastasse as emoções para uma distância mais segura.

– Minha Zjoey foi bela e florescente no tempo do Império Mugal, mas há trezentos e quarenta anos somos pisoteados pelos coturnos de aço de Agarta. Fizeram de nós menos que escravos!

– Não sei muito sobre Agarta, Tjurmyen-bã, pouco se falava dela na escola rural – disse Tiakat. Tem leis duras, códigos de honra rígidos e um Imperador chamado Manu, não é?

– Na vida real, tudo é o contrário do que dizem. Segundo o código agarti, todos devem confiar uns nos outros e considerar os atos alheios como fruto de boas intenções, até prova em contrário. Na prática, todos desconfiam de todos. Não se permitem panfletos nem gazetas, só existem escritórios de informação mantidos pelo Estado. E é preciso ser um agarti qualificado para ter acesso às notícias que lhe interessem. Os agartis deviam ser desprendidos, mostrar respeito e gratidão pelos mais velhos e irmandade e cortesia mútuas. Não sei se é assim entre eles, mas quando lidam com os outros, fazem exatamente o inverso. Os sacerdotes ensinam que todos os não-agartis são astutos, matreiros e indignos de confiança. Estrangeiros livres em Agarta, só embaixadores e mercadores ricos. Mesmo assim, são hospedados em casas e pátios rigorosamente separados, têm seus movimentos vigiados e são tratados com uma formalidade e reserva inalteráveis. Os agartis fazem questão de criar uma barreira intransponível entre eles e os outros. Tem mais: todo trabalho, dizem, é honroso se feito para o Manu, o Imperador-deus de Xambala. Mas nunca vi um agarti trabalhar de verdade: só os vi forçar os outros,

principalmente mugais, helcarianos e lemurianos. Alguns de nós eram distribuídos como escravos a famílias agartis consideradas merecedoras... E esses eram os que tinham mais sorte. A maioria de nós éramos hilotas, ou seja, escravos a serviço do Manu, do Império, vigiados pela Kraukura.

– O que é Kraukura?

– Faz parte da educação dos jovens agartis participar da Kraukura, uma milícia dedicada a vigiar, matar e violentar hilotas. Suas vítimas favoritas são os suspeitos de rebeldia e suas famílias, depois os velhos e os considerados inúteis, mas fazem muitos ataques totalmente aleatórios, só para nos manter aterrorizados e submissos. Meu pai morreu assim. Nunca fez nada de mais, mas um dia estava sentado à porta de casa, a consertar uma enxada, quando um pelotão de rapazes agartis passou e um deles o apunhalou. Não deram nenhum aviso, nenhuma explicação. Dizem que nenhum agarti pode chegar à maioridade sem assassinar pelo menos um dos nossos e estuprar ao menos uma das nossas.

Começava a parte difícil, pressentiu Tiakat, mas o talento e treinamento bárdicos haviam empolgado Tjurmyen. Ela soava como uma barda a contar uma epopeia e não uma menina tímida a balbuciar sobre uma experiência humilhante e vergonhosa.

– Meu clã, Maav, teve o azar de descender de uma longa linhagem de magos...

– Como assim? – Tiakat perguntou. – Isso não é bom?

– Não quando se é hilita. Talentos sobrenaturais são mais raros entre os agartis do que entre nós ou vocês. Quando descobertos, são alistados como sacerdotes a serviço do Estado. São usados como telepatas, para transmitir mensagens de paz e guerra e instruções aos comandantes militares e governadores, ou como clarividentes, para vigiar terras e populações. Mas hilotas com as mesmas habilidades são abominações, ameaças a eliminar assim que forem detectadas.

– E sua família...

– Era das mais visadas. – Tjurmyen hesitou. – Uma prima minha, que mal aprendera a falar, foi cortada ao meio por uma espada quando um rapaz da Kraukura a viu usar telecinese para brincar com pedrinhas. Outro agarrou meu priminho pelos pés, girou-o como uma funda e lhe esmagou a cabeça contra uma rocha ao perceber que ele lia seus pensamentos.

– E você, Tjurmyen-bã? – Tiakat perguntou, quase num sussurro. Sentia a dor da ferida tanto quanto a amiga, mas era preciso tratá-la.

Tjurmyen engoliu em seco, desviou os olhos, reencontrou a coragem e prosseguiu.

– Eu não sei se por ser mais retraída, ou por pura sorte, consegui esconder minhas habilidades. Em compensação, fui violentada onze vezes. Três vezes, fui arrastada por um pelotão, despida e obrigada a satisfazer aos caprichos de todos, com uma adaga no pescoço. Da primeira vez, eu tinha nove anos. Muitas meninas foram curradas ainda mais cedo, algumas até não sobreviveram, mas poucas foram

atacadas tantas vezes. Minhas amigas tinham pena de mim por ser bonita...

Tiakat sentiu-se gelar por dentro. Já esperava algo assim, mas era difícil de ouvir, mesmo assim. Quis dizer alguma coisa, mas a língua não mais a obedecia. Sentia-se cada vez mais mesmerizada pela narrativa.

– ... Mas poderia chegar a crescer e envelhecer lá, desde que nenhum sensitivo agarti quisesse me examinar pessoalmente – Tjurmyen dizia. – Meu avô Bayguar, por exemplo, conseguiu esconder seus poderes até de mim, mas um dia...

Nesse ponto, Tiakat já não se lembrava do próprio nome, nem se sentia mais a ouvir uma história narrada em palavras. Foi levada pela magia bárdica à infância de Tjurmyen e a viveu como um pesadelo emprestado.

Apesar da Kraukura, os hilotas da ilha conseguiram organizar uma revolta em grande escala. Maav Bayguar, cujos dons de ilusionista, que desenvolveu sozinho e em segredo, foram cruciais para confundir os clarividentes de Xambala, foi um dos articuladores e tornou-se o líder de sua região. Tjurmyen o ajudou como telepata, clarividente e intérprete. Maav Moglaen, sua mãe e Laam Tjaokun, sua madrinha, apoiaram a revolta e ajudaram a organizar, abastecer e alimentar os guerrilheiros.

No início, foram bem-sucedidos. Muitos agartis foram mortos ou aprisionados, outros conseguiram fugir. Mas os helcarianos e mugais livres do norte não ousaram enviar os reforços implorados pelos rebeldes. Mesmo entre os hilotas, muitos não se atreveram a apoiar a revolta ativamente, outros traíram os rebeldes e se juntaram ao exército agarti quando este desembarcou em peso em Zjoey, trazido por centenas de rukmas, máquinas voadoras com capacidade para centenas de guerreiros armados até os dentes.

Tjurmyen nunca soube o que se passou com a mãe e os irmãos, que decidiram lutar até o fim. Nem ousara aplicar sua clarividência para descobrir. Quando o avô se deu conta de que a catástrofe era inevitável, ele e Tjaokun arrastaram-na para a praia e juntaram-se a um dos grupos que tentava fugir em barcos superlotados, com a vaga esperança de viver para retomar a luta em outra ocasião, ou pelo menos contar ao mundo o que acontecera.

Queriam navegar para o norte – Zhyaungto, a terra dos últimos mugais livres. Mas o mau tempo e a inépcia dos marinheiros improvisados desviaram o barco para uma infernal temporada no meio do oceano, durante a qual as outras crianças morreram de fome, escorbuto e desidratação. Seus corpos foram retalhados e comidos pelos demais. Tjaokun, aflita com a fraqueza de Tjurmyen, forçou-a a engolir alguns pedaços. Junto com os cuidados sobrenaturais do avô, e isso lhe salvou a vida. Era devorar ou ser devorada.

Por fim, naufragaram junto a Muté, em terras do Império Atlante. Entre os onze sobreviventes resgatados por pescadores, estavam ela, a madrinha e o avô. Nenhum outro barco, ao que se saiba, chegou a águas atlantes.

Como os demais, Bayguar foi alimentado e cuidado, levado a Tolan, interrogado por oficiais atlantes e liberado. Descobriu que suas habilidades sobrenaturais eram valiosas naquela terra, soube que havia um bairro mugal na capital imperial e juntou o suficiente para três passagens. Queria estabelecer-se lá para criar a neta e escrever um livro. Queria contar sua história aos mugais e incentivar a resistência aos agartis.

Bayguar pagou o custo da edição em mugal, Elegia aos Heróis de Zjoey. Vendeu poucas centenas de exemplares, com pouco impacto. Os mugais da diáspora queriam cultivar suas tradições em paz e não lembrar as agonias e misérias sofridas por seu povo do outro lado do mundo.

O caso terminaria aí se não fosse um escritor senzar que conhecia a língua notar o livro e por ele se entusiasmar. Quis conhecer Bayguar e, ao se convencer de que a história era verídica, ofereceu-se para traduzi-la para o senzar. Com o título de Os Arrozais da Morte, comoveu multidões e chamou a atenção do Instituto Imperial de Kisharografia e História, que fez do autor um membro honorário e patrocinou suas palestras e as outras obras que quis escrever sobre a história de sua terra e das atrocidades cometidas pelos agartis.

Daí em diante, os direitos autorais garantiram a Bayguar uma aposentadoria mais que confortável. Tjaokun aceitou sua proposta de casamento e o ajudou a tentar fazer Tjurmyen tão feliz quanto possível. Criaram-na como uma princesa e deram-lhe uma educação primorosa. Quando cresceu, entrou na escola Muati, uma das mais exclusivas e sofisticadas sociedades sobrenaturais de Atlântis e se tornou uma das bardas mais talentosas da capital. As apresentações transmusicais e transliterárias de criações próprias ou de grandes mestres do passado atraíam a nata da sociedade atlante, literatos e aristocratas de primeira linha, cujo aplauso a levou, de prêmio em prêmio, a receber o estatuto mais alto já conferido a uma artista da sua idade. Era agora a famosa Maav-hin.

Fora do palco, retornou periodicamente ao poço de melancolia no qual mergulhara durante a travessia marítima. Teve poucas amigas e nenhum amigo. Nunca namorara. Sentia-se culpada de fugir enquanto sua família enfrentava a morte e de ter sobrevivido à custa da morte de seus amigos. De vez em quando, julgava ter um vago presságio de algum destino pavoroso nas mãos dos assassinos de seus pais e irmãos, ou se sentia assombrada pelos fantasmas da mãe da criança cuja carne teve de comer.

Sua última crise fora há dois anos, depois que o avô, com um câncer incurável, morreu com a cabeça no regaço de Tjurmyen enquanto ela lhe cantava uma canção de ninar mugal. A moça ficou meses encolhida em um canto, alimentada quase à força por Tjaokun. Um admirador desconhecido descobriu o que acontecera e lhe trouxe um xamã tlavatli que a reanimou e lhe ensinou uma canção, da qual

Tjurmyen se lembraria sempre que se sentia à beira de uma crise. O xamã não disse seu nome e nunca mais foi visto, mas desde então Tjurmyen nutre um profundo respeito e interesse pelo xamanismo do povo tlavatli.

A barda silenciou.

Outra vez confusa por ver-se em outro corpo depois de imaginar ter vivido muitos anos como Tjurmyen, Tiakat custou um pouco a lembrar-se de quem era e por que estava ali. Quando voltou a si, sentiu amarrar-se na garganta um nó górdio como nunca sentira. Comovida, cedeu ao impulso de abraçar Tjurmyen com força e carinho e de chorar com vontade. Um pranto de solidariedade sincera, calmo e digno, mais contagioso que uma gargalhada. Tjurmyen não aguentou, abraçou-a também e chorou de verdade, pela primeira vez desde que se tinha por gente.

Capítulo 37 – Uma proposta irrecusável

A adaga acertou a mosca e Sistu preparou-se para atirar de novo, sob os olhos atentos de colegas interessados na técnica de arremesso. Mas o guincho da mal lubrificada porta do ginásio o distraiu. Um escravo a abriu para uma mulher deslumbrante, que contemplou os corpos dos surpresos jovens, nus como era de costume durante os exercícios físicos, como quem escolhe mercadorias. Perguntou ao mais próximo:

– Diga-me, rapaz, qual é o Zi-quan?

– Ah... Bem... O grandão da frente, de adaga na mão – apontou, decepcionado.

– Claro, só podia ser ele! – exclamou ela, ao vê-lo. O tom era de surpresa. Ou seria de admiração?

A senzar usava calças de tecido leve e semitransparente, sob as quais uma imensa sardônica vermelho-escura, sustentada por um cinto de ouro, cobria-lhe a vulva. Uma coleção de joias de ouro e prata decorava-lhe pernas, braços, pés e seios, chamando a atenção para formas dignas de uma deusa do amor. Um grande diadema de ouro, sobre a testa, cravejado por outra sardônica, reforçava o estatuto aristocrático de *hociós*, já assinalado pela dupla corrente de ouro. Sistu viu-se medido e apreciado de alto a baixo, de uma forma que o deixou visivelmente excitado. Ela não se mostrou incomodada com isso, pelo contrário.

– Zi-quan, veste-te e vem comigo. Quero te dizer algo em particular.

Acompanhado por olhares nos quais se misturavam inveja desabrida e completa perplexidade, Sistu obedeceu e seguiu a mulher para fora e pela rua como um cão segue a dona. Ninguém entendia nada, muito menos ele. Subiu com ela no palanquim, carregado por seis servos. Fascinado e agitado, não conseguia pensar.

– Esse lugar não é para ti, Zi-quan – ela declarou. – Podes ter coisas melhores.

– Hem? Mas gosto do Instituto...

– Só serve para maricas pés-rapados. Ninguém sobe na vida desse jeito.

– É o maior centro de pesquisa histórica do Império...

– Quem sabe faz, quem não sabe, ensina – sentenciou ela. – Comigo conhecerás gente que decide.

– Pretendo participar de uma expedição...

– Nunca encontram nada de valor, só mato, velharias e selvagens ignorantes.

– Alguns professores são bons, como...

– Todos velhos fracassados. Isso é um albergue para sonhadores incapazes e impotentes, um desperdício do tesouro imperial.

O palanquim seguiu para a ponte que levava à Cidade Proibida, guardada por

robustos dedzês armados, impassíveis e inescrutáveis por trás de seus elmos de aço. Ao abrirem as cortinas do palanquim, estranharam a presença de Sistu, mas a mulher exibiu-lhes um salvo-conduto e deixaram-nos passar pelo portão da muralha de cobre.

O círculo exterior da Cidade Proibida era um anel de terra com um estádio e meio de largura, entre dois fossos d'água também circulares. Um terço da largura era ocupado por uma avenida gramada ampla e desimpedida, o circuito de trinta e oito estádios conhecido como Hipódromo Imperial, cenário das corridas de cavalos, centauros, bigas e quadrigas que apaixonavam a aristocracia atlante. O palanquim parou um momento, pois um pelotão de amazonas se exercitava em pleno galope e não se deteve nem mesmo para o palanquim com a insígnia da dupla corrente de ouro. A mulher misteriosa bufou de impaciência.

Dos dois lados, sucediam-se quartéis, arsenais, prédios públicos, mirantes, estádios, templos e milhares de palacetes e jardins de oficiais do Exército e da Marinha e de funcionários de médio escalão da burocracia imperial.

– Perdão, não sei o teu nome... – Sistu disse.

– Quar Vazós Zissar, *hociós*, secretária da Mineração do Ministério das Colônias Ocidentais. Supervisiono a produção de quinhentos milhões de ases anuais em metais e pedras e a arrecadação do quinto para o Tesouro. Chame-me Quar-hó.

– Quar-hó, como ouviste falar de mim?

– Não precisas saber. Tenho minhas fontes de informação.

– Por que me procuraste?

– Tenho uma proposta irrecusável. Em breve a ouvirás.

Atravessaram direto o círculo exterior e tomaram a segunda ponte, que levava a outra muralha, esta revestida de estanho. Zissar mostrou o salvo-conduto a um pelotão de senzês, guerreiros com armadura de oricalco. Passaram ao círculo médio, no qual se agrupavam ministérios e quartéis da guarda imperial, sob incontáveis cúpulas de oricalco em torno de uma alameda formada por calçadas de mármore alternadas com fileiras de árvores floridas. Viam-se as ricas mansões dos altos funcionários do Império, uma dos quais certamente pertenceria a Quar-hó. Muitas delas tinham um ou dois guardas à porta, na maioria escravos soans.

O palanquim seguiu então para um prédio mais alto, com uma espécie de mirante. Desceram e Sistu acompanhou Zissar à recepção de um restaurante de luxo. Os criados levaram-nos para um silencioso elevador hidráulico, que os levou até o mirante.

Havia ali uma dúzia de mesas, algumas delas ocupadas por aristocratas cobertos de joias que comiam, bebiam e conversavam. Para cada mesa, um ou dois criados mostravam-se atentos a qualquer aceno. Salvo pelas portas e janelas, as paredes estavam cobertas por pinturas decorativas e grandes espelhos de prata. Do teto

pendiam dispendiosos cristais mágicos, cuja luz suave substituía a dos tradicionais lampiões.

Sentaram-se à mesa, junto a uma janela. Havia uma bela vista do anel médio e, para além dele, o último fosso e as muralhas de oricalco da ilha central e, para além delas, do centro sagrado de Atlântis e do Império: a colina que abrigava o palácio imperial, o bosque sagrado de Quaxar e o grande templo de Varjá, cujo revestimento de prata resplandecia como fogo à luz do sol poente. Mas os clientes estavam mais atentos às outras mesas do que à paisagem e foi com certo esforço que afetaram desinteresse por Zissar e Sistu.

Foram prontamente atendidos por meia-dúzia de criados solícitos e Zissar deu-lhes ordens às quais Sistu prestou pouca atenção. Continuou grogue com a beleza da mulher até se dar conta de que ela lhe dirigia a palavra.

– Qual é o teu nome completo?

– Zi Temtés Sistu – respondeu. – Podes me chamar de Sistu.

– Sistu-quan, qual vinho quer tomar com frutos do mar?

– Não conheço os daqui, mas gosto de vinho. Escolhe o que quiseses, por favor.

– Vou te mostrar como é bom ser rico. Vou pedir um dos melhores vinhos da Acaia.

– Minha família cultivava vinhas em Raltlor.

– Não faço ideia de onde fica, mas nem meus escravos tomam esses vinhos rústicos.

Sistu calou-se, humilhado e confuso, enquanto ela ordenava ao criado um vinho de Thera.

– Sistu-quan, tu virás trabalhar conosco e serás rico.

– Trabalhar como? O que queres de mim?

– *Tudo*. Preciso viajar para inspecionar as minas de Nempté. Preciso de ti como guarda-costas, como capitão da minha guarda pessoal e como amante. Quero vender meus tediosos concubinos, estou cansada deles. Não terás que passar por quatro anos de Academia Militar, nem acatar regulamentos tediosos. Ganharás mil ases por mês. Amanhã mesmo, mandarei trazer tuas espadas e pertences do Instituto e te darei minha proteção e a promoção. Antes que o sol volte a se pôr, serás Sistu-sió. Sirva-me bem e em poucos anos te tornarás, no mínimo, Sistu-hin.

– Quar-hó, ser um guarda-costas não me atrai – hesitou ele.

– E daí? Eu te atraio. Vais gostar e ficarás rico.

– Tinha, quero dizer, tenho outros compromissos...

– Disseste bem, *tinhas*. Já vais esquecer os velhos do Instituto e a xamãzinha tlavatli.

– Como sabes dela? – ele perguntou, sacudindo a cabeça para tentar clareá-la.

– Sei disso e de muito mais.

Nisso chegaram os criados com a comida e vinho.

– Até que enfim! Se demorasse mais, veriam o que é escândalo!

Um criado branco e loiro como Awesa serviu-lhe o vinho para que o provasse. Ela tomou um golinho, fez uma cara feia e o cuspiu. Jogou o resto da taça no criado.

– Não esse, branquelo cretino! Pedi o Etheri de Thera, não o Atheri!

O pobre empregado correu para trocar o vinho. A cena acertou Sistu com a força de uma ducha gelada na cara de um bêbado feliz. A mulher misteriosa e fascinante tornou-se um monstro egocêntrico e insensível. Quantos milhares de ases teria lhe custado aquele corpo espetacular, certamente burilado pelos melhores feiticeiros da beleza?

Momentos depois, um empregado tlavatli trouxe outra jarra de vinho. Zissar provou-o, deu-se por satisfeita e mandou servir Sistu, que o provou. Era mais sedoso e delicado do que os vinhos fortes e exóticos de Raltlor.

– Este sim, é um vinho maravilhoso. Com certeza, o melhor que já provaste.

– Não, não é. O melhor que já provei era de uma ânfora oferecida por uma amiga quando viajei para cá.

Zissar olhou para ele, perplexa.

– Como assim? Como era esse vinho?

– Um vinho de Raltlor com sabor de amizade e paixão—disse ele, mais confiante. — A amizade da moça que me ofereceu esse vinho como presente de despedida. A minha paixão pela xamãzinha com quem dividi o vinho e que aceitou o amor que lhe ofereci.

– Sistu-quan, essa pieguice cafona não é digna de um homem! — exclamou ela — Um vinho pode ter sabor de frutas, de flores, até de especiarias, madeiras e nozes, mas não de abstrações. Tens de aprender a apreciar a realidade do prazer, não as fantasias da imaginação.

– Discordo. A maneira como as coisas são oferecidas e aquilo que representam pode ser muito mais importante que elas mesmas.

– Que absurdo! — exclamou, irritada — Que importa como os outros me oferecem algo ou o que pensam dizer com isso? O que me importa é o valor real do que me dão.

– Quer ver? — ele disse.

Levantou-se e, para a surpresa dela, tomou a jarra e a esvaziou a bebida gelada na cabeça de Zissar.

– Viu? Se este vinho for oferecido desta maneira, deixa de ser tão maravilhoso, não é mesmo?

Deu as costas e se foi, deixando-a paralisada de raiva e humilhação. Os vizinhos de mesa caíram na gargalhada e contagiaram a sala. Os criados esforçaram-se heroicamente para não acompanhá-los. Um deles, incapaz de controlar a ânsia,

correu ao lavatório.

Sistu voltou sem ser incomodado pelos sentinelas, que não costumavam controlar quem saía da Cidade Proibida. No Instituto, um dos colegas que estivera no ginásio estranhou vê-lo retornar quando a noite mal começava.

– Sistu-pu, já de volta? O que aconteceu?

– Ah, as coisas não foram bem. Outro dia te conto.

– Já sei! Você brochou?

– Mais ou menos... – ele murmurou, antes de sorrir. – É, foi isso.

– Ah, não liga, acontece.

O rapaz deu-se por satisfeito e saiu, com um sorriso vingativo. Sistu sentiu necessidade de banhar-se outra vez antes de ir falar com Tiakat.

Estava sem dinheiro para gôndolas e decidiu ir a pé. Levou as espadas de oricalco. Depois daquilo, receava que, se as deixasse desprotegidas, alguém poderia tentar roubá-las. Ademais, davam-lhe segurança para atravessar uma madrugada que não conhecia bem.

As avenidas principais, iluminadas por lampiões no alto de pilares de pedra, eram fáceis de percorrer. Quando chegasse perto do bairro mugal e tivesse de se meter pelas vielas, já seria dia.

Capítulo 38 – A gratidão de Tjurmyen

Refeita da choradeira, Tjurmyen era outra, leve, animada e um pouco desconcertada. Era uma prisioneira recém-liberta de uma masmorra escura, depois de muitos anos acorrentada e sozinha. Tentava falar de várias coisas ao mesmo tempo, perdia o fio da meada e gargalhava da própria confusão. Tjaokun mal reconhecia a afilhada. Tiakat sentia-se perplexa com a virada tão súbita, mas vitoriosa.

Tjurmyen sentiu que tinha de se acalmar e recuperar o equilíbrio. Foi ao jardim buscar galhos e flores, pegou uma tigela de cerâmica colorida de formato curioso. Concentrou-se a preparar um arranjo em um nicho vazio da sala. Tiakat observou-a, fascinada. Quando terminou, havia criado uma vibrante composição de flores, folhas e galhos, muito diferente dos buquês e arranjos simples que conhecia. Fazia pensar no sol a nascer sobre um lago cheio de flores e aves aquáticas coloridas.

– Ficou lindo, Tjurmyen-bã! – Tiakat exclamou.

– Gostou? Fiz esta tigela há tempos, mas só agora me ocorreu como usá-la. Lembrei-me de um laguinho perto da minha casa, quando era criança.

– Que bom que você também consegue se lembrar de coisas bonitas.

– Não conseguia, Tiakat-bã. Foi só agora.

– Todas essas cerâmicas são suas?

– Nem todas. Aquelas de cima são cerâmicas antigas. Mas também fiz esses bonequinhos de porcelana e essas dobraduras.

– Puxa, Tjurmyen, tem alguma coisa que você não saiba fazer?

– Ah, Tiakat, há tantas artes que não domino... Mas há outra coisa para a qual tenho jeito e talvez você goste. – Voltou-se para Tjaokun, que acompanhava maravilhada a súbita transformação da afilhada. – Madrinha, podia nos comprar peixe fresco para *gnurmei*?

– Que bom, filha querida. A madrinha já vai. – Pela primeira vez, Tiakat a viu abrir um sorriso.

Para a amiga, Tjurmyen disse:

– Tiakat-bã, espere um pouquinho aqui enquanto tomo um banho rápido, me troco e preparo um almoço à moda da Zjoey dos velhos tempos.

Tjurmyen não a deixou ajudá-la e Tiakat passou o tempo a folhear os livros da sala. Na maioria eram em mugal, do qual nada entendia, mas as gravuras eram muito bonitas e lhe davam alguma ideia do conteúdo. Havia livros de religião, história, biografias e artes, outros eram contos e romances. Surpreendeu-se ao encontrar toda uma prateleira de obras eróticas, refinadas, mas muito explícitas.

Meio sê depois, Tiakat se viu perdida numa profusão de arranjos debolinhos de arroz e peixe cru de todas as cores e formatos, sem saber como segurar os pauzinhos que as duas manejavam com tanta elegância. Notando sua falta de jeito, Tjurmyen sorriu e largou os pauzinhos. Pegou um bolinho com a mão, mergulhou-o no molho e o pôs na boca.

– Não se acanhe, Tiakat, vamos fazer de conta que somos todas crianças.

Tjaokun riu e fez o mesmo. Tiakat as imitou e deliciou-se com o sabor picante e forte daquela comida estranha, mas muito bonita.

Tjurmyen se preparou de acordo com o figurino de um espetáculo de gala. Vestiu uma túnica longa de seda, vermelha e dourada, bordada com garças de prata e motivos florais. Penteou-se e maquiou-se à moda antiga, pegou uma cítara de muitas cordas e subiu em um pequeno tablado da sala principal.

No segundo acorde, a magia bárdica voltou a apoderar-se de Tiakat. Mesmo sem compreender as palavras, sonhava ser uma adolescente mugal a viver a história narrada nos versos, em um tempo muito anterior à invasão agarti.

Seu nome era Suen Tjurtsi. Por mediação de uma casamenteira, fora prometida ao jovem Leu Tsuyntjhus, filho de um juiz. Não o conhecia, mas lhe disseram que era um rapaz estudioso, destinado a grandes honras como erudito ou funcionário público.

Já recebera presentes de casamento da família do noivo, quando um vizinho comentou que o rapaz estava muito doente. Os Suen enviaram a casamenteira com um pedido de esclarecimentos e a proposta de adiar o matrimônio, se fosse o caso. Os Leu lhe garantiram que se tratava de um simples resfriado, recusaram-se a adiar a cerimônia e lhe mostraram o pavilhão já preparado para o casal, mas não lhe permitiram ver o rapaz.

Os Suen desconfiaram. Não ousavam romper o contrato, mas receavam condenar a filha a uma viuvez precoce. Mandaram dizer que não enviariam o dote enquanto o noivo não se curasse. Esperavam ter a proposta recusada, dando-lhes uma desculpa para cancelar o casamento, mas, para sua surpresa, os Leu aceitaram.

No dia marcado, Tjurtsi deixou que lhe vestissem a túnica vermelha bordada de ouro e prata e lhe pintassem de vermelho os lábios e a face. Ao anoitecer, despediu-se, chorando, dos pais. Foi levada em um palanquim florido ao som de tambores e flautas para a casa dos Leu, levando apenas um bauzinho de couro com algumas mudas de roupa. Quando desceu, o noivo não estava. Os sogros lhe disseram que a irmã, Leu Kinzhyn, o representaria. Foi ao lado de Kinzhyn que Tjurtsi cruzou o umbral de sua nova casa, pronunciou as fórmulas sagradas do matrimônio e se prostrou ante as plaquetas com os nomes dos ancestrais do marido, enquanto os convidados continham o riso.

A sogra então a levou ao leito do doente. Febril e delirante, ele não compreendeu que lhe apresentavam sua esposa. Levaram-na então ao pavilhão destinado ao casal, tiraram-lhe o véu, ajudaram-na a trocar o complicado traje de noiva e a deixaram sozinha. Estava casada. Continuou a ouvir os sons da festa até tarde da noite, quando a música cessou e os convidados se retiraram.

Tjurtsi tentava dormir quando bateram à porta. Eram a sogra e a cunhada.

– Querida nora, a gentil filha fez a indelicada mãe ver que seria pouco hospitaleiro deixar a noiva passar sozinha a primeira noite sob o teto da casa Leu. A obsequiosa filha quer lhe fazer companhia.

– A agradecida nora está acostumada a estar só...

– Fica tranquila, não é incômodo algum – disse a senhora. – Para a prestimosa filha, é um prazer.

A senhora se retirou e Kinzhyn perguntou:

– A bela cunhada não comeu nada. Não tem apetite? Se quiser algo, é só dizer e a companheira trará.

– A colega é muito amável, mas a noiva não tem fome.

Kinzhyn trancou a porta do pavilhão, aproximou-se da esteira e deitou-se a seu lado. Entraram sob as cobertas, despiram as roupas exteriores e puseram-se a conversar. Kinzhyn lhe contou que estava prometida a um rapaz da família Bhey, que morava em uma vila distante. Já recebera os presentes que formalizavam o contrato, mas seus pais priorizaram o casamento do irmão mais velho. O pai pensou em adiá-lo, pois a doença era mesmo séria, mas a mãe insistiu em manter a data marcada. Sua família tivera grandes despesas no último ano e receava não poder pagar o dote de Kinzhyn sem receber o de Tjurtsi ou se endividar com estranhos.

– A futura noiva não está ansiosa por isso, não é verdade? – perguntou Tjurtsi.

– É verdade, mas tampouco a recém-casada parece feliz.

– Fazer o quê? Uma e outra são mulheres, têm de aceitar a vida como é...

A outra riu.

– A moça viçosa fala como a resignada mãe da intrometida companheira.

– A recém-casada é tão jovem, seria antes marido da gentil amiga...

Kinzhyn riu, deliciada.

– O marido é a importuna, pois desempenhou o papel do irmão na cerimônia!

– Acho que a noiva estaria mais contente se a cunhada fosse mesmo o marido...

Sem pensar, Tjurtsi fez uma carícia na cunhada, que não opôs resistência. Hesitante, prosseguiu e tocou seus seios firmes e suaves. Kinzhyn gostou da brincadeira. Devolveu-lhe o carinho e a beijou bem fundo, a abraçá-la com paixão. Tjurtsi, derretida, sussurrou-lhe ao ouvido.

– Isso já não é brincadeira. As companheiras são marido e mulher de verdade.

– Ainda não. Quando marido e mulher tirarem a roupa de baixo.

– Não! Isso está errado! O que os outros vão dizer?

Agitada, Kinzhyn não lhe deu atenção. Meteu a mão sob a calcinha de seda e a tocou em sua parte mais íntima. Assustada, Tjurtsi se protegeu com as mãos.

– Kinzhyn, isso não!

– Ninguém precisa saber, Tjurtsi. A noiva não deve ser tão tímida, o marido ansia por unir-se à esposa...

A excitação venceu-lhe a vergonha. Deixou de resistir, despiu-se e deixou-se arder em paixão até ficar exausta. Dormiram abraçadas.

A festa de casamento foi retomada no dia seguinte e os sogros ficaram muito felizes ao ver Tjurtsi mais animada. A noite foi ainda mais movimentada. Só a distância entre o pavilhão dos noivos e a casa principal impediu que a família se desse conta do que acontecia.

Passaram-se dias e Tsuyntjhus, para alívio dos pais, começou a melhorar. Já consciente, quis conhecer a noiva. Com passo inseguro e voz fraca, foi ao pavilhão sustentado por dois criados e a ama o anunciou:

– O jovem senhor quer entrar!

Tjurtsi, abraçada à cunhada, largou-a, amedrontada. Kinzhyn levantou-se e foi atendê-lo.

– O querido irmão conseguiu levantar-se? Assim se cansará!

– Não importa, o marido quer saudar a amada esposa. Como é bela!

Ajudado pelos criados, fez-lhe uma profunda reverência e Tjurtsi foi cortês.

– Que o amado marido viva dez mil anos e dez mil felicidades o acompanhem!

À noite, afundaram em amargura.

– O irmão logo vai consumir o casamento. A enamorada da mais doce jovem de Zjoey será obrigada a se casar e ir embora, Tjurtsi.

– Que será desta infeliz? A pobre coitada não quer ficar sem a outra metade!

– Esta metade sente o mesmo, mas que fazer? As duas prometidas a outros...

– A noiva quer a morte para que o espírito possa seguir a amada.

– Isso não deve ser dito! As amantes podem pensar juntas em alguma coisa!

Não conseguiram pensar em nada e apenas se abraçaram, a verter lágrimas. A mãe de Kinzhyn, ao passar por acaso junto ao pavilhão, estranhou a choradeira, olhou por uma fresta da janela de papel e viu as duas nuas e abraçadas. Ao tentar abrir a porta, viu que estava trancada e gritou.

– Por que as duas trancaram a porta?

As amantes se apressaram a se cobrir, enxugar as lágrimas e abrir-lhe a porta. A senhora Leu tremia de raiva.

– Por que as duas se trancam abraçadas aí dentro?

Muito coradas, não souberam o que responder. A mãe puxou a filha pelo braço.

– Mãe e filha vão conversar.

Levou-a para casa, trancou-se com ela no quarto e a ameaçou. Podia-se ouvir os gritos do pavilhão de Turtsi.

– Ah, a miserável dirá a verdade ou a mãe a matará! Por que as duas choravam?

Kinzhyh decidiu confessar. Suplicou-lhe que revogassem o contrato com os Bhey para poder ficar perto de Tjurtsi.

– A miserável ama a cunhada como um marido ama a mulher. Esta desvalida saberá respeitar os direitos do verdadeiro marido e não perturbará o irmão, mas quer ao menos estar perto para ver a amada. Se a miserável for mandada para longe, morrerá.

A mãe explodiu de raiva.

– Que marido nem meio marido! A filha é mulher e nasceu de uma família honrada! Casará com o jovem Bhey assim que o dote de Tjurtsi for recebido! Agora, sim, a mãe exige que a filha vá para longe e não volte para perturbar a felicidade do filho! Se a filha quer morrer, que morra, pouco importa! Se não quer, que fique calada! Ai da filha se o pai souber!

Deixou-a trancada e se foi. À noite, Kinzhyn rebentou a frágil janela, pulou para o jardim e chamou a desolada Tjurtsi.

– A adorada Tjurtsi quer fugir com a louca apaixonada?

– Para onde?

– Não importa, esta alma partida só quer sentir-se completa mais uma vez.

Tjurtsi pediu ajuda para forçar a janela e correram para o bosque, onde se abandonaram uma à outra. Ao nascer do sol, viram-se sem saída. Do outro lado da mata, só havia um despenhadeiro de centenas de braças, junto ao mar. Tjurtsi, trêmula, perguntou:

– A amada quer voltar?

– Não.

Trocaram um último beijo vertiginoso, a jogar-se no nada. Seus corpos, esmagados contra as rochas numa única massa inextricável, foram sepultados juntos. O pobre Tsuyntjhus teve uma recaída ao saber da tragédia e morreu, dias depois. Mas uma curiosa flor bicolor, até então desconhecida, foi vista a crescer na região e recebeu o nome de kintjur, combinação do nomes das duas adolescentes. O túmulo tornou-se o santuário meio clandestino da gênica do mesmo nome, tida como protetora do amor entre mulheres.

Desta feita, Tiakat ficou menos surpresa ao voltar a si, mesmo depois de pensar ter morrido. Não era um improviso e sim uma composição feita com o cuidado de proporcionar um retorno mais suave à realidade. Deu-se conta de ter revivido uma história vista de relance em um dos livros que folheara de manhã.

– Que impressionante! – exclamou. – Mas todas as histórias mugais são assim tão tristes?

– Não, também há muitas comédias e aventuras épicas... Mas esta tragédia fez muito sucesso em Atlântis e gosto de representá-la. Eu mesma a compus, a partir de uma lenda da minha aldeia que me contaram quando criança.

– Você acha que é verdadeira?

– O santuário está abandonado, mas o túmulo existe, eu o vi. A flor crescia mesmo perto da minha aldeia, apesar de nunca tê-la visto por aqui, nem no Jardim Botânico.

Tiakat ficou um momento pensativa.

– Tjurmyen, você quis me dizer algo pessoal ao me cantar essa história?

A menina ficou da cor de um tomate.

– Não, imagine! Só quis te contar uma história bonita.

Apressou-se a tirar a maquiagem e do traje de noiva mugal e Tiakat não insistiu. Depois do jantar, Tjaokun convidou-a à sala de banho, onde havia uma pequena piscina de água morna e cheirosa, na qual se podia mergulhar depois de passar pela ducha.

– E sua afilhada, não vem banhar-se conosco?

– Tjurmyen já tomou ducha, faz pouco.

Tjaokun também havia arrumado outro quarto para ela.

– Tjurmyen envergonhada, não quer acordar você com pesadelo.

Paciência. Como esperar que problemas acumulados ao longo de toda uma vida se resolvessem em um só passe de magia? Tiakat foi dormir com a consciência tranquila. Cumprira sua missão de curandeira tão bem quanto possível.

Capítulo 39 – As sereias

Sistu perguntou pelo Dzezyo, o bairro mugal e lhe disseram para seguir a segunda avenida à esquerda, na direção da alvorada. Depois da terceira ponte grande, mais uns vinte estádios. A madrugada era mais movimentada do que imaginara, especialmente naquela parte da cidade. As festas improvisadas nas ruas e as tavernas cheias de canção e alegria pelas quais passou ajudaram a afastar seus pensamentos mais sombrios.

Quando passou a terceira ponte, o sol já surgia por trás da grande muralha. Parou para se localizar. A imagem que tinha da casa indicava um lugar mais perto da muralha, não muito afastado do canal da ponte, logo a sudeste. Seguiu a intuição e deu com um muro e uma portaria iguais aos que vira. Viu uma corda e puxou-a para tocar um sino. Momentos depois, ouviu pés descalços muito familiares correrem sobre uma calçada de pedra.

– Mistonti-xin! – ouviu Tiakat gritar. – Que bom que você veio!

Abraçou-a, beijou-a e viu chegar a barda, cuja história tanto o comovera.

– Bom-dia, Sistu-pu. Seja bem-vindo à casa Maav.

Apresentou-o a Tjaokun, tomaram juntos o desjejum. Tiakat contou a Sistu da doença de Kopinani e ele a abraçou com força. A lembrança do livro o sensibilizara em dobro para o sofrimento da companheira.

– Sinto muito mesmo, Lelon-xin, também gosto da Kopinani.

Tiakat, reconfortada, sugeriu irem à praia para espairecer. Apesar do cansaço, Sistu ficou interessado. Nunca vira o mar e não lhe custaria caminhar mais um pouco. Deixou as espadas na casa de Tjurmyen.

Atravessaram um dos portais secundários da muralha e seguiram por um calçadão que atravessava um manguezal cheio de caranguejos para chegar a uma praia de palmeiras altas e areia muito branca, parte da Costa das Sereias. No final da tarde, disse Tjurmyen, elas costumavam sentar para cantar nas pedras próximas e muitos curiosos vinham ouvi-las. Mas agora estava quase vazia. Os pescadores já estavam em alto mar e só crianças pequenas e alguns casais de namorados brincavam na areia ou nas ondas. Tiakat quis logo mergulhar.

– Vamos, Tjurmyen?

– Não, prefiro a sombra. Não nado bem e este sol me queima muito.

Sistu despiu-se para acompanhar Tiakat às ondas e sentiu-se reanimado. Convidou-a nadar até uma ilhota com pedras e árvores, a uns dois ou três estádios. Ao chegar, recostou-se sobre uma pedra lisa do lado oposto, sentindo a brisa e os respingos das ondas. Tiakat deitou-se com a cabeça nas coxas de Sistu, que lhe

acariciou a cabeça.

– Lelon-xin, tenho um monte de coisas para contar.

Explicou-lhe as aventuras dos últimos dias. As histórias de Pasguá e o caso de Awesa deixou Tiakat de olhos cada vez mais arregalados.

– Não sei o quanto posso te ajudar, Mistonti-xin... Isso é coisa divina, sem dúvida e, até onde sei, teus deuses são mais fortes do que os meus...

– Mas não conseguem ver sob o Véu de Chiuknawat?

– Isso é engraçado, mas talvez nem estejam conscientes de que isso existe. Confiam demais em que já sabem tudo o que precisam saber, será?

– Seja como for, Pasguá ou não, ela não me agrada, não me convence.

– Por quê?

– Ela diz que eu não devia estar aqui, exige que eu cumpra o que ela diz ser meu destino. Mas você e Kopinani sempre me disseram que os deuses não devem obrigar ninguém, apenas sugerir. E eu sempre achei que vocês têm a razão.

– Xi, será que cometemos um erro?

– De jeito nenhum, Lelon-xin. Nunca fui tão feliz como ao decidir seguir meu rumo e juntá-lo ao seu, por minha vontade. Isso é bom, seja o que for que os deuses pensem.

– Mistonti-xin... Te amo muito e quero te acompanhar, aconteça o que acontecer. Mas toma cuidado, por favor.

– Agora, me deixe contar o caso de ontem...

Tiakat tapou a boca, perplexa, ao ouvir o desfecho. Tudo o que conseguiu dizer foi:

– Mistonti, esse lance do vinho não é o seu estilo. Tem mais a minha cara. Você sempre foi tão ponderado!

– Ah, quando entendi o que estava acontecendo, fiquei indignado demais para ser gentil. – ele disse, com um sorriso divertido. – E sabe, a gente aprende com as coisas que lê e com as companhias com quem anda.

– Bom, menos mal, talvez. Sabe-se lá o que ela faria se chegasse a te levar para a casa dela. Mas... – Tiakat tirou um dos colares e uma das pulseiras que usava. – Mistonti-xin, isso é muito sério. Ela deve ter muitos recursos de feitiçaria e com certeza está furibunda. Mulher como essa, desprezada, é um perigo terrível. Toma, coloca isto.

– Por quê?

– O colar é um amuleto para bloquear malefícios de todo tipo e é bem potente. Caprichei muito quando o fiz. Não tire nem para tomar banho, principalmente perto do anoitecer. Fique com ele, depois faço outro para mim.

– E a pulseira?

– Um talismã contra ilusões eróticas. Quando sentir tesão por alguma mulher, que

seja por suas qualidades reais.

– Foi um tipo de ilusão? – ele quis saber.

– Um feitiço mental, como aquele da invisibilidade. Se o usuário faz algo muito chocante, que não possa ser ignorado, corre o risco de quebrar o encanto. – Ela coçou a cabeça, tentando imaginar como o seu amado escapara do feitiço. – A Zissar cometeu o erro de contrariar demais o que você esperava de uma mulher desejável. Confesso que gostei do teu jeito de se libertar dela. Mas é melhor não arriscar de novo.

Sistu pôs o colar de contas vermelhas, brancas e negras e a pulseira de conchinhas brancas, que ela precisou ajustar a seu pulso, muito mais grosso.

– Posso te perguntar por que você usava isso?

– A pulseira? Bom, eu a coloquei quando vim para cá. Pensei que Tjurmyen pudesse querer me encantar e queria ter clareza do que sinto por ela... Fui boba. Agora que a conheço melhor, sei que ela jamais faria isso.

– Mas ela está mesmo vidrada em você, não é? – disparou ele.

– Dá para perceber, é?

– Não é preciso ser clarividente. Ela te engole com os olhos.

– Acha isso ruim?

– Não sei... o que acha dela, você que a conheceu melhor?

– Pode parecer estranha no começo. Mas vista de perto é uma graça, amável e pura como orvalho. Pode-se confiar nela de olhos fechados, como em você. Pena ser tão tímida.

– Vocês transaram?

– Não – ela respondeu. – Ela quer, mas ainda não tem coragem de admitir.

– Você me trocaria por ela? – Sistu perguntou, ansioso.

– Mistonti-xin... não seja bobo. Estou com você até o último suspiro.

– Mas gosta dela?

Tiakat admitiu:

– Gosto, sim. Para ser sincera, eu também a desejo. Mas isso não afeta em nada o que sinto por você. Ei, que coisa dura é essa?

– Sou eu, pensando em vocês duas juntas...

– Safado. Você não era tão cara-de-pau, Mistonti-xin!

– Pois é. Com quem será que aprendi? Quer aproveitar?

– Quero. Mas uma rapidinha, senão a Tjurmyen vai pensar que nos afogamos...

Voltaram pouco depois e Tjurmyen suspirou, aliviada. Comeram alguma coisa da cesta de lanche que haviam trazido. Sistu, exausto, deitou-se debaixo de uma árvore e dormiu enquanto as moças conversavam.

Tiakat resumiu para Tjurmyen a aventura de Sistu e a deixou impressionada. Depois, falaram de outras coisas.

– Tjurmyen-bã, sobre a batalha no Tártaro... Você tentou enfrentá-los? – Tiakat perguntou.

– Sim, mas não sabia como. Não tenho espírito de guerreira, nunca aprendi a lutar direito. Quando os ameacei com uma adaga, me desarmaram com a maior facilidade.

– Nunca aprendeu a usar nenhuma arma?

– Bem... Eu brinco um pouco com arco e flecha. Aprendi como um exercício de concentração na escola Muati. É a simplificação de uma arte marcial mágica, dá para acertar a mosca a trinta braças. Mas não é um arco de amazona, é leve, quase de brinquedo. E sou meio lenta. Sabe, na guerra o importante é força, alcance e rapidez, não pontaria.

– Ué, mas para nós é perfeito, Tjurmyen! No Tártaro, é só se concentrar para materializar um arco e uma flecha atrás da outra, sem esforço! Os demônios não vão nem chegar perto. Se algum conseguir, dou conta dele. Vamos tentar juntas, da próxima vez?

– Será que vai dar certo?

– Te garanto que sim.

– Tomara!

Tiakat fez uma pausa e mordeu o lábio. A conversa com Sistu reavivara seu dilema. Assumira com a Tjurmyen o papel de curadora e a ética dos xamãs lhes proibia a intimidade sexual com pacientes. Por outro lado, as circunstâncias eram especiais: ela desejara a moça antes de saber que ela precisaria de seus serviços e sentira desde o início que a atração era recíproca... “Ah, dane-se”, decidiu. “Não estou aqui para ser modelo de virtude, não a estou explorando, sei o que faço e ela não é nenhuma boba”. Mirou a amiga nos olhos.

– Mudando completamente de assunto, Tjurmyen-bã... Se te incomodar, não precisa responder...

– O quê?

– Nunca quis amar uma mulher, como Tjurtsi e Kinzhyn se amaram?

Ela ficou vermelha, como sempre.

– Não... Sim... Mais ou menos...

– Como foi?

– Tive amigas pelas quais teria feito qualquer coisa. Na escola Muati, havia uma colega que eu adorava... Já tinha um namorado, depois casou-se e foi para o interior. Depois conheci uma artista, uma tatuadora famosa. Podia ter morrido de paixão, mas para ela eu era só mais uma amiga. Era casada, tinha filhos e muito mais em que pensar. Há quatro anos, mudou-se para Kateiros. Desde então trocamos duas ou três cartas e só.

– Você as queria como mais que amigas, não é?

– Não sei se chegaram a notar como eu as queria...

- Mas eu noto como você me quer.
- A barda encolheu-se e ficou muda por um bom tempo.
- Tjurmyen-bã?
- Me desculpe, Tiakat-bã.
- Não tem do que se desculpar. Estou envaidecida. Você é uma mulher muito especial.
- Você vai continuar a ser minha amiga?
- Claro que sim. Faço questão.
- Sabe, gosto mesmo de você. Acho que mais que das outras.
- Puxa, obrigada! E se eu te disser que já fiz amor com outras mulheres?
- O quê?
- Isso mesmo que você ouviu.
- Mas você não namora o Sistu?
- Claro.
- E também namorou mulheres?
- Te parece tão estranho? – Tiakat riu. – De onde venho, isso é comum. Muitas mulheres só querem homens, algumas só outras mulheres, outras amam quem julgar que merece seu amor, sem querer saber se é homem ou mulher. Sou mais deste tipo.
- Mas agora ama o Sistu...
- Sim, muito. Mas não somos ciumentos. Posso gostar de outra pessoa e continuar a amá-lo como antes.

Tjurmyen fez outro longo silêncio, interrompido desta vez por um melodioso canto sem palavras. As sereias estavam na mesma ilhota onde Tiakat estivera com Sistu, mas se faziam ouvir sobre o ruído do mar, por toda a praia. O som despertou Sistu, que entrou n'água para ouvir melhor. Centenas de outras pessoas haviam chegado à praia para ouvi-las. Até as crianças faziam um silêncio quase religioso. Os pescadores, ao passar pela ilhota de volta do mar, jogaram-lhes flores. Pouco antes do sol se pôr, as sereias lançaram-se ao mar, acenaram para agradecer aos aplausos e mergulharam para longe.

Quando os três voltavam, à meia-luz do crepúsculo, o colar de Sistu subitamente brilhou e crepitou, lançando faíscas. Sistu sentiu os cabelos em pé e as moças pararam, atentas. O fenômeno cessou, também de repente. Tiakat soltou um longo suspiro ao sentir a aura do colar intacta.

- Ufa! Foi dos grandes. Mas não se preocupe, Mistonti, a proteção funcionou.
- Sistu juntou com as moças, agradeceu a Tjurmyen e Tjaokun e fez menção de pegar as espadas e ir embora.
- Mistonti, e se você deixar as espadas aqui? É mais seguro que no seu quarto.
- Se você diz... Não é incômodo, Tjurmyen-pu?
- Não, tenho um ótimo lugar para guardar coisas de valor.

Mostrou-lhe três poços ocultos sob as esteiras e o piso, cada um trancado por uma porta de aço atada por um fio de cabelo.

– Vê? Parece fácil abrir. Mas tente.

Sistu pôs toda a sua força, que não era pouca, e o fiozinho não cedeu. Ficara mais forte que aço.

– Só podem ser abertos pela pessoa que cedeu o fio de cabelo. No caso, eu. Veja.

Puxou um dos fios com o dedo mínimo e o rompeu facilmente. Abriu um dos poços. A profundidade era como pouco mais de metade da altura de Sistu. Havia alguns sacos de moedas, mas as espadas couberam justas no espaço disponível.

– Agora me dê um fio seu.

Arrancou-lhe um fio de cabelo, fechou a porta do cofre, atou-a com o fio, pegou uma flauta e tocou uma série peculiar de notas musicais.

– Agora só você pode abri-la.

– E se eu sumisse, ou morresse?

– Se morresse, a magia acabava. Mas se sumisse, seria um problema. O fio fica indestrutível. A única maneira de abrir o cofre seria arrebentar ou derreter o metal com alguma magia muito destrutiva. Não seria nada fácil.

– Bem, obrigado, Tjurmyen. Boa noite.

Ela o deteve com um gesto.

– Espere, não vá voltar tudo isso a pé. Deixe-me pagar uma gôndola para levá-lo de volta.

– Não é preciso.

– Precisa. Você passou por muita coisa, precisa descansar.

Capítulo 40 – Portas fechadas, portas abertas

– Sistu-pu, o mestre Quin-ci quer falar contigo em sua sala. – avisou Awesa depois de se aproximar, receosa, de Sistu, que acabara de sair de uma aula.

– Algum problema?

– Não sei, mas parecia preocupado.

Bateu à porta. Sentado à mesa, o diretor examinava um relatório, mas o deixou de lado assim que Sistu entrou e tirou os óculos de oricalco que usava para ler à forte luz branco-azulada de um cristal. Olhou-o com interesse e notou o novo colar.

– Sistu-quan, tranca a porta e senta-te. Precisamos falar em particular.

– Aconteceu alguma coisa? – Sistu perguntou.

– Sabes bem que sim. Refiro-me aos acontecimentos de anteontem.

Sistu se fez de surpresa.

– Quar-hó? Meus colegas te contaram?

– Ouvi de alguns deles várias versões diferentes sobre os detalhes do teu suposto fracasso, algumas muito criativas. – mestre Quin sorriu – Receio que alguns dos nossos discípulos tenham mais vocação para a ficção do que para a história e a ciência. Mas pude saber o que realmente aconteceu.

Sistu abriu a boca para dizer algo, mas o diretor lhe fez um sinal para esperar e continuou:

– Meu rapaz, leciono e pesquiso aqui, mas moro no anel exterior da Cidade Proibida. Ontem, não se falou lá de outra coisa. Em surdina, é claro.

– Será que também não são criativos do lado de lá?

Então, o velho diretor riu com vontade.

– Sim, mais do que podes imaginar. Mas não penses que me tapearás com tanta facilidade, garoto. Ouvi em primeira mão, de uma testemunha sentada à mesa vizinha da vossa. Pau-hó, secretário do Ensino Superior, que odeia Quar-hó e é meu amigo pessoal.

Sistu lembrou-se vagamente de um aristocrata de calças pretas e cinzentas gargalhando a bandeiras despregadas. Sentiu um frio na barriga.

– Bem... Perdoa-me, mestre, mas ela...

– Não precisas pedir desculpas, Sistu-quan. Vou ser franco contigo. Uma das razões pelas quais te chamei foi apresentar meus cumprimentos. Os moradores da Cidade Proibida dividiram-se em três partidos: os que se indignaram, os que se recusam a comentar o assunto e os que admiraram tua coragem. Estou na terceira categoria.

– Obrigado. – ele disse, com alívio. – Meu maior receio era ser expulso daqui.

– Não se depender de mim e meus amigos. Somos maioria no Conselho e o reitor não contrariaria Pau-hó sem nosso apoio. Mas esse devia ter sido o menor de teus temores, rapaz. Quar-hó é vingativa e rancorosa. Só não precisas temer um processo formal.

– Não?

– No máximo, serias punido com o rebaixamento em um grau de teu estatuto, para ela insignificante. Por tão pouco, Quar-hó não pagaria o preço de expor sua humilhação a um juiz e vê-la publicada em letras impressas. Mas, se ela sobreviver, pode tentar matar-te de novo.

Dessa vez, a surpresa de Sistu foi sincera.

– Se ela sobreviver? Como assim?

– Na Cidade Proibida, foi o mexerico de hoje, se não do ano. Ontem à noite, Tós-pás, um dos feiticeiros mais famosos de Atlântida e Quar-hó, que todos sabem ser sua cliente e discípula, ficaram muito doentes, ao mesmo tempo. Vários feiticeiros e médicos foram chamados para tratá-los. Ninguém ousa dizer isso em voz alta, mas todos sabem que se trata de um malefício reflexo.

– Malefício reflexo? – Sistu balbuciou.

– Quando um malefício, um feitiço destrutivo, se choca contra uma proteção mais poderosa e reflete sobre os perpetradores. Por falar nisso, teu colar é um amuleto tlavatli, não é?

– Minha namorada o fez e me deu de presente.

– A xamã Tiakat-ké? Transmite-lhe meus parabéns– pediu Quin. Essa façanha mereceria uma promoção de pelo menos três ou quatro graus, mas à custa de ter a cabeça posta a prêmio. – Ele de repente ficou sério. – Sistu, a bem da segurança de Tiakat, não conte a mais ninguém que o amuleto era dela. Se alguém perguntar, diga que é uma antiga herança de família.

– Mestre, não compreendo o que se passou. Por que cargas d’água Quar-hó veio atrás de mim? Como soube que existo, para começar?

– Ótimas perguntas. Eu mesmo as fiz a pessoas que poderiam saber algo, mas só ouvi especulações vazias. Conquistastes um número invejável de admiradoras neste Instituto, pelo que ouvi falar, mas duvido que isso bastasse para chamar a atenção de Quar-hó. Minha própria conjectura é que ela descobriu algo muito interessante sobre ti por clarividência ou telepatia. Mas o quê? Não tens realmente ideia alguma?

– Não sei.

Quin recostou-se e desviou o olhar de Sistu.

– Creio que sabes, ou pelo menos supões, mas não confias em mim o suficiente para te abrires. Não é uma censura. Conhecemo-nos há só vinte dias, durante os quais mal nos falamos fora das aulas. Mas se mudares de ideia, podes me procurar a qualquer momento.

– Obrigado, mestre, pelo apoio. Perdoai-me se vos causei problemas. Farei o possível para corresponder à vossa confiança.

Olhou para Quin-ci com a expectativa de ser dispensado, mas o professor fez um sinal com a mão a pedir que esperasse.

– Sistu-quan, quando vos aceitei, julguei ter feito apenas um bom negócio para nossa Sociedade ao aceitar dois jovens sem credenciais académicas, mas com muitos talentos úteis para nossas atividades. Mas ambos superaram em muito minhas expectativas. Tuas perguntas e conclusões nas aulas mostram erudição, inteligência e maturidade muito superiores à que este velho cortesão esperava – desculpa-me o preconceito – de um atleta interiorano. Muito superior, na verdade, à da maioria dos nossos discípulos e, na minha opinião pessoal, de muitos mestres.

– É bom saber que correspondi à tua confiança, Quin-ci.

– Gostaria também de corresponder à tua, Sistu-quan. Poderemos nos ajudar muito mais e servir melhor ao nosso povo se confiarmos um no outro o suficiente para compartilhar nossos segredos.

– Que segredos?

– No momento apropriado, saberás os meus e saberei os teus. Por ora, te digo que provavelmente fechaste para ti as portas de ouro da alta sociedade de Atlântida, mas há outras que se abrem para pessoas com boa cabeça e o coração no lugar certo.

Sistu fez menção de partir.

– Sistu-quan, só mais uma coisa...

– Sim?

– Se não fazes objeção, podemos nos tratar de igual para igual, quando estivermos a sós. Não em público, pois soaria como favoritismo. Chama-me Kasmin-pu.

Capítulo 41 – Uma nova paixão

Depois do desjejum, Tjurmyen levou Tiakat ao canto mais recôndito do seu jardim e a fez sentar-se no banco de pedra.

– Você queria me dizer alguma coisa? – Tiakat perguntou.

Tjurmyen pediu licença:

– Só um momento.

Levantou-se e foi a algum outro canto do jardim, atrás das árvores. Tiakat suspirou e se perguntou se tinha dito algo inconveniente. Pensou em ir procurá-la, mas quando já ia se levantar, Tjurmyen voltou, com uma caixa cilíndrica alta. Estava embrulhada com papel vermelho coberto por uma faixa vertical de papel branco translúcido e decorado, tudo atado por um delicado laço feito por tirinhas entrelaçadas de papel gomado, vermelho e branco. Ajoelhou-se no musgo à sua frente, fechou os olhos, baixou a cabeça e lhe estendeu o presente, a tremer como folha na brisa.

Pasma, Tiakat segurou a caixa e a abriu com muito cuidado para não amassar o cuidadoso embrulho. Abriu-a e viu uma grande tulipa vermelha com o cabo metido em um fino vaso de cerâmica artesanal, junto com raminhos verdes com florzinhas amarelas. Um coração em chamas, a soltar centelhas.

Não precisava conhecer os costumes mugais para entender o que se passava. Pegou a flor com carinho e a encostou no próprio coração. Tjurmyen, vermelha como a tulipa, recompensou-a com um sorriso radiante.

– Também te adoro, Tjurmyen.

Pousou o presente no banco, ergueu-se, levantou Tjurmyen e inclinou-se para beijá-la na boca, mas ela se assustou.

– Não, a madrinha vai ver!

– Quer ir a outro lugar?

– Sim, por favor.

Saíram à rua. Tjurmyen mordeu a mão, confusa e indecisa.

– Aonde vamos?

– Ai, não sei.

– Quer estar comigo?

– Sim! Mas não sei onde!

– Que tal um albergue?

– Albergue?

– Sim, esta cidade tem muitos albergues para casais, que alugam quartos por sê. Nunca viu?

– Nós duas?

– Não compreendo bem os costumes do teu povo, mas para o meu não tem nada demais. Vem, vamos procurar um fora deste bairro.

Carregando o presente em uma das mãos, Tiakat deu-lhe a outra e atravessou a ponte do canal que separava o Dzezzyo do Apecum, bairro boêmio de pescadores, marinheiros e viajantes despretensiosos. Mesmo àquela altura da manhã havia animação. Muitas tavernas estavam fechadas, mas outras continuavam a oferecer música e mesas na calçada a jovens animados de todas as raças, atrás de parceiros para beber, conversar, dançar ou fazer amor. Internaram-se pelas coloridas ruas secundárias e Tiakat se deteve em frente a um albergue agradável e simpático.

– Que tal, Tjurmyen? – ela perguntou. – Vamos entrar?

Mas a amiga continuava indecisa e silenciosa.

– Tjurmyen, vamos então sentar por aí e conversar.

– Não, eu quero.

Tomou coragem e entrou. Uma senhora tlavatli fazia um bordado na portaria.

– Bom dia, minhas queridas. Querem um quarto?

Inexperiente, Tjurmyen ficou sem saber como responder. Tiakat tomou a iniciativa.

– Quanto é para até o fim da tarde?

– Quinhentos o quarto simples, novecentos o de luxo. Não vão querer um lanche, já que querem ficar tanto tempo? Tenho uma cesta grande, de quinhentos e uma pequena, de duzentos.

– Acho que vamos querer só um quarto simples...

– Não, Tiakat. Eu pago. Por favor, um quarto de luxo e uma cesta grande.

– Com prazer. – Desviando o olhar das duas, ela gritou para os fundos do albergue: – Filha! Leve as moças para o quarto das sereias, com uma cesta grande!

O nome do quarto vinha, naturalmente, do mural ingênuo, a mostrar duas sereias de cabelos flutuantes a se beijarem entre algas e peixes. Havia uma cama grande, um divã, uma rede, esteiras, almofadas e uma mesinha baixa, sobre a qual a filha da hospedeira deixou uma cesta com frutas, pão, queijo e manteiga, mais um vaso de mel, uma moringa grande de água e outra pequena, de vinho. Enquanto Tjurmyen trancava a porta, Tiakat ali pousou, com carinho, o presente. Ergueu-se para vê-la de perto e reparou que ela tremia de novo.

– Tjurmyen-xin, tem medo de mim?

– Quero ser sua, Tiakat-xin, mas nunca fiz isso antes. Me ajude.

– Posso te beijar, agora? – Tiakat perguntou, com desejo na voz.

De olhos fechados, Tjurmyen sentiu lábios grossos encontrarem os seus, uma língua abrir caminho em sua boca, o coração a palpitar e o sangue a ferver no rosto. Enfrentava, ao mesmo tempo, a realização de dois desejos enormes e obscuros. Um,

genérico e suave, crescia lentamente desde menina, quando ouvira a lenda de Tjurtsi e Kinzhyn. O outro, violento e pessoal, a pressionava desde que aquela tlavatli irrompera como uma ventania a limpar o ar viciado de sua vida angustiada e a deixara a ponto de explodir.

Por impulso, encostou o rosto no seio nu da companheira e deleitou-se ao ouvir outro pulsar forte e acelerado. Sentiu as carícias nas costas e o impulso e o medo de ter aquelas mãos suaves e espertas a deslizar sobre sua pele. Fez outra prece silenciosa a pedir coragem a Kintjur e soltou o cinto, deixando as calças caírem e as mãos entrarem onde as queria, dentro da túnica. Trêmula, deixou Tiakat libertá-la das duas camadas de seda. De repente, percebeu a companheira se afastar e segurá-la pelos ombros. Tjurmyen abriu os olhos. Fascinada, Tiakat contemplava-lhe o torso nu.

– Puxa, que incrível! – ouviu-a exclamar. – Nunca imaginei!

– Não gostou?...

Quase todas as partes do corpo que haviam estado vestidas cobriam-se de minuciosas tatuagens, um labirinto de folhas, flores, animais, personagens e ideogramas. Uma tapeçaria viva, macia e quente. Tjurmyen cobriu-se com os braços, de novo envergonhada.

Tiakat balbuciou:

– Não, quero dizer, sim, gostei, mas fiquei surpresa, nunca vi coisa igual... Seu povo costuma fazer isso?

– Muitos fazem, mas talvez eu tenha exagerado...

– Quanto tempo levou?

– Um pouco mais de sete anos, um pouco a cada dia, com minha amiga tatuadora.

– Doeu?

– Um pouco, mas eu gostava da arte e da companhia dela.

– Engraçado. Como as roupas... No corpo astral não aparecem. Tjurmyen, posso beijá-las?

Toda arrepiada, a mugal fez que sim com a cabeça. Viu seu amor ajoelhar-se, cheirar-lhe as flores da barriga, beijar a fênix sobre o seio esquerdo, acariciar o tigre sobre seu flanco e chupar as cerejas no bico do outro seio. Percebeu a última peça de roupa descer-lhe as pernas e deixou-se levar à cama. Dedos ágeis e macios se melaram em lugares que não sentiam toques carinhosos desde a última vez que sua mãe lhe trocara as fraldas e foram seguidos por uma boca ávida. Ferveu e estremeceu, sacudida por forças das quais só conhecia a teoria. Quando se recobrou, deixou a hesitação de lado.

A apaixonada falta de jeito de Tjurmyen para tentar fazer coisas sobre as quais só lera nos livros excitou Tiakat muito mais do que a sofisticada arte da Siassiá-xin. Muito depois, pararam para descansar, beber e comer.

Tiakat olhou com prazer para uma Tjurmyen que ninguém mais teria reconhecido. Nua, descabelada, tatuada, louca, linda, lambuzava-se de manga e mel como uma criança. Não resistiu a lambar suas mãos e seu rosto como as mais doces das frutas, como Sistu lhe fizera uma vez. Um pouquinho bêbadas, rolaram no chão e riram como doidas.

Tiakat nunca se vira tão macha. Com Sistu, era moleca, sim, com honras e louvor, mas muito feminina à sua maneira. Mais ainda quando se deitara com outras mulheres, experiência geralmente prazerosa, mas tranquila e consciente. Agora, não só se divertia como sentia um prazer visceral ao juntar seu peção preto e largo, de sola espessa como a de uma boa sandália, àquele pezinho suave, delicado como pétala de lírio e fantasiar ser o homem dela. O avesso de quando juntava suas próprias mãos, pequenas, negras e macias, às mãos grandes e grossas de Sistu, fortes como bronze fundido. Uma sensação estranha, mas não desagradável. Como mulher nenhuma, Tjurmyen fazia Tiakat saborear de volta a mesma delicadeza selvagem de mulher apaixonada que dava a seu namorado e a deixara com a sensação de que não conseguiria mais viver sem gozar os dois lados de sua ambivalência.

– Tjurmyen-xin, posso te dar um nome? – perguntou.

– Como assim?

– Minha gente costuma inventar um nome especial, íntimo, para alguém de quem se gosta muito, como uma amiga muito íntima ou uma amante. Uma brincadeira, um segredo a dois e também um jeito de dar a alguém um pedaço de você. O Sistu, por exemplo, é o meu Mistonti e eu sou a Lelon dele.

– Sim! – Tjurmyen gritou, ao compreender. – Me dê um nome!

– Você vai ser minha Sissã-xin.

Tjurmyen lhe lembrava uma daquelas corças de olhos doces e pelo macio do bosque de Raltlor. Muito ariscas com adultos, deixavam-se acariciar e alimentar por crianças pequenas. Mesmo para Tiakat, o nome tlavatli, *mazat*, soava menos adequado a um animalzinho tão meigo.

– Já você me faz pensar em tempestade. – disse Tjurmyen. – Vai ser minha Dayphong-xin, meu tufão amado. Que Kintjur nos proteja!

Por falar em tempestade, no momento de sair chovia a cântaros.

– Linda a tulipa que você me deu. Pena que vai murchar.

– Não vai não. Abra a boca e feche os olhos.

Tiakat sentiu um gosto doce de pétala fresca lambuzada de mel. Comeu as seis, uma a uma.

– É só me comer assim, todinha, que nunca vai me ver murchar.

Chegaram em casa felizes, mas encharcadas. Tyaokun correu a buscar toalhas para secá-las, preparou-lhes uma sopa e um banho quente. Surpreendeu-se quando Tjurmyen quis levar a amiga para tomar banho e dormir em seu quarto, mas não fez

objeções.

Voltar ao Tártaro foi quase divertido. Como Tiakat previra, a combinação do arco de Tjurmyen com seu varapau foi devastadora. Para chegarem a sentir um frio na espinha foi preciso um demônio forte e poderoso, um enorme lobo de três cabeças que aguentou muitas flechas flamejantes no lombo antes de entregar os pontos.

Capítulo 42 – O escolhido, ou a escolhida?

Por noites seguidas, Sistu pôde ter sossego sozinho ou em companhia de Awesa sem nada mais de extraordinário voltar a acontecer. Aparentemente, Pasguá decidira dar-lhe tempo para tomar uma decisão, o que a fez subir um pouco em seu conceito. A poderosa Zissar desistira, pelo menos essa era sua esperança. Podia envolver-se na rotina do Instituto.

Um mestre encarregou Sistu, Awesa e dois colegas de um trabalho de classificação de velhos papiros caris que, conservados há décadas, talvez séculos, na coleção do Instituto, jamais haviam recebido a devida atenção. Apesar de novato, Sistu mostrou tanta facilidade para interpretar textos antigos que os colegas o consultavam com frequência.

Assim foi que um colega lhe mostrou um códice de papiro, muito antigo e maltratado, que o confundira. Fora reencadernado com cuidado e colado em uma base mais resistente para evitar que se fragmentasse ainda mais. A parte inicial, que provavelmente contivera uma introdução, se perdera. O que restava era composto de páginas ímpares em hieróglifos caris e páginas pares em caracteres desconhecidos dele e de Awesa. No velho catálogo do Instituto, que tratavam de corrigir e atualizar, constava apenas uma anotação apressada, que o classificava como “poema ou encantamento em cari arcaico, acompanhado de símbolos místicos ou código indecifrável”.

Ao bater os olhos no códice, Sistu percebeu de imediato que os símbolos misteriosos eram semelhantes aos que colecionara nos cadernos de Raltlor, copiados das pedras e pirâmides de sua terra ou da descrição de antigos monumentos que encontrara nas bibliotecas de Rasab. Seus companheiros não os conheciam, pois tais pormenores da arqueologia tlavatli não eram parte do curso básico do Instituto. Poucos pesquisadores se interessavam pelo assunto e suas especulações não haviam levado a parte alguma.

Percebeu também algo estranho na parte cari. Apesar de arcaica, era relativamente fácil de ler, mas o texto, embora poético, não refletia a mentalidade dos caris antigos, nem as palavras tinham o ritmo típico de seus poemas.

“O sonho de uma palavra. E amigos, ouçam o sonho de uma palavra! Cada primavera nos traz a vida, o dourado broto da espiga nos refresca, a tenra espiga nos revigora. Nós sabemos como o coração de nossos amigos são verdadeiros!”

Soava como uma tradução sofrível do título e letra de uma canção folclórica tlavatli, que aprendera quando criança. Podia ouvir a voz de Tiakat, menina, a cantar para o único aluno de sua escolinha de tlavatli:

*Itatol temikti.
Aw tokniwane,
ta sokonkakikan jin itatol temikti!
Sosopanta technemitia,
jin teokuitasilot, techonitwuitia
tawkecholelot, techonkotstia.
Jin tikmati ye ontaneltoka
toyiolo, tokniwan!*

Ao comparar a escrita misteriosa com a canção, Sistu encontrou relações bem lógicas entre os signos e os radicais tlavatli, inclusive de alguns dos que ele anotara há anos. Contagiados por seu entusiasmo, os colegas o ajudaram. Usando uma delicada espátula para folhear as páginas frágeis com o cuidado necessário, coletaram em algumas horas o primeiro dicionário da antiga escrita tlavatli de Atlântida em milhares de anos.

Excitado, Sistu consultou seu caderno e conseguiu traduzir muitas das inscrições que o intrigavam desde pequeno. Algumas homenageavam antigos sacerdotes e sacerdotisas, registravam ritos sagrados, agradeciam aos deuses, anotavam os nomes de benfeitores da comunidade e suas obras. Outras, mais toscas e provavelmente mais recentes, lamentavam vidas e esperanças ceifadas na guerra contra os caris. Mas a que encontrara nos fundos do nicho onde Tiakat e ele tinham seu esconderijo favorito era a mais peculiar:

*Estas palavras vêm da boca de quem não tem casa,
para serem sussurradas no ouvido de quem não tem pai.
Estas palavras devem ser guardadas
Como se guarda a joia brilhante e preciosa.
Ah, doce foi o poderoso tempo que passou!
Dirão, choramingando, os filhos e filhas desta terra,
De espírito embotado e vontade quebrada.
Não era para a vida ser assim!
Os nove gênios oferecem dezoito ciclos,
De sacrifício dos templos e dos altares
A reunir todas as forças em uma só grande aposta
Naquele que nascerá sobre as águas de Tochiwayo,
Para que todos sejam outra vez senhores de si,
Para que todos dividam sofrimentos e prazeres,
Como se deve entre irmãos e irmãs.
Se o escolhido for derrotado no segundo dia,
Os sacrifícios dos nove gênios não serão em vão,
Pois vale mais um dia de vida livre de jugo,*

Do que dezoito ciclos como bestas oprimidas.

Receoso e relutante, Sistu reconheceu que o texto soava como uma profecia sobre ele. Dezoito ciclos eram 2.772 anos. Se houvesse sido escrito durante a conquista da planície pelo Império Cari, como era muito provável, estaria se referindo a seu presente. Ele nascera sobre as águas do lago Tochiwayo, no alto do morro de Raltlor. Pasguá lhe dissera que Gensam não o gerara realmente. Se fosse verdade, faria dele alguém sem pai, ao menos conhecido. Mas quais seriam os nove gênios, *chikua nawi koleleti*?

Pensando bem, aquilo confirmava ou contrariava Pasguá? Como se combinaria aquela história de todos serem senhores de si com o que lhe dissera Pasguá, sobre a unificação do mundo sob o comando de Atlântida?

Além disso, por que demônios uma profecia sobre deuses senzares e seu suposto escolhido teria sido gravada por tlavatlis? E ao que parece, mencionando sua escravização pelos caris. De quem não tem casa a quem não tem pai... um boato sussurrado entre vencidos, destituídos e órfãos? Talvez fosse simplesmente uma falsa profecia, inventada para elevar o moral de um povo conquistado e a data marcada para o presente fossem mera coincidência. Há muito essa situação já mudara, a maioria dos tlavatlis eram livres, tanto quanto os senzares...

Sistu mostrou suas interpretações para os colegas e para o mestre, que ficaram estupefatos e as levaram ao diretor Quin-ci, do qual recebeu elogios calorosos. Mas não deu destaque a esse texto, nem ousou mencionar as razões pelas quais lhe parecia tão importante. Por dois dias remoeu inutilmente as palavras em tlavatli, antes de conseguir pensar em outra coisa: que Tiakat traria Tjurmyen no dia seguinte...

Tiakat e Tjurmyen. Ao divagar sobre elas e seu relacionamento em tlavatli, atinou com a falta de flexão de gênero nessa língua. Há palavras distintas para homem e mulher, irmão e irmã, filho e filha, mas não para ele e ela, namorado e namorada, deus e deusa...

Em vez de nove gênios, podiam ser nove gênias. Chiuknawat significava “nove águas” e era o nome da deusa querida de Tiakat. Conforme o mito ouvido de sua companheira quando criança, nove gênias ou divindades menores, banidas e ameaçadas de esquecimento, sacrificaram as individualidades para se fundir em uma única mais poderosa, como um rio formado de nove riachos. Os senzares não sabiam mais os nomes das gênias originais, mas seu produto era conhecido como Xeló, sem-teto ou sem-casa, a deusa que recusava templos, livros sagrados ou ídolos que a aprisionassem para vagar pelos céus e pelos corações de seus devotos.

Outro mal-entendido. A palavra que traduzira para o senzar *fu* “pai”, na verdade era o tlavatli *tati*, “companheiro da mãe, pai de criação, biológico ou não”, um conceito que esse povo distinguia de *iskakauti*, “pai natural”. Para os tlavatlis, o

homem que morasse com a mãe na primeira infância da criança devia ser chamado por esta de *tati* e ser tratada por ele como filho.

A maioria dos senzares se conformaria caso a esposa engravidasse de outro homem e trataria a criança como filho adotivo. Mas a mãe ensinaria seu filho a chamar seu marido de *xifu*, “pai substituto, padrasto” e um dia lhe diria quem é seu verdadeiro *fu*, pois para os senzares havia tanta honra em dominar o ciúme quanto desonra na mentira. A menos que a mãe ignorasse a verdade, pensou Sistu – coisa improvável, pois em caso de dúvida costumava-se recorrer a xamãs ou outros adivinhos. Ou que ela tivesse muito medo, coisa igualmente implausível, pois Gensam era calmo e bondoso. De qualquer forma, ele certamente era seu *tati*, fosse ou não seu *iskakauti*.

Já Tiakat, ele bem sabia, fora criada sem pai, suposto ou não. Nascera, bem literalmente, sobre as águas de Tochiwayo. Nas palafitas, na época da cheia. Sem-teto e sem-*tati*, Xeló-Chiuknawat e Tiakat. Sua escolhida.

Capítulo 43 – A barda na pele de Sistu

– Vamos ver como você se sai, Dayphong-xin – desafiou Tjurmyen. – Me encante com um conto seu.

A barda viu Tiakat passar os dedos lindos e delicados, pensativa, pelas cordas do tawit. Teve vontade de beijá-los e força de vontade para deixar isso para mais tarde. Agora estavam em aula.

– Acho que me falta imaginação, Sissã-xin. Não me sinto em condições de contar bem uma história imaginária, ou mesmo uma história real que eu conheça só de ouvir falar. Não sei se saberia fazê-lo parecer verdadeiro.

– Isso é uma questão de técnica e traquejo, mais que de talento. O importante é que pratique e experimente. Mas para o exercício de hoje, o importante é saber aplicar a magia no som e assumir o controle das percepções e sentimentos do público – eu, neste caso. Pode ser algo que você mesma tenha vivido, se isso te dá mais segurança.

– Tá bom. Vamos ver se consigo.

Tiakat começou a dedilhar, tirando melodias e ritmos tão exóticos aos ouvidos da mugal quanto o timbre do estranho instrumento tlavatli. Não era melancólico e delicado como o som Zjoey, mas forte e picante como as aldeias de Atlântida. Mas o coração de Tjurmyen não era fechado às diferenças e deixou-se embalar sem dificuldade.

Viu-se em uma aldeia do interior, em um dia quente e abafado. Os pêlos já lhe cresciam. Ainda não era oficialmente um homem, mas já podia sair à noite sem dar explicações. Não que quisesse fazer alguma coisa muito especial. Só não tinha vontade de participar da conversa fiada da família, principalmente se tivesse de ouvir a discussão sobre a nova glória da família e o destino da herança e da compensação oferecida à família pelo Casal Imperial.

Faziam dois dias que as cinzas do tio Moam, chegadas de Duaraka, haviam sido depositadas no mausoléu. Quando as espadas lhe foram entregues e depois guardadas para “quando fosse um guerreiro como o tio”, teve vontade de repetir em alta voz o que o próprio tio lhe resmungara ao partir, que ia para a guerra mais idiota que seu povo já havia travado e talvez morrer por um mero capricho de uma mimada concubina do Imperador. Mas acabou por desempenhar direitinho o seu papel na cerimônia. O nó na garganta ainda não estava desatado, mas a brisa da noite e a luz das estrelas o consolariam.

Sistu subiu à Pirâmide Velha, pensando ficar sozinho. Mas uma forma já estava lá, acorada exatamente onde ele se imaginara suspirando ante a paisagem.

Tiakat, claro. Ela percebeu a aproximação, levantou-se para cumprimentá-lo e ele notou algo diferente. Já estava usando pekenan.

O nó na garganta apertou mais ainda e Sistu virou-se e começou a voltar a passos rápidos pela escadaria corroída pelo tempo, contendo a vontade de chorar. Tiakat, de surpresa, o alcançou e pegou pelo braço.

– Mistonti-bã, espere! Você está zangado comigo? – Sussurrou ela, aflita.

– Não! – Gritou – Eu odeio o tempo, o mundo, os deuses! – Queria fugir, mas Tiakat ainda lhe segurava o braço com firmeza. Ele não quis ser brusco, ela não tinha culpa, não era dela que tinha raiva. Envergonhado, virou-se e expôs lágrimas à luz das luas.

– Me desculpe... – a voz dela ficou embargada, de repente –, não me deixaram ir ao funeral do teu tio. É que justo nestes dias eu virei moça e tive de ficar lá embaixo, por causa da cerimônia da minha pekenan... Já saí da casa da mamãe, agora moro na Casa dos Jovens.

Ela se aproximou para abraçá-lo, era agora dois dedos mais baixa. Ele deixou-a tocá-lo nos ombros, mas curvou-se, recuando a cintura.

– Mistonti, o que foi?

– Essa coisa – balbuciou, olhando a pekenan como se fosse uma jararaca.

Ela fechou os olhos. Já aprendera algo sobre ler mentes.

– Não é comigo – disse, aliviada –, nem é só tristeza por Moam-bã, nem só medo da pekenan – continuou, hesitante. – Você sente raiva de a gente crescer e muito medo do que vai ser. Tem pavor de ver nossa amizade secar, virar uma sombra. Porque crescer quer dizer perder a inocência, a ilusão de sermos livres e verdadeiros. Termos de viver como nossos pais e repetir as mesmas bobagens. É isso mesmo? – Estava perplexa.

Não é que ela o entendesse melhor do que ele próprio, mas ao colocar sua confusão em palavras, o ajudava a desenredá-la. Trabalho de xamã, pensou.

– É, mais ou menos... – hesitou. – Não, você acertou na mosca. Sinto que não sou mais quem eu era antes, me pergunto o quanto você também mudou ou vai mudar. Será que tem cura? – Tentou armar um sorriso irônico.

– Claro que tem – disse ela, com zanga e ênfase. – Para começar, não tenha medo disto! Declaro revogado o poder da pekenan! Por meio do meu encanto, você, Zi Temtés Sistu, está autorizado a me tocar onde, como e quando quiser, entendeu bem? – Disse, cutucando-o no peito com o indicador.

Sistu ficou incrédulo. Ela ficou ainda mais embravecida e, sem aviso, lhe pulou no colo, obrigando-o a agarrá-la. Ele escorregou no degrau carcomido pelos séculos e quase rolaram escadaria abaixo.

Conseguiu firmar o pé em uma vigorosa trepadeira, só dois degraus abaixo. Sentiu-se precariamente sentado em outro degrau quebrado, com o traseiro

dolorido, as calças rasgadas e ela com os braços bem agarrados no seu pescoço e as pernas na cintura.

– Sua doida! – Protestou. – Quase que nos mata!

Ela deu uma gargalhada escancarada. Depois, um gemido.

– Uuuh, acho que me machuquei.

Ela se levantou e Sistu arrepiou-se ao ver a canela dela sangrar, toda esfolada. Ela sentou-se ao lado e procurou algo na bolsa. Tirou um pedaço de couro macio e a pôs sobre a perna ferida.

– Segure isso aqui pra mim, Mistonti, um pouquinho, tá? Isso, assim. – Curvou-se para trás. – Ah, que sensação boa. Agora, você não tem mais medo da pekenan, não é?

– Não. Já entendi. Essa é uma pekenan de brinquedo. Você é muito mais perigosa do que esse troço e eu brinco com você há anos.

Ela riu de novo, do mesmo jeito.

– A lição não era essa – disse ela – mas o cumprimento valeu. Mistonti, eu tenho vontade de te contar um segredo de xamã, mas se souberem, eu estou perdida, danada, ferrada. – Ela olhou para os lados, como se a pirâmide tivesse ouvidos – Você jura por Gutis não contar pra ninguém, nunca, nem mãe, pai, tio, amigo, namorada, esposa, filho e o que mais aparecer na sua vida? – Sistu ficou receoso. Jurar por Gutis, não era coisa que se pedisse de brincadeira. Ela nunca fizera isso e falava seriíssima. Ia abrir a boca para responder, mas ela a tapou com a mão.

– Não, fazer você jurar por Gutis é sacanagem, me prometa e pronto, ponho minha vida nas suas mãos, ou melhor, na sua boca. Olha, só se tiver certeza de que vai cumprir!

Não teria jurado, provavelmente. Mas agora fazia questão de se provar tão merecedor de confiança quanto achava que era.

– Eu te prometo não contar nada a ninguém, Lelon. O que é?

– Olha, Mistonti, essa história de a pekenan ser mais perigosa para os rapazes virgens a ponto de fazer mal até esbarrar nela sem intenção, é mentira. Idem no que se refere a moças virgens. É só para assustar, para fazê-los respeitar a tradição. Não faz diferença se você ou a garota foram iniciados ou não: isto só age se o homem tentar violentar a mulher e se encostar nas presas – e então é como levar um raio no baixo ventre. Mas se o homem não vier para estuprar, ou se a mulher quiser, não tem perigo nenhum. Pode deitar e rolar.

Sistu ficou abismado. Sabia o quanto Tiakat se divertia em deixá-lo chocado, mas também que sempre o fazia dizendo a verdade, ou pelo menos o que ela julgava verdade.

– Tem certeza? – perguntou.

– Como dois e dois são quatro. A feitura e o funcionamento disto são matérias

obrigatórias para uma aprendiz de xamã na puberdade. Olha, esta foi feita com capricho, Kopinani é especialista e a fez para mim com todo o carinho, é muito potente. Além disso, a força da pekenan varia com a aura da mulher e Kopinani diz que a minha é a mais poderosa que já sentiu. Se um homem se meter a besta comigo, vira churrasquinho antes de perceber o que aconteceu. Mas para você não tem perigo nenhum, entendeu?

Ele absorveu as implicações, segurando o queixo com uma mão e o courinho na perna de Tiakat com a outra.

– Acho que já está bom, Mistonti, pode tirar. – Tirou o couro sujo de sangue. A perna estava lisa, a ferida sumira. – Olha, acho a pekenan uma invenção genial. – Seguiu ela, tranquila. – Se os outros fossem como você, não deveria existir. Mas os homens são mais fortes, sem esta coisa as mulheres estariam à sua mercê. Dizem que antes de inventá-la, éramos escravas. Em algumas terras ainda é assim.

– Acho que você tem razão. Mas por que você me contou tudo isso?

Ela suspirou.

– Porque você ia perder uma coisa muito bonita. A confiança entre pessoas como nós. Quis te mostrar que eu sei pôr a amizade acima do resto e correr os riscos que for preciso. E que você pode fazer o mesmo, se quiser.

Comovido, Sistu a abraçou e beijou com o carinho de sempre. Sentia-se purificado e renovado, salvo de se tornar um fantoche insensível. E também um pouco excitado.

– Assim é bem melhor! Mas lembre-se – insistiu ela –, faça de conta que não sabe e fuja das mulheres até chegar a hora, tá? Se não, vão desconfiar. Aliás, quando vai ser?

– Ainda uns nove meses – respondeu ele – a Karlé-sió disse que a primeira Serpente do mês das Geadas tem o astral mais adequado para mim. – Fazia pouco tempo que a mãe, ao saber da primeira poluição, consultara a hieródula de Kiném, que escolhia a data da iniciação sexual de cada rapaz senzar e se encarregava pessoalmente da delicada tarefa.

– Hum – Tiakat fez um muxoxo – não é a melhor data. Serpente vai bem, mas acredite em mim, sei dos astros tanto quanto ela e conheço você muito mais. No seu caso, seria melhor uma Serpente das Flores.

– Amanhã? – disse ele, surpreso.

– É. – Ela falava sério. – Não que seja uma questão de vida ou morte, sabe. É uma influência sutil, mas as Geadas são para o tipo esportivo, fogoso, conquistador, superficial. Favorecem a potência e a sedução. Você é um garoto profundo e para isso as Flores são melhores. Dão calma, compreensão, sensibilidade... A Kopinani concorda comigo e ela tem muito mais experiência do que Karlé.

– E você, qual seria sua data?

– Ela me disse que seria *Serpente de Brumas*. Para intensidade, paixão e safadeza. Para eu ser ainda mais eu mesma, porque ela gosta de mim como sou.

– Ela decide para vocês?

– Não – o sorriso de *Tiakat* brilhou na noite –, nisso, nós somos diferentes. Quando um ou uma *tlavatli* decide, chega e dá uma esteira de presente a quem mais deseja. Para transar em cima, claro. Ninguém pode recusar. Pode ser até outro inexperiente, desde que já tenha saído da infância e não seja parente próximo. *Kopinani* aconselha, mas nós escolhemos quando e com quem. E ela abençoa.

Ele desejou ter nascido *tlavatli*. Devia ser muito mais divertido.

– Você já escolheu alguém? – Perguntou ele.

– Estava pensando nisso, quando você apareceu – abraçando-lhe o ombro. – E, para ser sincera, é pra você que eu gostaria de dar a esteira – disse ela, à queima-roupa.

Sistu sentiu o rosto em fogo. Era brincadeira?

– Hã? Eu? – Gaguejou, confuso, sentindo calor e um tesão repentino..

– Tem outros com quem já brinquei de transar, mas é com você que eu gostaria de ter minha primeira vez a sério. Você me cuida como amiga e mulher, não me usa como brinquedo. Os outros só pensam em dar uma esfregada e sair contando vantagem. Pena você ser um *senzar* – ela soou realmente consternada.

– Caramba, *Lelon-bã... Lelon-xin...* – *Sistu* tentava, aflito, agarrar pelos cabelos a oportunidade que fugia – Você acha tão ruim eu ser *senzar*?

Tiakat sorriu, passou a mão pelo seu cabelo e lhe deu um beijo. Carinhoso.

– Claro que não. A única coisa ruim é você ser obrigado a seguir sua tradição.

– Não sou obrigado, não! Quero dizer, tem um decreto que dá permissão expressa a qualquer súdito livre para seguir os ritos de qualquer outro povo fiel ao Casal Imperial.

– Sério? Nunca ouvi falar, conte! – O interesse dela deu mais coragem a *Sistu*.

– Eu gosto de histórias antigas, você sabe. O tio *Moam* me contou que o Imperador e a Imperatriz o decretaram para anular uma facção que contestava a legitimidade da coroação por não sei qual impureza do cerimonial e também pretendia expulsar sacerdotes de outras raças e dissolver os casamentos mistos por ofender os deuses *senzares*. O decreto nunca foi invocado em *Raltlor*, que eu saiba, mas eu verifiquei que está nos registros da *alcaldia*. Dá para aplicar a este caso.

Tiakat sorriu, mas ainda em dúvida;

– Só tem um porém, né? Se tua família ficar realmente zangada, pode te expulsar e deserdar e o tio *Moam* não está mais aqui para te defender.

– É. Verdade. Mas não podem fazer mais do que isso. – Sistu se empolgou – E eu estou aqui pensando se, neste caso, vocês não poderiam fazer de conta que eu sou tlavatli, me arranjar uma vaga na Casa dos Jovens e alguma função em Tochiwayo...

Tiakat o abraçou e beijou de novo. Desta vez com paixão. Demoradamente. Com o coração batendo tão forte quanto o dele.

– Mistonti-xin... – ficou derretida, como ele não ousara esperar – você é uma maravilha de homem. Como é que qualquer garota que se preze poderia dizer não? Conte também com Kopinani e a turma da Casa dos Jovens, eles te adoram.

– Você não quer esperar até as Brumas?

– Não! – era como perguntar para uma criança se quer adiar o aniversário. – Amanhã mesmo faço e te dou a esteira e pedimos a bênção a Kopinani! Não estava mesmo a fim de esperar seis meses, até porque a Kopinani diz que há uma porção de encantos que só posso aprender depois disso. Ela mesma diz que o coração certo é mais importante que os astros certos! E um pouco mais de Flores na minha vida vai me fazer bem... Quero ser um pouco mais como você.

E Sistu ganhou a esteira, em noite emocionante, estrelada e cálida. “Estou pronta pra te receber. Vem com amor, mas vem fundo. E vice-versa!”, disse Tiakat, ousada. Ela lhe segurou a ereção e a introduziu em um lugar melado, cheiroso e delicioso. Ele sentiu resistência e depois uma ruptura. Se doeu, ela não demonstrou, para ele, foi incrível. Amaram-se com desajeitada ternura, tateando às cegas por um mundo desconhecido.

O fuzuê na casa dos Temtés não foi tão terrível quanto Sistu temia e, ao mesmo tempo, desejava. Depois de muito ameaçar, até mesmo Jariô concordou em tratar o caso como molecagem e insinuar a terceiros, rangendo os dentes, que o sobrinho-neto fora seduzido por um encanto xamânico – o que não deixava de ser uma meia-verdade. Ko’ôh tahl em, zanzi xal kuã, “O boi de carroça segue a trilha, o jovem leão vagueia pelo mato”, dizia um provérbio senzar: de um futuro guerreiro se esperava que pisasse fora da linha de vez em quando.

Mas um efeito colateral inesperado da aventura é que tanto ele quanto Tiakat se tornaram alvo dos desejos concentrados da juventude de Raltlor e Tochiwayo. Por meses, os dois colecionaram esteiras e foram convidados a conhecer mais intimamente os amigos já iniciados.

Quando mais se cansava do assédio dos rapazes, Tiakat foi abordada com muita delicadeza por Tsokichiuki, a oleira, e decidiu preferir as mulheres, resolução que manteve por mais de um ano. Sistu não ficou inconsolável, pois se encantava então por Beletsunu, a garota mais ardente de Raltlor – ou, segundo a fama que veio a ter mais tarde, de toda a província – com apoio de Tiakat, muito amiga de ambos.

O tempo chegou de se arrepender por não ter batalhado mais por Tiakat. Não

lhe restava nem a esteira. Infestada por gorgulhos, fora jogada fora pela mãe e isso já não lhe importou. Mas tivera oportunidade de ganhar uma segunda lembrança, para a qual às vezes olhava e imaginava se poderia ter sido diferente...

Tjurmyen teve um despertar brusco e por momentos ficou aturdida. Tiakat ainda era um pouco inábil com os finais, mas a surpresa de passar de um corpo masculino para um feminino era estonteante, de qualquer maneira. Imaginara que a xamã ia mostrar algo do seu passado. As ideias da mugal sobre a vida no interior de Atlântida eram bastante vagas e não sabia bem o que esperar – mas ver-se na pele de um homem, ainda mais um que ela conhecia, foi uma completa surpresa.

– Fiquei impressionada, Dayphong-xin! – Exclamou a barda, ao se firmar no mundo real. – Como você conseguiu retratar tão bem o ponto de vista de um homem? Eu nunca seria capaz disso. Sempre evito protagonistas masculinos, nunca me saem bem.

– Obrigada. É que eu conheço ele muito bem, desde criança. Além disso, fizemos um laço telepático que me ajudou a entender como é ter corpo de homem.

– E por que você escolheu me mostrar isso? – Questionou Tjurmyen.

– Quis te mostrar como ele é importante para mim. Quero você, mas junto com ele. Não quero ter de escolher. Eu também quis te mostrar como ele sente e pensa, porque acho que você devia se relacionar melhor com os homens em geral. Não para ter sexo, se você não gosta, mas para estar à vontade, confiar, ter uma amizade. Eles não mordem, não a maioria dos que eu conheci, pelo menos.

– Acho que entendi, Dayphong-xin... Farei o possível para ele e eu sermos amigos.

– Obrigada, muito obrigada, Sissã-xin – ela a beijou, com paixão –, é o que mais quero da vida!

Capítulo 44 – Triângulo escaleno

– Lelon-xin... Que bom te ver!

No dia de leão seguinte, 27 de Prados, Sistu as encontrou no jardim do Instituto, como haviam combinado. Ao vê-las tão juntas e sorridentes, não teve dúvidas de que a relação das duas havia progredido. Ao receber o beijo ardente de Tiakat, teve certeza de que continuava amado como antes.

– Mistonti-xin, também senti muito tua falta.

Ela se agarrou mais com força a ele.

– Vamos ficar juntos esta noite? – Sistu pediu.

– Claro que vamos! Mas preciso te contar que me apaixonei de novo.

– Então, ganhei uma sócia?

Tjurmyen se adiantou, com um olhar de timidez e orgulho.

– Posso conversar um pouquinho a sós com você, Sistu-pu?

Sorrindo, Tiakat disse:

– Mistonti-xin, espero vocês aqui, está bem?

Sistu acompanhou Tjurmyen a outro canto do jardim. Sentaram-se em um banco.

– Então, Tjurmyen-pu, você ama minha Lelon?

– Amo como louca, Sistu-pu. Nunca conheci ninguém assim.

– Nem conhecerá, pode apostar.

– Isso não te deixa zangado? – Ela perguntou, afastando o cabelo que lhe caía sobre um dos olhos.

– Zangado? Não – disse ele. – “Perturbado, talvez”, pensou.

– Tem certeza? Meu povo conta mil histórias de assassinatos e suicídios por menos que isso. E não são só histórias...

– Meu povo também comete muitas besteiras. Mas por outros motivos. Mostrar ciumes, para nós, é grosseria – Sistu explicou. – Coisa de mau gosto. Para os tlavatlis é pior ainda: é cair no ridículo.

– Mas não sente mesmo ciumes?

– Bem, no fundo sinto, isso é humano. – ele admitiu. – Tenho receio de ter de disputar a atenção dela.

– É sobre isso que quero falar, Sistu. Não sei bem o que dizer ou esperar, ninguém jamais me preparou para uma situação como esta. Quero dizer que adoro minha Dayphong-xin... sua Lelon... Mas também sei como você é importante para ela. Ela me contou como vocês vivem juntos uma história longa e bonita, que não quero interromper nem perturbar. Só me deixe estar também perto dela. Você é o sol dela, deixe-me ser uma lua.

– Prefere ser Ved ou Suquá?

Ela pensou um momento, querendo adivinhar o que ele queria dizer.

– Suquá, porque é mais discreta e nunca eclipsa o sol – arriscou.

– Seja Ved, a brilhante. Não me importo de ser eclipsado de quando em vez.

– É uma cantada? Se for, obrigada, Sistu, mas não quero sexo com um homem. Imagino que tudo ficaria muito mais fácil se eu também fizesse amor com você, mas não dá. Não me exija isso, por favor.

– Não vou pedir nada assim, Tjurmyen. Mas se vamos ter um amor tão importante em comum, precisamos ser muito amigos. Se não, estragamos a vida de Lelon-xin...

– Tem razão, Sistu...

– Quer ser minha amiga? Amiga do peito? Minha Tjurmyen-bã?

– Quero, Sistu-bã.

– Então me abraçe como amiga.

Tjurmyen abraçou-o e deixou-se abraçar apertado, sem medo.

– Quero mesmo ter você como amigo, Sistu-bã. Não é só por Day... Tiakat.

– Sua Dayphong-xin. Não se acanhe. Somos amigos, lembra? Amigos costumam falar de namoradas e intimidades. Que significa Dayphong?

– “Furacão”, em mugal.

– Engraçado. Nunca pensei nela dessa forma...

– Ela me chamou de Sissã-xin.

– Se você fosse minha namorada – ele disse –, também a chamaria assim.

– Não sou e não vou ser, mas pode me chamar de Sissã-bã. Dayphong não vai se incomodar, eu acho.

– Não se eu a conheço, e a conheço muito bem. Se quiser, também me chame de Mistonti-bã. Lelon-xin me chamava assim, quando não estávamos namorando.

– Soa estranho, mas mais bonito que Sistu.

– Também acho.

– Mistonti-bã, você não ama outras mulheres? Além de Dayphong-xin?

– Tenho amizade e sinto tesão por outras mulheres, sim, mas isso é outra coisa. Pode ser mais do que partilhar uma dança, uma refeição ou uma partida de zenjogue, mas sempre toma uma parte finita de você. Com Lelon-xin vai além do horizonte, a perder de vista. Nem sei se daria conta de outro amor como esse, nem imagino como seria.

– E ela? Será que ela dá conta de nós dois?

– Se soubermos ser amigos, acho que sim. Acho que você é mais como eu, precisa de reserva e solidão. Lelon é diferente, muito dedicada, muito apaixonada e muito necessitada de contato íntimo. Já teve dois namorados ao mesmo tempo, mais de uma vez. Talvez seja inevitável para ela.

– Se tenho que compartilhá-la, é bom que seja com você.

– Digo o mesmo, Sissã-bã.

“Não deixa de ser uma espécie de conquista”, pensou Sistu para sufocar a ponta de ciúme que não lograva eliminar de todo. Se fosse um homem, seria mais difícil, mas foi com alguma ternura que a viu trocar um apaixonado beijo de despedida com Tiakat para deixá-lo a sós com ela pelo resto do dia e da noite. Não precisou mentir a si mesmo nem sufocar ressentimentos para demonstrar a Lelon a paixão de sempre, até porque também ela estava tão amorosa quanto antes, ou ainda mais. Ao conversar sobre os acontecimentos desde a tarde na praia, sentiram-se mais unidos.

– Mistonti, como é com Awesa? – Ela lhe perguntou.

– É um pouco estranho, porque no sexo somos ambos substitutos, um para o outro. Mas ela é uma boa amiga, sincera e carinhosa.

– Mas não tão inocente nem tão arrebatada quanto Sissã-xin, garanto. Para ela, foi a primeira vez. Não conseguiria se dar sem se perder na paixão. Foi muito emocionante. Ah, foi como quando você me mostrou aqueles cacos...

Parou, com a voz embargada e Sistu a abraçou forte.

– Lelon-xin, quantas paixões cabem nesse coração?

– Ah, Mistonti, estou repleta. Estou muito, muito feliz, mas não posso mais. Sou só uma.

– Você ainda vai comigo se eu participar da expedição do Instituto, não é?

– Claro que sim! Sissã terá de me esperar, ou dar um jeito de ir conosco. Você veio primeiro e continua primeiro. Quero estar sempre do teu lado. Ou em cima. Ou embaixo.

– Sissã... Um nome como eu teria dado.

– Você está ficando parecido comigo, Mistonti, já falamos disso. E também começo a pensar como você. Ao lado da Sissã, me sinto quase como se estivesse na tua pele.

– Não está mal para menos de três meses de convivência... Bem, uma vida de amizade, mas cinco quatorzenas e meia como amantes. Mas e no futuro? Você vai ser um terço Lelon, um terço Mistonti e um terço Sissã? Feita um doce de três camadas?

– Sei lá! Só sei que gosto disso.

Hora de passar à segunda prioridade, pensou Sistu. Contou então da descoberta do papiro bilíngue e da tradução do tlavatli antigo e lhe leu, em tlavatli, a inscrição da pirâmide. Tiakat ficou estarrecida.

– Mistonti, você não está brincando comigo, não é?

– Claro que não. Fiz um relatório completo para Quin-ci, que vai ser discutido na próxima reunião do Conselho Acadêmico. Mas, se duvida, posso te mostrar o códice original para que você tire suas próprias conclusões.

– Não, se você me garante que é sério, não duvido. Mas por mais que isso tenha a

minha cara, Chiuknawat nunca me deu pista alguma de querer algo especial de mim. Talvez seja um mal-entendido dos antigos, uma previsão mal feita...

– Lelon, que me diz de Quin-ci? Será que podemos confiar nele para conversar sobre estas coisas estranhas?

– Será bom se pudermos, já que estamos nos metendo em tantas encrencas! – ela disse. – Vou tentar saber mais sobre ele. Mas a Zissar é quem me preocupa mais...

Capítulo 45 – Jogos divinos

A condição de Kopinani se estabilizara apenas o suficiente para permitir que caminhasse um pouco à beira do lago, amparada e guiada pela amiga Tseltin, mas continuava lúcida e sua memória não falhara. Quando Tiakat a chamou, contou o que sabia de Quin-ci, a quem acompanhara em três expedições, uma delas bem acidentada. Gostara dele, tinha bom coração e boa cabeça, apesar de pouco comunicativo e propenso à melancolia. Era irônico e mordaz, mas leal aos amigos capazes de conquistar sua confiança.

Pouco mais Tiakat pôde descobrir para contar a Sistu. Sua própria clarividência não lhe disse nada sobre Quin-ci – salvo que ele usava um *voziohu* muito eficaz e que ela não conseguia atravessar. Não era raro entre atlantes de estatuto elevado – e às vezes não tão elevados. Ela mesma já providenciara amuletos melhores para ela mesma e o namorado.

Kopinani só soube lhe dizer que o velho mestre defendera o fim das restrições ao livre debate sobre a história no início do atual reinado e tivera muita influência na renovação dessa disciplina, como já sabiam todos os estudantes do Instituto Imperial.

Não era muito, mas Sistu decidiu correr o risco. Julgou que precisava de qualquer ajuda que pudesse conseguir e Quin-ci tinha maior probabilidade de ter informações úteis e merecia mais confiança do que em qualquer outro em Atlântis.

No dia oito de Colheitas, um dia de dragão, pediu para vê-lo depois das aulas e contou-lhe quase tudo, da morte do tio Moam ao encontro com Pasguá. Quin-ci ouviu-o com sinais crescentes de assombro e assobiou quando Sistu terminou sua história.

– Mais parece uma lenda dos tempos pré-imperiais. – foi o primeiro comentário. – Meu amigo, esperava ouvir qualquer coisa de ti, menos uma história como essa. Confesso estar cheio de dúvidas.

Sistu receou ter cometido um erro, ao procurá-lo.

– Então, não acreditas em mim? – perguntou.

– Acredito que não mentes. Também acredito que as espadas sejam autênticas. Se as tivesse à mão, gostaria de vê-las, mas nesse aspecto confio no julgamento de Pauhin. Conheço bem o velho terbastô, é muito sério e sabe mais do que eu sobre armas antigas.

– Qual a dúvida, então?

– Pasguá. – disse Quin-ci. Não é alguém para se seguir de olhos fechados. É uma emissária dos deuses, ou mais precisamente de uma facção dentre eles, cujos

objetivos não são necessariamente os teus. Pelo menos, não são os meus.

– Mas, Kasmin-pu, como você me explicaria tudo isso? – disse Sistu, cuja exaltação o fez voltar, sem perceber, a seu dialeto interiorano – Você mesmo afirmou tantas vezes, em seus livros e aulas, que a história dos homens não é ditada pelos deuses!

– Não da forma como dizem os antigos. – Quin-ci não se importou com o desleixo – Os deuses não criaram os seres humanos. Não são ancestrais da família imperial. Nunca se dedicaram a construir continentes, gerar filhos humanos, fundar cidades, ou combater exércitos com as próprias mãos. Mas são reais e tentam influenciar nossos assuntos segundo seus interesses, mas de maneiras mais sutis.

– Que interesses?

– Seu próprio poder, em primeiro lugar. Os deuses dependem de nós para ser o que são hoje. Reúnem um poder sobrenatural excepcional mais ou menos como um grande mercador ou banqueiro faz fortuna.

– Como assim?

– Um mercador oferece seus produtos a muitos clientes e em troca recebe dinheiro. Gasta-o, depois, para adquirir mais mercadorias dos produtores ou com despesas pessoais. Mas ao passar por seus cofres, esse fluxo lhe permite comandar o trabalho de um grande número de pessoas e concentrar reservas de valores maiores do que a maioria de seus clientes e fornecedores jamais sonhou possuir.

Sistu matutou e expôs o próprio pensamento:

– Assim como o Casal Imperial recolhe os tributos do povo e das colônias e depois os gasta com a corte, as forças armadas ou os serviços públicos, mas ganha um poder extraordinário sobre a vida das pessoas ao controlar esse rio de ouro e prata.

O mestre arregalou os olhos e não conteve um sorriso. Será que se divertia ou se chocava com o atrevimento das conclusões?

– Essa analogia desagradaria muitos ouvidos, Sistu-pu – disse –, mas não posso dizer que esteja errada.

Sistu resolveu ir em frente com sua conclusão.

– Então, ao cultuá-los, os seres humanos lhe cedem uma parte de sua magia natural. Em troca, os deuses oferecem milagres para seus seguidores e sacerdotes, mas o processo lhes permite manter grandes reservas de magia em seu poder.

– Detalhes à parte, minha tese é essa mesma. – Quin-ci concordou.

– Os deuses são meros acumuladores de magia alheia?

– Dizer isso pode ser exagero. Não sei tanto quanto gostaria sobre sua origem e natureza. Talvez eles tenham algum poder próprio. Mas eu apostaria que é bem menor que aquele que lhes damos. De outra forma, seria difícil entender suas paixões políticas, principalmente as que os movem a jogar um povo contra outros.

– Como, por exemplo? – Sistu quis saber.

– No caso de Pasguá, estamos lidando com a corrente principal dos deuses senzares, cujo culto depende da expansão do Império Atlante. Esses deuses desejam aumentar o número e devoção de seus seguidores e isso significa encorajar o crescimento dos povos que os seguem, sua expansão territorial e seu domínio sobre outros povos.

– E isso implica enfraquecer outros deuses.

– Exato. A ascensão desses deuses relegou deuses menores como Raan e os deuses tlavatlis, caris e lemurianos ao segundo plano, por exemplo.

– Logo os deuses são falíveis. – Sistu concluiu. – Podem ser derrotados, ao menos por outros deuses. Não são oniscientes, nem onipotentes.

– Certo. Conquistaram aquela famosa vitória por meio de Quargad e prevaleceram temporariamente sobre Raan. Creio mesmo que este, reconhecendo a derrota, ofereceu seus serviços para alimentar a discórdia entre os caris e apressar a queda de seu império para favorecer a ascensão dos senzares. Mas tudo indica que Raan os traiu e aliou-se a deuses caris. Voltou o feitiço contra o feiticeiro, jogou os nobres contra a dinastia Guar e provocou a destruição do império senzar de Tolan. Mais tarde, Varjá e seu círculo conseguiram provocar uma reviravolta ao induzirem os reis de Rutá a se unirem ao Império Atlante e criarem uma nova mitologia. Foi uma jogada de mestre, mas eu diria que, por muito tempo, perderam o controle dos acontecimentos.

– Mas e Raan? Se os deuses dependem dos humanos, porque ele os quer destruir?

– Não é bem assim. Apesar dos mitos, Raan não age como se quisesse a extinção da humanidade. Um mundo deserto o privaria de poder, como a todos os outros deuses. O que lhe convém é a divisão do mundo entre mil caudilhos militares em guerra permanente, como aconteceu na idade das trevas. Precisa de humanos que cultuem o caos, a guerra e a violência.

– Como em Agarta?

– Não. Os agartis aterrorizam seus súditos, mas não em nome de Raan e sim dos deuses de sua concepção de ordem. Nem toda brutalidade vem de Raan e nem toda o apraz. A ordem absoluta pode ser tão desumana quanto o extremo caos, ou mais ainda.

Sistu ponderou o que ouvia e Quin-ci esperou, com paciência.

– Será que Raan realmente representa um perigo tão grande? – Sistu perguntou, tentando levar adiante seu pensamento. – Não seria apenas um espantalho usado por outros deuses, ou por seus sacerdotes, para assustar os crentes?

Quin-ci balançou lentamente a cabeça.

– Já me perguntei sobre isso, mas hoje tenho motivos para pensar que não. Seus seguidores são mais numerosos do que se pensa, têm crescido muito e alguns são

poderosos. Esse culto atrai os candidatos a déspotas e os que se julgam acima do bem e do mal, junto com seus adutores. Sei que tua desafeta da Cidade Proibida, por exemplo, participa desse culto clandestino. A propósito, soube que o feiticeiro Tós-pás morreu esta manhã, mas também ouvi dizer que Quar-hó já está fora de perigo.

Sistu quase caiu da cadeira. De repente, lembrou-se de que não estavam ali só para discutir fascinantes teses eruditas. Tratavam de questões urgentes, de vida e morte, que diziam respeito a Tiakat e a ele mesmo, tanto quanto a muitos milhões de outras pessoas.

– Zissar! – exclamou – Ela então agiu a serviço desse culto!

– Não é bem assim que funciona. Quar-hó só serve a seus próprios objetivos. É mais fácil imaginar Raan, ou algum intermediário seu, a avisá-la do ressurgimento das espadas de Quargad e para o poder e prestígio que ela ganharia na nova ordem, ou desordem, se as tivesse em seu poder. Mais ainda se, graças a ela, o atual portador e paladino escolhido por Pasguá fosse cooptado, neutralizado ou eliminado. Claro que agora ela só deve ter em mente a terceira alternativa.

Sistu abanou a cabeça com ênfase.

– Não sou o paladino dos deuses. Até recentemente, nem me importava se existiam ou não. Mas as coisas que você diz faz sentido e, se estão certas, não sei se os deuses merecem ser servidos. De qualquer forma, já escolhi um caminho que, ao menos segundo Pasguá, não foi o desejado por eles.

Com a mudança do tom da conversa, Quin-ci se debruçou sobre a mesa como para sussurrar – ou para estudar de perto os novos matizes da expressão desafiadora de Sistu.

– Não será tão simples – insistiu. – Os deuses não costumam aceitar um “não” como resposta. Não conheço história alguma de herói escolhido pelos deuses que não tenha hesitado, resistido, fugido e esferneado antes de aceitar sua missão. Quargad, por exemplo, chegou a enterrar as espadas, mudar de nome e se disfarçar de mendigo para fugir da guerra e de Pasguá. O simples fato de teres recusado o alistamento regular não é problema. Há outros caminhos pelos quais um rapaz tão dotado poderia se tornar um grande comandante. Os deuses talvez até prefiram assim. Ao menos daria aos futuros poetas algo mais interessante para contar do que “os deuses o chamaram e ele, pressuroso, os atendeu”.

– Tenho muitas razões para minhas decisões, Kasmin-pu, racionais, sentimentais e morais. Em casos como esses, sei ser firme. Não se trata de pura teimosia, acredite.

Julgou ver um sorriso de compreensão em Quin-ci. Ou seria de ironia?

– Quem sabe, Sistu? Talvez outros escolhidos tenham insistido na recusa e os deuses os tenham deixado em paz para levar uma vida comum, ignorada dos épicos.

– Teriam tomado a decisão errada, Kasmin-pu? Os paladinos costumam ter um

fim violento ou miserável: veja Quargad, por exemplo.

– Segundo o *Épico*, ele decepcionou Karmó...

– E não teve razão? Ela exigiu-lhe que esmagasse os rivais e fizesse correr mais rios de sangue, quando já não havia mais nenhuma ameaça séria ao seu Império!

– Não posso deixar de concordar. Mas e se Quargad houvesse cruzado os braços e deixado seus rival vencerem?

– Ao menos não teria sido o responsável pela violência. Quem sabe? Talvez até os mortais comuns acabassem por descobrir que não precisam de heróis, nem de deuses.

– A humanidade estará madura o suficiente?

– Uma geração não propõe a si mesma questões que não possa resolver. Não foi o senhor mesmo quem escreveu isso?

Por essa, Quin-ci não esperava. Riu com vontade.

– *Apetá!* Sistu. És excelente como discípulo e como homem de ciência. Sabes identificar o nó de um problema, o que é quase tão bom quanto desatá-lo.

– Quase...

– Vejamos tuas opções. – Quin-ci começou a enumerá-las. – Uma, continuar a relutar. Duas, buscar Pasguá e pedir-lhe desculpas e orientação sobre como cumprir tua missão. Três, jogar tuas espadas no fundo do canal e ser um indivíduo como outros, a tentar proteger a ti mesmo e à tua amada das convulsões que possam vir. Quatro, aliar-te a Raan por meio de algum rival de Quar-hó, se tiveres suficiente cinismo, egoísmo e astúcia.

Um meio sorriso passou, irônico, pelo rosto do jovem.

– Não são esses meus pontos fortes, posso garantir. Mas as alternativas também não me agradam...

Quin-ci disse:

– Há mais outra a sugerir, apesar de não ser muito mais atraente.

– Qual?

– Conheces a Associação Humanista?

– Vim a conhecê-la aqui, dentro do Instituto Imperial. Assisti a algumas reuniões. Promove boas discussões, mas como poderia isso me ajudar?

– A Associação em si, muito pouco. Mas alguns de seus integrantes pertencem também a uma rede mais restrita e discreta conhecida como a Guilda dos Faroleiros.

– Faroleiros?

– É um código. Os faroleiros de verdade pertencem à Guilda dos Portuários, é claro. Estes Faroleiros se chamam assim porque pretendem iluminar a humanidade e assim transformar o mundo.

– Transformar, como? – perguntou Sistu.

– Tornar os seres humanos mais livres, mais solidários e mais iguais entre si pelos

meios que forem possíveis. – Quin-ci explicou. – Por enquanto, procura influenciar o governo imperial, vigiar os adeptos de Raan, reformar a educação e propagar discretamente suas ideias, inclusive nos meios populares. Quando tiver força suficiente, pretende promover a democracia, abolir a escravidão e instituir outras reformas sociais e políticas. Se te unires a ela, ao menos não desafiá-los os deuses sozinho. Estará ao lado de pessoas que pensam como tu. Junto com elas, talvez possas encontrar uma saída mais satisfatória para teu dilema. Talvez.

– Posso perguntar como o senhor se relaciona com essa Guilda?

– Sei que dás valor à honra. Prometes guardar segredo?

– Sim, prometo.

– Presido um círculo dos Faroleiros, aqui mesmo. E te convido a fazer parte dela.

Aceitas?

Sistu parou um momento para pensar. Era um bom momento para voltar a ser prudente.

– Com o quê, exatamente, eu me comprometeria?

– A princípio, com duas reuniões por quatorzena sem comentar nada a terceiros. Tomamos decisões por maioria ou, de preferência, por consenso, às quais terias de acatar se quiseses permanecer. Se discordares, podes nos deixar sob a promessa de jamais revelar nada. Se a quebrares, serás punido com os meios ao nosso alcance.

– Que meios?

– Não posso revelar.

– Quem mais participa desse círculo?

– Também só posso revelar isso se aceitares.

– Não posso aceitar sem consultar Tiakat. Eu não teria como não compartilhar esse segredo com ela.

– Compreendo. Nesse caso, também ela teria de participar. Se ela concordar conosco, será uma grande aliada. Voltaremos a falar depois que puderes consultá-la. Mas só a ela, presta atenção!

– Está bem, obrigado pela confiança, Kasmin-pu.

– Não há de quê, Sistu-pu. Espero que logo possamos contar contigo em nosso círculo.

Um misto de alívio e frustração passou pela mente de Sistu. Tanto podia ser um começo de solução quanto um problema a mais. Seria bom ter um pouco mais de tempo para observar e avaliar Quin-ci e seus colegas.

Capítulo 46 – Um contratempo

Quatro mil estádios ao norte de Atlântis, no fundo de um vale quase inacessível cercado de picos nevados, Odu Arpá ergueu o elmo da armadura para melhor admirar a valiosa aquisição. Parecia uma pirâmide cônica e dourada de vinte braças de largura e outro tanto de altura, mas era uma das maiores máquinas de voar jamais construídas, uma rukma agartiana, pousada sobre o chão forrado de urtigas e samambaias. A primeira a cair em mãos atlantes.

Há pouco mais de um ano, a nave agartiana sobrevoara áreas pouco patrulhadas de Nempté em missão de espionagem quando uma pane obrigou sua tripulação a aterrar no meio da selva, a dias de distância da povoação civilizada mais próxima. Rudlá o alertara e um dos mentôs conjurados com sua causa conseguiu encontrá-la e apoderar-se dela sem que o Casal Imperial chegasse a saber de sua existência. A maioria dos tripulantes se suicidou ao verem chegarem as tropas atlantes, mas um deles entregou-se e, com sua ajuda, os engenheiros do mentô conseguiram reparar a rukma e pô-la no ar.

Quando pusesse seu plano em marcha, a máquina voaria dali ao centro de Atlântis em apenas um sê, para desembarcar seus trezentos melhores homens-lobo, de uma só vez. Um golpe de punhal no coração da Cidade Proibida. Com aquela aeronave, poderia também repelir qualquer ataque aéreo que as forças legalistas pudessem tentar. Poucas aeronaves em Atlântida estariam à altura de enfrentar aquela máquina robusta, dotada de mísseis, raios térmicos, raios repulsores e emissores de cortinas de fumaça.

Se o improvável acontecesse e fosse preciso recuar para Nempté, a rukma seria também um excelente veículo de fuga, mais poderoso do que qualquer coisa que pudesse alcançá-lo e mais rápido do que qualquer veículo que pudesse ameaçá-lo. A luta seria mais longa e penosa, mas ainda teria como vencê-la. Estaria a vinte e quatro mil estádios dali, em território amigo, cercado de mentôs fiéis, em meros seis sês, metade de um dia. Nem a magia do teletransporte de sua armadura poderia levá-lo com mais rapidez, pois só podia ser invocada uma vez a cada doze sês e seu alcance não passava de cinco mil estádios.

Por mais que desprezasse o povo que a construía, Odu Arpá não pôde deixar de admirar aquela obra-prima de magia e engenharia. Os agartis eram uma massa de triste e mecânica obediência sobre pernas compridas, provincianos de mau gosto que idolatravam estupidamente a própria raça e suas medíocres criações intelectuais, mas tinha que admitir que sabiam fazer máquinas. Uma vez que estivesse no poder, não devia subestimá-los, nem perder tempo em submetê-los. Eles e seus deuses

podiam ser toscos, mas eram perigosos.

A bruma fria começava a descer pelas encostas, sobre as quais cresciam araucárias esparsas. O Sol já se escondia por trás da montanha, confirmando que haviam se passado doze sês desde o último salto. Hora de despedir-se.

Cumprimentou o engenheiro-chefe pelo ótimo serviço e também o seu fiel Pastal, ao qual confiara o comando do corpo especial de homens-lobos que embarcaria na rukma e ao qual caberia a tomada do Palácio Imperial. Aslá chefiaria outro grupo, encarregado da caça aos prováveis legalistas na Cidade Proibida. Considerava-os seus melhores guerreiros e estava certo de que fariam o impossível para honrar suas insígnias. Seriam os primeiros soans na história de Atlântida a ocupar o posto de jintô e pretendia fazê-los mentôs, assim que estivesse firme no poder. Seria uma boa maneira de lembrar a seus vassalos humanos que o berço não garantiria as boas graças do novo regime.

Odu Arpá sussurrou um encantamento enquanto sua tropa se despedia com uma saudação militar e saltou. Num piscar de olhos estava de volta ao quarto de hóspedes do palacete de Vazós-hó. Sentou-se ao trono, puxou uma corda para fazer soar uma campainha e um homem-lobo imediatamente apareceu à porta. Mandou-o convocar Vazós-hó à sua presença, precisava saber do andamento das tarefas a ela confiadas nas três quatorzenas em que viajara pelo Império, inspecionando os preparativos para a conquista do poder supremo.

Mal retirara o elmo quando a mulher chegou e se prostrou aos pés do trono, enquanto dois escravos fechavam a porta. Ele falou-lhe com suavidade.

– Ergue-te, Rutpal-rar. Conta-me tudo.

Quando ela ergueu a cabeça, Arpá não conteve uma careta de asco. O rosto dela, antes tão atraente, estava emaciado, vermelho e escavado por marcas de bexigas mal cicatrizadas. Surpreso, interrompeu-a, sem prestar atenção no relatório que ela, trêmula, começava a balbuciar.

– O que aconteceu? Quem te fez isso? – Odu Arpá enfureceu-se.

– Amo, falhei. Seduzi o Zi-quan, como me ordenaste, mas o encanto falhou quando já o julgava cativo... – Ela cambaleou, quase a perder os sentidos.

– Põe-te de joelhos, escrava, se não consegues te manter de pé!

Ela obedeceu, com uma expressão de vergonha inenarrável. Ele prosseguiu:

– Ele estava com as espadas? Eu a avisei que elas devem ter poderes semelhantes à minha armadura!

– Não, amo, segui o planejado, encantei-o quando ele não as tinha à mão. Estava nu quando o encontrei e vestiu apenas roupas normais, sob meus olhos e meu controle. Sequer tinha um amuleto. Não sei como se libertou, confesso. Mais um pouco e estaria aprisionado aqui, então esta escrava trataria de buscar as espadas para o amo...

– Trataste então de eliminá-lo, presumo – interrompeu.

– No dia seguinte, eu e Tós-pás preparamos o malefício da carne ardente e o lançamos sobre o Zi-quan, com ajuda de uma mecha de cabelo que eu lhe cortara, mas o feitiço retornou. Os demais bruxos do amo nos trataram, mas ardi em febre e delírio por uma quatorzena e só anteontem pude sair do leito. Tós-pás não reagiu ao tratamento...

– Com certeza o Zi-quan tinha as espadas nesse momento – refletiu.

Isso não era bom. O adversário tinha boas defesas e certamente se prevenira contra novos feitiços. Por outro lado, se houvesse conquistado partidários importantes, Rudlá o teria prevenido, pois ele seus agentes vigiavam a aristocracia, a alta administração e os comandantes militares. Mesmo assim, convinha acelerar seus planos. Enquanto isso...

– Rutpal-rar, como é esse Zi-quan?

– Fiquei surpresa ao vê-lo, pois é muito semelhante ao amo. A mesma altura, a mesma estrutura corporal, o mesmo rosto de nariz reto. Na figura corpórea, a única disparidade é a barba e o cabelo crescidos, a juba dos Zi. Mas sua aura é dourada e seu jeito de se mover e andar é menos marcial... mais felino, diria esta escrava. O olhar também é muito diferente, meigo e curioso. O que pude captar de seus pensamentos e sentimentos eram estranhos, sutis e delicados, impróprios a um guerreiro. É como se tivesse acostumado a reprimir a agressividade e submeter-se para agradar os outros.

Arpá refletiu por momentos sobre as informações e decidiu:

– Escrava, não tentes mais feitiços contra ele. Usa agentes humanos. Se ele continua com apenas uns poucos aliados sem importância, não pode proteger-se de tudo. Procura obter suas espadas, se possível, mas a prioridade é eliminá-lo.

A mulher chorou em silêncio, de alívio e gratidão. Ainda era útil.

– Sim, amo. Posso servir-te em algo mais?

– Sim. Não quero perder Tós-pás, é um grande bruxo. Se não for possível salvá-lo a vida, quero usá-lo como morto-vivo, como vampiro. Toma as providências necessárias.

Ela empalideceu.

– Será preciso domar um demônio, cativá-lo e escravizá-lo ao espírito de Tós-pás.

– Sim. Cuidarás disso pessoalmente. É a punição justa por teu fracasso. Se tiveres sucesso, estarás perdoada.

Ela curvou-se até bater a testa no chão e se retirou cambaleando, sem ver o sorriso irônico do amo. Nesse momento, Odu Arpá refletia como o próprio caráter da ajudante-de-ordens lhe impunha tratá-la com tanta dureza. Deixasse passar tamanha falha em brancas nuvens e ela deixaria de lhe ter medo, respeito e amor, sentimentos nela inseparáveis.

Não lamentava essa peculiaridade, pois a oportunidade de conseguir um servidor vampiro era boa demais para ser desperdiçada. Ela passaria um mau pedaço, mas o amo estava quase certo de que ela era competente o bastante para sobreviver.

Bem, mais cedo ou mais tarde, era de se esperar um contratempo. Até então, tudo tinha sido fácil demais, um desafio para mantê-lo alerta vinha no momento certo.

Mesmo assim, era uma pena. Planejara comemorar o sucesso da viagem juntando todas as suas joias numa orgia memorável. Esperava que um dia ela conseguisse recuperar sua beleza antes tão provocante, mas naquela noite teria de arranjar-se com as outras sete.

Capítulo 47 – As sombras do Hades

– O que você sabe do Hades, Dayphong-xin? – Perguntou a barda.

– Já falei com muitos de seus habitantes.

– É nisso mesmo que as pessoas se tornam, quando morrem?

Tiakat não era necromante e o Hades não era seu elemento, mas também nunca o vira como um desafio temível. Desde menina, via e falava com fantasmas, sem medo ou angústia. Mas entendia a ansiedade de Tjurmyen ao chegar o momento de enfrentá-lo. Apesar de isso ser incontornável para quem pretendesse merecer o nome de xamã.

– Não tenho certeza. Pensei assim por muito tempo, mas hoje não tenho certeza. Kopinani tem a mesma dúvida. Talvez sejam máscaras mortuárias, moldes do espírito tal como era no momento da morte, que conservam lembranças, conhecimentos e paixões dos mortos, mas não são eles.

– Por que você pensa assim?

– Os fantasmas não me parecem pessoas completas – explicou. – Não mudam. Continuam a pensar e querer as mesmas coisas, depois de mil anos. Por mais sábios e inteligentes que tenham sido os vivos, seus fantasmas dificilmente criam ou retêm ideias novas.

– Que acontece, então, com a gente?

A tlavatli encolheu os ombros.

– Sei lá. Segundo os monges ralcianos, as almas reencarnam em seres deste ou de outro mundo, superiores ou inferiores, a depender dos méritos acumulados nas vidas passadas. Já vi um místico dizer que a alma se dissolve no seio de Muxan. Já Mistonti acha que elas morrem junto com o corpo e fim. Olhe, eu já estive muitas vezes do outro lado e vi muitas coisas, mas não posso dizer que saiba mais sobre isso do que qualquer um. O que você pensa, Sissã-xin?

– Meu povo trata os fantasmas como amigos e ancestrais. – Tjurmyen contou. – Costumamos homenageá-los e dedicar-lhes oratórios em nossas casas. Aprendi a pensar neles dessa forma, não sei se mudarei de ideia ao vê-los de perto.

O Hades era um mundo monocromático – fantasmas esbranquiçados a flutuar entre uma terra de cinza e um opressivo céu de chumbo. Um mundo gélido, inodoro e incolor. O vermelho e negro do Tártaro era mais assustador, mas não tão deprimente.

Como mariposas esvoaçando em torno de um lampião, fantasmas incontáveis convergiram sobre as recém-chegadas. Muitos não resistiam à oportunidade de voltar a contemplar a cor e o calor da vida, outros, ressentidos, sussuravam sua

inveja dos vivos.

– Estamos à sua espera...

– Vão morrer... Antes do que pensam...

– Viver é uma farsa, uma piada de mau gosto dos deuses... Só a morte é real...

– Estar vivo é perda de tempo... É adiar o inevitável...

– Acabarão como nós, não se iludam... Todos se arrependem de ter nascido...

Tiakat não os julgava mais incômodos do que pernilongos, mas receava por Tjurmyen, cuja angústia era visível. Será que tais resmungos idiotas a afetavam? Sabia que armas de nada serviriam contra tais espectros, mas era possível repeli-las com o cântico da vida. Julgava-se capaz disso, mas esperava a iniciativa da companheira, que era excepcional com magias desse tipo e ganharia em autoconfiança se dominasse sozinha a situação.

Tjurmyen lembrou-se do que fazer. Fechou os olhos e entoou uma canção viva e alegre em mugal, insuportável para as aparições hostis, mas atraente para as amigáveis.

Satisfeita, Tiakat foi procurar seus amigos no além. Distraiu-se a rever antigas amizades e a fazer novos contatos com o mundo dos mortos. Alegrou-se ao descobrir Ubar e Ninsunu, os pais de Beletsunu e Ahatsunu, que haviam morrido há pouco mais de dois anos.

– Ubar! Vocês continuam juntos!

– Pois é, Tiakat. Agora só temos mesmo um ao outro, mas ao menos ninguém pode mais nos separar.

– Sinto tanta falta de abraçar e cheirar Ubar... – suspirou Ninsunu,

– Mas podemos ter prazer, entrando um no outro ou nos atravessando...

– É uma sensação engraçada, excitante, mas de um jeito diferente.

Um nó na garganta engasgou Tiakat.

– Tomara que quando chegar minha vez, eu saiba amar até no Hades, como vocês...

– É só morrer apaixonada, como ele e eu. Há outros como nós. Alguns estão juntos há milhares de anos. Dizem eles que o amor na morte é o único que nunca acaba.

– O que aconteceu com vocês, exatamente?

– Era um fim de tarde. – Recordou Ninsunu. – Estava eu remando com Ubar, de volta da feira em Tosá, quando um crocodilo enorme apareceu de repente, me abocanhou o braço e me puxou para a água. Ele mergulhou para me ajudar, mas eu já estava muito ferida e inconsciente.

– Tentei esfaquear o crocodilo e fui atacado – narrou Ubar –, com uma mordida na barriga que deve ter me cortado em dois. Aí também perdi a consciência e nos vimos aqui.

– Fiquei tão triste quando me contaram... – disse Tiakat.

– Seria bom ter vivido mais. Mas não é tão ruim...

Nisso, Tiakat ouviu um grito de angústia já conhecido. Pediu licença. Algo acontecera.

Ao ver tantos espectros furiosos, de pessoas com as quais convivera na infância, a se aglomerar à sua volta, Tjurmyen prostrara-se a implorar perdão por estar viva.

– Traidora! Ah, quando for a vez dessa desgraçada! Quero ver a fujona sofrer como nós! – gritaram vários espectros, ao mesmo tempo.

– Perdoem esta pobre compatriota!

– Obrigaram os humildes a lutar e os abandonaram!

– Esta mugal era só uma criança...

– Quer saber como o pacífico camponês que toma a palavra foi torturado?

– Não, por favor!

– O infeliz que aqui se indigna foi amarrado em um poste, cortado pedaço por pedaço, uma orelha primeiro, depois o nariz, depois a outra orelha... Deixaram este desventurado sangrar, depois cortaram a língua, o pênis...

– Não! Que o mártir não conte mais! – Tjurmyen implorou.

– E a mãe de oito crianças que aqui fala foi pendurada sobre bambus pontudos até eles crescerem e furarem o pobre corpo que esteve ligado a esta alma...

– Perdoe a...

– O jovem que aqui chegou antes do tempo foi costurado a uma pele de novilho podre. Os urubus o comeram vivo, a começar pelos olhos, aos pedaços!

– Pelo amor de Koynim! Esta criança não pôde fazer nada!

– Esta mãe estava lá! No maldito barco! Antes de se afogar, ainda teve de ver o bebê morrer de fome e essa mimada e outros malditos o comerem aos pedaços, como qualquer bicho morto! Animais!

Isso fez Tjurmyen gritar, desesperada. Afogada em culpa, Tjurmyen estava transtornada demais para pensar e reagir. Viu Tiakat preparar-se para cantar algo capaz de expulsar os espectros, quando outros fantasmas atacaram seus algozes.

– Deixem a nobre filha em paz!

– Sumam, idiotas!

– Vermes! Covardes! Quem mandou os estúpidos se entregarem?

Ao ouvir vozes familiares, Tjurmyen ergueu a cabeça e os reconheceu. Os Maav, em peso, chegavam para socorrê-la. Os outros fantasmas, amedrontados, debandaram, enquanto Tiakat suspirava de alívio.

– Vovô? Vó? Mãe? Pai? Manos? São mesmo a família da sobrevivente?

De lágrimas nos olhos, tentou acariciá-los e abraçá-los. Naturalmente, era impossível, mas a leve sensação de arrepio ao tocar suas aparições bastou para consolá-la.

- A neta que ficou! Que saudades!
- Vovô! – gritou. – Senti tanta falta!
- Querida! Fazes o velho avô tão feliz!

Ela então se chegou, receosa, ao fantasma de Moglaen.

- Mãe? Minha família também foi torturada?
- Não, filha. A mãe de Tjurmyen foi atravessada por uma lança. Morreu com os filhos, lutando com os agartis. A irmã de Tjurmyen meteu uma adaga no peito, quando se viu cercada. A família Maav não tentou implorar piedade, como aqueles tolos.

- Uma morte menos cruel, então... – balbuciou.
- Sim, filha. E ouça, toda a família tem muito orgulho de você.
- Orgulho? Que fez a pobre barda?
- É a única a prosseguir a luta!
- Que luta? A trovadora só faz cantar e contar histórias...
- Pois então? Não deixou que o povo de Zjoey e sua luta caíssem no esquecimento. Não desanime, nunca! Ainda conquistaremos a vitória.

O avô interveio, melancólico.

- Dentre os miseráveis que acossaram Tjurmyen, o velho ilusionista só se compadece da coitada do barco. Já lhe disse para não culpar a criança, foi o avô quem a obrigou. Mas não há jeito. Morreu com essa ideia fixa, cheia de ódio.

- Será que há algo a fazer por ela? – perguntou Tjurmyen.
- Encontrar-lhe o filho, talvez. Mas é muito difícil. Era pequeno demais para procurar a mãe e há bilhões e bilhões de fantasmas de bebês solitários espalhados por toda a parte. Há anos ela o busca, mas é como procurar uma agulha num palheiro.

Nesse momento, Tjurmyen chamou Tiakat e apresentou-a à família como sua amiga. Explicou-lhe, em senzar, o que se passara.

- Siss... Tjurmyen, talvez eu possa ajudar. – disse Tiakat.
- Como?
- Conheço uma magia para localizar uma pessoa, ou seu espectro, a partir de alguém que teve contato íntimo e intenso com ela, como a mãe ou um amante. Se você absorveu uma parte do corpo dessa criança, algo dela está em você. Talvez possa usar isso.
- Mas este nem é meu corpo verdadeiro...
- Não faz mal. É a aura, não o corpo, o que importa. Vem cá, me dê as mãos e tente lembrar-se dessa criança.

Não era preciso esforço. A lembrança daquela criança morta, depois cortada em pedaços, era dolorosa e aflitiva, violenta e inapagável. Tiakat a recebeu com um calafrio e imediatamente teve uma visão. Estava longe, mas em uma direção bem

precisa. Como ali era possível voar, fechou os olhos e deixou-se conduzir, flutuando, pela intuição. Bayguar e Tjurmyen a seguiram por um mar cinéreo a uma ilha de areia e lama cinzenta, na qual milhares de fantasminhas brincavam, sem se impressionar com a melancolia do ambiente.

Tiakat sentiu estar junto a algo em consonância com sua intuição. Abriu os olhos. Viu um bebezinho magro, de olhos puxados, a contemplá-la, curioso. Ofereceu-lhe colo e ele aceitou. Era leve e quase tão intangível como ar, mas de alguma forma se agarrava em seu pescoço. Mostrou-o a Tjurmyen.

– É este?

– Não tenho certeza... – Tjurmyen murmurou. – Mas sim, pode ser.

– Leve-o, Sissã-xin, vamos levá-lo à mãe para ver se o reconhece.

A pobre fantasma duvidou do que via. A odiada Tjurmyen se aproximava para lhe devolver o filho, que imediatamente a reconheceu e estendeu bracinhos transparentes.

– Mã... Mã...

A mulher jogou-se no chão e pediu trêmulas desculpas a Tjurmyen, enquanto o bebê a chamava. Por fim, o pegou e se disse grata por toda a eternidade.

Tjurmyen despediu-se da família com profundas reverências, prometeu voltar a visitá-los e foi-se de volta ao mundo corpóreo. Tiakat preparou-se para segui-la quando Moglaen se aproximou.

– Tiakat, só um momento. Deixe esta mãe agradecer à hábil xamã.

– Não foi nada. Essa magia é quase rotina.

– Não só por isso. Sabes, o querido sogro percebeu o que se passa entre a xamã e a neta.

– E?...

– O respeitável sogro não gostou. Morreu frustrado por Tjaokun não ter concebido um filho dele para continuar a linhagem dos Maav. Queria de Tjurmyen ao menos um bisneto.

– Sinto por ele, mas...

– A mãe da barda pede à xamã que não se preocupe com o velho sogro. Por amor da neta, precisa aceitar. O mais importante é que o coração da filha de Moglaen esteja em boas mãos. Por favor, cuide bem da última dos Maav.

Ao receber o beijo fantasmagórico, Tiakat sorriu.

– Não precisa pedir, faço isso de coração, com todo o prazer. Mas é muito bom saber que a senhora aprova.

À noite, nos braços de Tiakat, Tjurmyen pediu para falar-lhe com franqueza.

– Dayphong-xin, minha mãe foi sincera quando disse que eu continuo a luta deles? Ou foi para me consolar?

– Claro que foi sincera, Sissã-xin! Chorei pelas violências que seu povo sofreu e

se algum dia puder ajudar a vingá-las, eu o farei. Muita gente poderosa e influente a quem você e seu avô contaram a verdade sobre seu povo e Agarta também devem se sentir assim. Ninguém contribui mais que você para que se faça justiça a seus mortos. Ter morrido ao lado deles não os ajudaria em nada!

– Gostei de ouvir isso. Mas me entristeceu saber que decepcionei meu avô.

– Ele te ama. Não gostaria de ver você se violentar em nome de um desejo dele.

– Não é um desejo qualquer... – Tjurmyen principiou a dizer.

– Mesmo assim, Sissã. Se algum dia isso também for um desejo seu, então o siga. Mas não se force, não sobre uma coisa tão íntima e importante. Isso não seria bom para ninguém, nem para seu avô. Eles lutaram para ver você livre.

– Não só eu, todos. Há tanta gente escrava...

– É horrível isso que acontece em Agarta.

– Não só em Agarta, aqui também – disse Tjurmyen.

– Como assim? Tá, aqui também existem servos e escravos, eu sei. Mas não é tão terrível quanto as coisas que você me conta. São bem tratados.

– Nem todos, Dayphong, nem todos... É triste dizer isso de um país que me acolheu e me tratou bem, mas é verdade.

– Nunca ouvi falar de violências como essas, aqui! – Tiakat protestou.

– Não deve haver coisas assim em sua terra, em Raltlor. Mas aqui há, Dayphongxin. Em Atlântis, você é recém-chegada, não conheceu o lado oculto, perverso, desta cidade. Mas eu cresci nela e soube de muitas coisas.

– Que coisas?

– Você nunca ouviu das não-pessoas, dos *varciós*? – Tjurmyen perguntou. – São vistos como gado em forma humana. Podem ser mortos ou mutilados dentro da lei. Muitos são vendidos para casas de espetáculos que os torturam e matam no palco para o gozo de um público de pervertidos, que participa com entusiasmo. Pelo que me contaram, não é muito diferente das execuções em Agarta. Exceto que os agartis não costumam beber vinhos caros, usar drogas, se masturbar ou fazer sexo enquanto as apreciam.

Tiakat ficou muda. Não soube o que dizer. Tjurmyen continuou.

– Ninguém anuncia essas coisas, nem é de bom-tom mencioná-las em público, mas existem. São semiclandestinas, mas legais, se feitas em recinto fechado – de outra forma, seriam punidas como ofensa à sensibilidade popular. Assim como maltratar animais na rua.

– Quem vai ver isso?

– Gente muito rica. Inclusive, receio, muitos dos que assistem a meus espetáculos. Desde que soube disso, evito falar sobre as torturas agartis, a não ser para aqueles em quem tenho absoluta confiança. Tenho nojo só de pensar que possam estar se excitando com o sofrimento do meu povo e não quero dar ideias a

essa gente.

Nessa noite, Tjurmyen dormiu em paz, mas Tiakat mal conseguiu conciliar o sono.

Capítulo 48 – O duelo

Ao voltar para o quarto, Sistu percebeu que fora revirado. Livros e cadernos estavam jogados e abertos, potes haviam sido esvaziados e tábuas haviam sido arrancadas do chão e do teto, como se houvessem procurado algo escondido. Viu, com alívio, que seus queridos cacos de cerâmica não haviam sumido. Nem, o que era mais espantoso, o pomo de ouro de Beletsunu. A caixa fora sacada do esconderijo, mas não tentaram forçá-la. As magras economias também haviam sido remexidas, mas nada faltava.

Imediatamente, Sistu avisou Quin-ci, que chamou a milícia. Os guardas vieram acompanhados de um clarividente, mas este nada soube dizer, exceto que as marcas psíquicas do intruso haviam sido apagadas por algum feitiço. O diretor exigiu do saptô que tomasse nota de suas queixas de danos à propriedade do Instituto Imperial e invasão de domicílio, mas como não houvera roubo, não tinha como insistir em mais investigações. Pôde, porém, tirar algumas conclusões por si próprio.

– Vê, Sistu-pu, quem fez isso não era qualquer um. – disse Quin-ci. – Sabia apagar marcas psíquicas e localizar metais escondidos. Os professores estavam em aula, nenhum estudante faltou e ninguém com tais habilidades perderia tempo a trabalhar aqui como faxineiro, jardineiro ou escrevão. Talvez saiba camuflar-se ou ficar invisível, já que nenhum estranho foi notado. Ou abriu e fechou a tranca por telecinese, ou entrou pela janela, depois de escalar cinco braças de azulejos lisos em plena luz do dia ou, quem sabe, levitar.

– Talvez tenha só descido do pátio com uma corda.

O professor deu uma risada.

– Tens razão, às vezes nossa imaginação deixa de lado a hipótese mais simples. Mas tenho certeza de que não foi um ladrão comum.

– Terá sido Quar-hó?

– Mesmo que tivesse tais habilidades, não consigo imaginá-la a correr esse risco pessoalmente. Contrataria um espião.

– Nesse caso, ele não levaria o pomo de ouro? – Sistu perguntou.

– Se era um bom profissional, bem informado e bem pago, saberia que tua companheira talvez tivesse como localizá-lo. Não valeria o risco.

Fazia sentido. Talvez.

– Terá ela ou ele como descobrir onde as espadas realmente estão?

– Tanto quanto sei, só se sondar tua mente, a minha, a de Tiakat ou a da dona da casa, todas bem protegidas – disse Quin-ci. – Por falar nisso, podemos descartar que tenha sido da parte de Pasguá, que deve ter um vínculo muito forte com elas e

certamente saberia onde realmente estão.

– Também a contou como suspeita?

– Não descarto nada a priori. Não sei quais os planos dela, talvez julgasse ter direito às espadas. Mas, neste momento, preocupa-me mais tua segurança. O espião pode voltar como assassino.

– Tiakat-xin vem depois de amanhã, posso pedir-lhe para proteger o quarto.

– Talvez seja o melhor a fazer, vou mandar consertá-lo amanhã de manhã. Mas nestas duas noites, por via das dúvidas, dorme em algum outro lugar. Posso te oferecer meu quarto, pois pretendo passar a noite em casa, na Cidade Proibida.

Sistu deixou transparecer um sorriso travesso.

– Obrigado, mas já fui convidado a dormir em outro lugar.

Na manhã seguinte, dia oito do Calor, um dia de serpente, chegou uma notícia desagradável. Um desafio formal a um duelo até a morte ou rendição. Da parte de Zi Dutli Godar-nem, duelista profissional, em nome da honra de Quar-hó, insultada no restaurante Mirante de Varjá. Caso se rendesse com vida, Sistu se tornaria servo da dama afrontada. Quin-ci aconselhou Sistu a simplesmente ignorá-lo.

– Sei como o costume do duelo é forte no interior, Sistu-pu – disse. – Mas aqui é uma tradição decadente. Para muitos de nós, incluindo a mim e a maioria dos meus amigos, não é desonra recusar. Principalmente se o desafiante é um mercenário e o motivo é fútil. Farias melhor se ajudasses a relegar ao passado esse costume estúpido.

Mas Sistu não ficou convencido. Precisava de mais informação para se decidir.

– Quantos desses duelistas profissionais existem por aqui?

– Algumas centenas.

– Godar-nem é o melhor?

– É o mais caro, pelo menos. Talvez haja outros três ou quatro à sua altura.

– Me desculpe não seguir seu conselho, mestre, mas não acredito que ajude a desmoralizar uma tradição só por ignorá-la. Para isso, teria que ser muito mais famoso e prestigiado do que sou. Mas posso desmoralizar um pouco a classe dos mercenários ao vencê-lo.

– Estás assim tão certo de poder derrotá-lo? Nunca o viste lutar! Não o subestimes, é muito temido e cheio de truques. Foi campeão de esgrima da capital por várias vezes e todos já o viram matar dezenas de espadachins, alguns muito hábeis. Eu mesmo já tive de ver isso de perto, quando fui chamado a ser padrinho de um infeliz duelista.

– Ué, mas isso é bom. Godar nunca me viu lutar a sério, nem ninguém desta cidade. Tenho como conhecer o inimigo e me conheço muito bem. É meio caminho para a vitória. Só me falta fazê-lo esquecer do que sabe sobre ele mesmo...

Como parte desafiada, Sistu imediatamente marcou momento e lugar: o próprio

ginásio do Instituto, ao início da terceira sê da tarde. Foi o primeiro golpe no desafiante, que não esperava tanta pressa.

Houve muita curiosidade e comoção no Instituto. Na maioria, os colegas haviam acreditado em alguma variante da versão oficial do incidente com Quar-hó e ficaram surpresos com o novo relato. Mesmo os que diziam desdenhar o duelo como um costume provinciano e bárbaro ficaram tão excitados que os mestres desistiram de disputar-lhes a atenção e cancelaram a última aula para todos poderem assistir ao embate.

Quando Sistu chegou, vestido só com a tradicional tanga de esgrima, um círculo de dez braças de diâmetro já demarcava o duelo. Sair dele equivalia a render-se. Sistu agradeceu com um aceno a aclamação dos amigos e escarrapachou-se, relaxado, em um banco no canto da quadra.

Um pouco depois, chegou um solene e impassível Godar-nem, coberto com um manto vermelho brilhante, bordado de ouro e cravejado de joias. Seu séquito de servos e aduladores o ovacionou o quanto pôde, para compensar a fraca recepção da plateia. De repente, dedos apontaram com discrição para uma mulher magra e de aspecto doentio, coberta por um manto de veludo vermelho-escuro. Quar-hó não se recuperara inteiramente da própria maldição e sua aparência agora mais atemorizava do que evocava suspiros.

Godar olhou feio para Sistu, que não fez menção de lhe prestar a tradicional mesura devida a um Zi de estatuto superior. Apenas levantou-se e fez um leve aceno de cabeça, a olhar o adversário de cima – era meia cabeça mais alto. Godar-nem protestou, alto, para todos ouvirem.

– *Quanciós* insolente, como ousas não reverenciar um superior? Queres acrescentar um insulto à minha pessoa ao agravo já feito à minha dama?

– Godar-nem, esta não é uma reunião social. – Sistu disse. – Agora somos esgrimistas e neste campo somos iguais. Você já foi o campeão de Atlântis, mas sou o campeão de Rasab, onde costumamos dizer que, em combate, mais vale a estatura que o estatuto.

A gargalhada continuada da multidão frustrou a tentativa do adversário de lembrar-se de alguma piada apropriada sobre caipiras que lhe servisse de réplica. Irritado, apresentou seu curandeiro e mandou seu padrinho, um vigoroso senzar do clã Zi, apresentar suas armas, um par de espadas *quantal* de luxo, com punhos ricamente trabalhados. De acordo com o costume, cada adversário trazia um par de armas e o sorteio determinaria qual dos pares seria usado. Sistu pediu a uma moça para mostrar um par simples e antigo, duas peças emprestadas da coleção do museu a pedido de Quin-ci. Godar-nem se deixou exasperar outra vez.

– O que é isso? Onde está teu padrinho e seu curandeiro? Como ousas apresentar essas velharias?

– Awesa-zor é minha madrinha. Não vou precisar de curandeiro.

Duplo insulto. A principal função do padrinho era vingar o duelista caso o adversário burlasse as regras. A miuda e roliça Awesa, rata de biblioteca cujo desinteresse por artes marciais era evidente, seria a pessoa menos capacitada para tentar tal coisa em todo o ginásio, com exceção, talvez, das mestras mais idosas. Não podia haver expressão mais clara de pouco-caso por Godar-nem. Sistu esperou a plateia parar de rir para continuar, consciente de que agora comandava o espetáculo.

– Quanto às velharias, são as *quantal* usadas há 253 anos no duelo entre o paladino do rei Shudurul e o grande termentô do 44º Atlás, Zi-vá, que decidiu a vassalagem à Atlântida do último imperador cari independente. É uma pena um esgrimista conhecer tão pouco de armas e de história que não possa apreciar a honra de empunhá-las.

A plateia de estudantes e historiadores veio abaixo.

Seguindo o ritual, os padrinhos jogaram *uã*, o jogo dos cinco gestos: enxada (polegar e indicador estendidos), planta (mão estendida), fogo (dedos esparramados), água (mão em cilindro, lembrando um copo) e terra (punho fechado). Enxada corta planta e cava a terra; planta cobre a terra e chupa água; terra absorve a água e apaga o fogo; água enferruja a enxada e apaga o fogo; fogo queima a planta e derrete a enxada.

Awesa escolheu água, seu adversário o fogo. Seriam usadas as armas do Instituto.

Godar-nem escolheu a que tinha aparência ligeiramente melhor. Sistu tomou a outra, um pouco mordida, e a ergueu para a aclamação do público, que a reconheceu como a do vitorioso Zi-vá. O duelo nem começara, mas a guerra psicológica já tinha vencedor.

Godar despiu o manto, com um gesto que costumava impressionar ao revelar o corpo musculoso e flexível, coberto de cicatrizes de batalha. Frente a Sistu, porém, parecia quase franzino – além de tremer de raiva de uma forma a inspirar mais riso do que respeito.

Dado o sinal, Godar desembainhou a *quantal* num piscar de olhos e saltou sobre Sistu com uma fúria que teria aterrorizado um adversário menos frio e um brado que teria paralisado qualquer um que não o esperasse com uma defesa adequada. Sucedeu-se uma luta tão rápida e raivosa que a plateia mal percebia o que se passava. Só viam Sistu saltar em torno de um ciclone de fogo e oricalco, tentando não ultrapassar o limite da arena.

Como lhe haviam sugerido as descrições de Quin-ci e de colegas fãs de esgrima, Godar-nem era muito poderoso na agressiva escola Erakal, mas pouco ou nada sabia de autodomínio, precognição, cálculo e equilíbrio, sutilezas típicas da escola Shapash, na qual fora treinado. Desperdiçava magia com golpes tremendamente

rápidos e poderosos, mas mal pensados. Ao serem previstos e evitados ou desviados com arte, o desequilibravam e por duas vezes permitiram a Sistu feri-lo de leve, alucinando-o ainda mais e levando-o a desperdiçar axé com raios e bolas de fogo disparados a esmo. Para Sistu, tanto fazia: concentrava seu limitado poder em precognição defensiva, a contar com o esgotamento da magia de Godar-nem. Um mestre de zenjogue contra uma fera em frenesi.

Logo chegou o momento dos nervos e músculos mais jovens assumirem o risco calculado de aproximar-se do adversário, cujo poder mágico estava temporariamente esgotado. Sem o véu de uma velocidade sobrenatural, a luta tornou-se mais compreensível aos observadores e os amigos de Sistu seguraram a respiração, à espera. De repente, veio o golpe mortal, tão rápido que mal foi percebido.

O passo longo e rápido de Sistu, familiar aos esgrimistas do clã Zi, induziu o adversário a saltar para o lado e aproveitar a oportunidade de ripostar contra seu flanco desprotegido, ainda que a posição não lhe permitisse um golpe decisivo. Sistu esperava receber um corte doloroso, mas superficial. Sabia o que fazia. Girou a espada em um ângulo incomum e deu uma estocada rápida como um relâmpago. Não era um golpe tradicional do estilo Zi, mas o bote secreto do clã Ralfu, aprendido há anos em uma discretíssima troca de favores com o amigo Benó Tanis. Godar-nem caiu, agarrando a garganta cortada, que sangrava abundantemente. A plateia levantou-se toda ao mesmo tempo, aos urros.

O curandeiro adiantou-se para tentar ajudá-lo, mas precisava da permissão de Sistu.

– Perdoo Godar-nem se prometer jamais voltar a duelar. E Quar-hó, se jurar deixar em paz a mim e meus amigos.

Quar-hó virou as costas e retirou-se com seus servos, sem responder. O curandeiro abanou a cabeça.

– Não, Temtés-quan, ele entende e não aceita. É uma questão de honra.

Não era a vitória que Sistu planejava e desejava. No fundo, era uma derrota. Queria golpear um costume estúpido e pôr um ponto final numa vendeta absurda, mas cometera o pior dos erros de estratégia: subestimar os inimigos. Tanto a tradição quanto o ódio de Quar-hó, percebeu tarde demais, eram poderosos demais para serem derrotados com tanta facilidade. Arrependeu-se de não ter simplesmente recusado o desafio, quando a escolha estivera ao seu alcance. Estava conseguindo apenas encerrar uma vida humana, coisa que sempre desejara poder evitar até o fim de sua própria existência, por mais que o clã e os próprios deuses quisessem empurrá-lo para uma carreira militar.

Godar-nem morreu, afogado no próprio sangue. Quando o coração parou de bater e o curandeiro o declarou morto, Sistu saiu carrancudo para a enfermaria, por uma porta lateral, sob os aplausos da multidão. Quin-ci o seguiu.

O enfermeiro do ginásio limpou o corte de Sistu. Disse que não era sério, mas deixaria cicatriz. Aplicou um penso e saiu para juntar-se aos amigos e comentar o duelo. O mestre achou necessário animar o vencedor. Sentou-se ao seu lado.

– Foi uma bela vitória – disse.

– Bela nada. – Sistu retrucou, enraivecido. – Um truque esperto e só. Um combate esportivo pode ser belo, mas isso foi carnificina.

– Godar-nem mereceu. Era um assassino de aluguel...

– E fui seu carrasco. Não é muito mais digno, é?

– Esperava nunca ter de matar ninguém? – Quin-ci perguntou.

– Sim. O senhor, não?

– Se cheguei a pensar assim, já não me recordo... – o mestre respondeu. – De qualquer forma, tive de matar para não morrer, quatro vezes. Da primeira vez, fiquei abalado, mas era ele ou eu. Foi menos elegante. Ele era um *lem*, um gigante três ou quatro cabeças mais alto que eu. Mesmo assim, ele era um primitivo e eu, um atlante bem armado.

– Foi uma guerra?

– Não, só uma expedição. Nem sempre somos recebidos de braços abertos.

– Ainda assim, foi defesa própria. No meu caso, foi quase homicídio premeditado.

– Foi mais como abater um lobo hidrófobo à unha, acredita. Salvaste muitas vidas além da tua, podes ter certeza.

– É o que eu pretendia. Mas preferia que tivesse se rendido. Seria mais eficaz.

– Essa escolha lhe pertencia, não a ti.

– Talvez seja a melhor maneira de encarar isso.

– Vamos, alegre-se. Teus amigos estão felizes por estares vivo e querem te cumprimentar.

Com um suspiro, Sistu levantou-se.

Capítulo 49 – O atentado

– Como você pôde fazer isso comigo, Mistonti! – ela gritou.

A xamã corra de volta ao Instituto, acompanhada de Tjurmyen. Estava arrebatada, possessa, desvairada. Sistu jamais a havia visto tão furibunda. Isto é, não com ele.

– Lelon-xin...

– Agora sou Lelon, é?

– Sempre foi e sempre será! – ele respondeu, tentando inverter o seu humor.

– Por que não esperou mais um dia? Sabia que eu vinha hoje!

– Era para pegar Godar de surpresa....

– Então me chamasse, eu vinha imediatamente!

– Não queria te atrapalhar!

– Que atrapalhar, o quê! Estava fazendo um exercício musical que podia fazer qualquer outro dia. Pode ser a coisa mais importante do mundo, largo para ficar ao seu lado. Para morrer a seu lado, se for o caso. Não tem desculpa!

– Sinceramente, não quis te preocupar. Queria que, quando você chegasse, já estivesse tudo resolvido.

Tiakat lhe agarrou os dois braços, apertando-os a ponto de doer. Encarou-o com dois olhos imensos e faiscantes. Tremia e espumava pelos cantos da boca, ao falar entre dentes:

– Mistonti, nunca mais me faça isso. Precisa confiar em mim, como confio em você.

– Está bem...

– Jure. Mas não por Gutis, que eu não quero isso pra você. Jure pelo nosso amor.

– Lelon-xin...

– Jure! – ela exigiu. – Senão nunca mais vou ter paz na vida.

– Juro que vou te chamar sempre que for preciso.

Tiakat bateu o pé e socou a parede. Com força.

– Não é “sempre que for preciso”! Jure pelo nosso amor que se estiver em dificuldades me avisará imediatamente ou antes, sempre e ponto!

– Você é capaz de jurar a mesma coisa?

– Claro que sim! Juro! Te chamarei sempre!

– Então, juro pelo nosso amor que quando estiver em dificuldades te avisarei assim que possível.

– Melhorou...

Tiakat acalmou-se, fechou os olhos e deitou o rosto, sorridente, sobre o peito do

namorado. Tjurmyen, que observara todo o rompante, impressionada, suspirou de alívio. Ainda não conhecia aquela faceta de Tiakat, pensou Sistu, que já presenciara outras viradas de humor como aquela, embora nunca houvesse sido o alvo.

Durante o almoço, Sistu relatou a aparente tentativa de roubo das espadas e da recomendação do mestre para que seu quarto fosse magicamente protegido – com a qual Tiakat concordou –, mas deixou de lado Quin-ci e seus Faroleiros, pois Tjurmyen estava presente e o mestre só o autorizara a falar sobre isso com Tiakat. Contou então de seu mal-estar por ter matado Godar-nem. A pequena mugal não hesitou, falou, clara e firme:

– Jamais matei, Sistu-bã, mas não por falta de vontade. Tivesse poder para isso, teria matado agartis aos milhares, ainda quando menina, sem pensar duas vezes. E não estaria hoje arrependida, nem me sentiria culpada, muito pelo contrário.

A tlavatli arregalou os olhos ante a convicção fria de Tjurmyen, mas entendeu.

– Quanto a mim, Mistonti-xin – disse Tiakat –, nunca matei nenhum ser humano, mas já destruí vários demônios. Uma vez, também acabei com um simá. Se precisasse matar alguém para me defender ou evitar um mal maior, acho que também o teria feito.

Depois, acompanharam Tjurmyen à saída do Instituto. Quando já estava para se despedir, Tiakat travou, os olhos vidrados, que se encheram de lágrimas quando voltou a si.

Sistu perguntou primeiro.

– Que houve?

– Kopinani-ar morreu. Agorinha mesmo...

– Que pena, Tiakat, também eu gostava muito dela.

O duplo abraço consolou-a tanto quanto possível. Tjurmyen deixou de lado seu programa para a tarde e ficou um pouco mais. Sentou-se para ouvir mil histórias de Kopinani e descobrir novas facetas de sua querida. Sistu as conhecia quase todas, mas escutá-las todas juntas, em sequência, deu-lhe outra visão dos últimos anos da história de Raltlor. Deu-se conta de como a presença da velha xamã havia afetado a vida da vila e seu próprio caminho.

Ao cair a noite, Tiakat e Sistu despediram-se, enfim, de Tjurmyen e continuaram a conversar sobre o passado. Um sê depois, enquanto ele adormecia, a xamã tomou sua forma astral para visitar sua terra, agora meio sumida.

O mês do Calor é também o das enchentes: a neve e o gelo da cordilheira derretem e fazem a água subir algumas braças. Isso alaga as terras baixas, mas também as fertiliza com os minerais do rico solo vulcânico das montanhas e garante as colheitas do segundo semestre. Também é tempo de piracema e Tiakat pôde ver os dragões que, vindos do mar, subiam os canais para desovar.

Se na metrópole, os canais estavam bem cheios e chegavam a inundar algumas

calçadas quando o vento soprava forte, Raltlor e o Bosque dos Cervos haviam se tornado ilhas e Tochiwayo, uma pequena Atlântis. Já mal se viam as palafitas que sustentavam suas construções: a água chegava quase à porta.

Tiakat desceu à sua querida Casa dos Jovens. Para permitir a presença de todas as pessoas da aldeia e da vila que queriam despedir-se de Kopinani, o velório fora organizado ali. Tseltin percebeu a presença da jovem e consolou-a como se fosse filha da falecida. Conversaram um pouco até que, de sopetão, Tiakat sentiu-se arrancada com violência daquele lugar.

Despertou com Sistu a estrebuchar e um vulto escuro junto à janela. Sem pensar, Tiakat gritou e saltou a tempo de evitar que o segundo dardo se cravasse em seu seio. Agarrou o varapau encostado na parede oposta e deu outro berro ao vibrar um golpe certo no rosto do intruso, já pronto para lhe arremessar um punhal.

O estranho desabou e a moça voltou-se para o namorado, que já não se mexia. Tirou-lhe o dardo cravado no braço, aproximou-o do nariz e reconheceu o cheiro de *khorkhoi*, um veneno raro e de ação muito rápida, que paralisa os músculos e o fôlego, que uma vez Kopinani lhe mostrara. Sistu já não respirava e não havia tempo para magia alguma.

A xamã amaldiçoou os acontecimentos inesperados que levaram tanto ela quanto Sistu a se esquecerem de providenciar uma proteção mágica. Mas teve uma ideia.

Pôs-se de joelhos, inspirou fundo e soprou com toda a força na boca de Sistu, enquanto lhe apertava o nariz, até sentir seu tórax se expandir. Continuou a fazer isso até ouvir baterem à porta. Largou-o por um momento para destrancá-la. Era Awesa, a vizinha de quarto, despertada pelos berros.

– Sistu foi envenenado, derrubei o assassino! Traga ajuda, rápido!

Ainda nua, Awesa disparou a gritar pelo corredor, enquanto Tiakat voltava a Sistu. Pouco depois, Quin-ci e o enfermeiro forçaram passagem entre os alunos aglomerados à porta para entrar no quarto.

Tiakat, exausta com o esforço de inflar aquele peito enorme, mas encorajada por sentir o coração de Sistu ainda a bater, pediu ajuda ao enfermeiro, mas ele não entendeu o que ela lhe pedia.

– Isso não adianta, se não respira já está morto.

Sem mais, voltou-se para ver o que podia fazer pelo assassino inconsciente, cuja respiração borbulhava com dificuldade por um nariz repleto de sangue e uma máscara empapada. Ao tirá-la, viu-se que o crânio estava rachado e tinha um rosto mugal.

Foi Awesa a primeira a se atrever a ajudar Tiakat, mas seu fôlego era bem mais curto que o da tlavatli. Felizmente, Tiakat conseguiu usar o pouco de magia bárdica que aprendera para convencer dois colegas de Sistu, que ocupavam os quartos ao lado do dele, a se revezarem, soprando na boca do homem aparentemente morto,

enquanto o diretor, depois de ouvir a história, saía para chamar a milícia. A xamã tomou fôlego para concentrar sua magia em tentar reativar os músculos paralisados, a começar pelo diafragma.

Os milicianos carregaram o malfadado criminoso e teriam levado a vítima à morgue se Tiakat, apoiada por Quin-ci, não os impedisse. Passou-se mais de um sê antes que Sistu, finalmente, começasse a respirar por si mesmo e todos se convencessem de que estava vivo. Pouco depois, Sistu despertou assustado, ainda parcialmente paralisado. Pela manhã, graças à magia, já se movia quase normalmente, apesar dos formigamentos e pontadas nos músculos.

Tiakat deixou uma proteção permanente no quarto de Sistu antes de voltar à casa de Tjurmyen. Dias depois, soube dele que o assassino falecera sem sair do coma. Antes que morresse, a teimosia de Quin-ci, reforçada pela pressão do secretário Pau-pás, forçara o melhor clarividente da milícia a tentar sondar o cérebro danificado. Encontrara, decididamente, lembranças de Quar-hó. Não o suficiente para incriminá-la, mas transmitiu sua suspeita a Pau-pás, que informou a seu ministro e iniciou um movimento nos bastidores para afastá-la do cargo. Dias depois, soube-se que ela solicitara uma licença, “por motivos de saúde”.

Capítulo 50 – Um segredo de família

O mestre Rió-ci pediu a um par de estudantes que trouxessem ao museu um caixotão recém-chegado de Duaraka e deixado na base naval, a dois estádios de distância, mas estava acima de suas forças. Voltaram para pedir ajuda a Sistu, o vizinho de quarto que haviam ajudado a salvar e já se recuperara do atentado. Com ele numa ponta e os dois na outra, conseguiram levá-lo.

O caixotão continha pacotes de objetos e documentos encontrados por um garimpeiro no deserto. Falara deles a um correspondente local do Instituto Imperial, que os julgou de interesse. Eram restos de um acampamento militar atlante, devastado há mais de trinta anos por um ataque barati e soterrado, em seguida, por uma tempestade de areia. O pesquisador os enviou, junto com um esboço da sua disposição ao serem encontrados.

Tudo que pudesse ter valor fora levado pelos saqueadores e o resto eram objetos rotineiros, incluindo arquivos e caixas de correio, com papéis bem preservados pela secura do deserto. Dificilmente haveria ali algo muito interessante ou surpreendente, mas Rió-ci, por sugestão do diretor, decidiu oferecer o material aos alunos a título de desafio. Teriam de tentar reconstruir a rotina do acampamento militar atlante a partir daqueles restos e textos. Um conhecido de Quin-ci, terbastô aposentado que servira nas colônias orientais e seria capaz de apontar os erros e acertos, comentaria depois os resultados.

Sistu entusiasmou-se por saber mais da região, época e ambiente nos quais o tio vivera e morrera. Sentou-se com Awesa para examinar e triar as cartas dos militares, ressecadas e quebradiças, mas em geral razoavelmente legíveis, enquanto outros colegas cuidavam do resto dos documentos e dos objetos.

Meio sê depois, ela encontrou algo que lhe chamou a atenção.

– Sistu-bã, veja, uma carta selada por um xibastô com seu nome de família. Será seu parente?

O lacre e a caligrafia eram conhecidos. Pertenciam a Zi Temtés Moam. A data era 5 de Neves do ano 46 daquele ciclo, o ano 2664 da fundação mítica de Atlântis, dias antes de sua morte. Provavelmente, fora sua penúltima carta, pouco antes da batalha fatal. Na última, ditada no leito de morte, havia legado as espadas a Sistu. Ansioso, Sistu abriu cuidadosamente o selo e leu as oito páginas manuscritas.

Deserto de Maru, vice-reino de Duaraka, 6 de Neves, ano 46.

Amada Ziriá-xin:

Estamos acampados no deserto vermelho, ouvindo lobos a uivar para Suquá,

depois de uma marcha tensa e cansativa entre espinheiros, gazelas e asnos selvagens, sob um sol de rachar. Os soldados riem cada vez que alguém se lembra que este é o mês das nevascas se acumularem nas montanhas da ilha de Rutá, de nossa Atlântida.

Um abutre branco nos sobrevoou grasnando, da saída da cidade ao pôr do sol. Muitos dos nossos homens viram nisso um mau agouro. Tentei persuadi-los do contrário, com tanta convicção quanto pude aparentar, mas a verdade é que esse importuno também me perturba, além de que poderia chamar a atenção dos invasores baratis que rondam a região e lhes facilitar um ataque de surpresa. Espero que não voltemos a vê-lo.

Já vi nossos superiores fazerem muita besteira, mas estas escaramuças por causa de um poço e um punhado de tamareiras são as coisas mais estúpidas na qual já vi o Império se meter. Por causa dessa tolice, temos agora uma jin inimiga espalhando terror entre nossos camponeses a pouco mais de um dia de marcha da capital da colônia. Mais cedo ou mais tarde serão esmagados ou expulsos, mas nem uma dúzia de oásis como aquele compensaria o sangue e a destruição que já foram espalhados por essa disputa. Como te contei antes, o vice-rei geralmente é sensato, mas dizem que se deixou convencer por uma amante muito astuta – a serviço da Guilda dos Caravaneiros, imagino – de que o maldito bebedouro de camelos tinha de nos pertencer e agora não ousa voltar atrás.

Ora, Ziriá-xin, desculpe ter começado esta carta de mau humor. É o cansaço da caminhada. Mas recupero as forças e o ânimo ao me lembrar de que você finalmente decidiu perdoar meu erro e enfrentar os quatro meses de viagem para vir juntar-se a mim neste fim de mundo. Mal posso esperar ter outra vez suas mãos e sua boca para beijar. Essa expectativa há de me manter vivo, apesar destas escaramuças infernais até o próximo mês das Colheitas. Que é ainda mais quente, minha lealdade obriga a te prevenir.

A mesma lealdade me levou a te confessar a verdade antes de partir. Cheguei a lamentar muito essa decisão, pois você ficou tão chocada que se recusou a partir comigo. Mas agora sei que fiz bem. Se continuasse a guardar o segredo entre mim e minha irmã, com quem não ousa falar sobre isso, o fardo dessa culpa acabaria por envenenar nosso amor, se não por me enlouquecer. Passei por uma longa angústia, receando que você decidisse falar disso a alguém mais, mas agora sei que poderei contar para o resto da vida com seu perdão, sua compreensão, sua companhia e sua cumplicidade.

Você não imagina como sua última carta foi importante, pois nem eu, nem Sannó-ar conseguimos até hoje nos perdoar um ao outro. Nem sequer compreender como pudemos fazer isso. Foi um feitiço, tenho certeza.

Você também me pediu para explicar de novo os detalhes que naquele dia você

não quis ouvir ou dar atenção, então aqui vai. Foi em Rasab, quando acompanhei minha irmã às compras para o casamento dela com seu irmão Gensam-ar e nos hospedamos com os Hihn. Vários parentes distantes, contraparentes e amigos da família que mal conhecíamos, alguns muito prósperos, traziam-lhe presentes.

Não estranhamos quando mais uma desconhecida veio abraçar Sannó-ar e lhe trazer mais embrulhos. Tinha cabelos brancos e pele clara, embora não fosse idosa nem albina, usava calças brancas do clã Pasá e dupla corrente de ouro. Nós a chamamos Pasá-hó e não me lembro de que ela tenha dito o nome completo. Nem o gravou nos presentes.

Contou-nos ser conhecida de Jariô e supus que ela fora sua amante quando serviu nas colônias, mas ele diz não se lembrar de ter-se relacionado com Pasá alguma. Ela disse que morava longe, em Muhsen (perguntei depois por essa cidade, aparentemente não existe, nem nas colônias) e não podia permanecer por muito tempo, precisaria voltar em seguida. Para minha surpresa, também me trouxe um presente, dizendo que se desculpava pela ausência na minha formatura na Academia Militar e aproveitava a oportunidade para me homenagear, apesar do atraso. Nos fez prometer abrir os presentes só quando estivéssemos sós. Ficou pouco mais de meio sê, saiu com o pretexto de um compromisso urgente e não apareceu mais, embora esperássemos que ela voltasse para se despedir.

Os Pasá de Rasab, aos quais perguntei depois, não a conheciam. Não estive em nenhuma grande hospedaria. Não sei se era uma feiticeira, uma elemental ou o quê, nem sei por que fez aquilo que fez. Fiz uma ou outra inimizade na vida, mas ninguém que pudesse ter razões ou meios para fazer coisa tão estranha. Sannó, muito menos.

E que espécie de inimigo nos deixaria presentes tão valiosos? Pois quando nos recolhemos ao quarto de hóspedes e abri o pacote, dei com um belíssimo par de espadas de oricalco em estilo antigo, com punho em forma de draco, mas novas em folha. Muito superiores às espadas do Exército. Devem valer centenas de ases, mais do que todo o meu equipamento regular, incluindo a armadura. Sannó também ficou maravilhada com meu presente e curiosa pelo seu. Era uma caixa de joias vermelha, dentro da qual estava um pomo de ouro mordido, cravejada de minúsculos brilhantes.

Ao olhá-la, fomos tomados de desejo incontável um pelo outro. Tive a impressão de que morreríamos de dor se não fizéssemos aquilo. Rolamos pelo chão como dois animais, até esgotarmos nossas forças e perdermos os sentidos. Não quero nem imaginar o que teria acontecido se a caixinha houvesse sido aberta na frente de nossos anfitriões.

Se alguém nos queria mal, por que evitou que nossa vergonha fosse pública? Por muito tempo, tive pesadelos com alguém aparecendo, quando menos

esperássemos, para nos denunciar. Não me sinto totalmente livre desse receio.

Quando acordamos, já de madrugada, ficamos desesperados. Sannó, fora de si, tentou sacar a espada e se matar, mas eu a impedi e a convenci a fingir que não acontecera nada. O pomo de ouro estava no chão e a recolhi. Nunca mais teve efeito. Acho que o encanto estava na caixa e se esgotou na primeira abertura.

Não pude deixar de mostrar as espadas a meus hóspedes, que a elogiaram, mas Sannó teve vergonha do pomo. Escondeu-o e fingiu que ganhara outra coisa da visitante da véspera, um rico conjunto de pulseiras, braceletes e tornozeleiras deixado por um contraparente que já se fora e que ainda não havia sido mostrado.

Quando chegamos a Raltlor, Sannó, num rompante, arrancou do baú a caixa com o pomo e o jogou no lago. No momento, lhe dei razão. Depois, pensei em dar àquilo um fim mais nobre. Voltei à noite para procurá-la, não era fundo. Remexi na lama até encontrar. Escrevi um bilhete anônimo a meu amigo Ubar, dizendo-lhe que usasse aquilo para resolver seu problema e o joguei, com a caixa, pela janela dele.

Não sei se você se lembra disto, mas quando ele conseguiu terminar a Taverna das Enguias, apaixonou-se pela escrava de um mercador de Tosá. Para conseguir dinheiro para comprá-la, oferecia a taverna pela metade do valor, sem encontrar comprador.

Ubar penhorou a joia em Rasab, alforriou Ninsunu e casaram-se. Fiquei feliz por eles. Mais tarde, com o trabalho de ambos na taverna, o empréstimo foi pago e o pomo resgatado, um pouco antes de Beletsunu nascer.

Sannó casou-se em seguida, engravidou e tentamos esquecer o caso, mas o mais difícil estava por vir. Para nossa surpresa, o bebê de Sannó nasceu belo, grande e forte, mas não parecia filho de Gensam. Ele a questionou, ela negou em lágrimas, descontrolou-se e o bom homem não insistiu, graças a Muxan. Se decidisse consultar um clarividente, nós dois e a criança seríamos reduzidos a varciós. Creio que Gensam não acreditou nela, mas também não faz ideia da verdade, pois continuou a me tratar como amigo. Não entendo como isso pôde acontecer, mas nunca mais pudemos nos falar como irmão e irmã, só fingir na presença de estranhos. É com dificuldade que ela aceita o afeto entre meu sobrinho e eu e simula um relacionamento normal. Escrevo isso para te dar uma ideia do tamanho de minha felicidade ao saber que também você entendeu e aceitou. Beijos de teu marido apaixonado.

Zi Temtés Moam, zeciós, xibastô

Quando Sistu acabou, sentia o sangue ferver, o chão faltar e o mundo girar à sua volta. Levantou-se, resmungou que precisava tomar ar fresco e foi-se, agarrando as páginas com as mãos crispadas. Lembrou-se do tio Moam, de como ele o favorecia e de como a mãe lhe virava as costas, queria vê-lo longe. De repente, sua vida tomou

um caráter repulsivo. Seu povo tinha poucos tabus sexuais, mas coito com qualquer portador do mesmo nome de família era transgressão grave e o incesto entre irmãos, um dos piores crimes possíveis.

Awesa o olhou, espantada. Pouco depois, ele voltou e disse, num sussurro:

– Awesa-bã, você me faria um enorme favor?

– Claro, se estiver a meu alcance...

– Vou destruir a carta. Por favor, não conte a ninguém que ela existiu.

– Mas é um documento histórico, Sistu!

– Não, não é. É uma carta íntima a uma pessoa da minha família. Conta um segredo perigoso para várias pessoas ainda vivas. Muito sério. É ainda mais grave – baixou ainda mais o tom de voz e chegou a seu ouvido – que o *teu* segredo.

Ela assustou-se e mostrou-se solidária.

– Se é assim, faz o que achares certo, Sistu-bã.

– Muito obrigado. Muito, mesmo.

– Mas devias compartilhar isso comigo! – Sussurrou ela, um pouco aborrecida. – Lembra-te de que me investigaste sem me pedir licença, deves-me um segredo!

– Sinceramente, é melhor não, Awesa-bã. Envolve várias pessoas...

– O meu também.

– E, ao contrário do seu, não é um segredo bonito. É uma coisa desagradável.

Convencida ou não, ela parou de insistir.

Sistu começou a rasgar a carta. Então, lembrou-se de ter feito uma promessa.

Capítulo 51 – Oferenda a Chiuknawat

Dia de javali, 14 de Frutos. Tiakat acabava de chegar para atender ao chamado urgente de Sistu que, ansioso, a recebeu no quarto com palavras hesitantes:

– Lelon-xin... prometi te avisar sempre que estivesse em dificuldades... – Balbuciou.

– Pode contar, Mistonti-xin. – ela disse. – O que há?

Sem conseguir falar mais, mostrou-lhe a carta, rasgada, mas ainda legível. Tiakat sentou-se na rede a seu lado e a leu com expressão cada vez mais espantada, até exclamar:

– Chiuknawat! Que demônios...

Conteve-se e leu o resto da carta, de cenho franzido. Quando percebeu que ela terminara e estava pensando, Sistu lhe sussurrou, com um abatimento pouco habitual:

– Esta carta me reduz a uma aberração, uma mentira, a alguém que, segundo a lei, não mereceria nem mesmo o estatuto de um escravo, que não deveria existir como pessoa... Não sei como eu mesmo vou conviver com isso, ou como você...

– Sem essa, Mistonti-xin, isso não muda nada para mim. – Tiakat o abraçou, carinhosa, atendendo a seu desejo de ser apoiado e reconfortado. – Sei como os senzares valorizam a honra e a verdade e nisso você é bem um deles. Mas se há desonra aí, não é sua e se houve mentira... bem, paciência, às vezes precisamos fazer coisas desagradáveis para sobreviver e ter outra oportunidade. Às vezes temos que mentir, assim como às vezes precisamos matar, ou fugir! E se há uma aberração é Pasguá, teus deuses que me perdoem. Tenho certeza de que Chiuknawat nunca faria isso!

Seguro do amor da companheira, Sistu acalmou-se e começou a pensar com a objetividade que lhe era mais peculiar.

– Será que poderia ter sido alguém que não Pasguá?

– Acho que não. – Respondeu Tiakat, de imediato. – Sua mãe usava o pekenan em Rasab e pensou estar grávida de Gensam. Se não fosse assim, ela temeria parir um monstro e abortaria antes que a gravidez ficasse evidente. A magia do amuleto foi suspensa e isso exige um poder muito grande. Como o de uma emissária dos deuses.

– E essas histórias estranhas que Pasá-hó ou Pasguá contou?

– É típico de divindades, mesmo as menores, nunca dizerem mentiras diretas, pois isso causaria danos à sua essência. Em vez disso, induzem a vítima ao erro com o silêncio ou meias-verdades. Por exemplo, ela poderia ter dado um nome falso, mas

não o fez. Vestiu-se de determinada maneira e deixou seus parentes lhe atribuírem uma identidade. Podia dar como moradia qualquer lugar do Império, mas em vez disso falou de Muhsen, “Montanha-Mãe” que, você já me disse uma vez...

–... é o nome arcaico do monte Atlás que, segundo o mito, liga a Terra ao Dendá, o lar dos deuses senzares. E Jariô conhece bem Pasguá porque é devoto de Karmó. Acho que faz sentido. Mas por que ela fez isso?

– Em uma das vezes em que ela veio, se me lembro bem do que você me contou, ela disse que “escolheu a melhor semente”. Deve ser parte da verdade. Ela, ou sua mestra, pensou que esse cruzamento geraria o senzar mais perfeito possível, ou pelo menos o que supunha mais adequado a seus fins.

– Arre, mas nem com animais se faz isso! Saem filhotes defeituosos!

– Depende. É contra os costumes de Raltlor, mas muitos criadores de cães e cavalos de raça que experimentam reforçar algum traço positivo com reprodutores consanguíneos. Às vezes não dá certo e o filhote é sacrificado, outras vezes funciona. Eu entendo disso, aprendi muito de veterinária com a Kopinani... Desculpe, Sistu, não quis te comparar com um bicho, é para tentar entender as ações dela.

– Claro. Mas por que fazer as espadas chegarem a mim dessa maneira? Se não foi uma coincidência improvável, ela conduziu o tio Moam a uma armadilha!

– Talvez ela, ou eles, pretendessem que você se afeioasse a elas desde pequeno, que se acostumasse a vê-las como parte de você e do seu futuro, que jamais as abandonasse. É o que consigo imaginar.

– Mas não previram minha aversão à guerra e à manipulação, suponho.

– Podem não ser tão sábios quanto pensam. Pasguá, pelo menos.

– Lelon-xin, concorda que eu deveria queimar a carta?

– Tem razão. No mínimo, é uma preocupação a menos – concordou Tiakat.

Sistu reduziu as oito páginas a cinzas na camisa do lampião, uma após outra.

– Pronto! – Exclamou Tiakat, aliviada – Podemos pôr uma pedra sobre esse assunto?

– Não já. – Disse Sistu. – Não posso mais ficar à espera de Pasguá, nem sequer para dizer “não”. Se ela me vê como animal de raça, não é minha amiga. Pode-se agir com um amigo como ele espera de nós, mas tomar a iniciativa e fazer o inesperado é essencial para vencer um inimigo. Preciso agir e não reagir, ainda que possa ser perigoso.

– Não se atreva a ir sozinho, seja lá o que você pretenda!

Tiakat o ouviu e concordou, mas insistiu em ficar a seu lado. Foram à casa de Tjurmyen buscar as espadas de oricalco, a barda percebeu como estavam preocupados e apesar da relutância de Tiakat e Sistu, exigiu explicações, insistiu em acompanhá-los e os dois descobriram como pode ser difícil contrariar uma barda

competente.

Fizeram uma refeição leve e despediram-se de Tjaokun, sem dizer aonde iam. Sistu levava as espadas de oricalco. Queria um lugar seguro e tão deserto quanto possível. Aceitou a sugestão de Tjurmyen.

A oeste da cidade, estendia-se a Costa Morta, uma longa falésia protegida por arrecifes, procurada durante o dia apenas por catadores de mariscos. À noite, ficava completamente deserta. O único caminho, por terra, atravessava a imensa Necrópole, a cidade de túmulos e mausoléus onde repousavam os restos de dezenas de gerações de atlantes defuntos – com exceção dos ralcianos, dengus e mugais, cujos costumes prescreviam a cremação. Aquela noite era ideal, pois nenhuma das luas brilharia.

Tomaram uma gôndola, atravessaram o Canal Principal e chegaram perto de um dos portões do oeste, onde desembarcaram, pouco antes do anoitecer. Muitas pessoas voltavam de funerais ou de visitas a túmulos, mas ninguém saía da cidade por ali naquele horário. À medida que caminhavam, viram-se cada vez mais sozinhos. Quando o sol se pôs por trás das Três Montanhas, já não se via ninguém. A maioria dos atlantes tinha repugnância pelos mortos, receava os fantasmas, embora fossem entidades relativamente inofensivas e sentia um horror bem mais justificável por simás, vampiros e necromantes inescrupulosos. Por tudo isso, mantinham os cemitérios longe da cidade e construíam túmulos tão inexpugnáveis quanto suas posses permitiam.

Avançaram entre túmulos de todo tamanho, desde pequenas lápides de pedra até imensos mausoléus, grandes e ricos como os palácios da Cidade Proibida. Quando escureceu completamente e tiveram certeza de que não havia pessoas por perto, Tjurmyen acendeu o lampião que trouxera. Ela e sua companheira sabiam lidar com quaisquer entidades do mundo dos mortos, mas não queriam despertar a curiosidade dos vivos.

Caminharam por um sê antes de ouvir o barulho das ondas. Deviam estar a uns cinquenta estádios da muralha de Atlântis, da qual só se percebia a luz distante dos faróis do porto. Descendo uma trilha íngreme, chegaram à praia.

Sistu sacou o espadão e o gládio, fez um corte superficial na mão, esfregou o sangue nas duas armas, lançou-as ao mar e recuou. Seguiu-se um som de trovão e duas colunas d'água ergueram-se das ondas, das quais saltaram dois enormes dracos.

Já esperava algo assim, mas foi tão rápido e explosivo que o coração quis saltar do peito. Sentiu-se gelar, mas o jeito como os dracos se lançaram a seus pés, feitos cãezinhos a esperar um afago do dono, lhe restaurou a confiança no plano. Eles esperaram, em silêncio, que Sistu reencontrasse as palavras com as quais planejava saudá-los. Engoliu em seco e falou, às duas feras, procurando usar uma linguagem tão próxima quanto possível do senzar arcaico do *Épico de Guar Otis Quargad*:

– Meu nome é Zi Temtés Sistu. Vós me compreendeis?

Os dois colossos sibilaram em uníssono.

– Ssenhor, ssim.

Eram os maiores dracos que já vira. O maior devia ter quatro braças de comprimento e oito de envergadura e, ao contrário do menor, tinha chifres e barbela. Eram um casal.

– Vós reconheceis em mim o legítimo dono das espadas e o mestre dos vossos destinos? – perguntou Sistu.

– Ssenhor, sim, ésss o nossso amo e nenhum outro vivente, espírito ou deus o é.

Sistu olhou de soslaio para Tiakat e Tjurmyen. Espantadas, davam-se as mãos e tremiam ao segurar o lampião. Mesmo as duas, tão íntimas do sobrenatural, se assombravam diante de magia tão insólita e poderosa.

– Vós obedecereis todas e quaisquer ordens? – Sistu insistiu.

– Ssim, ssenhor, de bom ou mal grado nós te guardaremos e obedessceremos como melhor pudermoss, até o fim de nosssas forssças e de nosssas vidass. Nada há no mundo que por ti não fassçamos. Teu alvedrio é o nossso fado.

– Pois, então, prestai atenção. – Sistu assumiu um tom solene. – Eu, Zi Temtés Sistu, vosso amo, declaro para sempre extinta vossa servidão e nulos os votos que vos prenderam às espadas e a seus donos. O comando de minha vontade é que sejais livres pelo resto de vossas vidas e jamais se deixeis escravizar outra vez. Compreendeis e obedecereis?

As bocarras abriram-se e ficaram silenciosas por longos momentos. A fêmea foi a primeira a reagir:

– Falass de corassção? É mesmo esse o teu mandado?

– Sim. Podeis cumpri-lo?

– Desscerto, contudo é a ordem maiss ssingular que jjamais houvera ssonhado ressceber. Não concordass, marido meu?

– Ssim, prinsscipalmente por partir de um mansscebo. – Respondeu o draco maior.

– Nossa essperanssça, se alguma houvera, era que as esspadas, algum dia, xchegassem às garras de nossa esstirpe. Sserá indevido querer ssaber tuass razzões?

– Não, pois sois livres e podeis perguntares o que desejares– ele respondeu. – Quero-vos livres porque não admito servir contra minha vontade, nem desejo semelhante destino a ninguém. Não está em meu poder dar liberdade a todos que dela precisam, mas posso alforriar aqueles cujos grilhões o acaso ou os deuses puseram nas minhas mãos.

– É-me difísscil compreender ass razzõess de vosssa mersscê, mas issto não noss impede de ssermos agradesscidoss. Minha querida?

– Por sscerto. Esstáss preparado, marido meu?

– Quando quizzseress.

A fêmea moveu a ameaçadora garra da asa dianteira e fez um corte no próprio peito. Seu companheiro imitou-lhe o gesto.

– Vem, Zzi Temtéss Ssisstu. Tu nos desstess de teu ssangue a beber, apenas para noss alforriar. Pagaremos na meszma moeda. Bebe do nossso ssangue e sê nosso irmão.

Recebeu uma mensagem de Tiakat em sua mente: “Cuidado”, mas por alguma razão aquilo o atraía de maneira irresistível. Foi em frente e sugou o sangue do peito da fêmea.

Queimou-lhe a boca como lava ardente, deixou-o atordoado. Cambaleou até o seu companheiro, cujo sangue lhe pareceu ainda mais quente e caiu sentado, com a cabeça a girar. Sentia tonturas e a boca adormecida, mas a sensação geral era de uma embriaguez agradável, não de mal-estar.

Tiakat e Tjurmyen correram para ajudá-lo. Meio grogue, ouviu sua amada dizer à companheira que ele tinha queimaduras superficiais na boca, mas estava bem e sua aura brilhava como nunca. A fêmea interveio:

– Não voss preocupeiss, a ssaúde de vossso companheiro é boa e sserá ainda melhor. O penhor de nosssa alianssça permanesscerá em sseu ssangue e lhe sserá proveitozso, fiai-voss nissso. Ssairemos em demanda de nosssass nataiss montanhass e dos filhoss de nosssa esstirpe. Sse não oss houver vivosss, Sisstu-ar sserá nossso único parente sobre a Terra.

Os dois dracos bateram asas, espalhando uma tempestade de areia a seu redor. Alçaram voo contra o vento que descia da terra, para depois voltarem, darem uma volta como em saudação e irem-se para oeste, a sobrevoar o mar escuro como duas imensas sombras de morcegos.

Sistu ainda não se sentia capaz de caminhar sem se apoiar nas moças e Tiakat lhe disse que era melhor passar a noite ali. Deitou Sistu ao abrigo do vento, junto a uma rocha e improvisou-lhe um leito com folhas e ervas que cresciam à beira-mar. Aconchegou-se junto a Tjurmyen para velar o sono do namorado.

Nisso, a terra começou a tremer e o mar começou a se agitar, embora o tempo continuasse calmo. Ondas cada vez mais fortes ameaçaram lavar as rochas onde haviam se acomodado e as moças ajudaram Sistu a se erguer e tentaram levá-lo à escada.

Ao darem os primeiros passos, viram uma enorme abóbada fosforescente se elevar das águas, à distância. Tomou lentamente a forma de uma cabeça, depois de um busto e depois uma gigantesca mulher nua se elevou das águas, que agora mal lhe chegavam ao tornozelo. Era pelo menos tão grande quanto a estátua de Muxan no porto de Atlântis e estava viva. Ela dobrou-se para trás, pôs as mãos à cintura e deu uma estrondosa gargalhada, muito parecida com a de Tiakat, mas forte como uma

trovoada.

Curvou-se depois, na direção dos três, apanhou-os com cuidado e os pôs sobre a palma da mão. Sistu viu-se sentado ao lado de Tiakat e Tjurmyen, sobre uma superfície ondulada, escura, quente, macia e cheia de vincos. Às suas costas erguiam-se enormes pilares curvos, grossos como grandes árvores. À frente, entre as constelações, um rosto um tanto parecido com o de Tiakat, mas imenso e rodeado por uma aura resplandecente. Ele segurou a companheira, com o vago receio de que ela fosse absorvida por sua imagem e semelhança em escala titânica.

A boca enormíssima se abriu.

– Tiakat? Lembra-se de nós? – indagou a figura gigantesca, com uma profunda e quente voz de contralto.

– Chiuknawat! – Exclamou Tiakat.

– É claro! Sabe, você é nossa devota mais querida em muitos ciclos, Sistu é o maior de nossos sacerdotes e sua companheira, a melhor das nossas bardas.

– Puxa... Obrigada! – Disse a xamã. Sistu ficou sem fala.

– Não há de quê. Não mesmo! – Respondeu a deusa.

Sistu, sentindo-se como bêbado, reagiu com atraso e com uma voz engrolada.

– Eu, sacerdote de Xeló? Como assim? Tenho simpatia por seus devotos, é verdade, mas nunca orei a divindade alguma, muito menos sacrifiquei!

– Como não, nosso amigo? – protestou o rosto gigantesco e sorridente, enquanto a outra mão se punha à cintura, dezenas de braços abaixo. – Você acaba de fazer o maior sacrifício dedicado a nós em muitos milhares de anos.

Surpreso, Sistu entendeu o que a deusa queria dizer. Mas insistiu:

– Mas eu nem pensei em você quando...

– Foi um sacrifício à liberdade, logo a nós. Pouco importa o nome que lhe dê. E não foi de uma coisinha qualquer, mas de um encanto poderosíssimo, no qual os deuses senzares investiram muito de seu axé, agora liberada a nós por sua vontade. Você fez o papel de fiel da balança do poder do Érebo, do mundo dos deuses!

– Diga-me uma coisa – pediu Sistu, com um mau pressentimento –, vocês têm algo a ver com aquela carta que descobri? Por favor, digam-me a verdade!

– Sistu, fizemos chegar até você uma informação vital sobre Pasguá e seu tio que teve um peso na sua decisão, ou no momento de tomá-la, mas ela era verdadeira e você tinha o direito de conhecê-la. Ser informado sobre a verdade só tornou sua decisão o mais livre possível, como teria de ser para que nos fosse proveitosa.

Perguntou-se Sistu qual o tamanho da confusão na qual agora se metera. Mas a evidente semelhança e amizade entre Chiuknawat e Tiakat, na qual confiava mais que em qualquer outro ser sob o céu, lhe deu a esperança de que fosse tudo para o melhor.

– Tiakat – chamou a titã –, não podemos ficar aqui. É quase tão difícil para nós

nos mantermos no mundo corpóreo, quanto seria para você estar no Érebo. Mas está chegando o momento de erguer o nosso Véu e precisaremos de alguém que canalize nosso poder e nossa orientação a nossos seguidores. Você aceita?

Ainda de mão dada a Tiakat, Sistu sentiu uma sacudidela de susto. Sua companheira continuou calada por alguns momentos. A deusa leu seu pensamento.

– Tiakat, lembra-se de quem somos? Chiuknawat, deusa da liberdade! Privar uma mulher como você de individualidade seria tão absurdo para nós quanto secar um oceano para Teoat, a deusa dos mares. Não tenha medo de nós, prometemos respeitar teu desejo e consciência. Seremos parceiras e eu te ajudarei quando for preciso. Palavra de deusa!

– Chiuknawat, será que aguento tanta força?

– Não se aflija, não exigiremos o impossível, nem lhe daremos mais do que puder conduzir. Ainda assim, você pode assimilar muito poder pelos padrões do mundo corpóreo. Você nasceu para isso...

– Vós criastes Tiakat como Pasguá criou Sistu? – Interveio Tjurmyen, com um tom de polida exigência. Sistu sentiu Tiakat apertar-lhe a mão com mais força.

– Nosso jeito é outro, ó pequena grande barda, mas tivemos de fazer alguns arranjos, tente entender. Tiakat, minha querida, fiz seu *iskakauti* chegar à sua mãe quando ela queria um filho e distraí outros homens que podiam tê-la disputado, mas eles transaram de livre vontade. Que ela tenha se embebedado a ponto de esquecê-lo, não estava em meus planos, mas como também não me prejudicou, deixei estar. Quer o nome dele?

– Bem... – hesitou a tlavatli – se não houver mal nisso, sim. Sempre quis saber quem é e se ele está bem...

– Ele era timoneiro e servo do governador quando passou por Raltlor, mas juntou um pecúlio para comprar a própria liberdade, formou uma cooperativa com alguns amigos remeiros e junto com eles deu entrada em um barco usado. Mora em Rasab com uma esposa, dois filhos e duas filhas. Chama-se Ichtaka e você o conheceu como mestre do *Palácio das Águas*.

Sistu ouviu de Tiakat uma mistura de riso e soluço, abraçou-a pela cintura e deu com o braço de Tjurmyen, que reproduzia o gesto do outro lado. Ela abraçou os dois, feliz.

– Formidável! – Exclamou. – Tenho vocês dois, um *iskakauti* e ainda irmãos e irmãs!

Sistu a beijou, assim como Tjurmyen. Sentia-se mesmo feliz por ela e tentou congratulá-la com o mesmo entusiasmo da barda, apesar de zozado demais para encadear as frases com clareza.

– Pequenos! – Chamou a deusa. – Precisamos criar nosso elo com Tiakat antes de irmos embora. Desculpem-nos separá-los por alguns momentos. Com licença...

Com cuidado, ela depositou Sistu e Tjurmyen na praia e lhes sussurrou, como quem confia um segredo:

– Tjurmyen, conheço um espírito ansioso por te conhecer, apesar de lhe faltarem forças para subir ao mundo corpóreo. Procure em Theendaung.

Sistu, sentado numa pedra, viu o olhar de espanto de Tjurmyen. Ia lhe perguntar o que aquilo significava, mas então a viu gritar, voltou-se e ficou estarrecido. Chiuknawat virara a cabeça para trás e segurava Tiakat com dois dedos sobre sua boca aberta, como quem vai engolir uma uva. Impotente, gritou também, em vão, ao ver Tiakat cair. Pensou por reflexo no jogo do caco, ativando o laço telepático.

Sentiu-se na pele de Tiakat, escorregando pela língua de Chiuknawat feita uma pílula. Passou pela garganta, mas foi como se caísse não dentro de um estômago, mas de um Sol flameante. Sentiu-se como se fosse se desfazer em luz, explodir, espalhada pelo Universo à velocidade do pensamento.

O laço foi então subitamente cortado. De volta aos próprios olhos, viu um clarão e outro som de trovão, seguido por uma forte ventania. Chiuknawat desaparecera.

Ficou de olhos pregados no mar, até ver uma forma delgada emergir da espuma e caminhar para a praia. Era Tiakat. Gritou junto com Tjurmyen. Ambos correram a seu encontro. Sistu tropeçou nos próprios pés e caiu n'água antes de conseguir se abraçar a ela, louco de alegria.

– O que aconteceu? – Perguntaram ambos a Tiakat, quase ao mesmo tempo.

– Crocodilos me mordam! – E explicou o que se passara para os atordoados companheiros – ... aí estava na água, no meio das ondas, tentando descobrir de que lado estava a praia. Foi muito esquisito, mas estou bem, obrigada, meus amores...

Exaustos, acabaram por dormir os três juntos, sobre o colchão improvisado. Sistu foi o primeiro a acordar, com as primeiras luzes do alvorecer. Sentia-se animado e bem disposto. Acordou Tiakat com um beijo e abraçou-a com o máximo de gentileza.

– Ai, assim você me quebra as costelas! – ela gritou.

– Desculpe, Lelon-xin! – Assustou-se ele.

Tiakat examinou-o e o achou muito bem, na verdade melhor do que antes. Não havia sinal de vermelhidão na boca queimada na véspera. Surpreendeu-se ao ver que haviam sumido sem deixar traço tanto a ferida ainda não completamente cicatrizada do duelo com Godar-nem, como algumas cicatrizes antigas e pequenas das quais se lembrava bem. A aura resplandecia como a de um grande mago, muito mais forte do que antes.

– Como você está, Mistonti-xin? – perguntou.

– Estou ótimo, me sinto leve como uma pena. – ele disse, para então perguntar: – Sabe de alguma coisa sobre sangue de draco?

– Tem propriedades curativas e estimulantes, mas nunca soube de alguém bebê-lo

diretamente de um draco vivo. Sua aura está diferente. Não sei o que isso significa.

Sistu sorriu.

– Também vejo, ouço e cheiro melhor do que antes. Sinto-me um inseto saído da crisálida.

– Bom, Mistonti-xin – disse ao namorado –, já que você está bem, vamos voltar para descansar e pensar no que aconteceu. Foi uma noite dura, ainda me sinto cansada.

Ao pôr-se de pé, Sistu saltou a mais de meia braça do chão. Tjurmyen achou graça.

– Ei, Sistu-bã, – comentou ela com o mais castiço sotaque de Raltlor – quando você disse que estava leve como uma pena, pensei que era maneira de dizer!

Seus primeiros passos foram como saltos, depois se conteve, acompanhando o ritmo das moças. Deixou-as tirarem uma soneca em seu quarto e saiu para dar uma volta. Sentia-se agitado, inquieto.

Ao vê-lo nos corredores, os dois vizinhos de quarto o chamaram.

– Sistu-bã, o mestre Rió-ci pediu para guardar aquele maldito caixotão de Duaraka no porão. Pode nos dar uma mão?

Enquanto pensava nos acontecimentos da véspera, Sistu pegou o caixotão fechado e jogou-o sobre o ombro.

Capítulo 52 – Predadores

Conversaram no final da manhã. Sistu e Tiakat souberam de Tjurmyen o que era o Theendaung: a morada de divindades mugais menores, distinta do mundo dos mortos comuns, dos demônios e dos deuses propriamente ditos. Tiakat deduziu que era um modo de um estado de consciência mais profundo que o Hades dos fantasmas, mas menos que o Érebo dos deuses, um espaço que ela conhecia como o Elísio, moradia dos seres conhecidos pelos senzares como *sar*, gênios ou semideuses como a própria Pasguá, entidades intermediárias entre os *quor* ou elementais e os *san* ou deuses. Alguns, como Pasguá, eram convocados pelos deuses ao Érebo para servi-los como auxiliares e mensageiros, mas os demais eram independentes e alguns tinham seus próprios devotos e culto, ainda que pequeno e local.

Difícil de alcançar, mesmo para uma xamã, mas não impossível. Quem fizesse essa viagem precisaria ser velado por um colega, pois mergulharia em uma catalepsia que um leigo não saberia distinguir da morte e precisaria de alguém preparado para convocar o espírito de volta ao corpo antes que este morresse por falta de água e comida. Segundo a explicação de Tiakat, em um plano tão profundo quanto o Elísio, a percepção do tempo ficava totalmente distorcida e não havia como controlar sua passagem. Um dia lá poderia significar anos no mundo corpóreo e vice-versa.

Discutiram também Quin-ci e o que ele chamava de Faroleiros. O mestre não autorizara Sistu a incluir Tjurmyen no segredo, mas depois dos acontecimentos dos últimos dias, o aprendiz já não se importava. Passara a ver a mugal como uma amiga confiável e dar ainda menos importância a ameaças e convenções humanas.

Sistu admitiu estar interessado na tal Guilda dos Faroleiros também por sentir a falta dos laços de solidariedade que deixara em Raltlor ao se afastar da família, dos amigos e da Casa dos Jovens. A camaradagem superficial do Instituto Imperial não o satisfazia e tinha esperanças de que a tal Guilda dos Faroleiros defendesse ideias de fato compatíveis com seus sonhos e aspirações e lhe devolvesse o senso de comunidade que perdera.

– Depois dos acontecimentos destes dias – disse ele –, já não sei se o apoio dos tais Faroleiros faria alguma diferença. Mas ainda tenho muito a aprender com o Instituto e com ele e também estou curioso a respeito dessa história. O que você me diz?

– Entendo teus motivos, mas não gostei dessa ameaça que ele lhe fez, Mistonti-xin – e a xamã franziu a testa – embora Kopinani tenha me dito que ele foi seu amigo, as coisas podem ter mudado.

– Penso que Kasmin foi honesto em expor regras que não dependem só dele. Ele não tentou me coagir.

– Bom, mesmo que não seja assim, pelo menos acho que temos condições de nos defender. Que acha, Sissã-xin?

– Olhem – respondeu a barda –, meu avô e eu colaboramos muito tempo com o Instituto e com Quin-ci, e não me parece que ele tenha mudado. Quanto aos Faroleiros, já ouvi boatos e li coisas em gazetas populares que me caíram nas mãos... Coisas desencontradas. Há quem fale dela como uma organização demoníaca, que conspira para acabar com o Império e a adoração dos deuses, há quem a descreva como idealistas que querem apenas educar o povo e combater injustiças e há quem diga que eles não existem. Em geral, aqueles que dizem coisas boas dos Faroleiros têm opiniões mais próximas do que eu penso, mas realmente não sei muito mais.

– Podemos resolver sobre isso depois da viagem astral de Sissã-bã – ponderou Sistu – seja qual for o resultado, teremos mais clareza da situação.

Tjurmyen percebeu que Tiakat e Sistu ansiavam por ficar a sós e despediu-se, depois do almoço para deixá-los à vontade.

A experiência da véspera triplicara as forças de Sistu em todos os sentidos. A noite já ia avançada quando resolveram sair para tomar ar e buscar um lugar para comer algo leve. Brincavam e riam como se fossem, outra vez, um casal de adolescentes que acabava de descobrir o amor.

Algumas braças acima, um poderoso predador noturno os acompanhava, saltando entre pátios e telhados desertos. Sentia-se onipotente. Não temia ser visto, ouvido ou pressentido. Ao contrário da maioria dos outros de sua espécie, sabia até como enfrentar o fogo e a luz solar. Como se os vastos poderes conferidos pelo seu atual estado já não bastassem para colocá-lo muito acima dos mortais, o saber sobrenatural que acumulara quando vivo o protegia das poucas coisas capazes de ameaçar sua nova existência. Julgava-se o ser corpóreo mais poderoso daquela vasta metrópole, talvez do mundo.

Já se alimentara de pouco mais de uma dúzia de estrangeiros de baixo estatuto, cujo sumiço custaria a ser notado e muito mais a ser investigado, e a experiência lhe ensinara a melhor maneira de emboscar uma vítima. Naquela noite, podia dar-se ao luxo de escolher suas presas e saborear lentamente a emoção da caçada.

Olhou para baixo e sorriu da ironia da situação. Tinha muito a agradecer àquele jovem. Ao devolver seu golpe e colocá-lo à beira da morte, vencera a hesitação que dele se apossava sempre que considerava aquele passo supremo. Sem eles, ainda seria um mero mortal. Agora, agiria como se fosse grato, pois lhe pouparia um sofrimento inimaginável.

Sua antiga discípula queria torturar pessoalmente os dois jovens em um daqueles

circos de horrores que mantinha. Seria um espetáculo muito especial e secreto, pelo qual seus clientes mais ricos e pervertidos pagariam pequenas fortunas. Ela lhes mostraria quão criativa poderia ser sua crueldade e cresceria em reputação ante seus admiradores.

Ele até sentiu certa pena de obrigá-la a abrir mão de uma fantasia tão ardente, mas o mestre Odu Arpá não queria correr o risco de vê-la cometer mais um erro. Afastou-a dessa missão e encarregou Tós-pás de eliminar o rival com discrição e rapidez, assim que estivesse pronto. Se fosse bem-sucedido, passaria a ser o segundo na linha de comando.

Seguiu o casal até vê-los entrar em uma rua escura e deserta, ladeada por dois grandes depósitos de mercadorias, que daquele lado não tinham janelas nem guardas. O lugar perfeito. Não havia gôndolas à vista e ninguém se aproximava daquelas esquinas. Mesmo que gritassem, teria tempo suficiente antes que alguém acudisse. Saltou e deixou-se cair sobre Sistu.

Para sua surpresa, o jovem resistiu com vigor. Mesmo com sua força sobrenatural, tinha dificuldade em segurá-lo. Imaginara que fosse forte, mas não a ponto de desafiá-lo. O plano era tapar-lhe a boca e contê-lo com um abraço ao mesmo tempo em que mesmerizava a companheira para que ficasse quieta até que pudesse cuidar dela, mas viu-se metido em uma luta corporal que não o deixava se concentrar.

Sentiu a moça tentar golpeá-lo e, sem pensar, jogou-a longe com um safanão. Ouviu vagamente o corpo cair na água do canal, sem dar atenção. Só pensava em cravar seus caninos naquele pescoço, estraçalhar aquela carótida. A custo, conseguiu uma brecha, forçou o caminho com uma velocidade sobrenatural e conseguiu.

A presa continuava a se debater. Estranho, as outras se entregavam no ato. Pouco importava, o sangue já entrava, escaldante, por sua garganta ressequida.

Uma dor além de toda imaginação, mas curta. E a morte, ardente, rápida e definitiva.

Ainda atordoadada, Tiakat debatia-se, desesperada, quando se sentiu violentamente puxada para a superfície. Então apagou. Voltou a dar conta de si, estendida na calçada. O peito lhe doía demais e um vulto se dobrava sobre ela na escuridão.

Tossiu e vomitou água lamacenta na boca de Sistu, que a tentava fazer respirar exatamente como ela lhe havia mostrado depois do acidente com veneno. Com a ajuda dele, ajoelhou-se, enfiou o dedo na garganta e vomitou o resto. Então reparou no peito ensanguentado de Sistu e a cena do ataque voltou-lhe à mente.

– O que houve? O que era aquilo? – perguntou, aflita.

– Não sei. Parecia muito doente, quase um cadáver, mas tinha uma força incrível.

– Você está bem? – perguntou, a fazer uma careta de dor.

– E você? – Sistu preocupou-se, com razão.

– Perguntei primeiro.

– Ele me mordeu o pescoço feito um jaguar, mas o sangue já estancou. Já não sinto dor.

Algun sangue ainda escorria pelo peito molhado, mas a ferida no pescoço acabava de fechar e cicatrizou sob os olhos admirados da xamã.

Enquanto Sistu se lavava do resto de sangue, Tiakat apalpou-se. Duas fraturas e uma contusão feia, mas os pulmões estavam bem.

– Estou machucada, ele me quebrou as costelas. Dói quando tento me levantar. Não, assim não!

Sistu a ergueu, cuidadosamente, como a um bebê.

– Mistonti, o que aconteceu com aquilo?

– Virou pó.

– Como assim?

– Não conseguia arrancá-lo do meu pescoço, tal a força com que se agarrou em mim. Ele me mordeu e começou a engolir sangue. De repente, largou-me, começou a roncar e agarrar a própria garganta. Joguei-o contra a parede com um soco no estômago, aí ele largou uma fumaceira pela boca e desmoronou no chão. Aí mergulhei no canal para pegar você. Quando voltei, estava morto. Olhe ali.

Tiakat virou cuidadosamente o pescoço. Entrevia uma mancha escura no chão.

– Mistonti, ponha-me no chão. Com cuidado.

Ajoelhou-se e conseguiu distinguir sandálias, roupas e um monte de cinzas, que ainda fumegavam um pouco. Sistu venceu a repugnância, puxou o pano e o examinou à luz tênue do farol distante. Recolheu as sandálias, as joias, os colares e a pulseira que encontrou, fez um embrulho com as calças e voltou a tomar Tiakat nos braços. Levou-a de volta ao Instituto Imperial e acordou o enfermeiro para ajudar a enfaixar Tiakat e dar-lhe uma poção analgésica. Ela sentiu-se melhor e dormiu.

Pela manhã, Tiakat examinou-se com mais calma. As fraturas nas costelas consolidariam naturalmente em três quatorzenas, estimou, mas valia a pena recorrer à magia para acelerar o processo. Por três dias, precisaria de sessões diárias de um sê, dedicadas a meditar e a concentrar seu poder na consolidação dos próprios ossos. Mas assim que começou o ritual, a dor sumiu. Apalpou-se, incrédula, cada vez com mais força. Estava completamente curada, pronta para outra. Teve então um pensamento que não tinha certeza se era dela ou da deusa nela: “veja como é fácil e prático combinar a habilidade da xamã com o poder de Chiuknawat”. Assobiou. Sentiu-se surpresa, assustada e contente, ao mesmo tempo. Lembrou-se, então, de renovar a proteção mágica do quarto.

Ela e Sistu examinaram o que haviam recolhido da rua. Insígnias de um senzar do clã Tós, o javali, com estatuto de pasciós. Tós-pás. A pulseira e os colares

portavam feitiços muito especiais, úteis para disfarçar uma aura incomum e protegê-lo da luz e do fogo.

– O que acha, Lelon-xin? – perguntou Sistu.

– Tós-pás se tornou um vampiro, com certeza. Simás não sabem se disfarçar nem fazer emboscadas dentro de cidades. Você sentiu algum prazer ao ser mordido por ele?

– Não! Era para sentir? – estranhou o namorado.

– Os vampiros costumam mesmerizar as vítimas ao ferrar as presas no seu pescoço, se não o fizeram antes. Assim elas se entregam sem resistência e ainda gozam.

– Não foi assim. – Sistu coçou a barba, pensativo. – Será que sangue de draco protege contra vampiros? A coisa reagiu como se tivesse bebido um ácido terrível.

Tiakat afastou a ideia com um gesto.

– Se fosse tão simples, já seria sabido há muito tempo – mostrou-se apreensiva. – Mistonti-xin, aqueles dracos devem ter preparado um ritual muito incomum e poderoso.

Sistu sorriu.

– Não tenho do que me queixar.

– Até agora não, mas ainda não sabemos o que isso significa.

Nisso, ouviram algo bater com força na janela, embora estivesse aberta. Sistu olhou em volta e viu, caída lá embaixo, no pátio uma cacatua branca, a se arrastar, confusa. Compreendeu que Pasguá tentara voar para dentro sem notar a proteção sobrenatural erguida por Tiakat em torno do quarto.

– Lelon-xin, parece que temos visita...

Curiosa, Tiakat desativou a proteção mágica deixada na janela com uma senha e fez um sinal à ave para entrar. A ave recobrou-se num instante, pousou no peitoril, pulou para dentro e transformou-se em mulher furiosa.

– Como tu e tua amásia pudestes destruir as espadas dos deuses? Não sei como o fizestes ou como escondestes vossos planos, mas jamais tanto engenho foi dedicado a tamanha imbecilidade! Lançastes o Érebo no caos!

Sistu interveio.

– As espadas eram minhas e eu decidi libertar os dracos. Minha amada Tiakat só me acompanhou.

– Irresponsáveis! Quem vos autorizou a desfazer a obra dos deuses? Não sabeis há quantos mil anos essas espadas foram preparadas e quanto esforço custou criá-las, guardá-las e fazê-las chegar às mãos de um imbecil desmiolado, um aborto bastardo como tu?

Antes de Tiakat conseguir articular uma resposta, Sistu falou.

– Pasguá, não pedi o papel que você quis me atribuir. Nem os dracos. Nem meu

tio Moam, a quem você lançou em uma armadilha mortal para que as espadas chegassem a mim. Como alguém poderia confiar em você ou em seus deuses depois disso?

Pasguá deteve-se um momento, surpresa.

– Que é isso? Vós vos unistes a Raan? Traístes a causa da justiça?

– Que justiça? A de quem trapaceia e manipula em proveito do próprio poder?

– De quem mantém o mundo no caminho certo!

– O mais vantajoso para vocês! Ou acaso é algo mais?

– Ah, mortais insolentes! Atreveis-vos a julgar a sabedoria de quem há milênios busca maneiras de impedir tua raça insensata de destruir a si própria e a este mundo? Não vos devo explicações! Vós é que nos deveis respeito e obediência!

– E se não formos obedientes?

– Pensas que precisamos de vós? Enganai-vos!

– Então, por que ainda me procura?

– És tu quem necessita de nós!

– Não me parece.

– Pois sabe que agora, mais que nunca, precisas de qualquer ajuda que possamos dar, pois destruístes os únicos símbolos capazes de unir as forças leais a nós, libertaste os únicos dracos com poder para vencer as monstruosidades do inimigo e eliminaste as únicas armas capazes de romper sua armadura indestrutível!

– Os deuses carecem de poder e imaginação a esse ponto? – Ironizou Sistu e arrependeu-se no mesmo instante. Embora sua vontade fosse dizer algo ainda mais duro, não era nada tático provocar uma adversária como aquela.

Pasguá fez uma cara feroz e assumiu uma atitude de ataque. Por reflexo, o senzar puxou Tiakat para trás e assumiu uma posição de defesa, mas sem saber realmente como se proteger caso a mensageira decidisse fulminá-los. De repente Pasguá fez uma expressão de surpresa e retrocedeu. Em seguida, se recompôs e manifestou uma ira um tanto teatral, que parecia encobrir uma emoção menos divina:

– Vim oferecer perdão e salvação, mas só encontrei arrogância. Poderias ser o pastor do rebanho dos deuses, mas continuas a preferir o destino de cães vadios. Pois não vos quero mais ver. Encontraremos outra maneira de conduzir nossos desígnios, anda que isso possa exigir muitos ciclos e um custo muito maior para seu povo. Desaparecei no esquecimento e não vos atreveis a pedir nosso auxílio!

Transformou-se em falcão branco, disparou pela janela e sumiu no céu nublado.

Tenso, Sistu deixou-se cair sentado na rede.

– Ela tem tantas faces de gente quanto de ave. Mas por que recuou tão de repente?

– Enquanto vocês discutiam, eu fiz o possível para reforçar o encanto sobre os nossos colares de proteção. Ela deve ter sentido o risco de choque de retorno.

– Tão fácil? Pensei que eram precisos dias de ritual para fazer um amuleto desses.

– Precisava mesmo. E não eram para se proteger de divindades...

Capítulo 53 – As inseparáveis

– Preciso de sua ajuda, é claro, Dayphong-xin – disse Tjurmyen, ao saber do novo encontro com Pasguá – mas o momento não é bom. Do jeito que as coisas estão, Sistu-bã pode precisar de sua ajuda a qualquer momento.

– Sissã-xin, – respondeu a tlavatli – Mistonti e eu conversamos e ele acha que se isso pode fazê-la mais forte, como Chiuknawat nos deu a entender, vale o risco. Quanto mais cedo, melhor. Ele acha que as coisas podem piorar e vamos precisar de tantos recursos quanto pudermos reunir. Eu concordo com ele.

Embora a xamã a acompanhasse até o Limbo, Tjurmyen não conseguiu alcançar o Elísio na primeira tentativa. Nem na segunda. Mas teve sucesso no terceiro dia. Viuse, então, a vagar em um céu sem fim, à procura de uma imensa tartaruga voadora. Por estranho que pareça, não foi fácil encontrá-la. Tjurmyen teve a impressão de ter passado dias à sua procura e só não se afligiu porque sabia ter Tiakat a cuidar de seu corpo e pronta para acordá-la se tempo demais se passasse no mundo corpóreo.

Por fim viu Theendaung a nadar entre as nuvens, tão grande quanto a cidade de Atlântis e mais bela, coberta por jardins de sonhos e palácios de contos de fadas. Ao pousar sobre ela, pôde esquecer-se de estar sobre as costas de um animal: era como estar em terra firme. Sentiu outra vez o peso normal.

Caminhou sobre uma trilha coberta de musgo denso e muito agradável aos olhos e a seus pés descalços, na direção de uma vila. Ao chegar, reconheceu vários gênios mugais, mas não quem mais desejava encontrar. Por achar impróprio entrar nua na cidade, criou um traje adequado com a mente.

Aproximou-se de uma figura andrógina a segurar uma cesta de flores com trajes semelhantes aos seus, mas de cores bem mais berrantes. Tjurmyen reconheceu o padroeiro, ou padroeira, dos artistas em Zjoey. Fez uma profunda reverência e falou-lhe em mugal.

– Saudações, Byenwhao. Quem gosta de flores tanto quanto esta trovadora deve saber onde encontrar as mais raras. O mestre sabe, talvez, onde vive Kintjur?

A voz que respondeu era tão ambígua quanto o rosto.

– Dança com o artista, o mestre mostrará à discípula.

Tjurmyen pôs-se a dançar com Byenwhao, que marcava um animado ritmo mugal com suas castanholas. Outros gênios juntaram-se ao seu redor para apreciar o espetáculo. De repente, gargalharam e bateram palmas. Tjurmyen notou que ao concentrar-se na dança, deixara suas roupas sumirem. Ficou vermelha como uma peônia, mas continuou até Byenwhao terminar e receberem os aplausos da plateia.

Deixou-se então conduzir pela mão ao outro lado da vila, onde Byenwhao lhe

mostrou a morada de Kintjur, deu-lhe um ramalhete de flores e despediu-se.

Era como Tjurmyen sempre o imaginara: uma casinha simples, com muitas flores *kintjur* no jardim. Começou a suar frio e tremer. A boca estava seca, os lábios mudos e as mãos e pés, indecisos. Era como se houvesse vivido aquele momento muitas vezes. Vinham-lhe à mente mil antigas fantasias sobre o que faria e diria se um dia encontrasse de verdade a amiga – imaginária? – com a qual compartilhara as muitas dores e raras alegrias da infância e a parceira invisível de recorrentes fantasias sensuais vividas e revividas desde a adolescência e mesmo depois de ganhar o amor de Tiakat.

E se não estivesse em casa? E se não a recebesse? E se zombasse de sua pretensão? E se não fosse como a imaginara? O frio na barriga não a deixava pensar. Por fim, fechou os olhos, mordeu o lábio inferior, engoliu em seco, ergueu a mão crispada e preparou-se para bater à porta. Nesse exato momento, ouviu uma voz de menina.

– Bem-vinda, Tjurmyen querida!

Abriu os olhos.

Kintjur era mais jovem, mais bela e mais estranha do que suas fantasias. Três dedos mais baixa que Tjurmyen, tinha a aparência de uma mocinha recém-saída da puberdade. Seu rosto parecia dividido ao meio – o lado direito era de uma garota clara, suave e delicada, o esquerdo um nadinha mais moreno, decidido e sensual. O lado direito da túnica era vermelho e dourado com garças de prata, o esquerdo negro com nuvens brancas e dragões de ouro. O cabelo estava arranjado de um jeito também assimétrico, mas gracioso.

Obedecendo a seu impulso e suas pernas bambas, Tjurmyen ajoelhou-se, prostrou-se com teriam feito seus mais remotos antepassados ante seus deuses, beijou-lhe os pés descalços e estremeceu. Kintjur riu.

– Tjurmyen, amigas não fazem isso! Esta casa é para a visita, que deve entrar e ficar à vontade. A grata companhia aceita um chá?

O nó na garganta não a deixou responder, mas assentiu com a cabeça, pôs-se de pé e obedeceu-a, em êxtase. Entrou e ajoelhou-se na esteira, enquanto Kintjur fechava a porta e trazia o bule do fogareiro. Viu um vasilhinho disponível e o aproveitou para improvisar um arranjo com os botões rosados de ameixeira e raminhos de sanguinária que ganhara.

A cabana era pequenina, quase uma casa de bonecas. Só um degrau e um biombo dourado, decorado com elementais brincalhões, separavam o espaço de dormir e receber visitas daquele que servia de cozinha e depósito.

Kintjur trouxe o chá. A tigelinha de barro era simples e o aroma, delicioso. Sorveu-o de olhos fechados, com a cerimônia devida a um presente divino.

– Tjurmyen, a bela barda ficaria mais à vontade vestida, não é? A apreciada

visitante gosta deste estilo.

Não era uma túnica longa como a de Kintjur, mas um conjunto roxo de calças largas e túnica curta, como Tjurmyen gostava. Era leve como nada, pura cor solta no ar, mas amenizou a estranheza da situação. Conseguiu, por fim, usar a voz, ainda que embargada.

– Kintjur, a humilde peregrina não sabe como dizer. A devota sonha com o espírito, com o duplo espírito, desde pequena...

– As anfitriãs sabem. As padroeiras do amor entre mulheres queriam muito ver a devota e ficaram muito felizes ao saber que a peregrina estava a caminho.

– A esperançosa viajante busca...

– As sempre unidas teriam prazer em dar aquilo que a modesta peregrina pede. As inseparáveis apreciariam voltar a pisar o mundo corpóreo, sentir outra vez as emoções da carne e do sangue no corpo e na companhia da mais sincera devota. Mas...

Tjurmyen sentiu o coração encolher.

– Não é possível?

– As padroeiras bem sabem o quanto a viajante deseja crescer em sabedoria e poder e o quanto merece esse desenvolvimento. Mas o duplo espírito pouco tem a oferecer além de lealdade, integridade e coragem, coisas que a devota já tem de sobra. Mesmo nos nossos melhores tempos, as unidas eram jovens e não muito poderosas. O culto das inseparáveis sempre foi modesto e hoje está esquecido. Poucas se lembram dessa história como mais do que um conto romântico...

– Não! A esperança de viver um amor como o das inseparáveis salvou a peregrina criança da loucura e a manteve de pé quando pensou em buscar a morte. É como as padroeiras que a humilde visita deseja ser.

– A peregrina tem certeza? As gênias unidas podem apresentar a visitante a gênios muito mais antigos e poderosos, desesperados por ajudar quem possa restaurar algo da glória da civilização mugal e capazes de fazer da barda uma deusa entre os mortais.

– A trovadora não quer ser uma deusa. Quer ser guiada por uma nobre inspiração.

– Amiga, os recursos das inseparáveis não bastarão para superar as provações e dificuldades que esperam Tjurmyen. A linda visita não pode desperdiçar a oportunidade. As unidas querem que conheça uma amiga mais velha, sábia e poderosa. A melhor guia que a bela barda poderia encontrar em todo o Elísio...

– A peregrina pede desculpas pela teimosia, mas insiste em querer Kintjur – disse Tjurmyen, humilde e firme.

– Ao menos, a visita deve ouvir nossa amiga e aprender da sábia gênica segredos que ninguém conhece no mundo corpóreo e que para as inseparáveis, são inacessíveis.

– Inacessíveis? Às gênias? – a mugal ficou mesmo surpresa.

– Sim. A mente humana tem falhas e fraquezas das quais os espíritos são poupados, mas pode ser mais versátil e aberta. A mente da talentosa visita é uma das mais brilhantes do povo mugal. Com esses conhecimentos, então sim, a barda e as inseparáveis serão uma força a ser respeitada no mundo corpóreo, talvez até pelos próprios deuses.

– Será um prazer ser útil às padroeiras. A devota está pronta.

– As inseparáveis apresentarão a peregrina a Senkoe, se a visita seguir os passos das anfitriãs.

Tjurmyen a seguiu por uma trilha que se afastava da vila, entrava em um bosque e subia por uma colina densamente arborizada, com belas cascatas e uma vista maravilhosa. No alto, erguia-se sobre um platô uma casa bem maior e mais imponente que a de Kintjur, mas de aparência menos cuidada. Chegar à porta exigia atravessar um brejo, mas no qual cresciam lótus com a mais bela cor rosada que Tjurmyen já vira. Tiraram as sandálias, suspenderam as roupas até as coxas e meteram os pés na lama.

A vistosa aldraba de bronze soou como um gongo quando Kintjur a bateu. Pouco depois, a porta grande e pesada abriu-se com a suavidade característica da magia. Uma figura feminina flutuou no ar e pousou à sua frente.

Tjurmyen a imaginava como mulher serena e madura. Na verdade, Senkoe tinha a aparência de mulher feita, mas sua magreza e vivacidade de moleca lhe dava um ar tão jovem quanto Kintjur e lembrava um pouco Tiakat. Usava um avental manchado de muitas cores sobre um conjunto semelhante ao seu, mas cor-de-rosa.

– Bem-vinda, Kintjur, é um prazer ver as amigas! Esta casa é para as visitas!

– Saudações, Senkoe, como vai a nova experiência?

– Devagar, Kintjur, mas a alquimista saberá superar as dificuldades, nem que leve mil anos. Quem é a moça linda que acompanha as amigas?

– A alquimista já ouviu falar de Tjurmyen, não?

– Claro que sim! A jovem barda de Atlântis!

– Pois ela busca a aliança com um espírito do Theendaung. Nós lhe dissemos que Senkoe poderia ser a melhor de todas as guias...

– E a experimentadora pode mesmo.

Tjurmyen interveio.

– Muito obrigada, divina Senkoe, mas Kintjur é a guia que quero.

Kintjur sorriu para a outra gênica.

– Pois, Senkoe, Tjurmyen é teimosa. Mas o menor dos segredos da alquimista ajudaria muito mais a brilhante artista a lutar pela causa mugal no mundo corpóreo do que o modesto poder das inseparáveis. Em nome da amizade, as padroeiras do amor entre mulheres perguntam se a sábia pode ensinar algo à linda peregrina. Claro

está que, se enquanto isso a mestra convencer a discípula a mudar de ideia e aceitar Senkoe como guia, Kintjur não ficará magoada. No fundo, seria o melhor para a peregrina e para o mundo...

– A barda não vai mudar de ideia, Kintjur.

Senkoe piscou para Tjurmyen de um jeito travesso que lembrou mais ainda Tiakat.

– Então, a moça e a gênica vão brincar de alquimistas e feiticeiras? Vai ser gostoso.

– Senkoe quer ensinar a peregrina? Mesmo que a barda se devote a Kintjur?

– Sem problemas. Kintjur é uma grande amiga e a alquimista não faz questão de voltar ao mundo corpóreo. Aqui, o trabalho rende muito mais, pois é mais fácil lidar com a ideia da matéria do que com a coisa real. É só pôr um avental e mãos à obra.

Kintjur fez uma reverência.

– Obrigada, Senkoe, mais uma vez as inseparáveis estão em dívida com a sábia.

– Que dívida, que nada, Kintjur, isto vai ser muito divertido...

E Tjurmyen lá ficou com Senkoe, a identificar milhares de substâncias estranhas e malcheirosas, a forjar oricalco, manipular poderosos axés com cristais e destilar poções misteriosas. Ajudou Senkoe a construir criaturas de metal capazes de fazer pequenos serviços domésticos e de laboratório, outras que pensavam, escreviam e falavam, outras que voavam e outras que só serviam para fazê-las rir como crianças.

Às vezes, tinha a impressão de passar quatorzenas inteiras a trabalhar sem parar, mas ali não precisava sentir fome, sede ou sono e a mestra não a deixava entediar-se. Senkoe mostrou-lhe uma maravilha atrás da outra e contou-lhe segredos espantosos. Explicou-lhe como a matéria se condensara em estrelas e mundos, como os seres vivos se transformavam ao longo de incontáveis ciclos, como seus sistemas nervosos emanavam feixes de axé e como os nós desse poder mágico manipulavam a matéria e criavam os espíritos e os próprios deuses. Contou-lhe como se vivia nos planetas Erakal, Muati, Shadi e Arali e lhe falou de mundos ainda mais distantes e de outros cosmos onde a matéria, força e axé se comportavam de maneiras muito diferentes.

Tjurmyen sempre julgara as coisas em termos estéticos. Raramente se interessara por saber como funcionavam e por que eram como eram, mas Senkoe lhe despertou interesses e desenvolveu talentos que não imaginava poder possuir. Descobriu que estar no Elísio lhe permitia absorver instantaneamente e jamais esquecer o que ali aprendia.

Um longo experimento, concebido como trabalho de graduação, a fez transformar chumbo em estanho, depois em ferro, cobre, prata, ouro, depois em uma pedra brilhante que luzia como um farol – a pedra filosofal, como explicara a mestra –, depois em chumbo de novo. Quando terminou, Senkoe se disse muito satisfeita.

– A brilhante amiga já aprendeu muito mais do que sabem os melhores

alquimistas de Atlântis. Mas há muito mais e sempre haverá. A linda artista quer continuar, ou voltar para Kintjur?

– Se a sábia mestra acha que a humilde aprendiz aprendeu o suficiente para as necessidades de Kintjur e da missão, a peregrina quer voltar. Foi para encontrar Kintjur e ter forças para ajudar seu povo que a aprendiz viajou.

– Então, a talentosa companheira está graduada com louvor. Se algum dia a graciosa amiga precisar saber mais, a alquimista de Theendaung estará à disposição.

– Obrigada por tudo, Senkoe. A discípula pede licença para se retirar.

– Só um momento, para um presente de despedida. Por aqui.

A um sinal de Senkoe, abriu-se no chão uma passagem para uma pequena câmara subterrânea de cuja existência Tjurmyen não suspeitava. Desceram uma escadaria e Senkoe mostrou um depósito de potes e frascos lacrados.

– Estes são os maiores tesouros de Senkoe, as poções mais poderosas que já conseguiu criar. A visita pode escolher qualquer delas.

Havia pelo menos mil frascos e Tjurmyen examinou todos os rótulos com cuidado, enquanto Senkoe fazia um silêncio pouco costumeiro. Então, decidiu-se por um pote de porcelana. No rótulo, lia-se *wjnmudsydyn*, “pó de mãe de nuvem” em mugal.

– A humilde discípula deseja este.

Senkoe aprovou.

– Boa escolha. A obra-prima de Senkoe. Uma pitada faz efeito por três sessans e um punhado, por toda a vida.

Deu-lhe um saquinho de pó e despediu-se com um beijo.

Tjurmyen trocou as roupas do laboratório pelas que Kintjur lhe dera, atravessou o brejo, lavou-se longamente numa cascata gelada até ter certeza de que nada restava dos estranhos odores do laboratório. Pôs flores perfumadas no cabelo e desceu, ansiosa, a trilha para a vila. Encontrou sua gênica sentada à soleira da porta.

– Kintjur! As inseparáveis estavam à minha espera?

– Claro. Desde que as unidas desceram a colina.

– Mas a devota sente como se tivesse passado meses com Senkoe...

– De qualquer forma, chegou o momento esperado. Esta casa é para a visita.

Ajoelharam-se na esteira, olhando ansiosas uma para a outra. Mesmo Kintjur só tinha uma vaga ideia sobre o que fazer. Tjurmyen lembrou-se do presente de Senkoe.

– Senkoe deu à aprendiz um punhado de *wjnmudsydyn*. É preciso tomá-lo antes de as padroeiras e a devota subirem ao mundo corpóreo.

– Isso funcionará lá, mesmo feito no Elísio?

– Sim, o que está em baixo é como o que está em cima. A matéria daqui, como este pó, é feita de padrões de interferência que combinados com os de um corpo astral como o desta peregrina...

Kintjur riu.

– A maravilhosa artista já fala como Senkoe, mas não deve perder tempo a tentar explicar essas coisas a simples moças do campo. As inseparáveis acreditam em ti.

Tjurmyen abriu o saquinho, despejou na mão o punhado de pó iridescente e o pôs na boca de uma vez. Reprimiu a vontade de tossir, era como talco. Então se dissolveu e fervilhou, primeiro deixando a boca e a garganta dormentes, depois o corpo. Era como ter água gasosa a circular nas veias, como ser feita de estrelas. De repente, estava flutuando no ar, como Senkoe fazia quando tinha vontade. Subiu até o teto e empurrou-o com as mãos para voltar para perto da fascinada Kintjur.

– Tjurmyen tem mesmo certeza de precisar destas pobres gênias?

– Claro que sim.

– Ah, as distraídas inseparáveis lembraram-se de que a linda peregrina já recebera mais outro presente, o de Byenwhao.

Mostrou-lhe o vasinho. As flores haviam caído e as folhas apodrecido, mas do ramo brotava agora uma ameixa cor de anil. A água se tornara uma tinta da mesma cor.

– Que acontecerá se eu a comer?

– Se a discípula da sábia não sabe, as incultas inseparáveis muito menos...

Valeria a pena? De Byenwhao, podia esperar loucura, mas não maldade. Decidiu correr o risco. A ameixa era cheirosa e agridoce. Engoliu-a. Ao fazer isso, entendeu que ela lhe dava visão de futuro, uma habilidade impossível de controlar, mas que Tiakat e Senkoe não tinham e Sistu apenas de maneira primitiva. Viu num relance como seria a seguir se fosse em frente e o que aconteceria se desistisse. Sentiu excitação e medo, euforia e ansiedade. Engoliu em seco.

– Já estou pronta, Kintjur.

– Tjurmyen, as inseparáveis querem ser as guias da peregrina, mas nunca fizeram isso antes...

– As padroeiras não devem se preocupar, dará certo, a barda viu...

Caminharam para o alto de uma colina pedregosa afastada da vila. Por insistência de Kintjur, juntaram suas roupas com folhas aromáticas e as queimaram em sacrifício a Koynim, à qual oraram pelo bom sucesso da união. Kintjur sentou-se então em uma pedra no ponto mais alto e passou a expirar e inspirar profundamente e buscar o transe, seguindo a orientação de Tjurmyen. Em alguns momentos começou a soltar fogo pelas narinas, pela boca, pelos ouvidos e, num instante, tornou-se uma coluna de chamas, a se projetar do pico como a erupção de um vulcão. Tjurmyen caminhou e mergulhou na fogueira.

Inspirou profundamente as chamas e deixou que a penetrassem. Não sentia queimaduras, mas um ardor de febre e paixão que vinha de dentro tanto quanto de fora e depois o prazer doloroso de um orgasmo que nunca acabava e ficava cada vez

mais forte. Já longe da lucidez, mas ainda consciente, viu sua carne, rubra como ferro em brasa, derreter e evaporar. Desfeita em chamas, fundiu-se a Kintjur numa bola de axé pulsante antes de tudo explodir em um clímax insuportável.

Abriu os olhos e viu o rosto preocupado e cansado de Tiakat. Suspirou, feliz.

– Dayphong-xin...

– Sissã-xin! Já não me aguentava mais, ia te acordar...

– Quanto tempo se passou?

– Três dias e meio! Não interrompi porque senti que você estava bem, mas estou caindo aos pedaços.

– As inseparáveis e a devota queriam contar tudo à xamã, mas estão também muito cansadas... Devem todas dormir, então.

– Hem? É você mesma, Tjurmyen?

– Desculpe, sou eu, sim, mas ainda um pouco confusa...

– Tá, mas você precisa beber e comer pelo menos um pouco. Vou avisar Tjaokun que está tudo bem e vamos te preparar alguma coisa.

Depois de dormir doze sessans, Tiakat acordou. Era já a noite do dia seguinte e fez do jantar seu desjejum, assim como a companheira. Tjurmyen satisfez a curiosidade da madrinha com descrições vivas do mundo do Elísio e dos gênios que havia conhecido. Depois, Tjaokun foi deitar-se e as mais jovens saíram à rua para espairecer e conversar sobre a parte mais interessante da aventura. As complexidades da experiência da companheira e dos conhecimentos que adquirira espantaram Tiakat.

Sentiu uma nova força por trás dos olhos brilhantes do mais adorável rosto feminino que já conhecera, que vinha menos da gênica Kintjur, oculta em alguma parte daquele coração que também era seu, do que do desenvolvimento da própria Tjurmyen.

– Sissã-xin, não tem vontade de testar seus novos dons?

– Vamos ver? Mas é mais seguro no parque, pode haver algum curioso na janela.

O parque público estava vazio e às escuras. Caminharam a uma clareira no meio das árvores.

Tjurmyen voltou o rosto para cima, inspirou fundo, fechou os olhos e lançou-se na direção do crescente de Suquá, já perto do zênite.

Abriu os braços como se fossem asas e sentiu, deliciada, a vigorosa carícia do vento no rosto e o cabelo e as roupas a esvoaçar. Aquilo, sim, era voar de verdade, não aquele flutuar e vagar, sem força nem graça, dos mundos incorpóreos.

Abriu os olhos e viu-se cercada de estrelas. Abaixo, um pontilhado de luzes demarcava os principais canais e avenidas da capital, quase até o horizonte. Eufórica, deu uma grande volta sobre o Dzezzyo, sobrevoou a muralha e a praia, para admirar a espuma brilhante sobre o negrume do mar. Voltou então para o parque.

– Que maravilha, Sissã-xin!

Tjurmyen olhou-a de um jeito provocante e misterioso.

– Há mais, meu amor. Mas quero mostrar o outro dom entre quatro paredes...

– A precognição?

– Não, outra coisa. Vou te amar em dobro.

Intrigada, Tiakat acompanhou-a de volta. Banharam-se juntas e foram ao quarto. Tjurmyen sacudiu a cabeça que, ante os olhos esbugalhados de Tiakat, esticou-se para os lados e dividiu-se em dois rostos sorridentes. O corpo da moça de duas cabeças também se alargou e deu origem a um par de gêmeas xifópagas. Com um repelão, as duas se separaram. Só uma tinha o corpo tatuado, mas de resto eram idênticas. Uniram-se então a Tiakat em um triplice abraço que a deixou doida.

Passada a tempestade, Tiakat estudou as faces, a tentar distingui-las. Eram quase iguais, mas a tatuada tinha um ar mais sensual e atrevido e a outra parecia mais delicada e tímida. A primeira devia ser Tjurmyen-Kinzhyn e a outra, Tjurmyen-Tjurtsi.

– Como se sentem? Vocês são duas pessoas?

– Não exatamente. Como uma, duas, três e quatro, ao mesmo tempo. Quando toco você com um corpo, o outro também sente, se vejo você com os dois pares de olhos, distingo os dois pontos de vista, mas é como se uma terceira soubesse o que os dois corpos sentem e fazem e pensasse por eles e essa terceira fosse duas!

O sol já nascia e as gêmeas reuniram-se. A lisa abraçou a tatuada por trás e fundiram os corpos na Tjurmyen de antes. Ela e Tiakat vestiram-se e ajudaram Tjaokun a preparar o desjejum. Depois, foram à praia. Pela primeira vez, Tjurmyen animou-se a tirar a roupa e mergulhar nas ondas. As crianças admiraram-se das tatuagens e quiseram vê-las mais de perto. A barda divertiu-se a mostrar-lhes as figuras e contar-lhes algumas das histórias ali representadas. Depois de ouvir o canto das sereias e jantar em casa, ela e Tiakat foram dormir cedo para acertar seu passo com o do mundo.

Já meio adormecida, Tiakat começou a tentar contatar Kopinani, mas de súbito se lembrou que ela não estava mais entre os viventes.

Para afastar a tristeza, tentou então Sistu e surpreendeu-se: o laço telepático havia melhorado muito. Era agora quase tão claro quanto havia sido com a antiga mestra. Recebeu cumprimentos pelo sucesso e combinaram o encontro na manhã seguinte.

Capítulo 54 – Uma ajuda inesperada

Odu Arpá esforçava-se por acreditar nos próprios olhos e ouvidos. Duas imponentes presenças espirituais estavam reunidas em seu próprio quarto. Pasguá, mentora de seu adversário, vinha lhe oferecer seus serviços. Os Usurpadores estavam dispostos a oferecer-lhe seu apoio, com algumas condições. Jamais fantasiara tal possibilidade.

Chamara seu próprio mentor, Rudlá. Não podia correr o risco de contrariar Raan.

– Que tendes vós a perder? – Perguntou a pálida figura feminina. – Meros nomes e aparências, insignificantes para espíritos de ação. Quar Odu Arpá será o governante de fato, o Generalíssimo conquistador dos bárbaros, como no tempo do velho Império Senzar. O Casal Imperial manterá um papel cerimonial, como fiador da tradição e do culto dos Criadores da Humanidade.

– Dos Usurpadores – rosnou Rudlá.

– Mais uma vez, meros nomes! – Respondeu ela. – Não haverá mais os Deuses da Criação e os Deuses do Caos, haverá apenas os Grandes Deuses. Raan e sua corte serão reabilitados e seu culto integrado na Religião do Estado. Um grande santuário lhe será erguido na ilha sagrada, ao lado do Templo de Varjá. Seus sacrifícios serão novamente celebrados no alto das pirâmides e não em porões infectos. Seus adeptos poderão beber o sangue dos inimigos a céu aberto. Não sois vós que insistis em pôr o poder da vontade acima das ideias e dos valores?

– Mas vós quereis dividir o culto e o axé dos mortais que poderia caber apenas a nossos deuses – objetou Arpá, andando de um lado para o outro com as mãos às costas. – E se propondes um acordo, é que sabeis que estais derrotados. Vosso paladino, com certeza, vos decepcionou. Por que os Antigos Deuses aceitariam a metade quando podem ter tudo?

– Como sabeis, não somos os únicos deuses deste mundo – respondeu Pasguá. – Há mugais, tlavatlis, caris, helcarianos, lemurianos...

– Mugais? Tlavatlis? – Perguntou Rudlá, de olhos arregalados. – Se esses pobres coitados vos preocupam, sois adversários mais indignos do que imaginávamos! – Gargalhou com vontade e deu um tapa nas costas de Arpá, que apenas sorriu. Continuava tenso como uma corda de arco, atento ao mistério da proposta inesperada.

– Não zombeis, pois isso apenas revela vossa ignorância – respondeu, ativa, a emissária de Karmó. – Vossa única preocupação nos últimos milênios foi preparar-se para aproveitar a oportunidade do Grande Jogo para nos destronar. Nós, que tivemos a responsabilidade de um Império para reger e um mundo para vigiar, tivemos de ter

em conta outras possíveis ameaças além de vós. Uma das que cresceram muito nas últimas undécadas é a dos deuses agartis. Agarta representa um desafio humano a Atlântida e suas divindades podem tirar proveito de um conflito prolongado entre nós.

– Bah! – Desdenhou Rudlá. – Não criaram problemas das outras vezes em que nos enfrentamos. Daremos conta deles depois de acertarmos as contas convosco.

– A última vez foi há mil e cem anos! – Irritou-se Pasguá, elevando os punhos ao teto. – Naquele tempo, Atlântida era um reino jovem e modesto numa ilha distante das grandes potências, os caris ainda governavam um império respeitável, os mugais tinham a mais rica civilização do mundo e Agarta era domínio de isolados fanáticos das montanhas! Ouvi, bárbaros primos, ouvi! Nessas cem undécadas, cem!, nós, os Deuses da Criação, erguemos o maior e mais opulento Império já visto neste mundo...

– Já ouvimos esse conto antes... – disse Rudlá, exagerando um bocejo.

– ... e este Império, como é inevitável, tornou-se alvo da cobiça e inveja dos rivais, cada vez mais fortes atentos a qualquer distração nossa! – Continuou a gênica, ignorando a interrupção. – Não estamos mais sós! Os deuses agartis aguardam, ansiosos, o momento de nos ver esgotados por nossas lutas internas, para se apoderar do botim! Não voltaremos à tranquilidade enquanto Atlântida não governar toda Kishar!

Rudlá hesitou. Arpá ouviu, atento. Encorajada, Pasguá prosseguiu.

– Digo-vos mais! Uma deusa tlavatli, Xeló, iludiu-nos a vigilância, seduziu desajustados, foragidos e marginais e há dias conseguiu um poder comparável ao de Raan ou Varjá por meio de uma série de ardis. Se ela se unir aos agartis...

– Ah! – Interveio Rudlá. – Agora compreendemos. O distúrbio interplanar de há quatorze dias era Xeló a passar a perna em vós! Deixou-vos sem condições de prosseguir o jogo! Diverte-nos então, conta-nos como a sem-teto roubou as calças dos sábios e vigilantes Deuses da Criação sem que estes dessem por isso!

– Ela inventou uma magia de camuflagem indevassável! – protestou Pasguá. – E deixai-vos de brincadeiras! A situação é séria! De fato, perdemos alguns dos nossos recursos, mas se recusardes a nossa proposta, informaremos o Casal Imperial e lhe ofereceremos nosso apoio para resistir a vós, mesmo se não estava em nossos planos prorrogar o mandato desta dinastia. Antes correr o risco de reger o Império por meio de uma linhagem exaurida do que pôr a perder tudo que construímos, pois sem nossa ajuda e experiência, Raan não saberá dar conta dos desafios que aguardam Atlântida!

Rudlá ia dar uma resposta desdenhosa, mas Arpá tomou a palavra.

– Rudlá, proponho discutirmos a proposta de Pasguá em particular.

O gênio olhou-o com ar de dúvida, mas concordou. Enfim, Arpá era o estrategista

escolhido por Raan. Pasguá concordou em retirar-se por um sê.

– Poderoso Rudlá – disse Arpá, – convém-nos o efeito surpresa. Não podemos contar com o interior, não tenho tantos mentôs nas colônias quanto precisaria para uma vitória rápida e preciso de pelo menos três dias para pôr em movimento um golpe coordenado. Se o Imperador e a Imperatriz forem informados hoje, terão condições de desbaratá-lo ao menos dentro da Capital e isso tornará as coisas muito mais difíceis. Independentemente dos deuses.

– Se Xeló lhes roubou axé suficiente para tornar-se uma ameaça, não lhes resta o bastante para serem um problema para Raan, eu te digo.

– Não sei, temos uma incógnita. Quando fizemos nossos planos, contávamos com um jogo de regras mais claras, no qual os apostadores não entravam na rinha para disputar espaço com seus galos. Suponho que os deuses não podem mentir, nem quebrar as próprias regras e juramentos...

– Não podem mesmo, é impossível! – Concordou o gênio, cerrando o cenho. – Não entendo como Pasguá pode tentar nos trapacear.

– Então, suponhamos que não está trapaceando. Tal como me explicaste, o Pacto exige dos deuses agirem por meio dos gênios intermediários e dos paladinos para pôr em jogo os Artefatos Eternos por eles portados, as Espadas dos Usurpadores e a Armadura dos Antigos Deuses. Se um paladino for morto ou vencido, está derrotado. Mas se ambos vivem e algum dos Artefatos for destruído, o jogo e suas regras deixam de existir. Se Pasguá não mente, concluo que a tal Xeló encontrou uma maneira de destruir as Espadas e devorar seu axé. Como se um terceiro roubasse uma peça de um jogo de zenjogue e não houvesse como substituí-la. O campeonato estaria cancelado, não haveria mais regras a serem quebradas.

Rudlá arregalou os olhos, iluminado por súbita compreensão.

– Isso significa que...

– Os deuses podem deflagrar seus plenos poderes sobre os homens e a natureza. Se isso for ao limite, não sei se sobrará muito a ser conquistado. E permita-me que te diga, não me parecem vazios os argumentos de Pasguá. Xeló deve ter obtido muito mais poder do que imaginávamos que uma deusa tlavatli seria capaz e, até onde sabemos, não está limitada por pacto algum. Quanto aos agartis, fiquei bastante impressionado com a rukma que me ajudaste a capturar. Se seus humanos são tão capazes, não subestimemos seus deuses... Em suma, se não há mais pacto, precisamos de um, ao menos entre os deuses senzares.

Rudlá deixou-se convencer. Improvisou-se um pacto entre os Antigos Deuses e os Usurpadores. Em nome destes, Pasguá teve de conceder que Raan se tornaria a divindade suprema da nova ordem. O Casal Imperial e seus descendentes seriam preservados para garantir a continuação do culto a Varjá e sua corte, restrito a no máximo dois quintos dos recursos disponíveis, mas todo o poder político seria da

dinastia de Generalíssimos ou Hegemons a ser fundada por Quar Odu Arpá. Até que este completasse a tomada do poder, os deuses e gênios de ambos os lados abster-se-iam de agir, salvo para responder à intromissão direta de divindades estranhas ao pacto.

Pasguá pediu, em seu próprio nome, uma exceção. Queria encarregar-se pessoalmente de punir os traidores que conspiraram com Xeló. Odu Arpá estava pronto a concordar, se ela esperasse pelo início do golpe. Rudlá não fez objeções.

Concluído o pacto, os gênios se retiraram. Odu Arpá sentou-se para repassar os acontecimentos e meditar. Devia antecipar o movimento, avisar seus prepostos na mesma noite para deflagrar o golpe na madrugada do terceiro dia, mas antes precisava repensar os muitos detalhes que deviam ser modificados. Devia garantir que a família imperial ficasse aprisionada, mas incólume, por exemplo. O que tornava ainda mais importante aniquilar seus partidários com eficiência e rapidez...

Mas junto com a euforia dos sonhos prestes a se realizar, veio-lhe a desconfortável consciência de saber menos do que pensava até aquela manhã. Muitas certezas que supunha sólidas haviam se desmanchado no ar, muitos pontos cegos haviam se revelado e agora tinha a sensação de que havia outros, talvez mais importantes, dos quais ainda nem suspeitava. Como essa Xeló, por exemplo, sobre a qual quase nada sabia. Ouvira falar vagamente da protetora dos escravos fugidos, mas nunca lhe dera importância. Aliás, não sabia quase nada sobre os tlavatlis e seus deuses. Já raros na alta administração civil, os representantes desse povo eram quase inexistentes na cúpula militar, nem um só de seus mentôs era tlavatli... E Cinsor, sua vila natal, orgulhava-se de ser de pura raça senzar.

Lembrou-se de ter visto uma tlavatli, pela primeira vez, quando uma xamã foi chamada de uma vila distante para tratar de uma tia com febre alta depois do parto. Ele era pequeno e xamã trouxera uma filha da sua idade, que quis brincar com ele enquanto a mãe atendia a doente e passou-lhe a mão no cabelo, dizendo que era bonito. Mas Odu Arpá a achou feia e esquisita, chamou-a de sem-vergonha, tição queimado e cara de macaco. Ela resmungou algo incompreensível e foi ajudar a mãe.

Bem, era tarde demais para pesquisar o assunto com seriedade. Quando estivesse solidamente instalado no poder, teria tempo para isso. Agora, era preciso agir.

Ergueu-se e mandou chamar seus telepatas. Tinha muitas ordens a transmitir.

Capítulo 55 – A Guilda dos Faroleiros

Quando os três voltaram a se reunir e tomar uma decisão final sobre Quin-ci, Tjurmyen foi golpeada por uma premonição. Teve então uma visão e quase caiu de costas. Um movimento ágil de Sistu a amparou a tempo.

– Que aconteceu? – perguntou Sistu, preocupado.

– Temos de aceitar, Sistu-bã! – disse Tjurmyen, trêmula.

– Por quê, Sissã-xin? – perguntou Tiakat, perplexa.

– Vi o que aconteceria se aceitássemos e se recusássemos... Em ambos os casos, virão calamidades medonhas. Não as entendi direito, é tudo muito vasto e complicado. Mas se aceitarmos, a esperança voltará mais cedo, ainda em nossas vidas... Se recusarmos, nossas vidas serão só fugas, batalhas e desgraças sem fim!

Assustados, Tiakat e Sistu decidiram acatar a profecia de Tjurmyen.

– Então, estamos todos nessa, ou nenhum – concordou Sistu. – Mas você e Sissã-bã... Como vocês vão se ver, agora? Você vai visitá-la, Lelon-xin?

– Como decidi ficar com você, ela diz que vai dar um jeito de nos acompanhar a Ximalpan. Quando voltarmos, ela pretende alugar algo por perto e visitar a madrinha de vez em quando. Aí poderemos nos ver quando quisermos.

– Vai custar caro...

– Não é problema para mim – replicou a barda –, tenho dinheiro suficiente guardado e quero voltar a apresentar espetáculos assim que for possível.

– Bom, se é assim tão simples... Coitado do Kasmin! – Brincou Sistu, para afastar o nervosismo – Não sabe o que o espera. Queria recrutar um só e vai ter de levar três, mais uma gênio dupla e uma deusa nôupla de contrapeso... Quatorze pelo preço de um. Parece conta de mentiroso!

Sistu procurou Kasmin em seu gabinete, acompanhado de Tiakat e Tjurmyen. O mestre, ao saber que Sistu tomara a liberdade de falar à mugal da Guilda dos Faroleiros e que ela se interessara, ficou surpreso, mas não aborrecido.

– Conheci teu avô Bayguar – disse ele à barda, – de certa forma fomos amigos. Eu o respeitava muito, mas ele só se interessava pelo próprio povo. Afirmava que os desentendimentos entre os atlantes não lhe diziam respeito...

– A mim diz – disse Tjurmyen –, fui criada aqui e para mim este também é meu povo, tanto quanto seriam meus parentes em Zjoey, se acaso restasse algum entre os vivos. E sei que nem todos que vivem aqui são tão livres quanto merecem ser.

– É bom saber – respondeu Kasmin. – Aprecio tua arte, mas nada sabia sobre tuas opiniões políticas. Nem sobre tua vida privada...

– Há pouco tempo eu quase não tinha vida ou opiniões além da arte.

– Bem, como vós já deveis saber, queremos estimular reformas políticas e sociais, prevenir retrocessos e, a longo prazo, promover a alforria geral dos escravos e a participação do povo no governo. Conduzimos muitas atividades, nem todas secretas, mas mesmo destas não se sabe, fora de nossos círculos, como estão relacionadas e qual sua finalidade mais ampla. Respeitamos as divergências, mas fora da Guilda, exigimos segredo absoluto sobre o que fazemos ou discutimos. E punimos os transgressores.

– Não o trairemos – disse Sistu – se não formos traídos sobre a finalidade real dessa Guilda.

– Ponho meu selo sobre o que Sistu disse – concordou Tjurmyen.

– Concordo de coração, cabeça e fígado – somou Tiakat.

Kasmin os encarou. Já vira o suficiente para respeitá-los. Mesmo sem saber dos acontecimentos dos últimos dias, devia ver naquelas expressões desafiadoras mais do que excesso de confiança de jovens inexperientes. Foi quase humilde ao responder.

– Podeis estar seguros de que corresponderemos à vossa confiança. Considerai-vos integrantes de nosso círculo, a partir de agora.

– Pode nos contar, agora, quem mais está no círculo? – inquiriu Sistu.

– Dos mestres, além de mim, Tsaltho-hin, ou Sethre-pu, como o chamamos entre nós e sua esposa Ramtha-pu, assistente de pesquisa. Também minha esposa, Sessi. Dos discípulos, Awesa. Dos funcionários, Koskat, supervisora da gráfica e seu marido Weman, o chapista. Pachontik, mateiro das nossas expedições e Sawela, a bibliotecária do museu. A contar convosco, somos doze neste grupo.

– Awesa-bã é uma de vocês... de nós, então. – Observou Sistu, pensativo.

– É uma das nossas companheiras mais ativas – respondeu Kasmin. – Muito corajosa, para não dizer temerária. Ela e Sawela criaram uma campanha secreta de letramento de escravos, um dos nossos projetos mais arriscados. Está começando a atrair curiosidades indevidas... Talvez tu me ajudes a convencê-las a suspender o curso por algum tempo. Mas conversemos com mais calma e privacidade, na minha casa.

Tiakat acompanhou Tjurmyen e Sistu à casa de Kasmin no Círculo Exterior. O mestre convidara-os ali para conversarem com mais intimidade antes da próxima reunião do círculo. Queria, pensou ela, demonstrar confiança e camaradagem.

Os sentinelas, o luxo das mansões e a grandiosa pista de corrida não impressionaram a xamã tanto quanto a intensidade da magia daquele lugar. Como seria no próprio centro?

A mansão de Kasmin era uma construção antiga e nobre de mármore branco e negro, com uma torre vermelha. Pouco se destacava no cenário, mas era maior do que muitas casas multifamiliares da cidade, embora abrigasse apenas o casal e seus

criados. Como em muitas casas senzares de classe alta, algumas paredes eram cobertas de afrescos com cenas do mar e do campo, de cores alegres e outras de espelhos que multiplicavam o espaço, a luz das janelas de vidro translúcido, a beleza da mobília e das obras de arte dispostas com elegância, além de lembrar a visitantes e moradores a própria aparência. A Tiakat aquilo era um tanto incômodo. Fazia-a sentir-se num teatro.

Sessi era uma senzar simpática e madura, mas bem mais jovem do que Kasmin e usava um vistoso colar peitoral de ouro e turquesa. O mestre lhes contou que era sua ex-discípula, com a qual se casara anos depois de perder a primeira esposa em um acidente durante uma expedição em Masté. Notando o interesse de Tjurmyen, Sessi explicou que o colar era um presente de Kasmin, uma cópia exata da joia usada por uma antiga Imperatriz cari que uma de suas expedições encontrara em uma tumba de Musru.

Em comparação à casa de Beletsunu, o padrão com que Tiakat media o luxo de qualquer moradia, a mansão de Kasmin tinha menos aconchego e sensualidade, mas muito mais espaço. As obras de arte eram menos variadas e sobrecarregavam menos o ambiente, mas deviam ser igualmente valiosas. Por outro lado, a luz forte dos cristais lhe agradava menos que a suavidade das lamparinas perfumadas da hetaira.

Havia muito mais serviçais. Beletsunu tinha apenas uma arrumadeira e uma cozinheira, mas Kasmin e sua esposa, cujos filhos já eram adultos e moravam no interior, contavam com uma governanta, um cozinheiro, duas ajudantes e dois serventes, sem contar as crianças. No Instituto Imperial, Kasmin não dava a impressão de ser preguiçoso, mas em casa se acostumara a ser mimado.

A Tiakat, pareceu peculiar um homem tão privilegiado se interessar por igualdade e reformas políticas. Mas ao menos num ponto, parecia coerente: não havia servos ou escravos na criadagem, ao contrário do que se via na maioria das casas ricas. Kasmin os tratava sem muita familiaridade, mas com respeito, como fazia com os funcionários do Instituto.

Kasmin e Sessi os convidaram para o jantar, servido pelas criadas. Deitaram-se em divãs, à maneira dos senzares ricos, para se servir da mesa farta. A governanta trouxe uma ânfora de vinho e o serviu em cinco taças de prata. Kasmin, então, propôs um brinde:

– Bebamos à nossa amizade e ao incidente que a originou, com o mesmo vinho que Sistu despejou em Quar-hó! Será o segundo melhor uso já dado a uma ânfora de Etheri da Acaia!

Tiakat o saboreou lentamente e o achou suave e delicioso. Lembrou-se com carinho do vinho de Ahatsunu e dos dias ainda mais saborosos quando o compartilhara com Sistu e entendeu o que ele quisera dizer à Zissar. Mas sua curiosidade não estava satisfeita. Na primeira oportunidade, perguntou baixinho à

moça que trouxera a terrina de polvo se sabia quanto custava aquele vinho:

– Dinheiro pra caramba – segredou a moça, cúmplice – a governanta foi comprá-lo e pagou cento e cinco ases.

Tiakat quase engasgou. Em Tochiwayo, poderia viver mais de um mês com o valor de cada gole do primeiro brinde.

Depois do jantar, Tiakat, Sistu e Tjurmyen acompanharam Kasmin e Sessi à biblioteca. Kasmin contou-lhes que tudo começara quando o novo Casal Imperial mostrou-se mais esclarecido que o anterior e incentivou a expressão de novas escolas de pensamento e o debate intelectual. Mestres da geração anterior a Kasmin fundaram a Associação Humanista. Kasmin participou com entusiasmo, mas ele e outros jovens intelectuais da época tinham algumas ideias ainda mais atrevidas e criaram um clube de discussão confidencial conhecido então como “Irmãos do Povo”, com ideias democráticas.

O movimento inicial de abertura foi freado depois de alguns anos. Indignados com as cautelosas críticas ao absolutismo, os soberanos pronunciaram-se: o livre debate era uma graciosa concessão do Imperador e da Imperatriz, não um direito. Sua finalidade era estimular a ciência em benefício do Império, não reformar o sistema de governo. Foi vetado, na prática, o debate sobre o sistema de governo.

– A essa altura – prosseguia Kasmin – a geração dos Irmãos começava a ingressar na carreira acadêmica ou no governo. Alguns se arrependeram dos seus ímpetus reformadores juvenis e se tornaram os mais conservadores dos conservadores. Outros de nós continuamos a levar nossas ideias a sério e descobrimos dois outros grupos mais ou menos afins aos nossos – uma sociedade secreta espalhada entre várias guildas de trabalhadores, conhecida como “Os Igualitários” e uma corrente religiosa radical conhecida como “filhos de Xeló”, dedicada a combater a escravidão. Os três grupos foram unidos no que hoje chamamos de Guilda dos Faroleiros...

Tiakat olhou discretamente para Sistu e Tjurmyen. Seria o caso de revelar o que se passara com eles? Percebeu neles a disposição de esperar mais e continuou em silêncio. Se Kasmin ou Sessi notaram algo, não demonstraram. Kasmin continuou a contar a história recente da Guilda. Mantinha um serviço de espionagem e informação, editava gazetas semiclandestinas, influenciava a eleição de autoridades locais, organizava cursos, guildas e cooperativas, ajudava pessoas ameaçadas ou injustiçadas por defenderem ideias reformistas e membros perseguidos por seus inimigos. Quando julgava seguro, a Guilda cooperava com os filhos de Xeló a esconder escravos fugidos e os ajudar a alcançar lugares onde pudessem começar outra vida. Havia um conselho de seis líderes que se reuniam secretamente, do qual Kasmin fazia parte. Pau-pás, secretário do Ensino Superior e seu superior direto, era o membro do conselho em posição mais elevada na sociedade e na burocracia

imperial, mas formalmente não havia um líder supremo.

Nada daquilo era tão terrível para Tiakat, mas ela compreendia o quanto soaria mal aos ouvidos do Casal Imperial e muitos de seus ministros. Mesmo que alguns membros fossem relativamente graúdos na sociedade atlante, tinham rivais ainda mais poderosos, dispostos a desgraçá-los, se pudessem.

Terminada a explicação, Kasmin voltou-se para ela:

– Tiakat-pu, tu que certamente já realizaste viagens astrais por outros mundos, já tiveste contado pessoal com gênios ou deuses? Não sei se Sistu-pu comentou isso contigo, mas eu estou interessado. Os pormenores do comportamento dessas entidades têm sido um mistério para os historiadores e a Guilda dos Faroleiros e precisamos entendê-los melhor.

– Bem... Sim, já os encontrei. Não conheço todos os seus segredos, é claro

– É verdade que alguns magos conseguem fazer pactos pessoais com gênios? Creio que Kopinani me disse que isso era raro e que ela mesma receava esse tipo de compromisso. Nunca mais consegui que algum mago me falasse com franqueza desse assunto, que me parece importante. Será que agora que somos companheiros...

– Sim, é verdade, Tjurmyen e eu mesma já...

– Nestes últimos meses— interveio Sistu —, ela e Tjurmyen encontraram *gênios* que concordaram em se associar a elas e partilhar *algumas* de suas habilidades. Conseguiram *um pouco* de seu poder...

– Fascinante! — interrompeu Sessi — Então foi quando vocês estudaram juntas!

– Conte-me mais, Tiakat! — pediu Kasmin. — Como é fazer um pacto com um gênio? Que habilidades ele te dá? O que pede em troca?

Tiakat entendera que Sistu ainda não queria abrir todo o jogo e procurou corresponder às deixas.

– Bom, a gênica passa a nos acompanhar e guardar continuamente, por toda a vida ou até ela e eu nos desentendermos, pelo que entendi.

– O que ganhaste, exatamente, ao te juntares a ela, Tiakat? — inquiriu Kasmin.

“Uma deusa é uma espécie de gênica”, sofismou Tiakat para si mesma. Ou seria um comentário irônico de Chiuknawat? Desde que voltara do Érebo, nem sempre tinha certeza de quem vinham os pensamentos que passavam por sua mente.

– Para começar — explicou Tiakat, contendo o entusiasmo —, ela me dá muito axé. Você sabe, um gênio tem muito mais magia que um humano, mesmo dos mais talentosos. Tudo fica mais fácil. Um encanto que antes me consumia toda o axé e vários sês de trabalho, agora posso fazer em... — ia dizer “um piscar de olhos”, mas se conteve — ...menos tempo. Também posso usar algumas magias conhecidas da gênica, que estou descobrindo aos poucos. Têm a ver com chuva, vento e outras manifestações do tempo, animais, água, fantasmas, a mente... Mas ainda há muitas magias que nem eu nem a gênica conhecemos. Tenho que aprendê-las como qualquer

um, se quiser usá-las.

– E a gênica? – insistiu o mestre de Sistu – O que ela pede? Qual o interesse dela em associar-se a uma humana?

– Seres corpóreos inteligentes, como nós, são a única ponte entre os mundos. Os gênios e os deuses precisam de cooperação voluntária de gente de carne e osso para intervir aqui – respondeu Tiakat, com segurança. – Sabem do que se passa lendo as mentes de seus fiéis e tentam influenciar as pessoas, principalmente seus sacerdotes, por meio de sonhos, visões, vozes e revelações. Ou dançam conosco, tlavatlis, nas festas dos deuses. Mas nem sempre isso basta. Uma aliança como esta lhes dá um ponto de apoio muito mais sólido, mais confiável. Posso usar parte de seu poder e, em troca, ela usa o meu, o de atuar diretamente no mundo corpóreo.

– Ah, eu tinha razão! – Felicitou-se Kasmin. – Os gênios e deuses não podem agir neste mundo sem ajuda. Tu também sabes se é de nós que conseguem seu poder?

– Sim... O poder de minha gênica, por exemplo, foi aumentado por um sacrifício feito a ela por outra pessoa, pouco antes de eu a encontrar. Sem isso, ela não teria tido axé suficiente para chegar a mim... – Tiakat percebeu ter dito algo que ela mesma desconhecia.

– Hem? – estranhou Sistu – Isso você não havia me contado!

– Eu acabei de saber, juro – respondeu Tiakat. – É como se, pouco a pouco, as lembranças dela se misturassem às minhas.

– Quem é “ela”, exatamente?

Um nome desconhecido pipocou na mente de Tiakat.

– Takaxoxouki. É uma gênica muito relacionada a Chiuknawat, da sua roda, por assim dizer.

“Pois a identidade não deixa de ser uma relação e o centro pertence ao círculo”, passou por sua mente. Tiakat teve certeza de que *aquilo* vinha de Chiuknawat: pensamentos assim tortuosos não eram do seu estilo. Takaxoxouki, “livre, independente” em tlavatli, fora uma das esquecidas nove gênicas unidas para formar a grande deusa, mas agora era apenas um de seus epítetos.

– Xeló? Fantástico, não poderia ser melhor! – comentou Sessi. – Amo essa deusa. Ao ouvir isso, Tiakat sentiu algo dentro de si vibrar.

– E Tjurmyen? – continuou a esposa de Kasmin, voltando-se para a mugal. – Qual é a tua protetora?

A barda falou de Kintjur. Sessi e Kasmin só conheciam o nome da peça de Tjurmyen e ficaram surpresos ao ouvir que a história era verídica. A gênica existia e estava ali presente. Imitando Tiakat, Tjurmyen satisfez Sessi e Kasmin sem revelar a extensão real das habilidades e conhecimentos que trouxera do além.

Sessi saiu um momento para atender um amigo que batera à porta. Já o esperava, disse ela, pois vinha buscar os manuscritos de uma obra que ela estava escrevendo

para ler e comentar. Kasmin comentou que ela o acompanhara em expedições anteriores, mas não participaria da próxima, pois queria muito terminar aquele livro, um estudo sobre a vida das escravas em diferentes épocas de Atlântis.

Tjurmyen agarrou no ar a oportunidade de conseguir algo que agora queria muito.

– Kasmin-pu – interveio Tjurmyen, sedutora, mas decidida –, quero embarcar com vocês para Ximalpan.

O velho ficou surpreso. Sabia da relação dela com a xamã, mas não esperava que se julgassem tão inseparáveis.

– Tjurmyen-pu, imagino que tu gostarias de acompanhar Tiakat, mas... – ia dizendo Kasmin.

– Mas o quê? – interrompeu Tjurmyen, com uma voz irresistível – Sei que vocês não têm bons intérpretes para essa região e posso falar qualquer língua, mesmo sem nunca tê-la ouvido antes. Sou a melhor barda da cidade, sei persuadir, acalmar ou estimular com música ou palavras. Minha magia é útil. Sou arqueira, também.

– Por favor – ponderou Kasmin –, tu és uma artista da metrópole... Não estás preparada para a selva. E faltam só duas quatorzenas, não há tempo suficiente para...

– Não nasci aqui – lembrou Tjurmyen, ainda mais musical – e já enfrentei mais perigos e privações do que você pode imaginar.

Kasmin olhou para Sistu em busca de socorro.

– Sistu-pu, talvez a faças entender... – implorou Kasmin.

– Desculpe, Kasmin-pu – retorquiu Sistu –, mas acho que ela tem razão. Estou certo de que Tjurmyen será tão valiosa quanto Tiakat e eu. Se você confia em nós, pode confiar nela. Estaremos muito mais seguros se nossa amiga estiver conosco!

Tjurmyen olhou radiante para Sistu. Não esperava um apoio tão entusiástico.

Quando Sessi voltou, Kasmin se rendera. Dizer “não” a um bardo, mesmo pouco atraente e do sexo errado, exige motivos sérios, muita convicção e uma força de vontade acima da média. Kasmin tinha muito dessas três coisas, mas Tjurmyen era uma barda bonita e ao se dizer a melhor de Atlântis era modesta: não tinha rival no mundo conhecido. Só pediu a Tjurmyen para acompanhá-lo e explicar seus argumentos na última reunião da comissão organizadora da expedição, dali a três dias. Ao menos, não seria encantado sozinho. O mestre consolou-se: a derrota era um atestado do quanto a mugal seria útil.

Capítulo 56 – Golpe de Estado

No meio-dia de 30 de Frutos, dia de Touro, o Instituto suspendeu atividades mais cedo e Sistu acompanhou Tiakat e Tjurmyen à casa da barda no bairro mugal. Era a véspera do Festival das Vinhas, três dias de bebedeira e comilança que estavam para o estômago assim como o Festival das Sementes para o sexo. Não que este fosse esquecido, mas era entrada, condimento picante ou sobremesa, nunca o prato de resistência.

Em todos os bairros e distritos, os mais privilegiados punham toldos e mesas nas ruas e competiam entre si oferecendo aos vizinhos banquetes fartos e vistosos, se possível acompanhados de espetáculos. Os mais humildes traziam contribuições simbólicas ou ajudavam a servir, cozinhar e limpar.

Tjurmyen estava entre as pessoas mais abastadas do bairro – e dentre estas era a mais talentosa, na cozinha como no palco. Muitos queriam sentar-se à sua mesa. Para manter o banquete dentro das suas possibilidades físicas, limitava o número de convidados a cinquenta. Desde que descobrira, há alguns anos, que algumas pessoas vendiam o lugar à mesa, também só aceitava moradores da sua própria rua e dos quarteirões vizinhos, que ela conhecia. Não pretendia competir com ninguém, mas julgava seu dever fazer o melhor possível e com suas próprias mãos. Sem recursos para contribuições materiais, Tjaokun, Sistu e Tiakat juntaram-se a alguns dos vizinhos para ajudá-la a cumprir seu papel.

No primeiro dia da festa, Sistu deu-se conta de que passara por mais mudanças, não de todo agradáveis. Agora, tragava ânforas inteiras de vinho e nada sentia: o sabor não mudara, mas de resto era como beber água. Uma pena, pois gostava da sensação de euforia que o álcool antes lhe trazia.

Ser o único sóbrio na festa do êxtase era frustrante. Em troca, o amor e o sexo ainda lhe traziam a embriaguez do costume e sua energia para tais lides se multiplicara. E Tiakat, apesar de meio bêbada, também conseguia satisfazer a Tjurmyen e depois passar ao quarto dele para divertirem-se à beça. Devia ser o tal axé inesgotável de Xeló.

Foi o dom ambíguo da sobriedade forçada, junto com os sentidos aguçados pelo sangue dos dracos, que o fez acordar ao primeiro estrondo. Mandou ao Tártaro o que quer que fosse que lhe interrompera o sonho. Uma imagem viva de Tiakat, criança, a exhibir-lhe, no segredo da noite, magias aprendidas com Kopinani. Ela chamava vagalumes para coroar o próprio cabelo de luzes piscantes, depois um morcego para pousar em seu dedo estendido. Ele, entusiasmado, a aplaudia.

Tentou voltar a dormir para retomar o sonho, embora fosse improvável, mas ouviu

o segundo estrondo. Um trovão, pensou, mas o tempo estivera tão bom à noite e o som era estranho, um tanto seco demais...

Um terceiro estrondo, igual. Não, trovões não são tão regulares. Já ouvira sons como aquele há anos, quando o tio Jariô o levava a um lugar perto de Rasab, destinado a treinamento de tropas, para tentar despertar-lhe algum entusiasmo pela carreira militar. Era o som de bombardas. Dentro das muralhas de Atlântis!

Preocupado, meteu as calças e correu para o mirante de Tjurmyen, enquanto outros estrondos se sucediam. O sol nascente lhe dava uma ótima visão das vizinhanças. Localizou o rebuliço a vinte estádios a nordeste, de onde se elevavam fogo e fumaça. Com os sentidos extraordinariamente aguçados desde o dia na Costa Morta, Sistu pôde ver o que acontecia e até ouvir gritos distantes dos feridos em meio ao fragor distante da batalha. Duas tropas disputavam uma ponte entre o bairro vizinho e o seguinte, que desembocava em amplas praças de ambos os lados, sem construções altas que lhe tapassem a visão. Do lado mais próximo, os defensores erguiam as longas flâmulas imperiais douradas de Atlântida e resistiam em desvantagem, com tiros de bombarda caindo ao redor. Do lado oposto, uma tropa mais numerosa tentava forçar a passagem e provavelmente logo conseguiria. Estava vestida e organizada como uma tropa imperial, mas seus pendões eram vermelho-escuros.

Os invasores logo chegariam ao Dzezyo, previu Sistu, e o bairro era praticamente indefensável. Suas construções frágeis, de madeira leve, seriam facilmente incendiadas e destruídas até os alicerces, em caso de resistência. As sólidas e grandiosas construções de pedra do centro, como o Instituto, eram uma aposta um pouco melhor.

Aflito, correu para Tiakat e teve de sacudi-la para que ela despertasse o suficiente para entender que havia algo errado e afastar a ressaca com um feitiço. Já lúcida, ouviu a explicação de Sistu. Ajudou a acordar Tjurmyen e Tjaokun, reuniram rapidamente alguns pertences, sacos de moedas e as armas que ali havia: o varapau de Tiakat, duas adagas herdadas de Bayguar, o arco e a aljava de Tjurmyen e – para surpresa de Sistu – um par de lukem e lital de oricalco. Não tão boas quanto as que perdera, mas ainda assim de primeira alta qualidade, bem equilibradas. Armas novas.

– Comprei – explicou Tjurmyen – para te presentear no fim da festa, para você usar na expedição de Kasmin. Achei que, nas suas mãos, seriam muito úteis a todos nós.

Sistu agradeceu com um rápido abraço e puseram-se em marcha acelerada para o Instituto. Tjaokun cansou-se logo, mas Sistu a pôs às costas, como se faz com as crianças. Por sorte, não encontraram bloqueios nas avenidas quase desertas que tiveram de percorrer à margem do canal principal. Mas tiveram de contornar uma

escaramuça entre milícias rivais, ouviam as bombardas distantes e puderam ver aeronaves se perseguirem nos céus e navios de guerra trocarem disparos de foguetes incendiários e canhões navais no canal, que às vezes caíam na avenida ou nas construções à sua volta, a poucas braças de distância. As poucas pessoas com que tentaram falar não faziam ideia do que pudesse estar acontecendo, embora algumas balbuciassem especulações desencontradas que abrangiam desde uma guerra dentro da família imperial até uma invasão dos agartis.

Chegaram ao Instituto, ainda no meio da manhã. Não tinham muita certeza do próximo passo. Sistu queria tentar descobrir o que se passava, decidir se era o caso de esconder-se, fugir ou lutar. Se fosse este o caso, ao lado de quem e contra quem. E ver se encontravam amigos que quisessem acompanhá-los – Awesa, principalmente.

Ele pôs Tjaokun no chão e pediu a Tiakat que localizasse as pessoas do Instituto que chegara a conhecer. Mas sua clarividência amplificada pelo poder de Chiuknawat não encontrou Awesa, o que o deixou muito preocupado. Ela sentiu, porém, Kasmin e Sethre Tsalto, na direção do porão do museu, junto com outras pessoas que não sabia identificar.

Correram para lá. O portão de ferro do museu estava trancado e Sistu, impaciente, ia sacudi-lo e tentar quebrar a corrente, mas Tjurmyen gritou:

– Espere, tenho um jeito melhor!

Puxou da bolsa uma flauta de bambu e tocou uma melodia curta e estranha. Sistu ouviu o cadeado estalar como se uma chave o abrisse. Entraram.

A escada que levava ao porão, também trancada, abriu-se com a mesma facilidade. O senzar conhecia bem o lugar e nada parecia ter sido mexido desde que viera guardar o caixotão de Duaraka. Havia ali centenas de caixotes, armários e estantes onde estavam guardados, mais ou menos classificados, as inúmeras peças arqueológicas e os documentos e mapas que não estavam em estudo ou exposição. Mas nenhum sinal de gente.

A xamã procurou-os de novo e disse que estavam ainda mais embaixo. Mas ele nunca ouvira falar que houvesse algo abaixo do porão, nem jamais vira outra porta ou escada que pudesse levar mais abaixo. Acendeu um dos lampiões do Instituto, guardados na prateleira e puseram-se à procura de alguma outra saída do porão. Tjurmyen tocou a flauta em busca de alguma ressonância que indicasse uma passagem secreta na parede ou no chão, sem sucesso.

– Já sei! O Sumidouro! – Gritou Sistu.

– A quê? – Perguntou Tiakat, que nunca ouvira essa palavra antes.

– O Sumidouro, por onde vai toda a sujeira desta cidade! Venham comigo! – gritou Sistu, já a caminho da escada.

– Como assim? – perguntou a xamã, nos seus calcanhares – Não vai para os

canais?

– Se fosse assim – explicou ele – Atlântis seria uma imensa latrina, fedorenta a não poder mais. Faz ideia da quantidade de excremento que seis milhões de pessoas, para não falar das bestas de carga e dos animais domésticos, fazem por dia? Mas a primeira coisa que me chamou a atenção, quando chegamos, foi que os canais são limpos, não cheiram mal e estão cheios de peixes – ele voltou ao térreo, saiu pelo portão e deu a volta ao prédio. – Quando vim ao Instituto, foi uma das primeiras coisas que perguntei

– E o que acontece, então? – Perguntou Tiakat.

– É tudo recolhido pelo Sumidouro e conduzido a um tubo de alvenaria que avança pelo fundo do mar e despeja tudo a mais de sessenta estádios da entrada da barra. E tudo sem se misturar com os canais e a água pura que vem das montanhas e das fontes térmicas. É uma maravilha tão grande quanto o Grande Canal ou a Cidade Proibida e muito mais útil, na minha opinião, embora seja invisível e a maioria nem saiba que existe... Veja, aqui.

Era um pequeno e mal cuidado santuário circular, cuja inscrição a dedicava a uma divindade conhecida como Hassor, a gênica dos esgotos. Tjurmyen chegou esbaforida e precisou tomar fôlego antes de tentar de novo a flauta e abrir a porta. Dentro, sobre um pilar, havia a pequena imagem de uma deusa negra abraçando uma corbelha de flores. Na base do pilar, havia um alçapão.

– Akoyokti! – exclamou Tiakat.

– O quê? – perguntou Sistu.

– É o nome tlavatli – disse ela. – Mas essa gênica há muito não existe mais, Chiuknawat acaba de me dizer. É uma das nove águas. Tornou-se parte dela!

No primeiro toque de Tjurmyen, nada aconteceu. Ela tentou outro e outro, até ouvir uma leve ressonância e então afinou cuidadosamente o toque até que ouviram uma tranca deslizar sob o alçapão.

– Foi um pouco difícil – comentou ela – é uma tranca pesada.

Por precaução, voltaram a trancar a porta externa, para que ninguém a visse aberta e viesse investigar.

Capítulo 57 – O Sol da Meia-Noite

Sistu ergueu o alçapão e desceu a escada de pedra, longa, velha, úmida, gasta e mal-cheirosa, segurando o lampião. O cheiro era desagradável, mas suportável. Avaliou ter descido vinte braças antes de dar com uma galeria horizontal, que devia passar por baixo do prédio do museu. Viu uma luz distante, seguiu-a silenciosamente e deu com uma espécie de câmara subterrânea, onde seis pessoas se reuniam em torno de uma mesa velha e tosca, iluminada por outro lampião, sobre a qual se estendia um grande mapa.

Kasmin, Tsaltho, uma senhora que devia ser sua esposa Ramtha e o casal Koskat e Weman, que conhecia da gráfica. O último só podia ser o mateiro tlavatli. Nunca aparecera no Instituto, mas já o conhecia de vista. Pachontik-ké fora quem os recebera em Atlântis e levara Razzan a seu refúgio. Sistu entendeu então por que Kasmin fora tão receptivo com os dois interioranos desconhecidos que lhe pediram uma oportunidade.

Os presentes assustaram-se quando Sistu apareceu à porta e alguns puxaram adagas, mas Kasmin, aliviado, o reconheceu:

– Calma, amigos. É Sistu-pu, meu discípulo. Apresentar-vos-ia a todos como novos companheiros, na próxima reunião do Círculo, não fosse essa catástrofe que se abateu sobre todos nós. – puxou um lenço e enxugou o suor – Mas, Sistu, que demônios! Como nos encontraram? Se nem aqui estamos seguros...

Sistu o tranquilizou, enquanto fazia sinal às companheiras para se aproximarem:

– Não acho que outros os encontrarão tão facilmente, Kasmin-pu. Foi preciso juntar os talentos de Tiakat e Tjurmyen com uma informação que aprendi de você. Mas vim aqui em busca de luz, amigos Faroleiros. Que desgraceira é essa?

Kasmin explicou. Na véspera, primeiro dia de Vinhas, estivera com náuseas e enxaqueca. Tivera de se conter na comida e na bebida e o mal-estar não o deixou pegar no sono. Enquanto sua mulher e os criados dormiam, resolveu sair para uma caminhada, esperando que o ar fresco lhe fizesse bem. Quando andara três ou quatro estádios pela grande pista, a correria de um pelotão de soldados quebrou o silêncio. Intrigado, Kasmin escondeu-se na sombra de uma esquina e viu-os atacar a sentinela de uma casa próxima, derrubar a porta com um pequeno aríete e invadi-la. Ouviu gritos, som de coisas quebrando e quis correr para casa. Voltou-se e viu, horrorizado, duas outras casas com vista para a pista serem atacadas. Uma delas era a sua própria.

Nesse ponto, o mestre se deteve e cobriu o rosto com as mãos, sem voz para prosseguir. Sethre aproximou-se e o abraçou.

– Não sei o que foi de Sessi! Sou um covarde! – Lamentou-se Kasmin.

– Tô nata poderias ter feito – consolou o colega de sotaque fomori. – Se tentasses calquer cōsa naquele momento, estarias morto. Minha esposa e eu também, com certeza.

Antes que Sistu pudesse dizer algo, foi interrompido por alguém que chegava correndo pela galeria. Um magro adolescente tlavatli, brilhante de suor, com um lampião e um rolo de papéis. Quin-ci recompôs-se rapidamente.

– Saudações, mestre Quin-ci – balbuciou o mensageiro, ofegante. – Trago mensagens dos irmãos de Chiuknawat do Porto de Dentro.

– Obrigado, Chachat-bu. Sirva-se da bilha, debes estar com muita sede.

Tjaokun adiantou-se para servir o rapaz exausto e recomendar-lhe que bebesse devagar. Quin-ci fez uma rápida leitura dos recados e esboçou um meio sorriso.

– Nas circunstâncias, são boas notícias, meus amigos. Os Irmãos de Xeló e os Igualitários do bairro do Porto de Dentro – indicou o lugar no mapa – uniram-se para surrupiar dos armazéns e esconder no Sumidouro todas as armas e mantimentos que puderem e pedem ajuda. Portuários antes não comprometidos estão se unindo para ajudar. Proponho uma mensagem urgente a nossos círculos de lá, solicitando-lhes que se ponham sob as ordens de nossos amigos e ajudem o quanto puderem. Pena serem poucos. De acordo?

Os outros assentiram e olharam para Sistu e suas companheiras, que então se lembraram de que agora faziam parte do círculo e deviam opinar. Ele, Tiakat e Tjurmyen concordaram e Quin-ci escreveu uma rápida mensagem, selou-a e a deu a Chachat.

– Desculpe-me, Kasmin-pu – interveio Sistu, enquanto o garoto disparava de volta pelas malcheirosas galerias. – Gostaria de entender este mapa. Que significam essas cores?

– Ah, Sistu, este sempre foi um dos tesouros dos Faroleiros e agora é nosso último trunfo. Fizemos cópias parciais para os Igualitários e os Irmãos de Xeló, mas este é o único guia completo do Sumidouro. Levamos onze anos para levantá-lo, em segredo. Os traços em negro mostram as ruas e canais, como podes ver, enquanto os traços em verde, laranja e vermelho mostram os níveis superior, médio e inferior das galerias, os azuis as canalizações de água limpa e os cinzentos os esgotos.

– O único? O serviço de águas não tem algo assim? – Surpreendeu-se Tjurmyen.

– Não. Os responsáveis pela manutenção só usam umas poucas galerias de seu bairro, que conhecem de memória, sem saber como elas se interligam com outras. Esse labirinto foi construído aos poucos, ao longo de mais de dois mil anos e nunca foi sistematizado, ninguém tem ideia de como é grande. Mas deixe-me contar minha fuga...

O mestre retomou sua história. Ao fugir para longe da grande pista, chegou a um

dos cais da margem interior do Círculo Exterior. Teve a ideia de apossar-se de um bote e fugir por água. Quase desistiu ao ver uma zentia de guerra pôr-se em movimento rumo ao túnel, mas depois decidiu correr o risco. Ainda estava bem escuro – só Suquá estava no céu – e dificilmente seria prioridade para os marinheiros investigar o bote, se o notassem.

O percurso deve ter durado pouco mais de um ag, mas para Kasmin pareceram sês. Remou até a boca do enorme túnel que liga o anel interior de água ao exterior e seguiu por ele rumo ao exterior. Duas zentias o ultrapassaram no túnel, fazendo o bote balançar bruscamente e fazer barulho ao chocar-se contra a parede, mas ninguém notou. Saiu para o canal principal, atingiu a margem, saltou à procura da casa de Sethre e esmurrou a porta.

Foi atendido pela governanta uma senhora ralciana, abstêmia e vegetariana, à qual repugnavam os excessos do Festival das Vinhas e que o conhecia bem. Deixou-o acordar Sethre e a esposa, correram para o Instituto e despertaram os outros membros do Círculo para reunir informações e decidir o que fazer. Faltavam Awesa e Sawela, que haviam decidido comemorar as Vinhas no bairro da Sarna, com os amigos soan. Os outros desceram às galerias do Sumidouro, onde tanto os Faroleiros quanto os filhos de Xeló e outras organizações aliadas tinham refúgios secretos e suprimentos. Já estavam fazendo contato com outros círculos e outras organizações, algumas das quais contavam com clarividentes e informações trazidas por desertores do Exército e da milícia.

Quin-ci e seus companheiros reuniram as peças do quebra-cabeças, tentando compreender o golpe de estado desfechado à noite. Os perpetradores conseguiram planejá-lo e organizá-lo sem conhecimento da família imperial ou dos Faroleiros, que tinham uma rede razoável de informantes, alguns em altos postos do governo. Talvez estivessem protegidos por uma magia divina comparável ao Véu de Chiuknawat, o que seria desastroso. Havia manipulado as licenças tradicionalmente concedidas a soldados e milicianos para as Festas das Vinhas, de maneira a reter em serviço os oficiais dispostos a cooperar com o golpe e dispensar aqueles que julgavam dispostos a resistir.

O líder era um jovem mentô chamado Quar Odu Arpá, que se sabia ter sido promovido pelo sucesso na repressão de uma revolta em Nemté, mas que ninguém ligado aos Faroleiros conhecera pessoalmente. Seus partidários o proclamavam como o “Sol da Meia-Noite” que nascia do fundo das trevas da luxúria e da decadência para restaurar as severas tradições marciais de Atlântida e submeter o mundo inteiro ao seu poder. Usava uma flâmula vermelho-escura, a cor do clã Quar e só se mostrava ao povo em sua armadura dourada de senzé. Um de seus principais auxiliares era Quar Vazós Zissar, a antiga Quar-hó, agora “Quar-vá” e governadora da capital.

Sabia-se de mortes, prisões e desaparecimentos, da Cidade Proibida aos bairros mais populares. O próprio Casal Imperial estaria preso no palácio, com a família. Pau-pás estava entre as vítimas, como também muitos ministros e comandantes militares notoriamente submissos ao Imperador e à Imperatriz. Em toda parte, o padrão era procurar e eliminar tanto os suspeitos de ligação com movimentos reformistas quanto os mais fiéis à dinastia Atlás. Famílias e vizinhanças que esboçassem resistência ou apoio aos legalistas eram punidas com saque e escravização. Também era evidente que procuravam eliminar ou destruir bibliotecas e centros culturais de bairros populares ou usar essas construções como depósitos e quartéis.

Os Faroleiros foram varridos dos meios ministeriais e acadêmicos – do conselho superior de seis membros, só restava Quin-ci. Por outro lado, muitos círculos médios e populares pela cidade ainda existiam. Contatos importantes entre os filhos de Xeló e Igualitários não haviam sido incomodados. Alguns membros dessas organizações haviam sido capturados ou mortos, mas não de maneira sistemática. Estava claro que o Véu de Chiuknawat ainda não fora rompido. As vítimas eram pessoas cujas posturas reformistas ou legalistas eram públicas e notórias ou, talvez, inimigos pessoais de algum oduarpista.

– Ainda há resistência de legalistas na capital – continuou Kasmin –, mas lutam só por sua honra. Não reverterão a situação sem ajuda. A maioria dos oficiais superiores que não aderiram está presa ou morta. Na Marinha, a resistência é maior e as legiões do interior e das colônias estão divididas. Se a luta for possível, será lá fora.

– E quanto aos reinos federados? – Perguntou Tiakat.

– Se o conflito parecer equilibrado – respondeu o mestre –, creio que optarão pelos legalistas, pois não lhes interessa um comando autoritário. Mas se Odu Arpá vencer rapidamente, jurarão lealdade. Não ousariam enfrentar o Exército de Atlântida em peso.

– E nós, Kasmin-pu? – Quis saber Sistu. – Que acha que devemos fazer?

– Fugir – respondeu Kasmin, firme. – Sair de Atlântis para ajudar os legalistas. Dando-lhes este mapa, para começar, ainda que isso signifique o fim das nossas atividades clandestinas. Vós conheceis minhas críticas ao antigo regime, mas Odu Arpá é muito pior.

– E se não houver guerra? – Interveio Tjurmyen. – E se Odu Arpá vencer lá fora?

– Então, teremos de nos dispersar e encontrar meios de nos esconder nas montanhas ou nas colônias, sobreviver e resistir na clandestinidade por anos. Talvez pela vida inteira. – Bufou, desanimado.

– Não! – exclamou a barda. – Não posso aceitar isso!

– Racionalmente, não há outra coisa a fazer, Tjurmyen-pu – explicou Kasmin. –

Nossos aliados na Guilda também querem lutar, mas é loucura. Não somos soldados, não temos treinamento ou organização para enfrentar o Exército. Por favor, minha querida, já conheço teus poderes de persuasão. Façamos um bom uso deles. Ajude-me a convencê-los a concentrar esforços em abrir rotas de fuga, já!

– E as tais armas, munições e suprimentos que nossos amigos estão escondendo?
– Insistiu Tjurmyen. – Para que tanto esforço, se não vamos lutar?

– Para negar recursos ao inimigo. Se forem bem-sucedidos, os legalistas sitiaram Atlântis e quanto mais recursos escondermos, menos a cidade pode resistir. As muralhas são indestrutíveis, os estômagos não!

– Péssima ideia, Kasmin! – Protestou Tjurmyen. – Já vivi situações assim e ainda piores! Odu Arpá vai torturar pessoas para descobrir onde estão os suprimentos, ou deixar os civis morrerem de fome para poupar provisões para seus guerreiros!

– Que mais podemos fazer, ó barda? – Desafiou Kasmin, aborrecido. – Propõe teu plano, se o tens! Contanto que seja viável e não seja o suicídio!

Tjurmyen hesitou e Sistu, com receio de outra premonição, rompeu o silêncio para intervir.

– Kasmin-pu, nós devemos a você e seus companheiros algumas explicações. Nós três temos recursos secretos com os quais pensar uma estratégia...

– Vós trazeis quantas legiões nessas bolsas? – Ironizou Kasmin. Sethre e Ramtha balançaram tristemente a cabeça, os outros se mostraram perplexos.

– Ouçam-me todos, por favor, isto é sério – Sistu ergueu-se do banco, pedindo a palavra com firmeza. – Peço desculpas por não termos revelado nossos segredos antes, quando vocês confiaram em nós para mostrar os seus, mas...

Relatou o encontro com Pasguá. Kasmin, que já sabia desse episódio, impacientou-se, enquanto os outros ouviam com atenção. Mas, quando chegou aos acontecimentos da Costa Morta, o diretor ficou tão espantado quanto os demais.

Terminada a explicação, Sistu continuou, sem que ninguém tentasse interrompê-lo:

– Agora, deixem-me explicar minhas ideias e vamos ver se juntos conseguimos desenvolvê-las em uma estratégia decente...

Fez sua exposição e sentou-se, esperando a reação. Koskat foi a primeira a falar:

– Kasmin-pu, não me sinto em condições de avaliar. Tudo isso me ultrapassa, é tão grande, tão fantástico! Que pensas tu, que sabes mais do que todos nós?

– Koskat-pu – respondeu o mestre – também me sinto aturdido. Minha razão não sabe avaliar. Mas meu coração quer arriscar. Se Varjá, Karmó e outros deuses apostariam o comando de um Império em Sistu, por que não poderíamos fazer o mesmo com nossa modesta rebelião?

Capítulo 58 – Confronto com Pasguá

Perceber o que se passava na cabeça das pessoas que perambulavam desorientadas pelo Instituto foi fácil para Tiakat. Às primeiras notícias do levante, a maioria dos que moravam ou trabalhavam nas dependências do Instituto o haviam deixado para juntarem-se às famílias preocupadas ou aos partidários de Odu Arpá, mas centenas de estudantes, funcionários e professores não tinham para onde ir. Muitos estavam apavorados, pois suas opiniões e relações os ligavam a personalidades já presas ou mortas. Seriam prováveis alvos assim que os golpistas saíssem atrás da caça miuda.

Ela e seus amigos divulgaram a convocação a um encontro no ginásio. O diretor Quin-ci tinha avisos importantes a dar antes que as tropas rebeldes tomassem o Instituto. Quase todos foram. Tinham medo de se comprometerem ainda mais, mas informação de qualquer tipo, naquelas circunstâncias, era uma oferta preciosa demais para ser desprezada.

No palanque de onde se costumava dirigir os jogos atléticos, estavam Quin-ci e Tsalto-hin – um tanto insatisfeitos com o número relativamente pequeno de presentes, pouco mais de duzentos – ao lado das figuras, já familiares a muitos deles, de Sistu, Tiakat e Tjurmyen, sob o zunzum na plateia. A xamã sentia facilmente os pensamentos que a dominavam. Que teria sido dos demais mestres? Por que os novatos do interior e uma palestrante ocasional estavam nos lugares de honra, como se fossem parte da diretoria?

Sistu fez soar o gongo e todos se calaram. Quin-ci pigarreou e tomou a palavra:

– Queridos discípulos e companheiros, estamos em meio a uma crise que nenhum de nós esperamos e que põe em risco não só nossas vidas, como tudo aquilo que amamos e em que acreditamos...

O diretor expôs com franqueza o que se passara na Cidade Proibida e a situação militar, tanto quanto sabia. Propôs resistir a partir das galerias subterrâneas, contando com o apoio de várias guildas de trabalhadores, do culto de Xeló e dos poderes sobrenaturais da própria deusa. Disse acreditar na possibilidade de vitória, ainda que à custa de muito tempo, disciplina e trabalho e do sacrifício de muitas vidas.

Não seria preciso clarividência para perceber que os aplausos educados e hesitantes, acompanhados de murmúrios, indicavam desânimo e incredulidade. Quin-ci não era mau orador e todo o Instituto respeitava seu conhecimento, franqueza e autoridade, mas não entusiasmou. Restava recorrer ao plano alternativo. Tiakat fez um sinal a Kasmin, que assentiu e retomou a palavra:

– Meus caros, ouçam também a nossa amiga e companheira Maav Tjurmyen. Ela também tem algo muito importante a nos dizer.

A pequena mugal subiu à tribuna, carregando um banquinho. Para ficar mais visível, pôs-se, altiva, sobre ele. Ao soar do gongo, disparou, ardorosa:

– Povo de Atlântis, agradeço-vos por acolherem aos meus quando a terra onde nasci foi esmagada pela tirania! Neste dia, ofereço à vossa luta a vida que vos devo. De nada serve sobreviver para ver a mais grandiosa das nações tornar-se vítima da mesma desgraça. Só posso existir com dignidade participando deste combate para que milhões não tenham morrido em vão e para que a justiça e a liberdade não pereçam sobre a Terra...

Tiakat ficou arrepiada, seu coração palpitou de orgulho. A barda eletrizava tanto com as palavras quanto com a voz sobrenaturalmente suave e poderosa. Retumbante como se viesse tanto dos tetos e das paredes quanto de dentro de cada um, ecoava nos sentimentos mais íntimos dos ouvintes. Cada um deles comungou da emoção profunda e da convicção sincera da mugal. Quando ela terminou, a plateia inteira pôs-se de pé e ovacionou Tjurmyen, tão pronta quanto ela para o que desse e viesse.

Antes da luta realmente começar havia, porém, muito trabalho a ser feito. Para começar, todos os braços foram postos na tarefa de esconder no Sumidouro tudo de proveito que pudessem encontrar, enquanto Tiakat permanecia atenta ao mundo exterior, pronta para avisar caso os soldados de Odu Arpá avançassem mais rápido que o esperado.

Não era pouca coisa. O Instituto possuía um laboratório alquímico e mágico bem equipado, máquinas gráficas úteis para imprimir panfletos e um razoável arsenal de armas e equipamentos destinados a expedições de pesquisa e desbravamento, além de estoques de alimentos e medicamentos. Com sua força ampliada, o incansável Sistu carregou barris, caixas e fornos enormes, o que reforçou a fé dos colegas na ajuda sobrenatural prometida pelo diretor. Quando esse trabalho já estava satisfatoriamente avançado, já no meio da madrugada, estudantes e mestres dedicaram-se a deixar em lugar seguro milhares de documentos valiosos e muitas peças históricas e arqueológicas insubstituíveis que temiam ver saqueados ou destruídos pelos amotinados.

O Sol nascia quando Tiakat percebeu que os golpistas haviam rompido o bloqueio na avenida marginal do Canal Principal e avançavam em ordem para ocupar o distrito do Instituto. O combinado era todos se recolherem de imediato às galerias para se protegerem e, por fim, descansar, mas uns poucos insistiram em usar os últimos minutos para salvar mais uma ou outra peça de estimação. Sistu e suas companheiras supervisionavam a chegada dos últimos, quando ele lembrou-se dos pequenos tesouros no quarto do alojamento, a poucos passos. Avisou Tiakat que ia dar um pulo rápido ali, mas Tjurmyen franziu o cenho:

– Pressinto algo ruim prestes a acontecer aqui fora, Mistonti-bã! – Anunciou, preocupada. – Não sei explicar a natureza da ameaça, mas é séria. Vá com Dayphong-xin, que eu me encarrego do resto.

Ele ia protestar alguma coisa, mas Tiakat o alcançou de um pulo e ele decidiu não perder tempo. Voaram pelos corredores vazios. Sistu abriu a porta e meteu, às pressas, suas relíquias pessoais no alforje. Começou pelos dois cacos de cerâmica, enquanto Tiakat recolhia a caixa com o pomo de ouro de Beletsunu.

Voltaram correndo. E deram com um enorme grifo branco a bloquear o caminho, com o porte de oito leões e garras cem vezes mais terríveis que as de uma águia.

– Agora não me escapareis! – Bradou a nova e assustadora forma de Pasguá. – Os amuletos de Xeló não podem proteger-vos da encarnação da ira dos deuses!

Atacou Sistu com a rapidez de um relâmpago. Igualmente rápido em sacar e brandir a nova espada de oricalco, ele cortou fora a garra que o golpeava. Caiu longe e se desfez em vapor branco, mas uma nova garra já crescia do toco sangrento antes que Sistu tivesse tempo de se desfazer do alforje para se defender com mais desenvoltura.

“Sobre, Tiakat, sobre!”, ouviu ela de uma voz no íntimo. Na dúvida sobre o que isso significava, seguiu a sugestão ao pé da letra. Sem tempo para tomar fôlego, assoprou na direção do grifo como quem apaga uma vela.

O sopro da xamã fez-se vendaval. Arrancou arbustos do jardim, quebrou galhos de árvores, varreu telhas, arrebentou janelas e arrastou o monstro de asas abertas para longe da vista. Por felicidade, quase todos já haviam baixado às galerias. Tjurmyen, à espera dos dois na entrada do templo de Hassor, agarrou-se a uma coluna para não ser arrastada. A poucos estádios dali, a vanguarda da tropa que se preparava para tomar o Instituto foi derrubada pelo inesperado pé de vento sob céu azul e viu passar por cima de suas cabeças, descontrolada, uma enorme ave branca. O bastô suspeitou de alguma armadilha mágica, deu ordem de alto e mandou seus homens buscarem abrigo.

Pasguá recuperou o equilíbrio e deu uma grande volta antes de carregar, ainda mais enfurecida para uma Tiakat que enchia os pulmões o mais que podia. Enquanto a monstruosidade se aproximava, a xamã tentou um último diálogo por telepatia.

<Enlouqueceram, você e os deuses? Querem destruir quem enfrenta Raan?>

<Não era assim a luta que queríamos e já é tarde para vos arrependerdes. Os deuses já têm outro mandatário. Odu Arpá nos prestará homenagem e seu senhor celebrou um pacto de aliança e não-agressão por mil anos, ou quanto mais for necessário para disciplinar a humanidade e esmagar Xeló e os deuses de Agarta!>

Sem discutir mais, Tiakat soprou com toda a força. Desta vez, árvores foram arrancadas de suas raízes, as paredes mais próximas ruíram e os legionários menos protegidos foram arremessados à distância como palhas em um vendaval.

O grifo foi soprado para ainda mais longe, mas já esperava por isso e não perdeu o equilíbrio. Voltou com maior rapidez.

“Cuspa, Tiakat, cuspa!”, ouviu Tiakat em sua cabeça. Como da outra vez, seguiu o conselho. Em vez de saliva, relâmpagos saltaram de sua boca para Pasguá que, chamuscada, caiu ao chão em convulsões. Mas não custou a se recuperar.

<Vós não escapareis!> – escutaram Tiakat e Sistu em suas mentes, enquanto o monstro sacudia a cabeça e se erguia – <Xeló não pode impedir nossa justiça para sempre!>

“Assobie, Tiakat, assobie!”, manifestou-se a voz que só a xamã podia ouvir. Mas a tlavatli lembrou-se de algo e protestou. “Não, Chiuknawat, tenho uma ideia melhor!”

Soprou outra vez, com toda a força e Pasguá foi novamente jogada para longe, junto com o que restava do jardim e das paredes da reitoria.

Apressada, Tiakat tirou a pesada caixa vermelha que metera na capanga e apressada, abriu-a com a chave, tirou o pomo. Sem dar mais atenção ao enorme pássaro branco que se retornava com a velocidade de um falcão, concentrou o axé de Chiuknawat até sentir o corpo a ponto de explodir. Então deixou tudo fluir para a caixa que tinha nas mãos, para ressoar com as plumas de Pasguá ali contidas, fechar o circuito com o monstro que se aproximava e produzir o mais poderoso feitiço de atração jamais visto.

Pasguá acelerou ainda mais antes de perceber estar sendo sugada. Tentou recuar, mas já era inútil. Foi completamente tragada pela caixa vermelha, sem conseguir reagir. Tiakat a fechou e segurou a tampa com firmeza. Ouviu, dentro de si mesma, um assobio de alívio e um aplauso. Com as mãos tremendo, passou a chave.

– Vamos, Mistonti-xin, precisamos sair daqui!

Sistu tomou o alforje e correram aos escombros do que havia sido um templo de Hassor. Sistu precisou empurrar as colunas caídas para encontrar o alçapão. A tampa se abriu antes que tentasse forçá-la e dela se ergueu Tjurmyen.

– Entrem, rápido! – Disse ela, pálida, mas aliviada.

Desceram a uma galeria onde fora depositado o equipamento do laboratório de alquimia. Tjurmyen lacrou a fechadura, reforçou a tampa com tiras de aço, pôs o pote dentro de um baldinho e encheu-o de cimento. Depois, pôs tudo em um de seus cofres encantados, enterrado no solo da galeria e fechou-o com um fio de cabelo de Sistu.

– Ela não tem como escapar? – perguntou ele.

– Não enquanto o cofre estiver em segurança – assegurou Tiakat.

– Que acontece com o corpo? – insistiu Sistu – Ela tem um corpo material, com certeza. Eu a toquei, até lhe arranquei penas! Onde foi parar?

– Hum, não sei explicar... – respondeu Tiakat.

– É mais ou menos o seguinte: – interveio Tjurmyen – pode-se fazer pregas no vazio, que não estão nem em uma realidade, nem na outra. Uma gênica poderosa como Pasguá pode ter muitos corpos, que ficam guardados nessas dobras como apetrechos em um bolso. Quando ela quer, guarda um corpo e tira outro, humano ou animal. Mas o que está guardado aí dentro da caixa, na verdade, não é nenhum dos corpos, é um foco de axé preso às plumas que você havia arrancado de Pasguá e que mantém aprisionados todos os corpos nessas pregas. Será que deu para entender? – Perguntou a barda, animada.

– Não tenho certeza... – disse Sistu, incerto.

Quando ele se voltou, Tiakat levou um susto. Os olhos do companheiro brilhavam no escuro, como os de uma fera noturna. Onde iriam parar as mudanças e o que significavam? Nem Chiuknawat lhe dava uma resposta e surgiram muitas outras coisas mais urgentes. Estava ocupada demais para se preocupar com ele ou consigo mesma.

Capítulo 59 – Batismo de fogo

A última guarnição legalista dentro dos muros de Atlântis se rendera. Deviam agir antes que a cidade se acostumasse a ver os golpistas como governantes incontestados e legítimos. Era preciso um alvo e Sistu decidiu-se pela guarnição improvisada pelas tropas de Arpá na antiga sede da guilda dos Portuários, de onde patrulhavam o Porto de Dentro. Depois do massacre dos estivadores e vigias que haviam tentado proteger a biblioteca da guilda, o denso rancor dos moradores garantia que qualquer ação contra eles seria bem vista.

Um sê após o pôr do sol, soava o toque de recolher decretado pela Quar-vá, em vigor até o toque da alvorada. A primeira incursão seria logo após o crepúsculo. Estaria escurecendo, o que favoreceria a surpresa, mas ainda haveria civis na rua para testemunhar o que aconteceria. Sistu distribuiu as armas disponíveis entre os estudantes e portuários mais dispostos e aguerridos e os posicionou em duas saídas do Sumidouro próximas ao edifício da guilda. Queria invadi-lo para apossar-se de armas de fogo e alguma pólvora por razões práticas e mais ainda por simbólicas: anunciar ao povo o início de uma nova luta. Iriam todos mascarados, numa tentativa de evitar represálias contra parentes e amigos.

Pôs uma máscara em ouro e laca criada por Tjurmyen, inspirada em um demônio visto no Tártaro. Do rosto, só se veriam seus olhos, que à noite ficavam mais demoníacos que a própria máscara. Cobriu-se com uma capa escura, para melhor se esconder na noite até o ataque. Tirou proveito de suas energias multiplicadas para escalar um prédio vizinho e de lá saltar o vão de dez braças para o abandonado terraço superior da guilda, quatro andares acima do solo, assim que escureceu. Em meio a animais de carga sendo recolhidos e trabalhadores cabisbaixos voltando para casa, o ruído passou despercebido.

Olhou para baixo, de onde em breve devia sair a próxima patrulha, o coração disparado, o estômago cheio de baratas tontas. Serenou-se com técnicas de autocontrole.

A guerra o apanhara. Sempre a odiara, quisera poder viver sem jamais conhecê-la. Muito pior seria, porém, a servidão e submissão de milhões de atlantes. Se alguma dúvida tivesse sobre isso, nenhuma poderia ter restado depois de conhecer Razzan, Awesa e Tjurmyen. Principalmente a barda: ela inspirava sentimentos confusos e contraditórios, ternura e ciúme, desejo e respeito. Mas depois de conhecer sua história, faria tudo para evitar que ela voltasse a cair sob o jugo de qualquer tirania. Era ainda mais importante que proteger a quem jamais sofrera daquela maneira, como Tiakat ou ele mesmo.

Mesmo que para isso tivesse de matar. As inchadas veias na testa da máscara pareciam expressar quanto esforço lhe custaria ser mau.

O portão se abriu e o pelotão, oito homens, começou a sair. Sistu esperou o último sair, sacou suas armas das bainhas. Não as grandes e pesadas espadas de oricalco, mas espadas leves, adequadas para liquidar num átimo inimigos sem armadura. Suspirou, preparou-se para encarnar o papel de monstro e pulou com uma quantal em cada mão. Com um giro de corpo, caiu bem em frente ao saptô desprevenido, que berrou como uma criança assustada antes que sua cabeça voasse duas braças para cair no calçamento de ardósia. Era o segundo homicídio do estudante de Raltlor, mas ao contrário do primeiro, não lhe causou remorso. Nem o terceiro, o quarto, o quinto, o sexto... Mesmo sabendo que eram muito menos culpados que Godar-nem, o duelista. Era preciso e isso bastava. Tinha de bastar.

Alguém disparou por uma janela do posto de guarda improvisado, mas o tiro sequer passou perto. Deixou dois escaparem, deliberadamente. Que contassem aos outros. Invadiu o prédio como um furacão e continuou a carnificina, rápido demais para os poucos soldados que dominavam seus nervos o suficiente para tentar reagir. Poupou os que fugiam em pânico, pulando pelas janelas. Quantos mais se assustassem, melhor.

Sentiu uma dor aguda nas costas. Alguém conseguira arremessar-lhe uma adaga nas costas, logo abaixo da omoplata. Largou por um momento uma das espadas, arrancou a adaga e, com um arremesso certo no coração, enviou para o Hades a sombra de um jovem e valoroso xibastô, pronto a atacá-lo com uma espada. O sangue escorreu em abundância pelas costas, mas a ferida latejou e fechou-se antes que saísse da sala, atrás de mais guerreiros de Arpá dispostos a resistir. Seus companheiros já invadiam o térreo e apoderavam-se de quantas armas e munições conseguissem carregar. Quando saíram, alguns notaram olhos arregalados observarem-nos à distância, das janelas e esquinas, enquanto deixavam o prédio saqueado e corriam para os poços e bueiros do Sumidouro.

A incursão foi um sucesso. Conseguiram vinte espadas de boa qualidade, vinte arcabuzes, dois pequenos barris de pólvora, dois de balas de chumbo, quatro bestas de repetição e uma arca cheia de granadas. Além de espalhar aos quatro ventos o boato de que um bando de demônios emergira do Tártaro, castigara o exército golpista e mergulhara de volta no mundo inferior.

Cumprimentado por Kasmin, festejado por Tjurmyen, confortado e acalmado por Tiakat, Sistu deixou-se relaxar e por fim conseguiu dormir. Mas não escapou dos pesadelos.

Capítulo 60 – Algo de novo no front

Nos dias seguintes, Tiakat acompanhou a intensa atividade no Sumidouro, a começar pelos esforços para coordenar os vários grupos rebeldes espalhados pela metrópole. Aos adeptos de Xeló Chiuknawat, bastou Tiakat se mostrar. Não hesitaram em aceitar a liderança de um grupo no qual a deusa se manifestava com uma potência nunca vista.

As guildas e os grupos de resistência espontânea exigiram um esforço maior. Conseguir um acordo sólido e rápido exigia um passo que o velho diretor hesitava em dar, mas Sistu e Tjurmyen conseguiram persuadi-lo. Kasmin e outros líderes respeitados subscreveram uma declaração conjunta intitulando sua organização de Governo Provisório da Comuna de Atlântis e se propondo a lutar em nome não do Casal Imperial prisioneiro, mas da liberdade do povo da metrópole. Formou-se um Conselho de rebeldes, que elegeu um comandante-em chefe, Kasmin e dez subcomandantes, incluindo Sistu, Tiakat e Tjurmyen que, por sua vez, confirmaram ou escolheram chefes de bairros, companhias e grupos para compor a hierarquia simplificada.

As tropas de Arpá eram fustigadas por ataques de surpresa. O homem-demônio saltava de telhados e terraços e seus comparsas mascarados vinham do nada quando menos se esperava, para voltar a sumir de repente. Os militares deram-se conta de que seus algozes entravam e saíam dos subterrâneos, mas não tinham um mapa confiável da rede de galerias e esgotos e nenhum prisioneiro podia descrever mais do que pequenos trechos dela, por mais que fossem submetidos a sondagem mental ou tortura. E logo descobriram que perseguir os rebeldes em tais condições era suicídio.

Não eram as únicas dificuldades inesperadas encontradas pelos partidários de Odu Arpá na capital. Grande parte das provisões com que contavam não foi encontrada e o povo, em vez de aceitar o inevitável, mostrava-se cada vez menos respeitoso e cooperativo. As ordens de prisão e execução eram cada vez mais difíceis de pôr em prática. Os procurados sumiam sem deixar rastro.

Animado pelas primeiras vitórias, Sistu tentava golpes mais audaciosos, conduzindo grupos cada vez maiores em ataques a postos de vigia e quartéis improvisados, fazendo uso dos poderes de Tiakat e das invenções de Tjurmyen. Os rebeldes já haviam se acostumado com o brilho misterioso dos olhos de Sistu e viam neles mais um indício dos grandes poderes que agora militavam a seu lado.

Consideradas as circunstâncias, as coisas não iam tão mal quanto poderiam estar. Mas Tiakat continuava preocupada com as mudanças de Sistu e os riscos a que se

expunha. Além disso, ela começou a sentir-se fisicamente mal.

Não era a única. Embora o mau cheiro das galerias fosse mais ou menos suportável nos melhores trechos, onde os rebeldes passavam a maior parte do tempo, nem todos conseguiam se acostumar. Alguns sentiam enxaquecas terríveis e muitos se queixavam de náuseas, como ela. Sua magia xamânica curava a maioria deles com facilidade, mas não conseguia ajudar a si mesma, que sempre tivera ótima saúde.

Numa noite na qual Sistu saía para organizar grupos de combate em outros bairros, ela sentiu-se particularmente mal. Teve de correr repetidas vezes à latrina improvisada, sem reter nada do que comia. Tjurmyen procurou-a, toda amorosa e Tiakat sorriu amarelo. Largada na rede, não conseguia pensar em mais nada além do estômago insubmisso.

– Que foi, meu amor? – perguntou Tjurmyen – Você não está bem?

– Hum. Estou um pouco mareada, outra vez.

– Puxa, isso me lembra quando estive perdida no mar com meu avô, foi um horror...

– Nem me fale! – Tiakat tapou a boca, saltou e correu à câmara do lado, onde estavam os baldes. Lembrar a aventura de Tjurmyen bastou para obrigá-la a verter bÍlis outra vez. Voltou desanimada e deitou-se.

– Dayphong-xin, você nos deixa preocupada! – disse Tjurmyen, ajoelhando-se a seu lado e fazendo-lhe carÍcias na cabeça.

– Desculpe, Sissã-xin. Você não tem sentido náuseas?

– Desta vez, me acostumei bem... Só quando... – Tjurmyen calou-se de repente, embaraçada.

– Que houve? – Estranhou Tiakat. – Fale, não precisa esconder nada de mim, precisa?

Tjurmyen tentou mudar de assunto, mas Tiakat insistiu e acabou por ceder.

– Não vai se ofender, vai? Mas eu fico um pouco enjoada quando você e Mistonti-bã transam aqui – sussurrou Tjurmyen, muito corada. – Por isso, tive de sair, da outra vez.

– Ué, qual é o problema? Mistonti-xin nunca reclamou de nos ver nos beijando, pelo contrário. Acha bonito...

– Não é isso! Não é ciúme! – protestou a mugal – O amor de vocês me emociona e eu gosto do Mistonti... à minha maneira. É o cheiro...

– Cheiro?

– Cheiro de esperma. Me faz lembrar quando eu era obrigada... – não completou a frase. – Eu chegava em casa fedendo, toda machucada.

– Ah, entendi. Desculpe, Sissã-xin! Nunca imaginei que isso te fazia mal.

– Não, nem pense mais nisso. Tenho de superar essa história.

– Vem cá, já vou ajudá-la a esquecer isso... – disse Tiakat, já com as mãos dentro da túnica de Tjurmyen.

– Sabe, Dayphong-xin – sorriu, sem jeito. – Eu queria, mas já começou a descer...

Tiakat fechou os olhos e bateu na testa. Tjurmyen sempre menstruava um dia depois dela, pontualmente, desde que se conheceram. Tantas as emoções, as preocupações e as sensações novas, que não prestara atenção ao óbvio. Não era à toa que sua magia não curava o enjôo. Fora na festa das vinhas, com certeza. Mas como era possível? O pekenan estava intacto, ela mesma o fizera e nunca o tirava! Mas tinha de se render à evidência.

Tjurmyen a olhava, interrogativa.

– O que foi? – perguntou ela.

– Sissã-xin... Acabo de me dar conta. Estou prenhe!

– Hã? – Tjurmyen arregalou os olhos – Você? Agora?

– Não foi por querer! Não entendo!

Tentou a magia certa para se livrar da náusea em casos como aquele. Fez efeito: de imediato, Tiakat sentiu-se assustada, mas em perfeita forma.

Quando Sistu voltou, Tiakat chamou a companheira.

– Sissã-xin, venha cá, vamos falar com Mistonti.

– Você não prefere ficar a sós com ele?

– Não, você já é da minha família. Venha, por favor.

Ela pôs o namorado a par da situação.

– Puxa, mas será mesmo? – duvidou Sistu, olhando-a com olhos luminosos, ainda mais perturbadores quando arregalados – Você tem certeza de não estar enganada?

– Tenho. Não tinha prestado atenção por estar distraída, aconteceu tanta coisa... Mas agora vejo claro. Minha clarividência não erra nessas coisas. E é menina!

– Mas como? – insistiu Sistu – Você nunca deixou de usar o pekenan...

– Pois é – admitiu Tiakat – Nunca ouvi falar que falhassem, a menos que fossem falsos ou arreventassem. E eu sei que fiz este com todo o cuidado. Mas falhou. Agora acho que entendo por quê. Você ficou imune a várias coisas, à mordida do vampiro, ao álcool... Provavelmente sua semente também não é mais afetada pelo feitiço do pekenan.

– Que coisa – disse Sistu –, precisamos entender melhor essa magia. Lelon-xin, será que Xeló não pode nos esclarecer sobre isso?

– Não – disse Tiakat –, isso também é novo para mim, digo, para ela. Uma magia como aquela é coisa insólita. Nem os dracos podiam prever os efeitos colaterais.

– Lelon-xin – disse Sistu –, podemos mesmo levar adiante?

– Eu... Por mim, sim, Mistonti-xin. Não planejava ser mãe nesta situação, mas... Ainda mais sendo filha sua. E você, o que acha? – perguntou, ansiosa.

– Bom, eu quero mesmo ter filhos com você. Me preocupa você grávida no meio

desta confusão, mas se você também quer, está resolvido.

– Ah, que bom! – Tiakat o abraçou e beijou.

– Meus parabéns! – Tjurmyen cumprimentou-os, abraçando delicadamente o casal.

– Só que agora devíamos falar com Kasmin para você ficar em lugar seguro, com Tjurmyen – ressaltou Sistu. – Não podemos te expor a riscos lá fora.

– Não, Mistonti-xin, de jeito nenhum! – cortou Tiakat, determinada. – Quero ir com você quando for preciso. Não sou de vidro, sei me cuidar e gravidez é minha especialidade. Não precisamos mudar nossos planos, não vai atrapalhar nada, juro. Se tivermos sorte, minha barriga nem vai aparecer antes de conseguirmos a vitória. Não conte nada a Kasmin, não é preciso.

– Não sei... – ele olhou para Tjurmyen. – Que acha, Sissã-bã?

– Não se preocupe – sorriu a mugal. – Ajudo a cuidar delas, Mistonti-bã, juro, não vamos deixá-las se machucarem. E Chiuknawat também não, pode apostar.

Capítulo 61 – Uma nova aliada

Uma ousada Tjurmyen saiu a campo para conseguir uma vista aérea da cidade e dos movimentos de tropas para Sistu e Quin-ci, equipada com uma máscara transparente que inventara para poder voar rápido e de olhos bem abertos, um capacete e um macacão branco-azulado bem colado ao corpo, para diminuir a resistência do ar e torná-la menos visível contra o céu.

Os rebeldes vibraram com mais essa demonstração de poder, sem que ela sentisse correr um grande risco. Os arcabuzes das tropas de Odu Arpá demoravam demais entre a ignição da mecha e o disparo para conseguir atingi-la e as setas não a alcançavam. As aeronaves e os dracos por vezes tentavam persegui-la, mas mesmo que pudessem alcançá-la, não podiam manobrar como ela. Eram como urubus tentando capturar um beija-flor. Acabaram por desistir. Era-lhes mais importante defender o espaço aéreo contra as aeronaves legalistas vindas do interior que, passando sobre as muralhas, tentavam bombardear os quartéis e fortalezas hegemônicas.

Enquanto isso, outra Tjurmyen mais calma e disciplinada estava no subsolo, supervisionando a instalação de uma oficina para produzir armas para os combatentes dos subterrâneos. Armas superiores às das tropas da superfície, inclusive armas de fogo capazes de disparar instantaneamente, inflamando a pólvora por meio de uma pederneira que, impulsionada por uma mola, golpeava uma caçoleta de ferro. Essa ideia simples e devastadora não ocorrera aos tradicionalistas armeiros de Atlântida. Além disso, era mais leve. Não só dispensava o apoio exigido pelos pesados arcabuzes e mosquetões imperiais, como podia ser manejado com lança, bastando fixar uma adaga na ponta. Os rebeldes não correriam o risco de ter de largar a arma para se defender.

Dentro dela, Kintjur, ou mais exatamente seu lado Tjurtsi, observava fascinada, sem entender muito. Só se sentia útil ao cooperar com Tjurmyen em lidar com as pessoas. Era tão boa em compreendê-las quanto Tiakat e a ajudara a organizar a produção e encontrar auxiliares de confiança. Como esta garota senzar a quem a mugal agora explicava a montagem das peças do fuzil.

Foi então surpreendida pela voz de Tiakat, que se aproximara sem a mugal perceber:

– Ora, viva! – Exclamou a xamã, alegre, para a ajudante de Tjurmyen –, você é Riofá, não é?

A jovem ergueu os olhos e corou, desconcertada. Tjurmyen perguntou, curiosa:

– Você a conhece, Dayphong-xin? Esta companheira se juntou a nós há alguns dias

e tem muita inteligência, habilidade e iniciativa. Eu a estou treinando para contramestre desta oficina. Mas ela me disse que se chama...

A senzar interrompeu, constrangida:

– Já me chamaram Riofá, Maav-hin, mas eu quase me esqueci desse nome. Há muito, só me chamavam de Xizzin. Eu te desculpas e também à favorita de Xeló...

– Chame-me Tjurmyen-pu – interrompeu a mugal –, e não precisa se desculpar, mas se quiser satisfazer minha curiosidade, agradeço...

– Na verdade – cortou Tiakat –, sou eu quem peço desculpas. Você sofreu uma punição exagerada por causa de nossa precipitação, minha e de Sistu, para recuperar as espadas. Fico muito feliz em ver que você está livre!

A barda já ouvira da tlavatli a história do entrevero em Rasab e suas consequências. Deduziu o resto, assentiu e fez menção de mudar de assunto. Mas a aprendiz jogou-se ao chão e, prostrada, beijou os pés cascudos de Tiakat:

– Agradeço, ó Xeló, por perdoares a intromissão desta tola em vossos desígnios e colocá-la a vosso serviço.

A expressão e a postura de Tiakat mudaram sutilmente. Tjurmyen já vira acontecer em reuniões do Conselho, mas não se acostumara. Ainda sentia um frio na barriga. Quando ela falou, não era a voz de sua amante, mas da deusa que a pusera na palma da mão:

– Você continua mesmo tola, Xizzin! Esqueceu tudo que meus irmãos e irmãs, te ensinaram quando você servia aquele homem horrível? Não se faça de escrava na frente da deusa da liberdade! Levante-se, mulher! Você não está a meu serviço! Ou é minha irmã e aliada por livre vontade, ou não é nada!

Mais que depressa, a adolescente levantou-se, corada e perplexa. Tjurmyen, comovida, lembrou-se de seu tempo de servidão e imaginou como ela devia estar confusa. Depois de ter sido uma garota astuta, rebelde e orgulhosa, fora treinada por meses a jogar-se aos pés de seus superiores e obedecer sem hesitar aos mais desagradáveis caprichos do amo, por métodos que a barda sabia bem como eram rudes, por ter um interesse quase mórbido pelos detalhes de como eram tratados os escravos em Atlântis.

Tjurmyen afeioou-se de imediato à garota e tomou a seu cargo ajudá-la a amadurecer e aprender a ser livre. Na primeira oportunidade, pediu-lhe para contar mais de sua vida, mas a garota recusou-se a falar de Rasab, disse que Riofá não existia mais, não importava, estava morta. Seus parentes puseram luto por ela, haviam simulado seu funeral, como se a quisessem reduzida a menos que escrava, a varciós, não-pessoa, para melhor expurgar a culpa da família.

Chamava-se Xizzin, “estrela preciosa”, como quisera o mercador de escravos, enquanto não merecesse outro nome e outra família. Fora comprada como escrava-concubina por um alto funcionário. Felizmente, a imaginação dele não era demasiado

fértil e seu interesse por sexo não era tão obsessivo que não deixasse a ela tempo suficiente para fazer amizade com companheiros de infortúnio e descobrir o culto de Xeló, ao qual alguns deles já pertenciam. Quando começou o caos em Atlântis, o amo foi detido. Talvez fosse considerado legalista – apesar de exigir dos escravos que, na intimidade, o chamassem de Meu Imperador e o tratassem de acordo – ou talvez simplesmente fosse inimigo pessoal de alguém bem colocado entre os golpistas. De pronto, a rede do culto de Xeló aproveitou a oportunidade para organizar uma fuga coletiva. Xizzin mesma planejou os detalhes.

No calendário, a moça vivera poucos meses como escrava, depois de uma infância e uma juventude razoavelmente confortáveis. Mas insistia em falar como se tivesse nascido e sempre vivido como escrava. Tjurmyen chegou a recear que Xizzin estivesse um pouco louca e se perguntou se estava em condições de arcar com uma missão tão importante quanto a que estava lhe dando, mas no trabalho mostrava-se lúcida, responsável e aplicada. Deu-lhe um voto de confiança.

Capítulo 62 – O desertor

Depois de juntar as informações obtidas da consolidação da rede insurgente, das observações de Tjurmyen, de Xeló e da incorporação de bons clarividentes às suas fileiras, Sistu e Kasmin puderam discernir um quadro melhor do que, a princípio, esperavam. Em reunião secreta, expuseram as relativamente boas notícias ao restante do Conselho.

Os partidários de Arpá no Exército sobrepujavam os legalistas nas montanhas, no litoral, nas terras de Muté e Nemté, a oeste e nas de Masté, a sudeste. A maior parte da planície do interior, Duaraka e Ki estavam sob controle legalista, bem como a maior parte da Armada. Os navios e submarinos do usurpador, concentrados na capital, limitavam-se a garantir que a frota legalista não forçasse a entrada.

O porto e os portões da metrópole inexpugnável estavam fechados, paralisando o intenso comércio da planície com o resto do mundo. Com isso, Odu Arpá esperava levar os poderosos interesses mercantis do interior a pressionar ou subornar os chefes militares para reconhecerem o novo governo e permitirem a volta do comércio à normalidade.

As tropas leais ao Casal Imperial recusavam-se a ceder, mas careciam de coordenação e planejamento. Dividas por rivalidades entre os mentôs, não chegavam a um acordo para substituir o antigo comando supremo na capital, cujos integrantes estavam presos ou mortos, ou haviam se unido ao inimigo. Os grupos de legiões legalistas mais poderosos estavam nas fronteiras do Oriente e receavam abrir caminho a invasões de agartis, acaios, baratis e outros inimigos, caso se deslocassem para intervir na luta pelo coração do Império.

As tropas dos reinos federados estavam alertas, mas não entravam na luta. Alguns dos mais poderosos, inclusive Kateiros e Tecité, propunham em segredo reconhecer o novo poder, se recebessem uma generosa fatia das vastas colônias de Atlântida e fosse preservada a linhagem imperial, à qual os reis federados também pertenciam. Mas também mantinham contatos com os legalistas.

Talvez esses reinos pudessem desempenhar o papel de fiel da balança. Por isso, supunham Sistu e Kasmin, Odu Arpá não se decidira a executar ou depor formalmente o Casal Imperial e tomar seu título, mantendo uma cuidadosa ambiguidade. Mantinha-os como reféns e possível moeda de troca. Intitulava-se “Generalíssimo” de Atlântida e acenava com a possibilidade de manter o Atlás-vatar e a dinastia imperial como figuras simbólicas e fiadores do pacto que lhe daria absoluta hegemonia sobre o poder civil e militar. Como ficara óbvio, entendia-se “Hegemonia” como uma autoridade absoluta, acima das leis, dos parlamentos e dos

costumes, repousando na vontade ditada pelo deus supremo Raan ao Generalíssimo, que este delegaria parcialmente aos seguidores que considerasse dignos por seu valor e lealdade. Seus partidários eram agora conhecidos como hegemônistas, em oposição aos legalistas.

Mas pouco se preocupava Arpá, no momento, com desenvolver as minúcias de sua filosofia política. Toda a sua atenção estava voltada para fora, para a tentativa de conseguir uma vitória militar suficientemente decisiva e obrigar os indecisos a aderir. Fechara-se na Cidade Proibida, mantinha contato telepático com seus liderados nos quatro cantos do Império e deixava Quar-vá se arranjar com os miseráveis rebeldes dos esgotos.

Graças ao véu de Chiuknawat, reforçado pelo poder ampliado da deusa, o Generalíssimo subestimava o movimento subterrâneo e o ritmo de seu crescimento. Pasguá não chegara a adverti-lo e ele não se interessara demais pelo destino da gênica, pois não queria mais cobranças ou sugestões dos deuses tradicionais.

Como sugeriu Sistu, decidiu-se manter a insurreição em fogo brando, ativa o bastante para dar à população razões para acreditar na possibilidade de resistência, mas não a ponto de torná-la uma prioridade para o Generalíssimo, um comandante militar de reconhecida competência. O ideal era acumular armas, recursos e contatos o quanto fosse possível dentro de certo segredo, para então golpeá-lo de surpresa.

Enquanto isso, faziam o jogo de gato e rato com Quar-vá, o que não era tão difícil. Como feiticeira e conspiradora era hábil, mas manejava mal o poder político e militar. Avaliava o povo que pretendia governar por sua própria medida e isso podia ser um erro.

– Inimigos e supostos rebeldes desmembrados vivos por pares de cavalos, queimados vivos, jogados às feras ou esmagados aos poucos por máquinas pavorosas! – Indignou-se a subcomandante Xikamat-pu, a idosa suma-sacerdotisa tlavatli de Chiuknawat – Com entrada franca e distribuição gratuita de mantimentos! É isso que Quar-vá oferece às massas de Atlântida!

– Com os preços a que chegaram os alimentos com o ploqueio, o povo está sendo obrigado a ir poscar lá seu saco de arroz... – lamentou Sethre-pu.

– A teoria oficial é que o povo atlante deve se acostumar com o sangue e a dor para se dispor à guerra e às privações – comentou Kasmin. – Mas ela também pensa estar conquistando o povo ao lhe atender aos desejos mais íntimos. Avalia as pessoas por sua própria medida, ou a de seu grupo. Mas a verdade é que as pessoas podem ser habituadas a gostar de crueldade, lembrem-se dos tempos do Império Cari...

– Isso não pode ir muito longe – ponderou o subcomandante Kiná-pu, chefe da guilda dos portuários –, nós recolhemos mais que a metade dos suprimentos dos armazéns do porto e destruímos uma boa parte do que não pudemos levar.

– Pelas nossas estimativas, eles devem ter o bastante para uns cinco ou seis meses – disse Kasmin. – Os hegemônistas acreditam ser tempo suficiente para se impor ao interior e restaurar o abastecimento.

– Não podemos ficar de braços cruzados – considerou Sistu. – O povo comum continua a rejeitar a crueldade inútil. Precisamos agir enquanto seus sentimentos não se embotaram. É a oportunidade de mobilizar o que as pessoas têm de melhor, trazer à tona sua indignação e mostrar que existimos! Essa rejeição tem de ser o símbolo da nossa luta...

O primeiro alvo foram aqueles – felizmente uma pequena minoria – que mostravam entusiasmo pelos espetáculos e mesmo aceitavam o convite dos mestres de cerimônia para desempenhar o papel de torturadores e carrascos.

Logo deixaram de aparecer. Eram espancados nas ruas por mascarados, que logo sumiam nos becos ou nos subterrâneos, aplaudidos pelos passantes. Pessoas comuns começaram a imitá-los em diferentes medidas – de voltar as costas aos candidatos a verdugo a ameaçá-los de linchamento. Começou-se a falar, à boca pequena, da organização subterrânea de Quin-ci e de sua disposição de distribuir gêneros aos necessitados. Os rebeldes, como esperavam, conquistaram simpatias, puderam fazer novos contatos, organizar grupos, punir delatores e a audiência dos espetáculos começou a cair.

Nem os rebeldes contavam, porém, com o grau de insatisfação das próprias tropas de Quar-vá com esses métodos, como demonstrou o primeiro dia de Geadas, um dia de leão. Quando todos já acreditavam que tropas golpistas já haviam desistido de invadir as galerias dominadas pelos rebeldes, um solitário bastô abriu caminho a espada. Por acaso, Sistu estava perto e vieram avisá-lo. Correu até onde o guerreiro fora acuado, depois de ferir vários insurgentes. Ao vê-lo, Sistu pensou em como acalmá-lo com uma parte de sua mente, enquanto outra buscava a melhor maneira de enfrentá-lo, se preciso.

O bastô inimigo era uns dois dedos menos alto, mas mais musculoso que ele. Cicatrizes que atestavam muita experiência em combate. Cabelo liso, negro e longo, sem barba. Olhos redondos e cinzentos, mas pele menos branca e rosada que a de um dengü típico. Brandia uma espada de aço, menos resistente que a de oricalco, mas mais leve – se recorresse a um furor sobrenatural ao estilo Erakal, seria tão perigoso quanto fora Godar-nem, o espadachim mercenário de Zissar, talvez mais. Se Sistu sacasse a espada, teria de ser muito, muito rápido. Não sabia até onde iam seus poderes de recuperação e cura rápida, mas intuía que não o salvariam se fosse cortado ao meio. Deu-se conta então de que havia esquecido a máscara e seus olhos deviam resplandecer na luz fraca da galeria. Paciência.

Ele e o estranho encararam um ao outro por um momento prolongado. O rebelde avaliou que o brutamontes não era louco nem estúpido. O outro pareceu concluir ter

encontrado alguém digno de respeito. Baixou a arma, sem recolhê-la à bainha.

– Vim em paz. Falar com seu mentô! Por Varjá! Tentaram me matar. – disse o monte de músculos. – Você me ouve, ou quer lutar?

– Ele é um bastô inimigo e um assassino, “sub”! – protestou um dos rebeldes que o cercavam. – Há três dias, matou vários dos nossos como se fossem ratos!

– Calma, companheiro – admoestou Sistu. – Se ele veio falar, quero ouvi-lo. – E para o estranho – Qual o seu nome, bastô? O que quer do nosso comandante?

– Sou Ralfu Kalkan Kwonos. Bastô de Odu Arpá, desertei. Ofereço minha espada. Um nome curioso, meio senzar, meio dengu. Um mestiço do reino setentrional de Tecité, a julgar pelo sotaque e pelos modos rudes. Adotado pelo clã Ralfu, talvez? Seria um ardil? Improvável, podia ser um mercenário e tanto, mas não tinha o perfil de um espião. Em todo caso, Tiakat não teria dificuldade para sondá-lo.

– Se veio por convicção, seja bem-vindo – saudou Sistu. – Mas, se quer soldo, está sem sorte, bastô. Só podemos oferecer abrigo e comida. Só depois da vitória poderemos pensar em remuneração – “Se vencermos”, acrescentou para si mesmo.

– Quem é você? Qual seu posto? – perguntou o estranho, desafiador e desconfiado.

– Zi Temtés Sistu, subcomandante e membro do Conselho da Comuna de Atlântis.

– Ah! Claro! Ouvi falar. –, o sorriso venceu o cenho na batalha pelo rosto do brutamontes. – O homem-demônio, o mais temido dos insurgentes.

Soou como cumprimento e Sistu o aceitou como tal. Fez um gesto para os guerrilheiros embainharem as armas. Obedeceram e Kwonos fez o mesmo.

– Dispensó grana – disse o bastô –, por enquanto. Não dá para ficar com eles.

– Por quê? – interrogou Sistu.

– Doentes... – o sujeito abanou a cabeça. – Levei dois prisioneiros para executar. Sacrifício a Raan. Um soan e uma garota. Subversão e zoofilia, seja lá o que for. Tive pena dela, mas era uma ordem. Fiz amarrar o pobre a uma estaca. Castraram-no e o queimaram vivo. A infeliz chorava sem parar. Riam, xingavam de cadela. Quando viram o coitado morto, o sacerdote me mandou levar a moça à outra estaca. Era vez dela. Fiquei com pena e meti a adaga no coração dela. Morreu num instante, sem sofrer. Aí ficaram todos loucos. O sacerdote me chamou de traidor. Mandou meus homens me prenderem e...

– Como era essa garota? – interrompeu Sistu, pálido.

– Muito branca. Muito loura. Olhos azuis. Desta altura – indicou o próprio peito e viu a expressão de Sistu – Você conhecia?

O nó na garganta de Sistu não o deixou responder.

– Sinto muito – a voz era respeitosa, mas firme.

– Entendo – bufou Sistu, os olhos molhados e brilhantes de um ódio que se esforçou para desviar de Kwonos e dirigir a seus ex-comandantes – Continue.

– Tirei a espada. Rachei a cabeça do sacerdote. Abri caminho entre meus homens. Eles hesitaram em me atacar. Montei num termá, o fiz sair em disparada. Da fortaleza até a primeira entrada do subterrâneo. Larguei ele, aqui estou.

– Está bem. Ficamos felizes com que tenha decidido lutar do lado certo. Venha e veremos como poderá contribuir para a nossa luta...

Capítulo 63 – Terror no Bairro da Sarna

O conselho decidiu que chegara o dia de um enfrentamento em grande escala, a céu aberto e sem máscaras. Sistu, pronto e ansioso, esperava a hora junto à saída do túnel.

Nas duas quatorzenas seguintes à defecção de Kwonos, tornara-se cada vez mais difícil a Quar-vá punir os atlantes por cooperar com os rebeldes. Muitas juízas e alcaides e as milícias civis sob seu comando começaram a fazer corpo mole e encontrar pretextos para não executar as ordens dos hegemônistas. As tropas fiéis a Odu Arpá, por ferozes e disciplinadas que fossem, precisaram guarnecer as muralhas contra possíveis ataques legalistas e enfrentar as incursões rebeldes, cada vez mais atrevidas. Estavam ocupadas demais para vigiar os cidadãos no dia-a-dia.

Para retomar a iniciativa, a governadora dissolvera as assembleias distritais e substituíra juízas e alcaides por seus nomeados. O primeiro tribunal sob as novas determinações, nomeado por Quar-vá, deveria ter-se reunido em um distrito do Dzezzyo, mas isso não chegou a acontecer. Quando as autoridades nomeadas pela governadora apareceram, dois mil mugais decididos as expulsaram. Dias depois, quatro mil moradores do Apecum haviam marchado com banda de música para fechar o tribunal local e obrigar as autoridades nomeadas a renunciar a qualquer missão que lhes fosse confiada.

Quar-vá decidira marcar posição no bairro do Porto Noroeste, onde o tribunal planejava reunir-se no dia seguinte, ao meio-dia e reforçara a segurança com tropas hegemônistas da fortaleza da Quarta Legião, do lado oeste da muralha. Ao saber disso, Sistu atacara o forte quase vazio com boa parte das forças de que dispunha, ameaçando tomá-lo de maneira convincente e forçando a tropa a voltar para expulsá-lo. Avisados e animados pelos rebeldes, cinco mil cidadãos do Porto Noroeste reuniram-se ainda na manhã para depor as autoridades nomeadas. Os mascarados dispuseram-se de ambos os lados da rua do tribunal e obrigaram as autoridades nomeadas a passar entre eles e recitar sua retratação dezenas de vezes, para todos ouvirem. O punhado de soldados que ficara fez que não viu.

Incidentes semelhantes foram deflagrados em muitos dos cinquenta bairros de Atlântis, principalmente no sudeste e noroeste da metrópole. Mais alguns comandantes e tropas desertaram para os rebeldes, trazendo a notícia de que Quar-vá pretendia esmagar a desobediência civil com um banho de sangue nos próximos dias, mesmo correndo o risco de enfraquecer as guarnições da muralha.

Para o Conselho, era agora ou nunca. Se ficassem de braços cruzados ante o massacre iminente, o povo nunca mais recuperaria a confiança nos rebeldes e em si

mesmo. Se demonstrassem força e iniciativa, poderiam atrair para a luta os simpatizantes ainda hesitantes, os indecisos e talvez até os dispostos a aderir ao vencedor mais provável. Se fossem derrotados... bem, era um risco aceito desde o começo.

O alvo, proposto por Sistu e aceito pela maioria, era o Bairro da Sarna. Era o mais miserável da metrópole, mas era estratégico, controlando as passagens entre o porto, o centro e a fortaleza da Quinta Legião, junto à muralha do Leste. Havia uma guarnição hegemônica considerável junto à praça principal, pelo menos oitocentos guerreiros, mas já havia rebeldes armados em maior número. Se atacassem de surpresa, poderia ser uma vitória fácil, sem grandes perdas.

Era véspera de primeiro de Neves, início do festival de inverno. Normalmente, tempo de grandes sacrifícios de animais e ritos divinatórios celebrados em grande escala por toda a cidade, com festas, danças, fogueiras, balões e fogos de artifício. Não desta vez: eram dias de medo e toque de recolher, mas a maioria dos civis afogaria as mágoas em bebedeiras caseiras e os quartéis provavelmente não estariam de sobreaviso naquela data.

Na hora combinada, rebeldes saltaram ao mesmo tempo de todos os buracos nas vizinhanças da praça dividiram-se em três grupos – o de Sistu assaltaria o quartel, o de Kwonos tomaria o mercado do lado esquerdo do quartel e o de Tiakat o templo à direita, cujo terraço ideal como plataforma de ataque. Tjurmyen, no ar, observaria e se comunicaria por meio de um código de apitos.

O grupo de Sistu alcançou as sentinelas num piscar de olhos, desarmou-as e passou da guarita para o pátio, mas uma inesperada patrulha saiu de uma rua lateral nesse exato momento e abriu fogo, atingindo dois dos seus. Foi imediatamente contra-atacada e recuou para a rua, mas gritos dentro do quartel deixaram claro que lá se mobilizavam às pressas. Guerreiros saíram do quartel, atirando granadas e disparando setas explosivas. Lá se foi a surpresa. Paciência. Sistu decidiu recuar alguns passos, buscar cobertura nas árvores e colunas da praça e responder ao fogo, coberto pelo seu pessoal que já abria fogo do alto do templo e do mercado. Suas armas eram mais eficientes e tinham munição suficiente. O quartel seria obrigado a se render em um sê, se não recebesse reforços.

Um triplo apito de Tjurmyen, mais um prolongado. Significava que uma aeronave de patrulha se aproximava. Para reconhecimento, ou lançaria granadas? Sistu franziu o cenho, mas não devia fazer grande diferença em meio à chuva de projéteis.

Os inimigos suspenderam fogo e retiraram-se às pressas, deixando os insurgentes avançar. Então, a nave – algo como uma lancha prateada, com umas nove braças de comprimento – passou rapidamente, deixando cair meia dúzia de objetos pequenos sobre os guerrilheiros. As fracas explosões não pressagiavam maiores perdas, mas uma fumaça amarelada com cheiro de alho espalhou-se pela praça e os rebeldes

começaram a tossir.

Gás venenoso. Existia nos arsenais imperiais há gerações. Os alquimistas de Atlântida desenvolveram-na às pressas quando seus mentôs tiveram as primeiras notícias dessas armas, usadas pelos agartis contra os helcarianos. Mas nunca haviam sido usadas pelo Império – a doutrina militar as considerava desleais e só as admitia para retaliar o uso de armas similares pelo inimigo. Sistu ia apitar um sinal de retirada geral, mas ouviu outro sinal de Tjurmyen – dois silvos curtos, um longo; dois silvos curtos, um longo. “Ataque baixo”, “ataque baixo”. Como assim? O ataque vinha do alto e os inimigos em terra haviam recuado para o quartel.

Então entendeu: o gás era pesado, ficava junto ao chão. Não era preciso retirar quem estivesse nos terraços altos. Deu quatro silvos curtos e repetiu o sinal: “subir, subir”. Tjurmyen o reproduziu, voava muito alto para ser afetada. Então, tentou contactar Tiakat por telepatia e não conseguiu.

Uma das bombas caíra junto ao templo. O posto de Tiakat, abrigada no peristilo pelas maciças arcadas do templo, estava protegido de projéteis e explosivos comuns, mas não daquilo. Um súbito pé-de-vento começou a empurrar a fumaça na direção oposta, das tropas inimigas. Bom sinal, Tiakat reagia. Mas cessou de repente.

Sistu saltou entre corpos caídos, pulou da calçada para o primeiro andar e encontrou Tiakat ajoelhada, vomitando e lutando para respirar. Tomou-a, aproveitou para recolher um guarda-costas caído no vestíbulo do templo e correu com ambos para a entrada da galeria que ficava ao lado do templo.

Os rebeldes não tiveram dúvidas em dar prioridade a Tiakat sobre as demais pessoas afetadas que corriam para as galerias. Ela era o recurso mais poderoso da insurgência, inclusive para tratar dos demais, quando estivesse bem. Sistu deixou-a aos curandeiros e voltou para ajudar os que continuavam na praça. O gás lhe irritava os olhos e as mucosas, mas não lhe causava maiores danos, sequer reduzia seu ritmo sobre-humano. Resgatou dezenas de companheiros inconscientes ou desorientados e logo a praça estava vazia. Os inimigos não ousavam reocupá-la, sabiam que o gás persistiria por alguns sês.

Sistu foi procurar Tiakat em meio à movimentação das enfermarias improvisadas entre as catacumbas. Foi encontrado por uma Tjurmyen de olhos vermelhos e expressão tensa. Ela segurou-lhe a mão e levou-o para um canto sossegado e o fez sentar-se.

– Sistu-bã, Lelon está fora de perigo, mas... – o tom de voz era calmo, mas triste.

O senzar gelou.

– Que houve? – interrompeu ele – Lelon não está bem?

– Fisicamente agora ela está bem, quanto a isso pode ficar tranquilo. Ficamos preocupados, mas ela curou-se com seus próprios poderes logo depois de recobrar a consciência. O que eu sinto muito te dizer é que foi tarde demais para o bebê. Vai

abortar logo. – Ela deixou sua lágrima escorrer e enxugou a de Sistu. – Acho que sinto tanto quanto vocês.

Um vazio se abriu no lugar que ele preparara para encher de ternura. Um pântano de culpa logo preencheu o buraco e deixou-o meio sufocado.

– Posso vê-la?

– Sim, ela acordou e quer ver você. Venha comigo.

Encontrou Tiakat deitada na maca, muito ansiosa por vê-lo e tocá-lo. Abraçou-a. Foi-lhe fácil chorar com ela e com Tjurmyen, cuja presença não o incomodou. Já a considerava íntima o suficiente para ter direito a compartilhar daquela dor.

Aninhada nos seus braços, Tiakat quis explicar o que acontecera.

– Mistonti, querido... Não consegui salvar nossa filha. Quando voltei a mim, já era tarde.

– Eu não devia ter deixado você tão perto da batalha. Errei.

– Decidimos juntos – respondeu Tiakat e confirmou com a cabeça.

Não precisavam se explicar mais, naquele momento. Pensavam o mesmo. Haviam aceitado os riscos porque muito pior, concordavam, seria viver e criar filhos em um mundo de senhores, escravos e nada mais.

Uma parteira chegou com instrumentos para a curetagem que Tiakat havia pedido.

– Deixe-me um pouco a sós com ela – pediu Tiakat – Não vai demorar muito.

– Isso é mesmo necessário? – perguntou Sistu.

– É mais rápido, assim que ela terminar posso me curar de vez e voltar ao trabalho. Preciso deixar isso para trás. Há muita gente precisando de mim.

Era verdade. Os efeitos em parte retardados do gás já faziam as vítimas gritarem de dor. A pele inflamava-se e cobria-se de bolhas como se tivesse sido mergulhada em água fervente. Ficavam cegos e os olhos ardiam a ponto de se ter vontade de arrancá-los.

Sistu não saiu tão incólume quanto pensava, mas teve uma reação diferente, assim que saiu da presença de Tiakat. Os olhos já não o incomodavam, mas a pele coçava, como numa reação alérgica. Não empolou, mas ficou amarelada, dura e espessa. Em alguns pontos, formaram-se pequenas placas. Suas unhas ficaram também grossas e amarelas e o cabelo caía.

Menos de meio sê depois, Tiakat já estava de pé e curava os feridos com rápidas imposições de mãos. Com o axé de Chiuknawat intensificada ao máximo que seu corpo podia suportar, sua aura crepitava. Mesmo aos olhos menos sensíveis ao sobrenatural, era uma abantesma de fogo frio a vagar pela penumbra das catacumbas, com olhos feitos dois luzeiros. Por alguma razão, porém, sua magia não funcionou com Sistu. Era estranho, mas tudo que dizia respeito a seu corpo era agora fora do comum. Deu de ombros. Estética à parte, não o prejudicava muito. Sentia-se razoavelmente bem.

Enquanto os atingidos pelo gás se curavam, os rebeldes já se animavam. A única vítima fatal fora a filha de Tiakat e os hegemônistas haviam tirado pouco proveito da tática brutal. Não ousavam retomar a praça contaminada e vários rebeldes continuavam prontos para atirar do alto dos prédios vizinhos.

Depois de trocar ideias rapidamente, Tjurmyen, Sistu e Kasmin convenceram os demais a tentar novo ataque. Desta vez, sob um tremendo pé-de-vento, providenciado por Tiakat para lavar os restos de veneno e impossibilitar mais ataques do mesmo tipo, apoiada por relâmpagos que castigaram o quartel e derrubaram o portão, abrindo caminho para Sistu e seu pessoal atirarem por todos os lados nos inimigos atordoados e enfraquecidos pelo gás venenoso. Não planejava tamanho massacre, mas a emergência não lhe deu alternativa. Mais um pouco, e o inimigo certamente receberia reforços.

Os soldados que guardavam a entrada das pontes foram expulsos e em instantes as barricadas rebeldes passaram a assegurar todo o circuito. O Bairro da Sarna era agora território insurgente. Agora, se conseguissem tomar uma das grandes fortalezas...

Capítulo 64 – A queda da fortaleza

– Do que você precisa, exatamente? – perguntou Kasmin a Tjurmyen, enquanto Sistu ouvia atentamente.

– Preciso de um mecanismo simples, mas bem exato. Se me conseguir um artesão, ou um joalheiro, posso indicar como fazer...

– Não se preocupe, já temos gente de todas as profissões. – disse o velho, aliviado,

– Também preciso de aprendizes de alquimista. De um laboratório com bons alambiques. Preciso de sossego, de certeza de que ninguém vai me interromper. Minério de chumbo em bruto, zinco, prata, cobre, ferro puro. Além disso, preciso de restos de açougue: ossos, chifre, gordura, cascos de boi... Dou uma lista detalhada – explicou Tjurmyen.

– Sem problemas, pode contar com isso para hoje – garantiu Sistu.

Alguns membros do Conselho se entreolharam, mas a expressão séria de Kasmin e Sistu os convenceu de que ela sabia o que fazia.

Três dias depois, Tjurmyen entregou a Sistu seis caixas de metal do tamanho de um tijolo, unidas a correias. Quando Tjurmyen e Sistu lhe contaram o que iam fazer, Tiakat fizera objeções. Ainda estava abalada e receosa e a ideia era complicada e arriscada. Mas cedeu. Sistu estava decidido e a ação seria muito mais perigosa sem sua colaboração.

Lançou sobre Sistu o encanto da invisibilidade, sem maior esforço. Agora, o poder de Chiuknawat lhe permitia fazer com apenas um gesto o que antes custava muito esforço a ela e à antiga mestra, Kopinani, mas o encanto era o mesmo e tinha as mesmas limitações e duração. Sistu teria de ser rápido.

Levou as seis caixas amarradas à cintura, mais uma adaga, uma machadinha e um rolo de corda com um arpéu na ponta. Meras ferramentas. Armas pesadas atrapalhariam seus movimentos e não fariam muita diferença se tivesse de enfrentar toda uma legião. “Bem, não exageremos”, pensou Sistu. Kwonos servira naquela praça e garantia que a fortaleza continha agora menos de vinte por cento do contingente normal de dez mil. A maior parte de suas tropas – as que não desertaram – fora espalhada por pequenas guarnições da capital para reprimir a insurreição. Os hegemônistas julgavam impossível, por ora, que os legalistas do interior tentassem atacar aquele setor da muralha da cidade.

Atravessou a praça de armas e à luz do dia, sem ser notado, passou entre os guardas da ponte levadiça, estendida sobre um fosso largo e profundo, crivado de lanças pontudas, que rodeava quatro lados da vasta fortificação pentagonal, com um

perímetro de mais de quatro estádios. Um dos ângulos apontava para o centro de Atlântis e a base oposta era um trecho da própria muralha da cidade. Em cada ângulo, erguia-se uma torre.

Já dentro da fortaleza, encontrou o caminho até a câmara da porta levadiça e examinou a grade em busca dos pontos onde devia prender os cilindros. O desenho de Tjurmyen estava perfeito. Jogou o arpéu, prendeu-o no alto da porta, testou-o com um puxão, suspendeu-se à porta levadiça e prendeu as caixas com as correias. As caixas eram da mesma cor da grade e passariam facilmente despercebidas.

Ao terminar, começou a buscar o caminho de volta, mas de repente ouviu os guerreiros se agitarem. Antes que chegasse à saída, a ponte se ergueu e a porta desceu, bloqueando a saída de Sistu. Pelos comentários dos soldados, havia uma insurreição popular perto da fortaleza. Agora? Mas era para todos manterem a calma... Suspirou. Provavelmente algum garoto mais atrevido xingara ou jogara uma pedra num soldado e iniciou um pequeno enfrentamento imprevisto. A guarnição, reduzida, estava nervosa e o povo animado e excitado com a rebelião no bairro da Sarna, a menos de meio sê de caminhada dali. O problema não era mais incitar a população, mas organizá-la.

O ataque foi repellido ou reprimido, mas tarde demais para Sistu. O efeito da invisibilidade já ia cessar, estimou. Já não podia sair pelo portão, mesmo que o abrissem. Procurou algum esconderijo. Chegou quase ao coração da fortaleza antes de encontrar um depósito aparentemente tranquilo.

Deu azar. Um soldado foi buscar algo no depósito e o viu, agachado. Gritou e um pelotão imediatamente se juntou a ele.

– Mãos ao alto! Renda-se! – gritou o saptô.

Sistu considerou se deveria lutar e decidiu que não. Poderia, talvez, passar por eles, mas se conseguisse encontrar outro esconderijo a tempo, criaria um rebuliço e deixaria toda a guarnição da fortaleza em estado de alerta até o dia raiar. Pior ainda se continuasse lutando madrugada adentro. Isso podia estragar o plano. Decidiu deixar-se capturar. Entregou-se, imaginando que o jogariam em alguma cela, se acalmariam e só voltariam a pensar no caso antes da manhã, quando já seria tarde demais. Levaram-no ao escritório do superior, um bastô que, furioso, exigiu-lhe explicações:

– Fale, bandido miserável! O que fazia aqui?

Sistu permaneceu em silêncio e o comandante virou-se para chefe do grupo que o trouxera, um sujeito corpulento, de ar estúpido.

– Saptô, vamos fazê-lo falar!

O brutamontes balançou uma pesada maça e golpeou-lhe as pernas com violência, fazendo-o cair de costas. Vibrou a maça uma segunda vez e esmagou-lhe a mão direita.

Sistu reprimiu um berro e usou seu treinamento Shapash para anular a dor horrível.

– Fale, desgraçado! Senão te mato!

Ainda mais furioso, o saptô golpeou-lhe o rosto com a maça, fraturou a órbita e o zigoma e furou um olho. “Miserável”, pensou Sistu. Fingiu um desmaio, pois provavelmente teria mesmo caído inconsciente, não fosse sua magia marcial. Seria um teste inédito de sua capacidade de cicatrização rápida. Esperava que funcionasse, seu corpo era cada vez menos previsível.

– Basta, cretino! – bradou o bastô. – Tem merda na cabeça? Mortos não falam!

– Mas o senhor mandou... – balbuciou o saptô.

– Mandeí interrogar, não torturar! Isso é para profissionais! – baixou-se para examinar Sistu. O ferimento era feio, mas decidiu que não era mortal.

– Amanhã cedo já deve estar em condições de ser interrogado. Jogue-o em uma cela no corredor dos condenados. Peça ao jintô um inquisidor competente, ele parece doente, mas leva jeito de ser durão – ordenou.

Soltando pragas pelo caminho, três soldados carregaram o pesado Sistu por corredores tortuosos, cuja disposição o rebelde visualizava pelos ecos e movimentos que percebia para localizar-se no plano da fortaleza que estudara nos documentos do Instituto. Devia estar em uma das torres secundárias. Sentiu-se jogado no chão de pedra. Ouviu uma mulher abafar um grito, depois uma porta enferrujada se abrir. Puxaram-no pelos pés, agrilhoaram-nos a uma corrente e trancaram a porta. Um suspiro e passos a se afastar.

Surpreso, Sistu ouviu seu nome, murmurado baixinho e com tristeza. Uma súbita esperança lhe golpeou o coração. Abriu com cautela o olho bom. Estava só, numa cela tão pequena que a cabeça encostava na grade. Havia mais celas e podia ouvir a respiração e sentir o cheiro de vários prisioneiros. Só cela em frente e em outra, logo depois da curva do corredor, ouvia-se pessoas respirar como se estivessem despertas. Não havia passos nem pessoas respirando no corredor, num raio de dez braças, pelo menos. Apenas o ressonar de prisioneiros adormecidos nas celas e o crepitar suave de antiquadas lâmpadas a óleo. Se havia soldados ou carcereiros, estavam longe demais para ouvir. Decidiu arriscar.

– Awesa-bã? – chamou, baixinho.

Surpresa, a moça da cela em frente levantou a cabeça.

– Sistu! – sussurrou ela. Aproximou-se da grade.

– Pobre Sistu-bã – lamentou ela, baixinho –, o que te fizeram?

Com o rosto desfigurado, banhado em sangue, uma mão destroçada, a pele amarelada como por uma icterícia, barba e cabelo ralos, a aparência de Sistu era mesmo de dar pena. Distraído da sua concentração, sentiu a dor brutal e fez uma careta. Mas recobrou-se e sorriu, aliviado por vê-la viva e inteira. Sentiu também o

sangramento diminuir e músculos repuxarem. Por alguma razão, seu controle da dor e seu poder de cicatrização inibiam-se mutuamente.

– Awesa, que bom te ver! Cheguei a pensar que estava morta.

Esticou o braço bom por entre as grades. O corredor era estreito e conseguiram se tocar. A amiga acariciou-lhe a mão com a ponta dos dedos.

– Eles te maltrataram? – perguntou Sistu, preocupado.

Awesa olhou, calada, para o chão e o amigo não insistiu.

– Vamos morrer amanhã cedo – falou a moça, depois de um longo silêncio – Razzan e eu.

Sistu ouviu um leve grunhido na cela do prisioneiro acordado.

– Havia dois outros prisioneiros... parecidos com vocês?

– Sim – respondeu, surpresa. – Soubeste? Sawela e Pasá foram executados no espetáculo do mês passado e nos reservaram para o seguinte. Éramos muito amigas... – começou a chorar, baixinho. – Quando invadiram o bairro da Sarna, nós quatro conseguimos fugir, alcançamos a casa da minha família e pedimos ajuda, mas meus pais e tios se recusaram a nos esconder, achavam perigoso demais, não podiam arriscar as crianças por causa de uma idiota pervertida... Babacas e covardes, ah, como os odeio! Dei-lhes as costas, voltamos para a rua e fomos todos apanhados.

Haviam morrido dois companheiros, mas não aqueles. A outra moça fora, com certeza, igualmente valorosa e merecedora de uma vida feliz. Mas ao menos não era Awesa. Pôs-se a pensar. Como salvá-la? Faltavam menos de quatro sês para o Sol nascer.

– Preferia não ter te visto, Sistu – disse a moça, quase para si mesma. – Preferia morrer pensando que estavas livre e bem...

– Não se aflija, vamos dar um jeito.

– Que jeito? – perguntou, incrédula.

Sistu respirou fundo e gemeu, enquanto os ossos, músculos e pele da face e da mão se reconstruíam, tão rápido que ele mesmo ficou impressionado. Para sua própria surpresa, um novo olho se abriu na órbita antes destroçada. Relaxou, livre da dor contida e viu com os dois olhos a cara de espanto de Awesa. Virou-se, puxou os grilhões com força e os elos cederam, devagar, quase sem ruído. Solto as pernas.

A Sistu, talvez fosse possível rebentar os gonzos ou a fechadura na marra, mas não o conseguiria sem chamar a atenção de toda a tropa. Esticou um dos elos da corrente partida contra a parede, deu-lhe forma de gancho e usou-o como gazua, do jeito que um companheiro chaveiro lhe havia ensinado. A tosca fechadura não tardou em abrir. Da mesma forma, libertou Awesa. Depois, teve o cuidado de trancar de novo as portas, para confundir e atrasar as investigações.

– Precisamos salvar Razzan – sussurrou ela.

O soan estivera atento o tempo todo, sem dar um pio. Quando Sistu o libertou,

abraçou-se longamente com Awesa. O silêncio só era quebrado pela disparada dos corações, que ninguém, além dos três, pôde ouvir.

Sistu sussurrou no ouvido de Razzan seu plano. Saíram pé ante pé pelo corredor, liderados pelo senzar até a curva depois da qual os sentidos apurados de Sistu e Razzan perceberam a presença de um homem sentado e dois de pé, despertos, provavelmente guardas. Sistu fez um sinal a Awesa para recuar e outros a Razzan, indicando-lhe como atacar.

Saltaram como dois relâmpagos. Razzan caiu sobre o carcereiro sentado e Sistu sobre os dois guardas. Os três tiveram os pescoços quebrados num instante, sem conseguir reagir ou gritar. Razzan e Sistu tomaram as alabardas e adagas dos mortos e chamaram Awesa. Liderados por Sistu, subiram uma escadaria que levava ao alto de uma obsoleta torrinha de observação, embutida na muralha, que Kwonos dissera estar trancada e desguarnecida. Sistu abriu o ferrolho da pesada porta de madeira e trancou-o de novo. Ali, a iluminação restringia-se às poucas fimbrias de luar que conseguiam encontrar seu caminho pelas seteiras, mas o senzar e o escravo fugido orientaram Awesa com seus olhos de gato. Subiram ao mirante. Das seteiras, via-se toda a fortaleza, a muralha atrás e a praça de armas à frente. Ali estavam em segurança, por enquanto. Sentaram-se no chão.

– E agora? – perguntou Awesa – Daqui não podemos sair sem enfrentar toda a guarnição e mais cedo ou mais tarde, farão uma busca!

– Não começarão a nos procurar antes do próximo turno da guarda, já quase de manhã – disse Sistu. – Se acaso pensarem logo em nos procurar aqui, terão de passar por nossas alabardas. E se demorarem, vão ter muito mais com que se ocupar – segredou.

– Como assim? – perguntou Razzan.

Sistu sorriu.

– Não quero estragar a surpresa. Espere, você vai ver...

– Como te curaste tão de repente? – perguntou Awesa – Que aconteceu contigo, aí, ainda pareces doente! E como vieste parar aqui? E...

Enquanto esperavam a manhã, ouviram Sistu explicar seus novos dons e o crescimento da resistência. Então, às primeiras luzes da madrugada, ouviram movimentos de troca da guarda, seguidos por agitação e barulho vindos de onde haviam estado prisioneiros. Sistu deu uma adaga a Awesa e disse-lhe para ficar de atalaia no mirante. Ele e Razzan desceram a escada com as alabardas até a porta, por via das dúvidas.

Os guardas deviam estar desorientados, procurando ao acaso, de forma nada sistemática. Enquanto a escada iluminava-se pouco a pouco, ouvia-se cada vez mais movimento na fortaleza, mas não perto da torrinha, aparentemente esquecida.

Haviam passado pouco mais de um sê quando ouviram um vozerio e uma

mudança no ritmo da agitação. Sistu chamou Razzan de volta ao mirante. O espetáculo ia começar. Se alguém se lembrasse da torrinha agora, já seria tarde demais.

Uma multidão furiosa se reunia em frente à fortaleza, lançando flechas e improperios aos guardas, a alguma distância do fosso. Mais de cinquenta mil, estimou Sistu, corretamente organizados. A mobilização fora bem-sucedida. Os soldados correram às ameias para reagir ao cerco com bestas de repetição e granadas e começaram a erguer a ponte levadiça. Estavam em menor número, mas muito melhor posicionados.

De repente, uma tremenda explosão sacudiu a fortaleza. Os enormes portões e a porta levadiça voaram em pedaços e a ponte desabou sobre o fosso.

– Que foi isso? – perguntou Awesa, assustada.

– Artes de nossa amiga Tjurmyen. Brinquedos que ela me mandou instalar junto do portão, ontem à noite – respondeu Sistu.

Ato contínuo, a turba correu à entrada desobstruída da fortaleza, atropelando e massacrando os guardas sobreviventes. Ao mesmo tempo, uma ameaçadora nuvem negra em forma de funil formou-se sobre a fortaleza e relâmpagos fulminaram a torre de menagem, abrigo do estado-maior da legião. Bom sinal. Tiakat já estava em plena forma.

– Proteja Awesa – disse Sistu a Razzan. – Vou à luta.

Sistu correu escadaria abaixo com uma velocidade sobrenatural e caiu com a alabarda sobre os soldados feito ceifador em campo de trigo, ajudando a desorganizar a resistência dos legionários à multidão que invadia a fortaleza.

A grande torre de menagem, no centro da fortaleza, ainda resistia, inacessível. Maciça, sobranceira à grande muralha, era uma das construções mais altas da capital, junto com suas irmãs das outras três fortalezas, os faróis da entrada do porto e as estátuas gigantes dos deuses senzares. Mas já se viam pessoas saltarem para a morte dos andares superiores, incendiados por relâmpagos, que agora visavam andares progressivamente mais baixos. Em pouco mais de um ag, o mentô e seus conselheiros estenderam panos cinzentos das seteiras, para anunciar a rendição. Os guerreiros e oficiais sobreviventes depuseram as armas.

Sistu improvisou uma escolta de revolucionários para proteger os comandantes da legião derrotada da ira de populares dispostos a linchá-los no caminho da torre para a detenção no calabouço, do qual os antigos prisioneiros foram libertados. Enquanto isso, uma tromba d'água caía sobre a torre para ajudar a conter o incêndio.

Um sê depois, os rebeldes iniciavam os reparos e baixavam das torres restantes os pendões vermelho-escuro dos hegemônistas. Em seu lugar não ergueram as flâmulas douradas imperiais, mas as tricolores desenhadas por Tjurmyen: triângulos negros com bordas exteriores vermelhas e bordas interiores brancas, para representar a

união dos povos da metrópole: os tlavatlis negros, os senzares vermelhos e as minorias de pele clara, os dengus, caris, mugais, fomoris e ofirianos. A Fortaleza da Quinta Legião, rebatizada Fortaleza do Povo, era agora sede provisória da Comuna de Atlântis e controlava um pedaço da muralha e o arsenal dos legionários derrotados, incluindo artilharia.

Capítulo 65 – O atentado

À frente, chapinhando pelo túnel úmido e malcheiroso, espantando ratos e baratas, ia Kwonos, Tjurmyen-Kinzhyn em seguida, levando um tubo às costas. Seguia-a Banunu, uma ilusionista cari recomendada por Tiakat como talentosa, atirada, inteligente e, o mais importante, capaz de manter a cabeça fria em uma situação difícil, com Jumor, seu jovem e magro ajudante senzar.

O grupo de soans vinha atrás: o recém-resgatado Razzan, o taverneiro do Poleiro dos Urubus Zalfu, sua companheira Asmé, o garoto mensageiro Chachat e sua nova amiga Domé, uma menina-suçuarana que fugira da Cidade Proibida quando os amos e a mãe foram capturados pelos hegemônistas na confusão do golpe de Estado. Cada um empunhava um cristal luminoso para se orientar pelas galerias escuras do Sumidouro.

A missão era das mais perigosas: um atentado contra o próprio Arpá, planejado por Sistu e Tjurmyen. Os rebeldes apenas o haviam visto à distância e o mesmo se podia dizer da maioria dos hegemônistas que haviam capturado. Dentre seus subalternos e a gente do povo, havia quem acreditasse que ele era um gênio de Raan e que a armadura invulnerável era parte de seu próprio corpo. Kwonos, que estivera sob as ordens de Arpá desde antes de ele se tornar mentô, ria-se disso.

– Quar-pás é humano como eu. Se deixasse a barba e o cabelo crescer, poderia passar pelo “sub”, têm o mesmo tipo. Só se fez de tão misterioso depois do golpe. Mas a armadura é mesmo sobrenatural. Em Tersenté, recebia golpes terríveis sem sequer se arranhar e suponho que os raios e bolas de fogo que ele lança vêm dela. Sobre a ligação com Raan, não sei o que é verdade e o que é boato. Não entrei no seu círculo íntimo. Não quis pertencer ao culto.

A proteção mágica da armadura era insondável para os clarividentes e para a própria Chiuknawat. Sua aura era de intensidade comparável às das desaparecidas espadas-draco de Sistu, mas diferente – e era tudo que a deusa sabia dizer. Raan era ainda mais reticente que os deuses tradicionais de Atlântida sobre seus recursos.

Restava a experimentação direta. Depois da tomada da Fortaleza do Povo, Arpá passara a levar muito mais a sério a ameaça rebelde e fora visto à frente das tropas que tentavam recuperá-la. Enquanto a guarnição da Comuna contra-atacava, Tjurmyen-Kinzhyn tentaria se aproximar o mais possível. O resto do grupo lhe daria cobertura.

Tjurmyen-Tjurtsi no ar, acompanhando o movimento geral das tropas vislumbrou um ponto dourado. Estava na janela de um mirante a pouco mais de cinco estádios da Fortaleza, observando as tropas que tentavam abrir caminho por barricadas

defendidas por Sistu à frente de centenas de guerrilheiros. Podia ser Odu Arpá, pois havia movimento de prováveis mensageiros para dentro e para fora daquele prédio. Sacou a luneta do cinturão e examinou: um homem grande em armadura de oricalco.

Voou para mais perto, usou de novo a luneta e viu um braço dourado se estender na sua direção. Deixou-se cair e sentiu o calor de uma bola de fogo passar sobre sua cabeça. Tiro rápido e preciso, ao contrário dos arcabuzes hegemônistas. Não havia mais dúvida sobre quem era a figura no mirante. A abordagem aérea não iria funcionar, mas agora a outra Tjurmyen, nos subterrâneos, sabia exatamente onde ele estava.

Não que bastasse para resolver o problema: o mirante era parte de um casarão abastado ocupado por guerreiros. Ela e seu grupo estavam quase debaixo dele, mas entrar seria um suicídio rápido, na melhor hipótese. Seria preciso aguardar sua saída.

Tjurmyen-Kinzhyn avisou Kwonos e o grupo se dirigiu à base de uma das antigas estruturas em forma de chaminé que eram comuns na capital, mas nas quais poucos reparavam. Eram respiradouros pelos quais entrava ar fresco, pois pelos esgotos do Sumidouro saíam os gases tóxicos e corrosivos cuja acumulação seria perigosa. Esse, em particular, erguia-se de um pátio bem próximo de onde Arpá estava aquartelado. O topo era coberto, mas no alto havia frestas semelhantes a seteiras, das quais era possível vigiar sem ser visto de fora. Podia-se subir por dentro, mas pela estreiteza do respiradouro, só três do grupo seriam de tamanho adequado para a façanha: a própria Tjurmyen, Chachat e Domé. A menina subiu para o primeiro turno de vigia.

A situação permitia aos demais relaxarem e conversarem sem ninguém os ouvir. Tjurmyen, concentrada, repassava mentalmente os passos a tomar. Razzan, tentando acalmar a ansiedade, puxou conversa com Kwonos.

– De bastô de Arpá, passou a subchefe de um punhado de soans, Kwonos-pu. Não se arrepende de trocar de lado?

– Não, Razzan-pu. E olhe, gosto de estar com soans. Sou como vocês.

– Como assim? – Estranhou o homem-jaguar. Tjurmyen, sentada do outro lado do ex-mercenário, prestou mais atenção à conversa.

– Meu nome é “cão” em dengu. Não é por acaso. Eu era pequeno em Tecité. Um dia de festa, fugi da procissão, fui brincar com os cachorros. Aí a terra balançou e uma enxurrada arrastou aldeia, mãe, tudo, rio abaixo. Como uma descarga arrasta a merda nas casas grã-finas, assim mesmo. Sobreí eu. Eu e os cachorros. Vivi com eles, na mata, aprendi a ser cão, virei chefe da matilha. Até que um mateiro me achou e me levou à força. O bastô Zetfun gostou da minha garra, me adotou. Mas as pessoas não gostavam de mim, nem eu delas. Sou esquisito, falo esquisito. Sou meio cachorro.

– E como foi parar na tropa de Arpá?

– Em Tecité, olham muito em que berço se nasceu. E querem sangue puro, seja senzar, seja dengu. Mãe Markiela era serva dengu, ela me teve com o amo, um senzar chamado Tuzam. Era chefe dos lenhadores, mas mãe é o que conta. Queria ser como Zetfun, ele é bom, mas em Tecité não dava. Bastardo e mestiço não é promovido. Diziam que em Atlântida é mais fácil subir se for bom, mesmo sendo esquisito. E é. Virei mercenário. Onze anos e dá para se naturalizar. Fazer Academia. Virar oficial. Servi com Arpá, ele é duro, mas me tratou direito. Corrente-de-ouro, mercenário ou escravo soan, ele respeita se obedecer bem e lutar bem. Me fez bertô. Faltava dois anos para me naturalizar quando deu o golpe. Me fez bastô e disse que agora cidadania não importa mais, o importante é servir bem. Mas tem coisa que não dá pra aguentar...

– Dá cá um abraço, Kwonos, companheiro – disse Razzan. Tjurmyen ficou comovida, mas quando se decidiu a imitá-lo, ouviu o miado de Domé, sinal combinado.

– Vamos, Kwonos, como combinamos – convocou ela.

O monte de músculos saltou, ágil, e os demais os seguiram, exceto Chachat e Domé. Deviam ficar, observar e tentar correr e contar aos outros o que pudessem se algo desse errado.

Um poço destampado dava para a praça na qual Arpá acabava de pisar. E por ele saltou uma belamente terrificante erupção de chamas, ilusão projetada por Banunu e Jumor. Tjurmyen ouvia, atenta, por uma boca-de-lobo. Sem se arriscar a mostrar o rosto, confiava nos ouvidos apurados e na observação à distância de Tjurmyen-Tjurtsi, encarapitada com a luneta no telhado de um mirante a estádios de distância. Os homens-lobo de Arpá estacaram em frente ao Generalíssimo.

– O que houve, Aslá-rar? – Perguntou.

O chefe da guarda respondeu, perplexo.

– Um fogaréu, o Generalíssimo não vê?

– É isso que veem? Uma ilusão! Há ilusionistas inimigos por perto, devem estar no subterrâneo, ignorem as chamas e busquem o Sumidouro!

Dado importante: Arpá era imune a ilusões. Que mais?

Ao comando do chefe da guarda, três chegaram a saltar para dentro das falsas chamas e do poço. Foram rapidamente abatidos no escuro pela emboscada dos soans, mas um teve tempo de gritar. Seus camaradas não percebem – o falso som das chamas devia ter abafado o grito a seus ouvidos – mas Arpá reage de imediato:

– É uma armadilha, parem! Saiamos daqui!

Arpá não se sentia invencível o suficiente para ele mesmo descer no poço e caçar os rebeldes. Hora de um segundo teste. Tjurmyen puxou do cinto uma flauta de formato peculiar e começou a tocá-la em uma oitava inaudível a ouvidos humanos, mas nem por isso menos eficaz – desde que ela não desafinasse nenhuma nota,

apesar de também nada escutar. Tão difícil quanto pintar um quadro no escuro.

O efeito lhe assegurou que havia acertado. Ouviu os homens-lobo despencarem no chão, adormecidos. Sons de passos metálicos e um leve retinir revelaram um Arpá incólume e atento. Avaliava a situação, sacara uma arma, não abandonara os guardas à própria sorte. No que tinha razão, pois Kwonos e sua tropa tinham ordem de executá-los o mais rapidamente possível, caso o Generalíssimo fugisse. Saberá ele que o efeito do encanto durava apenas um ag? Dificilmente.

Mas se não fugisse, havia mais algo a tentar. Tjurmyen-Kinzhyn preparou o tubo que levava nas costas e arriscou espiar por entre as barras que protegiam a boca-de-lobo. A uma distância de umas quinze braças, entre dezenas de guerreiros adormecidos, o Generalíssimo olhava em volta. Preocupava-se com o poço e com o céu. Uma aeronave para resgatá-lo? Tjurmyen-Tjurtsi nada via no ar maior que urubus. A configuração astral daquele momento – Suquá no nadir, Sol no zênite – inibia o voo das naves atlantes.

Tjurmyen-Kinzhyn jogou o tubo por entre as grades, com jeito e sem barulho. Forrado por um revestimento aveludado, rolou suavemente pelo chão de pedra lisa na direção de Arpá, que se voltou de repente e ergueu a viseira para ver melhor. Ela escondeu-se, gelada não tanto pelo confronto inesperado quanto pela semelhança absurda com Sistu, ou melhor, o Sistu saudável de antes do bombardeio com gás. Era como se ele tivesse se voltado contra si mesmo.

Bem, o Generalíssimo provaria do próprio remédio. Ou de um semelhante.

Ouviu um estalo forte, como de dorje, seguido de uma explosão: o tubo continha um líquido pronto para se converter em gás tóxico ao contato com o ar. O tiro elétrico de Arpá antecipara o disparo programado para instantes depois, mas isso fazia pouca diferença. Um vapor branco e acre espalhou-se pela praça e Arpá começou a tossir. Por fim! A armadura o protegia de magias, mas não de processos físicos e químicos corpóreos. Em alguns momentos mais, estaria paralisado e indefeso.

Tjurmyen-Kinzhyn colocou uma máscara filtrante, gesto que seus amigos deveriam repetir para capturá-lo. Com rapidez, pois se o caçadores param para discutir por quanto venderão a pele, o tigre acorda da soneca, diz o ditado mugal.

Ia correr para a galeria, quando ouviu outro estalo, diferente. Voltou-se: Arpá sumira – e aquele fora o som característico de certa modalidade de teleporte. Afinal fugira, talvez para muito longe dali. Só restava eliminar os guardas, pois o gás, embora rápido, não era mortal e seu efeito passaria em alguns sês. Ela retomou o caminho.

Tjurmyen-Tjurtsi voou para mais perto, espiando pela luneta: Razzan, Kwonos, Zalfu e Asmé saltaram, quantal na mão, e começavam a degolar os homens-lobos a seu alcance quando uma sombra repentina passou pela linha de visão.

Largou a luneta e viu algo de asas maiores e muito mais vigorosas do que as de um draco mergulhar sobre eles, ocupados demais para notar. Aflita, lançou-se atrás dela, sacou sua única arma, uma pistola de pederneira e atirou. Não teve efeito no monstro, mas chamou a atenção dos rebeldes, que pularam para dentro do poço no exato momento em que ele mergulhou sobre eles. Frustrada, a criatura voltou-se para a mugal. Um morcego vermelho-escuro, com asas capazes de cobrir o telhado de um casarão.

Tjurmyen saltou do mirante, pensando rápido com ajuda de sua contraparte em lugar mais seguro. Não havia notícia de qualquer animal como aquele e a força que mostrava ao bater as asas não era natural. Talvez um gênio, como Pasguá na sua forma de grifo – muito mais horripilante, porém. Quais as limitações dessas entidades?

Poucas, mas uma era útil: um gênio não era tão onipotente quanto uma divindade, precisa parar e concentrar-se por alguns momentos para mudar de forma ou usar magias mais poderosas. Se fosse rápida e ágil o bastante...

Disparou em voo rasante por ruas tortuosas e estreitas, onde a coisa não podia abrir as asas. Errar uma manobra e bater numa parede àquela velocidade seria morte certa. Para ambas as Tjurmyen ou uma só? A pior hipótese era menos ruim do que ser capturada. Isso não, nunca!

O morcegão era tão rápido quanto ela. Alto acima dos telhados, disparava bolas de fogo e relâmpagos que incendiavam telhados e rachavam paredes à sua volta. Mesmo errando, as ondas de choque a atordoavam e desviavam. Caso perdesse o rumo ou o equilíbrio, por um instante que fosse, estava perdida... Outro plano, por favor!

Viu um grande armazém, umas trinta braças de comprimento. Como seria por dentro? Decidiu arriscar um tudo ou nada. Voou, resoluta, contra a janela do alto, cobrindo a cara com os antebraços. O vidro leitoso foi pulverizado, mas o problema era frear. Virou-se, pés para a frente, toda a força à ré, mas seus pés bateram violentamente na parede oposta – uma divisão interna, na metade do prédio. Atordoada, caiu sobre pilhas de tapeçarias finas. A sorte lhe fora relativamente misericordiosa. Torcera o quadril e as pernas estavam dormentes, mas ficaria inteira. Se conseguisse sair logo dali.

Não conseguia andar, levitou até a porta. Trancada. Tocou sua flauta e a fechadura se abriu. Entrou e fechou-a atrás de si. Ouviu um estrondo: o monstro dera meia-volta e arrebentara o telhado do depósito. Havia ali latrinas para estivadores, simples buracos abertos no piso para o malcheiroso esgoto abaixo. Largos o suficiente para uma mulher pequena cair neles, contorcendo-se um pouco...

Caiu sobre a corrente imunda, exausta, lutando para não desmaiar. Sem forças para levitar, foi arrastada muitas braças antes de se agarrar a uma beirada, sem

conseguir se suspender para fora da água cheia de excremento ou espantar as baratas que lhe subiam e desciam pelo braço e cabeça. Agarrar-se era tudo que importava. Caso se soltasse, morreria afogada, bem antes de ser arrastada para o emissário submarino e seu corpo ser lançado em alto mar como mais um dejetos.

Não tinha a menor ideia de onde estava, mas sabia que a outra Tjurmyen recorrera à clarividência de Tiakat para localizá-la e enviar ajuda. Isso lhe deu forças para aguentar até um braço forte a puxar para fora e algo quente e peludo a abraçar. Deixou sua metade desmaiar nos braços de Razzan e ser carregada para a Fortaleza, onde as mãos carinhosas de Tiakat a lavaram e cuidaram antes de deixar que os corpos voltassem a se unir para completar a cura. Depois de reunificada, Tjurmyen estava meio moída e três quartos exausta. Não podia mais. Caiu no sono.

Capítulo 66 – O tabuleiro dos deuses

Por se demorarem a trocar ideias em particular, Sistu e Tiakat foram os últimos a chegar à reunião de emergência do Conselho da Comuna, convocada para discutir a batalha. Depois de chegarem perto de uma vitória espetacular contra as melhores jins de Arpá, a muito custo haviam arrancado uma espécie de empate de uma quase catástrofe. Já era noite e o clima dramático na sala de reuniões na base da torre de menagem, não afetada pelo incêndio, era acentuado pela luz avermelhada dos grandes cristais no alto da parede.

– Um morcego gigante, uma mantícora furiosa e uma serpente assassina. Que mais? – perguntou Kasmin, desacorçoado, à cabeça da mesa, assim que sentaram. – Perdemos cento e vinte e três companheiros e tivemos de recuar quando já tínhamos a batalha ganha!

– Não vamos perder o ânimo. Eles não são invencíveis! Os relâmpagos de Chiuknawat os fizeram recuar! – argumentou Xikamat, a sacerdotisa, socando a mesa com o punho fechado.

– Para dizer a verdade, Xikamat-pu, eu cheguei a meu limite – disse Tiakat, erguendo a mão. – Quase não me sobraram forças para ajudar Tjurmyen. Se eles tivessem insistido mais um pouco, eu não conseguiria mais mantê-los à distância. O poder de Chiuknawat é grande, mas minha capacidade de transmiti-lo é limitada.

– Precisamos de outras maneiras de enfrentá-los – disse Sethre, ansioso. – Se Tjurmyen potesse nos axotar a pensar oma tefesa...

– Não agora. – Atalhou a xamã. – Ela precisa descansar pelo menos uma noite e um dia.

– Não é tão ruim quanto pensam. Lelon, conte-lhes o que Chiuknawat pode nos dizer sobre essas coisas. – Disse Sistu, mostrando mais confiança do que realmente sentia. Sentia a necessidade de contrabalançar o pessimismo de Kasmin.

– O morcego castanho é Rudlá, gênio e servo de Raan; a mantícora vermelha é Umau, de Tliká; e a serpente negra é Assé, de Kiném. Os três subiram no início da batalha. Chiuknawat sentiu quando abriram o portal do Elísio por meio de sacrifícios.

– Então o inimigo precisou fazer sacrifícios especiais para convocar esses gênios? – interessou-se Kasmin.

– Sim, mas isso é simples para eles – Comentou Xikamat. – Tliká e Kiném continuam a receber o culto costumeiro no Templo Tricolor e Raan... bem, prefiro nem lembrar.

– Tem mais gênios de onde vieram esses? – perguntou Kasmin.

– Tem muitos mais – explicou Tiakat, animada, com gestos largos –, mas eles e Pasguá são, que Chiuknawat saiba, os únicos gênios senzares que servem os deuses e estão preparados para se manifestar e lutar no mundo corpóreo. Os de Varjá, por exemplo, são usados em intrigas no Elísio e no Érebo e nunca sobem, só os sacerdotes sabem seus nomes. E leva tempo, meses, para aprender a lidar com corpos e forças físicas. Não é comum gênios subirem, muito menos se manifestarem tão abertamente.

– Em outras palavras – disse Sistu – os deuses estão jogando tudo o que têm. Gorou o jogo com que estavam acostumados e estão desesperados. O que era para ser um combate ritual virou uma guerra de verdade, para a qual não estavam preparados.

– E nós, estamos? – Perguntou Kasmin, não convencido.

– Não estávamos, mas aprendemos mais rápido – Sistu forçou mais um sorriso. – Saber mais sobre o inimigo que ele sobre nós é meio caminho para a vitória. Para a outra metade, precisamos de um poder comparável ao dos gênios e Chiuknawat pode nos ajudar...

– Ela tampém tem serfos xênios? – Perguntou Sethre, esperançoso.

– Chiuknawat ter *servos*? – Chocou-se Xikamat. – Sethre-pu, como te atreves? Uma blasfêmia na frente da própria deusa!

Tiakat gargalhou em dobro, pois à sua risada se somou a da deusa, cuja personalidade de repente a tomou.

– Não, Sethre – ao recuperar o fôlego, falou no tom da deusa. – Não tenho, nem nunca terei servos ou escravos. Mas tenho filhos.

Xikamat arregalou os olhos.

– Hem? Como? Minha deusa amada, por que eu, a primeira sacerdotisa de Chiuknawat em Atlântis, não sabia disso?

– Fiz segredo para protegê-los. O Véu, você sabe, só se estende por este mundo, não posso usá-lo no Elísio. Você se lembra de quando passei anos sem me manifestar...

– Sim, tu nos avisaste de que passaria algum tempo antes de voltares a dançar conosco e pediste que não perguntássemos por quê. E ficamos muito contentes quando soubemos de teu primeiro reaparecimento numa festa dos deuses em Raltlor...

– Pois nesse tempo eu engravidei, pari meus dois gêmeos, amamenteei-os e confiei-os a uma amiga para cuidar. Eles ainda não são deuses, precisam ser muito cultuados e absorver muito axé para completar a metamorfose. Mas já são capazes de se defender e, sendo gênios, lhes é menos difícil subir e assumir forma física. Para nós, deuses, isso exige um esforço tremendo e doloroso ou um sacrifício de proporções insólitas, como o das espadas de Sistu. Para eles, basta uma oferenda

regular...

– Um momento – interrompeu Kasmin –, mas Tiakat não disse que gênios precisariam de meses para aprender a lidar com a realidade corpórea?

– Ah, mas eles foram preparados – respondeu a deusa pela boca da xamã. – Em segredo, por seguidores meus nas selvas de Karu. Para saberem se defender, desde cedo, em nosso plano. São Tenamiki e Tetonti, gênios do amor e da justiça.

Era preciso um sacrifício adequado, para já. Sistu apresentou seu pequeno tesouro: o pomo de ouro de Beletsunu, símbolo de amor. Com uma reverência, o dedicou à causa da justiça: entregou-o à surpresa Xikamat, líder dos filhos de Xeló, para aplicá-lo à causa da alforria, como bem entendesse.

Não se precisou de mais cerimônias: tremeluziram os cristais que iluminavam a sala e duas pequenas figuras se materializaram sobre a mesa. Muito pequenas. Uma menina e um menino tlavatlis, nuzinhos, do tamanho de quem mal aprendeu a andar.

– *Nana! Nipatika?* – “Mamãe, você está bem?” Gritaram com vozinhas agudas, ao ver a mãe no corpo de Tiakat, e pularam-lhe no colo. Ela acomodou os dois pequenos sobre as pernas e os beijou e acariciou, sem ligar para a perplexidade do Conselho.

– Meus amores, todos estes que estão aqui são amigos da mamãe, como esta moça que está me emprestando o corpo. Precisam de nossa ajuda para se defender de uns gênios brutamontes. Vocês vão ouvir e ajudar, está bem?

– *Kema!* – “Sim”.

– Mas falem senzar, tá? Alguns dos nossos amigos não entendem tlavatlí. Agora vou me recolher para dentro da moça, que se chama Tiakat. Se precisarem de mim, é só chamar, aqui estou.

Os dois pequenos saltaram do colo da xamã e a escutaram explicar os acontecimentos da tarde, conscientes de que ela agora era outra pessoa.

Enquanto Tiakat descansava, Sistu e Razzan subiram para um turno de guarda em um dos elevadores. Grandes plataformas de ferro e madeira erguidas por cadeias de oricalco puxadas por máquinas acionadas pelo axé de grandes cristais, aqueles mecanismos ali não eram luxo, como nos palácios da Cidade Proibida, mas necessidade. A muralha tinha cinquenta braças de altura e doze braças de largura no topo e o adarve, o caminho sobre seu topo, era largo como uma avenida. Elefantes, termás, pesadas peças de artilharia e veículos de carga circulavam à vontade entre as ameias, mas precisavam ser erguidos até o alto.

Nos ombros de Sistu, ia Tenamiki bem à vontade, falando como uma matraca. Sistu ouvia, divertido e comovido. Via nela a imagem da filha morta antes de nascer.

– Vocês deviam conhecer a tia Yoli, quando vai nos visitar no Elísio conta histórias de deixá a gente sonhá acodada e cozinha gostosulas que dá vontade de lambê o caldelão inteiro! De chupá os dedos po resto da vida! Sou a bonequinha

dela, sabe? É assim que ela me chama. Ali onde eu molo tem uma fonte e um lago e a tia Yakatotona, que cuida de nós, e o namolado dela, e os filhos dela que brincam conosco e o sapotizeilo e o cacaueilo e um monte de passalinhos faladoles...

– Puxa, e você conversa com eles?

– Calo que sim, mas tem de convesá na língua deles, senão não dão bola. As ávoles e as pedas também, mas elas são menos espetas. E também o caldelão da tia e as gamelas da cozinha.

– Ah, vá tapear sua mãe.

– Não consigo, ela é muito espeta!

Razzan juntou-se a Sistu na gargalhada, que Tenamiki acompanhou com prazer. Mesmo assim, os ouvidos muito sensíveis do senzar captaram suaves passos por trás. Voltou-se e deu com Tjurmyen descalça, com um roupão leve, inadequado para o frio da noite. Abraçava-se a si mesma para se aquecer.

– Sissan-bã! Você devia estar em repouso. Lelon-xin te deixou sair?

– Ela cochilou, também está muito cansada. Mas eu acordei e não consigo pegar no sono, estou nervosa. Como foi a reunião?

– Foi muito melhor do que podíamos esperar, fique tranquila. No começo, Kasmin-pu estava muito desanimado, mas Chiuknawat nos trouxe a ajuda desta gracinha... – olhou para o alto e Tenamiki acenou.

– E do Tetonti, também! – Lembrou a pequenina.

– E do irmão dela, ambos gênios filhos da deusa. Acho que estamos de novo em condições de equilibrar o jogo.

– Você é namolada da moça que empesta o copo pa minha mãe, né? – Interveio a geniazinha – Ela me contou. Você é muito linda, viu?

– Linda e muito corajosa também – acrescentou Sistu.

– Nem se fale! – Apoiou Razzan.

– Obrigada... – Tjurmyen corou, notou Sistu com satisfação, graças a seus sentidos amplificados, antes de lembrar-se de como estava desfigurado e suspirar. Gostaria de poder pensar que podiam ser mais que amigos, mas se isso antes já era impossível, agora, muito mais.

– ... mudando de assunto – continuou Tjurmyen, – Kasmin me preocupa, Mistonti-bã. Desde a morte da mulher, tem-se deprimido com frequência. Não seria melhor ter alguém mais confiante no comando? Você ou Tiakat, por exemplo?

– Hem? – A surpresa era sincera – Não, de jeito nenhum. Kasmin é o único que pode ocupar essa posição sem conflitos, por ser o sobrevivente da antiga liderança consensual da resistência. Se saísse, os outros disputariam o comando.

– Se ele indicasse você ou Tiakat, tenho certeza que os outros aceitariam.

– Pode ser, mas os atlantes precisam ser chefiados por um dos seus, quero dizer, um cidadão que lidere por consenso do povo e não por direito divino. Ter como

chefe um antigo eleito dos deuses ou a portadora de uma deusa reduziria sua autoconfiança. Vá por mim: isso é fundamental para a luta agora e vai ser ainda mais para se governarem depois. Agora vá descansar, está bem?

– Quero lhe falar de mais uma coisa que me perturba: vi o rosto de Arpá bem de perto, a umas poucas braças, e é idêntico ao seu.

– Kwonos-pu já tinha nos dito. Não vejo por que isso deveria lhe tirar o sono.

– Ele disse que vocês eram parecidos, mas é mais que isso. Tenho uma memória perfeita para fisionomias, Mistonti-bã, é parte do meu treinamento de barda. Você e ele são como gêmeos idênticos, exatamente o mesmo formato de boca e nariz, os mesmos olhos, as mesmas sobrancelhas. Quero dizer, de antes de você... Por quê?

– Eu sei! – interveio Tenamiki, agitando os braços. – É que faz pate do jogo. Como no zenjogue dos senzales: o rei vermelho e o branco têm o mesmo formato. Cada lado faz seu paladino com a mesma receita e põe no tabuleiro. Aí começa a patida!

– Sério? – perguntou Sistu, olhando para cima. – Mas como você sabe disso?

– Todos os gênios e deuses sabiam, mas não podiam contar. Não se contam os segredos dos deuses. Mas agora vilou bagunça, mesmo... – fez beicinho e mostrou as palmas das mãozinhas, num gesto de quem pede desculpas.

“Talvez por isso os atos dele me pareçam tão previsíveis” pensou Sistu. Por que a recíproca fora menos verdadeira? Porque Arpá não vira nos rebeldes uma ameaça prioritária e pouco pensara neles. Mas já não era assim. Ficaria cada vez mais atento e cuidadoso.

Capítulo 67 – A noite do jaguar

Um assobio veio do outro lado da fortaleza, onde Asmé e Zalfu, também donos de sentidos aguçados e boa visão noturna, vigiavam com Tetonti. Sistu olhou o céu e viu uma sombra mais escura aproximar-se, contra o fundo de estrelas. Hora de testar as habilidades de sua nova amiguinha.

– Sissã-bã, por favor, proteja-se já, o baile vai começar. Tenamiki-bã, será que você consegue derrubar esse morcego feio ali no alto?

Enquanto Tjurmyen corria para o elevador que levava para a relativa segurança da fortaleza, a pequenina espetava a bochecha com o indicador e olhava para o alto, pensando.

– Deix’eu ver... Já sei! Faz de conta que Rudlá é pesado que nem chumbo!

No mesmo instante, a forma escura despencou do céu noturno com um guincho ensurdecedor, até se esborrachar contra o pátio externo da fortaleza, abrir um rombo no chão e estremecer as muralhas. A um assobio de Sistu, foguetes e granadas foram lançados das muralhas, visando o monstro atordoado. Não se podia destruir um gênio com golpes materiais, mas se o corpo principal fosse muito danificado, seria obrigado a recolher-se ao Elísio por meses. Podia dar certo, mas custaria boa parte da preciosa munição.

Os clarões vermelhos dos foguetes lançados da fortaleza revelaram, então, o deslizar sorrateiro, já no terço superior da muralha, de uma forma esguia e escura com mais de doze braças de comprimento, aderida ao ângulo sul da muralha, perto de Asmé e Zalfu. Sistu ia assobiar para preveni-los, mas viu que não era necessário: Tenamiki e Tetonti, como costuma acontecer até com gêmeos mortais, tinham um laço telepático natural. O menino voou dos ombros de Zalfu e atacou Assé feito marimbondo que ferroa cachorro desprevenido, com algo pontudo e brilhante que lhe surgiu na mão. A grande serpente negra escorregou para baixo, para o fosso em torno da fortaleza, lutando com o pequenino algoz.

Sistu não ficou para ver. Fez um sinal a Razzan e deixou para trás Tenamiki que, com os olhinhos apertados e indicadores fincados nas têmporas, flutuava no ar, concentrada em segurar Rudlá. Correu na direção oposta, certo de onde o terceiro gênio faria sua parte no ataque concertado.

Dito e feito: uma mantícora alada saltou de um terraço alto do outro lado da praça para cair pesadamente no adarve do alto da muralha. Tomou posição para atirar-se ao pátio interno, mas antes que completasse o gesto Sistu e Razzan lhe caíram no lombo e enfiaram-lhe suas grandes espadas de oricalco. Mesmo assim, ela saltou. Tiveram de acompanhá-la, agarrados na juba, enquanto ela planava desajeitadamente

com as pequenas asas, bramindo como uma manada de elefantes. Sistu arrancou sua espada, agarrou o amigo e saltou um instante antes de chegarem ao solo, conseguindo evitar que se ferissem com magia marcial.

A mantícora não teve a mesma sorte. Surpreendida, caiu de mau jeito, pôs-se de pé com um gemido, ergueu uma pata traseira quebrada e tentou sacudir a espada de Razzan, cravada no dorso como um arpão, sem sucesso: devia ter-se prendido em uma costela. O outro flanco, talhado por Sistu, sangrava em abundância. Se não fosse sobrenatural, estaria moribunda. Dezenas de guerreiros a cercavam, dispararam fuzis e abaixaram-se para recarregar e outros, mais atrás, dispararam por sua vez. Ela respondeu ao fogo arremessando espinhos grandes como dardos com uma sacudida da cauda. Seis ou sete fuzileiros caíram feridos ou mortos, enquanto a criatura, esquivando-se ao ataque de Sistu, dava um salto desajeitado na direção do elevador que acabava de chegar ao solo, trazendo Tjurmyen.

A jovem e a fera encararam-se por um instante. O gênio deve ter percebido, pelo brilho da aura, a importância do alvo. Tjurmyen saltou de banda e voou pelo pátio, antes que a mantícora lhe caísse em cima, mas o flutuar lento, hesitante e baixo denunciava o cansaço da barda. A criatura a perseguiu, a pata quebrada já se firmando, os cortes já meio fechados, decidido a apanhá-la a qualquer custo. Sistu o perseguiu, mas Razzan, mais próximo, saltou mais uma vez sobre o monstro prestes a abocanhar a presa com suas três fileiras de dentes afiados, enfiando-lhe a espada curta no pescoço. O gênio reagiu sacudiu o homem-jaguar e sua arma a braças de distância, mas a interrupção bastou para a mugal agarrar-se ao peitoril de uma janela da torre de menagem e um corpo negro puxá-la para dentro. O monstro virava para enfrentar Sistu quando recebeu um potente relâmpago.

Passada a ofuscação, Sistu viu Tiakat sair da torre e examinar o gênio estendido no chão. Sistu aproximou-se. Tjurmyen observava, ofegante, apoiada numa lateral da porta.

– Este já era, Mistonti-xin! – Disse a xamã.

– Tão rápido? Na batalha da tarde, levou tantos raios sem ceder!

– Também estou surpresa...

– Foi... – arfou a mugal – o oricalco...

– Pelo amor de Chiuknawat, vá descansar, Sissan-xin! – Implorou Tiakat – Nem devia ter saído da cama, meu amor!

– ... a espada... levou... o raio... pro coração...

A espada conduzia o poder do relâmpago para dentro do corpo do gênio, multiplicando seu efeito, entendeu Sistu. Apressou-se a arrancá-la, reprimindo uma careta. Estava quase em brasa. Bem a tempo: o corpo encolheu-se e sumiu no nada, com um som como o estalar de um chicote. Abanou a mão queimada e as bolhas sumiram quase no mesmo momento em que surgiram. Pegou um balde de limpeza

esquecido num canto, encheu-o de água e a jogou na espada, fazendo-a chiar.

Lá fora, o som da batalha continuava. Tiakat acabava de curar Razzan de uma concussão leve e fraturas menores. Ia tratar outros feridos, mas Sistu a interrompeu:

– Lelon-xin, tem axé para mais dois ou três relâmpagos?

– Pode ser, mas...

– Vamos, sei como acabar de vez com os outros dois!

– Há gente que precisa de ajuda...

– Deixe para os outros curandeiros. Eles não podem lançar raios e podemos salvar mais dos nossos assim, vai por mim... – Entregou a espada já fria ao homem-jaguar – Razzan-bã, pegue mais um espadão, vamos enfiá-las naquelas coisas lá fora para atraírem os raios de Chiuknawat!

O homem-jaguar sorriu, pronto para outra.

Menos de meio sê depois, acabou. Os outros dois gênios foram abatidos como Sistu imaginara: fulminados por coriscos de Tiakat levados a seus corações pelas espadas fíncadas por Razzan e ele mesmo. As tropas de Arpá, preparadas para tomar a fortaleza assim que os gênios forçassem a entrada, recuaram desnorteados sob o contra-ataque dos rebeldes, julgando-se abandonadas pelos deuses.

A deusa voltou a assumir Tiakat e abraçou seus exaustos gemeozinhos, enquanto Sistu e Razzan olhavam.

– Gostou, mamãe? – Perguntou Tenamiki.

– Segurei Assé, eu sozinho! – Orgulhou-se Tetonti. – Pro tio Razzan enfiá a espada nele. Viu como sou forte?

– Vocês foram dois heróis, meus amores! – Respondeu Chiuknawat. – Agora, voltem, descansem e brinquem. Tenham certeza de receber muitos sacrifícios daqui para frente. Todos vão gostar de vocês!

– *Nimitsitas, nana!* “Até logo, mamãe” – E se foram.

– Precisavam mesmo ir? – Desapontou-se Razzan. – Podiam nos ajudar tanto...

– São como crianças, Razzan-bã – ponderou Sistu. – A guerra não é para eles, não temos o direito de usá-los. Chiuknawat os chamou por nosso desespero, mas Tetonti teria sido partido ao meio e devorado por Assé se você demorasse mais um instante para enfiar a espada. Eu vi claramente. Não o mataria, claro, mas seria doloroso e traumático.

– Tem razão, me desculpe, pensei em nós, não neles – acabrunhou-se Razzan.

– Nada a desculpar, Razzan-bã – Tiakat abraçou com força o homem-jaguar e lhe beijou o rosto peludo – Sou mil vezes grata. Lá no canal, você salvou meu homem. Aqui, você salvou minha garota, duas vezes! Espero ser um dia capaz de retribuir!

– Ora, ora – disse Razzan, envaidecido. – Não seja por isso, vocês também já me safaram de poucas e boas pelo menos duas vezes e também à minha Awesa!

– Mas não é só – sorriu Sistu, dando-lhe um tapa nas costas – você livrou das

presas de Assé o filhinho de Chiuknawat, um futuro deus da justiça! Quando tudo isto acabar, seu lugar estará garantido nos futuros livros sagrados de Atlântida.

– Espero que, até lá, eu seja capaz de lê-los – Brincou o homem-jaguar.

– Ah, não se preocupe – disse Sistu, abraçando-o pelos ombros. – garanto que Awesa vai ensiná-lo assim que as coisas se acalmarem, nem que eu mesmo tenha de forçá-lo a fazer as lições. Agora vamos, quero ter o prazer de contar à sua professora que esta noite você salvou o dia que está para nascer...

Capítulo 68 – A rebelião dos cadetes

Ainda não se viam as primeiras luzes da madrugada quando Kasmin e o resto do Governo Provisório e do comando do Forte do Povo foram arrancados do sono com uma notícia espantosa. O quadro descrito por seus batedores e espiões era incompleto, mas inequívoco. Pouco depois da meia-noite, um grupo de cadetes e jovens oficiais do campo de instrução metropolitano da Academia Militar aprisionara os oficiais superiores e tomara de surpresa o pavilhão de comando, o Estado-Maior e o arsenal. Mas outros hegemônistas resistiam em outros prédios. Na opinião dos funcionários civis fugidos dos combates dentro da Academia Militar, a situação estava equilibrada e assim poderia continuar por um bom tempo. A menos que um dos lados recebesse reforços.

Da Academia à fortaleza de Odu Arpá mais próxima, a da Quarta Legião, a distância em linha reta era de quarenta estádios, mas teriam de passar por um caminho tortuoso e rodear barricadas. Do Forte do Povo, a distância era maior e o Canal Principal estava no caminho, mas contavam com as galerias subterrâneas. Se fossem rápidos, chegariam primeiro. Kasmin e Sistu mobilizaram todos que não fossem indispensáveis à guarda do Forte e os puseram a caminho antes mesmo de receber o relato do reconhecimento aéreo de Tjurmyen, que demorou menos de um ag para ir e voltar.

A mugal lhes contou que os rebeldes controlavam a maior parte do campo e a resistência se concentrara na ala leste. Descera e falara rapidamente com um cadete que a levou à junta que encabeçava o motim. A oferta do Forte do Povo fora aceita desde que a Academia não precisasse se subordinar a seu comando, condição que Tjurmyen, em nome do Conselho, concordara em aceitar, se a recíproca fosse verdadeira. O comando a enviou de volta e Sistu disparou pelas galerias para alcançar a vanguarda da força rebelde.

Foi o primeiro a emergir, dentro do próprio campo da Academia, a poucas braças do Pavilhão de Comando. Encontrou à espera Tjurmyen e os comandantes do motim, todos usando capas negras de oficiais, junto com os braceletes de prata de cadetes. Dois dos rostos lhe eram desconhecidos, mas o terceiro era bem familiar.

Sistu, espantado, reconheceu Artás, mas não havia tempo para pedir explicações. Urgia controlar todo o campo de instrução antes que a Segunda Legião pudesse se aproximar. Depois de rápida troca de ideias com a junta de cadetes – e foi a vez de Artás se espantar, ao reconhecer a voz de Sistu no rosto desfigurado –, os rebeldes rodearam a Academia, improvisaram estrados para saltar os muros e atacaram por trás os partidários de Odu Arpá, sobre os quais choveram relâmpagos inesperados.

Uma ameaçadora aeronave aproximou-se pelo leste, mas um súbito tornado a pôs a girar feito pião e depois a lançou, descontrolada, sobre o Grande Canal, do lado de fora da muralha. Confusos e exaustos, os remanescentes do comando anterior renderam-se. Quando chegaram os legionários, os rebeldes já guardavam todas as torres e todo o perímetro da Academia. Receberam os atacantes com artilharia e virotes, obrigando-os a recuar. Depois de dois sês de luta, os cadetes haviam assegurado o controle do bairro até os canais que o delimitavam e bloqueado ou destruído as pontes de acesso.

As duas margens da extremidade norte do Canal Principal estavam agora sob o controle de duas facções da resistência, pois não se chegou a um acordo para unificar a liderança. As duas forças limitaram-se a jurar aliança até o final da luta. No lugar dos pendões vermelho-escuros de Odu Arpá, a Academia voltou a erguer as velhas flâmulas douradas.

No final da tarde, em um momento de calma, Artás aproximou-se de Sistu.

– Muito bem, Temtés-quan, – cumprimentou ela – afinal você é um guerreiro...

– Não, Artás-quan – disse Sistu, provocador –, não sou guerreiro, mas insurgente...

– Não sou mais quanciós! – zangou-se ela.

– Nem eu me vejo mais assim. Mas prefiro ser chamado Sistu-pu, subcomandante Sistu ou mesmo “sub”, como preferem nossos guerreiros, se não se importa, Akós-zor. Ou posso chamá-la de Artás-pu?

– Artás-pu está bem... – disse, conciliadora – Eu só queria dizer que foi bom saber que você não é frouxo como eu pensei quando sumiu de Raltlor. Eu me sentia desonrada por ter sido noiva de um covarde por tanto tempo.

– Bom! – disse, irônico. – Também gostei de saber que você não é a conformista que eu havia imaginado.

– Você está doente? Está careca e com uma cor estranha!

– Um efeito colateral inesperado de um ataque com gás. Mas eu me sinto bem. Raspei o cabelo e a barba que estavam caindo. Assim fica menos esquisito, acho.

Saíram a caminhar pelo pátio central da Academia. Mudando de tom, Sistu perguntou, curioso:

– Me desculpe a curiosidade, mas como você entrou para essa junta?

– Fui eu quem a começou! – respondeu Artás, orgulhosa. – Não podia admitir esses mentôs, depois de passarem um ano a nos ensinar lealdade ao Casal Imperial, virarem a capa com tamanho descaramento! Comecei a reunir as amazonas do primeiro ano, depois, os rapazes entraram e formamos uma junta com um artilheiro, um infante e uma amazona – eu, pois as mais graduadas não cooperaram... Agimos quando soubemos que uma rebelião tomou o forte da Quinta Legião e convencemos os indecisos no grito ou no sopapo. Um dos que precisou de porrada foi o Tanis-zor,

veja só... – Fez uma pausa, desconsolada. – Sistu-pu, nunca imaginei que você estivesse envolvido nisso. Mas pensávamos que vocês eram legalistas! Que é isso de Comuna?

– A Comuna representa quem primeiro se ergueu contra os usurpadores, não a Imperatriz, nem o Imperador, nem seus mentôs, mas o povo de Atlântis. Não nos opomos a devolver o trono ao Atlás-vatar, mas só se entrarmos em acordo. Queremos mudar a forma de governo e acabar com a escravidão, para começar.

– Vocês não têm esse direito – disse Artás, séria. – Não se pode impor coisa alguma ao Casal Imperial.

– Alguém vai impor – respondeu Sistu, igualmente sério. – Ou nós, ou os outros.

– Bem, podemos deixar para discutir isso depois de derrotar os usurpadores.

– Sem dúvida. Se brigarmos entre nós, estamos perdidos – concordou Sistu.

Deram mais alguns passos, em silêncio. Quando percebeu que Sistu já ia se despedir, Artás perguntou, de repente:

– E você, como vai? Pessoalmente, quero dizer.

– Mais animado... Tive alguns reveses há poucos dias, mas depois vieram boas surpresas e agora temos muito mais esperanças.

– Você continua com a xamã?

– Claro! Mas Tiakat agora é muito mais que uma xamã.

– Eu vi. Vale uma legião. Como ela se tornou tão poderosa?

– A história é complicada, mas na essência ela agora encarna Xeló, a deusa.

– Menos mal. Então você me trocou por uma deusa...

Sistu riu.

– Quase isso... – disse, ambivalente. – Mas, Artás-pu, preciso realmente ir e levar nosso pessoal. Não podemos deixar o Forte desprotegido, a luta está difícil também daquele lado.

– Está bem, Sistu-pu. Espero que possamos ser amigos quando tudo isto acabar.

– Também espero, Artás-pu.

Capítulo 69 – Missão de reconhecimento

A Sistu, a ideia de Tjurmyen pareceu boa, mas exigia examinar de perto as saídas das galerias sob a Cidade Proibida e encontrar lugares adequados para as bombas, acima do plano onde se encontrassem tropas. Mais pesado do que o ar, o vapor paralisante espalhava-se de cima para baixo. O mapa das galerias, embora cobrisse a área, não continha todos os detalhes necessários. Tiakat não conseguia sondar a Cidade Proibida, protegida de clarividentes de fora por alguma proteção sobrenatural, provavelmente criada por Odu Arpá.

Com aval do Conselho, Sistu e Razzan encarregaram-se da missão. Ágeis e furtivos, também enxergavam bem no escuro. Além de pressentir os acontecimentos muito além do campo de visão dos demais, poderia escondê-los, nos momentos mais críticos. Não com invisibilidade, difícil de improvisar naquelas condições, mas com o feitiço mais simples e frágil da esfumatura, suficiente para torná-los quase imperceptíveis nas sombras enquanto ela se concentrasse.

Mas seu tamanho era uma desvantagem em passagens apertadas, levaram Domé para ajudá-los nesses. Carregar um mapa seria correr o risco de deixar um de seus trunfos cair em mãos inimigas. Os quatro exploraram o sistema subterrâneo, confiando na prodigiosa memória de Sistu para não se perderem.

– Há tropas por aqui? – perguntava Sistu com um gesto, apontando para um respiradouro.

– Não, mas sinto um acampamento ali, nesta direção – apontava Banunu.

Seguiam na direção indicada, até onde Sistu e Razzan conseguiam chegar e examinar, para encontrar lugares adequados para as cargas de gás. Às vezes, deixavam Domé ir um pouco adiante, onde eles não alcançavam.

Verificaram ser impossível atingir todas as tropas. Estavam dispersas por muitos abrigos separados e boa parte estava sempre em movimento. No máximo, estimou Sistu, imobilizariam um quarto, talvez um terço delas. Melhor do que nada, mas não eliminaria a necessidade de um confronto sangrento.

Às vezes, Banunu conseguia outro tipo de informação:

– Sinto alguns presos na masmorra aqui ao lado – disse Banunu.

– Quantos? – indagou Razzan.

– Uns vinte.

– Consegue sentir o que pensam, Banunu?

– É fácil ler mentes de prisioneiros. Passam o tempo remoendo os acontecimentos. São funcionários de alto escalão. Orgulham-se de serem fiéis ao Imperador e à Imperatriz. Muitos subordinados com a mesma postura foram executados, mas estes

foram mantidos como reféns porque pertencem a famílias importantes e podem servir como reféns e moeda de troca nas negociações de Odu Arpá. Assim como a família imperial.

Outros, porém, haviam apoiado ou aceitado o golpe.

– Percebo funcionários nos gabinetes – disse Banunu.

– Que fazem eles? – perguntou Sistu.

– Hum... matam o tempo.

– Como assim? – estranhou Razzan.

– Não têm o que fazer – relatou Banunu. – Há meses já não recebiam documentos ou informações de fora da metrópole. Agora, estão isolados até da capital. Murmuram pelos cantos, falam mal uns dos outros.

– Pode perceber mentes específicas? – perguntou Sistu.

– Sim... Sinto um deles muito amedrontado, chama-se Rarquás-nem. Acovardou-se, jurou obediência ao Generalíssimo e agora receia vê-lo derrotado e ser punido por traição ao Casal Imperial. Mas seu chefe e interlocutor, Vesvor-ci, lhe diz que Odu Arpá é esperto e vai dar um jeito de vencer a todos. Sonha ser promovido para o cargo deixado vago por uma certa Sontem-pás, sua superior, que ele detestava e foi executada.

No anel intermediário, Banunu encontrou muitos escravos soans – não em masmorras, mas em uma espécie de centro de treinamento. Não esperou Sistu pedir para investigar.

– Senti a mente de um homem-javali chamado Doá. Foi confiscado de seus amos por Odu Arpá e está sendo doutrinado no que o novo mestre chama de “filosofia da honestidade”: as coisas têm ser aceitas como realmente são e é parte disso que uns poucos foram feitos para ser senhores e a maioria para serem escravos, ou escravos de escravos. Pelo menos foi o que ele entendeu.

– E o que ele acha disso? – perguntou Sistu.

– Está contente, acha que teve sorte. Começou a aprender a ler e escrever e disseram-lhe que será um auxiliar de escriturário. Tenta mostrar inteligência e competência, para poder trabalhar nos gabinetes. Será escravo do Generalíssimo, mas senhor de seus antigos senhores, sonha ele. Percebi também um homem-jaguar chamado Zondiá, um ex-guarda-costas sendo preparado como guerreiro. Tenta mostrar coragem e disciplina para ser aceito na guarda pretoriana. Quer se tornar um dos guarda-costas pessoais de Arpá. Nenhum deles sabe que estamos sitiando a Cidade Proibida.

– Acho que conheço esse Zondiá. Imagino como ele se sente – comentou Razzan.

– Você faria o mesmo? – perguntou Sistu.

– Sim. Ser um escravo soan é ser humilhado em dobro, Sistu. Sou muito grato a Awesa e a você pela oportunidade de aspirar a algo mais nobre. Se preciso, morrerei

pela mesma causa que vocês, veja bem. Mas se o acaso não me tivesse levado por este caminho, acho que estaria com eles, muito satisfeito em servir a Odu Arpá. Falo com franqueza, Sistu-pu.

– Entendo – aceitou Sistu. Refletiu alguns momentos e acrescentou: – Mais difícil é aceitar uma traição como a de Vesvor-ci, aquele funcionário de quem Banunu leu a mente. Mas a punição está garantida. Havemos de vencer e enxotá-lo de Atlântis com o resto dos hegemônistas, tenham certeza. Mas imaginem se Odu Arpá vencesse. O castigo seria muito maior: Vesvor-ci se tornaria um escravo, subordinado a um soan como Doá. Humilhação em triplo...

Seus companheiros imaginaram a cena e sorriram.

Chegaram à borda do anel interior, mas não arriscaram avançar mais naquele dia. Banunu sentiu que as galerias dali à ilha central eram intensamente patrulhadas.

Capítulo 70 – O Sol sombrio

As notícias trazidas por Sistu não eram as melhores possíveis, mas o Conselho decidiu prosseguir e usar o gás para enfraquecer a resistência do inimigo, ainda que parcialmente.

No dia seguinte, Sistu voltou com mais dez voluntários – oito soans e dois ilusionistas, encarregados de lhes dar cobertura – para carregar e instalar no anel exterior as dez bombas de gás de Tjurmyen e seus alquimistas, preparadas para detonar à mesma hora, dois ags depois da meia-noite. Só atingiriam uma pequena parte das tropas inimigas, mas cada hegemonista inconsciente poderia representar uma ou mais vidas rebeldes poupadas.

Já havia sido disposta a maioria das bombas quando Sistu soube da perda de um voluntário.

– Sistu – avisou Razzan – Asmé não voltou. Jumor perdeu o contato.

– Banunu! – chamou Sistu – O que houve com Asmé? Pode encontrá-la?

– Um momento... – respondeu ela – Está fugindo! Cercaram-na... Ai, não! – gemeu, apertando o peito.

– O que foi? – instou Sistu.

– Asmé se matou. Meteu o punhal no coração quando se viu acuada.

Um silêncio caiu pesado entre os membros do grupo. Sistu o interrompeu.

– Banunu-pu, Razzan-pu, chamem todos aqui!

Reunidos os demais, Sistu explicou.

– Infelizmente, perdemos Asmé-pu – explicou o que acontecera. – Os hegemonistas já sabem que estivemos por aqui, mas talvez não descubram o que já fizemos. Melhor não arriscarmos mais, vamos voltar. Depois, investigaremos o que deu errado.

Jumor adiantou-se, mortificado.

– Não há o que investigar, foi uma falha minha. Assumo a culpa.

– Incompetente! – rosnou o soan com cabeça de tigre, enquanto arreganhava as presas e avançava, ameaçador – Por sua culpa, Asmé-xin está morta!

– Pelo amor de Entsu! – implorou Banunu, agarrando seu braço –, a magia sempre é um tanto imprevisível e a esfumatura é difícil, qualquer um pode deixá-la escapar!

– Zalfu-pu, acalme-se! – interveio Sistu, ríspido. Depois, consertou – Sinto muito. Entendo o que você está sentindo, mas não podemos brigar entre nós! Vamos!

Seguiam Sistu pelo que ele julgava ser o caminho mais curto para fora, quando Banunu o segurou pela mão.

– Sistu-pu! Estamos sendo procurados – sussurrou.

– Como assim?

– É como uma vaga escura a se aproximar de nós, vindo daquele lado. Uma vidência muito poderosa a varrer toda a área, toda a Cidade Proibida.

– Acha que nos encontrou?

– Espero poder confundi-la. Mas é mais fácil para mim se nos juntarmos, parados.

– Ouçam, todos! Aqui, quietos! – pediu Sistu.

Agruparam-se em torno de Banunu. Algum tempo depois, ela rompeu o silêncio.

– Já passou, podemos ir!

Continuaram mais algumas dezenas de passos quando ela os interrompeu outra vez.

– Vem vindo de novo, Sistu!

“É como pilotar um navio numa tempestade”, pensou ele. A situação se repetiu quinze vezes. Isso os atrasava, refletiu Sistu, mas também era bom sinal. Se Odu Arpá os localizasse, não continuaria a procurá-los, os golpearia de imediato. Caso seu poder não bastasse para isso, os mandaria capturar.

O mesmo pensamento o levou a apertar o passo quando algum tempo a mais se passou sem Banunu repetir a advertência. Atravessou correndo o subsolo do anel exterior, até dar ruidosamente com a cara numa barreira invisível e dura como pedra, já na galeria que saía da Cidade Proibida. Caiu para trás, atordoado, deixando os outros perplexos. Ergueu-se da pedra úmida, deu uma volta para tentar outra saída e encontrou a mesma barreira.

– Banunu, o que é isso? – perguntou Sistu.

A ilusionista concentrou-se.

– Não sinto nada da cidade lá fora, só dentro da Cidade Proibida. É como uma redoma achatada a circundar tudo, inclusive céu e subsolo. Nem pessoas, nem coisas, nem magias podem atravessá-la.

– Para nos capturar? – perguntou Razzan.

– Acho que não – respondeu ela –, se Odu Arpá ou seja lá quem for o responsável soubesse onde estamos, não precisaria fazer algo tão grande. Poderia nos cercar neste túnel.

– Vou olhar lá fora – disse Sistu –, para entender o que se passa.

– Deixe comigo – ponderou Razzan –, você não deve se arriscar sem necessidade. É o único capaz de se orientar neste labirinto. Se o apanharem, ficaremos presos neste esgoto.

– Está bem – concordou Sistu –, mas leve um ilusionista para protegê-lo.

– Certo. Preciso de um voluntário – pediu Razzan.

Os dois ilusionistas ergueram a mão.

– Jumor-pu – chamou Razzan –, você vem comigo.

Jumor ficou surpreso, mas contente com a oportunidade de se redimir.

– Obrigado pela confiança, Razzan.

– Ele já errou feio – protestou Zalfu –, como vai confiar nele?

– O que diz, Banunu? – indagou Sistu.

– Ele pode falhar – disse ela, com firmeza –, como qualquer um de nós. O esforço é continuado, estamos nervosos e, como eu já disse, a magia nem sempre tem lógica. Às vezes falha sem motivo. Sou mais experiente, talvez comigo o risco seja menor, mas...

– Suficiente, Banunu – interrompeu Sistu, erguendo a mão. Voltou-se então para o homem-jaguar inconformado – Zalfu-pu, não vamos mais tocar nesse assunto enquanto estivermos aqui. Comporte-se como um guerreiro. Isto é uma ordem, entendido?

– Está bem, Sistu-pu... – concordou Zalfu, relutante. Lágrimas de dor e raiva lhe escorriam pelo rosto peludo.

Sistu voltou-se para os outros.

– Banunu é a mais hábil e justamente por isso ficará aqui. Agora, Razzan-pu e Jumor-pu, ouçam com atenção.

Sistu começou a descrever o caminho para três saídas alternativas do círculo exterior que, julgava ele, não estariam guardadas. Segundo as visões de Banunu, muitas casas naquela área haviam sido saqueadas e incendiadas e a situação era de abandono. No meio da explicação da segunda rota, Razzan o interrompeu.

– Desculpe, Sistu, não tenho sua memória. Não consigo decorar mais do que um caminho de cada vez. Se algo der errado, volto e pergunto outra vez.

Razzan e Jumor seguiram pelo primeiro caminho, implorando a seus deuses que servisse. Seria um embaraço e uma perda de tempo ter de retornar sem conseguir.

Razzan sentiu um forte cheiro de cinzas ao se aproximar da saída indicada por Sistu. Para seu alívio, era viável e não estava guardada. Agradeceu mentalmente a seus deuses e saiu em meio aos escombros de um palacete incendiado.

Arrepiou-se ao sentir o cheiro de cadáveres carbonizados e decompostos, entre as ruínas. Jumor tinha uma expressão tensa, visivelmente esforçava-se por se abstrair daquilo e manter sua concentração. O piso superior e o pavimento intermediário haviam desaparecido quase totalmente, deixando a céu aberto o que havia sido um salão luxuoso. Restavam paredes pretas de fuligem, cacos de espelhos espalhados por toda parte e um mirante parcialmente de pé. Razzan o escalou para ter uma visão mais ampla.

Razzan viu ondulações irisadas a subir céu acima e demarcar uma vasta superfície, pouco distante. Aquela aparência frágil, de imensa bolha de sabão, não condizia com a solidez da barreira a envolver a Cidade Proibida, dolorosamente testada por Sistu.

Para além dos limites da redoma mágica, viu voar um draco rebelde, tentando

observar seu interior. Não havia inimigos em posição de ver a si ou a seu companheiro, Razzan pediu a Jumor, por desencargo de consciência, que suspendesse a esfumatura e tentasse alcançar a mente do draco. Inútil. A barreira era tão impenetrável à telepatia quanto à clarividência.

Observou acampamentos militares ao ar livre na pista do hipódromo. Estavam em ordem, mas não preparados para uma batalha iminente. Havia muitos grupos de casas destruídas, mas a maioria parecia de pé e ainda habitada. Ao olharem na direção do palácio imperial, bem no topo da redoma, viram uma estranha nuvem escura, esférica, flutuando sobre a colina de Quaxar.

Voltaram a Sistu com o relato e ele decidiu ir pessoalmente. Deixou o grupo a cargo de Razzan e acompanhou Jumor de volta ao mirante.

Sabia serem aquelas as ruínas da casa de Kasmin. Procurou a origem do cheiro desagradável e encontrou corpos queimados e muito deteriorados. Pelo peitoral de ouro e turquesa, do qual se lembrava com exatidão, Sistu reconheceu um deles como Sessi, a esposa de Kasmin. Subiu ao mirante. A cena era como Razzan a descrevera, mas lhe pareceu muito mais ameaçadora. A coisa sobre a colina de Quaxar não era uma nuvem.

No auge da paixão pelas artes marciais, assistira uma aula especial para alunos avançados, em Rasab. O professor convidou-o a uma rara demonstração de um feitiço poderoso, complexo e delicado, conhecido como Sol Sombrio. “O feitiço é mortal num raio de três braças, talvez um pouco mais”, preveniu seu instrutor.

A pequena plateia abriu um amplo espaço em torno do mestre visitante, um senzar de longa barba branca, tido como um dos maiores mestres no estilo Erakal de toda a Atlântida. Um bode preto estava amarrado a seus pés. A seu lado, uma mesa na qual estava pousada uma delicada taça de cristal. O velho ergueu as mãos para o alto, como se sustentasse uma grande bola invisível. Uma redoma irisada formou-se a seu redor e uma esfera escura surgiu acima dela, entre seus braços, refulgiu brevemente e explodiu em luz violeta. Nada aconteceu a eles ou ao mago, mas o bode caiu morto no mesmo instante. A mesa e a taça ficaram intactas.

O mestre queria atrair Sistu para sua escola. Não lhe recusou explicações genéricas, apesar de insistir em que só ensinaria o segredo aos discípulos mais talentosos, disciplinados e dignos de confiança e depois de dezenas de anos de treinamento. Mesmo um Sol Sombrio tão pequeno como aquele exigia muita perícia. A explosão aniquilava toda vida no seu raio de ação, sem danificar os corpos ou quaisquer objetos, mesmo delicados. Se a concentração fosse interrompida antes do tempo, a bola detonaria com menos efeito, apenas luz ofuscante e queimaduras. Criar um Sol Sombrio maior e mais poderoso era possível, mas exigia uma concentração mais longa, com maior o risco de perda do controle. O maior risco era falhar ao criar o campo protetor, sem o qual o mago seria morto pelo próprio feitiço.

Sem a redoma mágica, seria impossível se proteger daquilo, a não ser com várias braças de metal ou rocha densa.

Mas Sistu se interessou apenas pela teoria. Como o sobrenatural não era seu forte, procurava técnicas mais simples e sutis, com as quais seu escasso talento mágico pudesse alavancar sua força, agilidade e inteligência naturais.

Via algo assim, em escala incrivelmente maior. O objetivo devia ser despovoar Atlântis sem destruir a cidade. Quanto tempo seria necessário para completar aquele Sol Sombrio? Se fosse proporcional ao diâmetro, dias, talvez. Mas Odu Arpá era muito poderoso e o coração de Atlântis era um foco excepcional de axé, podia ser muito menos. Também não tinha ideia de como as configurações astrológicas também podiam afetar o desenvolvimento de um feitiço como esse.

Sistu apanhou o maior caco de espelho que pôde encontrar. Desesperado, passou a vasculhar o céu em busca do draco descrito por Razzan, disposto a esperar o necessário mesmo que a demora deixasse os outros preocupados.

Embora o percurso do Sol mostrasse ter-se passado pouco mais de um ag, sentia como se tivesse esperado uma eternidade quando o animal voador mostrou-se a seu alcance. Tomou o caco e dirigiu o reflexo do Sol poente para os olhos do draco a, talvez, dois estádios. O draco deu uma volta, como se tivesse percebido alguma coisa. Sistu enviou sinais regulares, como de quem pede socorro.

O draco afastou-se e, menos de um ag depois, voltou acompanhado de Tjurmyen. Sistu exultou. Fez sinais mais complexos, transmitindo seu nome em uma versão luminosa do código aperfeiçoado que ela mesma lhe ensinara. Tjurmyen fez sinal com a mão como para pedir um momento, mergulhou até o chão e voltou a subir, trazendo algo brilhante.

“Sol Sombra?” Transmitiu Tjurmyen a Sistu.

“Sim”, respondeu Sistu, aliviado por saber que os rebeldes compreendiam o que se passava. “Quanto tempo?”

“Alvorada”. Tjurmyen dispunha de ábacos e os magos deviam ter formas mais exata de medir a progressão do feitiço, imaginou Sistu. Esperava que ela estivesse certa.

“Alcance?”

“Toda cidade.”

“Poder proteger?”

“Tiakat não saber encanto.” Péssimo. O poder de Xeló talvez pudesse fazer frente a Odu Arpá, mas se Tiakat não sabia usá-lo daquela forma, já era tarde demais para aprender.

“Esconder Sumidouro. Talvez baste.”

“Tentar. Pode ser. Invasão manter posto.”

“Entendido. Bom”, aprovou Sistu. Quanto mais se espalhassem, mais difícil seria

a Odu Arpá atingir todos com o mesmo golpe. “Manter plano meia-noite. Nós deter”, acrescentou.

“Entendido. Bom. Boa sorte”, respondeu Tjurmyen. Sistu já ia sair quando viu mais uma rápida série de reflexos:

“Nós amamos você”

“Eu também”, respondeu.

Capítulo 71 – Infiltrados

Quando Sistu desceu do mirante, Jumor ergueu interrogativamente as sobrancelhas.

– Depois. Venha, preciso falar aos outros – respondeu.

Desceu apressado às galerias, explicou a situação e sua proposta. Odu Arpá devia estar bem próximo do Sol Sombrio, na ilha central, talvez sobre a própria colina. O plano era surpreender o Generalíssimo e cortar-lhe a concentração para diluir o feitiço em uma detonação menos perigosa. Mesmo que fossem mortos, isso daria mais tempo para os rebeldes organizarem a retirada. Teriam de passar por patrulhas hegemônicas, mas o poder do mestre devia estar concentrado no Sol Sombrio e na própria proteção. Enquanto ele não pudesse usar sua clarividência, havia alguma chance de sucesso.

Banunu localizou um pelotão que patrulhava um setor daquelas galerias. Seu turno acabava em menos de um sê e estava aquartelado no próprio Paço Imperial, um achado! Captou nomes, senhas e turnos de guarda dos oito soans, antes de Razzan e Sistu emboscá-los. Sistu avançou com o grupo pelo anel interior. Os ilusionistas ergueram um véu para abafar sons e cheiros. O pelotão inimigo, entediado e ansioso por repouso, deixou-se apanhar de surpresa. Sistu e seus guerreiros mataram cinco com eficácia e discrição. Os três que se renderam foram encantados para dormir até o dia seguinte.

A magia de Banunu deu aos guerreiros aparências, vozes e cheiros semelhantes aos dos derrotados. As insígnias capturadas facilitaram aquele feitiço, no qual ela era especialista. Disfarçou Razzan como o saptô do grupo, a si mesma como o mais baixo dos soans e a Sistu como o mais alto deles. Os fuzis rebeldes tomaram a aparência de arcabuzes imperiais. Mesmo aos sentidos agudos dos homens-jaguares, o disfarce deveria ser passável. Sistu mandou Jumor e Domé esperar onde parecesse mais seguro. Banunu teria de bastar. Tinham de ser oito e precisava do maior número de guerreiros possível.

Chegar ao palácio ficara um pouco menos difícil. Fingiram patrulhar a galeria por mais um sê. Cruzaram com outro pelotão sem maiores problemas: bastou a Razzan resmungar uma saudação. Ninguém esperava que homens-jaguares fossem muito faladores. Sistu ouviu o toque de corneta que anunciava mudança de turno e indicou a Razzan o caminho mais curto ao Paço. Perto da saída, depararam com uma sentinela.

– A senha? – perguntou, em um tom entediado, o homem-jaguar negro.

– “A espada tem de beber até matar a sede” – respondeu Razzan.

– Adiante.

Saíram para o ar gelado de uma noite de inverno e passaram por uma discreta guarita entre o Paço Imperial e o Templo de Varjá. Um bastô os esperava.

– Zehu-var, alguma novidade? – perguntou o bastô, reprimindo um bocejo.

– Não, meu bastô – atendeu Razzan. – Os rebeldes devem estar escondidos em algum buraco. Não os encontramos

– Bem, já é sua hora do rancho. Bom proveito.

– Obrigado, meu bastô.

Homens-lobos guardavam todas as entradas. Todo o rés-do-chão do Paço era agora um acampamento dos pretorianos de Odu Arpá. Carne crua, legumes, cereais e feno eram distribuídos a diferentes espécies de soans onde fora o principal salão de audiências. Os tronos de ouro e marfim do Casal Imperial permaneciam ali, ignorados. Os luxuosos tapetes e cortinas, enrolados, estavam amontoados nos cantos. Mesas e bancos grosseiros encobriam o esplêndido piso de mosaicos e contrastavam com os delicados afrescos das paredes e do teto.

A tropa de Razzan serviu-se do rancho e sentou-se numa mesa vaga. Sistu lhes sussurrou para comer devagar e em silêncio: queria ouvir conversas úteis.

– ... então o bastô me mandou levar roupas limpas para a Imperatriz. – ouviu na voz de um homem-lobo, do outro lado do salão.

– Até quando teremos de mimar esses babacas? – perguntou um camarada.

– Sei lá. É para mantê-los presos, mas bem tratados. Até segunda ordem – respondeu o primeiro.

– O Generalíssimo deve ter lá suas razões, mas me parece um desperdício uma zebás inteira só para vigiar e paparicar esses fracassados. Já podíamos ter nos livrado deles – comentou um terceiro.

Curioso. Mas e o Generalíssimo, onde estaria? Sistu apurou mais os ouvidos.

– ... como esteve o humor da Quar-hó, hoje? – agora era uma voz de homem-jaguar, mais próxima.

– Xi... Péssimo, como ontem. Passou quase todo o dia trancada no quarto – respondeu outra voz. – Sente-se desdenhada pelo Generalíssimo, acho que vai ficar ali enquanto ele não voltar.

– Devia ser mais positiva – comentou uma terceira voz da mesma espécie, mas feminina –, se quiser voltar a ter uma posição importante.

– Vai ser difícil – replicou a primeira voz –, depois de chegar de rabo entre as pernas, escorraçada pelos rebeldes...

– Xiu, calem-se! – Horrorizou-se a segunda voz. – E se alguém ouvir e contar a ela?

Fez-se um breve silêncio naquela conversa.

– Coitada – comentou a voz feminina –, foi governadora de Atlântis, com o

palácio próprio, virou babá do Casal Imperial deposto e ficou com o quarto da governanta.

– Foi uma espécie de punição, mas o Generalíssimo foi indulgente – continuou a segunda voz. – Podia rebaixá-la a escrava, mas deu-lhe uma oportunidade. Não se descuidem, ela pode voltar a ser poderosa.

Isto era mais interessante. Quar-vá voltara a ser Quar-hó e estava com a família imperial no piso superior da ala norte, antes reservada aos principais servidores e guardas pessoais. Imaginara que Odu Arpá se encontrasse nas acomodações da família imperial, na ala sul, mas estava fora do palácio... Onde? Claro! Naquele momento, o melhor lugar para estar na Cidade Proibida seria a gruta de Quaxar, sob mais de cem braças de rocha, onde seria possível sobreviver à explosão do Sol Sombrio, mesmo que a proteção falhasse.

Sistu lembrou os detalhes da maquete no museu do Instituto Imperial. A entrada da ponte para o anel interior era guardada por duas torres altas, erguidas sobre a muralha de oricalco que cercava a ilha. Atrás das torres, um grande terraço pavimentado. Subindo a escadaria no fundo do terraço, no alto da colina, o templo de Varjá, cercado por um muro de ouro. A oeste do terraço, o Paço. A leste, as termas imperiais e dependências, incluindo as cavalariaças. O bosque sagrado de Quaxar, em forma de meia-lua, cobria o resto da ilha, inclusive as encostas da colina. A entrada da gruta ficava na encosta, atrás do templo.

Sair do palácio pelo bosque? Sistu visualizou a disposição das trilhas na maquete, mas como lidar com os guardas no caminho? A tarefa do “seu” pelotão era patrulhar um setor da galeria e esperava-se que depois do rancho se recolhesse ao seu acampamento em alguma das salas e quartos do palácio para uma sesta. Homens-jaguares eram dorminhocos. Não fosse o nervosismo, a tropa de Razzan já estaria bocejando e cabeceando.

Talvez a sala onde acampariam tivesse janelas por onde saltar e correr para o bosque. Como descobrir qual era? Sussurrou a Razzan sua preocupação.

– Não é problema – disse o amigo. – Nosso pelotão é o nono da segunda zebás, na terceira jin. Enquanto você ouvia a conversa, vi a oitava entrar naquela sala lateral. A nossa deve ser a seguinte.

– Se for, não ajuda muito. Perto do centro do palácio, sem janelas. Pode ir lá e conferir? Você é mais graduado, criarão menos caso se entrar onde não deve.

Razzan foi e voltou

– É mesmo o acampamento do nono pelotão. Não tem janelas. Há um bocado de equipamento: barraca, lampiões, casacos de pele com capuzes, botas, armas, ferramentas, sacos de dormir e cordas, além de pertences pessoais. E também os móveis originais, encostados a um canto: mesa, divãs e uma escrivaninha.

Precisava de um plano alternativo. Poderia aproveitar as tais ferramentas?

Teve uma ideia e explicou-a a Razzan, que o olhou como a um doido.

– Não vai dar certo – sussurrou entre as presas.

– Tem alguma ideia melhor?

– E se saíssemos pela porta, dizendo ter sido requisitados por Arpá?

– Só se o sentinela for muito tolo. Ele deve estar em transe, cercado por guardas fiéis, com ordens estritas de não ser incomodado – objetou Sistu.

– Não consigo pensar em mais nada – admitiu Razzan. – Vamos lá...

Com um gesto, chamou sua tropa:

– Guerreiros, demoramos demais. Hora de ir.

Conduziu-os à sala reservada ao pelotão. Sistu os fez se agachar e explicou o plano em detalhes. Perguntou se alguém tinha outra ideia ou alguma maneira de melhorá-lo. Zalfu animou-se:

– Devíamos levar o termá da zebás, seria a maneira certa de carregar um peso tão grande.

Sistu aprovou. Foi à escrivaninha, puxou-a e trabalhou alguns momentos com o material que encontrou. Em seguida, pegaram cordas, pés-de-cabra e picaretas e foram direto à porta principal do palácio, Razzan à frente, segundo as indicações de Sistu.

Capítulo 72 – O homem-draco

Na saída do Paço, como Sistu esperava, Razzan foi interrogado pelo chefe dos sentinelas.

– Aonde vão? Essa área é para ser patrulhada apenas por homens-lobo da segunda jin – disse o saptô.

– Eu sei – disse Razzan –, mas tenho ordens especiais de Quar-hó. Ela me mandou trazer uma das sereias do templo.

– Hem? – surpreendeu-se o homem-lobo – Para quê?

– Sei lá – respondeu Razzan –, sabe como ela é, não me atrevi a perguntar. Vai ver, está entediada e quer redecorar seus alojamentos, fazê-los parecer menos com quartos de empregados e mais com o de uma rainha. Ou talvez queira fazer alguma feitiçaria e...

Sistu deu-lhe uma discreta cutucada.

– Preciso checar com o seu bastô – disse o saptô.

– Ele já tinha ido dormir – respondeu Razzan – quando recebi a ordem, por escrito, de um valete de Quar-vá.

Estendeu-lhe uma carta breve, com caligrafia e selo forjados por Sistu à imagem e semelhança do desafio que recebera para o duelo com Godar-nem:

Memorando n° 3.597

Em nome de Quar Odu Arpá, vaciós, Generalíssimo, a prefeita do Paço Imperial, Quar Vazós Zissar, hociós, faz saber que, por sua ordem, o saptô Sihgin-rar, do 9º pelotão da 2ª zebás da 3ª jin da 1ª legião, retirará uma das sereias do templo de Varjá e a levará às dependências da prefeitura do Paço, sem demora. Está autorizado a usar seu pelotão, o termá da zebás e as ferramentas necessárias a esse fim.

Manda, portanto, a todos os encarregados a quem o conhecimento e execução da referida ordem pertencer, que a cumpram completa e prontamente.

Dado no Paço Imperial, em 24 de Neves, ano do cão, dia de dragão.

Quar Vazós Zissar, hociós

– Eu deveria verificar com a Hociós – ponderou o homem-lobo.

– Se quiser, mande alguém falar com ela. Nós esperamos – disse Razzan –, mas não me responsabilizo pelas consequências. Ela está ocupada com o capitão de sua guarda pessoal e não quer ser incomodada.

O homem-lobo não insistiu. O mau humor e a crueldade de Quar-vá eram legendários.

– Está bem.

– Obrigado por não nos atrasar mais – disse Razzan –, sabe, já devíamos ter ido dormir. Foi uma falta de sorte termos sido a última zessab da *jin* a se levantar do rancho. O valete nos pegou na porta do dormitório. Não quer mandar alguém nos dar uma mão? Se não, vamos passar a noite toda nisso.

Sistu deu outro cutucão, mais forte.

– Até parece! – Zombou o homem-lobo. – De jeito nenhum. Vão pedir ajuda à sua laia. Bem feito para vocês, felinos dorminhocos. É bom que aprendam a pegar no pesado.

– Mandaram a nós porque vocês são uns fracotes.

– Quero ver você repetir isso de armas na mão – rosnou o homem-lobo, impulsivo.

– Quando quiser. Peça autorização para duelar a seu bastô que peço ao meu. Até o primeiro sangue ou até a morte, como queira – rugiu Razzan.

– Amanhã falaremos – respondeu o homem-lobo e deu-lhe as costas.

Enquanto avançavam, Sistu reclamou:

– Não exagere, Razzan! Menos teatro! Quanto mais falarmos, maior o risco de dizermos alguma asneira!

– Vai por mim, Sistu-pu. Eu dei ao totó algo mais sério para pensar do que um punhado de felinos com uma ordem estranha. Um duelo com um homem-jaguar.

– Tomara que tenha razão.

Cruzaram o terraço até as cocheiras imperiais, junto às termas. Mostraram o papel ao caravaneiro e localizaram o animal de carga da zebás entre os outros termás. A alimária deixou-se arrastar ao templo muito a contragosto, bufando nuvens de vapor no ar frio, mas Zalfu desprezou seus protestos. A ideia era dele e queria levá-la até o fim.

A porta do muro de ouro estava guardada, mas ao verificar que Razzan tinha ordem de Quar-hó e já passara pelo saptô, os homens-lobos de sentinela lhes abriram o portão e a zessab de Razzan pôde entrar com calma no templo de Varjá. Em torno do santuário, do lado de fora, erguiam-se, em ouro, as estátuas dos dez filhos de Quaxar, de suas esposas e de todos os descendentes que herdaram os tronos dos dez reinos federados, além de muitas outras grandes estátuas votivas de reis e poderosos de todo o Império.

O santuário tinha cem braças de comprimento e cinquenta de largura. A altura era de cinquenta braças, sem contar com a plataforma e a escadaria, que se mostrou um sério problema. Como todo o exterior do templo – exceto a cobertura, que era de ouro – os demasiado numerosos degraus da plataforma estavam revestidos de prata. Para desespero de Zalfu, o termá começou a escoicear e blaterar desesperado, quando tentaram fazê-lo subir aqueles degraus lisos e escorregadios.

– Ei, que está acontecendo? – gritou o homem-lobo de sentinela, lá do portão.

– Precisam de ajuda? – perguntou o outro, inconvenientemente prestativo.

– Não, podem deixar – respondeu Razzan, nervoso. – Nós damos um jeito.

Banunu acalmou o bicho com um feitiço, mas ele caiu em uma semi-sonolência e Sistu praticamente teve de carregar escada acima aquele peso de mais de meio don.

No interior, o teto era de marfim, ornado de ouro, prata e oricalco. Não só os muros, as colunas, como também o pavimento eram revestidos de oricalco, deixando ainda mais confuso o pobre animal, que escorregava e gemia como um lemuriano com dor de dente. Sistu amarrou-o em uma coluna interna e, para alívio de Zalfu, Banunu o pôs para dormir.

Os lampiões iluminavam a nave principal e faziam brilhar o imenso Varjá de ouro, a conduzir seis pégasos atrelados a seu carro de guerra. O topo da cabeça quase tocava o teto, a mais de vinte braças de altura. Cem sereias de ouro em tamanho natural, montadas em seus botos, faziam um círculo a seu redor. Cada uma delas devia pesar mais de um *don*. Se tivessem realmente de carregar uma delas ao palácio, teriam mesmo uma noite de trabalho duro pela frente.

Mas simplesmente largaram as ferramentas e saíram pelos fundos do templo, onde não havia sentinelas. Os homens-jaguares eram ótimos saltadores e não tiveram dificuldades para pular o muro de ouro. Sistu foi por último, a carregar Banunu. Estavam agora bem acima da larga entrada da gruta, guardada por uma alcateia de homens-lobos. Apesar de tenso, Sistu sorriu. Gostava de seus amigos soans, mas depois de passar um sê ou dois tentando manter na linha um pelotão de felinos, qualquer um entenderia por que um déspota preferiria uma guarda pessoal de homens-lobos.

– Suspenda o disfarce – pediu Sistu a Banunu, pegando-a de novo ao colo. – Quero a magia da multiplicação, tanto quanto você puder.

Os guardas viram cair sobre si uma zebás de colossos senzares e homens-jaguares ferozes onde havia só uma zessab. Sistu mandou Razzan proteger Banunu no local mais seguro possível e abriu caminho entre os confusos homens-lobos como um furacão, vibrando as espadas de oricalco com uma velocidade impossível. Seus tigres e jaguares cuidavam daqueles que conseguissem escapar.

Irromperam no interior da gruta antes das sentinelas de Odu Arpá conseguirem lembrar-se de seu treinamento. Deram então com uma vasta câmara natural iluminada por lampiões. Dezenas de homens-lobos agachados estavam dispostos em torno de Odu Arpá, sentado em posição de lótus sobre uma plataforma central, de braços erguidos e de costas para a entrada da gruta. Odu Arpá, fechado em sua armadura, parecia uma estátua de oricalco. Levantaram os fuzis e dispararam, mas as balas ricochetearam na armadura como granizo em uma estátua de bronze. Sequer o tiraram do transe.

– Traição! – Bradou um homem-lobo com insígnias de jintô, erguendo-se de um salto. – Atacar!

Sistu encontrou uma resistência bem eficaz. Era a elite da guarda pretoriana e alguns eram treinados no estilo Erakal por mestres competentes. Sistu desdobrou-se o quanto pôde, mas a luta ficou difícil. Mesmo com precognição, era difícil encontrar onde se encaixar naquele labirinto de armas ágeis a sibilar perto demais do braço, das costas e do pescoço, chegando por vezes a roçar sua carne e derramar seu sangue. Não seria fácil matá-lo, é claro, mas não podia pensar em correr o risco de ser capturado ou seriamente retardado.

Faltavam ainda vinte ou trinta braços para alcançar o concentrado e impassível Odu Arpá. Razzan ainda protegia Banunu, mas um dos seus homens-jaguares caiu e foi rapidamente degolado. Sistu decidiu arriscar enquanto Banunu mantinha seu feitiço. Saltou sobre os homens-lobos que o cercavam, deixando-os confusos com a quantidade de guerreiros voando sobre suas cabeças em várias direções. Aterrou em um precioso espaço vazio e agarrou o jintô pelos pés. Girou-o feito chicote, de maneira a ampliar a clareira. Então, o arremessou aos berros em Odu Arpá, derrubando-o com violência de seu pedestal. Pelo ruído desagradável, a espinha do homem-lobo fora quebrada.

No mesmo instante, um relâmpago de luz azulada explodiu na boca da gruta. O Sol Sombrio explodira em uma nuvem de luz ardente, mas não mortal. Muitos dos homens-lobos olhavam naquela direção. A tropa de Sistu, que estivera de costas para o clarão, tirou proveito da vantagem e lançou-se a ceifar os homens-lobos ofuscados.

Odu Arpá ergueu-se furioso e atordoado. Lançou um raio previsível e fácil de evitar. Sistu pulou de banda e correu para trás de uma grande rocha. Missão cumprida, tratava-se agora de tentar alcançar seus jaguares e ajudá-los a salvar-se, caso fosse possível. Tentava desesperadamente recuperar a calma para pensar em um plano. O Generalíssimo deu alguns passos pesados na mesma direção, então pareceu clarear a mente. Ergueu a espada e começou a invocar algum feitiço.

Nesse momento, Sistu sentiu a pele coçar, mais fortemente que da outra vez e sentiu fortes repuxões nos músculos. Olhou os dedos, que latejavam e viu-os se transformarem em perfeitas garras douradas, enquanto seus braços se esticavam, tornavam-se definidamente dourados e criavam estranhas membranas. Com uma convulsão, deixou as espadas caírem. Seu rosto alongou-se, sem chegar a se tornar um verdadeiro focinho de draco, seu tórax expandiu-se e rebentou os elos de sua corrente de prata, suas pernas cresceram a ponto de rasgar calças e sandálias e criaram enormes garras. A brusca transformação causou-lhe uma dor violenta e estranha que não sabia como controlar. Quis urrar, mas em vez de som, saltou-lhe um jato de chamas da boca.

Odu Arpá interrompeu-se de súbito. Virou-se e abaixou-se, mas não teve tempo para mais. O insólito misto de draco e humano pôs a cabeçorra para fora da galeria e disparou um feixe de chamas, aquecendo ao rubro a couraça dourada. Odu Arpá urrou de dor, enquanto a criatura avançava e preparava outra baforada. Desesperado, o Generalíssimo atirou a espada e a cravou na garganta de Sistu.

Um humano ou draco comum estaria morto, mas este só teve de deter-se para arrancá-la e esperar o ferimento fechar-se. Questão de momentos, mas preciosos. O Generalíssimo completou mais um encantamento e desapareceu com um estalido. Por via das dúvidas, Sistu voltou a cuspir fogo na mesma direção. Nada aconteceu. Não era ilusão, Odu Arpá se fora.

Um grito, de uma de suas mulheres-jaguar, ferida, Sistu, aflito, ignorou as tentativas dos homens-lobos de feri-lo e devastou a baforadas, mordidas e lanhadas aqueles que tentavam encurralar os companheiros sobreviventes. Sem entender o que acontecera, Banunu, Razzan, Zalfu e os outros dois ainda de pé ampararam a companheira ferida e seguiram o enorme homem-draco que, surgido do nada, esforçava-se para espremer as asas imensas pela saída da gruta. Fosse o que fosse, estava do seu lado.

Lá fora, um caos. A explosão crestara as ervas e as folhas das árvores. A luz, já ofuscante dentro da caverna, queimara e cegara quem estivesse ao ar livre nas imediações, sem afetar o interior do palácio. Um grupo de soans aquartelados teve a iniciativa de correr à entrada da gruta e deparou-se com um homem-draco furioso e incansável, aparentemente indiferente às balas de arcabuzes, que varreu suas colunas com chamas até obrigá-los a bater em retirada.

O Generalíssimo materializou-se na torre de comando da rukma, pulando de dor entre homens-lobo perplexos. A sua armadura resplandecente e indestrutível, mas também boa condutora de calor, fora transformada em forno pelas chamas da monstruosidade semelhante a um draco na qual o chefe inimigo se tornara. Correu a um extintor e acionou o cilindro de latão sobre si mesmo para refrescar-se com a soda efervescente de sal de tártaro. Refrigerada, a armadura passou a curá-lo.

Aliviada a dor física, rilhou os dentes de ódio. Mais um pouco e teria eliminado os rebeldes, junto com a plebe inútil. A ilha de Ruta teria se curvada, aterrorizada, ante o imenso poder da fúria do Generalíssimo e Atlântis se tornaria uma disciplinada fortaleza para suas tropas até que pudesse ser repovoada por súditos dignos e obedientes.

Não, não havia mais tempo de reorganizar suas atordoadas tropas restantes para resistir ao assalto rebelde. Ao olhar pelas janelas da cabine de comando, com a visão noturna e telescópica proporcionada pela viseira mágica, compreendeu que a batalha pela Cidade Proibida estava perdida.

Mas a guerra não terminara. Com aquele veículo, poderia voar a Nemté, reunir-se

às suas legiões mais fiéis e retomar a luta até a vitória. Lá estavam muitas das melhores tropas e a maior parte das riquezas naturais do Império. Seriam anos difíceis, cruéis e mortais. Melhor assim: aqueles meses de luta haviam mostrado que, com honrosas exceções, as legiões atlantes estavam frouxas e vacilantes. Precisavam de uma guerra longa e árdua para reaprender a combater e recuperar a velha ferocidade.

O jintô Pastal, que estivera em seu camarote, apresentou-se num instante. Arpá ordenou-lhe a retirada, conforme o plano de contingência previamente traçado. O homem-lobo com insígnias de oficial chegou-se ao cone do tubo acústico que comunicava a torre de comando à casa das máquinas e vociferou suas ordens.

Os propulsores da rukma gemeram como que entorpecidos e o Generalíssimo não pôde conter um estremecimento de preocupação. A descarga de axé da explosão prematura do Sol Sombrio devia ter sobrecarregado todos os cristais mágicos, inclusive os das máquinas de voar, num raio de dezenas de estádios.

Depois de uma discussão nervosa com o mestre das máquinas, Pastal lhe disse que os cristais haviam sido ligeiramente afetados, mas estavam improvisando um rearranjo das partes críticas de maneira a descarregar o excesso de axé. Por ora, teriam pouco mais que o mínimo de força indispensável para decolar, mas prometiam recuperar a maior parte da capacidade operacional em até dois ags. Um milagre da habilidade dos seus técnicos e também um atestado de que a tecnologia agarti era bem mais robusta que a atlante. Como Pastal e os outros, Arpá tomou assento e apertou as correias de segurança sobre a armadura.

O rangido passou gradualmente a um tom menos doentio e lamentoso, sentiu a máquina estremecer, sacolejar e por fim elevar-se no ar. As torres da Cidade Proibida à sua volta começaram a sair do campo de visão dado pelas janelas e ceder espaço ao céu noturno. Arpá bufou, furioso e impaciente, mas aliviado.

Pensou no fim deplorável de Aslá, usado como arma contra o próprio amo. Sua sombra de guerreiro e escravo leal seria tomada de fúria e vergonha por toda a sua existência. Lembrou-se depois das escravas-concubinas deixadas para trás. Riopal, Rospal, Xipal, Rutpal e as outras. Qual seria seu destino? Os comandantes rebeldes se apossariam delas? Entregá-las-iam a seus guerreiros para que as violentassem? Para a Rutpal que conheciam como Quar Vazós Zissar, que vingança reservariam?

Antes que o coração batesse duas vezes, repreendeu-se pelo momento de paixão, fraqueza à qual não podia ceder, muito menos neste momento. Precisava se concentrar na situação militar e política, planejar desde já nos riscos que podiam afetá-lo a caminho de Nemté. A marinha imperial seria avisada de sua retirada, poderia deduzir seu objetivo e tentar interceptá-lo com suas aeronaves.

Tomara o cuidado de evitar a rota mais óbvia, mas o risco de um combate não podia ser descartado. Se fosse o caso, teria de comandar. Pastal era leal e

competente, mas não lhe podia confiar uma tarefa tão nova, decisiva e complexa.

As melhores aeronaves atlantes eram mais velozes, embora a rukma fosse maior e seu armamento mais pesado. Tratou de considerar as possibilidades. A Marinha tinha quinze aeronaves de primeira linha, mas a maioria estava nas fronteiras do Império. Só uma ou duas estavam em posição de encontrá-lo. Duas ao mesmo tempo seria o pior cenário tático possível. Difícil, mas não insuperável. Podia usar a capacidade de manobra vertical superior da rukma e combinar os raios de repulsão com os de calor...

– Jintô-rar, estamos sendo seguidos! – Bradou um oficial para seu imediato, cortando o fio do seu pensamento.

Tão cedo? Impossível, qualquer máquina atlante próxima o bastante para alcançá-lo agora teria sido inutilizada pela explosão! Girou o assento para trás, enquanto Pastal rosnava no tubo acústico para o mestre das máquinas se apressar. Mandou acender os holofotes.

Capítulo 73 – Uma batalha no ar

Sob o cheiro de queimado, Sistu farejou o cheiro distante do gás de Tjurmyen, soprado do anel exterior. As bombas haviam detonado, ainda que agora fossem quase redundantes. Seus companheiros esconderam-se no templo, procurando um lugar adequado para cuidar da mulher-jaguar.

Um chamado de Tiakat deixou-o feliz por encontrar outra vez sua mente e mais ainda por avisá-lo de que Tjurmyen e ela acompanhavam os cadetes de Artás em seu avanço pelo anel exterior da Cidade Proibida. Transmitiu-lhe sua aflição e ela pensou em resposta que correria para encontrá-la o mais rápido possível. Sistu a conteve.

<Não, vou ao teu encontro. Preste atenção, diga a Kasmin que Arpá fugiu, pode ter-se teleportado para as imediações e talvez possamos apanhá-lo. Diga-lhe para prosseguir com o plano e concentrar todo o nosso pessoal no assalto às outras três fortalezas. Os cadetes não vão precisar de ajuda, a guarda está dizimada e confusa, o Generalíssimo escapuliu e agora só têm no comando Quar-hó, que desprezam. Se lhes oferecerem o perdão em troca da liberdade da família imperial, aposto que se renderão.>

Tomando impulso, Sistu abriu as asas, saltou do morro e deslizou pelo ar noturno. Intuiu que daria certo, por estranho que parecesse. Bateu asas com muito esforço e pouco jeito, ergueu-se um pouco e passou por cima das torres e telhados da Cidade Proibida, em busca de Tiakat, no anel exterior. Sentia-se como filhote de passarinho no primeiro voo, hesitando entre a insegurança e o instinto. Ao menos, via com perfeita clareza: o crescente de Ved já se pusera e a madrugada era iluminada apenas pela luz rosada de Súqua, mas seus olhos de dragão viam como se fosse dia.

Uma das mais altas das torres brilhantes do anel interior pareceu mexer-se no limite da visão periférica. Intrigado, arriscou uma curva para ter um melhor ângulo. Ouviu um som sibilante e não teve mais dúvida. Um cone dourado erguia-se no ar, de um terraço entre altas e maciças construções, do outro lado do anel interior. Quase vinte braças de largura, outro tanto de altura.

Nunca vira algo assim, mas o reconheceu de ilustrações. Uma rukma, veículo aéreo usado principalmente por agartis, mas sem as insígnias características desse povo. Com capacidade para cerca de trezentos guerreiros, se não se enganava. Chamou Tiakat outra vez: <Lelon-xin, um enorme veículo aéreo, semelhante a uma rukma agarti, está saindo do anel interior. Pode ser Arpá. Temos como interceptá-lo?>

<Hum, nossos dracos não darão conta disso e muitas das aeronaves de patrulha

foram derrubadas pela explosão do Sol Sombrio, tanto na cidade quanto nas vizinhanças. Capturamos duas que estavam no chão, mas não estão conseguindo colocá-las no ar.>

<E acho que não são páreo para esse monstro.>

<Espere, vou ver se Sissã-xin tem alguma ideia...>

Silêncio mental por preciosos momentos, enquanto Sistu se aproximava da coisa com uma lentidão que seria desesperadora se a coisa não se elevasse muito devagar. Podia alcançá-la se pelo menos conseguisse pegar o jeito a tempo.

<Mistonti-xin, a Sissã pergunta se você consegue distraí-los só um pouquinho. Se tiver um tempinho, ela acha que pode tentar uma coisa.>

<Farei o que puder.>

Arpá ficou pasmo. Era o monstro na qual o chefe rebelde tinha se transformado, com certeza. Que magia dos demônios seria aquela? Inacreditável que pudesse voar, de tão pesado e desajeitado. Subia e baixava a cada bater de asas. Que os tivesse alcançado, era mau sinal. A maldita rukma estava mesmo lenta.

Se encontrasse uma nave atlante nesse estado, estaria em maus lençóis. Aquilo não parecia capaz de danificar seu veículo, mas não podia arriscar, ainda que não fosse uma oportunidade única de vingar seus guerreiros caídos e testar táticas de combate aéreo. Safou-se das correias e mandou Pastal concentrar-se na navegação e engenharia, o Generalíssimo assumiria a batalha. Deu uma ordem ao artilheiro-chefe.

Não seria nada fácil, pensou Sistu. Seu tamanho era impressionante para um draco, mas não se comparava àquilo. “Tomara que eu seja pelo menos um pouco preocupante. Devo ser... não, devo estar quase do tamanho de uma aeronave de patrulha”. Umas cinco braças de comprimento e dez de envergadura. Tinha que bastar para fazer impressão.

Um facho de luz vindo da rukma o ofuscou momentaneamente e ouviu o som de um foguete disparado na sua direção. Alguém na coisa o vira.

Por reflexo, Sistu encolheu as asas e mergulhou para sair do caminho do míssil. Abriu-as a tempo de evitar a queda e o rasante sobre os telhados o fez perceber que sua velocidade era maior do que imaginava. O míssil explodiu em algum lugar atrás dele, fazendo-o estremecer. “Bem, já me viram. Tomara que consiga atrasá-los”.

Completo uma acrobacia razoável, enquanto um segundo míssil passava a menos de uma braça da sua asa. A rukma não alterava em nada a trajetória. Tinha de tentar algo mais espetacular. Subiu com toda a energia que pôde por nas asas, mergulhou ao longo da fuselagem e cuspiu fogo sobre uma das hélices laterais.

Sistu exultou: seu ataque teve algum efeito. Ouvia a hélice guinchar e viu, de relance, a nave oscilar um pouco. Diminuiu a aceleração, como se tentasse recuperar o equilíbrio. Outro foguete, outro mergulho, outro trovão.

Ai! Sentiu a asa queimar, de repente. Virou e percebeu reflexos de um feixe de luz

concentrada, tentando atingi-lo outra vez. Nada grave, estaria curado em momentos, mas era perigoso – se conseguissem fixá-lo por mais que alguns momentos na sua pele, lhe furariam a asa e o derrubariam. Procurou voar da maneira menos previsível que seu tamanho permitia e deu uma volta repentina para um segundo ataque à hélice ruidosa.

Um som estridente veio de baixo e a nave balançou subitamente. A maioria dos tripulantes estava bem firme nos assentos, mas Arpá teve de segurar-se a uma das alças de segurança que pendiam do teto para não cair. Pelo tubo, a casa das máquinas relatou danos superficiais em uma das hélices, já haviam compensado, mas recomendavam cuidado. O artilheiro disparou mais um foguete, sem resultados.

Aquilo não funcionava, decidiu o Generalíssimo. Por desajeitada que fosse, a criatura esquivava-se aos mísseis como se os adivinhasse. Decidiu tentar o raio de calor. Consumia o axé da nave e, devido à falta de força, teria só uma fração de sua potência normal, mas nada podia se esquivar daquilo.

– No alvo! – Comemorou o artilheiro. Mas o monstro fez uma manobra estranha e desapareceu do campo de visão. Para onde? Outro ataque à hélice, claro! Freneticamente, deu ordem ao artilheiro para disparar naquela direção.

– O raio de calor não está pronto? O raio repulsor, rápido!

Algo empurrou Sistu violentamente para trás. Instintivamente, dobrou as asas para evitar que a pressão do ar as quebrasse. Um raio repulsor. Foi atirado dois ou três estádios para trás antes de recuperar o equilíbrio e sentiu uma dor aguda, como se tivesse quebrado uma ou duas costelas. Não conseguia mais bater as asas com força. “Ah, não, agora não!”

Controlou a dor, mas lembrou-se: isso inibia sua regeneração. Relaxou e deixou a dor vir com toda a força – gemeu e estremeceu com violência, perdeu o equilíbrio e quase mergulhou no canal principal ao contrair involuntariamente as asas. Mas então sentiu ossos voltarem ao lugar com um estalo desagradável e a dor diminuir.

Recobrou controle a tempo e reaproximou-se do cone voador, acelerando outra vez e a meio caminho do mar. Teria que dar tudo para alcançá-lo.

Vomitou todo o fogo que podia, diretamente na hélice e subiu de repente, rasante à fuselagem. Desta vez, ouviu uma espécie de estalo e viu a nave adernar enquanto a acrobacia o deixava de pernas para o céu. Havia feito algum dano! A coisa se reequilibrava, mas perdia impulso. Uma hélice em dez, não era de todo mau... Mas apesar da hélice desabilitada, a coisa parecia recobrar velocidade.

Por fim, boas novas. A criatura, empurrada com vigor para baixo, caía no canal e os propulsores da rukma já respondiam aos esforços da equipe de engenheiros. Podia sentir a recuperação da potência dos mecanismos e a aceleração do movimento rumo ao mar. Mesmo que os rebeldes ainda tivessem algum truque debaixo da capa, não mais o alcançariam. Dali por diante só teria de preocupar-se

com os imperiais, mas teria pelo menos um sê antes que o encontrassem, se é que o fariam.

Permitiu-se relaxar por um momento. Voltou ao assento, virou-o, pôs as mãos sobre os braços da cadeira e voltou a planejar.

Um grito de susto do piloto. De repente, queda livre, interrompida com um estalar de toda a estrutura. Um solavanco bem mais forte que o primeiro. Uma buzina de alerta, sinal de dano. Uma hélice inoperante, perda de um décimo da capacidade de manobra, avisou a sala das máquinas, mas a potência já era normal, assim que compensassem a perda e recobrassem o equilíbrio, poderiam acelerar para velocidade de cruzeiro.

A coisa que fora o chefe rebelde conseguira voltar dos abismos onde caíra. Virou-se, mandou o artilheiro-chefe lançar pequenos foguetes para confundir e preparar o raio de calor para disparar ao seu comando. Com a plena potência de que agora dispunha, a arma principal derretia metais e cortava aeronaves ao meio. O monstro viraria cinzas, nem um gênio resistiria àquilo. Era só pegá-lo desprevenido, confundindo-o com os mísseis.

– Objetos pequenos, rápidos, nos tocam estibordo e bombordo! – Avisou o artilheiro.

Que demônios?

– Não importa, primeiro o monstro. Preparar, apontar, f...

Uma tremenda explosão abafou a ordem.

Com o rabo do olho, Sistu percebeu um pontinho branco e ágil, subindo rápido à direita, vindo de trás. Outro pela esquerda. Tjurmyen, por fim! Animou-se e forçou as asas o mais que podia e voou diretamente para a máquina, esperando parecer preocupante o suficiente para desviar dela a atenção e os disparos dos tripulantes.

Danem-se os foguetes! Visou uma das hélices, carregou com tudo. Se tentasse piruetas criativas, não o alcançaria. Tinha de confiar na sorte e fim. Mesmo assim, sua velocidade era só um pouco maior do que a deles e aproximava-se devagar. Um míssil passou quase raspando pela barriga, outro pela ponta da asa esquerda. Duas sacudidas, duas explosões de mísseis por trás, mas não podia se dar ao luxo de perder o equilíbrio. Fez um mergulho simples, visando uma das hélices enquanto via uma Tjurmyen alcançar o lado da nave, tocá-la por alguns instantes, fixar uma espécie de caixa e afastar-se à toda, aparentemente sem ser percebida. A outra Tjurmyen fazia o mesmo do outro lado. Sistu adivinhou. Esqueceu a hélice, recolheu as asas e mergulhou o mais rápido possível.

Uma tremenda explosão, bem maior que as dos mísseis, empurrou-o por trás, na direção do mar. Atordoado e meio surdo, quase esqueceu de abrir as asas no momento certo e roçou as ondas a uma velocidade alucinante. Deu a volta a tempo de ver a rukma descer em parafuso sobre o Dzezyo. Caiu sobre uma parte já

devastada do bairro, perto de onde fora a casa de Tjurmyen.

Frenéticos, os homens-animais lutavam para controlar a rukma em queda, mas Arpá compreendeu que a retirada fracassara. A nave aterraria dentro da capital e sua armadura usara o teleporte do dia. Se não morresse na queda, lhe restaria render-se ou morrer como guerreiro. Não, era uma falsa escolha. Caso caísse nas mãos dos rebeldes ou dos imperiais, seu destino seria pior do que a morte. Preparou-se para morrer lutando.

Cenho crispado e dentes cerrados sob a viseira, pensou nas espadas de oricalco reservadas ao lado do assento do capitão enquanto a nave ainda rodopiava rumo a uma perigosa aterragem. Não, seriam praticamente inúteis, evidentemente o monstro tinha poderes de cura comparáveis aos de um gênio. Os limitados poderes ofensivos de sua armadura também de pouco ajudariam. Suas bolas de fogo e pequenos relâmpagos haviam sido decisivos nos velhos tempos, quando o mero fato de simbolizar o favor e o poder dos deuses bastava para intimidar seguidores e adversários. Frente às novas armas de guerra e ao pouco caso dos rebeldes pela vontade divina, eram muito menos impressionantes.

Havia, porém, um último recurso.

Veio o inevitável tranco do pouso forçado. Foi sacudido até a espinha, painéis se romperam, as janelas da torre de comando se desfizeram em cacos, mas Arpá não perdeu a consciência. Nem Pastal, isso era importante. Chamou-o e disse que ia usar as chaves. Aquelas. O homem-lobo assentiu em silêncio e retirou-as de seu cinturão.

Era preciso que ele e seu imediato girassem simultaneamente as chaves em dois mecanismos armados em lados opostos da cabine. Só assim seria destravado o temporizador que acionava a autodestruição da rukma.

Morreriam, mas ao menos levariam consigo o chefe rebelde. Satisfeito, viu o monstro se aproximar da rukma e contou mentalmente.

Explosão. Mas...

Como diziam as mães senzares para meninos medrosos, *ni ror din, sem ni ked pad*, “se ouviste o trovão, o raio não te atingiu”.

Decepção. Estava vivo e o inimigo também. A queda danificara o mecanismo, a detonação fora parcial. Suficiente, porém, para incendiar a rukma, que logo se tornaria um inferno. Sem outra saída, tomou as espadas e saltou pela janela espatifada, buscando o alto do cone. Ao menos não podiam privá-lo da satisfação de morrer lutando.

O cone caiu sobre a base, numa aterragem forçada, mas aparentemente controlada. Sistu voltou-se para lá, atento. Bateu as asas, subiu para sobrevoar a muralha e...

Outra explosão. A base destroçada da nave cuspiu fogo em todas as direções. As chamas incendiaram as ruínas à volta, envolveram a base do veículo e começaram a subir pelas paredes do cone.

Na parte mais alta da nave, algumas pessoas abriram janelas e tentaram subir para o alto, para escapar das chamas. Entre elas, uma figura dourada. Sistu considerou se deveria tentar resgatar Arpá. Decidiu que valia o risco, talvez tivesse algo interessante a contar. Preparou-se para um voo rasante sobre a ponta do cone, quando ouviu o equivalente telepático de um berro:

“Mistonti, saia já daí! Sissã diz que é perigoso demais!”

“Mas...”

Hesitou e deu uma volta, para avaliar melhor. No momento certo. A base do cone explodiu e a rukma desmoronou sobre si mesma, numa tempestade de chamas e fumaça. Sistu suspirou e tomou o caminho da Cidade Proibida. A meio caminho, as Tjurmyen o encontraram e escoltaram até Tiakat.

Aterrou aos trambolhões no amplo gramado do anel exterior, onde ela o esperava, coberta por um poncho tricolor. Antes que se erguesse, ela correu para perto e abraçou-o pelo longo pescoço. Pareceu-lhe pequena como uma boneca. Alguns rebeldes, perplexos, observavam-no a uma distância respeitosa. Duas Tjurmyen desceram então do céu e pousaram a seu lado, com expressão perplexa e assustada.

– Ai, Mistonti-xin, nós estávamos erradas o tempo todo! – Exclamou Tiakat, segurando a cabeça com as duas mãos. – O gás não tinha nada a ver! Você estava se transformando em soan!

– Como? Por quê? – Ele assustou-se com a própria voz, áspera e profunda como uma trompa desafinada. Não era de gente, mas também não era o chiado característico de um draco tentando imitar a linguagem humana.

– Veja, o que os dracos das espadas fizeram tem alguma semelhança com o ritual que transforma uma pessoa em soan – respondeu a favorita de Xeló. – O condenado é amarrado e lhe metem um funil na boca por onde despejam o sangue de um animal sacrificado, enquanto os bruxos tecem o feitiço. O clima, o método e o sentido da coisa são tão diferentes que não me passou pela cabeça associá-la... e a transformação costuma ser muito mais rápida. Também nunca, que eu saiba, alguém tentou criar um homem-draco. Seria um escravo muito perigoso!

– Vou ficar assim, então? – O soar da trompa transmitia desesperança.

– Não se aflija – disse Tiakat, acariciando-lhe a cabeça baixa e lendo-lhe o pensamento. – Você não vai ficar sozinho, aconteça o que acontecer. Se não tiver outra solução, dou um jeito de virar uma mulher-draca pra ficar do teu lado. Prometo! – Ela riu e olhou para o alto. – Ah, que destino estranho! Nunca pensei! Mas ao menos seríamos soans livres...

Sistu não tinha certeza sobre se queria ou não que ela compartilhasse aquele destino, mas estava muito desanimado para discutir. De qualquer maneira, a decisão não estava em suas mãos, ou garras. Ninguém conseguiria demover Tiakat de fazer o que ela achava certo.

– Se você fizer isso, Dayphong-xin, eu também quero... – acrescentou uma Tjurmyen, de cabeça baixa e voz sumida, enquanto a outra assentia em silêncio. Tiakat largou Sistu e foi abraçá-las, comovida. Ele faria o mesmo, não fosse o medo de feri-las.

– Por que fizeram isso conosco? – Queixou-se Sistu.

– Não sei, mas aí está nossa esperança de outra solução – Tiakat se animava. – Os dracos não fizeram isso por acaso, mas também não acho que nos quisessem mal. Chiuknawat saiu de mim agora mesmo, foi procurá-los e pedir explicações. Agora, só nos resta esperar pelo melhor. Se não, já sabe...

Capítulo 74 – Receita para um vira-peles

No meio da tarde, Sistu continuava acabrunhado sobre a grama, enquanto Tiakat e a reunificada Tjurmyen se aqueciam ao sol, sentadas ao lado. O mensageiro de Kasmin contara que a batalha pela Cidade Proibida praticamente acabara no meio-dia, quando os soans do Paço renderam-se aos cadetes.

O trio contara estar presente para representar os rebeldes na negociação com a família imperial, mas o comandante Kasmin também decidiu aguardar por uma definição do futuro de Sistu. Ao Imperador e à Imperatriz recém-libertados, enviou Tjurmyen com a sugestão de que o encontro fosse adiado até que os cadetes pudessem pôr o lugar em ordem com a minúncia que a dignidade que o Casal Imperial merecia. Eles concordaram.

No meio da tarde, Tiakat saltou de repente. Levantou os braços e caiu sobre ela algo como um relâmpago lento e oscilante. Por alguns momentos, seus cabelos se arrepiaram como um ouriço e o poncho se esticou como uma tenda. Então, assentaram de novo.

Voltou-se para ele, sorridente. Não era Tiakat, embora se parecesse com ela.

– Temos boas notícias, Sistu. Você não vai precisar ficar assim sempre. Só de vez em quando.

– Como assim? – trombeteou, ansioso.

– Encontramos o casal de dracos em seu novo ninho, mas Montanhas Pétreas de Muté. Eles ficaram surpresos com que nós não soubéssemos. Sinto, não sabíamos mesmo, somos uma deusa jovem e essa é uma história tão antiga... Tiveram de nos explicar tintim por tintim, porque somos tão curiosas... – Sistu abriu a bocarra para dizer algo, mas ela o interrompeu – Calma, só um resuminho. Há dois mil e seiscentos anos, era um costume em vias de extinção, mas não esquecido. A criação de um *beer*, um vira-peles, um tipo de xamã hoje lembrado apenas em lendas mal contadas. A pessoa, depois de aprovada, bebia um pouco do sangue de um ou mais animais de determinada espécie, que deviam cedê-lo de boa vontade. Não vamos deslindar agora o como, o importante é que a pessoa se transforma lentamente, um processo de mais ou menos meses conforme a espécie, mais rápido se apressado por emoções fortes e esforços intensos. Quando chegava a meio-caminho de ser um animal, aí é que a javalina torce o rabo. Se não se fizer mais nada, a pessoa fica presa nesse estado e se torna soan. Para a transformação em *beer* chegar a bom termo, ela precisa beber sangue *de gente*, em certa quantidade, num segundo ritual. Isso contrabalança o sangue do animal e a pessoa se torna capaz de ligar os dois mundos, o animal e o humano e circular entre eles quase à sua vontade. Pode ficar a

maior parte do tempo como humana, se quiser, mas é compelida a tomar as formas animais e mista pelo menos uma vez a cada ciclo de Suquá, feito uma menstruação...

– Então, só preciso de quem me dê um pouco de sangue? – Sistu animou-se.

– Exato – continuou a deusa. – Os dracos pensavam que sabíamos, não faziam ideia de como o mundo mudou enquanto estiveram aprisionados. Mas resta um porém: os segundos ritos da criação de um novo *beer* eram celebrados em segredo por um *beer* experiente e não tem mais disso deste lado do mundo. Nossos amigos alados conheciam a primeira parte, não a segunda... É um risco. Agora que sabemos com que forças lidamos, temos alguma ideia de como orientar Tiakat para tecer a magia, mas temos de preveni-lo, Sistu, de que nos falta uma total certeza. Um erro pode ser fatal e no momento, não temos a quem consultar. Se descermos ao Érebo para consultar os mais velhos, não voltaremos com a mesma força e desconfio de que nossos plenos poderes ainda serão necessários.

– Quero arriscar, com certeza – apressou-se Sistu. – Mas não será melhor, então, esperar mais um pouco? Também posso ser útil nesta forma.

– Quanto mais cedo, melhor – disse a deusa. – A dificuldade aumenta a cada dia. Neste momento, o mais provável é que você caia em um coma de algumas horas, depois vai ficando mais complicado. Agora, veja, para equilibrar dois dracos, precisamos juntar pelo menos sete ou oito humanos, de preferência uns doze...

– Quero ser a primeira! – Tjurmyen ergueu a mão.

– Pois seja. Com vocês, de volta, nossa querida Tiakat – Chiuknawat fez uma medida, e quando voltou a se levantar, o olhar recuperara a qualidade humana e irrequieta da xamã. A deusa se recolhera.

– Mistonti, espere aqui, vou com Tjurmyen buscar o que precisamos...

Pouco depois do cair da noite, estava tudo pronto. Haveria mais voluntários se fosse preciso, mas Tiakat deu preferência aos oito companheiros do Conselho, mais Xizzin, Awesa, Narom e Kontu, os amigos humanos mais próximos, que reuniu em um jardim do anel exterior, arruinado mas amplo, protegido de olhares curiosos por muros ainda de pé e guardas em todas as entradas. Apesar do frio, tirou o poncho, a tanga, as sandálias e o pekenan, pisando no chão barrento, sobre o qual uma pequena fogueira ardia com certa dificuldade. Tomou a lanceta e, a começar por Tjurmyen, sangrou vinte a trinta *ti* ⁷ de sangue de cada um, conforme o tamanho e o peso, numa bacia de latão polido, de bom tamanho, enquanto sussurrava um encantamento em tlavatli.

Depois, fechou os olhos, segurando a bacia dourada sobre o fogo, junto ao corpo. Seu corpo brilhou. Pequenos relâmpagos correram do seu corpo para a bacia e pareceram incendiar o sangue, dando-lhe uma aparência de fogo líquido e flamejante. Virou-se e ofereceu a bacia a Sistu, que esperava compenetrado.

Sistu baixou a cabeça e bebeu o sangue. Como aquele que tomara dos dracos,

ardia e lhe provocava uma espécie de embriaguez, mas tomou aquilo como um bom sinal e lambeu até a última gota. Cambaleou alguns passos e caiu.

7 O ti equivale a 18 gramas.

Capítulo 75 – Um pontapé no tabuleiro

Acordou com um susto, como se lhe tivessem berrado no ouvido. Sentiu-se aconchegado sob cobertores, estendido sobre uma rede confortável e a primeira coisa que lhe ocorreu é que estava acordando de um longo pesadelo. Ou ainda estava sonhando?

Estendeu as mãos à luz que se filtrava pelas venezianas. Mãos humanas e de saudável cor de bronze, com unhas normais, ainda que um pouco compridas e maltratadas, pormenor difícil de encontrar num sonho. Pelo menos em sonhos comuns, como voltara a ter desde o fim das fatídicas espadas. Suspirou de alívio, passou a mão pela cabeça e matou as saudades de seus cabelos e da barba farta. Mas onde estava Tiakat? Tinha a impressão de tê-la ouvido.

Sentiu outro grito explodir dentro da cabeça. Ela o chamava e estava desesperada. Imagens aterradoras passaram por sua mente num relâmpago.

Tiakat viu Sistu desfalecer e se estender inerte no chão, de asas abertas. Ajoelhou-se, tocou-o e sentiu um pulso terrivelmente lento. A aura, pelo contrário, pulsava de maneira estranhamente acelerada. Supôs ser um bom sinal e fez um gesto de otimismo para os doadores que observavam, ansiosos.

Depois de um quarto de sê, pôde-se notar que as asas encolhiam, a princípio de maneira muitíssimo lenta, recuando a largura de uma folha de grama em relação à marca inicialmente deixada pelas pontas no barro, depois duas folhas, depois um pouco mais. O corpo também encolhia.

– Está dando certo! Ele está se transformando! – Gritou ela.

O grupo irrompeu em vivas e aplausos que ela esperava de todo coração que fossem mesmo merecidos. Tjurmyen abraçou-a e ela se entregou a um beijo profundo e relaxante. Só então deu-se conta do frio. Cobriu-se com o poncho e pediu cobertores para Sistu.

Kasmin parabenizou a todos, deixou as duas a cuidar do homem-draco e foi com o resto do Conselho tratar de outras urgências que os esperavam. Mais dois ags e as asas estavam quase reabsorvidas, o tamanho voltara para perto do normal e o corpo à aparência quase humana dos dias anteriores. Dois estudantes do Instituto colocaram-no então sobre uma maca e o levaram, sob os olhos atentos de Tiakat, Tjurmyen, Awesa e Xizzin, ao hospital de campanha improvisado no anel exterior, onde cuidavam dos feridos das últimas batalhas.

Acomodaram Sistu numa rede de um quarto limpo e arejado, cobriram-no e deixaram-na a sós com ele. Agachada, examinou-o à luz do lampião e tocou-o com suavidade. Pretendia esperar até que despertasse, contando ser capaz de reagir caso

algo desse errado.

Acomodou-se na segunda rede, excitada demais para dormir. Conferia o pulso e o examinava de vez em quando, excitada por cada sinal de volta à normalidade – as membranas acabavam de sumir, sentia a leve aspereza de pontas de barba e cabelo, e a maciez da pele voltar no resto do corpo. Quase amanhecia quando ouviu passos apressados e a porta se escancarou antes que ela tivesse tempo de se erguer.

– Tiakat! – gritou um estudante do Instituto, esquecido de que estava num hospital. – Uma emergência, Precisamos de ti, urgente!

Contrafeita, rapidamente tomou mais uma vez o pulso de Sistu. Nada de novo. Conformou-se em seguir o estudante aflito até o casarão onde se reunia o Conselho, a um estádio do hospital improvisado, mas Kasmin a esperava já na porta.

– Tiakat, precisamos de Chiuknawat, já!

– Que foi?

– Os deuses acabaram de surgir da colina. E exigem falar com ela.

Apontou para o alto.

Figuras colossais pairavam na alvorada, braços cruzados, brilhando com luz suave. Tiakat reconheceu-as facilmente. Estavam esculpidas e pintadas em Atlântida, por toda parte.

Karmó, a prudente, uma jovem de pele escura e olhar duro.

Seu irmão e esposo Tliká, o bravo, pálido, musculoso e altivo.

Dotlás, o astuto, pai de ambos, magro, moreno e de olhar vivo.

Raan, o senhor do caos e da destruição, de olhar feroz e revolta juba de leão.

Varjá, o maior de todos, de majestosa barba e cabelos verde-mar.

“Bom”, pensou ela, “se ainda estamos todos vivos é que eles precisam de nós. Se você ouve o trovão, é que o raio não te pegou, como diz Mistonti-xin”.

Tiakat fechou os olhos. Elevou-se no ar e o corpo cresceu enormemente e mudou um pouquinho de feições. Abriu os olhos e era a deusa, em todo o seu esplendor.

– Muito bem. – desafiou Chiuknawat, mãos na cintura. – Aqui estamos. Que querem de nós? Desembuchem!

– Xeló, que fizeste? – Ralhou Varjá, severo. – Pode ter-nos desgraçado a todos!

– Xeló porcaria nenhuma! – Contestou ela, zangada. – Meu teto é o céu e para o governo de vocês nosso verdadeiro nome é Chiuknawat! E use o plural, pois somos nove! Ou melhor, dez, com Tiakat!

– Respeitado Varjá, com tua permissão... – dirigiu-se Dotlás ao líder. Recebeu um gesto de aquiescência e voltou-se à deusa tlavatli:

– Seja, Chiuknawat, seja como quiserdes! – Acalmou-a. – Não temos tempo para discutir o protocolo. Estamos todos em apuros e precisamos nos unir se quisermos sobreviver...

– Ainda penso que não precisamos... – interrompeu o deus de juba, irritado.

– Cala-te, Raan – cortou Varjá, imperioso – deixa nosso porta-voz falar.

– Como ousas... – começou Raan, mas o olhar furioso dos outros quatro o silenciou.

– Como dizíamos – prosseguiu Dotlás –, nosso poder, para sermos francos, foi um tanto reduzido por vosso admirável ardil...

– Ardilosos são vocês! – Riu Chiuknawat. – Nós jogamos limpo e damos à sua querida Pasguá todo o crédito pelas candonguices dessa...

– Chiuknawat! – Interrompeu Karmó, torcendo as mãos. – Reconheço que errei ao confiar a Pasguá a gestão de nossos interesses no mundo corpóreo. Ela perdeu o toque com o progresso dos povos de maneira terrível. Asseguro-vos que a substituiremos e mudaremos nosso proceder. Mas por favor, deixai meu pai falar sem ser interrompido! É vital e urgente para vós, também!

– Por favor – acrescentou Tliká –, viemos em paz e de boa vontade pedir vossa cooperação. Queira ao menos nos escutar.

“Chiuknawat, meu amor” – pensou Tiakat, recolhida em algum canto da mente da deusa – “Podemos ouvi-los? Me parece que eles estão tentando ser sinceros!”

– Pois bem, Dotlás – disse a deusa de azeviche, fazendo um olhar maroto e mostrando as palmas das mãos –, conte-nos a que devemos o prazer desta visita!

– Grande Chiuknawat, – o deus magro buscava um equilíbrio entre respeito e firmeza – as bases do vosso e do nosso poder estão por um fio. Aproveitando-se de nosso enfraquecimento em vosso proveito, seis deuses de Agarta, liderados por Mavrit, subiram à Terra e começaram a preparar uma terrível convulsão da natureza para afundar toda Rutá no Oceano, junto com a maior parte dos vossos e dos nossos adoradores. Se conseguirem terminar, e isso é uma questão de um sê, no máximo, todos nós estamos perdidos, junto com o Império Atlante. Agarta provavelmente conquistará o que sobrar do mundo e se vós acaso julgastes nossa autoridade algo inconveniente, com certeza não desejareis ver todos os remanescentes de vosso povo sob o jugo dos agartis! Sabeis bem o que isso significa!

– Ora, por que não disseram logo? – Indignou-se a deusa. – Claro que os ajudarei. Desde que jurem nada fazer contra a Comuna e meus irmãos e irmãs mortais em todo o Império, nem permitir quaisquer ações nesse sentido a seus parentes e servidores. Isso inclui Pasguá, Assé, Rudlá, Umau, Atlás, Quaxar, Muxan, Gutis, Kedlon e tudo o mais!

– Impondes condições à vossa própria salvação? – Dotlás simulou muito bem uma scandalizada surpresa, pensou ela.

– Que por acaso, sucede ser, em primeiro lugar, a de vocês! Não nasci ontem para arriscar minha aura por vocês e deixarem que me passem a perna assim que a poeira assentar! Se não quiserem, tenho poderes suficientes para catar meus amigos e levá-los para organizar a revolução no continente! Quero ver os agartis afundarem Muté!

Trocaram um olhar significativo. Ela estava blefando, Dotlás sabia e ela sabia que ele sabia, mas também estava ciente de que Dotlás tinha de fazer pose não por ele mesmo – suficientemente sensato para compreender a necessidade de ceder –, mas pelos brios de seus colegas mais rígidos e orgulhosos. Chiuknawat ficou à espera, julgando poder dar-se ao luxo de perder só mais um momentinho.

Dotlás dirigiu-se a Varjá:

– Que dizes, meu príncipe? Respeitosamente, aconselho-te a aceitar. Não nos custa demasiado. Lembro-te de que nos espera uma batalha séria e não nos sobra poder para trazer mais um de nós a este mundo. Mas incluamos no trato a libertação de Pasguá...

– Mais nos vale o risco de cairmos ou vencermos sós! – Desdenhou Raan. Obviamente, estava frustrado e furioso com a derrota de Arpá, que lançara por água abaixo o sonho de se tornar o deus supremo.

Tliká e Karmó respeitosamente silenciaram, mas de seus olhares era fácil concluir que apoiavam o pai. Varjá hesitou por momentos antes de promulgar seu veredito:

– Julgo a aposta alta demais para podermos dispensar a única aliada possível nesta batalha. Concedo, com a condição sugerida por Dotlás – olhou a deusa tlavatli e ela assentiu com a cabeça. – Dou, então, minha palavra de honra: se vencermos, acataremos os termos do trato proposto por Chiuknawat. Solicito a todos vós que façam o mesmo.

Os demais apressaram-se a repetir as palavras de Varjá. Raan enfrentou os olhares de todos por alguns momentos, mas acabou por ceder:

– Está bem, eu juro, pois de outra maneira vós não vos atreveis a ir à luta e estou ansioso por chutar os traseiros daqueles cretinos!

Tiakat sorriu, por dentro da deusa. Não estava inteiramente a par do jogo de poder entre aquelas entidades, mas sabia que nenhuma delas poderia violar um juramento sem ferir gravemente a própria essência.

Cumprida a formalidade, subiram a uma enorme altitude, Varjá apontou o sul e dispararam a voar, ajudados por uma poderosa corrente de jato subtropical reorientada por Chiuknawat. A caminho, começaram a materializar suas armas e armaduras. Varjá criou um tridente; Dotlás, escudo e lança; Tliká, um par de espadas de oricalco; Karmó, uma quantal; Raan, um pesado machado bipene.

Chiuknawat sentiu-se apreensiva. Não estava acostumada a usar armas físicas e não se sentia hábil com elas. “Deixa comigo”, sentiu-se pensar, “eu sou boa nisso”. Era a vez de a parceira humana inspirá-la. Materializou um varapau de cinquenta braças e tomou seu lugar na formação sugerida por Dotlás e liderada por Varjá. Depois de pensar um pouco, decidiu não tentar criar uma armadura. Apostaria na agilidade de Tiakat.

Cobriram oito mil estádios de Oceano em um sê, trocando opiniões sobre a tática,

antes de Varjá dar a palavra final e fazer sinal para baixar.

– Já os vejo – resmungou Raan.

– Vem comigo e Tliká para o ataque frontal – ordenou Varjá –, Dotlás e as moças, deem a volta. Tentemos pegá-los de surpresa.

No centro de uma chapada cercada de escarpas, projetando-se de uma ilha vulcânica tão escarpada e estéril que lembrava o Tártaro, uma coluna fulgurante descia do céu e passava por um deus aparentemente em transe e de mãos postas. Estava bem no ponto focal da meia-lua voltada para o norte formada por outros cinco deuses, de mãos estendidas em sua direção e de costas para um vulcão fumegante, que erguia-se lentamente do fundo do oceano.

Chiuknawat deu uma ampla volta, desceu com os dois companheiros em voo rasante ao longo da encosta vulcânica, vendo os inimigos de cima e pelas costas. Mal os conhecia, mas Dotlás os descrevera. Mavrit, o líder, apesar de chamado Ancião dos Dias pelos agartis, tinha a aparência de um adolescente andrógino e não muito alto – pelos padrões divinos, naturalmente –, de pele morena e cabelos longos, soltos e platinados. À esquerda, sua irmã-esposa Hauasa, a Bela, quase sua sócia, salvo pelo cabelo preso. À direita, Parkunas, o Trovejante, louro e barbudo, era o mais alto e robusto, adversário digno do poderoso Tliká. Napatas, o Sacode-Terra, barba e cabelo cor de fogo, mãos estendidas na direção de Atlântida, era o foco do encantamento e a prioridade dos deuses atlantes. Na ponta esquerda, o louro e esbelto Valnas, o Vivificante, um adversário mais poderoso do que parecia, segundo a preveniram. Na direita, o cornudo Pahusan, cujo cabelo castanho-escuro e traços animais destoavam do conjunto.

Com um urro que estremeceu rochas e iniciou um deslizamento na montanha, Raan descia sobre Napatas, a caminho de vibrar o machado na cabeça do deus em transe. Parkunas reagiu prontamente, sacando o dorje e disparando um relâmpago no intruso. Raan caiu em convulsões sobre o mar, erguendo uma vasta coluna d'água que se quebrou sobre o peito do indiferente Napatas.

“Cretino!” Pensou Chiuknawat. “Que lhe custava seguir o plano?”

Os outros deuses reagiram a tempo de verem os senzares e a tlavatli convergirem sobre eles. Dorje numa mão e machado na outra, Parkunas avançou, com um brado, na direção de Tliká, enquanto os demais formavam um quadrado defensivo em torno de Napatas. O tridente de Varjá disparou um relâmpago na direção de Mavrit, que se defendeu com um pequeno escudo e atirou-lhe sua lança de fogo. Dotlás desviou-a a tempo com a própria lança, mas a lança de fogo ricocheteou no chão e retornou às mãos do deus adolescente. Uma vigorosa chifrada de Pahusan derrubou Dotlás e os dois se engalfinharam em uma luta livre e suja que estremecia o solo. Karmó iniciava um duelo com Hauasa, que sacara a foice. Chiuknawat encarava Valnas, que sacara do nada um sabre imenso.

A deusa deixou Tiakat guiar o varapau e aparou agilmente a apressada investida de Valnas, cujos movimentos eram algo dificultados pela armadura, elmo e grevas que materializara para se proteger dos golpes do varapau. Reavaliando a inimiga, Valnas começou a fintar e atacar de maneira mais profissional, mas continuava confuso com as manhas do *ikximait*, a pouco conhecida arte marcial dos tlavatlis.

De repente, Chiuknawat saiu da defensiva e lascou um fulminante golpe rasteiro, milagrosamente evitado por um pulo oportuno de Valnas. Sussurrou uma senha, de súbito seu varapau esticou-se vinte ou trinta braças para golpear a espada de Valnas, que por um triz conseguiu evitar que ela lhe fosse arrancada da mão. Outro comando e o varapau, agora flexível como um chicote, enrolou-se feito cobra em torno do braço do espadachim. Não funcionou como esperava. Valnas, muito mais forte, puxou-o de repente e Chiuknawat, para não perder o equilíbrio ou o varapau, teve de libertá-lo.

Um ronco profundo começou a sair de dentro do monte vulcânico. Ela pressentiu que não era coisa boa antes mesmo que Varjá gritasse:

– Vai detonar!

– Vitória! – Proclamou Marvit, com uma voz inesperadamente musical.

Três deuses agartis responderam com brados de alegria. Napatas continuava em transe e a garganta de Pahuson estava entre as mãos impiedosas de Dotlás, que gritou:

– Chiuknawat! Plano Três! Já!

Ela saltou para trás e correu a uns vinte passos de Valnas, que não a perseguiu. Então, deu uma pirueta no ar e no momento seguinte, voltava a correr segurando com as duas mãos o varapau, agora transformado em lança e apontado para o coração do deus louro. Valnas materializou um escudo e permaneceu firme, enquanto Chiuknawat carregava. Ao se aproximar do alvo, o varapau subitamente se esticou para um comprimento de um estádio e meio e enfiou-se entre as rochas, a pouco mais de um passo do guerreiro imóvel. Agarrada na vara imensa, Chiuknawat elevou-se no ar. Valnas, compreendendo-lhe a intenção, tentou erguer-se no ar para interceptá-la, mas não foi rápido o suficiente. Ela desabou com todo o seu peso, potenciado por uma queda de mais de cento e cinquenta braças, sobre Napatas, derrubado de bruços com violência. Ela sentiu ossos quebrarem, felizmente não os seus. A cabeça do deus batera numa ponta da rocha e torcera-se em um ângulo estranho. De repente, desfez-se em centelhas e fumaça. Não era a morte, claro, simplesmente retornava ao Érebo. Mas tão cedo não conseguiria subir à Terra.

O vulcão subitamente explodiu, lançando um enorme pilar de fogo ao céu, enquanto a ilha corcoveava como um cavalo louco. Atordoadas, sem fôlego, meio cegas e meio surdas, Chiuknawat viu a coluna flamejante abrir-se em um enorme cogumelo e encobrir o céu, enquanto a terra se rachava. Então, julgou distinguir,

através da névoa dos sentidos, do estrondo da terra e do zumbido dos ouvidos, o que Dotlás tentava lhe transmitir:

“Chiuknawat, enfraquecemos a coisa. Rutá não vai afundar, mas o tsunami vai varrer Atlântis e a planície. Tentemos chegar antes e salvar alguma coisa.”

Ela tentou se erguer para voar, mas foi atingida por um relâmpago do dorje de Parkunas. Enquanto se debatia, enviou uma mensagem urgente para Tjurmyen.

Capítulo 76 – O sacrifício

Dividida em dois corpos, a mugal flutuava sobre os restos fumegantes da rukma em busca de mais partes recuperáveis. Encontrara inteiros alguns dos imensos cristais propulsores e radiadores de calor, peças valiosíssimas e de incrível poder. Não teria sentido tentar reconstruir a máquina, mas sua cabeça fervilhava de ideias sobre como pôr as poderosas peças a serviço da Comuna. Concentrava-se nessa tarefa para tentar esquecer a devastação do bairro onde encontrara a liberdade e passara toda a sua vida adulta.

Outros rebeldes a ajudavam com a limpeza da área e o resgate de corpos, divididos em duas equipes orientadas por Xizzin e Awesa. Um dos corpos de Tjurmyen, o tatuado, ouviu a primeira chamar com um assobio longo, sinal de ter encontrado algo importante. Foi ao seu encontro.

– O que foi... – Calou-se e pousou em silêncio.

Xizzin acocorava-se à cabeça de uma esplêndida armadura de oricalco, suja de fuligem, mas absolutamente intacta, encontrada sob um monte de escombros. Os rebeldes que a haviam trazido a cercavam.

Com as mãos trêmulas, Tjurmyen abriu e retirou o elmo, sentindo um terrível cheiro de javali assado. A armadura havia protegido a carne da carbonização quase total que fora o destino das outras centenas de tripulantes da máquina. Talvez também houvesse tornado a agonia mais terrível.

Ela conteve-se para não se regozijar com esse pensamento. Porque o rosto, mesmo assado a fogo alto, ainda era reconhecidamente idêntico ao de Sistu, como se fosse obra da mesma fabricante de peças de zenjogue. Se ele, em vez do amigo de Raltlor, houvesse encontrado alguém que o ajudasse a pensar e resistir, talvez...

“Mas ao menos”, pensou, “temos o direito de estarmos aliviados. Tivesse ele mais um teleporte de reserva, quando isto acabaria?” Suspirou fundo.

Nisso, a mensagem de Tiakat a apanhou em cheio.

– Xizzin! – disse a barda – Estamos em apuros!

– O quê? Como assim? – A amiga se espantou e os outros se agitaram.

– Uma onda imensa nos engolirá! Dayphong-xin avisou!

– Hem? Vamos avisar a todos, subir a prédios altos, à muralha!

– Não adiantará, é muito grande, derrubará a muralha, varrerá a planície... Só se deterá nas montanhas!

– Quanto tempo? – Perguntou a senzar, ansiosa.

– Deixe-me ver... oito mil estádios, avança agora mais ou menos um estádio a cada bater de coração... Um sê e um ag, ou pouco menos...

– Não dá! – Afligiu-se Xizzin – Até a montanha mais próxima, a Tríplice, são dois sê de marcha, a passo rápido! Salve-se você, voe!

A outra Tjurmyen pousou ao lado no mesmo instante.

– Ah, se pudéssemos reforçar a muralha... salvaríamos a cidade.

– Em um sê? – Objetou ela a si mesma.

– Claro, não dá. Mas pensemos, quem sabe... essas coisas que resgatamos são poderosas, será que poderíamos tentar vaporizar a onda?

Xizzin olhava abismada a discussão de Tjurmyen com ela mesma, virando-se de um rosto para o outro. Dois ou três ratos, assustados com alguma coisa, passaram correndo, à procura de algum canto onde se esconder.

– Brincando numa hora destas? Se fosse possível, o refluxo seria tão potente quanto a onda original, se não mais!

– Criar uma contra-onda? Se criássemos uma onda com o mesmo comprimento e frequência com diferença de fase de meio ciclo, provocaríamos uma interferência destrutiva e talvez...

– Doida! Como faríamos isso a tempo, com tamanha precisão? Seria preciso construir um concentrador, levá-lo até...

– Tente ajudar, pense alguma coisa! Se não dá para salvar a cidade, pelo menos algumas pessoas, o maior número possível! Esfrie a cabeça, mergulhe a cabeça no gelo, se precisar e pense!

– Esfrie... esfrie... – murmurou Xizzin. – Tjurmyen! – Gritou.

– Hem? – as duas reagiram ao mesmo tempo.

– Acho que é só mais uma ideia maluca, mas já que vocês estão falando de tantas coisas malucas... E se congelassem o mar?

– Congelar o mar? Água salgada? – Perguntou a Tjurmyen sem tatuagem, pensativa.

– Esqueça, foi uma bobagem... – Disse Xizzin, desacoroçada.

– Não, é uma boa ideia! – Exclamou a segunda Tjurmyen, subitamente animada. Os cristais refrigeradores da rukma...

– Se cada uma levar um em cada direção, ao longo da costa... – Cada uma delas puxou de um ábaco da cintura e pôs-se a calcular freneticamente.

– Mas a quantidade de calor é brutal, não sei se vão aguentar...

– É um pouco menos, a água está fria, estamos no auge do inverno...

– Faz pouca diferença. Mesmo assim, equivale ao poder de um grande terremoto. Vão chegar ao limite da capacidade ou um pouco além e se a coisa explodir...

– Estamos fritas, claro. Mas o raio de devastação é de uns quinhentos estádios. A essa distância não atingiria a costa, apesar de poder atingir algum navio ou pescadores...

– Vale a pena!

– Vamos lá – e correram a dois aparelhos recolhidos a um canto, cada um deles contendo um grande cristal azul encaixado em um cone de oricalco. Freneticamente, pegaram ferramentas e puseram-se a tentar ajustar os aparelhos.

Xizzin, hesitante, aproximou-se.

– Posso ajudar em alguma coisa?

– Já deu uma boa ajuda. Deixe conosco – disseram as duas, em uníssono.

De repente, o chão começou a se sacudir em ondas horizontais e verticais. Tremores de terra não eram raros em Atlântida, mas este era excepcional. O grito de Xizzin foi abafado por um trovão distante, rouco e vibrante, que vinha da própria terra. Agarrou-se, assustada, a um poste. Ouviu-se o desabar de algumas árvores e construções menos sólidas, o ar se encheu de poeira e o céu ficou negro. Aves chilrearam em pânico. As Tjurmyen, concentradas em sua tarefa, pareciam alheias a tudo. Mas não estavam:

– É a primeira onda de choque do terremoto – disse a tatuada a Xizzin, acabando de ajustar uma peça ligeiramente deformada.

– Outras virão, mas não mais fortes do que isso – acrescentou a outra, olhando rapidamente em volta. – A maior parte da cidade aguentará, as muralhas e galerias também. Já sobreviveram a muitos milhares de anos de tremores...

O tremor cessou, depois de um tempo que deve ter sido insuportavelmente longo para milhões de atlantes.

– Precisamos agora adequar a vibração dos cristais e chegar ao máximo possível de potência... – disse a tatuada.

– Impossível pôr o reator para funcionar, tem de ser no grito. Tape as orelhas, Xizzin!

Ela obedeceu e mesmo assim ficou com os ouvidos zunindo com o acorde potente e altíssimo que as duas trincaram em perfeita afinação. Os cristais brilharam com uma luz azulada e uma camada de gelo começou a se formar à sua frente. As duas passaram correntes em torno da cintura e as ligaram, cada uma, a uma daquelas coisas. Naquele momento, foram abaladas por um mau pressentimento. Mas a alternativa era pior.

– Nem um instante a perder! Adeus Xizzin, vocês estão salvos, acredito, mas talvez não consigamos voltar. Se encontrar Tiakat e Sistu, digam-lhes que nós os amamos! – disse a tatuada.

– Que... – murmurou Xizzin, mas as duas já se afastavam rumo ao mar, à máxima velocidade que podiam, com aquelas coisas penduradas à cintura por correntes curtas.

As duas Tjurmyen voaram lado a lado a baixa altitude, rumo ao mar aberto, enquanto os cristais se ativavam à plena potência, formando uma camada de gelo cada vez mais espessa sobre o mar. Ao chegarem a uns quinhentos estádios, os

cristais já eram tão ativos que congelavam o mar até o fundo, que naquele ponto deveria estar a quase cinquenta braças da superfície. A expansão do gelo, ao sobressair da água, formava uma poderosa muralha branca que se expandia com a velocidade do voo das gêmeas. Então, fizeram curvas de noventa graus. Uma se dirigiu para o oeste e outra para o leste, estendendo uma barreira branca paralela à costa da Atlântida.

Suas amigas Xizzin e Awesa teriam dito que aquilo era um raio de frio. Mas Tjurmyen sabia que tal coisa não existia. Os cristais absorviam o calor do mar como aspiradores, violando pelo poder da magia algumas das leis normais da natureza, mas não outras. O calor se acumulava nos cristais a uma taxa muito mais alta do que era possível dissipar para outros planos e isso era uma quantidade aterradora.

Pela sua estimativa, daria justo para cobrir a amplitude do litoral no tempo de um sê de que dispunham antes que o tsunami chegasse. Pouco mais ou pouco menos. Não tinham certeza absoluta da velocidade da onda, pois dependia das variações da profundidade do oceano ao longo do percurso e não as conheciam com exatidão.

Tinham ainda menos certeza sobre se os cristais resistiriam ou não até o fim do percurso. Mas uma coisa sabiam com segurança. Quando chegassem ao limite, explodiriam com a força de mais de cem milhões de *don* de seus melhores explosivos químicos. Qualquer ser vivo no raio de quatrocentos estádios estaria morto. No raio de uns quarenta estádios, seria engolido por uma bola de fogo quente como o sol.

O importante é que estava dando certo. Há pouco menos de um sê, pelo menos sessenta e quatro milhões de vidas estavam condenadas, junto com a maior cidade do mundo e a mais rica e poderosa das nações. Agora eram apenas umas poucas vidas em risco. Se acontecesse, piscaria os olhos e estaria com seus irmãos, pais e avós.

Notou uma leve deformação do horizonte. O tsunami já chegava, momento de parar. Mas ainda faltava um pouco para chegar ao fim da planície e cada estádio a mais seriam mais vidas poupadas...

<Sissã-xin! O que você está fazendo?>

Olhou na direção de onde vinha a mensagem, por cima do ombro direito, mas o enorme corpo de Chiuknawat estava longe demais para ser visto. Ainda bem. Talvez nem uma deusa estivesse segura perto dali.

<Dayphong-xin! Que bom, você está bem...>

<Nem tanto, mas... Sissã, pare já!>

Um segundo Sol brilhou no Sul, frente ao extremo oeste da planície de Atlântida.

Tiakat recobrou a consciência e o controle dos músculos junto com Chiuknawat, bem a tempo de rolar no chão e deixar a foice de Hauasa se enterrar na rocha ao lado do seu pescoço. Rematerializou o varapau para aparar as investidas da deusa

agarti, cujo cuidadoso penteado se soltara. Com os olhos injetados de fúria, virara uma górgona platinada.

A ilha afundava um pouco a cada sacudida, mas os deuses ainda de pé, furiosos, prosseguiram a batalha. Karmó esquivava-se de Valnas no chão. Tliká lutava com Parkunas, entre as nuvens de poeira vulcânica. Também no ar, com a lança de fogo, Mavrit fulminou Dotlás, que se desfez em chispas. A poucos passos abaixo, Varjá estava prestes a dominar Pahusan com uma chave de pescoço, mas em vez de socorrer o aliado em apuros, Mavrit mergulhou em auxílio de Hauasa e mirou outra vez a lança, decidido a expulsar a deusa tlavatli do mundo corpóreo.

Chiuknawat, aflita, não sabia se olhava para cima ou para baixo. Prestava atenção na lança para esquivar-se, ou aparava a foice da descabelada?

Decidiu aparar às cegas e olhar para cima, a tempo de ver um enorme machado voar como um meteoro e cortar fora o braço direito de Mavrit, pronto para atirar a lança. Ouviu um rugido de leão que acaba de abater a presa.

Sentiu o varapau bater na foice e aproveitou a posição para um golpe lateral em Hauasa, antes que ela conseguisse armar outro ataque. A armadura a protegeu, mas a agarti perdeu o equilíbrio, caiu de costas e rolou, ágil, para fora de seu alcance.

Ouviu algo cair às costas e girou os calcanhares num átimo. Deitado de costas na rocha, Mavrit gemia e agitava o toco de braço em desespero, como para acelerar sua regeneração. Ela saltou para perto e enfiou vigorosamente o calcanhar direito na virilha do deus ferido, que deu um berro e desmaiou.

– Isto foi por Tjurmyen! – bradou Chiuknawat.

Fez ponta no varapau e meteu o golpe de misericórdia na garganta de Mavrit, que se desmanchou em fagulhas. Ouviu o grito agudo de Hauasa e abaixou-se a tempo de tirar o pescoço do caminho de um furioso golpe de foice, sentindo-a roçar o crânio. Golpeou-a nas pernas, mas sem força suficiente para derrubá-la.

– Retirada! – Era a voz de trovão de Parkunas. – Mavrit caiu! Reagrupar no Érebo!

Pahusan também acabara de dissipar-se, com o pescoço quebrado por Varjá. E Valnas se foram imediatamente. Hauasa, com um olhar de ódio, ainda encarou Chiuknawat por alguns momentos, mas desistiu. Seguiu-os.

– Tão rápido fugiram? – Era Raan, a juba encharcada, aos brados. – Que pena! Atrasei-me, só peguei o final da festa e ainda por cima a negrona me roubou o par. Espero que vos tenhais divertido com as menininhas platinadas! – Sorriu para Chiuknawat.

– Cala-te, insubordinado! – Bradou Varjá, furioso. – Por que não esperaste meu comando, como ordenei?

– E deixar-te toda a glória pela vitória? – Desafiou Raan.

– Caraca! – Disse Chiuknawat, ignorando Varjá e pondo a mão no ombro de Raan.

– Jamais imaginamos te dizer isto algum dia, mas que bom te vermos! Não sabemos como agradecer!

– Eu sei! – Raan piscou o olho e fez uma figa com a mão direita. – Descei conosco ao Érebo e vos mostro. Vamos comemorar!

– Hum... Outro dia, talvez! – A deusa desconversou. – Temos muito a fazer aqui. Mas obrigadas pelo convite!

Sem esperar mais, despediu-se com um aceno e alçou voo, deixando-os discutir. O corpo começava a lhe doer, menos das contusões e ferimentos do que da permanência na Terra em forma divina. Os deuses senzares deviam estar sentindo o mesmo e não tardariam em voltar ao lar. Mas o jeito mais rápido de chegar e tentar salvar quantas vidas pudesse era voar como deusa. O corpo de Tiakat não suportaria tal velocidade e altitude. Rilhou os dentes e concentrou-se em voar, voar o mais rápido possível para esquecer a dor.

Passou-se um tempo angustiante, interminável, até perceber estar alcançando o tsunami, com a costa já no horizonte. A parceira humana chamou Sistu, mas encontrou-o entorpecido demais para despertar. Tentou então Tjurmyen. Encontrou-a e perdeu-a, quase no mesmo instante. Um segundo Sol brilhou à sua esquerda, um pulso de radiação atingiu-lhe o corpo dolorido, perdeu as forças e caiu em parafuso. Tentou de novo chamar Tjurmyen. Uma se fora, a outra se apagava.

Enquanto descia, voltou, aflita, a tentar chamar o vira-peles recém-nascido.

Sem pensar em se vestir, Sistu correu entre enfermeiros e feridos atônitos e disparou para a rua. Estava claro o que Tiakat esperava dele, mas não tinha certeza de como se fazia. Viu uma construção semi-arruinada fácil de escalar e imaginou que seria mais fácil partir de um lugar alto. Subiu em dois ou três pulos.

E agora? A transformação anterior fora involuntária e descontrolada, não sabia bem como provocá-la, mas precisava descobrir e já. Pensou em voar, bateu os braços como se fossem asas, sentiu-se meio tolo. Não, não adiantava.

Lembrou-se da estranha sensação de beber o sangue dos amigos e então sentiu algo estranho dentro do peito. Concentrou-se naquela sensação e sentiu o pulso acelerar e a pele aquecer-se. Era um pouco assustador, como ter uma ereção no corpo inteiro. Então, sentiu outra vez a pele se expandir, o cabelo cair e o rosto se deformar, mas daquela vez foi mais prazeroso do que doído. As pedras começaram a ceder sob o peso subitamente aumentado. Deixou a transformação continuar além do ponto em que se detivera antes e voltou a diminuir de peso, sua estrutura tornou-se mais leve. Reequilibrizou-se, abriu as asas e alçou voo na direção és-sudeste, com muito mais facilidade que antes, pois tomara a forma de um draco perfeito e não de um híbrido.

Pensou se não deveria voar diretamente para o sul e buscar Tiakat. Mas tal como ela pintara a situação, Tjurmyen corria mais perigo. Obedeceu.

O Sol já ia alto no céu quando decolou. Voou o mais rápido que podia, com o vento a favor, mas o meio-dia chegou antes do meio do caminho.

Estava morta, compreendeu Tjurmyen. Reconheceu o Hades e os fantasmas à sua volta. Desta vez não estava de visita, só lhe restava procurar os parentes e reunir-se a eles. Suspirou e saiu à procura.

Mergulhada em água gelada, era puxada para baixo pelo peso amarrado na cintura. Frenética, procurou a fivela e conseguiu soltar-se. Buscou, angustiada, a superfície e respirou, aliviada. Estava a menos de um estádio da ponta da barreira de gelo que criara. Parecia mais alta do que calculara, umas dez braças acima do nível do mar...

Moglaen a encontrou primeiro, com ela estavam o pai, os irmãos e o avô Bayguar. Abraçou-os, longamente, sentindo-se uma criancinha no seu lar, antes de tomar conhecimento de todas as misérias que a cercavam. A mãe então exclamou:

– Mas a linda filha não está inteira aqui!

Sentiu o mar subir. De repente, a onda imensa quebrou-se com um estrondo ensurdecedor contra a larga barreira branca. Um mar de espuma correu sobre dezenas de braças de gelo e perdendo o ímpeto antes de chegar ao outro lado, como ela esperava. Onde ela estava, porém, a onda passou sem encontrar obstáculo. Devia dar nas falésias ao final da planície. Tomara que não houvesse muita gente lá.

– Nunca vi coisa assim! – Disse o avô Bayguar, afastando-se para observar melhor. – Ela está meio cá, meio lá!

Tjurmyen, confusa, olhou para o próprio corpo fantasmagórico. Não tão fantasmagórico quanto era de se esperar. Tinha cor e definição, não tanto quanto o de um vivo no Hades, mas também não como um morto qualquer.

Tjurmyen, confusa, foi arrastada pelo redemoinho causado pelo choque do tsunami com a barreira de gelo e lutou para não ser outra vez puxada para o fundo. Quando o movimento amainou e pôde respirar, deslindou o quebracabeças. A compreensão então veio rápida, de ambos os lados.

Seu corpo tatuado, no qual pensava como Tjurmyen-Kinzhyn, fora desintegrado pela explosão, três mil estádios a oeste. O choque fora tão brusco que o alter ego, Tjurmyen-Tjurtsi, desmaiara, mas ainda estava viva e seu cristal não explodira. Por que não? Iria ainda explodir? E, mais urgente, por que não conseguia mais voar?

Considerou o enorme pulso de força mágica que devia ter-se desprendido do cristal no momento da explosão. Coisa tremenda, muito maior do que a implosão do Sol Sombrio que havia derrubado tantas aeronaves no dia anterior... fora mesmo o dia anterior? Sim. Ela, que estivera no subterrâneo no momento crítico, não sentira nada, mas muitos aparatos mágicos que estavam na superfície falharam ou tiveram dificuldades pelo resto do dia. A rukma voara mal e lentamente, embora parcialmente protegida pelas sólidas construções entre as quais estivera pousada.

Aquilo interferira em seus poderes. Vendo pelo lado positivo, também devia ter desativado o outro cristal. Devia estar ali mesmo no fundo, bem embaixo de seus pés, carregado com um nadinha menos que seu limite. Explodiria quando o efeito passasse? Não, provavelmente não. Para funcionar, dependera do seu esforço mágico consciente. A coisa ficaria enterrada no lodo, passiva, até que alguém a resgatasse ou tentasse ativá-la.

Bom. Agora, o que fazer? O risco era morrer de hipotermia. Já se sentia gelada. Esforçar-se para nadar a aqueceria? Não, bobagem, isso fazia circular mais água gelada dentro do macacão, levava sangue às extremidades, fazia-a perder calor mais rápido. Cruzou os braços, abraçando a si mesma e trançou as pernas dentro d'água, tentando aconchegar-se. O mar agora estava calmo e lhe permitia manter a cabeça fora d'água naquela posição. Se ao menos pudesse cantar...

Tiakat viria resgatá-la? Arrepiou-se. Deu-se conta de que seu amor estivera ainda mais perto da explosão. Bem, na pior das hipóteses estaria em situação semelhante. Se estivesse morta, seu alter ego já a teria encontrado. Não adiantava se preocupar. Concentrou-se em acompanhar o reencontro do seu fantasma com a família e ouvir Kintjur, que tentava distraí-la. O pior que podia acontecer era morrer de novo e já sabia como era. Ficaria longe de Tiakat, Sistu e seus amigos, mas um dia seus fantasmas se reencontrariam.

Esperou.

Sistu sobrevoou, por fim, a ponta leste da barreira de gelo, onde, segundo Tiakat, talvez Tjurmyen pudesse ser encontrada. Flutuavam flocos de espuma e pedaços de gelo desprendidos da barreira, mas não a viu, embora sua visão de draco fosse mais aguda que a de uma águia.

Afastou-se vários estádios além do fim da barreira e deu a volta, passando de novo em um voo mais baixo. Viu então, dois estádios ao largo do gelo, algo redondo. Aproximou-se, era uma cabecinha para fora d'água, com o olhar perdido no além.

Passou voando bem baixo à sua frente, mas ela não reagiu. Estaria morta? Inconsciente? Tentou chamar sua atenção cuspiendo fogo sobre o mar. Nada.

Pensou. Pousou sobre a escarpa de gelo mais próxima, concentrou-se naquela sensação no fundo do peito e retornou a forma humana. Viu-se nu, agachado sobre o gelo. Mergulhou e nadou vigorosamente até agarrar Tjurmyen pela cintura e isso finalmente a tirou do torpor.

– Mistonti-bã! Aqui? – ela falava com uma voz quase ininteligível, nada característica.

– Poupe as forças, vou levá-la até o gelo.

– Estou com frio...

– Sei, mas é só um momentinho.

Conseguiu erguê-la sobre uma beirada do gelo, a pôs no colo, com os braços em

torno de seu pescoço e abraçou-a, para aquecer um pouco o corpo que tremia violentamente. Ela o agarrou e ficaram assim até ele sentir que também estava esfriando demais. Espirrou com força sobre o ombro de Tjurmyen.

– Com licença, é que precisamos ir embora daqui...

Deitou-a, afastou-se alguns passos, invocou de novo o ardor no coração e expandiu-se outra vez em draco. Saltou e agarrou-a em pleno voo, batendo asas em direção à costa mais próxima. Tjurmyen continuava a tiritar.

Dois ags depois, alcançava a praia. Fez um voo lento e rasante, largou Tjurmyen sobre um monte de areia fofa e morna e pousou a seu lado. Aninhou-se, então, sobre ela, como um cisne sobre seu filhote, à espera de que ela parasse de tremer. Como draco não só era maior, como muito mais quente que um humano. Do alto de uma pequena colina à esquerda, espantados aldeões apontavam uns para os outros a estranha cena.

Mas ele estava mais interessado no mar.

Chamou Tiakat mais uma vez.

<Quase chegando...>

As pessoas na colina gritaram e apontaram o horizonte. Sistu olhou naquela direção e por algum momento, não viu nada. Então, a uns oitenta estádios, despontou o que, à primeira vista, parecia um monstro marinho, jorrando água para os lados e nadando a uma velocidade impossível na direção da costa.

O draco ergueu a cabeça e urrou, feliz. Já quase na praia, a coisa se ergueu e se revelou como uma deusa nua, de cinquenta braças de altura, que caminhou com dificuldade os poucos passos que faltavam para a beira. Esgotada, caiu pesadamente de joelhos à sua frente, apoiando-se nas mãos e arfando, de língua de fora.

Tjurmyen saltou do seu colo e correu, mas tropeçou e caiu na areia. A gigante deu-lhe um sorriso dourado e começou a encolher muito rápido, enquanto as feições mudavam um pouco. Tiakat cambaleou, então, de encontro à sua companheira.

Sistu retomou a forma humana e saltou a seu encontro. Bem a tempo de se unirem em um abraço triplo.

– Você ainda está tremendo... – Disse Tiakat. – Vamos cuidar disso. Mistonti-xin, vamos dar um pulo lá em cima e pedir um cobertor e um caldo quente a esse pessoal...

Capítulo 77 – Um novo poder se levanta

Um toque de trombeta e as portas abriram-se de par em par. Sistu passou rapidamente os olhos pela imensa sala do trono. Os cadetes haviam feito um bom trabalho: ninguém diria que há alguns dias aquilo havia sido um acampamento militar improvisado. O palácio recuperara sua majestade.

Caminhou com passos calmos e determinados pela larga passarela entre as longas fileiras de jovens cadetes enfileirados entre as colunas magnificentes. Tjurmyen o acompanhava à direita e Tiakat à esquerda. Ao chegarem a cerca de três braças do estrado sobre o qual se erguiam os tronos, os três se detiveram lado a lado e homenagearam o Casal Imperial com uma leve vênia. Era um atrevimento insólito, quase um insulto. Sistu ouviu nitidamente centenas de cadetes arfarem ao mesmo tempo. Só embaixadores de uma grande potência independente agiam dessa maneira.

Não estavam usando suas correntes, mas seus estatutos originais já eram conhecidos de todos. De uma atlante de correntes de bronze, como Tiakat, esperava-se que se prostrasse e tocasse o chão com a testa, de um corrente de prata, como Sistu, que humildemente se ajoelhasse de mãos postas, de uma corrente de ouro, como Tjurmyen, que dobrasse um joelho. Mesmo de um rei vassalo se esperaria uma reverência algo mais profunda. Como se isso não bastasse, os três usavam *voziohus*, coisa proibida a um súdito ante o soberano.

A Imperatriz, vestida com uma capa de penas da raríssima fênix dourada, não conseguiu conter um leve esgar de desgosto. O irmão, cujo manto era de pele de draco dourado, permaneceu impassível. Sistu precisou lembrar a si mesmo de suas convicções revolucionárias para seguir o plano e manter os joelhos firmes. A dupla saberia inspirar respeito mesmo que a veneração da monarquia não fosse incutida em todos os atlantes desde a infância. Constatado e compreendido o efeito, porém, não era tão difícil enxergar por trás da aura de poder e magia e vê-los como seres humanos, ainda que capazes e temíveis.

Xar Atlás Zandi lembrava um tio Jariô menos idoso e com muito mais inteligência. Pensando bem, veria algo muito semelhante no espelho quando chegasse à sua idade, se quisesse viver como uma máquina de governar. A irmã, Xar Atlás Tuzin, lhe parecia menos implacável, mas sabia que não devia subestimá-la.

De pé, ao lado dos tronos dourados – o do Imperador, conformado como um draco de asas abertas, o da Imperatriz, como uma fênix – jovens cortesãos perplexos tentavam posar como conselheiros imperiais. Nenhum tinha mais que uma corrente de ouro e alguns provavelmente a haviam recebido na véspera. Do lado de dentro das muralhas, ninguém de estatuto mais elevado que hinciós permanecera leal à casa

imperial e sobrevivera.

Sem esperar permissão, Tiakat tomou a palavra, dupla quebra de protocolo, visto ser seu estatuto o mais baixo dos presentes em todo o salão. Dirigiu-se ao casal como Nenvatar e Levatar, reconhecendo informalmente seu estatuto de Imperadores, mas sem chamá-los de “nossos amadíssimos soberanos” nem acrescentar a costumeira sucessão de títulos que começava por “sucessores de Quaxar e Atlás, senhores de Atlântida, protetores e juízes dos dez reinos e de todos os seus vassalos...”.

Enquanto ela apresentava aos três como porta-vozes do Governo Provisório da Comuna de Atlântis, Sistu examinava as reações do casal. O Imperador continuava impenetrável, a irmã os observava com sinais de preocupação. Ambos também usavam *voziohus*, claro.

Quando a tlavatli terminou, o Imperador interveio, sem dirigir-se a nenhum dos três em particular:

– Espero que ninguém mais volte a tentar fazer de nossas pessoas prisioneiros em nosso próprio palácio.

Tiakat olhou para Tjurmyen, que tomou a palavra.

– Não, Nenvatar – respondeu a mugal, com o mesmo tom severo e sereno. – A Comuna reconhece a soberania direta da Casa Imperial sobre a Cidade Proibida, o canal principal e as tropas aqui aquarteladas. A família imperial pode contar com total liberdade de movimento pela metrópole, sob nossa proteção, ou para fora dela, quando o desejar. Nossa Comuna não reivindica autoridade dentro das muralhas de cobre, mas apenas sobre os cinquenta bairros da capital e os dois subúrbios, o dos Bosques dos Amores e a Necrópole. Como cidade livre, esperamos ter relações amigáveis e pacíficas com os Tronos Imperiais.

Apesar da estatura miuda e da aparência suave e inofensiva, a barda imprimiu tal tom de majestade e autoridade à voz que, por um momento, soou mais grandiosa que os dois soberanos, somados aos respectivos tronos e ao grandioso estrado que os apoiava.

O espanto da corte e dos cadetes foi audível, ainda que contido. O Imperador não piscou, mas devia ter compreendido que insistir naquela linha era arriscar o seu precioso lustre de autoridade suprema. Pôs a mão no queixo, como um jogador que considera com cuidado o próximo movimento no tabuleiro ao perceber uma ameaça imprevista a uma peça importante. A irmã respirou fundo e interveio, falando num tom que fez Sistu lembrar-se dos esforços da mãe por mostrar toda a sua decepção com as extravagâncias do filho excêntrico.

– Filhos, sois nossos súditos e não é mais apropriado a um súdito propor amizade a seu Imperador, que um filho à mãe ou um sobrinho ao tio. Ainda mais despropositado é o coração discutir com a cabeça seu lugar no corpo. Esqueçamos

este absurdo e começemos de maneira mais auspiciosa. Vós, como a maior parte do povo de Atlântis, mostrastes coragem e iniciativa em um momento difícil. É justo que vossa impertinência seja perdoada e recompensas apropriadas sejam concedidas a vós e ao povo da capital.

Tjurmyen olhou de soslaio para Sistu, sinal combinado para que tomasse a palavra. Ele aceitou de pronto.

– Respeitada Levatar, os últimos acontecimentos mostraram que a Comuna pode garantir a própria segurança e não queremos continuar como um peso para o Exército e da Justiça imperiais. Decidimos escolher leis de nossa iniciativa, responsabilizarmo-nos por sua aplicação e proteger nossas muralhas com nossa própria coragem. Naturalmente, continuaremos a manter a Marinha e o Palácio com uma parte do produto do nosso trabalho. Isto atende tanto aos interesses do povo de Atlântis quanto aos vossos.

A Imperatriz Tuzin estreitou os olhos, seu irmão levantou um pouquinho uma das sobancelhas. O equivalente a pular da cadeira para pessoas comuns. “Bom sinal”, pensou Sistu, “começam a nos levar a sério”. Conselheiros se mexeram e pigarrearam, mas o Imperador lhes fez sinal para manterem silêncio e voltou a falar, olhando para Sistu.

– Se vossas palavras são verdadeiras e não anuncias outra traição, mas propondes outra maneira de servir ao império, isso vem ao encontro dos novos usos e leis havidos por bem pela Casa Imperial, dos quais o Império poderá extrair uma nova força e uma nova fonte de felicidade. Se não vos excederdes no desejo imoderado de inovações, compreenderéis que vossos desejos se harmonizam com nossa justiça.

“O Imperador pretende fazer da necessidade virtude” – pensou Sistu – “e apresentar o fato consumado como uma graça dos soberanos. Bem, se ele ceder no essencial, podemos deixá-lo salvar as aparências ante o resto do Império... mas deixando claro os nossos termos”.

Os Imperadores o olhavam, mas o combinado era sublinhar a igualdade e solidariedade dos porta-vozes da Comuna passando a palavra um ao outro. Qualquer delas certamente percebia a situação tão bem ou melhor que ele mesmo. Decidiu olhar para Tiakat.

– É uma ótima notícia para todos – disse ela – que os desejos da Casa Imperial coincidam com os nossos. Estamos felizes em comunicar-vos que a primeira reunião do Conselho do Governo Provisório após a vitória acaba de aprovar por unanimidade a alforria imediata de todos os servos, escravos e não-pessoas, a abolição desses estatutos e a convocação de todos os homens, mulheres e seres falantes para eleger dois delegados de cada um dos distritos e subúrbios para a Assembleia que redigirá nossos foros e definirá como cuidaremos de nossa própria força e felicidade. Como dizemos em tlavatli, *taltikpak tokichtin tiets*, “a terra será

como as pessoas forem”.

O Imperador e a Imperatriz simplesmente assentiram com a cabeça.

“Na mosca”, pensou Sistu. Não pôde deixar de admirar o sangue frio do Casal Imperial ao engolir a notícia inesperada sem deixar de dar a impressão de que tudo fora feito com seu conhecimento e aprovação.

A audiência continuou por mais algum tempo, mas o essencial estava dito, quer os perplexos conselheiros imperiais tivessem compreendido o que acontecera, quer não. Durante a troca de gentilezas que se seguiu, a Imperatriz contou a Sistu que já julgara Zissar, capturada viva pelos cadetes de Artás e a condenara a ser reduzida a não-pessoa e transformada em propriedade da Prefeitura do Paço como mulher-javali, sendo destinada ao trabalho de limpeza dos esgotos. Sistu respondeu-lhe que a Comuna respeitaria a jurisdição do Casal Imperial sobre a Cidade Proibida – e que, pessoalmente, achava justíssimo o veredito. Era contrário à escravidão, mas aquele caso era bem digno de uma exceção.

Os três tiveram a fineza de deixar aos Imperadores a iniciativa de encerrar a audiência. Agradeceram a atenção com outra vênia e calmamente deram-lhe as costas e caminharam para as portas abertas, ignorando as centenas de olhos arregalados.

Capítulo 78 – A vocação de Artás

– O Casal Imperial, felizmente, não nos criou problemas – relatou Kasmin ao Conselho. – Os restos desmoralizados das guarnições hegemônicas renderam-se e aceitaram nosso comando sem discutir e os exércitos imperiais lá fora, ocupados com perseguir e punir os partidários de Odu Arpá e evitar que as potências inimigas se aproveitem da crise, estão felizes em acatar a diretiva do Imperador para deixarem a Comuna em paz. Como mediadora e porta-voz do Governo Provisório, Tjurmyen tem dado tudo de seus talentos para manter as discussões da Assembleia em um rumo produtivo, enquanto Tiakat tem organizado o cuidado dos órfãos, feridos e desabrigados e nos ajuda na distribuição das tarefas da reconstrução...

Saíam-se ambas muito bem, pensou Sistu, bem melhor do que ele ao tentar recrutar e organizar as novas guarnições da muralha. Sua experiência como líder guerrilheiro intuitivo e improvisado não lhe dera recursos para estabelecer as rotinas e a disciplina necessária para uma tropa regular, muito menos o gosto por essa missão. Começava a se apavorar com a possibilidade de ter de responder por isso por anos a fio. Não havia ninguém mais capacitado que merecesse a confiança da Comuna.

Pensava nisso quando viu Chachat-pu, o mensageiro, chegar e erguer as duas mãos para Kasmin: sinal de urgência. Kasmin interrompeu-se, pediu licença para ouvi-lo e chamou-o. O rapaz tlavatli lhe disse algo no ouvido. Kasmin assobiou e tomou a palavra.

– Companheiros do Conselho, acabo de ser informado que todos os líderes da rebelião dos cadetes, inclusive Artás, foram convidados pelo novo Ministro da Guerra a solicitar desligamento da Academia e baixa do Exército “por motivos pessoais”, com a promessa de serem atendidos com presteza, sem desonra e com um pagamento justo pelos serviços prestados.

– Como assim? – espantou-se Tiakat.

– Sem a iniciativa de Artás, o Imperador poderia estar morto e o Império acabado! – indignou-se Tjurmyen.

– Não estou tão surpreso – disse Kasmin. – Aprovar uma ruptura da cadeia de comando seria, para a tradição militar, um péssimo exemplo. Até que foram compreensivos. Nos velhos tempos, Artás e seus camaradas enfrentariam a corte marcial junto com os mentôs que apoiaram Odu Arpá e teriam de escolher entre a morte e a escravidão. É inaceitável um cadete se rebelar contra seus mestres e comandantes, por melhores que sejam os motivos.

– Será que aceitariam postos na Comuna? – Sugeriu Sistu. – Há pouquíssimos

entre nós com alguma experiência militar. Alguém terá de manter a Guarda Popular treinada e organizada. Kwonos-pu e eu fazemos o possível, mas precisamos de ajuda.

– Há pelo menos dois poréns – ponderou Kasmin. – Primeiro, os cadetes não têm os nossos ideais. Aliaram-se a nós por necessidade, para tentar salvar a velha ordem. Segundo, eles têm pouca experiência. Artás, por exemplo, era apenas um cadete do primeiro ano.

– Não sei muito dos outros – admitiu Sistu –, mas conheço bem Artás-pu. Ela é ambiciosa e obstinada, mas não é tão fiel à velha ordem quanto a seu senso de honra e justiça. Trabalhará para nós se a Comuna for digna de sua lealdade e lhe der o reconhecimento que procura. E a experiência de que precisamos é a que tivemos juntos.

– Também conheço Artás e apoio Sistu – acrescentou Tiakat. – Precisamos dela tanto quanto ela, agora, precisa de nós.

Capítulo 79 – A nova era

Sistu terminou mais um dia de trabalho no catálogo de inscrições em cari e tlavatli arcaico recém-descobertas no Sumidouro de Atlântis, espreguiçou-se e agradeceu silenciosamente a Artás pela paz e liberdade recuperadas.

Ela não se fizera de rogada. Desdenhada e traída pelo Império, disposta a seguir a recém-descoberta vocação militar, Artás agarrara a oportunidade com unhas e dentes. Sem ninguém lhe pedir, jurou por Gutis lutar até a morte pelas liberdades da Comuna. Em dias, a monarquista tornara-se a mais fervorosa das militantes comuneiras, sinceramente dedicada de corpo e alma, doze sês por dia, ao sucesso da revolução. Em poucos meses, transformara a Guarda Popular em tropa de impor respeito. Sistu, aliviado, entregara o cargo ao novo Conselho da Comuna, eleito de acordo com o novo Foral.

Caminhou pelo pátio com leveza e saudou a barulhenta turma de operários que saía de sua jornada na reconstrução da reitoria. Era como seus primeiros dias naquela cidade, só que melhor. O Instituto de Kisharografia e História era agora um órgão da Comuna de Atlântis e sentia as dificuldades de se arranjar com um orçamento muito mais modesto, desde que perdera o patrocínio do Imperador. Por algum tempo, não seria possível pensar em grandes trabalhos arqueológicos ou expedições a lugares distantes.

Mas o lugar fervilhava de novas ideias, a partir das quais textos bem conhecidos de qualquer estudante e objetos aparentemente irrelevantes rendiam descobertas todos os dias, tão surpreendentes quanto qualquer relíquia mágica que pudesse ser trazida do outro lado do mundo. Naquela mesma tarde, Sistu encontrara em uma antiga tampa de esgoto uma prova de que não só o Sumidouro como o Grande Canal datavam da era tlavatli.

Ao entrar no atravancado corredor do alojamento, encontrou Kasmin, prestes a abrir a porta de um quarto.

– Kasmin-pu – chamou-o, entusiasmado, brandindo o diário de anotações – acho que descobri algo bem interessante nos glifos do terceiro nível...

– Imagino, Sistu-pu, já me contaram algo... mas deixe os detalhes para a reunião da manhã. Agora quero descansar – respondeu o mestre, abatido, sob um manto azul-escuro.

Passadas as urgências da revolução e da instalação do governo, o ex-comandante finalmente se entregara ao luto pela perda da esposa e da maior parte dos amigos. Sistu não insistiu, mas preocupava-se com o desânimo de Kasmin.

O ambiente, decerto, não ajudava. Estava desarrumado, malcheiroso e

superpovoado. A Comuna confiscara imóveis de ex-partidários de Odu Arpá e requisitara os de famílias emigradas, mas muitos desabrigados ainda se acomodavam em prédios públicos como o do Instituto, nos quartos vagos ou no próprio corredor. Era uma situação de emergência, mas já se prolongara mais que o previsto. Aqui e ali, as reconstruções começavam a ser entregues, mas no Instituto isso ainda não proporcionava um alívio perceptível.

O próprio ex-comandante Kasmin estava oficialmente na lista dos desabrigados e se arranjava com um dos quartos. Depois da dissolução do Conselho Provisório, recusara qualquer privilégio especial, que na sua opinião abriria um mau precedente, mas com certeza sentia falta do antigo conforto. O novo Foral não permitia pagar mais de trinta ases mensais a nenhum funcionário da Comuna e o Império o privara do direito a morar na Cidade Proibida e do polpudo salário do Ministério. Receberia uma acomodação mais agradável quando a nova reitoria ficasse pronta, dentro de alguns meses, mas...

A porta do quarto se abriu de sopetão e Tiakat pulou-lhe no colo. Excitado, deixou cair o caderno para segurá-la melhor. Beijou-a demoradamente, de olhos fechados.

– Surpresa, Mistonti-xin – disse Tiakat, ao dar uma pausa ao longo beijo e recuperar o fôlego – temos visita!

De pé atrás dela, com expressão divertida, estavam Tjurmyen, Beletsunu e Ahatsunu.

– Sistu! Como foi bom saber que vocês estavam bem, depois de tudo! – disse Beletsunu, abraçando-os pela esquerda.

– Bem é apelido. Viraram os reis daqui. Só se fala de vocês – somou-se a irmã, pelo outro lado. Sistu sentiu também Tjurmyen, tímida e silenciosa, achegar-se por trás. Juntaram-se num longo e caloroso quíntuplo abraço. Um menino e sua mãe, olharam, um pouco espantados, da rede atravessada no final do corredor onde repousavam.

Momentos depois, relaxaram o aperto.

– Aqui não há mais reis – respondeu um corado e ligeiramente atordoado Sistu, pousando Tiakat e recolhendo o caderno – Só cidadãos.

– São os deuses daqui, então – emendou Ahatsunu, rindo – Melhor ainda!

– Vieram até aqui só para nos ver! – exclamou Tiakat, contente.

– Não só. Queremos ficar – explicou Beletsunu. – Atlântis começa uma nova vida e eu quero recomeçar com ela. Estou farta dessa minha solidão de hetaira, tenho uma boa poupança e ainda sou jovem. Meu horóscopo diz que é o momento ideal para começar um novo projeto de vida. Quero morar aqui e ser uma artista famosa, como Tjurmyen. E quero ajudar Ahatsunu a criar a melhor casa de espetáculos de Atlântis, ideia dela.

– Isso é ótimo – aplaudiu Sistu – Esta cidade nunca precisou tanto de gente que acredite nela! Com vocês, Atlântis vai ser mais culta e feliz do que jamais foi!

– Mas não é só isso – voltou Ahatsunu –, minha irmã tem um convite a lhes fazer.

– É o seguinte – continuou Beletsunu –, encontrei aqui perto a casa dos meus sonhos por um preço razoável, dez mil ases... De uma família de mercadores de escravos que perdeu suas posses, quer emigrar e precisa de capital.

Sistu olhou para Tiakat, admirado. Kasmin havia sido relativamente rico e Tjurmyen ainda o era, pois os cofres encantados haviam sobrevivido incólumes aos saques e incêndios que destruíram a bela casa no Dzezyo. Mas nenhum deles falava de tanto dinheiro com tamanha naturalidade.

– Que bom! – disse Sistu. – Vai nos convidar a conhecê-la?

– Mais que isso – respondeu Beletsunu, com seu sorriso mais sedutor –, vim convidá-los a morar conosco. É uma casa grande demais só para nós, ainda mais nesta cidade com tanta gente ainda sem teto. Só será mesmo a casa dos meus sonhos se a dividir com muitos amigos. A começar por vocês, é claro, mas quero mais! Quero viver em um lugar tão animado quanto era a Casa dos Jovens quando nos encontrávamos lá!

– Ah, Siassiá-xin... – Tiakat, emocionada, abraçou Beletsunu com força. – Adorei o convite!

– Siassiá-xin? – surpreendeu-se Beletsunu. Sistu piscou-lhe, cúmplice.

Tjurmyen afastou-se para examinar o afresco já parcialmente renovado. Sim, precisava de mais retoques ali, ao redor da figura do dançarino entre as feras.

Reaproximou-se, lavou o pincel de cerdas de mastô e fez uma nova mistura de água, cal e pigmentos, com o tom e consistência certos. Mergulhou o pincel, elevou-se no ar e voltou ao teto. Era tão mais fácil restaurar um afresco quando não se precisava de andaimes!

Olhou em volta e aprovou, mais uma vez, a escolha de Beletsunu. Com mais de vinte cômodos e um pátio espaçoso, o velho solar havia sido saqueado e levemente danificado em alguma das reviravoltas na disputa da cidade, mas suas estruturas estavam intactas e conservava preciosidades artísticas e históricas. O teto da sala principal, do qual estava cuidando, era uma maravilha. Valia o que fora pago por tudo. E ainda havia outros...

Os danos não eram tão graves, deviam-se mais a gerações de descuido dos antigos moradores do que aos saqueadores. Depois, faltava restaurar o afresco erótico do quarto grande, do qual Beletsunu queria fazer um recanto especial para amantes, um amatório...

A localização também era ideal. Num raio de poucos estádios dali, estavam o Instituto, o Conselho da Comuna, o comando central da Guarda Popular e o futuro Teatro Nova Atlântis, cuja inauguração ainda dependia de Beletsunu conseguir mais

mão-de-obra para reformar as ruínas do mercado de escravos, que ela também comprara. Estava um pouco difícil. Havia carência de habitação, mas não de emprego. Portos, estaleiros, canteiros de obras, artesanatos e oficinas trabalhavam no limite da capacidade.

Concentrou-se na restauração, alheia aos gritos e marteladas ao redor. Para pôr o casarão em ordem, os futuros moradores tinham de usar seu tempo livre. Mas tinham a mugal para ajudá-los com mãos e olhos de artista e engenheira. Formavam uma equipe hábil, dinâmica e razoavelmente numerosa.

Xizzin, Awesa e Razzan, conhecidos e convidados pelas caris, ficaram deliciados. Elas haviam rompido com a família e ele nunca tivera um lar para chamar de seu. Kasmin, depois de muito relutar, foi convencido de que a companhia dos jovens e o conforto de um novo lar lhe seriam mais saudáveis do que a solidão de um apartamento na reitoria. Sethre e Ramtha, que também haviam perdido sua moradia na Cidade Proibida e haviam sido eleitos para o novo Conselho da Comuna, hesitaram muito menos e com eles veio o menino Chachat, que ficara órfão. Tepin, a mãe de Tiakat, veio de Tochiwayo. Dois colegas senzares do Instituto foram convidados por Sistu e gostaram da ideia. Zalfu, solitário como Kasmin, foi convidado por Razzan, assim como sua jovem amiga Domé.

As irmãs convidaram mais uma velha conhecida transformada em celebridade: Artás. Apesar das rixas do passado, a comandante aceitava, se pudesse trazer o subcomandante Kwonos. Não queriam mais dormir em quartéis separados.

Mas Tjurmyen não aceitava os insistentes apelos de seus amigos e de Beletsunu.

No final da tarde, satisfeita com o último retoque, pôs os instrumentos, lavou as mãos, tirou o avental e por fim deu atenção a Xizzin, que pacientemente a esperava para conversar. Kintjur e o fantasma da mãe não paravam de pressioná-la para que deixasse de tergiversar e ouvisse o que ela tinha a dizer. Seria para seu bem.

– Sobrarão vários quartos vazios – comentou Xizzin, como quem não quer nada –, mas um dia teremos crianças. Ah, te contei que Razzan e Awesa querem ter filhos?

– Como assim? – surpreendeu-se Tjurmyen.

– Como, exatamente, ainda não decidiram – explicou Xizzin. – Nem Tiakat pode transformar Razzan em humano, Awesa o ama, mas ainda não se decidiu a transformar-se em vira-peles. Mas Razzan lhe sugeriu a alternativa de ter um filho com um humano, que ele ficará feliz em adotá-lo e criá-lo. Pensei se...

– Podem também adotar crianças, a guerra deixou muitos órfãos! – atalhou a mugal. – Ontem mesmo, o orfanato da Comuna...

– Mas como eu dizia, ainda sobrarão muitos quartos e cada um deles dá para três ou quatro pessoas, sem problemas...

– Hão de viver muito bem, essa casa é uma delícia.

– Uma pena o jardim estar tão estragado... – comentou a senzar.

– Ficaré uma maravilha, se for bem cuidado. Mudei de ideia, não vou mais reconstruir minha casa no Dzezyo. Vou alugar alguma coisa por aqui, para ficar mais perto de vocês. Aí, aproveito para cuidar do jardim. Adoro fazer isso.

– Por que não vem morar conosco, Tjurmyen? – Retrucou Xizzin, quase zangada.
– A casa é grande o suficiente!

Tjurmyen fez uma longa pausa antes de responder.

– Meu povo é importante para mim e não quero vê-lo virar-me as costas. Nem os vivos, nem os mortos. Para um mugal, é inconcebível uma mulher coabitar às claras com um homem sem ser casada. Com um casal, nem se fala. Com vários...

– Mesmo sendo você? – perguntou a amiga surpresa.

– Sim, há limites para os privilégios de artistas, até de heroínas – sorriu Tjurmyen, com tristeza.

Xizzin encarou-a, pensativa.

– Tjurmyen-bã, desculpe-me se sou intrometida, mas você não está sofrendo à toa? Por pura teimosia?

Conversaram longamente. Quando terminaram, Tjurmyen saiu decidida.

Ao se aproximar, começou a hesitar. E se eles dissessem que não? E se...? Pensou em usar seu dom profético, mas decidiu que não. Se sua escolha pudesse ter consequências ruins no futuro, preferia não saber. Sentir-se livre para decidir era mais importante. Consultou Kintjur, mas encontrou-a ainda mais insegura. Tinha de se arranjar sozinha. Em outra ocasião tivera dúvidas semelhantes e havia sido bom ousar. Achou ali a coragem para bater à porta. Mas as pernas ainda tremiam.

Tiakat atendeu num instante. Sistu enlaçava-lhe a cintura. “Graças a Koynim... Não, graças a Chiuknawat”, pensou Tjurmyen.

– Oi, Sissã-xin – disse a xamã –, esqueceu alguma coisa?

– Quero casar com você e Mistonti-xin! – disse Tjurmyen, de sopetão. – Amo vocês dois. Aceitam?

Os dois ficaram mudos, de boca aberta. Sistu foi o primeiro a reagir e tentar articular alguma coisa, mas parou no meio, como em dúvida sobre o que havia ouvido.

– Hem? – foi a única coisa que conseguiu dizer.

Atabalhoadamente, Tjurmyen se repetiu.

– Quero casar com você e Dayphong-xin! Amo vocês dois. Aceitam? Por favor, respondam!

Tiakat tomou a palavra.

– Sissã-xin, meu amor! – disse e abraçou-a, emocionada. – Mas por que isso, tão de repente? Mistonti-xin e eu nem havíamos pensado... Sabe, nós, tlavatlis, não costumamos nos casar antes de ter um filho a caminho e eu ainda não estou pronta...

– Eu sei, Dayphong-xin! Mas ouçam-me, por favor...

Sistu convidou-a entrar e conversar com calma. Ainda flutuava entre a incerteza e a incredulidade quando Tjurmyen abriu-lhes o coração e começou a explicar-lhes os desejos e aflições. Tiakat advertiu para um risco. A mugal respondeu que já o imaginava, mas com ajuda dela, queria corrê-lo. Sua amada ainda hesitava.

Ansioso, ele apenas perguntou se ela tinha certeza. Tjurmyen encerrou-lhe as dúvidas com um beijo na boca, o primeiro dado espontaneamente em um homem. Com ele, sim, seria possível, pensou, apesar de tremer de medo. Sentia-se estranha, mas decidida a enfrentar a nova experiência. Sistu, então, falou a Tiakat e ela se convenceu.

Para Tjaokun e para os amigos e vizinhos mugais, o matrimônio também seria algo estranho. Mas aceitável. Seguiriam os ritos senzares e as aparências seriam mantidas.

Ao voltarem da lua-de-mel a três nos Bosques dos Amores, Sistu, Tiakat e Tjurmyen souberam que o Conselho finalmente os autorizara a dispor da armadura de Quar Odu Arpá. Uma facção insistira em conservá-la, pois um dia a Comuna talvez necessitasse dos seus fabulosos poderes. Sethre e Ramtha convenceram os demais de que isso era violar a primeira lei aprovada pelo próprio Conselho, a da abolição da escravatura. Além disso, o sacrifício da armadura daria mais força à liberdade e a Chiuknawat, seus maiores aliados.

O milagre foi presenciado por todo o Conselho e pela nova família formada em torno de Beletsunu, além de Chiuknawat, que mais uma vez tomou a forma de titã. Jogaram o *uã* e coube a Tjurmyen officiar o sacrifício, vertendo gotas de seu sangue sobre a armadura e jogando-a ao mar – com ajuda de Sistu, pois ela mal tinha forças para erguê-la.

Nem mesmo a deusa sabia exatamente o que esperar e maravilhou-se tanto quanto os mortais quando a armadura transformou-se em uma imensa tartaruga de uma espécie desconhecida, cujo casco negro, coberto de estranhas algas verdes, tinha mais de um estádio de comprimento. Trêmula, Tjurmyen a libertou, usando as mesmas palavras de Sistu, sem saber como responderia se ela quisesse lhe oferecer seu sangue. Mas a criatura apenas agradeceu tocando-a com a ponta da língua, um enorme apêndice rosado de várias braças de comprimento, que a barda timidamente acariciou, cobrindo-se de baba. Em seguida, a criatura arrastou-se para alto mar, enquanto Chiuknawat fez piruetas de alegria no céu.

– Que pena! – Exclamou a barda, já refeita do espanto, quando Chiuknawat lhe devolveu Tiakat. – É a última da espécie.

– Talvez não – respondeu Tiakat. – É uma fêmea, cheia de ovos fecundados.

Capítulo 80 – Epílogo

Tiakat acordou com Sistu e foram ao amatório se devorar. Ela estava em período fértil, mas o novo pekenan fora feito com o pleno poder divino de Chiuknawat, capaz de domar a semente de Sistu.

Não era só dela, vez por outra o emprestava a Awesa ou Beletsunu.

Ao saírem, Tiakat beijou Tjaokun que, sorridente, saía do quarto em frente ao seu, de braço dado com Kasmin, de quem se tornara a terceira esposa. O mestre, animado, dizia a Sistu que Sethre lhe dera esperanças de conseguir recursos para retomar o projeto da cancelada expedição para Ximalpán. Por falta de pessoal capacitado, o Casal Imperial adiara seu projeto de criar um novo Instituto sob seu controle direto e propunha um convênio com a Comuna para realizar pesquisas de interesse mútuo...

Kasmin estava disposto a passar a manhã discutindo a ideia, mas Sistu pediu licença para continuarem depois do desjejum. A sogra assumia boa parte das tarefas domésticas da comunidade – um novo tipo de família, inédita mistura de nomes, povos e espécies –, pois a ex-camponesa nunca aprendera outra profissão e gostava do papel de dona-de-casa em tempo integral. Mas a casa e o trabalho eram grandes. Os outros a ajudavam em rodízio e era dia de Tiakat e Sistu. Ele não poderia deixar para o dia seguinte, pois Suquá entraria na fase cheia e ele teria de voltar a dar rédea solta ao seu lado draco.

Mas primeiro voltaram a seu quarto, onde Tjurmyen ainda dormia. Andava muito dorminhoca naqueles dias. Ajoelhou-se ao lado para contemplar, enternecida, o rosto quase infantil, agora ainda mais lindo e cheiroso, de sua companheira e comborça. Sistu a acompanhou.

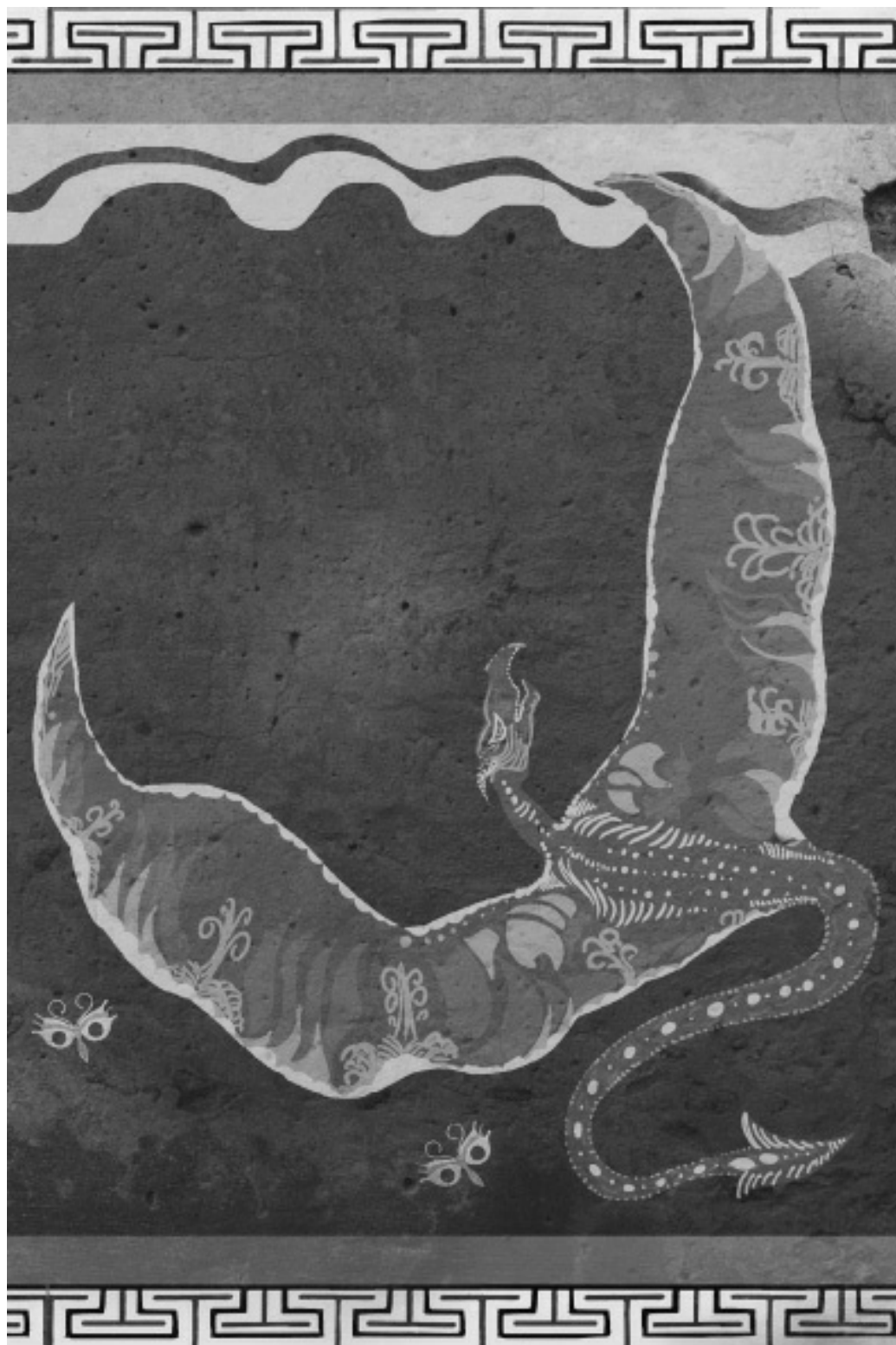
Sentiu falta das belas tatuagens. Mas a pele clara e macia também era linda sem elas. As viçosas pétalas violetas de sua aura irradiavam um brilho sereno, como nunca vira nela antes. Já dava para notar uma promissora aura secundária, dourada e cintilante. Tiakat teve vontade de ter um bebê, mas não por enquanto, não naquele ano. Queria estar em plena forma quando chegasse o dia. Contava com o poder de Chiuknawat, se preciso fosse, mas talvez tivesse de recorrer a magias perigosas para o feto de uma parteira grávida.

Tjurmyen queria um filho e Sistu era o único de quem podia aceitá-lo. Tinha mais desejo por Tiakat do que por ele, mas amava-o à sua maneira e não lhe custava dar-lhe amor e prazer, vez por outra. Ele, por sua vez, se confessava fascinado pela beleza delicada da barda e enternecido por suas carícias gentis, mas no sexo preferia o ardor de Tiakat – não era tão linda de se ver, mas mais gostosa de comer. De

alguma maneira, seus tesões se encaixavam. Se alguma aresta sobrava, os amigos estavam aí para isso mesmo.

Quando ela lhe disse sua intenção, Tiakat ficara feliz com a perspectiva de tê-la perto o tempo todo, mas também se preocupara. Um bebê com tal pai poderia ser muito grande para aqueles quadris delicados e isso seria perigoso. Mas Sistu lhe lembrara de como enfrentara uma situação semelhante quando era menos poderosa e experiente. Tiakat então concordou, contanto que pudesse fazer o parto da criança.

Das crianças. Seriam gêmeos, menino e menina – e magos poderosos, a julgar pelas auras que já despontavam. Graças ao costume senzar, o nome Maav escaparia à extinção, apesar de Bayguar ter morrido sem filhos ou netos homens. Tiakat gostou de voltar a encontrá-lo no Hades. Estava tão radiante quanto era possível para um fantasma.



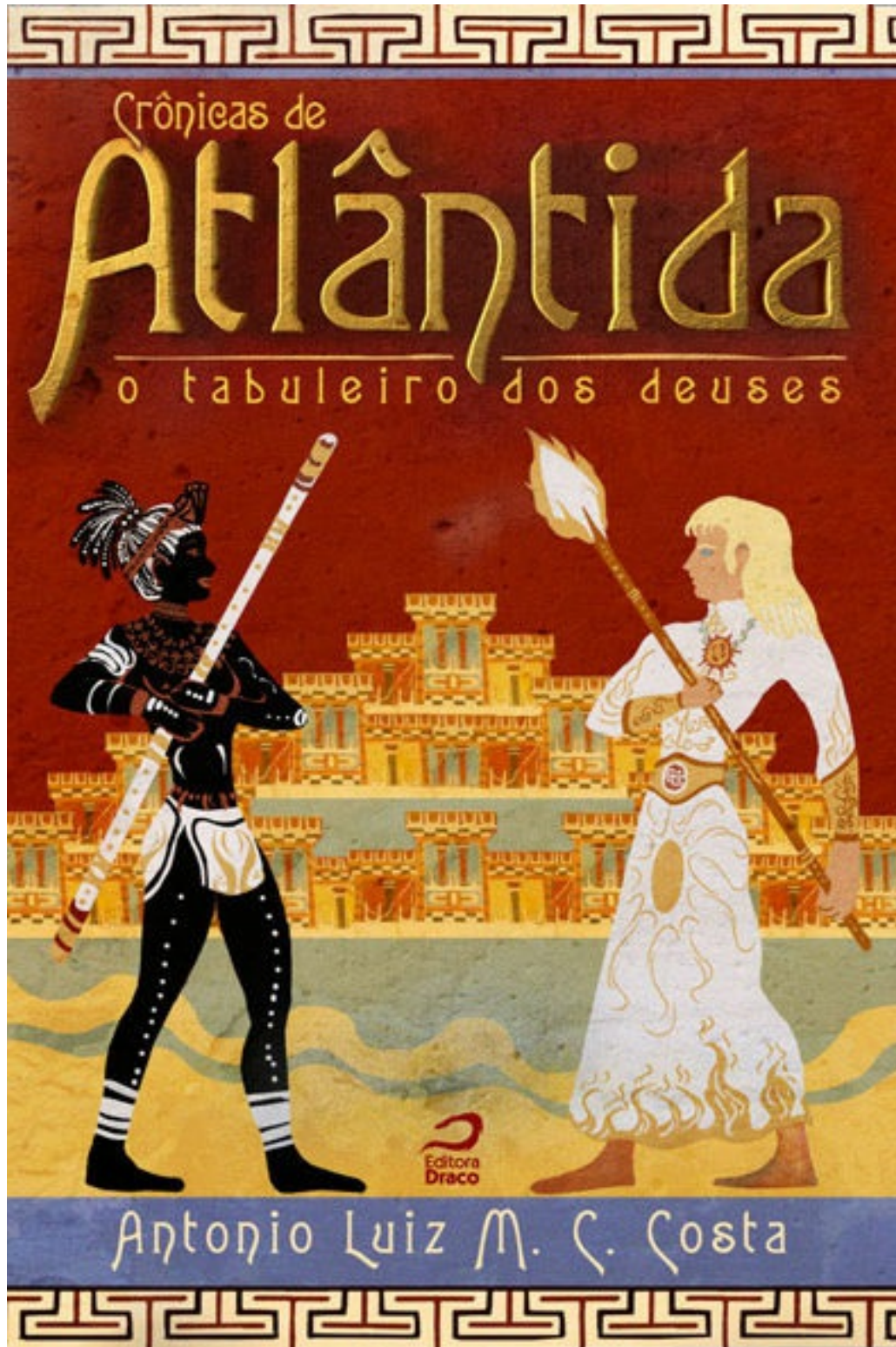


Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Índice](#)

[Agradecimentos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafes](#)

[Mapa](#)

[Capítulo 1 – Um dia de trabalho duro](#)

[Capítulo 2 – A Taverna das Enguias](#)

[Capítulo 3 – Um amigo decide partir](#)

[Capítulo 4 – Os conselhos de Kopinani](#)

[Capítulo 5 – A artista do prazer](#)

[Capítulo 6– A lei do sangue](#)

[Capítulo 7– As espadas do tio Moam](#)

[Capítulo 8 – O sonho de oricalco](#)

[Capítulo 9 – O pomo de ouro](#)

[Capítulo 10 – Jogo de encaixe](#)

[Capítulo 11 – O bibliotecário de Rasab](#)

[Capítulo 12 – Roubados!](#)

[Capítulo 13 – Justiça à maneira senzar](#)

[Capítulo 14 – Um sonho](#)

[Capítulo 15 – O veredicto](#)

[Capítulo 16 – A irmã dos escravos](#)

[Capítulo 17 – Versões da história](#)

[Capítulo 18 – O valor das aparências](#)

[Capítulo 19 – Chantagem!](#)

[Capítulo 20 – A capital do Império](#)

[Capítulo 21 – O mercado de escravos](#)

[Capítulo 22 – O Instituto Imperial](#)

[Capítulo 23 – As espadas de oricalco](#)

[Capítulo 24 – Os deuses de Atlântis](#)

[Capítulo 25 – Na Cidade Proibida](#)

[Capítulo 26 – Uma entrevista](#)

[Capítulo 27 – Como criar laços](#)

[Capítulo 28 – A barda de rosto de pérola](#)

[Capítulo 29 – A casa mugal](#)

[Capítulo 30 – Outros laços](#)
[Capítulo 31 – A estudante gulosa](#)
[Capítulo 32 – No limbo](#)
[Capítulo 33 – As penas brancas](#)
[Capítulo 34 – Perdidas no Tártaro](#)
[Capítulo 35 – O segredo de Awesa](#)
[Capítulo 36 – Uma infância difícil](#)
[Capítulo 37 – Uma proposta irrecusável](#)
[Capítulo 38 – A gratidão de Tjurmyen](#)
[Capítulo 39 – As sereias](#)
[Capítulo 40 – Portas fechadas, portas abertas](#)
[Capítulo 41 – Uma nova paixão](#)
[Capítulo 42 – O escolhido, ou a escolhida?](#)
[Capítulo 43 – A barda na pele de Sistu](#)
[Capítulo 44 – Triângulo escaleno](#)
[Capítulo 45 – Jogos divinos](#)
[Capítulo 46 – Um contratempo](#)
[Capítulo 47 – As sombras do Hades](#)
[Capítulo 48 – O duelo](#)
[Capítulo 49 – O atentado](#)
[Capítulo 50 – Um segredo de família](#)
[Capítulo 51 – Oferenda a Chiuknawat](#)
[Capítulo 52 – Predadores](#)
[Capítulo 53 – As inseparáveis](#)
[Capítulo 54 – Uma ajuda inesperada](#)
[Capítulo 55 – A Guilda dos Faroleiros](#)
[Capítulo 56 – Golpe de Estado](#)
[Capítulo 57 – O Sol da Meia-Noite](#)
[Capítulo 58 – Confronto com Pasguá](#)
[Capítulo 59 – Batismo de fogo](#)
[Capítulo 60 – Algo de novo no front](#)
[Capítulo 61 – Uma nova aliada](#)
[Capítulo 62 – O desertor](#)
[Capítulo 63 – Terror no Bairro da Sarna](#)
[Capítulo 64 – A queda da fortaleza](#)
[Capítulo 65 – O atentado](#)
[Capítulo 66 – O tabuleiro dos deuses](#)
[Capítulo 67 – A noite do jaguar](#)
[Capítulo 68 – A rebelião dos cadetes](#)

[Capítulo 69 – Missão de reconhecimento](#)
[Capítulo 70 – O Sol sombrio](#)
[Capítulo 71 – Infiltrados](#)
[Capítulo 72 – O homem-draco](#)
[Capítulo 73 – Uma batalha no ar](#)
[Capítulo 74 – Receita para um vira-peles](#)
[Capítulo 75 – Um pontapé no tabuleiro](#)
[Capítulo 76 – O sacrifício](#)
[Capítulo 77 – Um novo poder se levanta](#)
[Capítulo 78 – A vocação de Artás](#)
[Capítulo 79 – A nova era](#)
[Capítulo 80 – Epílogo](#)